HISTORIA DO CAFÉ NO BRASIL



AFFONSO DE E. TAUNAY
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

HISTORIA DO CAFÉ NO BRASIL

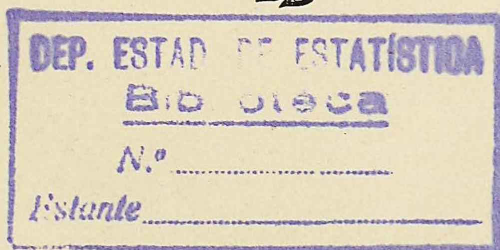
VOLUME QUINTO

NO BRASIL IMPERIAL

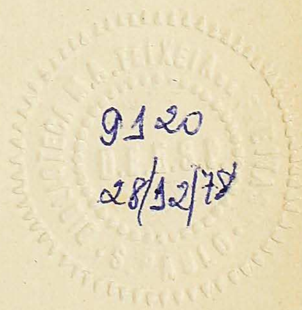
1822 — 1872

(TOMO III)

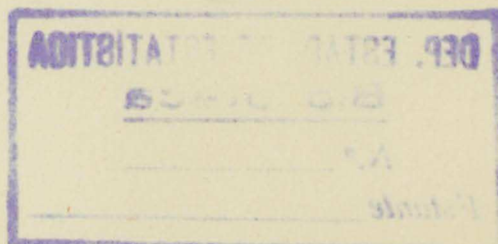


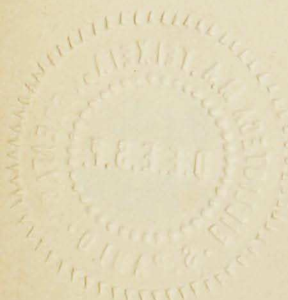


Edição do
DEPARTAMENTO NACIONAL DO CAFÉ
Rio de Janeiro 1939











QUINTA PARTE

(Continuação)





CAPITULO LXXIX

O Conde de Gestas, fazendeiro de café na Tijuca em 1820 — Memoria que escreveu sobre a agricultura da canna e do café no Rio de Janeiro em 1835

Entre os francezes atirados ao Brasil pela grande Revolução contava-se o Conde Aymar de Gestas nascido em 1788 e fallecido afogado, nas aguas da Guanabara, a 28 de julho de 1837.

Sahira de França na primeira infancia levado por uma sua tia, tambem emigrada, para fugir á guilhotina: a Condessa de Roquefeuil. Vieram ambos parar no Rio de Janeiro onde Dom João VI os acolheu com grande sympathia e ficaram no Brasil até a morte. O Conde de Gestas e sua tia foram dos primeiros fazendeiros de café na Tijuca e alli tiveram assaz grandes lavouras.

Apaixonado da agricultura e da industria introduziu no Brasil varias plantas novas que cultivava, na Tijuca, e na ilha do Vianna que era toda sua. Foi dos fundadores da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e enthusiasta dos progressos desta aggremiação a cujas sessões concorria sempre afrontando embora, ás vezes, o mar encapellado como succedeu no dia em que encontrou a morte.

Foi o seu passamento summamente sentido no Rio de Janeiro, havendo o conego Januario Barbosa pronunciado o seu elogio funebre e o Dr. João Baptista de Simoni, em seus carmes sobre os claustros sepulchraes do Rio de Janeiro, descreveu o tragico fim do prestante amigo do Brasil "humano, sóbrio, frugal e castissimo, de bellas maneiras e costumes angelicos, instruido perito e habil na musica e nas artes mecanicas, de um genio activo e trabalhador, muito apaixonado pela agricultura e pela industria".

Chegando a 6 de dezembro de 1817 no Rio de Janeiro foi o illustre navegante Luiz de Freycinet procurar logo o Conde de Gestas para quem trazia cartas de parentes seus, assim como para a condessa de Roquefeuil.

"O Snr. de Gestas, diz o illustre maritimo, reune a todas as qualidades solidas e brilhantes que a mais fina educação proporciona, um caracter e virtudes mais raros que o saber e os talentos. Sua companhia foi para mim tão amavel quanto preciosa. Elle e sua tia me receberam com a urbanidade perfeita que seja onde for é o apanagio das pessoas de boa estirpe".

Levou-o o Conde a sua propriedade da Tijuca a legua e meia do Rio. A estrada era má mas cortava uma floresta cujo aspecto maravilhou a Freycinet. Attingiu o eminente navegador a propriedade do seu hospedeiro á margem de um rio que formava um salto assaz consideravel (a Castata Grande da Tijuca). Havia um trecho de matta derrubada onde se viam as lavouras de café dos dois nobres francezes e outras culturas de plantas uteis. Tambem já começavam a crescer os jardins agradavelmente desenhados que cercavam a casa da fazenda.

"Pelo frescor provocado pela abundancia da agua e a altitude o ar era mais conforme ao dos paizes temperados do que o das baixadas vizinhas de modo que alli se tornava possivel acclimar as producções das terras europeas meridionaes".

Afanosamente procuravam conseguir tal desideratum, com muita constancia e exito, o Conde de Gestas e a Condessa de Roquefeuil, que assim procedendo faziam jús aos direitos eternos e muito merecidos da gratidão dos brasileiros. Observa de Freycinet que os cafeeiros vicejavam muito nos terrenos montanhosos dos arredores do Rio de Janeiro, produzindo fructos de boa qualidade, pouco apreciados na Europa, comtudo, devido aos vicios de seu beneficiamento.

Perdia o café do Brasil a côr natural por falta de cuidados; appareciam quebrados muitos grãos porque no paiz ainda era por assim dizer desconhecido o emprego de boas machinas. Por meio do pilão se fazia o descascamento e tal operação se realizava com tamanha inintelligencia que os grãos acabavam reduzidos a pasta.

O Conde de Gestas na sua bella propriedade praticava as regras de sábia agronomia. Por exemplo, para transplantar arvores fructiferas cortava-lhes as franças e desbastava-lhes as raizes obtendo tal operação, que os brasileiros ignoravam, o melhor exito.

Depois de sua grande jornada no Oceano Pacifico e naufragio nas Ilhas Malvinas conseguiu Luiz de Freycinet ser transportado para Montevidéu de onde a 9 de junho de 1820 sahiu novamente para o Rio de Janeiro.

A 17 de julho de 1820, declara, foi visitar o Snr. de Gestas *à sa campagne de Tijouke* (sic). Diz o illustre navegador.

"Com prazer tornei a ver esta morada campestre para mim tão cheia de gratas recordações.

Pareceu-me muito embellezada e consideravelmente melhorada sob os pontos de vista os mais interessantes e os mais uteis".

Grandes derrubadas haviam diminuido o numero daquelles immensos madeiros que, tão antigos quanto o mundo, haviam resistido, durante tantos seculos, á acção destruidora do homem.

Uma lavoura de 20.000 pés de café, da qual parte em plena producção annunciava a laboriosa solicitude do dono e seus triumphos.

"Jardins cuidadosamente cultivados e nos quaes haviam sido acclimados alguns de nossos fructos de França, e os mais saborosos denunciavam abundancia, a riqueza e o bem estar.

Caminhos multiplicados e em melhor estado, pontes lançadas sobre a Tijuca, bemfeitorias em maior numero e melhor conservadas, e elegancia reunida ao conforto tudo dava a idéia de uma morada de paz e felicidade. Emfim o ar de saúde e satisfação dos negros pertencentes a esta morada encantadora annunciava ao mesmo tempo a justiça e a doçura do regimen a que estavam submettidos". Tres dias passou de Freycinet em casa de Gestas.

Entrementes o Dr. Quoy, medico de sua expedição, fora visitar Nova Friburgo. Costeando a Guanabara em direcção a Porto das Caixas vira, á direita, numerosas collinas todas assaz bem cultivadas. Avistou casas, jardins, lavouras diversas de café, mandioca, mamona e laranjeiras carregadas, numa extensão de suas quatro leguas, tornando a estrada uma das mais agradaveis que jámais percorrera.

Nas margens do Macacú encontrara o grande engenho de assucar do coronel Ferreira, um dos melhores do Brasil. Tambem plantava café este fazendeiro e tinha outras lavouras.

Adeante attingiu a fazenda de um tal "Lorenzo", homem distintissimo, assim como todos os seus. Possuia linda propriedade no meio de montanhas e lavouras caprichosissimas sobretudo as de café, de magnifico aspecto.

Em 1825 seria o Conde de Gestas nomeado Encarregado de Negocios da França junto á Corte de D. Pedro I. Neste alto cargo veio a morte encontral-o. Em 1836 um anno antes de seu tragico fim redigira para offerecel-o a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional uma *Memoria sobre o estado actual da Industria na cidade do Rio de Janeiro e lugares vizinhos* onde ha alguns topicos interessantes. Abre-se com as seguintes palavras:

"Não seria empreza de pouca monta traçar-vos um quadro, ainda que muito abreviado, do estado e progressos da Industria

no Brasil; conhecendo pois quanto é superior a minhas forças emprehendel-o contendo todo o Imperio, ainda acho pesada a tarefa de esboçar um resumo desta materia, relativo sómente á capital e lugares circumvizinhos. Tentarei todavia, dar nesta Memoria uma idéa dos augmentos mais apparentes, observados nas artes, com cujo desenvolvimento cresce a prosperidade tanto publica, como particular".

Principiando pelo que devia realmente constituir a riqueza do paiz, a agricultura queria verificar-lhes os progressos nos ramos mais importantes de seus productos, a saber: o assucar e o café

Ninguem podia duvidar de que nelles se notava consideravel augmento, principalmente quanto ao café, mas seria porque a sua cultura se multiplicara ou porque se tirava melhor partido da que já existia? Era o que convinha examinar. Luctava o diplomata com extraordinaria falta de dados estatisticos, que pudessem servir de base para recensear o numero de fazendas de assucar e café existentes na Provincia fluminense. Assim renunciara a apresentar algarismos que permittissem o estudo comparativo do seu augmento em diversas épocas. Era aliás mais das attribuições da Sociedade levar em linha de conta sómente os progressos nascidos de melhoramentos das condições.

Penoso era confessar-se que o fabrico do assucar não apresentava, em seus productos, os resultados que se podia esperar da applicação das luzes e conhecimentos introduzidos na capital brasileira, de alguns annos a esta parte, parecendo dever militar conjunctamente com o interesse dos fazendeiros para aperfeiçoarem o assucar. Achavam-se á frente dos cultivadores da canna pessoas distinctas, a quem não faltavam luzes, conhecimentos, patriotismo, disposição a sacrificios pecuniarios para obterem os melhoramentos, de que necessitavam os seus productos para alcançar a preferencia nos mercados da Europa. Em compensação notavam-se, por outro lado, obstaculos taes a vencer, quanto aos operarios empregados nesta industria, que não era para admirar-se o pouco adiantamento observado. Pessoal ignarissimo o dos Engenhos! O que muito atrazava o Brasil era sem duvida a falta de directores dos trabalhos ruraes e mecanicos, que, possuindo alguma instrucção, quizessem sujeitar-se a dar-lhes a conveniente direcção, não desprezando mesmo nelles tomar parte manual quando a necessidade o requeresse.

Dentro em breve talvez recebesse o fabrico do assucar importante modificação graças á descoberta de um Snr. Scheultz, aliás antigo socio da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Desgostoso com o Brasil não quizera que o Imperio fosse o primeiro a gozar dos fructos do seu invento. Alhures fora levar os seus processos, mas estes não se manteriam secretos por muito tempo. A cultura da canna, não podia comtudo dizer-se que estivesse em atrazo; os arados, já se iam vulgarisando. Prestavam grandes serviços. A moagem melhorara muito com os motores a vapor, e as moendas de ferro; deixava ainda bastante a desejar, como tambem a secca das formas do assucar, por serem muito mal construidas as estufas.

Emquanto se não melhorassem estas ultimas operações, talvez fosse conveniente o uso de vasilhas de menores dimensões para guardar e transportar o assucar. Uma das causas principaes da prompta deterioração do genero era a sua conglomeração em caixas de enorme dimensão que até augmentavam as despesas do encaixe e transporte, systema obsoleto e absurdo, vindo de longa data.

Presumia o conde não estar longe o momento em que os cultivadores seriam obrigados a fazer grandes alterações em suas fabricas, tanto pela extensão da cultura da beterraba como pelo refino do producto alcançado em outros paizes. Deveriam associar-se os interessados em tão importante materia, fazendo sacrificio pecuniario para pagarem a jovens intelligentes, que visitassem, em estudos, os paizes em que a cultura da canna era mais florescente, para depois transportarem ao Brasil os conhecimentos adquiridos, e applicaveis ás varias Provincias do Imperio.

A preparação do café, menos complicada que a do assucar, apresentava melhoramentos mais rapidos. Sua cultura, auxiliada por um clima favoravel, e terras proprias ao interessante arbusto, e dirigida por pessoas instruidas, vinha se desenvolvendo de maneira admiravel. O uso de machinas de socar, descascar e peneirar, já fabricadas no Rio de Janeiro, diminuia a mão de obra, poupando até a saúde e a vida dos desgraçados escravos, que muitas vezes succumbiam victimas das molestias do peito, em consequencia destes penosos e insalubres trabalhos. Restava todavia um obstaculo a vencer: a secca do precioso fructo, nem sempre effectuada com perfeição, em consequencia das localidades ás vezes abrigadas do sol, ou expostas a um clima humido e inconstante. Muito se tornava necessario o uso de meios artificiaes nesta operação. Não damnificavam a qualidade do fructo; pelo contrario, conservavam-lhe aroma mais suave e um decrescimo de peso tão diminuto que, compensada, ficava amplamente evitando os bem conhecidos riscos e prejuizos da deseccação ao ar livre.

Emittia o Conde a opinião de que de trez modos diversos se podia supprir a acção do sol: por meio de estufas, taboleiros cobertos, e ventiladores.

O primeiro já o empregara o autor em sua fazenda da Tijuca, e ainda que a estufa utilisada fosse bastante imperfeita e pequena, havia comtudo mais de dez annos que prestava serviço já tendo ido algumas pessoas vel-a. A diversas dera todas as explicações necessarias para poderem construir outras semelhantes ou melhores.

Os taboleiros cobertos podiam ser de grande vantagem nos lugares onde reinavam ventos regulares, que passando por entre as camadas de café suppriam a ausencia do sol, activando a evaporação. O terceiro methodo que ao nosso autor não constava haver-se posto em pratica até então, ao menos para o café, consistia em produzir, por meio de mecanismo apropriado, a correnteza de ar, cujo contacto de continuo renovado sobre o café, operaria rapido deseccamento do grão. Sem entrar no exame do como se verificara este phenomeno bastava dizer, que em muitas occasiões se obtinha melhor proveito do ar renovado que do proprio calorico para produzir a evaporação. Frequentemente se comprovava tal verdade, quando, por exemplo, depois de copiosa chuva as estradas se enxugavam ao nascer de certos ventos frios, que nellas causavam mais prompto effeito do que um sol ardente.

CAPITULO LXXX

A memoria do Padre Ferreira de Aguiar — Quem era este agronomo — Depoimentos sobre os processos da lavoura cafeeira fluminense em 1836

Em 1836 imprimia a typographia carioca de J. F. da Costa, a *Imprensa Americana*, á rua de traz do Hospicio, 160, uma brochurasinha hoje de extrema raridade: "a *Pequena memoria sobre a plantação, cultura e colheita do café na qual se expõe os processos seguidos pelos fazendeiros desta Provincia (s. c. do Rio de Janeiro) desde que se planta até ser exportado para o commercio*". Tinha por autor o Pe. João Joaquim Ferreira de Aguiar.

Offerecia-a este agronomo á Sociedade Promotora de Civilização e Industria da Villa de Vassouras, de que era socio conselheiro e secretario, desvanecendo-se ainda de pertencer ás Sociedades Auxiliadora da Industria Nacional, de Instrucção Elementar e Amante da Instrucção, todas do Rio de Janeiro, assim como de ser socio honorario da Sociedade Polytechnica Pratica de Paris e da Sociedade de Agricultura, Commercio e Industria.

Marchava Vassouras para o seu apogeu cafeeiro, naquelle anno de 1836, assignalador do progresso crescente e espantoso de seu municipio, invadido pelos cafezaes. Delle resultara essa Sociedade Promotora de Civilização e Industria cujo titulo realizava ingenua e pittoresca associação, pleonastica, por assim dizer.

Aos seus collegas de Conselho explicava o Padre Aguiar os motivos que o haviam levado a redigir a memoria em apreço: queria espalhar pela Provincia do Rio e o Imperio os ensinamentos que lhe provinham do largo contacto com a lavoura cafeeira. Pedira uma tiragem de dois mil exemplares, cujo producto de venda seria reservado á acquisição de dois modelos de machinas de que a Sociedade precisava muito para divulgação de seu typo entre os lavradores.

Lida perante o plenario da Associação levantou grande enthusiasmo entre os presentes o conhecimento do texto. Um dos

socios, Antonio José de Oliveira Araujo, comprometteu-se a imprimil-a á sua custa, tendo recebido, por este motivo, encomiastico officio da directoria, assignado pelo Sargento Mór Commendador de Christo, Francisco das Chagas Werneck, presidente Antonio Simplicio de Siqueira Junior, 2.º secretario, e o proprio autor (sic!!) 1.º secretario.

Sua acção "tão espontanea quanto sobremaneira apreciavel para todos os que amavam de coração o engrandecimento da Agricultura brasileira, lhe angariaria certamente, a estima publica de quantos prezavam os cidadãos cujas acções tendiam a manifestar o amor ao bem geral".

Acerca da biographia do Padre João Joaquim Ferreira de Aguiar dão-nos alguns informes o precioso Diccionario de Sacramento Blake e a Revista do Instituto Historico Brasileiro.

Sabe-se que nasceu em 1805, fallecendo em Valença na flor dos annos, a 20 de outubro de 1850. Julga Blake fosse valenciano. Se realmente assim era, deve ter sido um dos primeiros filhos da bella cidade fluminense tão nova ainda.

Presbytero secular, Conego honorario da Capella Imperial, Pregador Imperial, Vigario da Vara de Valença, Cavalleiro de Christo, socio dos primeiros do Instituto Historico Brasileiro, era homem de bella intelligencia, aberta ás coisas do progresso e da cultura, reputado como orador sacro, apaixonado da sciencia agronomica e ardente paladino da divulgação da instrucção publica.

Já a 30 de Novembro de 1839 era eleito socio correspondente do Instituto Brasileiro. Por diversas vezes a este mandou communicações como, por exemplo, uma serie de copias de documentos relativos ao processo dos Inconfidentes de 1789.

Como nos primeiros annos de existencia do Instituto não houvesse ainda a praxe, mais tarde sempre adoptada, de se fazer o elogio funebre annual dos socios desapparecidos, entre um 21 de outubro e o immediato nada encontramos nas paginas da *Revista* que nos proporcione apontamentos biographicos mais alentados sobre o prestante civilizador João Joaquim Ferreira de Aguiar.

Com toda a lealdade explica o Padre Aguiar *ab initio* que não era lavrador nem tinha cafezaes, mas vivera durante cinco annos numa grande fazenda fluminense, a do *Desengano Feliz*.

Não lhe menciona o nome do proprietario, mas como tal fazenda era notavel e no municipio de Valença deve ter sido a que depois pertenceu a Manoel Jacintho Carneiro Nogueira da Gama, Barão de Juparanán (1830-1876) e nesta época devia ser de seu Pae, o Marquez de Baependy. Vivendo do modo mais fi-

dalgo, o Marquez e depois a Marqueza viuva de Baependy mantiveram sempre capellão fixo em sua fazenda de Santa Monica.

Em suas terras collocou a Estrada de Ferro Dom Pedro II, a estação do Desengano, hoje chamada Juparanán, em memoria do titular deste nome, lavrador opulento e brando para com os seus servos, como reza a tradição, politico influente na zona valenciana, veador de Sua Majestade a Imperatriz e official da Imperial Ordem da Rosa.

Deve a memoria de Padre Aguiar, datada de 7 de outubro de 1835 ter sido provocada pelo apparecimento do estudo de José Silvestre Rebello, no *Auxiliador da Industria Nacional,* n. 5 do tomo primeiro (Maio de 1835).

Clara é a allusão das linhas que aqui se seguem:

"He certo que o *Auxiliador da Industria,* periodico publicado no Rio de Janeiro, pela illustre Sociedade Auxiliadora, a que tambem tenho a honra de pertencer, tem a este respeito disseminado mui luminosos principios, mas he força confessar que ainda se não occupou com a descripção talvez para alguns minuciosa mas necessaria para muitos, da pratica seguida pelos nossos Fazendeiros: bellas theorias e mesmo a pratica dos extranhos tem sido publicadas; nada porém se ha dito da theoria e pratica domestica: eu encherei este vacuo, e oxalá que desta minha tarefa se colham os melhores e os mais vantajosos resultados!".

Assim J. S. Rebello seria um "bacharel" do café da nossa expressão pittoresca e elle, Padre Aguiar o pratico.

Em 1835, affirma, havia em Valença e Vassouras fazendas de 500 e 800 mil cafeeiros e até mais. Exportavam os dois municipios mais de 300 mil arrobas de café cada um. As terras novas e barrentas com mistura de alguma areia ou saibro, as encostas dos montes voltados para o poente, embora assaz altos e ingremes, á falta das meias laranjas eram para as lavouras preferiveis aos terrenos baixos e planos.

Os cafeeiros encorpavam mas pouco fructificavam, como se dava com as lavouras voltadas para o nascente, os terrenos chamados de noruega. O heliotropismo levava as arvores a crescerem muito.

Os cafezaes plantados em derrubadas de matta virgem, conjunctamente com o milho, feijão e mandioca eram os mais vivazes. Fructificavam mais cedo, do terceiro anno em diante.

Se por um lado os troncos derrubados e escapos ao fogo prejudicavam o bom alinhamento das lavouras, a este inconveniente remediava o apressamento das colheitas.

Os viveiros mostravam-se uteis, mas ás fazendas de mediocre importancia e não ás grandes.

Havia suas excepções, porém, como no caso do grande alargamento das plantações do Desengano.

Não existiam mudas em quantidade sufficiente e o fazendeiro recorrera aos vizinhos. Mandaram-lhe estes as pequeninas plantas disponiveis; eram poucas, porém e tiveram de vir de longe, fazendo viagem de um e dois dias.

"Muitas dellas se perderam pela demora, e foi necessaria grande constancia para não desanimar, podendo affirmar-se sem erro, que se perderam tantas quantas hoje existem: fizeram-se então viveiros, que nos seguintes annos, subministraram replantas, e os que melhor prosperaram foram os feitos nos altos dos montes".

Davam os viveiros muito trabalho, tanto que desalentava aos lavradores. A elles recorriam os que não podiam obter mudas nos proprios cafezaes. Estes forneciam replantas sufficientes para substituirem os pés mortos.

O Padre, infenso inteiramente aos viveiros dogmatisava que as mudas do cafezal suppriam perfeitamente "a factura dos viveiros de que já muito poucos fazendeiros usavam".

De toda a vantagem se mostrava o destocamento e limpeza do solo das lavouras, mas em grandes fazendas tal se mostrava impraticavel. Assim os lavradores se contentavam em marcar as covas em distancia de 14 a 16 palmos (3m,08 a 3m,52), alinhando-as o mais possivel.

A transplantação das mudas, quer as dos viveiros, quer as dos cafezaes, convinha effectual-a com tempo "chuvoso ou nubloso". Só deviam ser enterradas as plantinhas encruzadas, a saber: com duas ordens de ramos lateraes.

As raizes precisavam ser bem cobertas e calçadas com a propria terra da cova recem aberta, para que as aguas pluviaes alli não se empoçassem.

"De ordinario — escreve o nosso agronomo — põe-se as plantas a prumo, mas o melhor methodo é o de inclinal-as no sentido do monte, ficando porém na sua extremidade superior um palmo, pelo menos, distante do terreno: dest'arte as novas plantas ficam menos expostas ao abalo dos ventos, e os brotos que lançam na sua parte inferior são muito vigorosos convindo logo que estes apparecem cortar os cafeeiros meio palmo acima delles".

Muitos lavradores apreciavam plantar roças de milho, e feijão e mandioca nos cafeeiros recem formados.

As capinas dadas a estas roças aproveitavam muitos aos cafeeiros além de tudo.

Era opinião generalisadissima que as arvores ganhavam muito em ser podadas á altura maxima de nove a dez palmos (1m,98 a 2m,20). Esgalhavam-se lateralmente e os seus ramos superiores não quebravam quando se fazia a colheita.

A poda ou decote devia ser annualmente realizada após a primeira capina e confiada a um escravo geitoso ou ao proprio feitor, com podão bem amolado ou até tesoura de jardineiro.

O Sr. Tourt, celebre naturalista (?) e fazendeiro de café na Ilha de São Domingos, recommendava a poda de carreiras, intervalladas, mas entre os lavradores fluminenses assim não se pensava. Pendiam todos para o decote geral das lavouras, para evitar a quebra dos galhos apesar do emprego de escadinhas durante a colheita.

Por occasião do decote convinha proceder á limpeza geral das lavouras, tirando-se-lhes, depois, trepadeiras e musgos e sobretudo a herva de passarinho, "terrivel herva". Era de grande utilidade arrancar os ramos desta praga onde quer fosse vista a nefasta loranthacea.

Inutil seria esperar alguem boas colheitas de cafezaes que não soffressem pelos menos tres carpas annuaes.

A experiencia ensinava o seguinte:

"A primeira capina deve ser logo depois da colheita, fazendo chegar terra com a herva capinada dos pés das arvores para as vigorisar na sua eflorescencia que é immediata á colheita; a segunda quando os fructos estiverem já formados, a terceira emfim quando estiverem proximos ao estado completo de maturação. Nesta ultima capina, deve-se preparar o terreno para a colheita, limpando-o em roda dos pés dos cafeeiros e fazendo com a terra e herva capinada um cerco pela parte inferior no declive do monte, para sustentar os fructos que por maduros cahirem ou que forem lançados ao chão pelos passaros pois muitos ha que se deleitam com a polpa do café maduro".

Era longo o prazo da colheita, durava de Abril a Outubro, meio anno portanto. Não devia o fazendeiro esperar o fim de tal operação para dar a primeira capina, pois apenas alliviadas dos fructos, começavam as arvores a florescer.

Assim destacasse do seu eito uma turma para atacar a carpa desde que houvesse colhido vinte por cento da colheita, mesmo que dahi proviesse o atrazo desta.

Nas lavouras fluminenses precocemente envelheciam os cafeeiros: aos vinte annos começavam a dar signaes de decrepitude.

Esgalhados, produzindo pouco fructo, com os troncos esbranquiçados e cobertos de musgo e a folhagem amarellecida e escassa demonstravam franca cachexia. Convinha então prati-

car-se a poda das arvores rente á terra. Novos rebentões surgiriam dando ainda pingues colheitas. Mas os lavradores deviam fazer esta operação por partes: um terço das lavouras em cada anno. Annualmente tambem precisavam os cafeicultores derrubar a mata das suas reservas no sentido de plantarem dez por cento de lavouras em cafeeiros novos. Senão declinariam, fatalmente, e muito, as suas fazendas.

A's colheitas fluminenses caracterizavam as divergencias notaveis em suas porcentagens: a uma boa safra se seguia outra "muito somenos e muito desfavoravel ao fazendeiro não cauteloso".

Cem arrobas por mil pés davam as lavouras de tres annos, declinando depois a producção.

Tratando da colheita descreve-lhe o Padre Aguiar, minuciosamente as operações mais recommendaveis.

Os apanhadores deviam collocar-se um em cada renque de cafeeiros, e percorrer a fila das arvores, pé por pé, fazendo em torno de cada arvore pequeno monticulo com cratera para impedir a corrida dos grãos; isto era dispensavel, já se vê, em terreno plano.

Muita cautela em se não apanharem os fructos verdes! Como apparelhamento levassem os escravos um jacá de alqueire e uma peneira para o aventamento das cerejas colhidas no chão, derrubadas pelo vento, a chuva e os passaros. O chamado café casquinha era na opinião de muitos, o melhor de todos.

O facto de se collocar um escravo sempre no mesmo intervallo de dois renques tinha outra vantagem: permittia melhor fiscalização de seu trabalho pelos feitores, que deviam, em continuo movimento, verificar se não se quebravam os galhos e se não vinham misturados os cafés verdes e os maduros.

A média admittida por apanhador era de tres a tres e meio alqueires, e até quatro, nos annos de grandes safras.

Muitos fazendeiros contentavam-se com tres alqueires permittindo que os captivos voltassem da roça após esta tamina. Outros remuneravam os trabalhadores que ultrapassavam tal limite.

As escravas mostravam-se mais dextras e diligentes do que os seus parceiros.

Havia lavradores que mandavam despojar as arvores de todos os fructos, affirmando que depois da colheita secca não se notava differença nos typos dos cafés apanhados e os outros. Tudo dependia do processo da secca. "Sendo assim, opinava o Padre Aguiar, meio sceptico" é digno de se aproveitar.

Dois alqueires e meio de café com polpa, ou tres alqueires limpos, davam uma arroba beneficiada e prompta para a expor-

tação. Devia o fazendeiro fiscalizar a colheita e não consentir que baixasse a média da apanha a menos de tres alqueires por escravo.

"Sem regime nada se faz e o lavrador, que tolerar uma e outra vez a preguiça natural de quasi todos os escravos, e a indolencia da maior parte dos feitores, deve contar que tudo será atrazo e relaxação e noto que é muito e muito conveniente que o fazendeiro visite pessoalmente os serviços no acto dos trabalhos afim de tudo dispor e regular".

O beneficio do café exigia o maximo cuidado. De que valia colhel-o bem maduro se era "mal secco, mal descascado, mal escolhido, mal resguardado da humidade?"

Os processos brasileiros tinham muito em que se aperfeiçoar para a boa apresentação do producto.

Muitissimos lavradores e elle proprio, autor, recommendavam o despolpamento immediato dos grãos a que correspondia largo lucro de tempo para a secca.

A Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional do Rio de Janeiro vivia a preconizar, pelo seu orgão *O Auxiliador,* uma machina despolpadora das Antilhas de que dava a descripção, assim como de certo seccador.

Mas relato este tão imperfeito e obscuro que ninguem, apesar dos desenhos do apparelho, della podia fazer idéia.

Assim era indispensavel que se importassem estas machinas para servirem de modelo.

Instante era o appello do nosso autor.

"Com um tal auxilio muito ganhará este já tão importante ramo da agricultura do Brasil e de o prestarem muita gloria será para qualquer das Sociedades que primeiro o fizer: e a tal respeito são meus votos desinteressados, pois que não tendo cafezaes nem terras, não peço para mim mas para o bem estar da Agricultura e Industria Brasileira".

Para demonstrar quanto era imperiosa esta questão explicava o Padre Aguiar o que vira em todas as fazendas suas conhecidas, em materia de beneficiamento do café.

O que nos conta do trabalho dos terreiros corresponde ao que até hoje por toda a parte vemos; o amontoamento á tardinha depois da medição, a espalha da manhã, pelo rodo, em camadas de dois dedos de altura, no maximo, revolvimento dos grãos sempre, e pelo rodo, para a exposição ao sol e novo amontoamento ao crepusculo ou ante á ameaça da chuva.

Dois mezes, e mais, exigia o café para a completa secca: uma chuva extemporanea que cahisse, determinava verdadeiro desastre. A' ameaça de tal rega devia corresponder toda a dili-

gencia do pessoal disponivel da fazenda no sentido de se resguardarem os grãos já enterreirados.

Grande attenção exigia tambem a ameaça da fermentação que ao typo prejudicaria immenso. Convinha, de tempos a tempos, mergulhar a mão dentro dos montes a ver se havia ou não elevação de temperatura, indicio certo de perigosa anormalidade, combativel pela espalha a rodo. Cinco quartas de café de terreiro, bem secco, davam uma arroba prompta para a exportação. As tulhas ainda exigiam muito cuidado. Deviam ser assoalhadas pois o grão da rubiacea é eminentemente hygrophilo. Nas tulhas fechadas montrava-se o humedecimento menor. Para as outras se recommendava o aquecimento brando dos grãos em tachos de farinha antes de irem aos cochos dos pilões.

Na provincia do Rio de Janeiro tres eram os processos correntes de beneficiamento: pelo pilão, o monjolo e a batida a vara.

Desde 1831, multiplicavam-se os pilões movidos por força hydraulica mas havia muito quem só dispuzesse dos monjolos tardos, morosissimos em seu serviço primitivo.

Sobre os lavradores que praticavam o terceiro methodo escreveu o Padre Aguiar verberando os fanaticos da rotina:

"Os que nem monjolos tem, batem o café com varas, como se pratica com o feijão; o que, além de ser muito mais moroso, é assaz prejudicial á saúde dos trabalhadores. Muitos porém ha que colhendo tres e quatro mil arrobas de café usam do ultimo methodo poucas esperanças dando de o banirem. O tempo porém lhes mostrará seu erro".

Já havia pilões com que se conjugavam ventiladores trazendo isto grande vantagem á limpa do producto.

A ultima phase do beneficiamento occorria na casa da escolha onde se processava operação de maior importancia sob o ponto de vista dos preços a se obter no mercado pelo typo da entrega. Recommendava o nosso agronomo que tal trabalho fosse feito por escravas com crias. Cada uma dellas podia separar de 3 a 4 arrobas por dia. Muitos fazendeiros porém, e alguns delles possuidores até de grandes lavouras, recusavam proceder á escolha. Repetiam a operação da socca e da ventilação de seus productos nos pilões: a isto chamavam "bornir o café".

Reprovava o nosso memorialista, *in totum,* tal proceder.

"Methodo em meu sentir, não digno de imitação, porque além de fazer achar menor preço, muito concorre para desacreditar o genero nos Paizes Estrangeiros para onde é levado, o que de certo só pode infundir prejuizo infallivel, assim publico como particular".

O despolpador parecia ao Padre Aguiar verdadeiramente precioso á lavoura brasileira tanto mais quanto até livrava o café do bicho. A secca em estufa tambem se mostrava desejavel quanto possivel graças ao tempo que fazia ganhar, circumstancia relevante, sobretudo nas grandes fazendas.

Demonstrando a largueza de sua visão concluia o Padre Aguiar a sua memoria com uma série de phrases realmente dignas de applausos, sobretudo para um homem de 1836.

"Terminarei este meu trabalho, repetindo á Sociedade e ao Conselho o pedido que já lhes fiz em proveito dos lavradores do café, e a estes uma e mil vezes rogo que desprezando antigas rotinas, attentem em seus interesses e se dediquem, desde já, a irem supprindo com machinas artificiaes as machinas humanas, cuja falta futura muito arruinará em verdade os incautos e os desprevenidos. Feliz eu se deste meu trabalho vier a resultar proveito, ou directo ou indirecto".

CAPITULO LXXXI

José Silvestre Rebello e seus meritos — A sua memoria sobre a cultura do cafeeiro (1839)

Nos fastos da nossa bibliographia cafeeira antiga cabe honroso logar a José Silvestre Rebello, nome hoje pouco lembrado, mas que no scenario dos primeiros annos imperiaes teve notavel repercussão.

Não é muito o que até hoje se esclareceu de sua biographia ou antes, mesmo bem pouco o que della se conhece. Basta dizer que nem sequer se sabe fixar o dia exacto em que falleceu, no mez de Agosto de 1844, entre primeiro e 22.

A' beira do seu tumulo proferiu Manoel de Araujo Porto Alegre, em nome do Instituto Historico Brasileiro, pequena oração, onde se leem arroubados elogios ao brasileiro adoptivo que tanto serviu á segunda patria.

Pensa Sacramento Blake que José Silvestre Rebello nasceu em Portugal para os fins do terceiro ou principios do quarto quartel do seculo XVIII. Era negociante no Rio de Janeiro e como tantos outros portuguezes, esposou calorosamente a causa da emancipação do Brasil. E com tamanha sinceridade que D. Pedro I o enviou aos Estados Unidos da America como enviado especial do Brasil para obter do Governo de Washington o reconhecimento de nossa Independencia.

Homem de muita intelligencia e sobremodo illustrado para a época, foi dos que mais coadjuvaram Januario Barbosa, Cunha Mattos e São Leopoldo na fundação do Instituto Historico Brasileiro.

Menciona Blake treze trabalhos seus; figura entre os numerosos autores de opusculos politicos ao tempo da Independencia e occupou-se tambem de questões historicas, agricolas e commerciaes.

Já em 1820 escrevia grosso tratado sob o titulo *O Commercio Oriental,* descripção de portos, desde o Cabo da Boa Esperança até o Japão, pesos, medidas e moeadas, mercadorias de commercio internacional, etc.

Quando se começou a publicar o *Auxiliador da Industria Nacional,* escreveu duas memorias, nelle impressas, sobre a cultura da canna e do cafeeiro. Mais tarde na *Revista do Instituto Historico,* deixou dissertações sobre as vantagens e desvantagens do trafico africano, os processos pelos quaes os Jesuitas administravam os indios, as causas de extincção de raças indigenas, discursos sobre a origem da palavra Brasil e os primeiros povoadores do Paiz. Era homem, para o tempo, de idéas muito avançadas e deixou bella reputação de cultura.

No recente volume de Hildebrando Accioly, *O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos,* monographia escripta com aquella honestidade, intelligencia, clareza e perfeita sciencia dos factos, nascida da pesquisa conscienciosisima — caracteristicas da obra deste autor — ha interessante perfil de José Silvestre Rebello.

Já de outro publicista nosso, não menos probo, brilhante e clarividente do que Accioly, Helio Lobo, merecera valiosa apreciação.

Julga-o Accioly superior ao agente que o recem-nascido Imperio americano mantivera nos Estados Unidos, a negociar o tratado de reconhecimento de sua independencia, o antigo revolucionario pernambucano de 1817; Gonçalves da Cruz, o conhecido *Cabugá,* aliás, apenas Consul.

Parece-lhe, comtudo, que longe estava de possuir altas qualidades de espirito ou a intelligencia e o brilho, por exemplo, de um Felisberto Caldeira Brant Pontes, o futuro Marquez de Barbacena.

"Não lhe faltavam, porém, bons propositos, nem dedicação ao serviço publico ou amor ao trabalho. Possuia, além disto, boa dose de espirito de observação, que se evidencia nalguns dos seus officios, e certa argucia, no trato diplomatico".

Quando nomeado Encarregado de Negocios, Silvestre Rebello desempenhava o cargo de Juiz Commissario, na Commissão mixta brasileiro-britannica, incumbida de julgar reclamações oriundas do apresamento de navios empregados no trafico de escravos.

Antes da nomeação, o seu zelo patriotico já o fazia preoccupar-se bastante com o bom desempenho que deveria dar á sua missão.

Governava a confederação o illustre James Monroe, em seu segundo quatriennio (1821-1825), e as negociações se travaram entre Rebello e o grande Secretario e seu successor na presidencia James Quincy Adams.

Houve-se Rebello com habilidade entende Hildebrando Accioly, obtendo o *desideratum* do Governo Imperial assaz rapi-

damente em menos de dois mezes de permanencia em Washington.

Entende Accioly que de modo injusto procedeu para com Gonçalves da Cruz. Não merecia este a excessiva severidade com que foi tratado.

Fazendo uma summula dos serviços de Rebello, declara o nosso illustre contemporaneo que a seu ver não lhe foi difficil a tarefa realizada.

Sem duvida, coube-lhe o merito de afastar, com certa habilidade, alguns ligeiros estorvos, nos quaes teria, talvez, tropeçado outro menos esperto. A maneira como fez valer a adhesão do Brasil á doutrina de Monroe tambem o terá ajudado na sua missão. E' incontestavel, porém que o exito desta já se achava de antemão assegurado pela boa vontade dos Estados Unidos, em relação a todos os paizes do Continente, boa vontade baseada em interesses de varias ordens.

Seria mistér apenas provocar a sua manifestação. E para isto, cumpriria, naturalmente, proceder com criterio e tacto.

Estas qualidades não escasseavam a J. Silvestre Rebello e lhe permittiram obter, em pouco tempo, o feliz resultado, que o fez merecedor da gratidão nacional.

Não se resumiram porém no reconhecimento do Imperio os serviços por elle prestados naquella missão. De facto, a sua obra foi mais extensa, e, entre os seus mais apreciaveis aspectos figura o estabelecimento das bases da amizade duradoura, que, já vae por mais de um seculo, tem approximado as duas maiores nações da America.

Essa amizade não seria prejudicada pela differença de formas de Governo, porque era favorecida por outras circumstancias, de muito maior peso, derivadas da historia e da geographia e dos interesses commerciaes, visto como deixando o chá passariam os Estados Unidos a ser o melhor cliente do café brasileiro.

A obra de approximação realizada nos primeiros annos da nossa vida independente serviu porém, para patentear affinidades, que tornariam solida essa amizade mutua, que constitue um dos pilares da paz no Continente americano.

Para esse resultado, muito concorreu, certamente, a missão diplomatica de Silvestre Rebello, que foi, assim, o precursor de uma politica que se tornou tradicional nas relações internacionaes do Brasil.

Honrosa pagina, pois, a que acabamos de ler, para a memoria do diplomata luso-brasileiro.

Interessou-se José Silvestre Rebello tambem e, notavelmente, pelo cultivo do café.

Delle disse Manoel de Araujo Porto Alegre:

"Dado ás letras por genio, cultivou as sciencias historicas e geographicas no ponto de um subido merito, e muito outros conhecimentos adornavam sua intelligencia no que toca ás sciencias naturaes e á archeologia.

"Na Sociedade Promotora da Industria Nacional fez relevantissimos serviços a este Imperio; a elle se deve muito o augmento de muitas plantas uteis, e sua propagação. Como membro do Instituto Historico, escreveu muitas Memorias, e foi um dos seus mais zelosos membros.

A reunião dos sábios e literatos tinha todos os attractivos possiveis para sua alma, sempre o encontramos sincero enthusiasta pelos progressos da patria".

Entre as deixas de seu acervo uma subsiste inedita no archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, memoria que datou de 20 de Abril de 1839.

Haviam-no os consocios incumbido de expor o que pudera apurar sobre os primordios da cultura de numerosas plantas uteis, de cultivo secular no paiz ou recente como a canna de assucar, café e fumo, o arroz, o chá, as especiarias. Bastante maltratada pelo tempo acha-se esta memoria, curioso e excellente documento do que eram os conhecimentos agronomicos de seu tempo no Brasil.

A parte mais deteriorada da monographia é exactamente a que se refere ao café, cheia de borrões indecifrvaeis pelo esparramamento da tinta.

Bem pouco do que se conhece hoje dos primeiros seculos cafeeiros chegara ao conhecimento do nosso autor.

Escudado na obra de J. de La Rocque, traz-nos J. S. Rebello informes sobre os factos classicos dos annaes do café. Assim se refere ao caso do nepenthes homerico, das perseguições soffridas pela infusão arabica na Arabia e na Turquia, allude aos primeiros introductores do café em França e na Inglaterra, a primazia de commercio hollandez á acção da Companhia das Indias Hollandezas mandando fazer as plantações em Java.

Relata ainda, *per summa capita,* a famosa aventura de de Clieu. O café passou de Cayena ao Pará e ao Maranhão, avança o nosso diplomata, "mas ignoro o anno e como e por quem."

Assim, em 1839, ninguem no Brasil sabia do que haviam feito em prol do café Francisco de Mello Palheta e João da Maya da Gama.

Aliás a bem da verdade historica convem lembrar que a intervenção deste ultimo só ficou patente nos ultimos annos, graças ás pesquisas de Theodoro Braga.

Neste retrospecto de 1839 do que vinha sendo o café no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro e provincias vizinhas, onde se desenvolvia "Um espirito de industria e actividade que muito honrava a nação brasileira" ha dados interessantes, embora truncados.

Infelizmente partiu o nosso economista de errado ponto: dos informes viciosos de Monsenhor Pizarro que em suas *Memorias* reduz a exportação brasileira em 1800 a cincoenta arrobas apenas.

Em 1838 subira ella a 777.473 saccas despachadas em saccos, barris e barricas. O calculo de Costa Santos, segundo os dados da Associação Commercial do Rio de Janeiro é de 766.696 arrobas, lemblemol-o de passagem.

Ha um trecho do manuscripto de J. S. Rebello muito deteriorado pela agua e por vezes illegivel. Nelle occorrem dados truncados de que não nos podemos valer. Avalia Rebello a exportação para 1838 em 3.908.005 arrobas.

A média do preço da safra brasileira fôra de 3.200 réis por arroba o que produzira a "riquissima somma" de 12.508:416$, resultado notavel quando posto em confronto com as cincoenta arrobas de 1800. Ha ahi como o leitor poderá verificar, pequeno engano no total da multiplicação dos dois factores. Recordemos, porém, que, segundo o *Almanack* de Duarte Nunes, o Rio de Janeiro já em 1798 despachara 1.118 arrobas para a Europa.

Referindo o que sabia da exportação do resto do Brasil, dizia José Silvestre Rebello que em Santa Catharina, onde o café dava de dois em dois annos (?!) haviam sahido, de 1834 a 1835, arrobas 2.256.

De S. Paulo 6.052 "mas quasi toda a producção da provincia se escoava pelos portos fluminenses, como ninguem ignorava."

Na capitania (?) (ha uma lacuna ahi) a exportação fôra apenas de 83 arrobas. Referir-se-ia Rabello ao Espirito Santo (?). Mas capitania em 1839?

Produzira a Bahia 38.886 arrobas, Pernambuco 2.525 e o Maranhão 21 apenas.

Achava o nosso autor que sem receio de commetter exaggeração podia o total da producção brasileira ser computado em 4.000.000 de arrobas, correspondentes a 12.800 contos de réis.

Pernambuco si se applicasse á lavoura cafeeira poderia, graças ao clima, dar cafés muito finos como os de Bourbon, inferiores apenas aos de Moka.

Terminando extranhava o diplomata de 1824 que Southey houvesse admittido a ballela da possibilidade do café ser indigena da Bahia, segundo certo manuscripto "arranjado em 1571". Ora naquelle tempo era o grão desconhecido não só em Portugal como no resto da Europa.

CAPITULO LXXXII

A "Arte da cultura e preparação do café" do Dr. Agostinho Rodrigues da Cunha — Conselhos ministrados por este agronomo aos lavradores de café

Passavam os annos e cada vez mais se avolumava o caudal cafeeiro precipitado das terras do planalto ás aguas da Guanabara. A enorme catadupa moderna, despejada sobre o lagamar santense, ainda não passava de pequeno filete.

No anno financeiro de 1839 e 1840 haviam sahido, pelo porto do Rio de Janeiro 5.616.000 arrobas, dizia o Presidente da Provincia do Rio.

Entre 1841 e 1842, arrobas 5.557.088. Prosperava pois e immenso a cafeicultura brasileira e tomava dia a dia feição mais progressista e civilisada.

Or irmãos Laemmert, Eduardo e Henrique, os conhecidissimos editores, notaveis nos fastos do progresso de nossa cultura, pelas suas publicações e sobretudo, Almanack de seu nome, chegados não havia muito ao Brasil, entenderam conveniente e rendoso para a sua industria encetar uma obra em diversos volumes ao titulo geral *Manual do Agricultor Brasileiro*.

O primeiro volume da série só podia ser consagrado ao café. E o foi. Delle se encarregou o Dr. Augustinho (sic) Rodrigues da Cunha, que se intitulou no rosto do livrinho "antigo discipulo externo da Escola Polytechnica da França".

Nada se sabe do autor deste opusculo. O proprio Sacramento Blake, infatigavel em suas pesquisas bio-bibliographicas, não conseguiu sequer descobrir qual a sua nacionalidade. Era provavelmente brasileiro e Blake aventa a hypothese de que não tenha concluido o curso da famosa escola franceza de que, na folha de rosto da obrinha, ufanava-se de haver frequentado.

Assim se applica ao que parece, ao nosso autor, o alexandrino conhecido:

Son nom sombra dans les tenèbres de l'Oubli

E' no emtanto interessante a leitura das paginas do Dr. Cunha. Constituem documento de certa importancia para o estudo da evolução das idéas sobre a cafeicultura brasileira e o historico dos progressos agronomicos de nosso paiz.

Tornou-se rarissimo o opusculo de 1844 que pudemos consultar mercê de generoso presente do prezadissimo primo Persio Pacheco e Silva sabedor conspicuo das coisas cafeeiras nas terras paulistas e brasileiras.

A *Arte de cultura e preparação do café* representa, sobre as suas congeneres brasileiras, mais ou menos contemporaneas, real avanço.

Já em 1843, haviam os Laemmert, aliás, publicado o opusculosinho de A. S. C. (Antonio da Silveira Caldeira, segundo Basilio de Magalhães) a *Memoria sobre um novo methodo de preparar o café.*

A' folha de rosto de seu opusculo declara o nosso autor que a sua monographia ventila largo e notavel programma agronomico; trata da cultura do cafeeiro e seus melhoramentos, modo de adaptar a rubiacea ás terras frias, expõe a melhoria dos processos de seu beneficiamento, descreve-lhe o machinario, explica as causas das colheitas, fartas e falhas, etc.

Não podia o Brasil tratar da agricultura, affirmava o Dr. Cunha, pela enorme falta de braços que nelle se notava. E a lavoura preferida devia ser a do café. Mas os productos de nossos cafezaes viam-se mal cotados e com muita razão. O seu beneficiamento era pessimo e assim os cafés do Brasil não tinham o aroma dos de Moka.

Induzira isto o nosso autor a estudar um systema novo, de sua inventiva, tendente a melhoria da apresentação do producto.

Fraquissimo o historico pelo qual o nosso agronomo discipulo da Polytechnica parisiense expõe a introducção do café no Brasil a ponto de escrever verdadeiros disparates como estes de acreditar que o cafeeiro seja planta indigena da Amazonia!

Entre nós, não se sabia ao certo como fôra introduzido no paiz. Occorrera isto, mais ou menos, pelos annos de 1800 (sic!) época em que algumas pessoas o cultivaram em seus jardins e somente para uso proprio, até que o commercio do grão, tornando-se cada vez mais importante, haviam as plantações começado a augmentar, pela procura, nos mercados, de modo que, em 1844, passara a ser o principal ramo do commercio brasileiro.

Segundo os naturalistas, affirma o Dr. Cunha, "o café era indigena na provincia do Pará, onde se tem encontrado nos sertões immensos que fazem a grande riqueza daquella provincia."

O capitulo consagrado aos usos therapeuticos da infusão arabica revela muita cousa absoluta e hoje certamente abandonada como, por exemplo, o uso do decocto do café crú contra os ophtalmias e certas febres intermittentes. Assim o preconisavam os Drs. Richard e Grindel.

No Brasil não se sabia tomar café! avançava o Dr. Cunha. Que differença entre o sabor deste producto entre nós e em Paris!

Depois de expor o que se conhecia na época, da composição chimica do café, passa o nosso autor a tratar da cultura da rubiacea.

Na provincia do Rio, convinha fazel-a nas encostas dos morros ou outeiros, de preferencia a se lavraram os vargedos.

Estes recebiam excesso de humus descido dos morros com as chuvas. Tal superabundancia provocava super-alimentação nefasta ás plantas.

"O terreno cheio de toda essa substancia alimenticia cança a planta, por sua excessiva abundancia, e ella não pode transformar, nem assimilar os succos, que seus stomas sempre fartos tem recebido. Os cafeeiros pois plantados nas varzeas são muito frondosos, mas seu grão depois de preparado é d'uma qualidade inferior como se devia esperar, porque durante a secca do grão, como elle contem maior quantidade d'agua, seu peso diminue por meio da evaporação, e seu gosto não é o mais delicado."

Plantar desordenadamente o cafezal era difficultar capinas; alinhal-o morro abaixo, segundo uma linha de declive, favorecia a exposição do raizame ao ar e ao sol e a formação de regos.

Era preferivel não ficarem os renques de arvores perpendiculares ás bases dos morros e sim parallelos e não obliquos, para retenção das aguas pluviaes transportadoras dos saes. O ideal seria o estabelecimento de terraços ou socalcos como se praticava em França, e em Portugal, com as videiras.

Já em 1844, o Dr. Cunha chamava a attenção dos fazendeiros para os perigos da erosão. Em 1841, chuvas diluviaes haviam desabado sobre as lavouras fluminenses. Pois bem, o aspecto dos cafezaes se mostrara desolador depois destes temporaes.

Com as estiagens prolongadas, o inconveniente dos renques sem protecção, tornava-se frisante. A terra drenada ficava sobremodo secca e o orvalho não era sufficiente para imprimir alento ás arvores.

Na Arabia os plantadores protegiam as raizes dos cafeeiros por meio de pedras ou intercalavam ás arvores choupos e outras plantas de sombra. Fossem os nossos cafeeiros plantados em

quadras de mil pés, separados por carreadouros de 15 pés (cerca de 5 metros). Era excellente precaução contra o incendio. E nunca se levasse a plantação até o cabeço dos morros, onde a matta devia subsistir para reter a humidade e refrescar as terras.

Ninguem ignorava quanto a lavoura do café se desenvolvia bem em terrenos de matta virgem.

Valia a pena, porém, pôr em confronto estes terrenos e as chamadas terras cansadas, graças aos phenomenos meteorologicos.

"Logo que os mattos virgens são derrubados e entregues ás chammas as terras recebem uma quantidade de saes proprios á vegetação: a planta pode adquirir todo o seu vigor e vegetar com essa pompa que caracterisa os vegetaes da zona torrida.

Mas essa terra tão fertil, tão abundante em sucos nutritivos, formando a primeira camada dos morros e oiteiros exposta ás chuvas, aos raios solares e aos ventos, que roubam a quantidade dagua precisa a seu estado hygrometrico, vae-se, pouco a pouco, ou successivamente, acamando, a ponto de formar uma massa dura, e homogenea, que resiste aos instrumentos aratorios; não se observa nas cavas, que se fazem até a profundidade de 4 a 5 pés, senão a camada de humus ou terra vegetal da largura de 6 pollegadas, mas já impropria á vegetação e argila contendo mais ou menos agua."

Era preciso, por força, arejar, e muito, a terra! Tornal-a solta, permeavel, capaz de absorver as aguas das enxurradas.

Não haveria terra cansada se estes conselhos fossem seguidos. Os cafeeiros plantados em solos montanhosos, não afofados, davam o que no Brasil se chamava café de Moka, mas taes arvores não passavam de verdadeiros abortos desnutridos, degenerados, cacheticos.

Assim acabava o nosso autor de o verificar em fazendas de Cantagallo, Nova Friburgo e S. João do Principe. Os cafeeiros velhos só produziam os taes grãos Moka. Havia na Provincia do Rio de Janeiro áreas das chamadas terras frias que os fazendeiros de café desprezavam por estereis.

Geralmente eram as que tinham altitude superior a dois mil pés (660 metros).

Assim delimitava esta zona o Dr. Cunha.

"Taes são, principiando da parte mais occidental da provincia do Rio de Janeiro, a serra da Ilha Grande ou Serra d'Agua, que começando no cabo da Trindade em Paraty, se estende fazendo diversas sinuosidades e deixando varias ramificações na direcção de O. e E.N.E. e entrando no municipio do Piarahy, vae morrer sobre a margem direita do Parahyba, e se levanta com o nome de serra de Valença ou antes se considera

como um appendice da serra da Mantiqueira, e seguindo forma as differentes elevações no municipio de Vassouras, com o nome de serra de Matacães, serra da Viuva, serra de Santa Anna, e serra de Tinguá, cuja altura é de tres mil e quinhentos pés acima do nivel do mar. A serra da Viuva, entrando no municipio da Parahyba, forma uma curva e vae terminar na margem do Parahyba com as pequenas assentadas que ali se notam.

Seguindo a primeira direção nota-se a serra da Estrella, a serra dos Orgãos, a serra do Queimado que, ramificando-se para o N.E. toma o nome de serra da Sebastiana; a serra dos Canudos, a serra das Bananeiras, ficando o municipio de Nova Friburgo e Cantagallo sobre um plató que vae acabar na margem do Parahyba, e sobre o qual se levantam rochedos e montanhas.

E' nestas diferentes alturas que se nota uma vegetação extremamente variada, dependendo das differenças de temperatura. Estes terrenos não são proprios somente para a cultura dos cafeeiros. Ahi se pode cultivar quasi todas as plantas da zona temperada."

O que se perdia em quantidade nas lavouras desta zona, ganhava-se e muito, em qualidade do producto. Cafés de gosto muito mais delicado, incomparavelmente mais gratos ao paladar. Podiam em verdade competir, quando bem preparados com os melhores cafés arabicos, de legitima procedencia. Dahi o accrescimo do preço de suas cotações. Em logares de altitude média, abaixo das terras frias, havia colheitas abundantes, mas frequentemente cheias de anomalias.

"Ha mesmo logares na provincia do Rio de Janeiro, onde o grão de café cresce e amadurece perfeitamente porém interiormente não se acha mais do que os tegumentos do fructo: este estado do grão é denominado chocho, e ha ainda uma singularidade que consiste em que o café chocha alternadamente. Seu fructo é semelhante ás fructas de Sodoma e Gomhorra."

Em 1841 trouxe o inverno excepcionaes frios. Na serra do Capim, a 14 de agosto, matou o frio muitas lavouras. Chegou o thermometro a descer um grau Reaumur (1c. 25). Atingiu até a margem do Parahyba.

A serra do Capim prolonga-se pelas terras hoje de Magé, Friburgo e Sapucaia e tem aliás elevações consideraveis.

Persistiu o frio durante uma semana e o vento gelado liquidou com milhares de cafeeiros. Escaparam os que pela situação topographica de seus talhões tinham abrigo e defesa contra estas trombas frigidas. Nem pareciam contiguas aos outros victimados pela frialdade. Verberava o Dr. Cunha a mentalidade de certos lavradores:

"Situada debaixo destas condições se acha em Nova Friburgo a fazenda conhecida por o nome de Paiol do Rei: os cafeeiros ahi dão colheitas irregulares, mas dão todos os annos e o café ainda que mal preparado é dum gosto excellente. Eu tive occasião de comparar os cafés de terras frias com os outros, e pude notar a differença que todos conhecem porém que desprezando os meios que podiam por os cafeeiros a salvo dessas vicissitudes atmosphericas, antes querem ou perder um anno ou mudar de logar para se estabelecer noutro mais propicio."

Achava o Dr. Cunha que uma bordadura de grandes arvores quebrantadora da acção dos ventos frios, durante as floradas, daria optimo resultado nas lavouras das chamadas terras frias.

Assim diminuiria immenso a porcentagem dos grãos chochos.

Fossem as plantações abrigadas quanto possivel, topographicamente, do effeito das ondas frias.

Singela e bastante ingenuamente explicava o nosso monographista a causa dos maleficios das aragens geladas.

"Nas regiões dos tropicos são as correntes de ventos, que se estabelecem em tal, ou tal direcção que vem produzir estes effeitos. O ar impellido em grande massa, diminue a temperatura a ponto de produzir gelo; é uma lei dos fluidos quer liquidos quer gazosos. Na China se obtem gelo expondo-se a agua em vasos nimiamente abertos durante a noite. (sic).

Se pois os cafezeiros forem plantados de modo que não fiquem sujeitos aos rigores dessas alternativas elles darão, mais ou menos regularmente suas colheitas."

Ninguem desistisse de plantar café nas terras frias fluminenses. Seu producto era mil vezes superior ao das terras quentes. Quando bem preparado alcançava cotações sobremaneira remuneradoras.

"Não convem abandonar as terras que se acham collocadas debaixo destas condições. Seu café é dum gosto muito exquisito mesmo preparado por esses processos, informes: quando este café for bem preparado e conhecido nos mercados seu preço compensará sobremaneira o trabalho do lavrador. Se o café de Minas Geraes podesse chegar ao mercado bem acondicionado, sendo preparado do mesmo modo, que o café d'Arabia poderia talvez obter um terço mais sobre seu preço do que o café do Rio de Janeiro: mas elle se deteriora em grande parte nas longas viagens".

Na Provincia do Rio de Janeiro cafeeiro de 20 a 25 annos era consoante a expressão vulgar: bananeira de cacho dado. Plantar-se no logar onde estas arvores prematuramente velhas morriam passava por insensatez. Não supportava a terra nova lavoura, lavada, erosada, exhausta.

Dahi o recurso ao processo da poda a um palmo do nó vital, ou quando muito a dois. Os cafeeiros podados recomeçavam a produzir dentro de tres annos.

Queria o Dr. Cunha que o tronco das arvores fossem cortados entre cinco e sete palmos da raiz, os ramos a palmo e meio ou dois do tronco.

Devia ser a terra revolta em torno do pé receber o entulho das hervas das capinas.

Era por demais brutal a poda radical; transtornava por completo as funcções physiologicas vegetaes. Esta perturbação violenta reflectia-se na duração das plantas que só tinham mais oito ou dez annos de vida e com colheitas pouco abundantes. Prolongamento util, muito maior, traria o segundo processo, afiançava o nosso autor.

Muito cuidado com a época escolhida para a poda. Só devia ser feita na minguante de Agosto ou antes de Julho:

Explicava o Dr. Cunha.

"Talvez pareça indifferente podar os cafezeiros em qualquer occasião, e que essa influencia lunar não passe duma mera supposição, opinião mesmo irrisoria para muitos; mas são os factos e a experiencia que vêm em apoio desta asserção; taes são as enchentes e vasantes das marés o côrte das madeiras brancas a quem o verme destroe, e as madeiras de lei que estalam e abrem, sem poderem ser utilizadas.

E' facil conhecer a causa destes effeitos, porém só diremos que assim, como, quando o sol se acha em conjuncção com a lua, se notam as maiores marés, e por o contrario se observam as menores nas quadraturas, o que é devido á direcção das forças, que obram conjunta ou separadamente, dependerá pois da maior ou menor quantidade dagua que a planta contiver em seus tecidos."

Circumstancia interessante abonada pelo depoimento do Dr. Cunha é que as alternativas de colheitas abundantes e falhas nos cafezaes fluminenses começavam a occorrer no nono anno de existencia da planta em diante. Tornava-se até inilludivel a tal respeito o aspecto dos cafeeiros.

Vê-se que seus ramos bastante longos apresentam a parte junto ao tronco despida de folhas, com signaes de já ter florescido, e dado fructo, a parte média, que se acha carregada de flores, ou fructo, e a parte extrema, ou extremidade coberta de folhas; alem disto a casca do ramo é duma cor parda, que vae tirando sobre o verde á medida que se approxima da ponta, onde se nota uma cor de verde canna.

A parte média florescida, que dera fructo no anno anterior, não floresciа no anno immediato.

Ministrando lições de physiologia vegetal e valendo-se de argumentos dellas decorrentes, affirma o nosso autor que a causa principal dessa irregularidade provinha da demora da colheita encetada quando já grande parte de café começava a seccar.

Dahi a providencia do decote ou como se dizia na Provincia do Rio, da capação das arvores. Fosse cortado o pennacho das arvores a um ou dois palmos da ponta do tronco. A seiva visitaria mais abundante as extremidades dos galhos que, bem arejados e insolados, adquiriam novo vigor, fructificando com outra vantagem.

Affirma o Dr. Cunha que os cafezaes fluminenses, aos cinco e aos seis annos, davam por arvore em termo médio 4 a 5 libras de fructos (1 k. 936 a 2 k. 295) ou admittamos, em média, cerca de dois kilos por arvore.

Os das varzeas, em fralda da montanha, cresciam muito; chegavam a ter de 15 a 20 pés de altura (de 5 a 6m,70). Estas arvores chegavam ás vezes a dar 9 kilos de cerejas. Vira o agronomo em Cantagallo, um cafeeiro de 25 annos de que se colhera quasi uma arroba de cerejas.

Estas arvores geralmente muito frondosas, e que tanto carregavam, não eram porém as que melhor café davam. Na Arabia, os cafeeiros produziam de 3 a 4 libras por pé, menos portanto do que os fluminenses. Muitos fazendeiros se enganavam redondamente contando com a média de quatro libras por arvore. Elle autor, conhecia fazendas onde, em terra fertilissima, esperavam os lavradores cargas de 125 arrobas por mil pés. E no emtanto as colheitas os desapontavam, baixando esta cifra para 20 arrobas, um terço da esperada portanto.

Cem mil pés de café exigiam praticamente cem mil braças quadradas de solo, dez alqueires geometricos, isto quando, de arvore a arvore, medeiava a distancia de uma braça (2m20). Em muitos logares as lavouras se espaçavam de 12 a 15 palmos (2m,64 a 3m,30). Cem mil cafeeiros exigiam, no minimo, cincoenta escravos trabalhando 8 horas por dia.

A colheita era, a cada passo, defeituosamente realizada entre os lavradores fluminenses. Misturavam alguns delles cafés verdes e maduros e outros esperavam em Maio a maturação.

Aconselhava o agronomo:

"A colheita deve ser feita, antes que tenha de todo amadurecido ou seccado, para que a florescencia, que principia na primavera, logo depois das primeiras aguas, o que faz variar entre o mez de Agosto e Setembro, não seja retardada e a planta tenha tempo de se refazer dos succos necessarios que devem servir para a florescencia da colheita seguinte.

E' um erro pretender demorar a colheita até que todo o café tenha amadurecido, e mesmo seccado em grande parte: esta é talvez a principal causa das colheitas se tornarem cada vez mais irregulares á medida que os cafeeiros vão sendo mais antigos."

Para o autor já em fins de Março, em algumas zonas, ou, pelo menos, em meiados de Maio, devia-se proceder á colheita. Só os cafeeiros de serra abaixo podiam ser despojados da carga antes de Maio.

Podia-se apanhar o café de vez e sem susto. A má qualidade do tlpo procedia da maneira de se o beneficiar. Os arabes e os inglezes, em suas colonias, procuravam despolpar em 24 horas o producto da colheita da vespera. O seu café despolpado cahia num tanque onde se punha agua de cal.

Escorrida a agua superficial do café despolpado podia o grão ir para os terreiros ou para os seccadores artificiaes.

Quer nos parecer que a miudo empregando a palavra eira, tão pouco usada no Brasil, em logar de terreiro, revela o Dr. Cunha, não se achar ainda muito familiarisado com a nossa technologia nacional, fructo talvez de sua permanencia na Europa. Preconisava muito o despolpamento pela economia immensa de tempo que proporcionava assim como a secca em estufas que produziam productos homogeneos.

E a tal proposito recorre a uma série de argumentos apoiados em considerações chimicas embora empregando a linguagem de uma sciencia muito pouco vulgarisada no Brasil.

Põe-se então a explicar as fermentações alcoolica, ou vinhosa, e acetica pelas quaes passam os grãos da rubiacea, phenomenos estes que tornavam o café do Brasil depreciado.

Lavrador intelligente não podia preferir o terreiro ao seccador sobretudo se não tinha eiras ladrilhadas.

Affirmava o Dr. Cunha:

"O café, que se obtem por este processo é muito inferior em qualidade: seu cheiro é desagradavel, seu sabor nauseante e acre, sua cor variando entre o amarello esverdinhado, e verde negro, não apresenta uma bella vista; entretanto comparando o café preparado e secco nas estufas ou em terreiros bem arejados, nota-se um agradavel aroma similhante ao de passas; seu sabor, quando se prova, é adocicado e sem ardor; sua cor, emquanto novo, é dum verde carregado muito differente do outro, o que se conhece á primeira vista e vae descahindo pouco a pouco sobre o amarello esbranquiçado, o que se observa no fim de dois annos, segundo os logares onde tem sido guardado, e dos pannos em que tem sido ensaccado."

O ensaque era tambem operação digna de todo o cuidado, dada a hygrophilia do grão. Nada de saccos de linho; os de al-

godão lhes levavam enorme vantagem. O melhor era o transporte em barricas de madeiras leves.

Tal a especulação e falta de escrupulos de certos estrangeiros que impunham o uso de saccos de linho ao Brasil, em detrimento até da saccaria de algodão!

O café envelhecido era muito melhor, mas, para a exportação, o novo lhe levava vantagem porque os grãos velhos, á passagem do Equador, deterioravam-se absorvendo muita humidade.

Reconhecia o nosso autor, comtudo, que com os transportes do Brasil, feitos em lombo de muares, esta circumstancia excluia o emprego das barricas. Assim recommendava a pintura a oleo dos saccos para os impermeabilizar.

CAPITULO LXXXIII

Conselhos ministrados pelo Dr. Rodrigues da Cunha em 1844 aos fazendeiros de café

No capitulo consagrado aos seccadores de café percebe-se quanto o Dr. Agostinho Rodrigues da Cunha, estava certo de que os seus leitores de 1844 deviam ser atrazadissimos. Começa por explicar que as estufas para o café eram diversas das que existiam nos jardins botanicos, como essas dos grandes hortos do Universo, publicos e particulares, entre os quaes se destacavam as do Duque de Devonshire, absolutamente notaveis!

Depois deste introito, pouco recommendador do preparo de seu publico, explica o nosso agronomo os diversos typos de estufa, seus conhecidos, os que empregavam o ar secco, o vapor dagua, ou o simples aquecimento central.

Explica o papel importantissimo da chaminé e quanto era capital escolher-se logar secco e arejado para o estabelecimento do seccador.

Tal a ignorancia de certos lavradores, que, por exemplo, no municipio de Parahyba do Sul certo fazendeiro installara o seccador em logar empantanado!

Era o Dr. Cunha fervoroso preconisador dos saccadores artificiaes fossem quaes fossem. Subtrahiam o café ás immensas variações de temperatura, impedindo a fermentação alcoolica e reduziam o tremendo trabalho braçal dos terreiros.

Infelizmente toda a sua dissertação não se baseia em dado algum numerico de ordem economica. Verdade é que pelos annos em que escrevia os seus conselhos aos lavradores brasileiros era por assim dizer gratuito o combustivel achando-se inteiramente á mão.

Concluindo dizia:

"Como é triste ver nos terreiros o café envolto em lama, e grande parte perder-se ou por falta de tempo preciso na preparação do que está colhido, ou por falta de terreiros! que por-

ção d'arrobas não se perde annualmente e ainda muito mais quando as chuvas começam mais cedo!

A despeito comtudo de factos, que passam diariamente nessas fazendas de cultura de café inda ha espiritos impassiveis a todos esses desastres. Não é uma illusão perder, o que se pode aproveitar? Donde depende a riqueza dum povo? Taes são os beneficios que as estufas devem trazer á lavoura."

Tratando dos terreiros recommendava o Dr. Cunha fossem elles bem ladrilhados. No centro da eira se levantasse uma especie de tulha seccadora que podesse rapidamente abrigar a maior quantidade de café, ante a imminencia de algum aguaceiro. Devia ser uma especie de estufa de jardim botanico, com muitas janellas, e com o pavimento alto sobre o solo afim de permittir a collocação de brazeiros ou *poêles* francezes nos dias de chuva.

Tratando das machinas agricolas, começa o Dr. Cunha por se referir ao despolpador. Fizera esta machina grande carreira na Provincia do Rio mas como nas fazendas poucas eram as que dispunham de installação hydraulica, usavam os fazendeiros em geral, de motores animados.

Mostravam-se frequentes os apparelhos entregues a escravos que accionavam mechanismos semelhantes aos tornos dos marceneiros.

Galgas de pedra parecidas com os amassadores de barro tambem se empregavam para o descascamento, mas o seu rendimento mostrava-se escassissimo.

Fazendeiros havia que procediam com o café como os vinhateiros de Portugal com as uvas! outros se serviam de pedras, "esfregando-o entre suas superficies; porém estes modos são vagarosos e defeituosos, quando se tem de preparar uma grande porção de arrobas."

Continuando a descrever os processos correntes de beneficiamento do café, dá-nos o Dr. Cunha noticia do que era o engenho de pilões vulgar.

"Não é todavia o melhor para descascar o café, quando tem sido despolpado; o peso das mãos tem o inconveniente de quebrar, e esmagar os grãos, e o atricto que o café soffre, estando misturado com o pó impalpavel, fal-o em parte desmerecer de sua cor."

Muito melhores do que os pilões mostravam-se os descascadores constituidos por duas mós assentadas como as de um moinho de moer trigo ou fubá.

Não esmagavam nem quebravam os grãos. Este machinismo accionado por tres ou quatro homens, podia preparar diriamente de 30 a 40 arrobas de café. Além disto o engenho de

pilões era extraordinariamente insalubre para os pobres escravos.

"O pó impalpavel, que os trabalhadores respiram continuamente durante o tempo do soque, e ventilação do café lhes altera a saude. Este pó é extremamente irritante, ataca os pulmões e observa-se constantemente que os trabalhadores durante o tempo deste serviço adoecem muitas vezes, e eu tive occasião de notar que seu soffrimento era sempre do peito, e que sua respiração era apressada; tanto mais cauteloso julguei que devia ser, quando em Inglaterra os obreiros empregados em pulverisar o silex, para o fabrico de louça de pó de pedra, morriam tisicos no fim de dois ou tres annos, o que era devido ao pó que respiravam, e que por muito tempo occupou a attenção dos medicos, e tanto mais importava aos fabricantes quanto o jornal se augmentava; mas felizmente este mal foi removido fazendo moer o silex em azeite.

Sendo o café limpo por este pequeno engenho não se tem precisão mais do que de um simples ventilador, cujas peneiras devem então ser feitas de arame, e não de folha ou cobre como se usa."

Descreve-se depois o ventilador do typo primitivo feito em folha de Flandres. Começava a ser empregado assim como certo separador, tambem muito primitivo que o Dr. Cunha elogiava muito. Custava 350$000 e podia separar, em doze horas, nada menos de 550 arrobas, quando accionado por motor humano e mil quando movido por força hydraulica.

Fazia esta machina o serviço de quinze mulheres catadoras de café. A tal proposito commenta o agronomo em pittoresca baralhada de verbos:

"Uma machina produzindo esta quantidade de trabalho, não consomme nem exige a mesma despesa, que o mesmo numero de pessoas, que comem, adoecem, vestem e morrem e podem ser empregadas noutros trabalhos."

Os nossos maiores fazendeiros oppunham a inercia de seu atrazo ás conquistas da sciencia e da industria. O apparelhamento mecanico das grandes fazendas deixavam geralmente immenso a desejar. Amargamente philosophava o nosso ensaista:

"Ora sendo pois o café preparado por estes engenhos, que são usados em todas as grandes fazendas, vê-se que não são os mais vantajosos nem os mais baratos, e que podiam ser substituidos por outros; se pois o agricultor quizesse experimentar, elle teria bem depressa a convicção de que lhe era preciso um capital muito menor o qual lhe produzia resultados muito mais seguros. E' preciso analysar, e não seguir ás cegas, o que se pra-

tica por rotina e que os erros arraigados por o tempo não passem por verdades".

Terminando a sua *Arte da Cultura e preparação do café* recommendava o antigo discipulo externo da Escola Polytechnica de Paris aos lavradores que queimassem a palha de feijão para restituirem a potassa ao cafezal. Nem uma palavra da adubação pela propria palha do café profere. E facto interessante, propunha que se fizesse aguardente com a casca do café, o que nos parece simplesmente estrambotico, quando, lado a lado, havia nas fazendas, cannaviaes e cafezaes.

Tambem suppomos que pouco houve quem a proposito deste assumpto o tenha ouvido e tomado os conselhos a sério.

Depois de advertencias acerca de processos para se combater o caruncho dos cereaes epilogava o Dr. Cunha o seu livrinho por umas tantas considerações sobre o commercio do café."

Ninguem pensasse que o Brasil pudesse deter o monopolio do genero. Medrava o cafeeiro bem, de 25 graos de latitude sul a 25 graos de latitude norte, onde a temperatura não descesse a menos de 12° centigrados, verdadeiro cochilo homerico como de sobra se sabe. Se a cultura continuasse muito remuneradora era fatal que os mercados se vissem logo abarrotados pelos resultados da superproducção.

Previa o Dr. Cunha sério collapso para a agricultura cafeeira do Brasil, ameaçada pela concorrencia de varios paizes, até da Africa.

O café em nossas praças não poderia por muito tempo, sustentar excepcionaes preços.

Não se esquecessem os brasileiros do que succedera ao anil. A's suas lavouras havia aniquilado a concorrencia estrangeira. O mesmo que se dera com o assucar nacional, batido, em toda a linha, pelo estrangeiro, graças, sobretudo, á superioridade dos processos de fabricação.

As ultimas paginas do livrinho, que vimos analysando como documento das idéas de seu tempo, encerram considerações por vezes indigestas e obscuras. Percebe-se que o autor recommendava a seus patricios o aperfeiçoamento de seus productos de modo que os preços alcançados fossem proporcionaes aos tres factores: tempo, trabalho e capital.

A alta dos preços do café era o reflexo da intensidade crescente do commercio de paizes europeus do que resultava notavel prosperidade. Mas á sua producção crescente pelo interesse que dava aos lavradores, devia acompanhar a baixa do preço. Bem pouco claras surgem, a esta altura, as considerações exaradas pelo autor.

Para o Brasil havia ahi uma questão de vitalidade commercial e interesse nacional.

E' preciso prover os meios de produzir; se estes meios diminuem, a producção se torna mais difficil e o genero deve alterar o preço, para que o producto possa pôr-se a salvo de todos os prejuizos.

Não sendo assim, o que tem logar, quando um producto agricola não é peculiar de tal paiz, não pode variar seus productos, e ainda mais quando esse producto forma o principal ramo de seu commercio; o dinheiro diminue de valor, se a moeda não é então representada por metaes preciosos para encher a falta ou digamos antes, igualar a differença dos valores recebidos.

E neste caso o valor do café rigorosamente falando é imaginario, porque não está em relação com os productos estrangeiros recebidos em nossos mercados."

Tornava-se necessario, e imperioso mesmo, que o café fosse submettido a um melhoramento, em sua cultura e preparação. Grande verdade que já em 1844, se devia apregoar e continuava a ser proclamada até os nossos dias geralmente e até bem pouco com pequeno exito.

Entendia o Dr. Cunha que se já se houvesse cuidado do fornecimento de cafés melhores o valor da colheita exportada em 1841-1842. teria subido de 18.159 a 22.228 contos de réis. Não explica comtudo em que se baseia para avaliar esta majoração de valores correspondentes a uns vinte por cento.

Falando em 1845 do nosso café, observava o Dr. Affonso Rendu, medico francez, que parecia perfeitamente averiguado não convirem o extremo sul e o extremo norte do Brasil á cultura da rubiacea, assim como certas regiões paulistas e mineiras, altas onde o inverno era desfavoravel ao arbusto.

Na provincia do Rio de Janeiro a substituição das mattas pelos cafezaes havia sido feita em larguissima zona. No emtanto não se procedera como uma sábia previdencia, teria aconselhado, fazendo com que nas cumiadas das serras fosse sempre mantida a vestimenta florestal.

Notou o medico francez que o espaçamento dos cafeeiros era em geral de dois metros. Recommendava a experiencia que para as lavouras se preferissem os solos de argila pedregulhosa, por causa do frescor de taes terrenos. Boa exposição solar se recommendava mas quando não houvesse a desvantagem dos ventos nocivos.

Quanto a forma a dar aos arbustos havia duas escolas que cada qual reclamava a primazia para os seus modos de ver. A primeira preconisava um pé por cova e entendia que ás hastes devia se dar o feitio de um guarda sol, o que facilitava a co-

lheita. Contestavam os adversarios de tal methodo allegando que as arvores ficavam mal insoladas. A prova de tal era que nestas condições só os ramos exteriores produziam.

A segunda escola queria tres pés por cova, deixando-se que crescessem os arbustos melhor insolados; produziam mais (?), mas ao mesmo tempo tinham menor prazo de vida além de serem mais difficilmente colhidos.

Quer uma quer outra escola recommendava a ablação dos pennachos das arvores que cresciam verticalmente.

Nas lavouras fluminenses as carpas eram dadas quando havia necessidade pelo estado do mattagal. Os bons lavradores não se descuidavam das replantas. Havia cafeeiros que com trinta annos de idade estavam florescentes e seivosos.

Na Provincia do Rio a média da producção era de 250 grammas de café por arvore, dezeseis arrobas e meia por mil kilos, producção insignificante como vemos. Mas muitas lavouras produziam normalmente o dobro e até o triplo do que aquella média baixa.

A colheita ia de abril a outubro e o café tinha um gosto terroso que muito o depreciava nos mercados europeus, salvo os allemães. Provinha este mau paladar não só das condições do solo como do mau beneficiamento do producto.

Outro motivo de depreciação: a negligencia dos escravos na apanha ao misturarem fructos verdes e maduros. Terceira causa: a fermentação dos monticulos nos terreiros. Alguns estrangeiros estavam introduzindo nas lavouras brasileiras modificações felizes: era a primeira a escolha na apanha dos fructos bem maduros. Encarecia o beneficio o que a tal respeito tornava os fazendeiros recalcitrantes. O segundo melhoramento vinha a ser o recurso aos despolpadores que permittia a secca rapida; o terceiro uma secca cuidadosa porque, quando prolongada demais a pelicula reduzia-se a um pó quasi impalpavel e impregnava o grão de um gosto de poeira, além de o tornar quebradiço.

A separação do producto beneficiado admittia então tres typos dos quaes o ultimo tinha pouca sahida, ou antes quasi nenhuma.

Os cafés bem trabalhados attingiam seis mil réis por arroba. Mas os preços communs oscillavam entre as médias de 3.000 a 4.500 por arroba.

Os melhoramentos que se notavam na producção procediam de estrangeiros esclarecidos. Mas a maioria dos fazendeiros misoneistas, não prestavam attenção a esses methodos modernos.

Haveriam de render-se ante a evidencia, affirmava o Dr. Rendu. Suas fazendas só dariam lucros quando produzissem melhores productos.

"Por toda a parte a cultura do café multiplicava-se de tal modo, nas terras do Brasil adaptaveis á rubiacea, e esta lavoura era tão facil e rendosa, que as colheitas, fartas como surgiam, já encontravam difficuldade de collocação no exterior.

Tornava-se imprescindivel pois melhorar a qualidade do café se o Brasil queria furtar-se aos inconvenientes de um genero sobremodo abundante mas depreciado pelo mau preparo".

Taes os conceitos sensatissimos que o Dr. Affonso Rendu, professor da Escola Anatomica dos Hospitaes de Paris, em missão especial de seu governo no Brasil, proferia em 1845 naturalmente com a *vox clamantis* que o Evangelista attribue ao Baptista.

CAPITULO LXXXIV

O Barão do Paty do Alferes e a sua "Memoria sobre a fundação e costeio de uma fazenda na Provincia do Rio de Janeiro" — Quem era este grande landlord e notavel fazendeiro de café — Conselhos aos lavradores — A escolha das terras cafeeiras — A destruição das florestas pelo incendio — Elevados conselhos — O emprego das diversas essencias da floresta primitiva fluminense

Nascido a 6 de fevereiro de 1795 e filho do Sargento Mór Francisco Peixoto de Lacerda e de sua mulher D. Anna Mathilde Amalia Werneck, filha do Sargento Mór Ignacio de Souza Werneck e de sua mulher D. Francisca das Chagas, pertencia Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, barão com grandeza do Paty do Alferes, ao mais prestigioso patriciado fluminense. Assim, procedia do patriarcha Ignacio de Souza Werneck, mineiro da Borda do Campo, passado á região fluminense, em Sacra Familia do Tinguá em companhia de seus paes, o açoriano Manoel de Azevedo Mattos e a fluminense D. Antonia Ribeira.

A respeito de Ignacio Werneck, cujo nome tanto se prende aos fastos da civilização fluminense, escreve Mattoso Maia Forte em sua optima monographia *Memoria da Fundação de Vassouras*.

"Com os recursos de que dispunha a bolsa paterna, estudou em um dos seminarios do Rio de Janeiro, mas não seguiu a carreira ecclesiastica para casar-se com a filha do correspondente de seu pae, naquella cidade, a cujos cuidados fôra confiado. E, já casado, acompanhando o pae na lavoura, foi successivamente alferes, tenente e capitão de um dos corpos de milicias, reformando-se no posto de sargento mór.

Quando ainda capitão, foi designado, em 1801, por D. Fernando José de Portugal, então vice-rei do Brasil, para auxiliar o aldeiamento dos indios coroados no sertão do rio Preto, missão a que se impuzera o fazendeiro do Páo Grande e de Ubá, José

Rodrigues da Cruz, com o apoio de seu sobrinho o capitão Pereira de Almeida (barão de Ubá). Mais tarde prestou serviços nos trabalhos preparatorios para a construcção, que se faria logo depois, da magnifica estrada do Commercio, que fez honra á engenharia da época, pelo seu traçado e pelas obras — muralhas, calçamentos, pontes e pontilhões — muitas das quaes têm resistido á acção destruidora do tempo e do abandono e pela sua grande repercussão na economia rural da extensa região que ia de Iguassú até muito além das margens do Rio Preto, linha divisoria entre Rio e Minas.

Fallecendo sua esposa em 1811, Ignacio, possuido de inconsolavel dôr, concluiu o curso ecclesiastico, professando na ordem de Christo. Em 1814 era presbytero e rezou a primeira missa na capella de sua fazenda com assistencia de seus filhos, genros, noras e netos e dos fazendeiros e familias das vizinhanças da sua fazenda".

A Ignacio de Souza Werneck deixara o Pae notavel patrimonio territorial que elle augmentara grandemente. Este immenso dominio, escreve ainda Maia Forte, está subdividido em numerosas fazendas e sitios do municipio de Vassouras.

A seus onze filhos e filhas deixou, pois, sesmarias numerosas. O genro Francisco Peixoto de Lacerda, já largamente afazendado ainda recebeu de seu inventario oitocentas braças de testada com engenhos, casas de vivenda, etc.

A seu respeito ainda nos informa o erudito escriptor fluminense:

"Francisco Peixoto de Lacerda foi tambem grande possuidor de terras. Uma de suas propriedades tinha uma legua de testada e outra de fundos, para o lado de Oeste, ahi visinhas de terras do guarda-mór Fernão Dias Paes Leme da Camara. Partiam suas terras, pelo lado do Norte, com a sesmaria do coronel Antonio Joaquim Velasco de Molina, a Léste com a daquelle guarda-mór. Sua sesmaria foi dada e confirmada em 1803. Possuiu uma outra, de meia legua em quadro, visinha das de Domingos Gonçalves Velasco de Molina e do mesmo guarda-mór, vendendo-a a Manoel Pinheiro de Souza. De suas terras foram tambem visinhos Manoel de Azevedo Ramos, Luiz da Silva França e Joaquim Pinheiro de Souza".

Prosseguindo esclarece o nosso douto autor:

"D. Anna Mathilde, filha de Ignacio de Souza Werneck, foi, pelo seu casamento com o capitão Francisco Peixoto de Lacerda, o tronco da familia Lacerda Werneck.

Deste consorcio nasceu Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, depois barão do Paty do Alferes, que se casou com D.

Maria Isabel de Assumpção Avellar, filha de Claudio Gomes Ribeiro de Avellar, barão de Guaribú.

Grande lavrador, culto e intelligente, foi o barão do Paty, quem, entre outros serviços ao Imperio, prestou relevantes por occasião da revolução mineira de 1842, mobilizando os corpos da Guarda Nacional da comarca. Uma de suas filhas, D. Maria Isabel, foi casada com o Dr. Joaquim Teixeira de Castro, visconde de Arcozello, medico portuguez, e herdou de seu pae a fazenda da Piedade, onde está a estação de Arcozello, na Linha Auxiliar.

Outra, D. Marianna, foi casada com o Dr. Francisco de Assis e Almeida, um dos cultos advogados do fôro de Vassouras. Uma terceira, D. Carolina Isabel, foi casada com seu primo José Ignacio de Souza Werneck, consul do Brasil em cidades européas e graduado em universidades do velho mundo. O ultimo de seus filhos foi o Dr. Manoel Peixoto de Lacerda Werneck, que teve distincta actuação na politica provincial, como deputado provincial e á Camara do Imperio, filiado ao partido conservador.

O barão do Paty possuia grandes propriedades agricolas nos municipios de Vassouras e Iguassú. E' de sua lavra a *"Memoria sobre a fundação e costeio de uma fazenda na Provincia do Rio de Janeiro"*, offerecida a seu filho Luiz, a qual teve tres edições sendo a primeira de 1847. Foi um livro de experimentado agricultor, e, por isto mesmo, capaz de bem aconselhar".

Entre as fazendas do Barão do Paty, de herança propria ou da de sua esposa, estavam a da Piedade, onde residia e fôra de seu pae; parte da de Conceição de Palmeiras; Sant'Anna das Palmeiras; parte da de Matto Grosso; Monte Alegre, que comprou a seu filho Luiz; e Monte Libano, que coube a seu filho o Dr. Manoel Peixoto de Lacerda Werneck.

Membro da Assembléa Provincial fluminense durante varias legislaturas, commandante superior da Guarda Nacional da comarca de Vassouras, cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa, Fidalgo da casa Imperial, senhor de oito grandes fazendas, tornou-se pois o Barão do Paty do Alferes um dos vultos de maior relevo da época do esplendor cafeeiro fluminense.

Coube-lhe ser, affirmam-n'o os Barões de Vasconcellos, dos rarissimos agraciados pelas Regencias com titulos nobiliarchicos, tendo sido creado barão por decreto de 15 de dezembro de 1832. Cremos que laboram em erro os autores do *Archivo Nobiliarchico Brasileiro* tendo o titulo sido concedido em 1852 e não em 1832.

O livro do Barão do Paty é precioso documento como pintura de sua época, cabe-lhe tanto maior autoridade quanto procede de alguem que nascera, crescera e envelhecera na lavoura. E com effeito, adolescente, presenciara a formação dos primeiros cafezaes fluminenses; homem feito, assistira ao surto magnifico daquella enorme lavoura sobre a qual se assentava a prosperidade do Brasil.

Homem de real intelligencia e notavel criterio, conhecia a fundo as cousas de sua profissão de lavrador que enricara largamente.

Escreveu a sua Memoria em 1874, quatorze annos antes de seu fallecimento, aos 66 annos de idade, e a 22 de novembro de 1861.

No Brasil inculto de seu tempo teve o livro notavel divulgação, em menos de um anno esgotou-se-lhe a primeira edição, prova de quanto fôra apreciado pela qualidade e valia dos conselhos ministrados.

Dedicando-o a seu filho Dr. Luiz Peixoto de Lacerda Werneck, mais tarde commendador de Christo, affectuosamente advertia o Barão do Paty ao filho que, vendo-o moço, formado e casado, sem nenhum conhecimento de agricultura brasileira, quizera guiar-lhe os primeiros passos de fazendeiro. Singelamente lhe dizia:

"Alguns momentos occupei-me em escrever esta *Memoria*, explicando-te os mais triviaes usos e costumes de nossa agricultura . Dedico-te este meu pequeno trabalho, afim de que possas, sem os obstaculos de que se acha rodeada a maior parte dos nossos agricultores, entrar na vida laboriosa que vaes encetar. Possa o céo fazer-te feliz, e dar-te tanta fortuna quanta te deseja teu Pae".

A' escolha das terras devia acompanhar o maior cuidado. O conhecimento da vestimenta era capital predicado para que o candidato a uma lavoura prosperasse.

Expendia o Barão do Paty:

"O conhecimento da qualidade das terras constitue grande vantagem para o lavrador que o tenha adquirido em relação a outro que careça das bases precisas para distinguir o bom do máo terreno.

As terras apreciam-se avistando-se suas florestas ao longe, principalmente nos mezes da primavera, em que a florescencia facilita a classificação dos vegetaes.

A folhagem das arvores, a configuração dos galhos e sua altura, a côr das flôres quando existem, fazem distinguir sua qualidade e natureza a notavel distancia".

A observação dos bons e máus padrões tornava-se indispensavel. Citava o provecto agricultor os que na região fluminense serviam de indices de fertilidade maior e menor.

"Entrando-se pelas mattas, á primeira vista de olhos, conhecia-se pela madeira a qualidade das terras, se bôa, média ou má.

A' primeira categoria denunciava a existencia do oleo vermelho padrão superior, os jacarandás-tan e roxo, o guarabú, a guararema, a guarapoca, a catinga de porco, a canella de sassafrás, o cedro, o jiquitibá, a larangeira, o arco de pipa, o páo-parahyba, a canella de veado, o sucupira, o tinguassiba e outros.

A's terras médias classificavam o guraçahy, a peroba, a cabiuna, o tapinhoan, a arucurana, a cangerana, o cataguá, a gurapiapunha, as canellas do brejo, preta e cheirosa, a guarauna, o ipê, as taquara-assú e póca, além de outras.

Nas terras inferiores encontravam-se muito tapinhoan, o ipy, o muricy, o páo-canudo (pereira), o bacupary, o milho-cosido, o negro-mina, muito caeté, a taquara de lixa, o cipó-timbó, a serapilheira, e outras arvores vegetaes, que não medravam em terra bôa".

Occorriam no emtanto excepções contra as quaes devia estar o lavrador prudente prevenido:

"Muitas terras bôas havia, que nos cabeços dos morros e das meias-laranjas apresentavam madeiras, abundantes em terrenos inferiores, e no emtanto lenhos de primeira qualidade para a construcção, como a guarauna, o ipy, a guarapiapunha. Nisto havia dupla vantagem, porque estes cabeços de morros e outeiros produziam muito café e mandioca, e depois de mais safados tambem excellente feijão e milho".

Achava o Barão do Paty que se tornava positivamente criminosa a attitude dos dendroclastas, conscientes e inconscientes, malbaratadores do patrimonio florestal brasileiro.

Assim desejava soltar um brado de alarme de homem civilizado que repercutisse por todos os angulos do Imperio.

A tendencia ao maior desperdicio era o apanagio de quasi todos os lavradores. Não só deixavam apodrecer as madeiras sobre a terra, podendo-as conduzir e recolher, como ainda lhes lançavam fogo com o maior sangue frio, como que se estivessem praticando heroica acção.

Sem duvida não se podia arrotear e cultivar as terras de nossas mattas virgens sem se lhes lançar fogo. Era porém indispensavel acautelar quanto possivel a ruina total de preciosidades que, reduzidas a cinzas, nenhum dos desflorestadores até a sua decima geração tornaria a encontrar nessa terra devastada. Para obviar esse inferno do fogo, nas grandes derribadas,

que em menos de uma hora deixavam em cinzas aquillo que a natureza levara seculos a crear, ordenasse o jovem fazendeiro aos seus derribadores que não deitassem abaixo um só madeiro de lei.

Eram estes os conselhos de homem civilizado que por intermedio do filho dava aos seus leitores fazendeiros.

"Logo que, chegasse a época das queimadas e fosse mistér lançar fogo e deixar arder esse immenso combustivel que cobria a superficie da terra, no dia seguinte logo de manhã mandasse alguns escravos percorrer o terreno queimado, e abafar o fogo lavrando nos páos de lei derribados com as chammas. Ficassem de pé aquelles que se conservavam erectos, até que o fogo dos troncos da derribada se apagasse. Então ahi se derribasse toda a madeira que ficara de pé, recommendando que a atravessassem e levassem aos logares de mais facil transporte. Fossem depois abertos os caminhos e recolhida toda a madeira em galpão, ou logo para aquillo para a qual tivesse prestimo; as de serraria para o engenho, e as demais para logar enxuto e secco".

Tal o furor dos devastadores da mattaria fluminense que o Barão do Paty do Alferes exclamava:

"Mette dó, e faz cahir o coração aos pés áquelles que estendem as vistas á posteridade e olham para o futuro que espera a seus successores".

Reclamava a intervenção governamental para combater aquella sequencia de actos determinados pela cegueira do atrazo dos contemporaneos.

"Fossem os fazendeiros obrigados a plantar ao longo das estradas e carreadouros de sua propriedade essencias como sobretudo o cedro, a timboyba, o pinho de Minas. Davam em 30, ou 50 annos, excellente taboado.

Um dos maiores garbos do lavrador experimentado foi sempre conhecer as madeiras ainda na matta, verdadeira pedra de toque do profissional da agricultura.

Expressivamente escrevia o nosso autor falando de um destes fazendeiros cheios de experiencia:

"Parecer-vos-á uma chimera, pois não é; elle vos apontará com o dedo sem discrepancia, e vos designará pelo nome toda essa preciosidade cujo conhecimento lhe vem, já pela folha, pela casca, a configuração dos galhos, e já pelo cheiro ou côr do cerne, se está a arvore secca".

Fazia depois o illustre fazendeiro a ennumeração das madeiras segundo o destino a se lhes dar para obras. E' valiosa por se referir a uma grande quantidade de essencias fluminenses desapparecidas do seu "habitat" secular substituidas pelos cafezaes, invasores inexoraveis:

"Para esteios, fosse procurado em primeiro logar o jacarandá-tan, a guaraúma parda, o ipê-merim, a maria-preta, o páo-ferro, o sobrasil, o assafrás, a canella preta, o sucupira. Em segundo plano a maçaranduba vermelha, o jacarandá rôxo, o arco de pipa, o tapinhoan, a peroba, o oleo vermelho, a arucurana, o negro-mina, o piê-assú e a guaraúna preta".

Para o ar e a construcção das casas e da serraria, e do engenho, recommendavam-se o guraçahy, o cataguá, a jundiahyba, os angelins amargoso e doce, o oleo-copahyba, o oleo jatahy, a carne de vacca, o guarabú, a guarapiapunha, a sapucaia, a meriniba, a canella, o milho-cozido e outras, tanto que não lhes desse o bicho e fossem logo para debaixo de coberta enxuta. Devia-se ter, principalmente com a madeira branca, todo o cuidado em fazer-lhe o córte no minguante da lua, e, se possivel fosse, de junho a principios de setembro.

As melhores portadas eram de cataguá, páu de diversos nomes. Em Minas chamavam-lhe mangaló, e em outras partes, pereira, de guarapiapunha, cedro, arucurana, cangerana, e canella do brejo. Estas madeiras tinham a vantagem de ser macias, receber facilmente o prego e não estalar com o sol. Outras muitas havia, porém, sem estas circumstancias.

Para taboado de soalho o vinhatico, o cedro, o vinhatico-cabelleira, e louro, o tapinhuan, a becuhyba, a cangerana, a rucurama, a peroba, o páo-cravo, a sucupira, a canella preta, a timboyba e o angelim amargoso.

Para os forros o jequitibá, a canella do brejo, a caixeta, a canella-batalha, a bacubixá, o louro, e outros.

Para portas, o vinhatico, o cedro, o louro, a cangerana, por serem leves e de facil trabalho.

Para machinismos ou maçames, o oleo vermelho, os jacarandás-tan e roxo, a sucupira, a guarapiapunha e o oleo parnahyba.

Para as rodas de agua, o tapinhoan, a sucupira, a guaraúna, o oleo vermelho, a peroba, e, á falta destes, o louro preto, a merindiba o páo-cravo, o cedro, o cataguá.

Desde que o fazendeiro adquirisse matta a derrubar para a abertura da nova fazenda apresentava-se-lhe primordialmente o problema da escolha da séde desta. E isto lhe era imposto capitalmente pelas condições de aguada para o assentamento de sua casa de machinas cujo motor devia ser de preferencia hydraulico.

No seu tempo as turbinas e as rodas Pelton não se conheciam. Dizia o Barão do Paty, explicando a causa precipua, á primeira vista inexplicavel, da séde de muitas fazendas:

"O primeiro cuidado do fazendeiro, que de novo vae fundar um estabelecimento rural, deve ser procurar aguada, e, encontrando-a, tirar o nivel dessa, com a direcção á mais vantajosa localidade.

Entretanto, se a disposição do terreno não permittir essa escolha, sujeitar-se-á o lavrador ás circumstancias, e fundará a fazenda á feição da altura que a agua alcançar em condições de constituir o mais possante motor. Pois, como é sabido, as rodas hydraulicas variam de força ou velocidade, conforme o ponto, a circumferencia em que se opera a acção do fluido, dado que seja o mesmo volume de agua a actuar em tempo tambem dado.

Assim as rodas de eixo horizontal tocadas por *cima,* pelo meio e por baixo, marcham com força e velocidade diversas, quando sujeitas á mesma e determinada torrente; outrosim a construcção e disposição dessas rodas variam conforme o ponto em que é possivel receberem a acção do motor.

As vantagens de machinas que funccionem com efficacia explicam, pois, existencia de muitos e grandes estabelecimentos que carecem de aformoseamento, sendo a miudo os lavradores obrigados a preferir situações alcantiladas, onde com grande trabalho e dispendio ergueram-se, e ainda hoje se erguem edificios que dependem de grandes aterros, excavações e grossas muralhas".

Escolhido o local da casa de machinas devia o novo fazendeiro fixar o das demais bemfeitorias.

"Determinada a séde das machinas, convem que o lavrador trace ou faça traçar a planta da fazenda, com designação da casa destinada á sua residencia, á do pessoal livre e escravo, e comprehendendo não só as machinas necessarias á especialidade agricola, a que se destinar, como tambem paióes, armazens, estrebarias e mais habitações dos animaes domesticos.

Então cuidar-se-á na construcção ligeira de uma casa para morada temporaria do agricultor, e de tantas quantas fôram precisas para accomodar o pessoal, e na de paióes e armazens provisorios, mas de modo a não embaraçar ou comprometter a execução futura da planta da fazenda".

Vinha depois o cuidado com a factura do rego alimentador do engenho.

A serra era de capital importancia; uma boa serraria reduzia de metade as despezas de installação de uma fazenda. Depois da serra o engenho de fubá "alimento sadio".

E não se esquecesse o lavrador de se esmerar na construcção das casas dos aggregados e das senzalas:

"Devem estas ser voltadas para o poente ou para o nascente, divididas em compartimentos de vinte e quatro palmos

quadrados, (s.c. em quadra 4,84 × 4,84) e tendo na frente uma varanda de oito palmos (1m,76) de largo".

Comquanto a architectura rural não dictasse ainda no Brasil regras fixas, era todavia fóra de duvida que uma tal ou qual elegancia não se mostrava incompativel com a economia que devia presidir a todas as construcções a serem levantadas em uma fazenda. Por outro lado as prescripções de hygiene não elevariam por certo, o custo das obras. Assim a humidade, um dos inconvenientes do clima fluminense, forçava o lavrador a que procurasse situar as habitações no logar mais secco e enxuto do estabelecimento, pois constituiam os escravos a maxima parte de sua fortuna, como de ordinario acontecia e assim devia elle, fazendeiro, reflectir que da conservação de seus captivos e da de sua saúde e bem-estar dependia a prosperidade da sua industria. Entretanto alguns agricultores, não attendendo aos interesses proprios e os mais legitimos conservavam os escravos em verdadeiras cloacas humidas e mal ventiladas, onde adquiriam molestias ou incommodos insidiosos, que, rapidamente, os levavam ao tumulo.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO LXXXV

As obrigações do administrador de uma fazenda de café, segundo o Barão do Paty do Alferes — Precioso quadro de costumes — As normas do trabalho — Os furtos de café — Castigo dos receptadores. — Permanencia no eito — Os serões — A ferramenta dos escravos — As officinas da fazenda — A tirada de madeira

O capitulo da "Memoria" do Barão do Paty do Alferes — "Obrigações do administrador" é precioso quadro de costumes traçado por autoridade a mais abalisada.

Passasse o administrador diariamente e ao romper do sol em previa revista, a sua escravatura, para ver os que faltavam tomando nota dos ausentes se por enfermos, se por omissão ou fuga. Désse alta aos restabelecidos do hospital e a este recolhesse os que se achavam enfermos; observasse se os escravos tinham ferramenta propria do trabalho do dia, a cujo respeito as ordens deviam ser dadas de vespera.

Feito isto immediatamente os mandaria persignar-se e rezar duas ou tres orações, e seguir logo para o seu destino, acompanhados pelo feitor.

Em seguida iria ver os doentes, e á falta de enfermeiros ordenar os remedios que se achassem no diario do professor assistente; passaria a mandar tratar dos animaes domesticos, mandando-lhes dar as rações do costume e inspeccional-os; iria logo ao moinho temperal-o e mandar por-lhe milho, que devia ficar, de vespera, em forno aquecido; percorreria as fabricas que se achassem em movimento, e daria ordens a tal respeito.

Montaria logo após a cavallo indo ver as roças, demorando-se todo o tempo possivel no logar em que se achassem os trabalhadores, observando se o serviço era bem feito, o capim bem arrancado, os roçados, com todas as arvores, bem decepadas, os cipós bem cortados etc., etc.

Seguiria depois para os terreiros de café, se fosse época da colheita, a ver se estavam sendo bem mexidos, e se nelles havia falta feita pelos ratoneiros.

Esta questão dos desvios de café do terreiro era das cousas mais frequentes e mais irritantes.

Exasperavam, e com toda a razão, aos fazendeiros e seus prepostos immediatos.

Eram os escravos "puladores do quadrado" os que realizavam taes furtos, reprimidos, geralmente, da maneira a mais severa quando se deixavam apanhar.

Os receptadores do café furtado vinham a ser geralmente pequenos vendeiros de beira de estrada, de ordinario portuguezes, que adquiriam alguns kilos de café em côco pagando-os miseravelmente aos pretos, a troco de aguardente e uma ou outra bugiganga.

Nas vizinhanças das fazendas ou nos pontos de confluencia de estradas que serviam a grandes propriedades, estabeleciam-se estas vendolas, cujos donos, frequentemente, dentro em pouco passavam a ser committentes de commissarios do Rio de Janeiro e de Santos, ás vezes assaz avultadamente.

A's vozes populares augmentavam, como de costume, o vulto de taes remessas e era frequente dizer-se que taes e taes vendeiros despachavam aos portos milhares de arrobas de café quando não possuiam um unico cafeeiro. Havia naturalmente em taes affirmativas grandes exaggeros. Era frequente que taes vendeiros negociassem licitamente com o genero adquirido, partidas de café por conta propria, enviando-as aos seus commissarios.

As cousas chegavam ás vezes ao ponto de levarem os lavradores a como que a execução summaria dos incriminados receptadores.

Assim nos recordamos de uma scena destas occorrida nas vizinhanças de 1880, pittoresca pelo que representa como quadro de costumes.

Em municipio de grandes lavradores, estabelecera-se um portuguez, que muito rapidamente prosperara. Dentro em pouco corria a fama de que enriquecia notavelmente. Falava-se que toda esta prosperidade provinha do desvio do café das grandes fazendas, suas vizinhas. Falava-se que o estrangeiro remettia annualmente cinco mil arrobas de café, e mais até ainda, a uma firma portuaria.

A sua antiga vendola augmentara sempre e de tal modo lhe corriam as cousas que mandara construir extensa rancharia para os seus depositos contiguos a casa principal de negocio já muito acrescida de appendices com armazens.

Inaugurou o receptador num domingo as suas novas installações com grande estrepito de foguetorio e libações bacchicas da caboclada da redondeza num "samba e bate-pé de arromba". Alguns dias mais tarde via rodearem-lhe a casa numerosos fa-

zendeiros acompanhados de avultada escravatura tangendo muitas juntas de bois carreiros.

Dominado pelo numero, assistiu, o comprador de furtos, espavorido, e a pedir misericordia em todos os tons, a demolição completa de seu casario novo, operação que se effectuou de modo pittoresco.

Aos diversos esteios se prenderam correntes, ás quaes deviam puxar diversas juntas dos possantes bois, agindo simultaneamente em todos os outões. A um mesmo apito desaprumaram-se os esteios e o telhado fragorosamente ruiu sobre os depositos do vendeiro.

E para que não procurasse ficar com os salvados do desastre completou-se a operação com a kerosenagem das ruinas e a subsequente calcinação de todo o sortimento do homem.

E ainda como complemento ouviu o executado, transido de horror, o ultimatum de jámais voltar áquellas paragens, sob pena de ser passado a bacalhau.

De um dos circumstantes a esta scena, jovem fazendeiro que mais tarde seria influencia politica, acabando parlamentar e titular do Imperio, ouvimos a descripção da scena, vivazmente narrada em todos os pormenores.

Tão inveterada era porém a paixão pelo receptamento do vendedor castigado que alguns annos mais tarde operava, no mesmo genero, em zona aliás muito distante do primitivo theatro de suas façanhas e em outra provincia do Imperio.

Trocara de nome mas não de commercio, contou-nos o Barão de...

Voltemos porém a acompanhar o que ensinava o Barão do Paty do Alferes no seu manual do perfeito fazendeiro de café.

Sahindo do terreiro devia o administrador dar uma vista de olhos pelas roças de milho, feijões, mandiocas, etc., afim de observar o seu estado e ver se as cercas estavam boas e se os animaes da propria fazenda ou os do vizinho não estragavam as plantações.

Acabado este trajecto, iria ver se os falquejadores do matto (se os houvesse) cumpriam seus deveres. Se a madeira tirada era de boa qualidade e se não havia desperdicio; se seria ou não preciso compor as picadas e mandar fazer os caminhos para se conduzir a madeira ao local da obra.

Este trabalho de tirada de madeiras, picadas e caminho devia ser realizado por pequeno numero de escravos e dos melhores da fazenda, pois a pratica demonstrava que quanto maior o numero de camaradas menos rendia o serviço. Igual systema se usaria quanto aos reparos de cercas e outros misteres, salvo

urgente necessidade, em que era conveniente empregar muita gente. Ahi, com esta turma grande, devia ir um feitor.

O administrador sempre que se tivesse de puxar páus pesados e tirados em logar arriscado devia, ir em pessoa, para que a sua presença impedisse algum desastre, evitando que se não pisassem os escravos ou animaes, acautelando que a peça de madeira se não precipitasse e se tornasse então difficil tiral-a como muitas vezes, e por descuido succedia.

Mas não se concluira a sua faina afanosa com o declinio do dia. Havia ainda as providencias para o horario nocturno.

O administrador, de noite, quando chegasse a escravatura, devia de novo formal-a, passar-lhe segunda revista, ver se trouxera capim para as cavalhariças, ou lenha para si, ou para o gasto da casa grande, se della alli precisassem.

Ordenaria então o serão da noite, ou no paiol ou no engenho de mandioca, unicos que a humanidade (sic!), e o interesse, tolerariam, porém que não excedesse das 8 1/2 ás 9 horas.

Findo o serão, iriam os escravos ceiar, e logo depois recolher-se ás senzalas, prohibindo-se que sahissem até o toque da chamada da madrugada. Todo o escravo que infringisse este preceito policial deveria ser castigado, conforme a gravidade do caso, porque os passeios nocturnos vinham a ser a causa de muitas molestias nos escravos e prejuizos para o fazendeiro.

Muito interessante o capitulo que o Barão do Paty do Alferes consagra a descripção do apparelhamento dos escravos, trabalhadores ruraes.

Cada homem devia ter uma foice grande, chamada de meia roça, uma foicinha, uma enxada grande e outra pequena; mas as foices e foicinhas deviam ficar guardadas, e só seriam entregues quando começasse a haver roçados, ou occorressem serviços reclamando-lhes o uso.

A's mulheres bastava ter enxadas e foicinhas, salvo se fossem tambem aos roçados, como alguns fazendeiros queriam. O memorialista não adoptava este systema, escolhia, para tal trabalho, homens robustos.

Toda a ferramenta de córte devia estar encabada, e guardada, sempre prompta á hora em que della se precisasse. Era necessario ter toda bem amollada, do contrario o trabalhador mortificava-se, dava bordoada de cego, e a madeira ou silvado resistia-lhe. Sobre este ponto de muita importancia havia em geral incuria, por parte dos lavradores.

"Tenho visto em algumas fazendas lotes de escravos com foices ou machados, que em verdade admiram, declarava o Barão do Paty. Estão sem córte, muito mal encabados, e assim mesmo lá vão para o trabalho. Que fará porém, um pobre trabalhador agarrado a uma foice ou qualquer ferramenta que não corta? Metade do que deveria fazer! Mandai na vespera amollal-a bem, passai-lhe inspecção rigorosa, fazei voltar aquelles que não a trouxerem bem amollada até que venha em termos".

O melhor meio para se vazar bem a ferramenta, era comprar um rebolo cuja pedra tivesse tres palmos de diametro, e montal-a sobre um cocho com uma manivela de ferro. Mandasse o fazendeiro ensinar a um ou dous escravos a amollar alli a ferramenta. Num instante dava-se-lhe o córte, e sem o inconveniente de andarem os escravos á noite pelo rio ou em outro qualquer logar a amollar ferros, que assim nunca ficavam bons.

As melhores enxadas deviam ser como as usadas em Minas, calçadas de aço com dez pollegadas portuguezas embaixo, oito da parte do olho e outro tanto de alto. Estas enxadas faziam dobrado effeito que as outras, já raspando as terras nas capinas leves, já cortando as raizes nos capinzaes maiores, já nas facturas de caminhos e cavas. Quando pequenas, por gastas, serviam para chegar terra ao feijão, ao arroz e outras plantas, semeadas juntas. A estas as enxadas novas cortavam ou offendiam por serem largas.

Os cabos das enxadas deviam ter seis e meio palmos de comprimento, o das foices seis, os dos machados cinco, os das foicinhas duas, os das cavadeiras sete; fosse toda esta ferramenta bem encabada. Para que ficasse bem segura era necessario que o cabo estivesse já cortado de seis mezes, e bem secco. Os das enxadas apertavam-se com uma cunha de madeira secca e forte. O feitor, na roça, devia ter sobresalente destas cunhas para de prompto supprir ás que sahiam das enxadas.

No methodo de manejar a ferramenta estava tambem o avanço do serviço. Um homem que soubesse manejar uma foice fazia dobrado serviço do que outro que, aliás trabalhando muito, désse golpes perdidos por não lhes imprimir a direcção necessaria; o mesmo acontecia com o derrubador e o trabalhador de enxada.

Era pois, necessario ensinar á escravatura a trabalhar, aproveitando os golpes, e com o emprego da força necessaria. Senão teria o fazendeiro immenso prejuizo. Aquillo que se poderia fazer em quatro dias não se acabaria m sete ou oito.

Além desta ferramenta, precisaria haver no armazem algumas alavancas, alviões, marretas e picaretas para tirar a pedra necessaria ás obras ou para romper caminhos e tiradas de regos, quando se encontrassem pedreiras, e além disto algumas brocas, soccadores e agulhas para cavouqueiros.

Tivessem os lavradores logo, o cuidado, de pôr alguns escravos moços a aprender os officios de carpinteiro, ferreiro e pedreiro; em pouco tempo estariam officiaes, e disporiam os senhores de operarios, aproveitando-se compensadoramente o tempo despendido na aprendizagem.

Não se esquecessem de ensinar tambem a algum oleiro, de telha e tijolo para o gasto da fazenda.

CAPITULO LXXXVI

Escolha da terra para os cafesaes — As carpas annuaes — A colheita — Os terreiros — As machinas de beneficiamento — O despolpamento — Methodos de beneficio — A questão da poda dos cafesaes

No capitulo consagrado á plantação e tratamento do café condensou o Barão de Paty os dictames da longa experiencia de fazendeiro apaixonado de sua nobre profissão, cheio de criterio que tanto o fizera prosperar notavelmente.

Assim tal capitulo vem a ser verdadeiro compendio da sciencia agronomica cafeeira de seu tempo, entre os grandes lavradores fluminenses.

Falando da escolha das terras para os cafezaes aconselhava o nosso autor:

"Sua plantação deve ser feita em meias-laranjas ou morros; as varzeas não são os melhores terrenos para a sua duração. São mais abundantes os do nascente, do poente e do norte. Os voltados ao sul abundam muito em folhagem, crescem muito as arvores e dão pouco fructo, porém em compensação aturam mais, e sempre verdes e robustos, carecendo, por consequencia, dar-lhes mais largura do que se dá aos outros".

A questão das capinas ou carpas tinha capital importancia, inutil parecia lembral-o. Assim recommendava se limpasse, o cafezal todos os annos, tres vezes de enxada, sendo a primeira limpa em março ou abril, a segunda em setembro ou outubro, para se lhe plantar o milho, que devia levar emquanto não tivesse coberto toda a terra; a terceira em novembro ou dezembro, pouco mais ou menos. Tudo isto differia naturalmente conforme as condições do clima da fazenda, visto como estas limpas deviam ser na proximidade da colheita, na época em que o cafeseiro deitava a flôr, e em que o grão queria sazonar-se.

Sobre a colheita expendia o grande fazendeiro os seguintes conceitos:

"A colheita varia conforme a abundancia da fructa; se esta fôr rara ou desigual, um apanhador não póde ás vezes dar mais

do que um a tres alqueires; porém, se fôr abundante ou tornar-se toda madura, então deve a tarefa passar a cinco, seis e sete alqueires. A's horas de medir, ao entrar do sol, o administrador, deve estar presente afim de fazer castigar aquelles que não deram a tarefa, graduada conforme o estado do café e as forças do individuo".

"Um dos melhores expedientes que (em principio quando os meus escravos não sabiam apanhar o café) estabeleci, e de que tirei muito bom resultado, foi o dos premios, *verbi gratia* marcava cinco alqueires como tarefa, e dizia-lhes todo aquelle que excedesse teria por cada quarta 40 réis de gratificação; com este engodo, que era facilmente observado, consegui que, esforçando-se, habituassem-se a apanhar sete alqueires, o que ficou depois estabelecido como regra geral".

Recommendava depois o Barão e muito um processo que não parece haver feito carreira e recorda a technica moderna da colheita natural tão preconisada ultimamente.

Um dos melhores meios que havia para se avantajar a colheita era o emprego dos toldos.

Fossem estes feitos de algodão grosso de Minas, bastando para cada um vinte e cinco varas. Devia regular cada qual, quando assim determinado, vinte palmos em quadra.

Depois de esquadrejado e cozido o panno, fazia-se pelo meio de um dos quatro lados uma abertura que ganhasse o centro. Guarnecia-se esta abertura com tiras de sola. A um dos lados prendia-se por meio de arganeos de corda firmados na sola ligeira peça de madeira, um páo que tivesse de ser preso pelas extremidades em dois boccaes feitos tambem de sola, e existentes no outro lado da abertura.

Quando se quizesse empregar o toldo, enfiar-se-ia a abertura até o fim della, no pé de café, e isto feito, prendiam-se as extremidades do páo nos dois boccaes fronteiros, nelles amarrando as sobras das cordas que o atavam.

O essencial era procurar um meio rapido e seguro de obter que o toldo offerecesse uma superficie unida, capaz de vedar a sahida do café que dentro delle cahisse.

A cada ponta do toldo estava presa uma corda de linho de oitava de pollegada com oito palmos de comprido; amarravam-se estas pontas nos pés de café que ficavam á roda daquelle que se ia apanhar, levantando mais da parte de baixo, se houvesse declive no terreno, de forma que ficasse uma especie de curva, para a qual devia correr o café apanhado; entrassem os apanhadores dentro do toldo, e despencassem o café, que cahia todo limpo sobre elle. Cada toldo occupava quatro apanhadores, um

dos quaes, porém, pouco fazia, porque quasi levava todo o tempo em carregar o café apanhado para o logar do deposito. Quando se acabasse de tirar todo o grão maduro, fosse o toldo desatado e o colhido despejado em um jacá, o qual, apenas cheio, era levado ao monte, ou deposito, por um dos trabalhadores.

Dava este methodo um resultado de trinta a quarenta alqueires diarios.

Apresentava um inconveniente porém, ser preciso andar atraz uma pessoa que apanhasse o grão derrubado em terra, e que não podia exceder de um a dois alqueires. O toldo arruinar-se-ia se não se estendesse á noite no caso de se molhar.

O recolhimento do grão, recommendava o nosso agronomo, assim se effectuasse, a empregar, para a designação do trabalhador rural, o substantivo *praça* que desappareceu da technologia moderna.

"Se o logar da colheita está longe de casa, no dia seguinte os carros, ou bestas, devem conduzir o café, apanhado na vespera, para o terreiro, que deve ser sempre o mais proximo possivel de casa se não fôr na séde da fazenda, e se elle está perto, os mesmos pretos de madrugada o devem trazer para esse logar. No acto da colheita deve-se fazer o deposito perto do logar onde ella se faz, de forma que o trabalhador se não estorve em leval-o muito longe, o que transtornaria a sua tarefa. E' necessario que cada praça tenha em principio da colheita um jacá de alqueire e um samburá de quarta com que elle apanha pendurado ao pescoço, e que logo que está cheio vasa sobre o maior até o encher e então o vae deitar ao pé do logar em que se ha medir ou designado para deposito.

Cada praça põe o seu café em separado, até que seja medido e lançado em um só monte".

O modo pelo qual o Barão do Paty fala dos terreiros mostra-nos que se refere aos de terra e não aos atijolados ou cimentados.

O terreiro deveria ser feito com algum declive, bem direito e duro, afim de escorrer facilmente com as aguas e não enterrar o grão. Depois de uma chuva, precisaria, no dia seguinte, ser o café mexido com um rodo, e descobrindo-se parte do terreiro posto em cordões, ou junto, em montes de alqueire, o que permittiria a acção do sol e do ar; dahi a quatro horas, estando já enxambrada a parte do solo descoberta, puxar-se-ia o café para esta com o mesmo rodo, descobrindo-se assim o logar em que estavam os cordões ou montes, afim de tambem os seccar.

Logo que se conseguisse este fim, espalhar-se-ia outra vez o café por toda a superficie do terreiro, tendo o cuidado de o mexer com o mesmo rodo ao menos duas vezes por dia.

— 5

Quando um terreiro comportava mil e quinhentas a duas mil arrobas, não podia dispensar duas pessoas para um bom beneficio, e neste caso o café, em 20 a 25 dias, estaria em termos de ir aos pilões, o que se não devia fazer sem que se mostrasse bem secco e estalasse no dente. Se não estivesse bem secco, e fosse recolhido, perderia na côr, e por consequencia alcançaria menor preço no mercado, além do descredito em que necessariamente iria cahir. Cada cinco quartas, depois de secco, devia dar uma arroba. Tambem se graduava na colheita verde a dois e meio bem calculados.

Logo que a colheita estivesse a meio realizada notava-se muito grão no chão. Não se podia então dispensar, além do jacá e samburá, uma peneira para coar a terra que vinha envolta com o grão derrubado, e se varria, a um só ponto, a um lado do cafeeiro.

Pelo que referia o nosso agronomo recente era na lavoura fluminense a operação do despolpamento.

Recommendava-a muito o lavrador:

"Ha annos a esta parte que se tem começado a despolpar o café, ao qual hoje na praça chamam lavado; os primeiros que assim o preparam bem obtiveram duplicado preço do outro, mas hoje vae elle cahindo e quasi igualando-se ao antigo. Não obstante, é preferivel a sua preparação á do outro, não só pela melhor qualidade como por levar menos tempo a seccar e fazer-se o seu processo á vista do dono e nos terreiros de casa; obstando-se por consequencia ao escandaloso roubo que ha nos terreiros das roças".

Antonio da Silveira Caldeira, autor de uma memoria sobre a cultura e preparação do café, inventara um despolpador que o Barão do Paty achava bom mas muito fragil exigindo machinista habil para o seu manejo.

Melhor era o que fornecia certa fabrica carioca da Saúde. Sobre a conserva dos cafezaes eram estas as idéias do reputado autor:

"O café devia ser plantado nas terras seccas, ou soalheiras, de 12 palmos (2m,64) de distancia, nas de meia força de quatorze (3m,08), e nas superiores e maçapés de dezeseis (3m,52). Corriam opiniões de que se deviam abrir quinze dias antes as covas, para que a arvore pegasse bem; o essencial estava porém em ser ella plantada com a terra bem molhada e ter bem apertada a raiz. Assim effectuara o autor plantações grandes, sem perder quasi uma só cova.

O cafeeiro devia ser decotado entre os dezeseis e vinte e cinco annos. Nos lugares demasiadamente quentes, ou de terras fracas, envelhecia mais depressa; em outros, aos vinte e cinco

annos, ainda dava optimas colheitas. Logo, porém que se apresentasse cheio de varas e limo, e com a brotação fraca, convinha cortal-o. Alguns o faziam, tendo elle quatorze annos.

"Acho pouco, e por isso costumo fazel-o quando está de todo velho", expendia o velho lavrador.

"Ainda existe hoje, em frente á casa de meu pae, um cafezal que foi decotado tendo trinta annos, e ainda entre elle se encontram optimas arvores e carregadas de fructo; forçoso foi fazer o decote em todo o veio com tal força que figurou em breve uma plantação nova. Hoje tem quarenta annos, e ainda dá soffrivelmente."

Para o decote, o podador, armado de fouce, e machado, tiraria com a fouce, de alto a baixo, todos os galhos finos, e depois das varas mestras limpas, deviam ellas ser cortadas pelo meio. Finda esta operação fosse o tronco cortado a machado, rente com o solo, fazendo-se-lhe um topo horizontal. Desviando-se depois os galhos, ficasse este descoberto. O corte dos galhos finos não era senão para que mais facilmente apodrecessem e estrumassem a terra. O terreno, assim limpo, devia ser capinado e plantado de milho ou mandioca.

Ao cabo de dez ou doze mezes, apresentavam os grellos dos tocos dois ou tres palmos; fossem então tirados os mais finos deixando-se só tres ou quatro dos rebentões mais fortes. Fosse tambem coberto com terra o toco, que para isto se mandava cortar, rente com o solo. A cepa assim coberta deitava raizes nas quinas, os rebentões subiam com dobrada força e em breve estavam dando fructo.

A cepa insistiria em deitar novos brotos, tirassem-se-lhos sempre, deixando apenas os primeiros escolhidos. Veria então o fazendeiro novas e abundantes colheitas do velho cafezal remoçado.

Alguns podavam um palmo acima do chão; além de não ser o processo vantajoso, deixavam todos os grelos, cuja abundancia tirava toda a força ao tronco, que em breve se tornava esteril.

A melhor forma de se plantar os cafeeiros era alinhal-os de modo a se formar, no cabeço do monte, um esquadro, cujas quatro linhas servissem de mestras para todo o alinhamento. Este methodo era melhor para facilitar as capinas e as colheitas, cabendo cada carreira a um trabalhador ou apanhador, a ser responsabilisado se não cumprisse o dever.

A operação essencial da boa secca e do subsequente beneficiamento mereciam toda a attenção e cuidado do lavrador que não quizesse depreciar o seu producto.

Dizia o Barão do Paty, descrevendo os processos que em seu tempo eram, a seu ver, os melhores.

"Conhece-se que o grão está secco, quando tem a cor azeitona de Elvas, e bem por igual, sem que apresente mancha no meio, e que trinque no dente. Quanto mais secco, de melhor qualidade se torna, e por isso nada se perde em seccal-o bem."

Depois de secco precisava ir aos pilões.

"Uso socal-o pelo maior passal-o no ventilador, coal-o depois por uma peneira grossa, a que alguns chamam *poruca* e outros *broca,* que deixa passar só o grão limpo, retendo todo o *marinheiro* que torna ao depois a voltar com o outro café em coco aos pilões. Depois desta primeira passagem, do assopramento e coadura, volta aos pilões a limpar, torna ao ventilador, e vae depois a escolher, tirando-se-lhe todo o podre e alguma pedra."

Alguns annos mais tarde esta technica achava-se obsoleta e substituida por outra de muito maior efficiencia, pretendia o annotador da reedição da *Memoria,* a recommendar o ventilador Miers e um descaroçador inventado pelo Barão do Piabanha.

A precipitação dos apanhadores era uma das causas mais sérias de deterioração do producto, dizia o Barão do Paty, que ainda expunha outros motivos de depreciação.

Apparecia, em certos annos, excessiva proporção de café escolha, e isto succedia muitas vezes por carregarem as arvores em demasia. Por este motivo não sazonava bem o grão, que já assim vinha deteriorado para o terreiro. Outras vezes era isto porém devido a colherem os apanhadores muita fructa verde não ainda sazonada. E outras por ter sido o café mal beneficiado nos terreiros, não revolvido a tempo. Não consentissem pois os lavradores que se apanhasse a baga sem estar amarella, querendo amadurecer. Os apanhadores, com o desejo de concluir a tarefa, tudo agarravam, ripando as arvores e tirando-lhe até as folhas, o que lhes fazia muito mal.

No acto de ensacar o café fosse elle novamente passado nos pilões; chamava-se a esta operação brunir, pondo-o reluzente e bem limpo. Tirava-lhe ainda o ventilador algum pó, e o producto ficava com excellente aspecto.

Com o tempo, as variações da moda o consumo passaria a querer mais cafés claros do que escuros e a operação do burnimento seria abandonada, annota o mesmo commentador. Como na época havia poucos terreiros cimentados a lavagem do café se fazia depois do grão secco e não antes de ir para os terreiros como se procederia depois, pelo menos nas fazendas.

Minuciosamente explica o Barão do Paty esta operação separadora, indispensavel aliás para os cafés, envoltos em terra, como vinham.

Pela descripção que nos deixou verifica-se como era primitivo ainda o apparelhamento mecanico das maiores fazendas do seu tempo.

"Uso, logo que está secco, em termos de socar, lavar o café em um grande cocho, para lhe tirar a pedra e terra, porque fica então só com o café podre. E' preciso fazel-o de manhã cedo e que não passe das 9 horas, porque depois já não haverá tempo de seccar em o dia, o que succede sempre, se é bem mexido. Sobre o coche corre uma bica de agua, se a ha, senão carrega-se em barris e consecutivamente, o que aliás é uma calamidade.

Em uma extremidade deita-se o café, uma pessoa mexe-o ali bem com ambas as mãos, e empurra-o para baixo; tres outras armadas de peneiras, apanham o grão, mettendo-as por baixo, e suspendendo-as fóra da agua, que escorre. Atiram então com elle em um taboleiro que lhes fica nas costas, voltando-se de lado; deste taboleiro é tirado o café em jacás para o terreiro; em 3 horas costumo lavar, com 12 pessoas, cerca de trezentas arroubas."

Tambem se podia fazer a lavagem por outra forma; o cocho devia ser então quadrado, do comprimento de 16 a 20 palmos (3m,80 a 4m,40) tendo cabeça em um só lado, no qual precisava existir uma bica com dois palmos (0,44) de bocca e um de fundo; ali corria uma porção de agua. O cocho teria algum declive para o lado opposto, que servisse de sahida, e em cuja extremidade existissem, de cada lado, pregadas, duas reguas separadas por tres dedos uma da outra, formando calha.

Cortavam-se páos redondos com um comprimento certo, e entrando bem nesta calha; nella ficava um unico chegado ao fundo, os outros punham-se em reserva; deitava-se em cima na bica o café, corria elle e cahia no cocho.

A pedra ficava no fundo deste e parava junto ao torno atravessado nas duas calhas da bocca. O café subiria por cima cahindo sobre uma grande esteira de taquara pregada fóra, em uma grade de madeira, com cavidade por baixo, dando, por um lado, sahida ás aguas que vasassem pela esteira, deixando o café secco.

Naquelle ponto convinha estar um servente com um rodo a puxar o café, já lavado, sobre outra grande esteira, contigua, de onde seria tirado e conduzido ao terreiro, e logo espalhado. Quando o primeiro torno estivesse a cobrir-se de pedra, fosse posto num segundo dos que estavam em sobresalente, e assim por diante até encher-se o cocho. Cessasse então a entrada do

grão, fossem outra vez tirados os tornos um por um. Cahiriam as pedras precipitadas sobre a esteira, a agua arrojaria para diante o café sem pergaminho, que descera ao fundo com a pedra; um servente com a mão iria desviando o café, e tirando-o para fóra, e em pouco estaria o cocho vasio recomeçando-se a lavagem. Por esta forma podiam lavar-se 600 arrobas até as nove horas da manhã.

O annotador da segunda edição lembrava que alguns annos mais tarde immenso haviam se multiplicado e melhorado estes processos de lavagem. Lavado e enxuto ia o grão ás machinas beneficiadoras que no tempo eram o monjolo, o engenho de pilões, movido por força hydraulica e a *riba* chamada no Norte de S. Paulo *ripes* e *ribas* e no Oeste paulista *carretão*.

Explicava o agronomo que alguns lavradores socavam o café em monjolo, quando dispunham de muito pouca agua; outros, por falta inteiramente della, usavam do engenho de pilões, tocado por bois; outros da *riba*, movida por bestas; porém o melhor sempre era o engenho de pilões, impellido pela agua. Em todos deviam haver ventiladores, tocados á mão ou a agua. Sobre qualquer destes machinismos ia havendo aperfeiçoamento.

Gabava-se muito o invento de engenhoso mecanico certo João Frederico Richsen que offerecia uma machina destinada a adiantar a socca do café.

O corpo do engenho apresentava um sobrado com um pilador feito de madeira de topo, com trilhos de ferro, movido por uma lanterna com fusis. Estes, impellidos por um rodete, giravam, com espantosa rapidez, mas com tal "docilidade", que se não ouvia bulha alguma. O café cahia por uma moega no pilador, que lhe quebrava toda a casca e corria por uma bica direita ao logar do engenho dos pilões e proximo do ventilador, onde era lançado assim com a casca quebrada. Soprava-se esta, e deitava-se-a então aos pilões, cujas mãos eram movidas por segundo eixo, tocado com rodas de ferro, uma na cabeça do eixo da roda d'agua e outra naquelle. Em um instante estava o grão soccado, preparando-se, por este modo, cerca de 400 arrobas diarias.

Voltando a tratar da lavagem do café, explicava o Barão do Paty a causa principal que o levava a pratica desta operação, a seu ver absolutamente essencial:

"Como acima disse, uso lavar o café depois de secco (entende-se não é o despolpado), e a razão não é só por ficar sem pedra e torrões de terra, é tambem por se lhe tirar o immenso pó que tem agarrado á casca, e que desenvolvendo-se nos pilões, une-se ao grão, que, ainda que vá a brunir, não se limpa, e fica sem a côr primitiva. Para conhecimento exacto desta as-

serção, pegai em um punhado de café, já de todo prompto, envolveio-o em um lenço branco, esfregai-o bem, e vereis o lenço sujo de uma côr preta ou vermelha."

Constituem estas palavras mais um depoimento comprobatorio do que outr'ora se dizia ao se affirmar que o café do Brasil tinha accentuado gosto de terra.

CAPITULO LXXXVII

O cultivo dos "mantimentos" nas fazendas de café — As roças de milho, feijão, arroz e mandioca — O cannavial — As tuberosas brasileiras — O emprego do arado — O estrago das terras pelas queimadas — A creação de animaes domesticos — Zootechnia antiga

Um dos maiores titulos de gloria de nossos velhos fazendeiros era que suas propriedades só precisavam — para manter seus proprietarios, aggregados e escravatura — da importação de sal, ferro e polvora. Tudo o mais produziam e fartamente.

A parte capital das industrias subordinadas do plantio do café vinha a ser a producção dos mantimentos, sobretudo do milho, arroz e feijão. Tratando da primeira graminea expressivamente dizia o Barão do Paty do Alferes:

"E' o milho o alimento mais necessario ao lavrador de Serra acima, com elle se nutrem os escravos, a tropa, os cavallos, os porcos, os carneiros, gallinhas etc. etc. Deve-se ter o celleiro, onde se guarda, bem provido, e haver a maior cautela na sua sementeira, que deve ser em terras da melhor qualidade."

A proposito da lavoura do cereal aconselhava:

"Os roçados, se em derribada, devem ser feitos de Maio até Julho afim de se queimarem até Agosto, e se em capoeiras, de Julho até meados de Agosto". Se a plantação tivesse de se fazer entre cafezaes novos, limpar-se-iam estes em Setembro, devendo-se logo plantar o milho á proporção do trabalho feito.

A melhor época da semeadura do grão em terras frias era em Setembro, e nas quentes no mez seguinte. Alguns até em Novembro tiravam bom resultado, quando os sóes de Janeiro não vinham muito fortes. Tambem ás vezes se fazia sementeira em Junho, a que regularmente se chamava "milho do frio". Havia occasiões em que dava o rendimento de colheita de cem por um, quando o plantio se fazia na primavera, regularmente, chegava esta cifra a cento e cincoenta e duzentos.

Assim as terras virgens davam, como vemos, producções abortivas. Tres as especies de milho mais recommendaveis. Aos residuos do cereal não queria o barão que fossem desprezados.

A palha não se devia queimar, e sim guardal-a em paiol para isto feito. Deste se fosse tirando para a boiada, por ser grande alimento para os ruminantes.

E não se cansava de ainda aconselhar a frequencia das capinas. As plantas agradeciam as enxadas, em seu solo, produzindo, frequentemente, mais cincoenta grãos por espiga como consequencia deste amanho.

A' colheita presidisse a escolha do tempo aconselhado pela pratica. O grão recolhido na minguante bichava, muito menos do que na "enchente" da lua.

Passando a tratar do feijão começava Francisco Peixoto de Lacerda Werneck por palavras notavelmente brasileiras:

"E' este um alimento tanto mais sadio quanto necessario, e do qual um lavrador não deve deixar de ter sua tulha bem sortida; serve para a principal alimentação dos trabalhadores, e para o prato quotidiano das nossas mesas, dando-se-lhe o nome vulgar de *pae da casa*."

Pae da mesa tambem podia accrescentar o Barão do Paty. Referindo-se a seu plantio esclarecia que a sua sementeira occorria duas vezes por anno; a uma se chamava "do tempo", e a outra "das aguas".

A primeira devia ocorrer na ultima semana de janeiro, até fins de fevereiro, e a segunda no decurso de setembro e outubro.

A das aguas, de principios de outubro, correspondente ao amadurecimento em janeiro, (mez em que sempre, quando não occorresse *veranico* acontecia haver alguns dias de sol) era a mais conveniente. A colheita então fazia-se durante o *veranico*, ou nesse periodo de bom tempo.

O melhor meio de se obter abundante colheita era collocar a leguminosa á sombra do milho.

Quando plantado solteiro o melhor vinha a ser lançar mão do feijão preto que resistia com mais vantagem ao frio. Apparecera nos paioes fluminenses um gorgulho novo, insupportavel, o *bicho do feijão*. Para combatel-o a mais indicada pratica era expor o grão ao sol, de dois em dois mezes.

Alguns o seccavam com o cisco do terreiro, e assim o conservavam optimamente, tirando-lhe só a palha grossa quando se acabava de bater e conservando-o com toda a outra cahida com as varadas.

Depois de se referir á operação da batida para o descascamento aconselhava o avisado fazendeiro, que tudo sabia aproveitar intelligentemente:

"A sua palha queima-se, quando não houver commodo para depositaI-a; no dia seguinte junta-se a cinza, que abunda de potassa, e guarda-se em formas ou jacazes para com ellas se fazer decoada para o sabão do gasto da casa."

Do arroz dizia o provecto fazendeiro:

"E' tambem indispensavel nas casas de familia; serve não só para muitos pratos deliciosos, como mesmo para a exportação, para o hospital dos escravos, nas molestias agudas, para os convalescentes, etc.

Os fins do mez de agosto, ou de setembro, até novembro vinham a ser os proprios para sua sementeira, preferiveis porém os dois primeiros destes mezes.

O logar mais adequado aos arrozaes eram as terras baixas e pantanosas. Tambem se cultivavam nas terras seccas; era porém necessario que uma estação chuvosa o ajudasse, senão só daria palha.

Havia uma qualidade que chamavam miudo, viçando optimamente nas terras seccas e sobre o cabeço dos montes.

Falando do descascamento, lembrava o Barão uma precaução essencial. Alguns lavradores, para mais facil separação do grão da espiga, amontoavam estas, logo depois de colhidas por espaço de 24 horas, em armazem assoalhado, onde as batiam. Era preciso cautela, comtudo, porque a fermentação podia sobrevir. Convinha ainda que ninguem pernoitasse em tal armazem, pois as emanações do arroz, quando humido, eram pestilenciaes, e havia até exemplos de morte de individuos por ellas asphyxiados.

Tratando da euphorbiacea "utilissima" lembrava o Barão do Paty que a preciosa planta era das mais necessarias ao fazendeiro e a todos em geral.

"Sua optima farinha serve nas nossas mesas como um accessorio indispensavel e necessario; nas de maior luxo ahi apparece o seu pirão, os deliciosos bolos de sua tapioca, e os saborosos mingaos e biscoutos de sua gomma, que tambem lustra a cambraia, e finissimos morins de nossas camisas e dos vestidos de nossas damas.

Sem duvida, nenhum de nossos lavradores deve deixar de fazer todos os annos larga sementeira desta planta, cujo celleiro é a terra em que se semea, della extrahindo-se á proporção das necessidades do consumo".

Depois de mencionar varias especies de mandioca e a gabal-as todas, explicava os processos de sua plantação, arrancamento e manipulações subsequentes.

Tão trivial para brasileiros o processo do fabrico da farinha que se escusava de sobre elle escrever qualquer dissertação. Pequenos capitulos se consagram, da *Memoria,* ao fabrico da tapioca, á cultura do guando e de tuberosas como o cará, o inhame, os mangaritos, a batata doce. Assim tambem quanto ao amendoim e ao ricino utilissimo á illuminação naquelles annos de tão mortiças luzes ainda.

Sobre a canna de assucar estende-se o Barão do Paty por algumas paginas ensinando os processos que empregava para esta cultura de onde resultavam ás suas fazendas o assucar e a aguardente.

A tal proposito informa:

"O córte deve principiar em maio ou junho, afim de que esteja a safra concluida em setembro ou outubro, e antes que a canna tenha feito nova brotação, e não se ache sem as qualidades sacharinas. Cada carro de canna boa, quando moida a tempo, deve regular tres arrobas de assucar. As moendas horizontaes são as melhores até hoje conhecidas; os engenhos tocados por agua ou a vapor são preferiveis aos puxados com bestas ou bois, que não são senão um triste remedio".

Providencia recommendada era a provisão antecipada de combustivel para as operações do fabrico de assucar.

Cerca de dois mezes antes da moagem, devia o lavrador mandar derribar uma área de matto, lançar-lhe o fogo sobre o verde para que as chammas lhe não destruissem a lenha, picada logo depois, regulando a que poderia gastar, juntal-a em bagaceiras, pondo logo os carros a conduzil-a para o logar da fabrica, afim de estar, no principio da safra, com grande sobresalente de combustivel.

Espirito progressista recommendava pertinazmente o uso do arado, que tanto repugnava á rotina dos contemporaneos.

Ia sendo introduzido em algumas fazendas com resultado proficuo. Depois do roteamento, abrir-se-iam regos em que se deitaria a canna em linhas. E fossem as primeiras capinas feitas a bois com outro arado a isto apropriado.

Oxalá os senhores do engenho desprezassem a antiga rotina de realizar com braços humanos o que podiam fazer por meio de animaes! Ahi com tres ou quatro quadras de terreno fariam as suas safras, enchendo de canna cada uma destas annualmente. Entrementes aproveitariam as soccas das outras.

A vantagem de tal mudança seria inconcebivel pela poupança das terras, cujas sobras serviriam para a pastagem do gado e as sementeiras destinadas a sustentar os trabalhadores. E outras ainda para se cobrirem de novas florestas, que as tornariam mais fortes e productivas.

Em verdade, a maior parte das fazendas fluminenses estavam estragadas, cobertas de sapê e samambaia, pela falta de serem poupadas pelo fogo por descuido ateiado annualmente ás vezes nas melhores localidades tornando estereis terrenos que podiam dar avantajado producto.

Outra balda censurabilissima occorria entre os lavradores da Provincia do Rio de Janeiro: a superabundancia do gado solto nas terras de cultura, calcando-as e esterilisando-as de todo.

Reportando-se aos cuidados com a pecuaria, indispensavel complemento de sua monographia, refere-se o Barão do Paty, a uma como que mania commum entre os lavradores fluminenses de seu tempo: terem gado mal guardado que invadia as terras de cultura, roças e cafezaes a que prejudicavam muito pelo pisoteio da terra que devia ser conservada a mais fofa possivel.

A tal proposito expendia:

"O agricultor deve só ter o gado indispensavelmente necessario para o costeio, mas este pastorado, bem tratado, e dormindo preso debaixo de coberta enxuta, pois está demonstrado que as chuvas e lamaçaes fazem-lhe um mal consideravel. A palha que se tira das espigas de milho seccas o alimenta muito; as do feijão fazem-lhe o mesmo effeito, deve-se guardar estas e outras especies em paioes, para se lhes dar ração de tarde e de manhã antes de irem para o campo.

Está verificado que, se uma fazenda faz o seu costeio com trinta bois maltratados, fará o mesmo trabalho com metade, se delles houver cuidado.

Insisto na mesma opinião de que o lavrador só deve ter o gado necessario, e nunca solto nas terras de cultura, sob pena de ver em breve a sua fazenda arruinada. Pastagens em separado, casas com cocheiras onde este gado durma a abrigo do tempo; paióes onde se guardem as palhas de milho, do feijão, etc., servirão de supprimento tanto mais vantajoso que cessará assim em grande parte o deterioramento das terras".

Das raças bovinas, melhores e peiores, a seu ver, não cogitou o grande lavrador. Aliás ninguem em tal pensava na época. Apenas se limita a preconisar o cruzamento do gado creoulo com o indiano. Assim se mostrava um como que precursor da zebuisação do rebanho nacional meio seculo mais tarde tão vigorosamente encetada:

"A raça da India cruzada com a indigena produz excellente gado, affirma. Robusto para o trabalho, resiste aos grandes calores do nosso clima, e sobrio, mantem-se entretanto sempre nedio ou pelo menos em satisfactorio estado".

Dos equinos muito pouco fala a *Memoria*. Apenas cuida, e por alto, dos muares. E assim mesmo como vehiculadores de café.

A tal proposito escreve o agronomo vassourense:

"Ainda na nossa provincia se fazem todos os transportes ás costas de bestas, e nellas se conduzem milhões de arrobas de café, muito assucar, aguardente, toda a casta de legumes que vão ao nosso mercado, gallinhas, os toucinhos, carnes de porco, os bellos queijos que nos vêm das provincias do interior, os seus algodões em tecido e em rama, o chá que nos principia a vir como um gigantesco ensaio, tudo, em uma palavra, vem carregado ás costas destes animaes, que nos trazem tambem o ouro de suas minas, os seus diamantes e pedras preciosas. Está, pois, demonstrado que sem tropa não se póde ser fazendeiro de Serra-acima; custa ella não pouco a ser montada, e importa em uns poucos de contos de réis. Seu costeio traz a despeza diaria de meia quarta de milho por cada besta, de immensa ferragem, couros, sola, e outros misteres. Cada lote consta de sete bestas, que conduzem regularmente 56 arrobas de peso, e que demanda um tocador, além do arreiador, e seu ajudante, que superintendem todos os serviços".

Não se interessava o Barão do Paty ao que parece, pela creação hippica.

Muito maior cuidado lhe merecia a dos suinos.

Animaes de necessidade urgente para o immenso consumo de uma fazenda, não pequena inspecção devia haver sobre elles.

Os chamados de ceva engordavam-se soltos, ou presos em chiqueiros, que deviam ser assoalhados, ou, ainda melhor, calçados de pedra e estivados, de madeira, com dois cochos, um para a agua, e outro para a comida. Afim de que não brigassem fossem feitas divisões, de fórma que ficassem os animaes separados; fossem-lhes proporcionadas tres rações diarias: de manhã cedo, ao meio dia e á tarde.

Engordavam optimamente, com o inhame cozido em caldeiradas, com pouco sal, e algum milho. A rama da mandioca, a sua raiz eram bom alimento, o capim, quando fresco, os desenfastiava, livrando-os da peste.

Os porcos de creação deviam estar em maior espaço, soltos mesmo pelo terreiro. Deviam porém dormir presos e debaixo de chave, para se evitar o roubo dos leitões de que muito gostavam os negros.

Quanto aos ovinos recommendava o agronomo que delles se cuidasse com esmero.

O carneiro era delicioso prato para a mesa, fornecia alimento sadio e forte ás enfermarias das fazendas. O clima flu-

minense não lhes era comtudo muito propicio, annotava o observador arguto.

Ficassem á noite recolhidos á estrebaria e fechados á chave. Não os deixassem sahir para o campo senão das oito horas da manhã em diante, para se recolherem ás Ave Marias. Observara-se que o orvalho do campo lhes fazia mal, e por isto era conveniente que a sua sahida fosse áquellas horas.

Era necessario renovar, de tempos a tempos, o pastor do rebanho senão tornar-se-iam os productos miudos e de má figura. Duas vezes por anno precisavam ser tosqueados.

Quanto aos caprinos reconhecia o Barão que sua creação era geralmente damninha. Mas convinha em fazenda comquanto bem cercada, tendo-se em vista o assado delicioso de suas carnes e o sabor de seu leite "famoso para o café".

Terminando a sua tão curiosa *Memoria,* espelho de tantos costumes hoje obsoletos, repositorio de tantas idéas revogadas pelo perpassar dos annos, reconhecia o Barão do Paty que o Brasil poderia, em determinada época, mas para desgraça sua, assistir á derrocada da riqueza cafeeira.

Já era preciso pensar em outros artigos que sustentassem a exportação do Imperio.

De alguns outr'ora se cuidara, como o anil, desacreditado, nos mercados do exterior, pelos proprios productores brasileiros que falsificavam o artigo, addicionando-lhe gomma, valesse a verdade!

A miragem do chá, tão persistente na primeira metade do seculo XIX, tambem preoccupava o agronomo vassourense. Talvez ao Brasil valesse algum dia e largamente a *thea sinensis* de que tanto esperava Dom João VI.

A sericicultura tambem era dos recursos de que o paiz poderia lançar mão, assim como a creação da cochonilha, outra obsessão do seculo anterior, dentro em breve definitivamente arruinada, assim como a do anil, pelos progressos da chimica dos corantes artificiaes.

Concluia o grande lavrador as suas paginas com um appello aos dirigentes de sua patria em pról de novas iniciativas agricolas e industriaes visando sempre o progresso do Brasil.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO LXXXVIII

Os processos do cultivo do café referidos por Ch. de Ribeyrolles, os methodos de beneficiamento do grão — Atrazo dos processos brasileiros — A destruição selvagem das mattas

Na varanda da velha fazenda que pertencera ao Barão de Ubá e onde agora lavrava seu filho, inteirou-se Charles de Ribeyrolles, em 1858, das particularidades da lavoura fluminense de café do seu tempo.

Que era o café? donde viera? e como o cultivavam? Os naturalistas o classificavam na familia das *rubiaceas*, o que pouco adiantaria ao leitor, alheio em geral ao estudo das plantas e essencias vegetaes. Os chronistas delle affirmavam que se originava do alto Egypto ou da Arabia, e a tal proposito contavam, curiosa lenda oriental, que lembrava a da parreira e o velho Noé.

Menos poetas, porém mais praticos, os lavradores brasileiros aconselhavam: "quem quizer boa plantação de cafeeiros, escolha um morro de bom terreno, de encosta suave, em matta virgem opulenta. Derrube-se esta e queime-se-a".

Depois de queimada a matta as cinzas quentes sob o orvalho da noite formavam o humus. Assim se obteria terra activa e vigorosa dando força e seiva ás mudas. Fossem estas tomadas entre os cafeeiros velhos, após tres annos de um brotar espontaneo, graças ás sementes cahidas ao acaso. Quando transplantadas houvesse o cuidado de se as espaçar de tres palmos, em linhas parallelas, horizontaes e verticalmente. Deixasse o fazendeiro que a plantação fosse por si, mas livrando-a da invasão do matto. Só produziria passados tres annos como a vinha na Europa.

Assim da phase do grão á da muda, de quatro ou cinco palmos, decorreriam tres annos: mais outros tres da muda á arvore em productividade. Não havia colheita verdadeira antes de seis annos de existencia do cafezal.

Não se teria Ribeyrolles deixado atraiçoar pela memoria ao referir estes dados como por exemplo o que se reportava ao espaçamento dos renques de cafeeiros? Era demais exigua tal distancia, dos tres palmos, á vista do que já aconselhavam os agronomos contemporaneos. Teria ouvido de Pereira de Almeida este informe? Duvidamos.

"Aos seis annos, prosegue o publicista, o cafeeiro, brota com força, entra em pleno crescimento, eleva-se a 5 ou 6 metros, (?) e vae algumas vezes mais alto".

"O tronco modesto, mas rico de seiva, implanta-se bem, recto ou ligeiramente arqueado, os galhos divergentes são nodosos, cinzentos, e carregados de folhas alongadas, e verdes, como as do loureiro, mas menos oleosas. Não ha certamente mais bella lavoura no mundo do que a dos cafezaes. Quando na primavera (Setembro, Outubro, Novembro), começam a abrir-se, á axilla das folhas, as flores brancas, é bello seguir-se com o olhar, sobre os morros, essas longas filas regulares de pequenos arbustos verdes perfumados e estrellados de neve".

Arbustos de seis metros! em terras fluminenses eram cousa excepcional, força é convir...

"Depois, quando as ultimas flores cahem fica a terra como que jasminada, apparecem pequenos bagos verdes, que se tornam vermelhos, amadurecendo, e tomam côr escura, quasi preta, ao seccar. E' mistér então proceder-se á colheita".

Na Arabia, e em certas colonias européas cafeeiras, estendiam-se pannos ou esteiras sob as arvores sacudidas vigorosamente; no Brasil, quando os bagos estavam maduros, os escravos deixavam a senzala de madrugada e iam para o eito em turmas. Homens, mulheres, creanças, todos trabalhavam. Uns colhiam das arvores, outros do chão. Deitavam os grãos em cestos, e levavam-n'os ao terreiro. Este era uma eira sobre a qual se espalhava o café cuja sécca ia principiar. Logo que a casca resistia ao trincar estava o fructo secco, e era levado ás tulhas.

A ultima operação, o descascamento praticava-se em machina; movida por força hydraulica, como os moinhos. Os grãos mettidos em cochos eram collocados sob as baterias, geralmente de quatro pilões, beneficiando pouco mais ou menos doze arrobas.

Regular e continuo, cada jogo de quatro mãos descascava suas doze arrobas em meia hora, e se o fazendeiro dispunha de dezeseis mãos podia em doze horas, descascar mais de mil arrobas por dia. Mas a operação não chegara ainda ao derradeiro termo: cascas e grãos iam ter ás peneiras postas em movimento pela mesma força d'agua. Ahi de toda a impureza se desembaraçavam os bagos, que para que não ficassem escuros voltavam

ainda aos pilões para o repasse. Era a ultima operação antes do ensaque e da expedição.

O machinismo de uma fazenda não custava muito caro, e em termo médio, meia arroba (sic!) e a phase das boas colheires. Uma para os grãos nos coxos dos pilões, outra para os levar á peneira, e a terceira para a operação do repasse.

Quanto as safras annuaes, cada pé, em pleno vigor, dava em termo medio, meia arroba (sic!) e a phase das boas colheitas, salvo eventuaes sinistros, durava de vinte a trinta annos. O cafeeiro nos ultimos annos nada produzia. Todo o seu vigor se esvahia numa vegetação esteril, e a terra ficava como que esgotada. Alguns lavradores queimavam as lavouras velhas, outros as abandonavam e os morros então se transformavam em pastos, para mais tarde se enfolharem em *capoeiras*.

Emfim, de anno para anno, ganhavam os morros em vegetação opulenta, livre, voltando a ser matta virgem. Mas os lavradores não os deixavam repousar mais de seis annos. Capinados, recebiam novas plantações de milho e feijão.

"Estes pormenores que acabamos de dar sobre a cultura do café, advertia Ribeyrolles, não tem, certamente, precisão scientifica, mas foram verificados *in loco,* na fazenda e engenho do Casal".

Mas esta colheita de meia arroba por arvore? perguntarão os scepticos, conhecedores das cousas do café. Quem teria inculcado ao publicista francez tão tremendo carapetão?

"Que dizer sobre estes processos agricolas, incendiarios de Mattas? desta mão de obra que colhe os grãos em cestas; destes terreiros abertos a todos os temporaes, destes quatro pilões agrupados, descascando em cadencia vinte e quatro arrobas por hora? observa Ribeyrolles, a verberar o atrazo dos methodos brasileiros".

Previa que a provincia do Rio de Janeiro, opulentissima naquelle momento, devendo quasi toda a riqueza ao café não tardaria a decahir. Quando estivessem pellados seus ultimos morros, esgotando-se-lhes a terra sob as lavouras absorventes, só lhe restariam os cereaes, o capim, e algumas campinas de canna. Cahiria abaixo de S. Paulo e Minas. Era pois essencial poupar a terra, e educar o homem, afim de que comprehendesse quanto o interesse pessoal esgotava o solo, sem que se medissem as consequencias de tão funesta pratica. E depois, para que aquellas queimadas? para que aquelles incendios, muito pittorescos, sem duvida, á noite, sobretudo, mas que não passavam de devastações selvagens? Nos Pyreneos francezes, os pastores do Béarn assim haviam em outro tempo procedido. Queimavam no outono certa porção de geiras de bosques, preparando para a

primavera opulentos pastos. Mas das cumiadas devastadas, a planicie em baixo recebia as aguas torrenciaes. Havia a inundação dos campos, e a propria montanha, se esboroava sob as trombas.

Ora, o que lá não passava de accidente, severamente punido pela lei penal, era entre os lavradores brasileiros, o habito constante, o uso e a regra.

Deviam saber entretanto que ás plantações erosadas e arrastadas, pela corrida das barreiras, fôra melhor deixar um pedaço de matta virgem ao alto dos morros, como um paradeiro ás aguas.

Acreditariam acaso, que nada perderiam entregando a selva ás chammas?

Nella não existiam arvores vigorosas optimas para a serraria, gommas preciosas, essencias, seivas que as industrias, a medicina e as artes reclamavam?

Devastando-a de tal modo, os lavradores roubavam a si proprio. Deveriam comprehender que havia todo o interesse em nada perder e preparar a terra que se esgotava rapidamente, como os seus amanhadores escravos cada vez mais caros.

Quanto aos processos de cultura bastaria acaso capinar duas vezes por anno, para que o solo ficasse desembaraçado e fecundo? Não seria mistér revolver a terra de tempos a tempos e arejal-a? uma vez que produzia annualmente, não se lhe devia, tambem annualmente, fortifical-a, rejuvenescel-a? não perderia a força vegetativa, isto era exacto; mas de que valia vegetação sem fructo? experimentassem os agricultores estercal-a, quando fatigada, restituissem-lhe o succo nutritivo, que a capacidade de germinação voltaria e ella produziria novamente.

Os processos de colheita, eram velhos e lentos, incompletos e de tradição patriarchal; mas era difficil a applicação de methodos novos, e o emprego das machinas. Custavam muito caro: e depois quem as manipularia?

"Descrente da efficiencia africana observa o publicista: o mesmo se poderá dizer quanto aos trabalhos dos engenhos assucareiros. A sciencia fornece apparelhos de força e precisão de maior rapidez, e melhores resultados. Mas força é convir, não se póde pensar nelles, que fazer com o negro?"

"O negro, eis a chaga da lavoura. Trabalha mal ou pouco. Se houvesse abundancia de braços como no bom tempo de antanho a escravatura obraria maravilhas e as lavouras não soffreriam depressão".

Mas desde a abolição do trafico andavam os eitos despovoados, o rebanho negro não se renovava senão a peso de ouro, e difficilmente. Para a terra havia escassez de trabalhadores. Se

os fazendeiros, sahindo da tradição rotineira, tentassem empregar as forças mechanicas, teriam de pedir á sciencia, ás industrias, aos officios, os profissionaes de que necessitassem.

Para taes operações, que fazer com o negro? nada sabia, não tinha o menor interesse em saber. E se acaso fosse proficiente ninguem ousaria de certo confiar-lhe o governo de algumas dessas forças naturaes ao mesmo tempo delicadas e formidaveis.

Havia pois, uma barreira. Como vencel-a?

Para isso só enxergava o nosso publicista dois meios, dois expedientes, dois remedios. Entrar a lavoura audaciosamente nas vias da sciencia, ensaiando os methodos superiores, já por ella fixados. E sobretudo modificar completamente a organização, os costumes, a disciplina. Ora isto trazia simultaneamente uma evolução scientifica, e uma revolução social, duas cousas cujos resultados se harmonisavam difficilmente.

Em todas estas considerações divisa unicamente o observador moderado e attento, que o illustre publicista francez, arrastado pelas idéas européas, enxergava de modo muito defeituoso os problemas e as condições da vida brasileira.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO LXXXIX

O Padre Antonio Caetano da Fonseca e o seu tratado de agronomia — Verberação contra os derrubadores de mattas. — A irregularidade das estações — Conselhos aos cafeicultores — O plantio de algodão nos cafesaes

E' bem pouco o que se sabe do Padre Antonio Caetano da Fonseca, sacerdote mineiro, acerca de quem nada esclarece Sacramento Blake a não ser que era presbytero do habito de S. Pedro e agricultor em Minas Geraes. Apenas refere os dois volumes em que lhe figura o nome: o *Tratado da cultura de algodoeiro no Brasil* (1862) em collaboração com Carlos Augusto Taunay e *Manual de Agricultura dos generos alimenticios* (1867) ou methodo da cultura mixta nas terras cansadas, pelo systema vegeto-mineral, modo de tratar e crear o "gado" a que acompanham um pequeno tratado de medicina domestica para os fazendeiros e uma exposição para a cultura do algodão herbaceo.

No *prologo* de seu livrinho começa o Padre Fonseca por insurgir-se contra o barbaro systema das queimadas que ameaçava reduzir o Brasil do futuro ao mais safaro dos territorios.

A irrupção do fogo nas mattas que cobriam os altos das montanhas vinham reduzindo aquellas a immensos samambaiaes, acabando as madeiras indispensaveis á construcção das machinas e edificios.

Além disto ficavam as populações privadas do beneficio hygienico de taes florestas.

Os bosques, nos altos dos montes, tinham a propriedade de attrahir as nuvens, e por consequencia de refrescar o ar ambiente "não só pelas moleculas aquosas que despendem, como por absorverem o gaz azote, que nos é nocivo, e emittirem o gaz oxigenico que nos é superfluo e modifica beneficamente o ar que respiramos", emittia o sacerdote agronomo uma lição de chimica biologica em que muito havia a denegar.

"Desde que faltaram as mattas nos altos de nossas montanhas, accrescentava o defensor das arvores, tem diminuido a fer-

tilidade dos declives inferiores a essas sanefas dos montes; pois os detrictos das arvores que desciam dos altos, conduzidos pelas chuvas torrenciaes, fertilisavam o terreno inferior; porém, hoje, por essa causa, estão quasi estereis os terrenos que outr'ora davam abundantes colheitas. Apresentarei o exemplo da minha provincia (Minas Geraes), onde melhor tenho observado.

Quem tiver viajado nas proximidades da cidade do Ouro Preto, e dentro de um raio de doze leguas desta capital, se convencerá, da verdade do que escrevo. Os ferteis terrenos, comprehendidos nas vertentes da margem do Piranga e seus tributarios estão hoje transformados em charnecas pela acção do fogo no limitado espaço de quarenta a cincoenta annos. E a continuar esse systema devastador que será dessas terras daqui a cem annos?".

Percorresse o leitor as fazendas comprehendidas, nas parochias de Catas-Altas da Noruega, Itaverava, Lamim, Espera, Oliveira, S. Caetano, S. José do Chopotó, Remedios e Capella Nova das Dores, e se convenceria do que dizia.

Estes terrenos quarenta annos atraz estavam cobertos de viçosas capoeiras e mattas virgens, e rendiam em geral duzentos alqueires de milho por um de planta; agora apenas davam cem nos melhores lugares, e com duplicado trabalho. Além disto, na maior parte destas parochias não se achavam mais madeiras de construcção. O que acontecia no Sul e Éste de Ouro Preto, se observava ao Norte e Oéste da capital mineira em raio de doze leguas, á excepção de algumas mattas, que pela sua esterilidade haviam permanecido intactas.

O meio de se corrigir esta gravissima situação era exclusivamente recorrer ao arado e á adubação das terras. Esta pela associação de pecuaria á agricultura.

Tal o volume das derrubadas em 1862, que dizia o Padre Fonseca, já não existia em muitos municipios da Matta de Minas terra nova para café. Era o que se dava nos do Pomba e Ubá e já ia até acontecendo ao de São Paulo de Muriahé.

Sabiamente advertia o padre agronomo do perigo da inversão e irregularidade das estações que fatalmente seria o resultado de tão pavorosa dendroclastia.

Nos dois primeiros decennios do seculo XIX os antigos lavradores seus conhecidos, donos de fazendas nos municipios do Piranga e Queluz, á distancia de nove a quatorze leguas ao sul do Ouro Preto, tinham grande pressa em queimar as suas roças até meiados de agosto, e o mais tardar até 24 desse mez; pois dahi por diante contavam com as chuvas; e não se enganavam neste calculo.

Plantavam o milho, arroz, etc., em principios de setembro; o mais tardar até meiados desse mez, e faziam boas colheitas. Quando as seccas se prolongavam até o fim de setembro, como em 1833, havia geral clamor porque se contava esse anno como falto de mantimentos. Dahi por diante haviam-se as chuvas demorado insensivelmente, e raras vezes chovia em setembro. Os veranicos mostravam-se mais extensos e a estação chuvosa mais breve. Queixavam-se os velhos lavradores de que o tempo estava mudado. Tudo ameaçava miseria, porque os peccados eram muitos.

Elle autor, porém, não se satisfizera com essas razões, pondo-se a reflectir sobre a causa que motivava a falta das chuvas, e pela observação conhecera que a causa principal de tal phenomeno residia na destruição das mattas graças ao augmento das lavouras nesses lugares de estações mudadas.

Ainda mais convicto ficava ao se recordar que os terrenos situados a uma legua ao norte de Catas-Altas da Noruega eram mais favorecidos das chuvas, do que os que ficavam ao sul desta povoação a freguezia, porque aquelles estavam proximos de uma grande matta, em uma serra que dividia as aguas do Piranga com as do Gualaxo, matta que se estendia desde as proximidades do Ouro Branco até abaixo do Manja-Leguas, a uma grande distancia.

A mesma irregularidade das chuvas se notava nas primeiras vertentes do Pomba, e seus tributarios da margem esquerda, como os ribeirões Paraopeba, Ubá e Xopotó Novo, depois que se haviam derribado as suas mattas, pelo desenvolvimento da agricultura. Finalmente queria mencionar o caso das vertentes do Muriahé como mais um testemunho da sua opinião. Quando em setembro de 1835 pela primeira vez visitara estes lugares estavam quasi todos cobertos de viçosas mattas. Em mui poucos havia então algumas pequenas derribadas.

As chuvas alli principiavam cedo, os caminhos mostravam-se cheios de lama, havendo não poucos atoleiros. As chuvas então continuavam de tal maneira, que obstavam as queimas das roças e era isso a principal causa da falta de mantimentos no Muriahé.

Decorridos vinte e oito annos, tendo sido grande parte dessas mattas derribadas as chuvas apenas apparecem em outubro. Rarissimas vezes chovia em setembro.

As melhores plantações de milho, arroz, etc. se faziam agora em outubro; mas não deixava de haver fortes veranicos de janeiro a fevereiro.

A lavoura já em 1863 em Minas Geraes via-se ameçada de não ter mais solos propicios á rubiacea.

Precisariam os fazendeiros valer-se das terras cansadas. A experiencia mostrava que o cafezeiro vegetava admiravelmente nas derribadas de mattas virgens, pois em alguns lugares principiava o café a dar em tres annos fornecendo dos quatro em diante boas colheitas.

Mas para se obter esse resultado eram indispensaveis as tres condições seguintes:

Plantar em terra boa, mudas grandes, e bem tratadas.

Fóra destas condições demoraria mais annos a sua colheita. Nas terras cansadas o cafeeiro crescia com muito vagar; demorava mais annos a dar colheita, e acabava mais cedo. Estas circumstancias desanimavam aos fazendeiros, que não tendo mais terras novas para cafezaes, nenhuma utilidade podiam mais tirar dessa cultura.

Assim para o futuro, quando desapparecessem as mattas, ficariam os vindouros privados da cultura de tão importante genero de exportação, se não adoptassem um meio de cultivar com vantagem nas terras cansadas. Esse meio era unicamente plantar-se o cafeeiro em covas com estrume, como costumavam fazer nos campos em Minas.

No centro desta provincia aonde não existiam mais mattas escolhiam os lavradores os lugares mais altos, para evitarem as geadas. Nelles plantavam os cafeeiros em covas com o diametro de dois palmos e um de profundidade; deitavam-lhes depois dois pratos de estrume, de forma que um alqueire de estrume désse para dezeseis covas. As arvores cresciam viçosas chegando á altura de 14 palmos, e durando vinte annos nas terras frias. Quando attingiam a certa idade era preciso usar-se de escada para colher-se o grão nos ramos superiores. Alguns pés chegavam a dar uma colheita de um alqueire a dois.

Nos lugares calidos os cafeeiros poucas vezes excediam a altura de dez palmos (2m,20).

Este methodo de plantar-se o cafeeiro podia ser adoptado pelos fazendeiros que tivessem bons vargedos com alguma declividade para não empoçarem as aguas das chuvas, contanto que a terra não fosse barrenta. Deviam as covas ter pequeno esgoto, feito na mesma occasião em que se abrissem, para evacuarem as aguas pluviaes. Nas capinas se chegaria o matto capinado as covas; porque tal estercamento conservava a terra mais fresca e mais fôfa, ao pé da raiz do cafeeiro; o que era muito util á fructificação.

De dois em dois annos se devia deitar nova porção de estrume a estas covas. Tal trabalho era assaz remunerador ao fazendeiro. O cafezal, em terreno plano, devia ser plantado de distancia de doze palmos (2m,64) de pé a pé, em terrenos ca-

lidos, e dezeseis (3m,52) nas terras frias. Nos lugares montanhosos se observaria outra regra. Depois de roçado e queimado o terreno, mandaria o fazendeiro fazer vallas horizontaes com a largura e profundidade de dois palmos. Estas vallas atravessariam toda a extensão do morro, em que se tivesse de plantar o cafezal, sendo sómente interrompidas nos lugares em que houvessem de passar os carreadouros.

Ellas começariam do cume da montanha para a base, sempre atravessadas, e distariam entre si quatorze palmos. Depois disto se plantariam as arvores em taes vallas com a distancia de seis palmos de pé a pé deitando-se dois pratos de estrume em cada cafeeiro. As mudas deviam ser grandes, tendo pelo menos tres palmos e aparadas ficando-lhes sómente um palmo de haste. Se houvesse abundancia de mudas, se plantariam duas em lugar de uma.

Quando se capinasse este cafezal, todo o matto seria deitado nestas vallas.

No tempo das chuvas abrir-se-iam esgotos nestas vallas, principiando pelas de cima, para vazarem a agua nellas retida afim dos cafeeiros não morrerem.

Este methodo de plantar-se em vallas horizontaes era indispensavel nas terras cansadas para reter o esterco, que descia de cima, carregado pelas chuvas.

Passava depois o agronomo a uma série de conselhos que a sciencia moderna não corrobora: o estabelecimento de um bananal no cafezal.

Entre tres carreiras de café se plantaria uma carreira de bananeiras.

As mudas das bananeiras distariam doze palmos uma das outras. E tambem seriam plantadas em vallas.

Nas capinas dos cafezaes, nunca se deixaria o capim crear semente; pois nestas condições enfraquecia a terra. Sendo o matto capinado antes de dar semente estrumava a terra. Se houvesse samambaia, seria ella limpa a foice emquanto a haste estava sem galhos, o que era muito facil de fazer-se.

Por esta forma se extinguia em pouco tempo um samambaial, cujas raizes depois estrumavam a terra. Talvez parecesse ao agricultor mui dispendioso este modo de plantar-se café, e cultival-o na forma acima descripta. Confessava o Padre Fonseca que a principio dava o methodo algum trabalho, gastando-se algum tempo nas facturas das vallas; mas depois retribuia sufficientemente tal trabalho pelas colheitas abundantes.

Entendia o Padre Fonseca que os seus conselhos compendiavam sabedoria agricola cafeeira.

E dogmatizava:

"O fazendeiro não tem outro recurso, a não seguir este methodo. Ou ficará sem plantar café, ou se sujeitará a plantal-o em terreno cansado, o que não vale a pena; e sobretudo porque no terreno que leva quatro a cinco mil pés, póde levar dez a onze mil; o que é uma grande vantagem, por se gastar a metade do tempo na capina, e colher-se duplicado numero de arrobas".

Este mattagal cafeeiro tinha-o elle como capaz de produzir notavelmente mau grado a contiguidade das arvores. A questão era de esterco, nunca de sol.

E' verdade que passados seis annos as fileiras dos cafeeiros ficavam cerradas pela copa que creavam; mas sempre as arvores davam fructos nos dois lados que permaneciam descobertos. Quando isto obstasse á fructificação, fossem cortados os pés intermediarios e assim ficariam com a distancia de doze palmos de uma a outra arvore.

Entendia ainda que plantar algodão entre os renques do cafeeiro não diminuia a productividade das lavouras da rubiacea, porque as raizes da malvacea eram pequenas assim como o arbusto e poucos elementos fertilisantes podiam retirar do solo.

CAPITULO XC

A obra de Burlamaque sobre a cultura do café em 1860 — Apresentação dos methodos modernos aos lavradores brasileiros — Sementeiras e viveiros — Capinas — Decote e seus inconvenientes — O beneficiamento do café — Causas apparentes da inferioridade dos cafés do Brasil — Dados estatisticos optimistas

Em 1860 imprimiu o general Dr. Frederico C. Leopoldo Burlamaque, homem dos mais illustrados entre os brasileiros de seu tempo, a sua *Monographia do café e do cafeeiro*. Deste autor teremos o ensejo de falar mais detidamente, ao tratarmos de sua actuação quando da grande praga dos cafezaes em 1860. Era elle então secretario perpetuo, e honorario, da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e um de seus mais conspicuos e acatados membros, pela reputação de homem de saber e de caracter. Seu opusculo, pois apenas consta de 62 paginas in 8, é hoje summamente raro, como aliás as outras producções assaz numerosas e variadas de sua obra.

Em curto prefacio declara Burlamaque que visava sobretudo ensinar aos agricultores brasileiros os melhores processos da cafeicultura usados no estrangeiro.

Assim não descreveria os do Brasil imperfeitos e por assim dizer primitivos.

Os lavradores brasileiros que lessem as suas paginas e de seus ensinamentos fizessem o devido confronto com as suas praticas rotineiras.

Fazendo ver quanto, no Brasil, muito pouco se escrevia ainda commetteu Burlamaque real injustiça lembrando da nossa bibliographia cafeeira apenas o memorial do Padre Aguiar.

Mostrou desconhecer ou pouco avaliar dos trabalhos impressos na sua propria revista o *Auxiliador*, da lavra de Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca de J. Silvestre Rebello, as memorias de Agostinho R. da Cunha, do Barão do Paty do Alferes, etc.

Começa o volumezinho pela *Historia natural do cafezeiro e do café*, assaz deficiente.

Mostra Burlamaque ignorar por completo a figura de Francisco de Mello Palheta e os primordios da introducção do café no Brasil, recuando para 1760 e 1777 o que no Pará e no Rio de Janeiro se deu em 1727 e 1760.

O capitulo segundo consagra-se á chimica do café, suas propriedades, effeitos da infusão, escolha do grão, modos de preparação do decoto e succedaneos do café.

Tratando da cultura da rubiacea procura o douto monographista expor o que pensavam, no seu tempo, os tratadistas de tal lavoura.

Todos os terrenos convinham aos cafeeiros, uma vez que as suas raizes penetrassem facilmente no solo. Elle exigia mais uma terra leve e pedregosa do que substancial e forte, produzia bem nos chãos reputados maus para outras culturas, e não exigia penosos trabalhos, uma terra muito rica, produzia realmente bella vegetação, porém, máus fructos e em pequena quantidade relativa.

O arbusto prosperava, principalmente, nas collinas e montanhas expostas ao sol nascente, e onde o terreno regado por chuvas moderadas, gozasse da frescura dos orvalhos, e calor não exaggerado. Não prosperava em terrenos alagados ou muito humidos.

Pretendia-se que o cafeeiro plantado do lado do poente nas collinas e montanhas, produzia muito mal. Os lavradores brasileiros tinham a mesma opinião, e quando, além dessa exposição ao Occidente, os cafeeiros recebiam a projecção da sombra de mattas ou montanhas vizinhas, chamavam a essas localidades — Noroegas — para exprimirem logar frio e infertil.

Fazia-se o plantio do café a domicilio ou em viveiros.

Para a sementeira no Brasil a melhor época era março.

A sementeira "a domicilio" effectuava-se nos proprios logares onde se quizesse formar o cafezal. Para estabelecel-o, fincavam-se varas em fórma de xadrez, espaçadas convenientemente. No logar correspondente a cada estaca, abria-se pequeno buraco onde se depositavam alguns grãos e quando as plantas attingiam de 12 a 15 pollegadas de altura, arrancavam-se todos os pés, excepto os que se mostrassem mais vigorosos.

Em geral era preciso que o cafeeiro ficasse abrigado dos raios solares muito vivos e dos ventos violentos, mas deviam estes abrigos ser arranjados de modo que não embaraçassem o seu crescimento, e deixassem, livremente, circular o ar, em todos os pontos da plantação.

Tratando dos viveiros expunha Burlamaque:

Fossem os cafeeiros plantados em locaes onde chovesse raras vezes. Para se formar o viveiro, escolhia-se logar descoberto e

terra mediocre, lavrava-se a terra profundamente, mas não se a estrumava. Dividida em canteiros, nelles se semeassem os grãos despojados da polpa, conservando porém pellicula coriacea que os cobria. Os grãos semeados deviam ficar distantes entre si de tres a cinco pollegadas.

Deviam-se escolher os bagos frescos, porém bem maduros. Os fructos cahidos no chão não produziam senão arbustos fracos e languidos, e os bagos seccos, ou os não recentes não germinavam.

Para semear mais facilmente, depois de tirada a polpa, cobriam-se os grãos com cinzas antes da semeadura, não se devia porém esperar mais de 15 dias após a colheita; até esse momento fossem deixados nas cinzas em local coberto e arejado.

Fosse o viveiro regado de qualquer modo quando o tempo estivesse secco, sobretudo depois que os cafeeiros nascessem. Devia-se comtudo ter o cuidado de não se repetir esta operação muitas vezes e nunca submergir as plantas. As regas á tarde eram preferiveis ás da manhã nos paizes quentes.

Ao cabo de um mez, o cafeeiro começava a despontar do chão e, oito ou dez mezes depois podia ser transplantado.

Devia esta operação ser feita no tempo das chuvas. Os cafeeiros novos podiam ser arrancados com ou sem o seu torrão de terra, este ultimo methodo era o mais seguido, o primeiro porém ainda que mais longo, era o mais seguro e preferivel, sobretudo quando a transplantação se effectuasse em tempo chuvoso. Em muitos districtos cafeeiros pretendia-se que a lua cheia de março vinha a ser a época mais favoravel para tal manipulação.

Operação importantissima vinha a ser a que se referia ás raizes em relação ás condições do terreno. Quando profundo devia a raiz mestre ser conservada sem alteração, se pedregoso precisava ser cortada em ponta ou forma de cunha de quatro faces, no momento e lugar da transplantação. Sem tal precaução e não podendo furar a terra tomaria a raiz a forma de um parafuso ficando sujeita ao ataque dos vermes.

O methodo usado para transplantar os cafeeiros era muito simples, consistia em collocar cada planta no buraco a que se destinava e depois em encher esta cova apertando a terra de todos os lados com o pé.

Não se podia estabelecer regra geral quanto á profundidade das covas e da distancia das plantas entre si. Uma e outra cousa se subordinariam não sómente á qualidade do terreno, mas ainda á sua inclinação maior ou menor, ou nulla; á sua exposição, e mesmo ás variações atmosphericas a que estava sujeito o local onde se estabeleceria o cafezal. Podia tomar-se todavia como

regra, plantarem-se os cafeeiros mais distantes uns dos outros e abrir covas mais largas, nos logares humidos ou frequentemente regados, sobretudo quando a terra plana, rica e profunda. Nos terrenos inclinados e seccos, as plantas deviam achar-se mais aconchegadas e abrindo-se buracos largos nos terrenos novos, porque em geral estes terrenos estavam cheios de raizes e vermes.

Para a formação de um cafezal fossem preferidas as mudas do proprio viveiro ás de seus vizinhos, ou áquellas que nascessem sob os cafeeiros velhos. Em geral as mudas provindas dos fructos cahidos de arvores velhas ou novas eram sempre fracos produzindo grão de inferior qualidade.

Os cafeeiros novos não deviam ser transplantados senão quando tivessem de 12 a 15 pollegadas de altura afim de que pudessem supportar, facilmente, os accidentes da transplantação. Depois deste acabado cobrir-se-iam os cafeeiros tenros com ramos guarnecidos de folhas, e ao cabo de quinze a vinte dias, conforme a estação chuvosa ou secca, tirar-se-iam os abrigos deixando-se as folhas seccas ao pé das mudas para se conservar a frescura e estrumar a terra.

Entendia Burlamaque que nos cafezaes, recem-semeados, não se deve de modo algum plantar vegetaes de grandes raizes e tuberculos e sim apenas os annuos como o milho, o feijão, etc.

Quanto ás carpas eram estes os seus conselhos:

"Até ao momento da colheita a conservação dos cafezaes é facil. Capina-se duas ou tres vezes, e arranca-se, á mão ou com instrumentos proprios, as más hervas, e em lugar de as queimar aproveitam-se para estrumar a terra. Em alguns logares, juntam-se as folhas, as hervas de capina e as palhas dos vegetaes que se cultivaram no mesmo terreno, e com ellas se cercam os pés de café".

Apresentava este methodo alguns inconvenientes. Primeiramente quasi todo o estrume formado pela decomposição dos vegetaes seria levado pelas aguas pluviaes para os pontos mais baixos; em segundo logar os cafeeiros ficariam submettidos a um calor extraordinario, em terceiro taes montões de materias vegetaes accumuladas dariam abrigo a uma multidão de vermes nocivos á planta, servindo de esconderijo ás cobras, e produzindo uma evaporação nociva á qualidade do café, na época da florescencia e á saúde dos trabalhadores na occasião da colheita.

O melhor meio de aproveitar, em beneficio do cafezal, estes vegetaes inuteis, sem nenhum dos inconvenientes apontados, era o seu enterramento. Para tanto fossem abertas por entre as linhas dos cafeeiros e em todos os sentidos, valletas de dois a tres palmos de largura e outros tantos de profundidade. Nellas

se deitassem todos os restos vegetaes, que se cobririam successivamente, e por camadas, com a terra das mesmas valletas, calcando-se-os aos pés, ou, ainda melhor com um maço de páu. Quando cheias fossem outras abertas e assim por diante.

Nada mais importante do que a poupança do solo! A tal proposito expende o nosso agronomo:

"Mas, além destas vantagens, existe uma outra de maior alcance, que é a de preparar o terreno para formar-se novo cafezal, quando o existente, pela sua velhice, já não dá café, ou tão pouco que não vale a pena apanhar-se, isto é, depois dos quinze annos de idade dos cafeeiros".

Fossem então cortados ou arrancados os cafeeiros velhos, e sobre a direcção das valletas se plantassem novos pés, formando-se assim outro cafezal que prosperaria tanto quanto o primeiro, senão mais. Se este methodo houvesse sido empregado no Brasil, ter-se-ia poupado muita terra, muito trabalho, e sobretudo as mattas, que mais tarde valeriam muito mais do que o cafezal.

O decote, methodo universalmente preconisado no Brasil por espirito de imitação, impensado, de processos exoticos, não se adaptava ás nossas circumstancias. Era o que explicava Burlamaque muito infenso ao processo antilhano imposto sobretudo pelo receio da violencia dos ventos numa zona de furacões e cyclones. Ora tal não se dava no Brasil, onde a pratica decorria nefasta.

Para tornar a colheita mais facil, e tambem preservar os cafezaes de violencias dos ventos, nas Antilhas e nas Ilhas de França, Bourbon, Mauricia, etc., eram as arvores decotadas desde muito novas.

Consistia a operação em quebrar todos os ramos centraes logo que o cafeeiro houvesse attingido a altura de seis pés. Esta operação apresentava graves inconvenientes, e era facil convencer-se de que empobrecia as arvores por contrariar a natureza. Alguns autores accusavam-na de ser a principal causa da inferioridade do café colhido naquellas colonias, porquanto estava fóra de duvida que a arvore á que se deixa tomar todo o crescimento dá melhores fructos.

O primeiro inconveniente resultante do decote era que os ramos inferiores curvando-se para o chão, estavam sujeitos a entremear-se; demais, as flores e fructos recebiam menos directamente as influencias do sol e do ar, ficando continuamente innundados pelos vapores exhalados pela terra. Nos paizes muito chuvosos e quentes, o solo encandescido até a algumas pollegadas de profundidade, emittia vapores quasi tão quentes quanto os

da agua fervente, o que não podia ser favoravel nem ao cafeeiro e ainda menos ao café.

O outro inconveniente provinha do damno resultante para o cafeeiro das feridas feitas por esse decote continuo; o ar e a agua penetrando nos ramos, deseccavam-nos; bem depressa a carie passava dos ramos ao tronco; as folhas se tornavam amarellas, o fructo não chegava á perfeita maturidade então a maneira de salvar o cafeeiro era decotal-o rente pelo pé, a arvore rebentava com novo vigor, mas morreria breve se continuassem a quebrar-lhe os ramos superiores.

Cafezal bem carpido produzia, pouco era verdade, ao cabo de dois annos plantado, podendo durar de quinze a vinte annos conforme o trato.

Os cafeeiros velhos davam menos, mas melhor grão que os novos.

Na provincia do Rio admittia-se como média uma libra por arroba ou fossem 31 arrobas por mil pés, mas os cafezaes bem tratados davam o dobro e até, mas excepcionalmente, o triplo e mesmo o quadruplo em certos talhões. Havia pés que produziam até 6 e 7 libras.

Tratando da colheita, dizia, Burlamaque, que na Arabia elle se fazia em tres épocas sempre pela sacudidura das arvores. Nas Antilhas era a colheita feita a mão em duas ou tres épocas aproveitando-se o tempo secco porque em outra estação a apanha se tornava muito penosa e insalubre até aos trabalhadores provocando "a opilação molestia mui commum e destruidora".

Attribuia-se este mal á humidade e era elle a causa de elevada mortalidade.

Criticando os processos brasileiros aconselhava o nosso agronomo:

"que os trabalhadores sómente colhessem os cafés maduros; mas como era raro encontrar-se todos os bagos neste estado, para abreviar o tempo, colhiam todos indifferentemente. Concebia-se facilmente que os bagos não sendo apanhados todos em igual estado de madureza, não podia o café deixar de ser de inferior qualidade.

Os trabalhadores que tivessem cuidado em não apanhar os cafés verdes, nem desfolhar as extremidades dos ramos dos cafeeiros, não destruindo os grellos que mais tarde deviam dar flores e fructos.

Falando das manipulações do café, recommendava Burlamaque o uso dos terreiros de pedra. Fossem evitados porém os montões de grãos "porque então fermentando, o succo da polpa do café se tornava espirituoso e volatil, penetrando até ao grão a que communicava gosto azedo e cheiro desagradavel".

A melhor secca vinha a ser a praticada em estufas.

Conselho sábio era a recommendação aos fazendeiros que não esperdiçassem os residuos do beneficiamento pois constituiam óptimo adubo para as lavouras.

Applaudia o nosso monographista aos que se valiam do despolpador. Estavam alguns lavradores empregando o novo processo com vantagem.

Alguns fazendeiros haviam experimentado com grande exito um methodo expedito e facil de despolpamento. Consistia em lançal-o frescamente colhido, em tanques cheios de agua, e deixando-o soffrer uma especie de maceração durante tres ou quatro dias. No fim deste prazo, o café largava o envoltorio exterior, ficando sómente reduzido á pellicula. Seccava com grande facilidade em terreiros ou estufas.

Para esta operação seria de grande vantagem o emprego de prensas hydraulicas com prensagem moderada, pois a prensa faria em uma hora o que não se conseguiria em tres ou quatro dias com os despolpadores ou tanques, e em mezes usando do methodo ordinario de seccar os fructos completos. Empregando a prensa, poderia o fazendeiro aproveitar um producto que não deixava de ter alguma importancia, como a casca de cuja fermentação se poderia por exemplo obter alcool.

A seccagem bem feita assim se realizasse.

Depois do café bem lavado fosse exposto ao sol para seccar em terreiros lageados, ou em plataformas feitas com taboas. A estes seccadores levantados cousa de seis pollegadas do chão, se désse inclinação tal que a agua corresse para o exterior por meio de pequenos boeiros, abertos na parte mais baixa. O café devia ser revolvido muitas vezes para apressar a dessecação e impedir que tomasse gosto de mofo. Tres ou quatro dias de sol eram-lhe sufficientes. Em algumas fazendas usava-se de taboleiros ou gavetas dispostas em andares, e de tal modo arranjados, que o café poderia ser exposto ao sol quando fizesse bom tempo, e ficasse coberto quando chovesse. Depois de secco fosse removido para as tulhas onde se guardaria até ser pilado, ensaccado e exportado. Estes depositos tinham geralmente dois andares e convinha que as tulhas fossem pequenas. Nellas se revolvesse o grão duas vezes por dia, sobretudo durante a primeira quinzena.

Os arabes, que tinham infindo cuidado com esta manipulação, não expunham o café nem ao sol nem á humidade. Antes de o levarem aos pilões deixavam-no dezoito mezes! á sombra em lugar bem secco. Depois ficava ao sol durante dois ou tres dias e só ahi o passavam aos pilões.

Entendia Burlamaque que a pilagem do café era nos paizes estrangeiros igual á do Brasil.

"As diversas colonias européas não estão mais adiantadas do que nós a respeito das machinas de pilar o café. Em algumas, usa-se de machinas de pilões, movidas por agua, vapor ou animaes, inteiramente analogas ás que hoje são mui communs na provincia do Rio de Janeiro: noutras ainda se empregam os pilões movidos por braços humanos, finalmente em outras usa-se de uma mó ou cylindro de madeira, dura e pesada, de 6 a 8 pés de diametro e de 8 a 10 pollegadas de espessura nas suas extremidades, e de um terço mais grossa no centro. Uma besta, cavallo ou roda de agua o fazem mover sobre o seu eixo. Este cylindro passando sobre o café posto dentro de uma cuba ou tanque, extrahe a pellicula e deixa o grão solto.

Havia depois o emprego de ventiladores a mão e a separação e a escolha, tambem a mão, tal qual como no Brasil.

"Depois do grão ventilado e escolhido, era exposto, de novo ao calor do sol, ou das estufas e fornos. Então podia ser ensaccado ou embarricado, porém sempre depois de bem secco e frio, porque senão tomaria cheiro tal que lhe depreciaria muito a qualidade. Os saccos ou as barricas nunca deviam ser postos sobre o chão e sempre porém em assoalhos mais ou menos elevados, e dispostos uns sobre os outros em angulos rectos, em logares cobertos e arejados. Observava-se que os ratos, tão gulosos do café maduro, nunca atacavam o café despolpado e secco.

Depois destas diversas operações, estava o producto em estado de ser vendido, e tornar-se artigo commercial.

Ninguem ousaria contestar ao café de Moka a notabilissima proeminencia sobre todos os seus congeneres.

Como explical-o? Presentia o nosso monographista que as questões de solo e clima eram capital factor para tal vantagem. Proviria acaso tal superioridade da excellencia de uma especie determinada do genero *coffea* sobre as mais?

Verificara-se na Martinica a degenerescencia das plantas arabicas e na ilha de Bourbon o contrario.

Por emquanto era a questão ainda assaz obscura.

Applicando o caso aos cafés brasileiros, de manifesta inferioridade, explicava Burlamaque, com judiciosidade que recommenda a sua reputação de homem de saber e criterio.

A indifferença do cultivador sobre a escolha do terreno onde estabelecia os cafezaes, e o pouco cuidado com a sua cultura, contribuiam muito para essa inferioridade provando o gosto herbaceo mais ou menos pronunciado de que estava isento o café Arabico. Não se deveria attribuir em grande parte a superio-

ridade deste ultimo ao cuidado extremo que o arabe empregava na cultura do precioso arbusto, e na colheita e dessecação de seus fructos?

O uso de se decotar o cafeeiro podia tambem contribuir para diminuir a bondade do fructo. As plantas parasitarias reconhecidamente alteravam a bondade de todos os fructos, e talvez mais sensivelmente o do cafeeiro, e não sómente as grandes parasitas, como os lichens que o vulgo denominava musgos, recobridores da casca do tronco e dos ramos.

Aos defeitos de uma má cultura se juntavam os da prematura colheita. O cultivador não se importava geralmente com a qualidade, e só aspirava alcançar o maior volume de colheita.

O café era ordinariamente embarricado ou ensaccado antes de achar-se bem secco; algumas vezes tal precipitação se devia á negligencia, outras porém provinham da fraude, pois o café quanto menos secco mais pesado. Resultava dahi, que o grão conservava certo verdor que o tornava mais susceptivel de contrahir o cheiro dos corpos vizinhos, soffrer fermentação acetosa, e um cheiro que muito lhe diminuia o valor.

Si se reunisse a estas causas o pouco cuidado tomado pelos capitães de navio em afastar do café os outros artigos do carregamento susceptiveis de lhe communicarem máo cheiro e de o corromper durante a viagem taes como o assucar, o rhum, a pimenta, etc., etc., não era extraordinario que se encontrassem nos mercados tantos cafés mediocres ou pessimos, os quaes todavia se vendiam porque havia poucos conhecedores do artigo, de uso aliás tão generalisado.

Os dados estatisticos de Burlamaque é que são muito deficientes, fragmentarios e mal apresentados.

Nelle respiguemos alguns informes. Assim refere que em 1849 houve para o Brasil a maior baixa jamais verificada e no fim do anno tão violenta reacção do mercado que muito fizera baixar o consummo mundial do genero.

Depois de descrever, muito summariamente aliás, vinte typos de cafés commerciaes lembra Burlamaque a phrase de certo homem de estado do Brasil; os cafezaes haviam levantado collossos de ouro na Serra dos Orgãos.

Era extraordinaria a proeminencia da Guanabara sobre o resto dos portos exportadores. Bastava lembrar que em 1856-1857 della haviam sahido 12.003.623 arrobas e apenas 746.873 de Santos, 273.782 da Bahia, valendo respectivamente .... 49.873.300 e 1217 contos de réis.

Na opinião de alguns, sério perigo ameaçava o café brasileiro nos grandes centros de consummo.

A Commissão encarregada da revisão de tarifas alfandegarias em 1853 havia reproduzido o severo aviso de certo orgão da imprensa belga do maior peso:

"Emquanto não se empregar no Brasil maior cuidado na preparação e cultura, o consumo do café do Rio irá decahindo, de anno para anno nos paizes onde se conhecem e apreciam qualidades. Cousa sabida é que o gosto da preparação da Belgica e da Allemanha se vai afastando todos os dias do café do Brasil. Não é pois impossivel que o mesmo venha a acontecer nos Estados Unidos se olharmos para o augmento da exportação de Java para a America do Norte".

A commissão protestara contra taes conceitos valendo-se das estatisticas commerciaes.

Em Hamburgo eram esmagadoras as vantagens do café brasileiro. Em 1848 a cidade senatorial importara mais de 49.000.000 de libras do nosso grão e tão pouco de Java que esta nem apparecia nas resenhas commerciaes!

Nos Estados Unidos das 158.617.000 libras importadas eram do Brasil 107.578.257! dois terços! Na propria Hollanda o café brasileiro competia com o da Malasia!

O commercio do café do Brasil, no Zollverein nos paizes do Norte e Mediterraneo, longe de diminuir tinha sempre augmentado.

Ora, dizia a Commissão, se a importação do artigo de producção de Java tem sempre diminuido na Grã-Bretanha, em Hamburgo é quasi nenhuma, pequena nos Estados Unidos, em Antuerpia, e no Zoll-verein e se a nossa exportação não tem fraqueado, e ao contrario progredido; o que ha determinado esse triste agouro de sua queda? Assim, pois, parece demonstrado que nem só esta cultura não tem declinado, mas ainda que os seus productos não tem cedido em mercado algum o logar importante que adquiriram".

Reconhecia-se comtudo que não só o producto brasileiro podia e devia melhorar, e muito, como se praticava ainda entre os lavradores nacionaes a má fé em relação aos compradores exoticos.

Concluia a commissão do modo o mais optimista:

"Ha negligencia na sua cultura, no amanho, preparo e escolha; ha talvez má fé no trabalho de o avolumar, ou ensacar e os nossos lavradores tem necessidade de melhorar os seus instrumentos agrarios. Mas não é de agora que datam estes vicios, e esta cultura tem prosperado e o consumo deste genero, que de dia em dia se augmenta, é tal, que qualquer que seja a concurrencia de outros paizes não póde fazer-nos granle mossa".

CAPITULO XCI

Os processos do beneficiamento do café em 1860, segundo Frederico Burlamaque — O problema da secca — Estufas primitivas

"Aos que conhecem a marcha que têm tido, de cincoenta annos para cá, a cultura do café, hoje a principal fonte de riqueza de algumas das provincias do sul do Imperio, escrevia Burlamaque em 1860 é facil fazer comprehender o valor das machinas."

Os primeiros apparelhos empregados para descascar o café, e separar o grão de seus dois envoltorios, haviam sido o simples *pilão* manual e a *peneira*.

Com estes dois instrumentos, manejados por escravos, nunca teria o café chegado a ser um genero de comercio, cujo valor, em 1860, excedia a 80.000 contos de réis annuaes.

Ao *pilão* succedera o *monjolo,* machina primitiva, lenta, porém prestante. Por si só representava o trabalho de doze homens, em igual espaço de tempo. Cada pancada monotona, que dava sobre a carga, depositada sobre o pilão, suppria os esforços, poupava o suor e a fadiga de muitos piladores manuaes.

Ao *monjolo* succedera o *bocardo* ou machina de pilões, no qual cada mão de pilão fazia tanto trabalho, em uma hora, quanto um monjolo em um dia, ou como doze monjolos em oito horas, ou noventa homens no mesmo espaço de tempo soccando o café, em outros tantos pilões ordinarios.

O trabalho com a *peneira,* tão fatigante como insalubre, era demais pouco proveitoso e nunca deixava o café perfeitamente limpo. Este instrumento primitivo fora substituido pelo ventilador mecanico, por meio do qual (á falta d'agua como força motriz) um homem movendo uma manivella podia fazer tanto trabalho, e com muito maior perfeição quanto dezesseis ou vinte armados de peneiras e trabalhando dez horas diarias.

As baterias de pilões tinham alguns defeitos essenciaes, e entre elles o principal o de fazer perder boa parte da força motriz consumida pelos attritos.

Algumas pessoas intelligentes e dotadas de faculdade inventiva mecanica, já haviam procurado remediar a taes defeitos, aperfeiçoando essas machinas ou inventando outras mais vantajosas. Tal o caso do *engenho de lustrar* o café de Jacob Van Erven, de Cantagallo, o *engenho horizontal* de pilões de Guilherme Benjamin Weinschenck e da *Engenhoca* cuja descripção e desenhos podia o leitor apreciar no *Auxiliar da Industria Nacional* de setembro de 1853.

Devia-se tambem citar outra machina para pilar café de invenção de Constant havia annos fallecido, cuja descripção e desenho o leitor encontraria em folheto publicado pelo inventor, em 1843 sob o titulo de — *Do café considerado no sentido de sua preparação, de sua colheita, e sua lavagem*. Ignorava Burlamaque se esta machina se achava em uso em alguma fazenda. Além della trazia o referido folheto desenhos e explicações de uma estufa para seccar o café.

Em 1858 o inventor Francisco Armand Durandet pedira e obtivera privilegio para uma machina complexa destinada a realizar todas as operações exigidas pelo café, isto é, o despolpamento, descascamento, burnimento e ventilação.

Chamava Burlamaque a attenção dos seus leitores para a descripção da chamada *Engenhoca*. Reflectisse sobretudo acerca dos productos accessorios que o cultivador podia tirar do succo das cascas, convertendo-o em aguardente, assim como dos residuos dessas cascas e do pó dos ventiladores para a fabricação da potassa do commercio.

A fermentação do grão, quando deixado muito tempo na casca, e exposto á humidade communicava-lhe pessimo gosto e portanto diminuia-lhe, muito, o valor commercial. Consequentemente os cultivadores judiciosos que aspiravam antes melhorar a qualidade do que obterem augmento da quantidade do seu producto, procuravam obter apparelhos que o despolpassem quando fresco. Varios typos de despolpadores eram tambem bem conhecidos. Assim chamava ainda o nosso autor a attenção dos leitores para o artigo do inventor Weinschenck.

Parecia porém que os despolpadores até então inventados não satisfaziam plenamente o seu fim, de modo que muitos fazendeiros regeitavam o uso destes apparelhos não obstante o augmento do preço que lhes podia resultar do café despolpado fresco. Alguns pretendiam que o grão, secco, e depois despolpado, ficava superior ao fresco submettido ao mesmo processo.

Como quer que fosse, a fermentação do café só occorria quando elle não era seccado promptamente, e ficava sujeito, durante alguns dias, á acção da humidade. Percebia-se portan-

to a conveniencia de o livrar dos vapores aquosos, no mais curto prazo possivel. Até aquella época o unico meio para isso era expor o café em terreiros á acção do sol; mas como essse astro não exerce a acção benefica senão de modo intermittente, era bem manifesta a conveniencia de se adoptar algum apparelho que seccasse o café de maneira breve e constante. Para este fim se haviam inventado algumas estufas; porém quasi todas senão todas, tinham sido abandonadas por não produzirem o desejado effeito.

Esta questão da secca rapida do café impuzera-se aos productores desde longa data. Como de eperar voltavam-se as vistas para os ensinamentos do exterior, para os conselhos dos autores francezes e inglezes que haviam escripto para os cafeicultores das colonias de suas nações.

Começaram depois a apparecer alguns timidos ensaios nascidos da inventividade nacional.

Um dos mais interessantes, pelo nome e o prestigio do inventor do novo apparelho, e as informações extensas e pormenorisadas sobre elle publicadas veio a ser o do conselheiro Paulo Barbosa da Silva, o influentissimo e voluntarioso politico mordomo do Imperador Dom Pedro II, que tomou activa parte na fundação de Petropolis. Motivo pelo qual uma das ruas mais consideraveis desta cidade traz seu nome.

A respeito do seu invento que data das vizinhanças de 1843 sahiu interessante *Noticia de uma nova estufa facil e economica para seccar o café,* onde ha certo numero de informes curiosos sobre o que se fazia na época em materia de beneficiamento do café.

Endereçava-se aos agricultores do Brasil em geral.

"O nosso café, começa a dizer este prospecto, é indubitavelmente igual ao melhor que se produz no mundo; mas o atrazo em que entre nós se acha a sua preparação tem depreciado consideravelmente o seu valor nos mercados estrangeiros. Que essa depreciação é devida exclusivamente como dizemos, não á qualidade do fructo, mas sim ao methodo de preparal-o já não pode hoje admittir duvida. Os poucos fazendeiros da nossa provincia que, afastando-se da antiga rotina, beneficiaram o seu café segundo os methodos mais approvados, alcançaram todos preços mui elevados 6$, 6$500 e mesmo 7$500. E o café de sua producção concorreu vantajosamente nos mercados europeus com o café mais superior da Jamaica e de Cuba. Jé não é permittido, pois, pôr em questão a qualidade do fructo."

Se os leitores meditassem acerca dos methodos seguidos quasi geralmente na preparação do café brasileiro reconheceriam

que elle de todo não podia competir com o das Antilhas, beneficiado com o maior esmero.

No Brasil era corrente deixar-se o grão depois de colhido, amontoar-se em terreiros de terra. Só depois de fermentado é que se espalhava para passar pela secca e pilagem, após trabalhos muito penosos para o resguardar contra as chuvas. Ora o café, depois de fermentar, decompunha-se e com a fermentação alcalina exhalava parte do seu oleo essencial. Alterava-se-lhe a cor e ficava impregnado do cheiro da terra, communicado não só por um contacto de muitos dias, como pelo barro apegado á casca que ia de envolta com o producto para os pilões.

Para evitar estes grandes inconvenientes, que faziam perder ao producto metade do valor, era mister, pois, preparal-o sem dar tempo á decomposição evitando-se o contacto com a terra. Para obviar tão grande inconveniente havia duas operações muito conhecidas de todos, a despolpa e a lavagem. Occorria porém uma difficuldade que os fazendeiros em ponto grande ainda não conseguiam vencer, e, ao ver do inventor, a principal causa que os desviava da adopção de um methodo de preparação, offerecido tão grandes vantagens, a saber a sécca.

Como o café lavado não podia ser enxuto em terreiros de terra e como a construcção das eiras de pedra era muito dispendiosa, lançavam os lavradores mão de taboleiros, esteirões, e tendaes de madeira. Eram porem necessarios muitos dias de bom sol para completar a sécca. Assim não podia esta acompanhar *pari-passu* o serviço da colheita. E como não era possivel parar com os trabalhos da colheita acontecia que só se podia despolpar uma terça, quarta, quinta parte da colheita, isto quando havia bom sol e continuo. Porque se o tempo se mostrasse incerto, tornava-se necessario parar com o despolpamento.

O grande embaraço dos agricultores residia pois na sécca do café, que exigia infinitas cautelas, grande numero de taboleiros, muitos braços para assoalhar e recolher o genero, muito sol e constante. O maior obstaculo provinha da impossibilidade de se conseguir que a sécca acompanhasse a colheita.

Noticia mais agradavel aos agricultores brasileiros do que a de se lhes annunciar que se descobrira e experimentara, com os melhores resultados, um processo de seccar o café com a maior facilidade e perfeição, barato e sem attender a chuvas não podia haver, annunciava-o *Jornal do Commercio* aos seus leitores e tal descoberta se devia ao conselheiro Paulo Barbosa da Silva.

Vira o articulista café despolpado pela manhã e preparado á tarde, ficar prompto, á noite, para ser levado ao mercado. Estava perfeitamente secco, com excellente cor e cheiro optimo.

Não fora joeirado porque não se tratara senão da operação da sécca, nem havia á mão pilões, peneiras, etc. Assim mesmo, offerecido á venda, encontrara logo comprador a 4$800 e no estado em que se achava, e a 6$ joeirado.

A's experiencias do conselheiro Paulo Barbosa da Silva haviam assistido alguns dos maiores fazendeiros fluminenses, entre elles o ministro do Imperio, marquez de Lages, o Conde de Valença, o visconde de Baependy, o veador José Corrêa de Sá, D. José de Saldanha, Antonio Joaquim Rodrigues da Costa, etc. E todos haviam sido convencidos da praticabilidade e grande utilidade da nova estufa.

Era o invento muito simples. Compunha-se de uma caixa de madeira, aberta por cima, de 32 palmos de comprimento (7m.04) 10 de largura (2m.20) e 6 pollegadas de altura (0m.16), caixa forrada de zinco, para se tornar estanque com o tampo composto de laminas, tambem de zinco, de 10 palmos de comprimento, parafusadas em travessa de madeira collocadas transversal e horizontalmente, aquellas de quatro em quatro palmos, e estas de palmo em palmo, ficando assim um vacuo guarnecido todo de zinco.

Tal estufa podia ser collocada em qualquer edificio terreo que deixasse um vão ou corredor de 10 palmos, entre o apparelho e as paredes para facilitar o serviço. Duas caldeiras de ferro, assentes fora do edificio, em distancia de 10 palmos, alimentadas competentemente de agua, forneciam a esse vacuo, por meio de um tubo, o vapor nellas gerado e uma valvula de segurança, adaptada ao caixão, removia qualquer receio de explosão.

A superficie superior da caixa adquiria, logo que a agua entrava em ebulição, uma temperatura de 50 gráos Reaumur (62°c) Sobre esta superficie metallica se lançava o café despolpado em camada de 2 ½ a 3 pollegadas de espessura, aquecia-se immediatamente e conservava a mesma temperatura dos 50° R.

Passadas 4 horas, e revolvido, ficava o café em estado de guardar-se mas quando tivesse de ser levado ao pilão devia soffrer mais uma hora de calor. Se depois de sahir do pilão e ser catado, se levasse á estufa, por mais meia hora, o grau de seccura seria muito superior ao que se poderia obter, assoalhando-o.

O Conselheiro Paulo Barbosa preferia o emprego do zinco ao de outro qualquer metal, não só por mais barato, como porque não se oxydava nem alterava o grão do café, nem era nocivo á saude de quem o tomasse, além de que quasi não se dava a menor oxydação. Reprovava o emprego do ferro, porque o seu oxydo, combinado com o tanino do café a este tornaria negro, e lhe alteraria o sabor.

Já haviam apparecido no mercado cafés preparados com carvão e com chumbo para se lhes dar cor. Adulterações destas haviam outr'ora aniquilado a industria do annil brasileiro.

A velhacaria maldosa, ou a estupidez, haviam sacrificado a interesses momentaneos e precarios, lucros duradouros, prejudicando, immenso, uma ramo de cultura que tão grandes vantagens promettiam ao paiz e ficara desmoralizado.

O methodo do Cons. Paulo Barbosa, além de todas as vantagens apontadas tinha a de inspirar perfeita confiança aos compradores de café, pelo que dizia respeito á sua pureza. Conservava-se ao grão, no todo, ou em parte, o envolucro ou epiderme, o que era a prova de que o producto não fôra adulterado pelo beneficio.

Já o processo do Mordomo da Casa Imperial fôra indicado, havia muito tempo, pelo proprio inventor, a varios fazendeiros. Fôra o Dr. Saturnino o primeiro a se convencer da sua praticabilidade e conveniencia assim como o primeiro que o puzera em pratica na sua fazenda de Campo Alegre. A estufa que alli construira, e da qual colhera optimos resultados, não obstante algumas faltas de proporções, servira ao Conselheiro Paulo Barbosa para corrigir algumas imperfeições e fabricar o apparelho modelo em que fizera a experiencia official.

O seccador composto de oito chapas preparava em quatro horas de 25 a 30 arrobas e como podia trabalhar dia e noite seguia-se que em vinte e quatro horas seccaria de 150 a 180 arrobas. Os fazendeiros que colhessem maior quantidade de grão, teriam de augmentar o numero dos apparelhos. O Conselheiro Paulo Barbosa acabava de remetter a seu irmão, o commendador Barbosa do Bananal, quatro seccadores e contava que com elles seccaria durante o anno 25 mil arrobas.

Mandara tambem iguaes apparelhos a outros parentes seus. Eram fabricados pelos Srs. Fleury e Lenoir, a quem o inventor communicara a sua invenção. Haviam assistido a todas as experiencias e estavam perfeitamente habilitados para collocar os seccadores onde quer que fosse. As pessoas que desejassem ver sua fabricação, pois já tinham promptos mais de cincoenta apparelhos encommendados, podiam visitar-lhes a officina no Aterrado, chacara do Cortume. O conselheiro Paulo Barbosa, aliás, estava prompto a explicar, e remover, quaesquer duvidas das pessoas que quizessem utilisar-se de sua invenção.

Serviam suas estufas não só para o café como para o enxugo do assucar, a mamona, arroz, feijão, milho, e todos os mais productos exigindo secca ou para o aperfeiçoamento do producto ou para evitarem o estrago do bicho. Cria o autor que pode-

riam tambem ser applicadas, com vantagem, á torrefação do chá de que conservaria maior quantidade de oleo essencial.

Taes estufas podiam até ser muito uteis aos confeiteiros que tivessem de seccar assucar ao sol.

Pormenor importante, expunha o articulista: um apparelho de oito folhas, isto é, de 32 a 33 palmos de comprimento, sobre 10 de largo, custavam menos do que um escravo e, no emtanto, podia prestar tanto serviço quanto os de 20 captivos.

Qualquer carpinteiro e qualquer pedreiro assentaria estes apparelhos, que não podiam ser mais simples.

O Rio de Janeiro exportava annualmente seis milhões de arrobas de café valendo em media de 2$800 a 3$200 por arroba. Desta exportação tirava a maior parte da sua riqueza. Melhorando o producto poderia vendel-o a 5$ e a 6$ réis ganhando quasi cem por cento!

"Quando todos os fazendeiros se convencerem de que é melhor pouco e bom, do que muito e ruim; quando se aperceberem de que uma besta que carrega café superior faz as mesmas despezas, que a que o traz máo, que paga as mesmas barreiras e o mesmo transporte por mar, e procurarem aproveitar-se do importante invento do Sr. Conselheiro Paulo Barbosa, invento que poupa braços e immensos serviços então avaliarão o gráo de gratidão que lhe devem tributar", terminava o articulista num rapto de enthusiastico optimismo.

Quer-nos parecer, comtudo, que os resultados não corresponderam tanto ás esperanças. Correram os annos e cahiu a estufa do Conselheiro Paulo Barbosa no maior esquecimento. E' que resolvia mal um problema que até os dias de hoje não teve solução, razoavelmente pratica e economica.

Em 1860 escrevia Burlamaque na monographia acima referida que o *Auxiliar da Industria,* de 1858, publicara excellente memoria de Weinschenck em que apreciara as judiciosas observações do autor acerca dos inconvenientes dos processos adoptados para seccar o café. Nesta memoria se mencionavam as estufas inventadas pelo Sr. Jacob Van Erven, quasi geralmente adoptadas no municipio de Cantagallo e apresentava-se a descripção e o desenho de uma estufa da invenção do autor.

Com a modestia propria de um homem de merito o Sr. Weinschenck considerava a sua estufa como o *summum bonum* dos apparelhos deste genero. Não queria que o copiassem servilmente mas que os technicos encarregados de o porem em execução lhe fizessem o que exigia o aperfeiçoamento de um apparelho que tanto podia contribuir para o augmento da riqueza publica.

Tanto quanto podia julgar Burlamaque, pelo simples exame de uma descripção e de um desenho, parecia-lhe que a engenhosa estufa do Sr. Weinschenck devia desempenhar satisfactoriamente o seu fim. Faltava-lhe, porém, ainda, a sacção da experiencia, e esta sómente poderia firmar definitivo juizo acerca de seu valor absoluto se algum fazendeiro rico, animoso e progressista, quizesse fazer sacrificios para a pôr em pratica.

Quer secco ao sol, quer em estufas, era manifesta a conveniencia de se despolpar o café, porque assim se evitava o trabalho e a despesa de se o descascar e limpar, por meio do engenho de pilões e dos ventiladores, restando sómente o trabalho de se o lustrar. Rico e intelligente fazendeiro fluminense, o barão de Piabanha, inventara um apparelho desta especie conhecido com o nome de despolpador Piabanha. Preenchia perfeitamente o seu fim, e, por isto, começava a ser adoptado pelos fazendeiros de café.

CAPITULO XCII

Condições de longa salubridade das lavouras brasileiras de café — Inimigos de quasi nullo poder destruidor — O caruncho do Padre Aguiar — Palavras de Burlamaque em 1860 — Os inimigos dos cafesaes conhecidos nesta data

Longos annos passou a lavoura cafeeira indemne de quaesquer pragas sérias, muito embora houvessem os observadores verificado a presença de insectos nocivos devoradores dos grãos mas sem que fizessem realmente sensiveis estragos.

Nas vizinhanças de 1840 a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional impressionara-se com a noticia do apparecimento de certo caruncho que atacava o café conservado com a casca e polpa de fóra; consultara porém alta autoridade agronomica, o Padre Ferreira de Aguiar, divulgando a sua resposta para que o publico se aproveitasse do que nella se dizia procurando evitar séria desgraça pois se a praga progredisse arruinaria sem duvida o melhor ramo da industria agricola brasileira.

Acido, começava o Padre Aguiar por queixar-se de seus consulentes, já lhes escrevera sobre o assumpto; notava que "a falta de vista levara os seus correspondentes a não ler o que lhes escrevera." Assim ia repetir o que já deixara dito do tal caruncho.

Poucas ou nenhumas informações colhera a tal respeito; o bicho era quasi como o do feijão, dava no café secco em casca, quer estivesse em lugar humido, quer não; nunca fôra visto no café depois de seccado, furava a casca, e consumia o grão todo e em pouco tempo podia causar grandes prejuizos. Certo lavrador informava que havia cerca de tres annos perdera perto de 400 arrobas; fôra este homem comtudo um dos que quasi nada lhe dissera sobre este assumpto, tanto podiam a inercia, a ignorancia e o desleixo! e tal o estado da lavoura brasileira! A maioria nem queria ouvir quem lhes podia dizer alguma cousa.

Um dos membros da Sociedade tinha quasi prompta uma memoria sobre o café em que trataria tambem do bicho. Seria

offerecida á Auxiliadora e em breve a mandaria; então mais bem informado ficariam os curiosos e interessados. Concluiu o Padre Aguiar por advertencia rispida de censura á orientação do orgão da Sociedade.

O *Auxiliador* devia occupar-se sobretudo, em fornecer ao publico artigos de agricultura applicada ao Brasil, e a Sociedade por ventura fazer crear uma aula desta sciencia, aliás nada se faria.

Sem commentarios acerca da materia extranha a consulta aconselhava á revista da Sociedade:

"Do conteúdo da carta claramente se collige que o melhor meio para evitar os effeitos destruidores destes bichos é descascar e tirar a polpa e lavar o café, logo que vem das arvores, e conservar o mesmo, se se não quer logo seccar com a casca pergaminho sómente".

De tal caruncho cuja multiplicação não devia ser muito intensa não encontramos mais noticias na bibliographia.

Tão sadias haviam sido sempre as lavouras do Brasil que, em 1860, imprimindo a sua *Monographia de cafeseiros e de café* consagrava um homem do valor de Frederico Burlamarque meia pagina apenas aos "animaes nocivos ao cafeseiro" serie de linhas despreoccupadas que arrolam inimigos dos cafezaes, inocuos por assim dizer. Chega a referir-se aos estragos de um *serrador* como se este coleoptero fosse uma das pragas dos cafezaes. O outro era um animalejo que deixava o cafezal acaso defendido por uma plantação contigua de annanazes!

Leiamos porém as proprias palavras de Burlamaque:

"Um dos animaes mais nocivos aos cafeseiros é um insecto a que deram o nome de — mosca do café — Este pequeno animal tem na cabeça duas especies de serras, das quaes se serve para cortar os ramos e mesmo a casca do tronco.

O outro insecto nocivo é o denominado *Pulgão,* que se assemelha a uma pequena pelota de neve: elle emprega uma especie de tromba com que o dotou a natureza para furar os grelos novos dos cafezeiros. Para o destruir costumam plantar ananases entre os arbustos do cafezal, o insecto abandona estes ultimos para comer os ananases, cujo succo os extermina.

Adaptando um caso antilhano no Brasil onde o facto certamente se não verificava ainda, revela o autor brasileiro uma circumstancia curiosa: o assalto de ratos ás lavouras e um caso, sobremodo pittoresco, o de um fazendeiro de colonia franceza que nutria a escravatura com o producto da caçada ás ratazanas do seu cafezal!

"Os ratos causam tambem muito damno aos cafeseiros, não ao arbusto, mas ao fructo, que elles comem com avidez. Em

algumas colonias, esses ratos são mui grandes e multiplicam-se de uma maneira espantosa, porque todos os mezes tiram ninhadas de 12 a 15 filhos. Nas colonias infestadas por esse animal daninho é necessario ter sempre muitos homens e cães que não se occupem n'outra cousa senão em caçal-os. Aos caçadores se dá um premio por cada cabeça de rato. Alguns viajantes pretendem que em certos logares os ratos servem d'alimento aos pretos escravos. Tussac refere que um cultivador, querendo vender-lhe um cafesal, gabava ao comprador a quantidade de ratos que elle continha, porque elles bastavam para sustentar os escravos á farta.

Mezes depois do apparecimento do opusculo de nosso agronomo occorreria a apparição de um flagello dos cafezaes cuja extensão de damnos seria tal que alarmaria immenso a todo o paiz.

E elle proprio, Burlamaque, se veria convocado para servir no estado maior da campanha emprehendida pelo Governo Imperial para combater e debellar a terrivel praga.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO XCIII

Apparecimento de grave praga dos cafesaes — Devastação consideravel por ella realisada — Providencias do Governo Imperial — Nomeação de uma commissão de scientistas para o estudo do flagello — Seu relatorio — Identificação provavel do lepidoptero brasileiro com a Elachista coffeela, Nob. das Antilhas

Em fins de 1860 começaram os agricultores de café de differentes pontos do Brasil sobretudo da Provincia do Rio de Janeiro e Juiz de Fóra a notar que suas lavouras se achavam infestadas por singular mal.

Um animalculo extranho estava a devorar as folhas dos cafeeiros. E como surgissem legiões incontaveis, milhões de arvores mostravam-se atacadas. Alarmadissimo procurou o Govero imperial e o da Provincia do Rio de Janeiro combater o flagello com todos os elementos de que dispunham. Recrudesceu immenso em 1861.

Nomeou o Ministro da Agricultura, Conselheiro Manuel Felizardo de Souza e Mello uma commissão de scientistas para determinar e estudar-lhe a repressão, composta do General Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque, provecto naturalista, Drs. Francisco Bonifacio de Abreu (Barão de Villa da Barra) Francisco Gabriel da Rocha Freire, professores de sciencias naturaes na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Dr. Ezechiel Corrêa dos Santos, reputado pelos seus conhecimentos chimicos.

Reinava então verdadeiro panico entre os cafeicultores que viam aniquilado totalmente o seu valioso patrimonio.

Até então nunca houvera lavouras mais sadias do que as do café brasileiro. Não se conhecia uma unica praga que realmente a assolasse.

A 4 de junho de 1861 assignava a commissão o seu relatorio immediatamente apresentado ao Ministro da Agricultura Conselheiro Souza e Mello aliás lavrador de café.

De volta de sua excursão aos municipios de Vassouras e Valença apressava-se em levar á presença do Ministro de Estado o resultado de suas observações.

Do exame dos cafezaes lhe resultara a convicção de que o mal não era tão intenso como geralmente se figurava. Realmente os cafezaes estavam em geral atacados, parecia o flagello porém estacionario, talvez mesmo até em declinio. Muitos cafezeiros achavam-se parcialmente atacados; alguns, porém, em pequeno numero, quasi completamente nús; raros os inteiramente despidos de folhas.

A commissão observara com satisfação que as folhas se renovavam com facilidade e vigor. Não vira e nem tivera noticia, nos logares visitados, de que o mal chegasse ao ponto de causar a morte das arvores atacadas.

Todavia para formar seguro juizo a tal respeito esperava a resposta á circular dirigida aos fazendeiros do Municipio da Côrte e provincia do Rio de Janeiro.

Pensava mais, que a invasão do mal tendo começado em Dezembro de 1860 o periodo fatal dessa especie de epidemia vegetal devia já ter produzido todos os seus effeitos. Nutria portanto a esperança de que ella fosse passageira, e de nenhum modo pudesse comprometter gravemente, ao menos neste anno, a fortuna publica da provincia do Rio de Janeiro. Entretanto, sendo de temer que continuassem a reinar as causas de que se haviam originado a enfermidade dos cafeeiros, julgava dever propor os meios a seu ver capazes de destruir ou pelo menos attenuar o mal, evitando a sua reproducção.

Limitava-se por ora a examinar a questão em geral, e pelo lado pratico, reservando para mais tarde estudal-a pelo que interessava á sciencia. Em todos os cafezaes accommettidos pela molestia a alteração limitava-se ás folhas, existindo em condições normaes as flores, fructos, raiz, caule, ramos e mesmo muitas folhas.

A alteração consistia em uma ou mais manchas no limbo das folhas, apresentando-se com uma espessura maior que a normal, de cor escura ou ferruginea carregada, se recentes; e denegrida, se antigas, apparente, quando se collocava a folha entre a vista e a luz; não poucas vezes, mórmente nas antigas, com a superficie de um aspecto esbranquiçado e luzente, de fórmas irregulares e dimensões que variavam desde um ponto escuro, contrastando com o verde da folha até a extensão da propria folha.

Levantando-se a epiderme superior destas via-se em baixo um espaço ou lacuna resultante da destruição do tecido cellular, que enchia as malhas da rede fibro-vascular o parenchyma,

da folha. Encontrava-se quasi sempre ahi alojada, principalmente se não existisse ruptura ou fenda alguma na lamina epidermica, uma larva branca ordinariamente viva, raras vezes morta e de grandeza que, sendo sem duvida proporcional ás phases da sua vida variava de dimensão microscopica a tres ou quatro linhas, sete a nove millimetros; por baixo da lamina epidermica, observavam-se, além das impressões dos utriculos cylindricos da parte superior do parenchyma corpusculos granulosos escuros ou denegridos, lustrosos e como envernizados, do mesmo volume, dispersos ou aconchegados, unidos por filamentos e dispotos em camada quasi continua, mas sempre adherentes ao lado interno da epiderme; ao contrario na lamina epidermica inferior verificava-se a ausencia de corpusculos e sómente adherente ao lado interno della a porção proeminente da rede fibro-vascular que lhe correspondia no fundo, de cujas malhas vasias se descobriam ainda as impressões dos estriculos inferiores do parenchyma.

Além disto notavam-se uma ou mais pequenas cocas ou pequenos casulos construidos de fios assetinados e delicadissimos, envolvendo pequenas nymphas, fixas pelas extremidades ás depressões das folhas e cobertas de telasinhas estendidas nas aberturas das depressões, e feitas dos mesmos fios; emfim, numerosos insectos mui pequenos, *dipteros,* ou por outra, de duas asas, de um alvo argentio ou como prateados, volteando ao toque das folhas, e buscando com preferencia a pagina interior dellas, os quaes pareciam á primeira inspecção e comparação pequenas moscas brancas.

Eram estes os factos ou caracteres principaes e genericos, ainda sem interpretação, colhidos no decurso da viagem, concernentes á molestia actual dos cafezaes, que a commissão ao chegar dava-se pressa em transmittir ao Governo, passando depois a estuda-la attenta e reflectidamente sob todos os pontos de vista da nosologia vegetal, a saber: causa ou causas das manchas, sua natureza, simplicidade ou complicação, a organização da larva, seu habito, metarmophoses, classificação e influencia na producção da molestia.

Quanto, finalmente, aos meios de curar a molestia reinante nos cafezeiros, era sempre difficil, achar para as grandes epidemias remedio completamente efficaz e pratico. A commissão podia propor muitos, porém quasi todos sem applicação ás extensas culturas dos cafezeiros e preenchendo as condições essenciaes de exequibilidade e inocuidade.

Os unicos proveitosos e exequiveis, mas que a commissão julgava efficazes, por satisfazerem as duas condições acima e

contribuirem ao mesmo tempo para a fertilidade da terra vinham a ser os seguintes:

1.° a limpa ou capina completa dos cafezaes.

2.° a queima das materias capinadas juntamente com as folhas cahidas dos cafezeiros.

3.° O arrancamento das folhas muito atacadas e sua queima. A proximidade da colheita do café facilitava muito esta operação, que podia ser feita simultaneamente.

4.° Repetição destas operações muito amiudadas vezes até que o mal desapparecesse.

A extirpação das hervas inuteis era operação sempre util nos casos ordinarios, e por mais forte razão no actual. Comprehendia-se perfeitamente a conveniencia de queimar estas materias inuteis e as folhas cahidas ou arrancadas, pois nellas residia a causa do mal.

Feita com cuidado, longe de nociva ao cafezeiro, tal operação lhe seria util não sómente pelos gazes resultantes da combustão, como tambem pelas cinzas alcalinas que fertilisavam o terreno.

Formando-se pequenos monticulos com as materias que se deviam queimar de modo que o calor e a chamma não offendessem as raizes e os ramos, nenhum perigo havia a temer; caso porém se temesse incendio poderiam as materias ser transportadas para logar isolado, ahi queimadas e depois carregadas e espalhadas pelos cafezaes.

Independentemente da necessidade de se destruirem os germens do mal, muito lucrariam os cafezaes se a operação de se capinarem e queimar os vegetaes inuteis ou mortos se repetissem todos os annos; pois por este modo se restituiria á terra sob a forma de cinza, parte dos saes alcalinos que as colheitas roubavam ao solo.

As medidas propostas pela commissão seriam porém completamente inefficazes, se não fossem postas em execução com simultaneidade e perseverança.

A commissão não precisava empregar grandes argumentos para demonstrar que, se a operação não fosse realizada simultaneamente em todos os pontos atacados, em breve o mal se manifestaria com maior energia, chamava a mais séria attenção de todos os lavradores de café sobre este ponto e esperava que elles empregassem o maior zelo em evitar a recrudescencia de um mal que lhes podia aniquilar as fortunas, e com ellas a melhor parte da fortuna publica."

A noticia do flagello devastador dos cafezaes attingira a Europa movendo o interesse de diversos brasileiros ao seu estudo.

Assim o Dr. Antonio Candido Nascentes de Azambuja dentro em pouco enviara ao *Jornal do Commercio* alguns extractos de certa *Memoria sobre um insecto e um cogumello que devastam os cafesaes das Antilhas,* da lavra de dois entomologos Guerin Méneville e Perrottet e publicado em Paris no anno de 1842.

Parecia-lhe que o flagello do Brasil era identico ao das Antilhas.

Apressou-se a commissão em fazer vir o original da *Memoria* e verificou tal identidade, fazendo publicar a traducção do trabalho de Guerin Méneville e Perrottet n'O *Auxiliador da Industria Nacional* (numero de outubro de 1861).

E' assaz extenso este trabalho que occupou dezoito paginas d'*O Auxiliador* e a que acompanham duas estampas assaz finas.

A memoria propriamente dita não é muito longa mas a ella annexou a redação d'*O Auxiliador* o parecer da sábia commissão encarregada pela Academia de Sciencias do Instituto de França de dar parecer sobre o trabalho dos Srs. Guerin Méneville e Perrottet, commissão composta de tres autoridades de alto prestigio nas rodas zoologicas e agronomicas como Milne Edwards Gasparin e Dumeril.

Identificou-se o flagello brasileiro. Era elle a larva de monusculo lepidoptero "da familia dos Nocturnos e da tribu das Tineidas ou *Tineas* do genero *Elachistes* fundado pelo grande entomologo allemão Treittschke, acceito por Duponchel, o maior lepidopterologo de seu tempo".

Assim se classificava: *Elachista coffeela, Nob.* especie vizinha de *E. clerckella, L. e E. spartifoliella,* Hub.

Vinha a descripção do insecto com esses pormenores minuciosissimos a que tanto precisam ser adstrictos os entomologos.

A envergadura das asas do infernal bichinho era apenas de quatro a cinco e meio millimetros.

Assim se exprimiam os dois scientistas francezes acerca do malfazejo hexapodo:

Este insecto é uma pequenissima borboleta ou lepidoptero pertencente á familia das *Nocturnas* e á tribu das *Tineite* ou Tinéas. Não se póde separal-a do genero *Elachistes,* fundado pelo entomologista allemão Treittschcke, e adoptado por Duponchel, o sábio que melhor conhece os lepidopteros.

Com effeito, a nossa borboleta offerece os caracteres principaes deste genero, e, como todas as suas especies, tem as palpas inferiores curtas, curvadas para a terra, as antennas filiformes e mais espessas em sua orgiem, as asas superiores em forma de ellipse muito alongada, com uma longa franja na extremidade, as inferiores quasi lineares e cercadas com uma longa fran-

ja etc. Pertence igualmente a este genero pela sua lagarta, porque Duponchel diz que todas aquellas que se conhecem são mineiras, isto é, furam galerias na espessura das folhas, das quaes só comem o parenchyma, sem tocar nas duas epidermes que lhes servem de abrigo etc.

Deste genero só se conhecem as especies europeas, todas mui pequenas, como indica o seu nome generico. Depois de ter comparado a nossa a todas as que têm sido publicadas, reconhecemos, como era de prever, que ella é nova ou ainda não descripta, e nós lhe demos o nome d'*Elachista* do cafezeiro.

Eis a sua descrição:

Elachita do Cafeseiro (*Elachista Coffeella Nob*). Esta especie é vizinha das *Elachista Clerckella* de Linneu e *Espartifoliella* de Huber, approximando-se mais da ultima pelo seu pequeno volume. A distancia entre as pontas das asas é apenas de 4 a 5 millimetros e meio. Sua cabeça se acha coberta com uma pequena cinta formada de escamas levantadas. Suas primeiras asas são, por cima, de um branco argentio mui brilhante, com a extremidade terminada por especie de escamas allongadas que formam um appendice um tanto erecto, variando de amarello dourado, de branco e um negro azulado.

Na base desse appendice vê-se uma mancha preta azulada mui luzidia, com o centro prateado, posta na extremidade da asa, e desta mancha parte um pequeno traço obliquo amarello, bordado de pontos pardos, que vão reunir-se na borda superior um pouco no meio dessa borda.

A franja é parda e composta de pellos mui longos ligados sómente á borda inferior e ao vertice. As azas inferiores são muito estreitas, terminadas em ponta, igualmente cobertas de escamas prateadas, assim como as superiores e franjadas com pellos pardos. A cabeça, as antenas, as palpas, o corselete, o abdomen, as patas e a parte superior do corpo são inteiramente cobertas de escamas prateadas, e sómente a extremidade das cinco articulações das tarsas posteriores é que são pretas. A parte inferior das asas é pardacenta assim como a franja.

As escamas prateadas que cobrem as asas e o corpo, tem formas mui variadas. As do dorso, do meio das asas, etc., são pequenas, arrendondadas ou ovaes, mais ou menos dentadas na extremidade; as das bordas na direcção da extremidade das asas anteriores, são mais alongadas, assim como aquellas que formam a mancha preta do extremo da asa, entre as quaes muitas são manchadas de um negro azulado no fim.

Finalmente as mais longas formam o prolongamento exacto situado acima da mancha preta; sua extremidade é umas vezes amarella, outras vezes preta, como acontece ás pequenas es-

camas ordinarias que formam o traço obliquo em que acima se falou.

A borboleta é mui viva e agil, e voltija em todas as direcções procurando executar o acto de fecundação; vê-se dar saltos rapidos e seu vôo sacudido a faz reconhecer, mesmo a certa distancia.

Vinham depois notas biologicas importantes.

A Elachista do cafezeiro apparece todo o anno; mas é mais ou menos abundante conforme as estações. Foi em março que um de nós começou a estudar as larvas, e a borboleta só foi reconhecida em abril.

Nos climas quentes em que ella habita, este lepidoptero se reproduz muitas vezes no anno, como acontece com o bicho da seda que, debaixo dos tropicos, se renova todos os 48 dias. A Elachista se reproduz pouco mais ou menos no mesmo espaço de tempo, porque a larva fica perto de 15 dias entre os dois cuticulos das folhas do cafezeiro; ella sahe depois, fabrica o seu casulo, que termina em 24 horas, e seis dias depois a borboleta vôa, e poem ovos que ficam chocados no fim de 7 ou 8 dias.

Esta espantosa multiplicação não deixaria aos cultivadores a esperança de se opporem ás devastações dessas borboletas se a natureza não tivesse posto o remedio ao lado do mal. Com effeito, se esses lepidopteros, que sua extrema pequenhez faz escapar ás mais minuciosas investigações, se reproduzissem sem que nada viesse oppor-se á esta immensa multiplicação, os cafezeiros, já de ha muito teriam desapparecido das Antilhas.

Indicavam os dois entomologos os meios de combate mais adequados a praga cafeeira.

E' provavel que estas borboletas sejam atacadas, por um ou mais parasitas, como sempre se observou na Europa em circumstancias semelhantes. Deve haver periodo durante os quaes esses parasitas, vindo a dominar, limitem de tal sorte o numero das borboletas que os estragos causados por suas lagartas fiquem desapercebidos, até o momento em que os mesmos parasitas desapparecem, por falta de alimento, e deixam suas victimas multiplicar-se em paz, o que dá origem a um novo periodo de devastações.

E' então que o homem deve intervir para apressar a destruição dos inimigos de suas plantações, porque se elle espera que elles sejam destruidos pelas sós forças da natureza, é necessario que se resigne a soffrer a perda de muitas colheitas, e isto periodicamente, o que deve diminuir consideravelmente o valor real das propriedades. Eis aqui os meios propostos por um de nós para diminuir o mesmo, para destruir a raça da borboleta ou Elachiste do cafezeiro.

Para alcançar este fim, é indispensavel que todos os habitantes se entendam e operem simultaneamente, e o concurso da autoridade local é necessario para assegurar a execução das medidas adoptadas, porque sem isso toda a tentativa isolada seria illusoria e sem resultado, pois que a plantação purgada de insectos nocivos ficaria em breve infestada de novo pelas plantações vizinhas.

Os remedios aventados pelos dois entomologos são os que a commissão brasileira presidida por Burlamaque apontou ao Governo Imperial.

Facto até certo ponto exquisito é o que a commissão não se haja abalançado a identificar a borboletinha brasileira com a antilhana. Escrupulo exagerado? Receio de erro por deficiencia de conhecimentos entomologicos especialisados? E' o que não sabemos dizer.

Tambem nos parece exquisito que não haja a commissão feito referencia especial ao flagello das Antilhas quando *O Auxiliador* aliás redigido por Burlamaque publicava a traducção da memoria de Perrottet e Guerin Méneville. Limitou-se a annexar ao seu relatorio tal versão.

"Julgava-se dispensada de fazer estudos já feitos de modo completamente satisfactorio por uma memoria que offerecia interesses pelo lado entomologico como pelos remedios suggeridos para a aniquilação do mal". Era uma demonstração tacita de acceitação de conclusões dos entomologos francezes sem que comtudo ousasse a commissão brasileira proclamar a perfeita identidade entre a praga das Antilhas e a do Brasil

No anno seguinte, 1862, dizia o Ministro da Agricultura, ainda Manuel Felizardo, que o flagello cafeeiro se alastrava bastante. Os cafezaes infestados não pareciam livres do mal que tanto os acabrunhava.

Em todo o caso os arbustos atacados não haviam morrido e antes reverdeceram agora mas receiava-se que a perda continua das folhas, orgãos indispensaveis á vida das plantas os fizesse perecer, ou pelo menos os enfraquecesse por tal modo que, extenuados, nada ou pouco viessem doravante a produzir.

Este receio sobresaltava os fazendeiros de café, que procuravam, uns, terrenos virgens para começarem novas lavouras ao passo que outros variavam de cultura, dando principio á do algodoeiro.

O relatorio apresentado pela commissão se annexava ao do departamento do Estado dando-se-lhe toda a publicidade. Por elle se vê o que ella pensava sobre a causa dos estragos e os meios de se os combater.

Entendera o governo porém que não devia parar nos estudos começados em materia de tanta importancia, e incumbira sua prosecução ao conselheiro Dr. Francisco Freire Allemão, certamente um dos homens mais habilitados de que o paiz dispunha em conhecimentos especiaes acerca do grave assumpto.

O zelo do botanico illustre fazia esperar que seria proveitosa esta segunda investigação de tão terrivel flagello arruinador da economia nacional.



CAPITULO XCIV

Esperanças desvanecidas de uma minoração do mal — Os relatorios de Freire Allemão

Esperava-se que para fins de 1861 já a praga diminuisse de intensidade. Era o que affirmava o relatorio de Agostinho Moreira Guimarães, chefe da secção dos negocios da Agricultura do Ministerio, publicado em annexo ao relatorio do Ministro Pedro d'Alcantara Bellegarde.

Favoraveis, dizia esta peça governamental, eram as ultimas noticias officiaes acerca do ramo capital da lavoura brasileira.

Parecia declinar sensivelmente a molestia, ou o mal dos cafezaes. Geralmente já se revestiam de folhas apresentando florescencia muito esperançosa.

Constava porém ao Ministerio que desgraçadamente tal esperança se não realizara que o bicho ou lagarta do café continuava na sua marcha devastadora, já recrudescendo nos logares onde parecia extincto, já atacando novas localidades. A florada em geral se mallograra sem as arvores haverem fructificado!

E a certeza de uma safra menos que regular succedera á esperança de abundantissima colheita.

Infelizmente no Ceará onde este mal era ainda desconhecido, apparecera outro que a presidencia não definira nem descrevera e parecia estar tambem causando estragos se bem que não se lhe conhecesse ainda a extensão da gravidade.

Este estado de cousas aggravava quotidianamente a situação embaraçosa dos lavradores de café que já desesperavam de fazer face aos compromissos tomados na confiança de colheitas mais regulares.

Era ainda este facto resultado logico da rotina dos lavradores. Sem calcularem todas as probabilidades, ou os azares de uma empresa, embarcavam-se nella, confiados em futuras colheitas que a maior parte das vezes deixavam de realizar suas esperanças.

Dispondo de força que convenientemente applicada, poderia produzir sob o actual systema certa quantidade, o lavrador plan-

tava café para produzir o duplo ou o quadruplo, e quando este estava no ponto de carecer de beneficios para lhe recompensar as fadigas tudo empenhava para adquirir braços ou machinas humanas de trabalho, a serem pagas com o producto da colheita esperada.

Se esta se realizasse, o agricultor alcançava a fortuna em pouco tempo; quantos porém não viam falharem seus calculos e com elles desapparecer a pequena fortuna, anteriormente possuida?

Inquestionavelmente a lavoura do café soffria, havia algum tempo, irregularidade de colheitas que se não podia attribuir sómente ao mal actual porque era anterior. Ao ver do informante não podia ser combatida senão por meio de um complexo de medidas entre as quaes avultava um tratamento mais racional das lavouras, e sua renovação em prazos regulares por meio de mudas vindas dos logares de onde o café é indigena.

As grande derrubadas, de mattas virgens, para as grandes plantações haviam forçosamente alterado as relações atmosphericas de certas molestias dos vegetaes, assim como contribuia para o apparecimento das que accommettem ao homem. A degeneração da planta até então nunca renovada, por seu lado não influiria menos sob este ponto de vista, ou pelo menos collocara os cafeeiros em circumstancias favoraveis para contrahir enfermidades.

Por outro lado, o tratamento, que os lavradores costumavam dar aos cafezaes consistia na simples capina annual, não permittia que corrigidos alguns desvios produzidos por condições atmosphericas, se pudesse estabelecer uma tal ou qual regularidade nas colheitas, base sobre a qual o lavrador estabelecesse com mais fundamento seus calculos de fortuna.

A cultura adiantada do café não podia entretanto ser emprehendida por particular. Ante o que se conseguisse conhecer o mais conveniente processo a ser empregado no seu tratamento, seria forçoso passar por uma série de experiencias mallogradas, superiores ás forças de um ou de outro lavrador.

Sómente o Estado pois poderia por sua conta emprehender a solução do problema, cujas despesas seriam facilmente saldadas logo depois pelo augmento da producção, e portanto da riqueza publica.

A creação de uma fazenda modelo, onde se ensaiassem todos os processos adequados á boa cultura do café, e ainda dos outros generos de lavoura, parecia de premente necessidade, se se não quizesse ver decadente a lavoura nacional.

O conselheiro Dr. Francisco Freire Allemão, dando conta da sua commissão, tratava a materia com a maestria digna desse

tão illustrado naturalista. Occupado com uma missão scientifica no Norte do Imperio não pudera o illustre botanico de prompto acudir com as suas luzes para o estudo do gravissimo problema. Chegado ao Rio de Janeiro havia-o o Governo Imperial encarregado de examinar o momentosissimo problema. A opinião publica nacional toda esperava anciosamente por sua palavra.

Desempenhando-se da grave incumbencia que lhe confiara o Governo Imperial qual a de identificar o mal dos cafezaes e ao mesmo suggerir medidas para a sua debellação, dizia o illustre botanico que sua inspecção se realizara em alguns dos lugares onde o mal se desenvolvera com intensidade.

Era o plano da sua viagem, conforme aliás o intento do Ministro, percorrer, quando não todas senão a maior parte das principaes fazendas de café da provincia do Rio de Janeiro. Fôra porém, contrariado, pelas diarias e copiosas chuvas sobrevindas que haviam arruinado os caminhos ao ponto de ficar em muitos pontos cortadas as passagens e o transito geral penoso e arriscado. Vira-se assim forçado a restringir o seu gyro, visitando apenas pequena parte dos municipios da Parahyba do Sul, Valença, Vassouras, Pirahy, Barra Mansa e S. João do Principe. Verdade é que, vista uma parte pudera ajuizar do resto, pois o mal era o mesmo variando sómente quanto á intensidade.

Na exposição a que ia fazer teria de necessariamente, reproduzir idéas e asserções já emittidas, quer no relatorio da primeira commissão nomeada para o estudo da praga, quer em memorias e artigos publicados nos diarios. Mas em assumptos de tal natureza não havia mal em se insistir e repisar.

A molestia que affligia a lavoura brasileira de café era pelo consenso de quasi todos os fazendeiros, antiga. A's manchas das folhas, cuja origem se não investigara ainda porque até então não davam cuidado, denominavam-nas os lavradores *ferrugem*. Existia mesmo a tradição de que no municipio da Barra Mansa, ou de S. João do Principe houvera cerca de trinta annos antes o desenvolvimento deste mal, causando identicos effeitos aos de hoje fôra comtudo limitado e passageiro. Demais a actual manifestação, ao mesmo tempo e por tão vasta extensão, denunciava a preexistencia de seu germen em toda a parte, isto é, da pequena borboleta que o produzia e sobre cuja historia e determinação zoologica o nosso grande botanico se reportava inteiramente ao que dissera a primeira commissão e á memoria da lavra de Guerin-Méneville e Perrottet, por quanto era sem duvida alguma o lepidoptero brasileiro o mesmo insecto que fizera tanto mal nas Antilhas.

Para a presente e prodigiosa multiplicação do devastador hexapodo cooperava indubitavelmente de alguma sorte o estado enfermiço ou alguma causa phytopathologica dos cafeeiros. Ao ver do botanico o grande numero de cafezeiros envelhecidos ou maltratados, fora o que fornecera alimento abundante e apropriado á reproducção da praga. Destas más lavouras se propagara pelas plantas sãs e robustas.

Todos os fazendeiros lhe asseveravam que os cafezaes novos, conservados limpos não haviam sido tão accommettidos quanto os outros. E se tal se dera tinham resistido muito melhor. Tambem nos terrenos arenosos e soalheiros, nas terras magras e empobrecidas, quer dizer, nos logares onde havia arvores sempre mais debeis haviam as lavouras sido mais atacadas e mais tinham soffrido.

Convinha já observar que sem razão se attribuira a quebra da safra no anno anterior aos estragos do mal. Havendo sido a colheita de 1860 uma das mais abundantes devia-se esperar a do seguinte muito menor. E isto acontecera sem que para tanto concorresse o apparecimento do bicho, pois que tal succedera quando já toda a florada desse anno estava vingada. Em fins do anno de 1860 as folhas dos cafezeiros entraram a soffrer; em março e abril de 1861 mostravam-se muito manchadas, encarquilhadas e principiando a cahir. Em maio e junho quasi todas as arvores estavam despidas; a carga das lavouras porém, quanta existia crescera e amadurecera. Esta perda das folhas coincidindo quasi com a sua queda natural, ou apenas apressando-a, pouco ou nada podia offender aos cafezeiros. Em setembro, época da renovação das folhas, houvera grande recrudescencia do mal; as folhas novas tinham sido destruidas, houvera cafezeiros que se reenfolharam tres e quatro vezes; isto não só consumira grande parte da seiva, como retardara a inflorescencia desse anno, produzindo grande quantidade de flores estereis, causada escassez da safra do anno de 1862.

"Quando ultimamente visitei os cafezaes, terminava Freire Allemão, correndo os mezes de março e abril achei-os, geralmente revestidos e com apparencia de vigor, bem que com quasi todas as folhas mais ou menos tocadas do bicho. (Algumas que vi despidas e de triste aspecto eram cafezaes velhos, mal cultivados ou destruidos pela formiga sauva). Notei porém muito pouca fructa. Todavia, a julgar pelo que presenciei, e pelas informações que colhi, a safra deste anno nesses lugares não deverá ficar muito abaixo da do precedente.

Sobre o que terá de acontecer no anno que vem (1863), ainda infelizmente não é possivel firmar juizo nem ficar-se de todo tranquillo, bem que tudo presagie grande melhoramento".

Em segundo communicado ao Conselheiro Manuel Felizardo de Souza e Mello relatava o nosso notavel botanico uma serie de particularidades ainda.

Inqueridos os fazendeiros sobre o estado de seus cafezaes em 1861, e no segundo trimestre, uns lhe haviam dito que os de agora haviam feito differença para melhor, e do numero das borboletas que no anno anterior se levantavam em nuvens dos cafezeiros quando sacudidos. Assim se achavam animados. Outros, porém, se mostravam ainda aterrados e receiando o anniquilamento de suas lavouras. A estes procurava o eminente botanico animar como pudera e o fizera com sinceridade; porque entendia que o mal era passageiro, como fôra este e outros analogos em diversos tempos e lugares. Não queria dizer que desapparecesse logo mas era de esperar que decrescesse até chegar ao seu estado ordinario e innocuo. E se no anno que ia correndo não houvesse grande recrudescencia, no tempo, do renovo e das flores, a colheita proxima seria muito boa.

Mas passada esta crise deveriam os lavradores entregar-se ao descuido e proseguirem na perniciosa rotina que os trouxera ao estado presente? Não lhes aproveitaria a lição? O que estava acontecendo agora não poderia reapparecer em épocas futuras? Deviam pelo menos para tanto estar apparelhados.

"Todas as lavouras grandes e continuadas de uma mesma especie estão sujeitas a estes desastres de tempos em tempos; affirmava Freire Allemão, mas não se anniquillam se se acham com homens de coragem e esperança. Foi por desanimo que se abandonou a cultura do trigo no Rio Grande do Sul, a do anil no Rio de Janeiro, a do algodão e malguns logares do Norte.

Tenham os fazendeiros animo resignado, lutem contra o mal que o vencerão. O remedio está em grande parte em suas mãos.

Varios meios têem sido propostos para sua extincção e quasi todos impraticaveis attenta a excessiva grandeza das fazendas. Entre outras a substituição de semente lembrada como meio salvador; mas para que aproveite será necessario destruirem-se todos os cafezaes presentes e fazerem-se as novas plantações em terras novas, será isso possivel? E estará a planta do nosso café tão degenerada que se não possa rehabilitar? Vejo por toda a parte cafezeiros em boas terras e bem tratados, virem com toda a força e darem muito e excellente fructo".

O que portanto devia ser aconselhado aos fazendeiros éra que abandonando os cafezaes velhos, acabando mesmo com elles, se esmerassem na cultivação dos novos e vigorosos; que começassem já a estrumar as terras pelos meios mais faceis e menos dispendiosos.

Uma das primeiras necessidades era reduzirem as plantações ás proporções dos braços activos de que pudessem dispor. Havia nisto economia de terras e de trabalho, e maior rendimento proporcional. Isto constituia verdade de primeira intuição; mas parecia desconhecida.

Convinha ainda que não estivessem adstrictas a monocultura. As culturas combinadas traziam comsigo grande vantagens; auxiliavam-nas mutuamente; com ellas se aproveitavam melhor as terras e os serviços.

"Entre os generos, cuja cultura pode ser vantajosamente e combinada com a do café, está em primeiro lugar como é de todos conhecido, o algodão, sendo de amanho facil e rendoso e que não exige terrenos de primeira qualidade. Vem depois o chá, o fumo, a canna de assucar, etc. etc.

Como em todo o caso a cultura do café deve merecer mais cuidados tomo a liberdade de lembrar a V. Ex. a conveniencia de um estudo sobre as terras proprias para esta lavoura, determinando-se qual dos seus elementos é principalmente consumido pela vegetação do café, afim de lhe ser restituido por meio de estrumes convenientes, tornando-se desta sorte a cultura local e permanente um dos muitos beneficios que dahi ha de resultar, será a conservação dos restos das preciosas florestas tão imprudentemente destruidas as quaes estão vendo todos os dias levantados contra si os braços africanos armados do machado e do archote.

Tal estudo, creio eu, bem o pode fazer o Instituto Agricola nas fazendas da Tijuca".

"Todas estas questões têem sido já tão debatidas que repito, pouco se achará de novo neste meu trabalho; tenho desculpa em que o faço por um dever".

Em 4 de maio de 1862, dizia o presidente da Provincia do Rio de Janeiro, Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello:

"Continua a grassar com intensidade o mal, que ha cerca de dous annos atacou o principal ramo da agricultura da provincia.

Sem jamais desapparecer completamente naquelles logares onde primeiro se manifestou, tem-se extendido a outros, damnificando por toda a parte mais ou menos os novos, como os velhos cafezaes; e ninguem descobriu ainda os meios de extinguil-o".

Felizmente não havia ainda morrido em parte alguma o precioso arbusto; mas enfraquecido pela repetida queda das folhas, orgãos indispensaveis á vida das plantas, pouco produzira em 1861 e menos ainda em 1862.

"Muito diminuta deverá ser portanto a proxima futura colheita. Ainda se não póde calcular exactamente a sua exiguidade; mas alguns fazendeiros e algumas camaras municipaes, que tenho consultado, reduzem uns á metade, outros á quinta ou sexta parte, outros finalmente á decima parte da precedente!" annunciava sinistramente o Dr. Oliveira Bello.

Era provavel, e algumas camaras municipaes assim o declaravam em suas informações, que não fosse o anniquilamento dos cafezaes pela borboleta a unica causa da pequena producção do anno anterior e da colheita muito menor, do anno corrente tambem haviam concorrido muito para tão funestos resultados as irregularidades das estações, e a extenuação dos cafezaes pela grande producção de 1860.

Obtemperava o Presidente Bello:

"São muito communs as alternativas de más colheitas entre nós, como noutros paizes, onde os trabalhos da lavoura são dirigidos pela sciencia, e se preparam e amanham as terras com mais arte, e mais cuidado".

Os prejuizos que por taes causas tenham soffrido os fazendeiros de café, e o receio de perderem inteiramente a unica industria em que haviam empregado a maior parte dos seus capitaes, os induzira a procurar recursos ou nos meios de extinguir, ou evitar o mal dos cafeeiros ou na adopção de outros generos de agricultura.

Uns persuadidos de que o mal provinha do enfraquecimento das terras, ou da degeneração da planta, procuravam terrenos virgens, e sementes novas para plantarem novos cafezaes, outros adstrictos ás poucas e já exploradas terras, que possuiam ou confiando na espontanea cessação do mal, começavam entretanto a variar de cultura, e plantando principalmente o algodão, servindo-se das sementes, que o governo imperial distribuira.

Convinha animar este acertado alvitre. Para conhecer a natureza do mal, e descobrir o remedio, que o pudesse remover, nomeara o Governo em 1861 uma commissão de quatro pessoas habilitadas, cuja opinião fôra logo publicada; e encarregara no anno seguinte o sábio botanico Conselheiro Dr. Francisco Freire Allemão de visitar os diversos municipios, e fazendas onde tivera a praga maior intensidade.

Já o illustre scientista percorrera a maior parte dos municipios de serra acima, e achava-se no de S. João do Principe, retido pelas chuvas, e o máu estado das estradas do Sul da provincia. De seu reconhecido zelo, e aptidão para estudos desta ordem esperavam-se informações e esclarecimentos muito importantes, que por ventura pudessem habilitar os lavradores a com-

bater efficazmente o maior flagello que até então affectara a lavoura brasileira do café.

A 9 de abril mandara a Presidencia da Provincia distribuir a algumas camaras municipaes uns exemplares do *Auxiliador da Industria Nacional* de fevereiro deste anno, em que se publicara um manual do cultivador do algodão, escripto pelo Dr. Antonio Candido Nascentes d'Azambuja e remettido pelo ministerio da agricultura.

Felizmente no meio das calamidades que haviam assaltado a economia provincial occorrera abundante a colheita de cereaes, e uberrima se annunciara a de canna de assucar".

CAPITULO XCV

Ainda os estragos causados pela "Elachistes coffeela" nas lavouras brasileiras — O relatorio do Vice-Presidente fluminense Commendador José Nogueira dos Santos

Falando do flagello dos cafezaes informava o Vice-Presidente da Provincia do Rio de Janeiro, José Norberto dos Santos, aos legisladores provinciaes, a 8 de setembro de 1862, que os dados ministrados em sua mensagem se baseavam nas informações provenientes da exigencia do recem-creado Ministerio da Agricultura. Obtivera-as de alguns fazendeiros importantes da Provincia. Podia o seu governo nutrir a lisongeira esperança de que, se novas causas não apparecessem, seria pelo menos soffrivel a colheita de café fluminense no vindouro exercicio financeiro.

A praga, que atacara os cafezaes com tanta intensidade no anno anterior, se bem que de todo não houvesse desapparecido, comtudo pouco desenvolvimento manifestava agora de sorte que as plantas cobertas de basta folhagem e florescença promettia não uma producção como a que se obtivera anteriormente, mas ao menos abundante em relação ao estado actual.

Os incessantes cuidados e desvelos que em presença do mal tinham empregado os agricultores em beneficiar tão vantajoso ramo de lavoura, deviam levar a autoridade á crença de que assim succederia.

Alguns fazendeiros, receiosos de que o mal lhes anniquilasse completamente os cafezaes, tinham lançado mão, segundo esclarecimentos ministrados ao Governo, do plantio do algodoeiro, animados igualmente pelo valor que esse producto poderia vir a ter no mercado, em consequencia das dissenções ainda subsistentes entre os Estados da União Americana.

Poucos os que assim procederam comtudo. Cumpria acoroçoar tão util alvitre; nem o governo imperial, nem o provincial para tanto deviam poupar esforços.

Em Cantagallo o estado das lavouras cafeeiras era muito lisongeiro. Acreditavam os lavradores que, ajudados pela opti-

ma estação do anno, teriam em proximo futuro, boa colheita. Embora estivessem alguns cafezaes despidos de folhas, comtudo estes mesmos, e pela maior parte, se achavam floridos, notando-se muito melhor apparencia nos beneficiados.

Em Vassouras, segundo o parecer de alguns fazendeiros, o mal desapparecera em grande parte; as plantas conservavam-se viçosas e florescentes promettendo muito soffrivel producção.

Para os lados de Massambará não fôra tão facil extirpar o mal como narrava fidedigna informação. Os cafezaes de mais de vinte annos de idade estavam irremediavelmente perdidos e nelles a borboleta fizera estragos consideraveis; os mais novos porém, posto que não deixassem de ser pelo insecto damnificados, todavia promettiam alguma producção, apezar de não com a mesma abundancia de que em outros pontos do municipio.

Em Rio Bonito a opinião de importante fazendeiro da villa era que o mal dos cafezaes proviera da falta de cuidado dos lavradores por occasião da extraordinaria colheita dos annos de 1859 a 1860, das muitas chuvas desnudadoras das raizes das plantas, privando-as da seiva, e dos insectos, que por este motivo lhes haviam destruido as folhas. Agora estavam os cafezaes muito viçosos, promettendo abundante producção, se as causas atmospherícas não viessem obstal-a, visto como os mesmos lavradores empregavam todo o zelo em limpal-os e beneficial-os. Nunca haviam perdido a esperança de continuar a cultivar o café apenas procurando ver se do plantio do algodoeiro, posto que em pequena escala, poderiam achar compensação aos prejuizos que suppunham ter.

Em Pirahy e seu municipio era satisfactorio o estado das lavouras. A Camara Municipal apontava as mesmas causas productoras de seu definhamento o anno findo, e declarava que agora parecia passado o receio do anniquilamento, da lavoura cafeeira, que os fazendeiros continuavam, com mais interesse, a incentivar, cuidando tambem da plantação da canna.

De Parahyba do Sul haviam vindo á Presidente da Provincia informes de importante fazendeiro do municipio. Attribuia á irregularidade das estações o apparecimento do bicho que atacara os cafezaes. A perda das folhas dessa planta, e de outras fructiferas, domesticas ou selvagens, que anteriormente se effectuava nos mezes de julho a setembro operara-se nos ultimos tres annos em março, abril e maio, resultando dahi que as flores, que a essas folhas immediatamente succedem, não haviam podido resistir ao intenso frio costumeiro no municipio, de junho em diante. Este queimava as plantas, não as deixando medrar.

Neste anno, não fôra o frio tão intenso. Assim pouco bicho se observava, e a vegetação e florescencia se mostravam tão

animada e abundante, que havia toda a probabilidade, se a estação corresse com a mesma regularidade, de boa colheita, ainda mesmo que apenas vingasse uma terça parte da flor existente.

Os fazendeiros do municipio continuavam com esmero a beneficiar os cafezaes, apezar de receiosos ainda, comtudo persuadidos de que seriam recompensados dos prejuizos recentes, graças á fertil producção do anno seguinte.

Alguns, aliás, poucos, tinham ensaiado a plantação do algodoeiro, mas unicamente como ultimo recurso para o caso em que falhasse o principal genero da lavoura, provincial e nacional.

Em Araruama duas causas concorriam para o mal dos cafezaes, segundo a opinião de esclarecido fazendeiro local, o mau systema da cultura e a irregularidade das estações.

Não obstante taes circumstancias o estado actual dos cafezaes não era inteiramente desanimador e antes promettia soffrivel producção.

Tambem alli alguns lavradores, receiosos da continuação do mal, se tinham precavido com o plantio de sementes de algodão herbaceo, contando com mais larga plantação no anno vindouro. Mas não haviam deixado de cultivar o café com o mesmo interesse, nelle depositando em geral as esperanças de lucro.

Era opinião do fazendeiro informante que conviria mandar vir novas mudas de cafeeiros, acompanhados de memorias explicativas de sua plantação e cultura afim de serem distribuidas pelos lavradores, evitando-se assim que viesse a decahir a principal fonte de riqueza da provincia, como já acontecera com as plantas da canna crioula e de Gayenna, cuja cultura se achava quasi extincta.

Em S. João do Principe, mais tarde S. João Marcos, ás mesmas causas era attribuido o mal dos cafezaes.

Importante fazendeiro, informador do Governo, nutria esperanças de que melhoraria muito, no anno proximo, a producção mostrando-se o mal passageiro.

Em Itaguahy, ás condições atmosphericas attribuia o fazendeiro esclarecedor da Presidencia, o apparecimento da borboleta devoradora dos cafezaes. Este anno haviam melhorado muito as condições, tambem a planta florescia promettendo abundante colheita.

Observava o mesmo fazendeiro que os cafezaes de terra mais secca voltados para o norte eram os mais affectados, ao passo que os da terra fria, e virados para o sul não tinham soffrido tanto; posto que não fossem estes os que, como os outros, dessem tanto fruto.

Na freguezia de S. Pedro e S. Paulo do Ribeirão das Lages a enfermidade do café se desenvolvera com maior intensidade do que no resto do Municipio não se fazendo sentir na freguezia de Conceição do Bananal.

A maior parte dos fazendeiros não havia abandonado as lavouras. Alguns, porém, com receio de que ellas se anniquilassem, voltavam-se para a da canna de assucar, e dois ou tres para a do algodão, por experiencia. A pequena lavoura, desanimada pela praga, e estado critico de todas as industrias, entregara-se ao trabalho das estradas, sobretudo da de ferro de D. Pedro II, nella empregando seus escravos, cujos salarios proporcionavam melhores lucros.

Em Rio Claro attribuia-se ás mesmas causas já descriptas o mal dos cafezaes. Por ter declinado um pouco no municipio dava esperanças de que a producção do anno proximo seria melhor do que a actual.

Os fazendeiros empregavam-se, com o maior cuidado, no esmero dos cafezaes, a ver se assim conseguiam senão a extirpação completa da larva que perseguia as plantas, pelo menos a diminuição da intensidade de seus perniciosos effeitos, para que pudessem de alguma sorte, compensar, com melhor colheita, os avultados prejuizos anteriores.

Era opinião de illustre fazendeiro de Rezende, que o mal dos cafezaes já datava de 1856. Tinha ido sempre em progressivo aumento. Agora não havia ponto algum do municipio preservado dos seus estragos.

Julgava o estado actual desanimador, pois de junho em diante recrudescera por forma tal que parecia ter anniquilado completamente as esperanças dos lavradores, não sendo a colheita do proximo anno, talvez, um vigesimo da do precedente!

O mesmo fazendeiro, e outro ainda, eram os unicos que ensaiavam a cultura do algodoeiro, muito adaptavel á natureza do terreno e capaz de alguma compensação pela producção.

Segundo o que informava abastado fazendeiro de Maricá, a quem recorrera a Presidencia o desenvolvimento do insecto daninho, dava-se geralmente de abril em diante, cessando, ou diminuindo muito na primavera e verão. Presentemente era satisfactorio o estado dos cafezaes do municipio maricaense, tendo melhor aspecto, e promettendo mais abundante producção do que a do anno corrente.

Os lavradores nutriam esperanças de que o mal, se não desapparecesse de todo, pelo menos diminuiria muito. Só a titulo de experiencia tinham-se alguns dedicado á plantação de algodoeiro de differentes qualidades empregando as melhores sementes ao seu alcance.

O importante fazendeiro do municipio de S. Fidelis, Francisco Ribeiro de Castro, a quem ouvira o Presidente, informara em carta official que, segundo observação propria, sendo tão abundante como fôra a colheita de 1860, a ponto de exceder á previsão de todos os fazendeiros, não era de estranhar que esta causa, como outrora já aliás se dera nos tres annos posteriores ao de 1843, coincidisse com os estragos produzidos nas plantas esgotadas pelas damninhas borboletas cuja infestação fôra em grande escala. O modo pelo qual era colhido o café pelos escravos, arrancados de envolta com os frutos, parte, ou toda a casca dos ramos, pondo os cafeeiros muito maltratados tambem influira muito consideravelmente para a diminuição da colheita dos annos passados e presentes. Além disto a falta da limpa e de adubos adequados aos terrenos extenuados por longo periodo de trabalho productor, concorrera para essa diminuição.

O mesmo illustre fazendeiro, attribuia a esse enfraquecimento da planta a facilidade com que a devastara o insecto destruidor. A praga em sua opinião já era antiga nos cafezaes assim como em culturas de outros vegetaes, por elle accommettidos, embora nelles não causasse o mesmo prejuizo que á lavoura cafeeira.

Observava que, á medida que os cafeeiros recuperavam forças promettiam pela florescencia actual, abundante producção para o anno proximo. Ia o bicho desapparecendo e, voltando-se para outros arbustos e até mesmo para arvores silvestres.

Quando, em sua fazenda de S. Paulo de Mariahé, a 10 de maio de 1863, concluiu o Padre Antonio Caetano da Fonseca o seu *Manual* de Agricultura havia verdadeiro panico entre os agricultores de café que viam a temivel borboletinha desnudar completamente as suas arvores ameaçadas de morte.

Assim annotava:

"Sendo a praga do café o maior mal que podia sobrevir á nossa agricultura moribunda, e cujos tristes resultados já se vão manifestando pelas quebras de alguns fazendeiros, torna-se indispensavel que lancemos mão de outro genero que substitua com presteza a falta do café.

Os generos mais rendosos e de mais abreviada cultura que temos são a canna, o fumo e o algodão; mas, entre estes, o que nos offerece mais garantia, e que me parece mais lucrativo, é o algodão, cuja extracção no estrangeiro cresce todos os dias, á proporção do augmento de suas fabricas. Portanto, sendo o algodão o genero de mais consumo na Europa, e de mais abreviada cultura que temos, é delle que devemos lançar mão, como o mais proprio para nos livrar do horrendo cataclysma financeiro que nos ameaça".

Uma objecção talvez alguem a suscitasse: se todos plantassem algodão, ficaria este depreciado. Este argumento cabiria por si mesmo quando se soubesse que só a Inglaterra importava todos os annos dos Estados Unidos para as suas fabricas quinhentos milhões de saccas, não se falando nas fabricas da França, Hollanda, Belgica e de toda a Allemanha, que consomiam immensa materia prima.

Para o Brasil prosperar bastaria exportar todos os annos cincoenta milhões de saccas, isto é a decima parte do que os Estados Unidos exportassem para a Inglaterra. Vendido este algodão a 8$ por arroba entrariam para o Brasil quatrocentos milhões de cruzados. Só a provincia do Rio de Janeiro, com a força que tinha, podia exportar cinco milhões de arrobas e receber do estrangeiro quarenta mil contos, isto é, vendido o algodão a 8$000 e não a 10$000 e a mais, como se vendera na praça. Quando receberia ella este dinheiro do café?

Depois destas considerações expunha o Padre Fonseca as razões que tinha para inculcar aos lavradores o algodão herbaceo ou americano e não o arboreo. Do herbaceo conhecia tres especies recommendando aos lavradores a que em Minas era chamada *algodão do governo*. A que davam o nome de *algodão riqueza* tinha o defeito de ser de muito difficil descaroçamento.

Na sua estada em casa de Ferreira Lage, em Juiz de Fóra, procurou Agassiz, com o maior afinco, observar a terrivel borboletinha que tanto praguejava os cafezaes brasileiros desde 1860. Fôra o municipios de Juiz de Fóra especialmente flagellado pelo malefico lepidoptero. Annotou Mme. Agassiz em seu Diario:

"A 9 de Julho: "Mr. Agassiz desde algum tempo empenhava-se por encontrar os insectos que largos estragos fazem aos cafezaes. Trata-se de larva muito pequena, no genero da que destroe os vinhedos na Europa. Hontem conseguiu encontrar um certo numero, sendo que uma estava fiando o casulo na superficie da folha sobre qual vivia. Examinamos longamente com uma lente o modo pelo qual constroe sua delicada moradia. Dispõe os fios concentricamente de modo a proteger o pequeno espaço que lhe servirá de abrigo. O fragil e leve tecto parecia terminado no momento em que o examinámos. A lagartinha estava occupada em puxar a seda para a frente e a fixal-a a pouca distancia para prender deste modo o ninho á folha. A extrema delicadeza de tal trabalho é surprehendente. A larva fica com a bocca e o corpo vergado para traz afim de dar o mesmo nivel a cada fio novo; repete a operação para a frente, alinhando o seu tecido com rapidez e precisão que uma machina difficilmente attingirá!

E' interessante notar a que ponto chega a perfeição das obras da maioria dos animaes inferiores; simples consequencia de sua organização por consequencia attribuivel menos ao instincto do que a actos tão inevitaveis quanto os da funcção digestiva ou do trabalho respiratorio. Neste caso, por exemplo, o corpo do insecto era a medida; é curioso vel-o manipular os fios com cuidado tão preciso que se percebia quanto não os poderia fazer nem mais longos nem mais curtos. Com effeito do centro da casa, esticado que fosse todo o seu comprimento o corpo tinha que attingir sempre o mesmo ponto. A mesma cousa acontece com a falada mathematica das abelhas. Estes insectos ficam tão apertados quanto possivel nas colmeias para poupar espaço e cada qual deposita em torno de si sua provisão propria de modo que sua forma e dimensões proprias servem de molde a essas cellulas cuja regularidade nos chama attenção e causa-nos espanto e admiração."

"O segredo da mathematica da abelha não reside pois no instincto e sim na sua estructura. Seja como fôr as obras da industria de certos animaes inferiores, como a formiga, por exemplo, revelam uma faculdade de adaptação que não se póde explicar da mesma maneira e a organização social destes insectos intelligentes demais para proceder simplesmente do raciocinio proprio não parece comtudo provir directamente de sua estructura.

Emquanto examinavamos nossa lagartinha o vento sacudiu a folha; instantaneamente ella se ennovelou e escondeu-se sob o seu tecto; mas logo se encorajou novamente retomando o serviço."


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

SEXTA PARTE

Regime das Fazendas.

Caracteristicas Sociologicas




DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO XCVI

A cartographia e o avanço da cultura cafeeira — Os primeiros mappas do seculo XIX

A cartographia antiga fluminense não nos offerece grande abundancia de elementos onde possamos colher dados relativos ao avanço cafeeiro.

Os documentos que percorremos não forneceram senão escassa colheita, a não ser quanto aos mais recentes, de meiados do seculo XIX.

Deixando de lado as cartas coloniaes recorramos aos primeiros mappas imperiaes.

Assim por exemplo a "Carta Geographica da parte oriental da provincia do Rio de Janeiro e seus termos ou limite com a do Espirito Santo, S. Paulo, Minas Geraes, indicando-se as subdivisões dos Districtos annexos comprehendidos na jurisdicção particular e economica de suas villas cidades e aldeias". Autor anonymo e mappa não datado. E' anterior a 1841 pois já neste millesimo o Archivo Militar o fez copiar.

O Itamaraty possue uma copia tambem não datada.

Nenhuma povoação menciona desde Nova Friburgo e Cantagallo até a margem do Parahyba nem em direcção a leste. De S. Maria Magdalena ha vaga indicação. Na Matta de Minas não se vê o minimo vestigio de povoamento a não ser quanto á freguezia de S. Pedro e S. Paulo.

Ao grande valle do Muriahé acompanha a designação *Sertões epidemicos*. As unicas localidades mineiras da Matta citadas são Simão Pereira, Juiz de Fóra, Marmellos.

Já em 1846 numerosos informes sobre o povoamento progressivo da região fluminense nos dá a *Carta topographica administrativa da Provincia do Rio de Janeiro e do Municipio Neutro* de autoria do Visconde de Villiers de l'Ile Adam que a mappotheca do Itamaraty possue, reeditada em 1850 por Garnier Fréres. Sob o mesmo titulo acompanhado dos seguintes sub-titulos: "apresentando pela primeira vez os novos municipios S. João, Capivary, Rio Bonito, Sapucaia, Estrella as freguezias que fo-

ram creadas pela Assembléa Legislativa até setembro de 1846 e o canal quasi acabado de Campos e Macahé".

Desta carta se diz que é publicação corrigida e consideravelmente augmentada tendo sido gravada no Rio de Janeiro na Lithographia Imperial de Vr. Larée. Sob o ponto de vista de exactidão geographica é evidente á primeira vista que este mappa deixa notavelmente a desejar. Mas se considerarmos os dados relativos ao povoamento contem indicações preciosas. Assim nos menciona já a zona de grandes distritos cafeeiros a existencia de Dores do Parahy e Amparo da Barra Mansa, Rio Bonito de Valença, Arrozal, Sumidouro, São José do Rio Preto, Santo Antonio de Padua.

Como vemos, são muito summarias as indicações do mappa do Visconde de Villiers de l'Ille Adam que aliás se queixava amargamente de não ter quasi podido dispor de subsidios de origem official.

"A população do Municipio Neutro e da Provincia do Rio de Janeiro, sua riqueza, productos etc., não se podem deduzir de nenhum dado official. O commercio legal da Côrte chega a 55 ou 60 mil contos mas o commercio illegal é muito maior em todo o littoral da provincia pois o trafico da escravatura, o contrabando, etc., elevam pelo menos a 180 mil contos o total do commercio estrangeiro".

Prodigiosa a pujança economica da zona fluminense affirmava o fidalgo geographo "o que se fabrica na provincia e se vende para outras é immenso e eleva-se provavelmente a outros 180 mil contos".

Havia tambem muitos erros, para menos, na estimativa da população o que se dizia ser de 140.000 almas na Côrte e 470.000 para toda a provincia.

A seu ver seria a primeira de 300.000 individuos e a segunda de 1.600.000!

Crescia muito a cidade onde annualmente se faziam 500 casas novas ao passo que na provincia entravam mais de 60.000 escravos novos annualmente.

Rectificando estas informações na edição de 1850 diria L'Ille Adam que reputava a população da Côrte e da Provincia em 1.500.000 almas.

"O rendimento provincial passava de mil contos de réis e o da Illm.ª Camara Municipal do Rio de Janeiro de 360.000$000". O rendimento geral dos habitantes de toda classe sommavam mais de 140 mil contos de réis.

A alfandega do Rio de Janeiro arrecadava mais de mil contos de réis e a mesa do consulado mais de dois mil.

Na cidade do Rio abatiam-se annualmente 60.000 vaccas (sic) consummiam-se 12.000 pipas de cachaça quando a cifra official era 7.200. Importavam-se 160.000 barricas de farinha, 10.000 pipas de vinho e 1.120.000 arrobas de carne secca.

Falando do progresso industrial da Provincia informava o Visconde aos seus leitores:

"As installações do assucar e o corte das madeiras são a grande industria da Provincia. Começava o chá e o sal que muito promettem de rendimento.

A fabrica de tecido Santo Aleixo e a de machinas e ferragens da Ponta d'Areia são como o Arsenal Imperial da Marinha as tres importantes fabricas provinciaes mas as sós (sic) que podem rivalisar com as da Europa".

Em 1850 contava a provincia fluminense sete comarcas: as de Rezende, Angra dos Reis, Vassouras, Cantagallo, Campos, Nictheroy, Itaborahy, Cabo Frio.

Cidades apenas eram Nictheroy, Cabo Frio, Campos, Macahé, Paraty. As demais não passavam de villas.

Curiosa esta que attribuia mais alto posto, na hierarchia municipal a Macahé e a Paraty do que a Vassouras, Valença, Rezende, Parahyba do Sul e Cantagallo.

Os municipios eram os de Paraty, Angra, Mangaratiba, Itaguahy, Iguassú, Magé, Santo Antonio de Sá, Nictheroy, Maricá, Saquarema, Cabo Frio, Barra de S. João, Macahé, Campos, São João da Barra no littoral, Rezende, Barra Mansa, Pirahy, Valença, Vassouras, São João Marcos, Estrella, Nova Friburgo, Parahyba do Sul, Cantagallo, Capivary, no interior.

Barra Mansa, lugarejo de infimas choças de fins do seculo XVIII, vizinho dos Purys, curato em 1829, sob a invocação de S. Sebastião, villa em 1832 tinha o seu curato do Espirito Santo creado em 36 entestando com as terras de S. Paulo, Amparo, curato em 1833, era famosa pelas grandes lavouras de café e Quatís em 1849 ainda não apparecia no mappa de L'Ille Adam.

Pirahy já constituia importantissimo municipio. Assim como Barra Mansa se desmembrara de Rezende.

Em 1770 nascera, em torno da capellinha de Sant'Anna, o curato de 1811, Freguezia em 1817, seria municipio em 1837 mercê da enorme extensão de suas lavouras cafeeiras. O mappa já nos indica a existencia do Arrozal e do Bom Jardim outróra designado pelo nome bem pouco esthetico de São José da Cacaria.

Valença cobrira então larga área entre o Parahyba e o Preto. Aldeia de coroados em principios do seculo XIX, freguezia em 1813, villa em 1823 tornara-se centro cafeeiro importantissimo.

O mappa que estudamos menciona Conservatoria a antiga aldeia de indios de 1824 e já freguezia em 1839 como enorme lavoura cafeeira sob o nome de S. Sebastião do Rio Bonito, Ipiabas mais moderno, freguezia em 1849 merecia menção pois tambem era importante já a sua lavoura, não tanto quanto a de S. Sebastião.

S. Isabel do Rio Preto, centro valioso, não se inscreve na carta. Vassouras estava no seu apogeu; contava diversos districtos celebres como centros cafeeiros. Destes o mappa menciona Paty do Alferes, a velha freguezia de 1755, nascida da fazenda do alferes de ordenanças Leonardo. Verdade é que Paty, séde do municipio em 1820, vira-se treze annos mais cedo supplantado por sua feliz concorrente Vassouras.

São Sebastião de Ferreiros, no emtanto tão rico em café, não o vemos mencionado no nosso mappa. Cantagallo, a antiga frequezia do Santissimo Sacramento, creada em 1766, villa de 1814 já era então centro de enorme cafeicultura. Seu municipio comprehendia muito maior superficie do que a de hoje.

Assim Carmo, Sumidouro, Duas Barras, Bom Jardim, Santa Maria Magdalena, São Francisco de Paula, sahiram de seu territorio. O mappa de L'Ille Adam destaca no territorio cantagallense Carmo do Monte, hoje Carmo, Sumidouro, Porto Velho do Cunha, Santa Rita, Tapera, hoje Duas Barras, curato em 1836.

Na zona cafeeira do enorme municipio de Campos menciona o mappa S. Fidelis, missão de capuchinhos já em 1779 entre os purys; S. Antonio de Padua, capella de indios coroados, freguezia de 1819, Aldeia de Pedra missão de Purys em 1807 mais tarde S. José de Leonissa (1824) freguezia em 1850 e hoje Itaocara, desde 1890.

Durante as primeiras decadas, de acclimação no Brasil, vivendo como em estado larvar, passara a lavoura cafeeira a assumir importancia absolutamente notavel, a partir, mais ou menos, de 1815. E o café faria o surto do novo Imperio como continúa a ser o esteio do Brasil republicano.

Num paiz de estatisticas falhas como o nosso ou notavelmente deficientes, sobretudo quando datam de um seculo, é difficil apontarem-se as cifras com segurança, apezar de abonadas pelos melhores autores e especialistas, os dados tidos como mais precisos collidem de modo mais flagrante. Assim, por exemplo, os que maior autoridade deviam apresentar como os officiaes do Governo Geral e dos governos provinciaes, os da Associação Commercial do Rio de Janeiro, etc.

Em 1881 publicou Horacio A. da Costa Santos umas *Breves considerações sobre o nosso café* a que encerram um mappa

comparativo do café exportado do Rio de Janeiro desde 1800 até 1880 para tanto valendo-se dos melhores dados.

Começa o seu quadro com uma série de dados falsos como por exemplo a dizer que em 1800 sahiram da Guanabara 50 arrobas e em 1813 sessenta. Não é crivel que em 1808 fossem do Rio exportados apenas cincoenta arrobas quando no *Almanack* do bom Duarte Nunes se conta que em 1798 havia sahido para o Reino 1.118 e em 1802, nada menos de vinte e cinco mil no dizer de Tuckey.

Paulo Porto Alegre, em seu bem trabalhado livro, concede para a exportação total do Brasil, em 1813, arrobas 85 apenas! quando só de Santos, segundo os informes de Eschwege, sahiram neste millesimo 9.223! De 1817 ha maior abundancia de informes. Confrontemo-los quanto á producção do Rio de Janeiro:

	Mons. Pizarro	*Spix e Martius*	*Costa Santos*	*Calogeras*
1817	318.932	298.999	319.930	371.072
1818	371.345	348.135	371.235	371.072
1819	269.574	252.725	366.570	268.767
1820	539.000		487.500	465.945
1821			526.930	526.934
1822			760.240	759.957

Como vemos estas divergencias a principio accentuadas mostram-se mais tarde pequenas.

Em seu artigo *os transportes maritimos do café e as correntes compensadoras,* diz o Dr. Hildebrando de Araujo Góes que a exportação brasileira attingiu no periodo de 1800 a 1825 a um total de 1.159.724 saccas de 60 kilos ou sejam 69.583.440 kilos.

Esta cifra é baixa. Só o Rio de Janeiro de 1817 a 1822 exportou entre oitenta e cinco e oitenta e seis milhões de kilos. O engano do distincto autor provem do facto de que elle calculou a sacca a quatro arrobas quando nos tempos antigos ella pesava cinco.

Entre 1800 e 1825 suppomos que o Brasil haja exportado cem milhões de kilos de café.

Em nosso volume *Subsidios para o estudo do café no Brasil Colonial* deixámos frisado quanto a propagação da lavoura cafeeira teve como nucleo principal de disseminação o Rio de Janeiro. Vencida a encosta abrupta da serra não tardaria a to-

mar as grandes directrizes de sua irradiação. Sob o ponto de vista da divergencia historica dos rumos principaes das culturas poderemos talvez assignalar Rezende como uma encruzilhada notavel.

O caminho de leste acompanha o fluir do Parahyba occupando as terras do seu valle, Barra Mansa abaixo, até encontrar a segunda entrada de penetração das lavouras, via o valle de rio S. Anna as terras de Vassouras e as da Parahyba do Sul. O encontro se dá na Barra do Pirahy e o avanço do sector vassourense se faz por Valença para attingir, além Rio Preto, as terras mineiras. Assim tambem via Parahyba o cafezal entrar pelo valle do Parahybuna a dentro demandando a zona juiz-de-forense. As terras de onde as aguas vertem em affluencia e confluencia para o Parahyba, na Matta de Minas e na margem fluminense enchem-se de cafezaes. Faz-se a juncção com as lavouras que haviam avançado partindo da costa, de S. Gonçalo e seguindo a linha de penetração que demandava as terras de Cantagallo e da Aldeia da Pedra (Itaocara) e mais tarde de Cambucy e S. Fidelis.

A grande via de oeste era a que partindo de Mendanha e de Itaguahy galgara a serra e fizera de São João do Principe um centro de grande importancia dentro em breve ligado a Rezende.

Proseguira a marcha do cafezal de S. João a Bananal, a Areias, Silveiras, Lorena a espraiar-se ainda ao longo do Parahyba, atravez das terras de Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Caçapava, Jacarehy, para ir fenecer nas encostas da serra do *divortium aquarum* do Parahyba e do Tietê na planicie de Mogy das Cruzes. Irradiações secundarias se fariam no Norte paulista como a de S. Luiz do Parahytinga a mais importante de todas.

Corroborando o nosso ponto de vista escreve Oliveira Vianna em sua memoria *Hegemonia do Valle do Parahyba no Segundo Imperio*:

"Tendo encontrado, no platô do Parahyba a região do seu "optimum" biologico, o cafeeiro entra a irradiar-se rapidamente por todo elle. Em 1810, já Rezende substituia as suas antigas lavouras pela nova cultura. O exito da experiencia rezendense desenvolvera a cobiça dos colonizadores. Todas as florestas do valle do Parahyba e das suas encostas começavam a ser atacadas com impetuosidade. O foco rezendense alargara com rapidez a sua área de contagio. O cafeeiro distendeu-se em todas as direcções, tendo como eixo de expansão o valle do Parahyba. Caminhando atravez delle, para o occidente, invadiu S. Paulo e, para o oriente, desceu até Parahyba do Sul".

"Divergimos ligeiramente do illustre sociologo fluminense quanto á attribuição da influencia de Rezende até tão longe como Parahyba do Sul, quando a sua actuação se fez para o *Norte* paulista. E como prova de tal temos a solução de continuidade de Barra Mansa, muito mais tarde apossada pelos cafezaes.

"No sector occidental do grande valle, e cuja cultura cafeeira Rezende fôra o fóco, havia em 1860 cerca de 600 fazendas de café, afóra um numero infinito de pequenas malhas cultivadas.

O fóco da baixada — o de São Gonçalo — teve uma irradiação menos rapida e menos sensivel: mas foi elle que contagiou as terras da baixada oriental e, diffundindo-se pela terra acima, constituiu em Cantagallo novo e poderosissimo fóco de irradiação.

Neste ponto, encontravam-se as duas expansões — e desde então o valle do Parahyba se constituiu o centro da maior producção cafeeira.

Por esta época S. Paulo alvorecia para esta cultura, embora, segundo Porto Alegre, os toques desta alvorada fossem do mais vivo colorido. Escrevendo em 1877, dizia:

"Não existe por ora no Brasil uma estatistica official systematica, detalhada e bem coordenada, sobre os principaes objectos que interessam a administração publica de qualquer paiz, e que servem de pharol para a legislação para melhoramento do corpo social, para a prevenção de males que tendem á repetição, para ajuizar do progresso ou decadencia de todos os ramos que formam a actividade nacional, e por isto servir-nos-hão os quadros sobre a exportação, para demonstrar que é real o progresso da producção do café no Brasil, desde que ahi se estabeleceu a cultura. Nunca se procurou conhecer o consumo local, e si aconteceu o contrario, addiccionando esse á exportação geral, e á existencia interna em deposito, teriamos ao menos uma ideia approximada da producção total de cada anno".

A estas considerações se segue um quadro de exportação do café brasileiro de 1800 a 1876 em que os dados realmente de valia se referem ao periodo de 1817 a 1876.

Nada soube Porto Alegre das particularidades do commercio da rubiacea nos primeiros annos do seculo escrevendo verdadeiros absurdos a tal respeito como este de admittir que foi de 13 saccas em 1800, 12 e 1812 e 17 em 1813! a exportação.

Nem sequer se deteve na consideração do que de 17 em 1813 para 66.985 quatro annos mais tarde a progressão era a mais inacceitavel.

O nosso seculo XIX foi o do café, escusado é repetil-o. Foi a rubiacea que abriu á civilização as terras altas fluminenses.

Ao principiar esta centuria a serra conservava a cavalleiro da baixada uma área grande de floresta densa ainda cheia de indios. E a não ser as pequenas abertas de adeiolas de catechese como S. Fidelis, a Pedra, hoje Itaocara, etc., só havia as picadas que punham em communicação os districtos auriferos mineiros com o littoral.

Toda a civilização, a incipiente civilização se concentrava a beira-mar nas terras da baixada onde se plantava a canna, em larga escala no disticto campista, um pouco de algodão, um pouco de anil, culturas ephemeras e cereaes. Os rebanhos não eram muito avultados e no assucar consistia o unico valor solido da exportação.

Paraty vivia do commercio, de sua estrada galgadora do planalto paulista e da sua aguardente. Angra vegetava como a sua vizinha. Estrella prosperava pelo facto de ser cabeça de linha para as Minas. Cabo Frio confinado ao seu minusculo commercio de sal tambem vegetava pauperrima. Campos, sim, era vivaz como grande centro assucareiro. As immediações da cidade guanabarina contavam um ou outro engenho de valor, mas de escassa producção.

Serra acima o sertão bruto, coberto de mattas, onde se pintalgavam aldeiolas miseraveis de meia duzia de casebres, como Parahyba Nova, Campo Alegre (Rezende), ou os pousos de que os primeiros viajantes estrangeiros nos falam como completamente destituidos de conforto senão de recursos. O grande inimigo do colonizador na Baixada foi sempre o pantano gerador da malaria, imperando soberanamente no centro da capital fluminense, da capital brasileira com as suas terriveis manifestações do accesso pernicioso e das polynevrites.

Em seu precioso artigo "Distribuição geographica do cafeeiro no Estado do Rio "realiza Oliveira Vianna um retrospecto desta lucta contra a paúl como para a cultura do cafeeiro, a irradiação colonizadora se fazia atravez as planicies da Baixada e das margens campinosas do Parahyba, o grande inimigo do colonizador era o pantano; foi este o grande obstaculo que elle teve que vencer. E fel-o com bravura historica, de que nos dão conta os documentos coloniaes.

De facto, em toda parte onde encontra o brejal, a lagôa, a leziria empantanada e mephitica, o nosso primitivo desbravador não refoge della; enfrenta-a, combate-a, vence-a; nos campos do Iguassú; nos vales do Macabú; e do Macahé; na planicie Goitacá; nos sertões do Muriahé e do Pomba.

O latifundiario fluminense do seculo XVIII era, antes de tudo, um "senhor de engenho", isto é, plantador de cannaviaes e fabricador de assucares; de modo que foi justamente o deter-

minismo economico da sua principal industria que o impediu a conquista das terras planas e humidas da nossa Baixada oriental e occidental. Dahi, durante todo o "cyclo do assucar", a sua condição de dessecador de marenas, de eliminador de brejaes — de Hercules Saneador. Dahi desta lucta secular do homem com o pantano, o dessecamento progressivo da Planicie, a conquista penosa da vasta rechã submersa — em summa, a lenta substituição da paisagem palustre pelo aspecto humanisado das culturas.

Liberto das emanações das lagunas, defendido por drenagens sábias contra o perigo das cheias e das innundações, o nosso latifundiario do seculo XVIII póde estender os seus dominios da grande planicie, e, subir pelo vale dos seus rios lentos e ir repellindo para a região das montanhas os reductos da selvageria aborigene. Fixou-se, prosperou. Organizou-se economicamente".

Quer-nos parecer que neste quadro ha certo exagero de nosso illustre sociologo. Pouco poderia fazer aquella população reduzidissima de meia duzia de dezenas de milhares de almas, esparsa sobre tão larga área. Os trabalhos de drenagem representam-se nas immediações relativas do Rio de Janeiro sobretudo pelas obras dos jesuitas em Santa Cruz, com o seu celebre vallo do Guandú, os serviços dos benedictinos em torno de Jacarépaguá nas suas fazendas historicas, hauridas de legados seiscentistas de D. Victoria de Sá, mulher do famoso capitão general do Paraguay Dom Luis de Cespedes Xeria, o grande inimigo dos jesuitas.

Estes serviços executados em Vargem Grande, Vargem Pequena, S. Bento, eram por vezes abandonados. A vivissima vegetação aquatica tropical tudo dominava, represavam-se as aguas e as terras se reempantanavam.

Bem expressivo é o que conta o *Dietario* do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro quando nos fala que Frei Gaspar da Madre de Deus, abbade em 1763, teve de reabrir vallos e enxugar pantanos, despejados na Lagôa do Camocim tudo "á vista da grande despeza e maior trabalho de indios". Trabalho e consumição de vidas... *cela va sans dire*.

Bem sabemos o que representou o aterro do nosso lindo Passeio Publico actual, executado por ordem de Luiz de Vasconcellos.

Dadas as condições actuaes da baixada fluminense, varrida pelo paludismo como ainda é hoje quando os recursos são muitas mil vezes maiores, não é de crer que a lucta contra o pantano tenha sido muito larga excepto talvez quanto ás fazendas de Campos, e á conservação da navegação livre dos rios da baixada,

desaguando na Guanabara. Os proprios benedictinos em Iguassú a isto se limitavam.

Havendo tanta terra e tão pouca gente procurava o agricultor collocar-se em ponto menos flagellado pela malaria e a ulcera da matta virgem. Era preciso queimar o solo para permittir a adaptação do homem.

E' bem expressivo o que em 1785 a tal respeito escrevia Manuel Martins do Couto Reys em sua "Descripção geographica, politica e corographica do Districto dos Campos Goytacazes".

"Os sertões do Muriahé, foram em outros tempos, horrorosos por mais pestiferos, porque as suas terras incultas, os altos arvoredos de que se revestiam, os seus extensos brejos, e ultimamente, a falta de fogos, e de outros beneficios, que agitassem e rompessem livremente um ar denso, e carregado, necessariamente haviam de produzir funestas consequencias. Mas logo que os homens, excitados do interesse de se aproveitarem das terras incultas, desterraram o primeiro terror (apesar da perda de muitas vidas) e entraram a estabelecer fazendas nos ditos sertões, fazendo fogos, descortinando mattas e purificando ares, ficaram menos rigorosos".

Assim em toda a parte succedeu. Municipios do oeste de S. Paulo, hoje saluberrimos, eram tidos como verdadeiros matadouros antes da queima da floresta. Assim ainda em 1860, Descalvado por exemplo. E é bem sabido que a construcção do leito da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré só se tornou possivel depois que os engenheiros americanos realizaram verdadeira calcinação do solo por meio de grandes jactos de petroleo emittidos por lança chammas.

No artigo a que alludimos evoca Oliveira Vianna, em seu bello estylo habitual, as condições de selvatiqueza do valle do Parahyba em principios do seculo XIX, sobretudo na região fluminense.

Corria o grande rio atravez daquellas florestas colossaes e seculares que lhe ensombravam as margens, sem solução de continuidade pode-se dizel-o desde Rezende a Campos. Mesmo o trecho paulista do Ribeirão do Salto a Lorena estaria, mais ou menos, nas mesmas condições. Em 1800 começava o aldeiamento dos purys de Queluz pelo evangelico padre Francisco das Chagas Lima.

Em 1785, conta-nos Conto Reys, ainda as cabeceira dos rios que descem para a planicie campista, o Macahé, eram o dominio dos Sacurús. Na Matta de Minas no extremo norte fluminense, nos valles do Muriahé, do Pirapitinga, do Pomba, vagavam Purys e Coropos numa área consideravel em que a civili-

zação era representada pelos pequenos nucleos missionarios capuchinhos de S. Fidelis e da Aldeia da Pedra.

A esta vasta superficie expressivamente chama o futuro Tenente General Couto Reys o *Deserto das Montanhas*.

Escreve Oliveira Vianna:

"O advento da cultura do cafeeiro no seculo XIX vem modificar inteiramente esta situação. Os grandes macissos florestaes começaram com a apparição do cafeeiro, a ser atacados, explorados, cultivados, valorisados. "O deserto das Montanhas" tornou-se uma região de intensa penetração colonizadora. Os aborigenes que nelles vagueiavam foram acossados e repellidos; suas florestas batidas e destruidas.

Cidades importantes surgiram em todas estas terras, até então palmilhadas apenas pelos "puris", "sacurús" e "coroados". De Rezende até as bordas da planicie goitacá, encheu-se o vale parahybano de dominios, da fezendas, de cafezaes optimos.

Desde então, a Planicie, prestigiosa durante o cyclo do assucar, perde a sua hegemonia. O centro de gravitação economica e social da região fluminense se orienta progressivamente no sentido da Montanha".

Com toda a exacção lembra o nosso illustre publicista que a região fluminense pode ufanar-se de ser a cellula mater da grande lavoura do *Brasiliae fulcrum*.

"E' em territorio fluminense que a cultura do cafeeiro faz as suas primeiras experiencias, dá as suas primeiras provas de vitalidade e lucratividade, e organiza-se e prepara-se para a conquista dos grandes platós do interior. O exito inicial das primeiras tentativas em nosso territorio, principalmente no fóco de Rezende, exerceu certamente sobre o destino da grande cultura uma influencia decisiva: tivesse sido negativa a experiencia — e talvez fosse outro o destino do café nas nossas regiões meridionaes".

Na primeira decada do seculo XIX, lembra Porto Alegre que a producção fluminense era consummida internamente, proposição um tanto exagerada a vista dos dados adduzidos por diversos autores. Em 1806 affirma Balbi que o Brasil exportou 82.000 arrobas de café. Em 1808 trinta mil, affirma Raffard. Ora nesta época o resto do Brasil produzia quantidade insignificante do grão rubiaceo. Santos regulava remetter mil, duas mil arrobas annuaes, o Pará duas ou tres mil, quatro mil eram excepcionaes.

Para o Rio exportar 300.000 em 1817, deveria ter remettido 30.000 em 1810.

Com toda a razão observa Oliveira Vianna que o surto verdadeiramente prodigioso da lavoura fluminense começou com o

segundo quartel do seculo XIX. Com a sua grande cultura sempre florescente e avassaladora de enormes tratos de terras.

Continuou a planicie campista a ser a representante do velho cyclo assucareiro já quasi bicentenario desde que as terras feracissimas da região alluvial haviam sido arroteadas para serem entregues ao vicejamento da graminea.

Segundo José Carneiro da Silva, primeiro Visconde de Aramoma em sua *Memoria topographica e historica sobre os campoi dos Goytacazes* e os depoimentos do Principe de Wied, houve seus ensaios de cultura cafeeira na zona campista e em principios do seculo XIX. Mas não proseguiram. A canna jamais foi deslocada de um dos seus mais admiraveis habitats universaes. E não podia nem devia sel-o.

Observa Oliveira Vianna em conceitos lapidares que subscrevemos *in totum*:

Na Baixada, os grandes dominios ruraes, que sempre gravitavam em torno da cultura da cana e da fabricação de assucar e da aguardente, passaram desde então tambem a incluir, no quadro das suas producções, o café, a titulo de cultura complementar. Nos meiados do seculo XIX, pode-se dizer que, excepto as regiões das lezirias campistas, todo o restante territorio fluminente produzia café, mesmo nas zonas menos climatica e economicamente propicias á sua cultura. De Angra a Cabo Frio, passando por Itaguay, Iguassú, Mangaratiba, Estella, Macacú, Macaé, Rio Bonito, Saquarema, Capivari, Itaboray, Araruama, Maricá — por toda a vasta planicie da Baixada, pequenas e grandes cafeeiras appareciam cobrindo as encostas e morraria dos dominios.

Nestas zonas, porém, o café ficou sendo sempre uma cultura complementar; a cultura dominante era, na quasi generalidade das fazendas, a cultura da cana de assucar — e o typo do "engenho de cana", apezar da cultura do cafeeiro e da organização technica correspondente, permanecia, durante mesmo o periodo aureo do café, como o typo das organizações agricolas da Baixada.

No valle do Parahyba e montanhas circundantes a situação era outra: a cultura cafeeira encontrava ali o seu *habitat* proprio, e, absorvendo todas as outras culturas tradicionaes, constituia-se em cultura dominante. De modo que é precisamente nesta região que vamos encontrar, na estructura dos seus dominios agricolas, a integridade dos caracteres, proprios das chamadas "fazendas do café".

A "area da dispersão" do cafeeiro pela região fluminense confunde-se com a propria região fluminense.

Recorda o illustre autor d'*As populações meridionaes do Brasil* quanto o cafeeiro pode no Brasil viver sobre uma área de milhões de kilometros quadrados.

Realmente o clima começa a lhe ser positivamente inhospito quasi á entrada do littoral sul-riograndense. Nos milhares de kilometros de fita costeira do Brasil elle viceja. E transpondo o Oyapok continua a viver na orla do Mar das Antilhas até quasi a fronteira mexico-americana. A esta fachada immensa corresponde enorme fundo, é quasi inutil recordal-o.

Planta tropical, não encontra em nosso territorio nem em latitude, nem em longitude, o seu "zero especifico" ou por falar como Schimper, o seu "ponto critico": do extremo-norte ao extremo-sul da costa ao mais profundo dos sertões, o vemos vicejar e florescer.

Quiçá talvez apenas não resista á glacialidade dos ventos riograndenses e ao sopro de outras correntes dos mais altos sitios brasileiros. Mas ahi excepcionalmente. Não devemos comtudo deixar de considerar que a área da dispersão não se superpõe de todo a da productividade remuneradora. Bem sabemos que superficies fluminenses, paulistas, mineiras, que tinham tal predicado, perderam-no por completo.

Em compensação outras, como por exemplo, o extremo oeste de S. Paulo e o norte de Paraná, onde a geada provocava o aniquilamento das plantações, são hoje as admiraveis contribuidoras do avolumamento da exportação brasileira.

Foi um complexo de circumstancias de ordem economica que limitou o cafezal fluminense ás terras altas sobretudo, depois de algum tempo de experiencia, devido ao justissimo temor de devastação dos cafezaes e de seu aniquilamento pela terrivel hemileia, arrazadora da lavoura paulista littoranea de S. Sebastião e Ubatuba.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO XCVII

Costumes asperos dos abridores das primeiras fazendas cafeeiras fluminenses — Violencias contra os posseiros — Derrama de sesmarias — Os dias penosos da fundação e dos principios das grandes fazendas — O papel das mulheres — Opulentamento rapido dos lavradores — Cessação do trafico africano — O commercio de escravos do Norte do Brasil — Processos feudaes — Grandes fazendeiros e grandes fazendas da epoca aurea do cafesismo fluminense

Estabelecidos em suas fazendas os landlords do Primeiro Imperio, desbravadores do solo fluminense, copiaram como um modelo sem par o Imperador, commenta acremente Eloy de Andrade em seu tumultario e interessante estudo "Grandeza da Provincia e decadencia do Estado do Rio de Janeiro" a verberar os processos despoticos do primeiro Pedro. Impulsivos e tyrannicos, faziam o que bem entendiam dentro de suas fazendas, na maior latitude de exercicio do quero, posso e mando!

Era a incontrastavel lei do mais forte, era o uso da autoridade não cerceada que ditava este *sit pro ratione* illimitado, imperando do modo mais vigoroso a algumas dezenas de kilometros da capital da monarchia americana.

Engana-se o autor fluminense sem Pedro I ou com Pedro I autoritario e violento, nada mais fazia o derrubador da matta e plantador de café do que dar largas ao velho "espirito fazendeiro" nova modalidade applicada á cultura nova do café, de um feitio secular nimiamente colonial, naturalissimo num paiz de escravatura. Não podia o fazendeiro de café ser diverso de seu antecessor e de seu contemporaneo o senhor de engenho e canna.

Recorda o mesmo escriptor a seguir o que nas *Origens da França contemporanea* descreveu Taine dos inominaveis abusos e crimes dos fidalgos maiores e menores na França anterior á Revolução, ainda em vesperas do 14 de Julho e da abolição dos privilegios.

Victimas das maiores violencias por parte dos *intendants* dos castellos, pois desde o reinado de Luiz XIV, os grandes

fidalgos residiam junto aos Reis, confiando a administração de suas terras a taes empregados, viviam os camponezes semi-espavoridos ante a dureza e a prepotencia de taes villões de vara na mão frequentemente muito mais asperos do que os patrões.

"Todas as vezes, conta Montlosier, em 1789, em suas *Memorias,* que me acontecia encontrar pela estrada bandos de veados ou de gamos os meus guias gritavam "eis a Nobreza"! alludindo as devastações que estes animaes faziam em suas terras."

Aos desgraçados camponezes não se permittia cercarem as lavouras para as proteger. Até, nas hortas, eram obrigatorios grandes buracos na base dos muros para por elles poderem passar as lebres e coelhos."

No Brasil os abusos assumiam outras formas, nascidas do meio inculto, oriundos sobretudo da impunidade. Praticava-se e á largo o esbulho territorial dos humildes pelos poderosos.

Crimes e mais crimes se praticaram contra os primitivos posseiros, vivendo á ourela das sesmarias agora concedidas aos futuros grandes fazendeiros de café.

Para quem appellar? Para Deus que estava muito alto e El Rey que além de se achar muito longe queria galardoar validos e amigos?

Obtida a concessão da sesmaria, o aquinhoado recente esbarrava com o posseiro ali domiciliado e senhor da aguada.

Vivia com a sua familia; e cria na tranquillidade da posse, no direito firmado no trabalho de ter desbravado parte da matta que escolhera. Enganava-se redondamente. Era o intruso. O proprietario da sesmaria vinha acompanhado de derribadores, roçadores e camaradas. Intimava-o a sahir, a mudar-se quanto antes, senão immediatamente.

Comprehende-se que o esbulhado resistisse. Desde então era considerado inimigo e soffria violencias severas. Outras vezes resignados, acovardado, mudava-se para perto do terreno de onde fôra enxotado e abria novo sitiosinho.

Passavam-se tempos. Uma noite, na época do apendoamento dos milharaes, animaes appareciam ali pastando nas roças.

Cercas tinham sido quebradas durante a noite.

"O desgraçado na sua ingenuidade, na candura de sua boa fé ia queixar-se, ia reclamar, narra Eloy de Andrade.

Bem recebido, promettiam-lhe as autoridades providencias, mas logo depois reproduziam-se as mesmas scenas. Era as roças agora devastadas em maior escala.

Desesperada, cansada da violencia que agora enxergava proposital, a victima da prepotencia matava um dos animaes invasores. Era o que o vizinho poderoso queria. Dentro em breve via-se o pobre diabo escurraçado para não lhe acontecer coisa

peor e as suas roças serviam de pasto ao gado do vizinho poderoso. O posseiro tivera de mudar-se...

Aconteceu algumas vezes porém, que o posseiro fosse homem de seus recursos e scenas lamentaveis, inauditos crimes decorreram então de sua resistencia.

Individua Eloy de Andrade um caso que conheceu de perto.

"Pavoroso exemplo foi em 1850 theatro o sitio de Anacleto de Castro.

Teve elle a necessidade de retomar as terras, sentindo-se ameaçado pelo vizinho que derribava matto a seu ver seu.

Confinava, desgraçadamente com os vastos dominios de opulento landlord.

Corridos os rumos, verificou-se com surpresa de todos que as terras de Anacleto entravam pelos dominios a dentro do Grande do Imperio. As sesmarias de que o mesmo obtivera concessão passavam além!

Novos pilotos, como então chamavam aos agrimensores, vieram correr as linhas com as autoridades respectivas encontrando as mesmas divisas obtidas em favor de Anacleto de Castro.

Collocados os marcos foram certa noite arrancados: reproduzindo-se o facto duas vezes!

Passou-se um mez. Certa manhã sahiu Anacleto a pé para as suas roças. A ellas não chegou porém, affirmaram seu feitor e seu escravo. Procurando-o por toda a parte foram em uma grota funda, entre touceiras de bananeiras encontrar-lhe o corpo horrivelmente mutilado.

O clamor publico exigiu o processo. Apurou-se que o morto fôra victima de numeroso grupo capitaneado pelo proprio subdelegado local e o respectivo inspector.

Preso este ultimo tudo confessou.

Defendeu os assaltantes perante o jury, alta personalidade da politica.

Foram ambos condemnados á morte, não sendo enforcados porque um falleceu na cadeia e o outro fugiu do carcere".

Abundando nas mesmas asseverações sobre a derrama das sesmarias cafeeiras encontramos precioso depoimento em Saint Hilaire, tanto mais valioso quanto é contemporaneo de taes concessões.

Relatando o que vira em Valença e em Fevereiro de 1822, refere o illustre botanico que por ali encontrara dois francezes estabelecidos no logar chamado Aldeia das Cobras. Havia bastante tempo que habitavam o districto valenciano de cujas terras gabaram muito a fertilidade.

"Haviam feito, pelas proprias mãos, consideravel plantação de café, nas terras de um desembargador Loureiro, homem

desmoralizado pelos seus costumes e a falta de probidade, achando que não cumpria as clausulas, a que se obrigara para com elles, e temendo alguma trapaça, venderam as plantações por duzentos mil réis, antes que produzissem. E asseguraram-se que nesse mesmo anno o comprador ou o proprio Loureiro que ficara em seu logar, lucrara dois mil cruzados.

Commentando o modo pelo qual se fazia a concessão das terras cafeeiras no anno da Independencia, observa o illustre naturalista:

"Nada se equipara á injustiça e á inepcia graças ás quaes foi até agora feita a distribuição das terras. E' evidente que, sobretudo onde existe nobreza, é do interesse do Estado que haja nas fortunas a menor desigualdade possivel. No Brasil, nada haveria mais facil do que enriquecer certa quantidade de familias.

Era preciso que se distribuisse, gratuitamente, e por pequenos lotes, esta immensa extensão de terras vizinhas á capital, e ainda por se conceder quando chegou o rei. Que se fez pelo contrario? Retalhou-se o solo pelo systema das sesmarias, concessões que só se poderiam obter depois de muitas formalidades e a proposito das quaes era necessaria pagar o respectivo titulo de posse expedido.

O rico, conhecedor do andamento dos negocios, este tinha protectores e podia fazer bons favores. Pedia-as para cada membro de sua familia e assim alcançava immensa extensão de terras. Alguns individuos faziam das requisições de sesmarias verdadeira especulação. Começavam um arroteamento no terreno concedido, plantavam um pouco, construiam uma casinhola, vendiam em seguida a sesmaria, e obtinham outra. O rei dava terras sem conta nem medida, aos homens a quem imaginava dever serviços.

Assim aquinhoara D. João VI alguns dos officiaes de sua Côrte com a maior liberalidade:

"Paulo Fernandes viu-se cheio de dons desta natureza: Manoel Jacintho, empregado do thesouro, possue, perto daqui doze leguas de terras concedidas pelo Rei.

Dura era a situação dos humildes em contraste com o poderio de seus grandes vizinhos.

"Os pobres que não podem ter titulos, estabelecem-se nos terrenos que sabem não ter dono. Plantam, constroem casebres, criam gallinhas, e quando menos esperam, apparece-lhes um homem rico, com o titulo que recebeu na vespera, expulsa-os e apropria-se do fructo de seu trabalho.

O unico recurso que ao pobre cabe, é pedir ao que possue leguas de terras, a permissão de arrotear um pedaço de chão.

Raramente lhe é recusada tal licença mas como pode ser cassada de um momento para outro, por capricho ou interesse, os que cultivam terreno alheio e chamam-se aggregados, só plantam grãos cuja colheita pode ser feita em poucos mezes, taes como o milho e feijão: não fazem plantações que só produzam ao cabo de longo tempo como o café."

Expondo o mecanismo da apropriação das terras fluminenses pelas grandes sesmarias e o estabelecimento das fazendas notaveis da região, escrevia Eloy de Andrade em 1910:

"O viandante que percorre hoje o Estado do Rio de Janeiro além da Serra do Mar, vendo á margem dos grandes rios — o Parahyba, o Parahybuna, o Rio Preto, etc., fazendas em abandono, casas apalançadas, palacios em ruinas, só existindo ás vezes montões de pedras e caliça não pode imaginar o que eram os grandes centros agricolas outróra ali florescentes! A vida rumorosa dos terreiros, o perfume dos jardins, o aroma capitoso das fructas dos pomares! Tudo desappareceu!

Os immensos cannaviaes, os lindos cafezaes vestindo as abas dos morros foram substituidos por vegetação rasteira! Um grande manto de capim gordura cobre o tumulo da grandeza de outrora."

Fôra o negro africano o factor por excellencia do povoamento daquella zona convertida num semi-deserto.

Como se processara a tomada de posse daquelle solo pelos cafezaes tão rapidamente desapparecidos?

Concedida a sesmaria em começo do seculo XIX ou em fins do seculo decimo oitavo, partia o donatario a apossar-se da sua terra.

Ia geralmente á testa de alguns homens livres e muitos escravos!

Fundada a fazenda, irrogava-se o poder absoluto, sobretudo sobre o misero escravo acerca do qual exercia o direito de vida e morte.

Não executava rapidamente a sua victima se assim entendesse, mas podia tortural-a dia a dia até a morte.

Era aquelle ente uma propriedade como qualquer outra, diziam os escravocratas, delle podia a dono dispor a seu talante.

Até homens illustrados assim pensavam.

Dest'arte as grandes propriedades territoriaes haviam tido poderoso concurso em sua formação por parte do elemento escravo, mudo, obediente, grato, subserviente, verdadeira machina de trabalho.

Como principiariam a vida e encetariam a cultura cafeeira os futuros grandes "landlords" da antiga provincia do Rio de Janeiro? indaga Eloy de Andrade.

Curioso por conhecer os depoimentos dos contemporaneos dos primeiros lavradores da rubiacea longamente conversou com alguns filhos e netos e mesmo ainda com alguns dos grandes desbravadores de antanho. Entre outros o Visconde Nogueira da Gama, o primeiro Barão de Santa Justa, os Barões de Santa Fé e do Rio das Flores, o Conde de Baependy, o Visconde de Pimentel e muitos outros, que não haviam ambicionado titulos embora fazendeiros importantes como A. dos Santos, Leocadio de Oliveira, os Gonçalves de Moraes, João Vieira, etc.

O velho Barão de Santa Justa, Jacintho Alves Barbosa, primeiro deste titulo, viera a ser um dos maiores fazendeiros da Provincia desde 1865 até a sua morte em 1872.

Contava com a maior singeleza no grande e faustoso salão de sua fazenda de São Fidelis forrado de esteirinha da India que na mocidade tropeara.

"Eu mesmo ouvi-o tocar nisso, quando discutia com o poeta Fagundes Varella sobre a inutilidade de tantos bachareis no Brasil."

Como começaram pois os grandes fazendeiros da época fluminense? Proprietarios de sesmarias seguiam a tomar posse de suas terras acompanhados do agrimensor e numeroso pessoal.

Demarcada a sesmaria, percorriam a matta virgem, procurando o centro da futura fazenda. Tinham preferencia pelas margens dos rios e em sua falta pelas dos ribeirões. Derribavam então vinte ou trinta alqueires no ponto escolhido.

Esperavam Agosto. Com a queimada, aplanada pelas primeiras chuvas da primavera, atacavam-se as primeiras obras.

Começavam os fazendeiros por construir grande rancho, coberto de sapé, e nelle se installavam. Alguns, mais tarde e já sobremodo enriquecidos pelos lucros das safras, piedosamente conservavam a primitiva séde de seu campo de labuta e de opulentamento. Assim, por exemplo ainda em 1869 succedia com o Capitão Domingos Ribeiro, senhor da enorme fazenda da Loanda, para quem a conserva de seu velho rancho era um *noli me tangere*.

A vida activa que levavam estes pioneiros fazia esquecer os contratempos que surgiam a cada passo e o desconforto soffrido.

"Foram crueis os primeiros annos, ouviu Eloy de Andrade, muitas vezes, declararem alguns dos ultimos sobreviventes dessas idades heroicas. Dias de contrariedades, molestias, es-

tiagens prolongadas, alternando com innundações, a morte de varios dos melhores escravos, a fuga de outros.

Só a resignação, a inalteravel doçura, a meiguice da esposa, da corajosa companheira podia confortal-os. Sempre alheia, confessavam, a todas as violencias que o dominio da terra e a certeza da impunidade tornavam frequentes, trabalhavam á moda castellã da idade media, presidindo o lar, providenciando para que nada faltasse ao trabalhador, criando certo bem estar ao marido e filhos, quebrando as arestas daquella vida agreste.

Facto extravagante: as menos cultas foram as melhores collaboradoras da grandeza do latifundio. Em falta de engenho, davam o amoroso coração perdoando infidelidades, attribuidas a impulsos irresistiveis de natureza morbida. Esqueciam-nas totalmente não empregando nunca essas allusões indirectas que envenenam a vida do casal."

Alguns annos depois de estabelecidos começavam os desbravadores a plantar os grandes pomares, povoado de todas as fructas que as tropas lhes traziam em pequenas mudas da Estrella, do Iguassú, do Rio de Janeiro. A horta era immensa, a todos fornecendo verduras, familia, escravos, aggregados. O hortelão era sempre portuguez, tendo dois pretos velhos como ajudantes.

Acha Eloy de Andrade que até 1838 predominou a canna sobre o café nas terras fluminenses, o que não é exacto.

Já em 1828 a safra do café do Rio de Janeiro se computava em 5.121:244$000 e a de assucar em 3.466:800$000.

Durante muitos annos ainda correram parallelamente as duas lavouras mas a da canna cedendo sempre o passo á do café.

Escreve o nosso autor:

"Na época da moagem era uma verdadeira festa. Reinava a alegria, embora o fogo das caldeiras não se apagasse nunca, obrigando os escravos a constantes vigilias.

Quando terminava lançava-se fogo aos cannaviaes em dias que ameaçassem chuva. Dias depois o cannavial rebentava emquanto os morros vizinhos, vestidos de soberbas lavouras cobriam-se com o branco lençol das flores do cafeeiro. Um perfume estonteante embriagava o lavrador. E' que ao odor da flor do cafeeiro casava-se o perfume da flor da laranjeira e do limoeiro.

A vida agricola corria assim tranquilla e o fazendeiro prosperava. Ainda em 1838 o honrado velho Barão de Santa Justa commerciava em tropas, em 1872 morreria dono das fazendas de Santa Anna, São Fidelis, Santa Justa, Monte Christo, Ribeirão e Monte Alegre.

Elevado ao baronato em 1866 e á Grandeza do Imperio em 1867, brazonaram-no expressivamente com um leão de sinople rompente armado de goles tendo na garra da dextra um ramo de cafeeiro ao natural, tudo em campo de ouro com bordadura de goles carregada de besantes de prata. Nada mais significativo do que estas armas falantes pela associação do café, dos besantes e do animal heraldico, symbolo de energia.

Na antiga provincia fluminense, recorda Eloy de Andrade, além da Baixada só eram povoadas estreitas faixas ao longo do caminho, que da villa da Estrella seguia para o ponto do Parahybuna divisa com Minas Geraes, a mesma ponte incendiada em 1842 pelos partidarios da revolução liberal.

Outro caminho desde 1818 sahia do Rio passando pela Pavuna, Iguassú, Serra do Commercio, Paty do Alferes, indo entroncar-se além da Parahyba com a estrada da villa da Estrella.

Ao lado dessas estradas já no seculo decimo oitavo existiam fazendas.

Mas, só depois da vinda de D. João VI começou a alargar-se a área cultivada e foram-se formando os grandes centros cafeeiros. Na antiga comarca da Parahyba já em 1838 sob a Regencia, a fazenda da Boa Vista occupava logar destacado entre as maiores propriedades ruraes. Era seu proprietario o Capitão Luiz Gomes de Avellar tio do Barão de Capivary (1791-1863), descendente de uma das familias mais nobres de Portugal emigrada no seculo XVIII.

Os dominios territoriaes de Luiz Gomes eram tão vastos que por sua morte nelles se estabeleceram filhos e genros formando cada um grande fazenda.

Assim se deu com os futuros Viscondes da Parahyba, os Barões de São Luiz e de Guaribú e o benjamin de Luiz Gomes, o Coronel Quintiliano Gomes Ribeiro de Avellar.

O Visconde da Parahyba, João Gomes Ribeiro de Avellar, era grande influencia politica, naquellas regiões e na circumscripção fluminense, havendo sido o mais votado na lista sextupla para senadores do Imperio pela Provincia do Rio de Janeiro, lista de que faziam parte Francisco Octaviano e o venerando magistrado Manoel de Jesus Valdetaro, mais tarde Visconde de Valdetaro.

Em casa e fóra della, conta Eloy de Andrade, ostentava Luiz Gomes ares de grão-senhor. Quando viajava ia sempre acompanhado de pagens, armados de trabucos e pistola das então chamadas de *cano de bota*.

Exigia que todos o saudassem e com subido respeito.

De um administrador da grande fazenda de S. Felippe, Jayme Rodrigues dos Santos, homem serio, que em sua mocida-

de em 1840, mantivera com a gente da Boa Vista intimas relações, ouviu o autor a quem vimos acompanhando, uma anecdota acerca de Luiz Gomes Ribeiro de Avellar bem typica do feitio dos antigos cafezistas.

Viajava certa manhã acompanhado dos indefectiveis pagens armados quando encontrou um desconhecido bem trajado parecendo-lhe pessoa de distincção.

Vinha só o que causou espanto ao fazendeiro. Saudou-o em tom de perfeita cortezia e cordialidade:

— Bons dias, Senhor!

Mergulhado em funda meditação o desconhecido não respondeu.

Rapidamente parou Luiz Gomes o animal em que montava e, voltando-se para os pagens, ordenou-lhes que á força apeassem o desconhecido, atirassem-lhe o chapéu ao chão para ensinal-o a ser mais educado!

Obedeceram os escudeiros intimando o viandante a apear-se para de chapéo na mão, cumprimentar seu senhor!

Ante os seus trabucos aperrados obedeceu o desconhecido.

O que concorria para a grandeza sempre crescente da provincia do Rio de Janeiro, recorda Eloy de Andrade, vinha a ser a abundancia do escravo, da machina de trabalho.

Até 1851 eram os comboios totalmente compostos de africanos.

Embora houvesse um tribunal funccionando permanentemente na Serra Leôa para julgar as presas inglezas, isto é, os navios negreiros, mandando-se ali mesmo e summariamente, enforcar os capitães-bandeirantes e declarando-se livres os africanos apprehendidos, continuava o contrabando cada vez mais rendoso aliás.

"Vi em minha infancia em 1849, declara o nosso autor, passarem pelas ruas de Iguassú grandes comboios que se dirigiam para as lavouras de serra acima. Vestidos de algodão no estio, usavam os pretos, no inverno de baeta encarnada com carapuça verde como os galés de outrora. Eram os negreiros muito bem recebidos pelos fazendeiros. Vendiam a prazo de um anno e quando sahiam da Côrte já sabiam a quem podiam vender fiado.

Depois de 1852 occorreu séria parada no transito dos comboios. Cessara totalmente o trafico, após o enforcamento do ultimo capitão bandeira executado, em presença do futuro Visconde de Cabo Frio, delegado nosso na costa africana, como commissario arbitro da commissão mixta brasileira e ingleza, em Serra Leôa, recorda Eloy de Andrade.

Em 1860 surgiram de subito na Provincia do Rio de Janeiro onde havia a maior escassez de braços novos "comboios". Eram de escravos vindos do Norte. A secca que assolava as provincias do Nordeste Brasileiro obrigara os fazendeiros daquella região a desfazer-se dessa mercadoria humana a bater com ella moeda á falta de outros recursos.

Foi desoladora a deslocação do escravo do Norte para o Sul do Imperio, observa Eloy de Andrade. O escravo nortista em grande parte, pelo menos nas regiões mais assoladas pela estiagem, empregava-se no pastoreio de gado. Dali partiram as primeiras levas.

Eram em sua maioria mestiços de caboclos; insubmissos não tinham a passividade do africano e dos seus filhos. Foi o facto verificado pelos fazendeiros, excellentes observadores e eximios apreciadores dessas machinas de trabalho.

E realmente, aos fazendeiros de S. Paulo, contou-nos velho lavrador, eximio sabedor do passado cafeeiro, causou verdadeiro pasmo verificarem entre as levas vindas do norte a existencia de numerosos escravos alphabetados alguns delles até mais letrados talvez que os seus novos senhores e outros, sobretudo os bahianos, sabendo recitar trechos e trechos de Castro Alves, Junqueira Freire e Gonçalves Dias.

"Nas revoltas que se deram nas vesperas da Abolição seguidas de linchamentos na praça publica por fazendeiros mascarados, prosegue Eloy de Andrade, os autores — os cabeças como os chamavam foram filhos de Pernambuco e Alagoas. Em Rezende o chefe dos assassinos do infeliz Commendador José Maria chamava-se Maceió.

CAPITULO XCVIII

Escravos do Norte transportados para as lavouras cafeeiras do Sul — Rivalidades entre captivos — Grandes fazendas e grandes fazendeiros — Indices de opulencia e civilisação — Familias de grandes landlords

"Ninguem advinhava que essas levas do Norte, constituidas de elementos intelligentes, eram pouco doceis. No Brasil como nos Estados Unidos, a escravidão concentrou-se no Sul onde a lavoura era mais prospera. De a muito haviam desapparecido no sarcophago dos tempos os emulos do Conde de Passé, sogro do Barão de Cotegipe, nas lavouras do Norte. A industria pastoril invadira as provincias do nordeste brasileiro.

Excesso de machinas, ou machinas funccionando melhor pelo caldeamento chegado do Norte, verdade é que a grandeza da lavoura cafeeira se verificou de 1860 em deante.

A principio nas lavouras de São Paulo, conta-nos o informante acima citado, houve grande rivalidade entre negros paulistas e nortistas provocadora de serios conflictos. Os captivos do Norte achavam os do Sul muito estupidos e atrazados e estes irritavam do ar de superioridade com que os "bahianos" os tratavam.

Um grande factor tambem concorreu para o progresso, notavel da lavoura cafeeira o facto das vias de communicação terem sido notavelmente melhoradas. A magnifica Estrada União se irritavam com ar de superioridade com que os "bahianos" os tratavam.

"Mariano Procopio, genial administrador, percorria-a todos os mezes. O serviço era modelar; barato e rapido. Todas as queixas dos lavradores eram attendidas depois de examinadas."

Enricando passou a fazendeiro a querer conforto cada vez maior.

"Vendo a prosperidade entrar-lhe pela porta o lavrador fluminense tornou-se exigente. Quiz luxo, melhor passadio, carruagem que o transportasse da fazenda ás estações da União e Industria, ás estações das estradas de ferro, depois."

Surgiu o typo feudalisado do landlord, no grande fazendeiro do Brasil a justificativa do significado substancial do velho saxão "aquelle que nutre", como Taine observou numa de suas melhores paginas.

"O grande fazendeiro fluminense sustentava toda aquella terra e ainda mandava filhos e afilhados, sobrinhos e netos protegidos de toda a especie ás Faculdades de Medicina e de Direito, á Escola Polytechnica.

"O pobre escravo civilizava o segundo Imperio. A maior parte dos estadistas do segundo reinado se educaria graças ao suor do misero captivo, cujos filhos, á moda dos Ilotas da Grecia, embriagam-se hoje nas tavernas construidas á margem dos terreiros theatro dos infortunios paternos e avoengos" commenta amargamente o autor fluminense.

Já desde meiados do seculo XIX começaram a surgir nas fazendas de café, sobretudo nas fluminenses, os casarões immensos de lavradores a quem enricara a rubiacea.

"O landlord construia então lindos palacetes cercados de jardins. Prados á entrada, com pequenos lagos, pontilhando as encostas pinheiros e araucarias, importadas naquella data, renques por vezes imponentes, de palmeiras imperiaes conduziam do portão dos grandes terreiros de pedra aos palacetes.

Pequenos bosques circundavam os grandes pomares.

Construidas as suas enormes sédes passaram os fazendeiros a ter a mais faustosa vida, em festas ruidosas de grandes proporções, brodios do genero das quichotescas e proverbiaes bodas de Camacho.

Recorrendo ás suas reminiscencias narra o velho autor de cujo depoimento de contemporaneo nos vimos valendo.

"Davam-se grandes festas nos anniversarios natalicios das donas da fazenda, nos casamentos dos filhos, solennidades honradas com a elite da sociedade carioca.

Escravos caçadores viviam antes da festa, dias inteiros, nas mattas caçando catetos, queixadas, macucos, jaós, capoeiras, inhambussassús, aves raras de apreciadissimo gosto para os *gourmets* daquella época como o arisco *capitão do matto*, a pomba cabocla que é necessario abrir immediatamente depois de abatida, afim de se evitar o sabor altamente *faisandé* pois se putrefaz rapidamente.

O palacete enchia-se totalmente de convidados vindos dos arredores mas sobretudo do Rio."

Os preparativos das gulodices tambem occupavam avultado pessoal domestico.

Durante largos annos, as grandes fazendas cafeeiras conservaram sempre extenso *partido* de canna de assucar. Desti-

nava-se á producção do genero para o gasto local. Fabricava-se depois da safra de café, superior assucar branco, secco, e guardavam-se dezenas de saccas para o gasto da casa e a confecção dos doces e fructas crystallizadas ou em calda.

Desta provisão ninguem imagina o que então se fazia. Mucamas, peritas doceiras, gastavam por exemplo, dias e dias em preparar a saborosa marmellada com marmello de Petropolis, com que igualmente se confeccionava a gelea para os convalescentes.

Espantosa a profusão dos doces oriundos das mil e uma receitas da pastelaria e confeitaria brasileira e portugueza, as que eram corriqueiras e as que constituiam segredos das especialistas ciosamente guardados.

Os jantares eram banquetes, de dez e mais pratos do meio. Vinhos finos e raros. Causara certa vez sensação pela Provincia a noticia da compra feita por um dos barões do café de dezenas de caixas de certo vinho francez a um luiz (vinte francos) por garrafa.

Afamadas eram então varias adegas de fazendas como as da viscondessa do Rio Preto, de seu filho o barão do mesmo titulo, dos dois Irmãos Visconde da Barra Mansa e Barão do Rio Negro, allega o nosso autor.

Jantava-se tarde. Ao se levantarem do banquete, ao escurecer, iam os convidados para as janellas da casa grande.

Embaixo a escravatura, que em algumas fazendas chegava a quinhentas cabeças, estava estendida em linha.

Ao assomar o dono da casa a uma das janellas, entre os hombros de dois hospedes, ouvia-se longo clamor.

Eram os miseros captivos que vinham pedir ao arbitro de seus destinos, ao senhor de suas vidas que os abençoasse...

"Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!..."

— Para sempre seja louvado! respondia o fazendeiro.

Naquelle momento appareciam os pagens com enormes bandejas cheias de canequinhas de delicioso café.

E os filhos da casa faziam correr entre os hospedes as caixas de charutos de Havana.

Nessas noites festivas ninguem dormia no tronco. A fazendeira ordenava ao administrador que soltasse todos os presos.

De 1871 em deante, algumas fazendas, embora raras, iniciaram novo costume. Nos anniversarios da fazendeira libertavam-se as amas de leite dos senhores moços, uma de cada vez, segundo a edade daquelle a quem haviam creado.

"E' impossivel enumerar, descrever, a grandeza de todas as grandes propriedades territoriaes fluminenses" affirma o nosso autor.

Uma dellas era sem contestação o Pau Grande, onde estivera de passagem em 1865.

O fazendeiro, um dos maiores da Provincia, Joaquim Ribeiro de Avellar, filho do Barão de Capivary e mais tarde Visconde de Ubá (1821-1888) era o mais perfeito cavalheiro que imaginar se podia.

Em 1850 moravam em sua companhia suas tias, as nobres damas Mascarenhas Salters, cujos antepassados se perdiam nos degraus do throno portuguez, proprietarias das grandes lavouras da *Boa Esperança* e do *Buraco da Onça*.

A familia do Visconde de Ubá distinguia-se pelo apego á casa Imperial.

"Quando se deu a debandada de 15 de Novembro de 1889, de uns porque tinham terminado, diziam, a missão de que se achavam encarregados, de outros porque entendiam que para elles outra missão estava reservada, a de adherirem ao novo regime, encontrou a Princesa Imperial, a Condessa d'Eu entre os poucos fieis, os barões de Muritiba. Era a baroneza filha do Visconde de Ubá, senhor do Pau-Grande.

Pelas margens do Parahyba, do Piabanha e do Parahybuna, continua Eloy de Andrade em sua memoria, floresceram muitas outras grandes fazendas. Basta nomeal-as. Entre ellas era citada a do Barão de Piabanha — Lauriano Rodrigues de Andrade (1796-1865) chefe de numerosa e illustre familia, e homem sobremodo intelligente cheio de espirito inventivo.

"Em sua hospitaleira fazenda, por onde passou Castelnau, falleceu o grande cirurgião brasileiro — Peixotinho. Ali chegou, uma tarde pobre e abandonado depois de ter brilhado no Rio ao lado de Manoel Feliciano, Antonio da Costa e Andrade Pertence. A fatalidade atirava o grande especialista aos pés do anjo de caridade que era a senhora da casa grande das margens do Piabanha.

Quasi em frente, ou antes, no mesmo recanto, a fazenda de S. Antonio da Serraria, celebre pelos saraus frequentados pela fidalguia da Côrte. Ali, proximo o centro agricola de Mariano do Amaral e do honrado Fidelis de Souza, que se tratava com desusado luxo. Tinha *coupé* com cavallos de raça para vir á estação de Serraria. Um medico de longe chamado para ver sua esposa passou muitas vezes diante do carro, sem nunca imaginar que fosse para si!

Seria injustiça esquecer a grande fazenda de São Lourenço e suas bemfeitorias magnificas do Visconde de Entre Rios (Antonio Barroso Pereira, irmão da Condessa do Rio Novo) a fazenda do Commendador Tavares, a do Barão de São Carlos (Carlos Pereira Nunes), as de seus parentes, os abastados

fazendeiros Pereira Nunes como o Barão do Rio do Ouro (Dr. Braz Pereira Nunes), de João José Vieira, do Barão de Guaraciaba (Francisco Paulo de Almeida). Ali, morava a familia Silva Campos, prestigiada pelo grande tribuno Martinho Alvares da Silva Campos, derradeira esperança da lavoura cafeeira. Mais além a fazenda de Januario Fernandes Alves, fallecido em vesperas de completar o centenario natalicio.

Quando o Imperador veio assistir a inauguração da Estação do Parahybuna, a esposa de Januario contractou só os doces e vinhos, por dez contos de réis.

E' impossivel imaginar o que foi essa festa. Durou tres dias, a ella tendo comparecido mais de mil pessoas.

Em Vassouras, dominavam duas familias: Teixeira Leite e Corrêa e Castro.

Francisco José Teixeira Leite (Barão de Vassouras 1804-1884) era o chefe da primeira. Filho do Barão de Itambé (Francisco José Teixeira), (1780-1866), viera já rico de São João d'El-Rey. Capitalista e grande banqueiro, morreu barão com grandeza.

Todas as noites, ali, em Vassouras, jogavam-se fortunas.

O Barão do Campo-Bello (Lauriano Corrêa e Castro) irmão do Barão de Tinguá (Pedro Corrêa e Castro) era chefe incontestado da grande familia de seu nome e do partido liberal do municipio; era essencialmente lavrador.

Na inauguração da Estação de Belem, da Estrada Dom Pedro II, Campo-Bello julgou que lhe competia receber o imperador. A festa custou trinta contos. Encarregou-se delle um certo Braga Pavuna do "Hotel do Tempo".

Vendo-o contrariado soube o Barão que perdera dinheiro. Deu-lhe então uma gratificação de cinco contos! Desço a essas cifras para mostrar a grandeza da antiga Provincia...

Vivendo naquelle meio faustoso, deixou o Barão dividas no valor de quatrocentos contos de réis! Mas tambem lhe ficara um filho, symbolo da honra e garantia de todas as dividas, o Dr. Christovam Corrêa e Castro. Tomou conta da magnifica fazenda do "Secretario" visitada por Ch. de Ribeyrolles e Victor Frond, e responsabilisou-se pelas dividas paternas.

Collocou-se á testa da administração. Lavrou varzeas e morros de meia laranja, adubou com estrume os curraes e estrebarias amontoados por detraz da casaria das senzalas durante perto de quarenta annos.

Emquanto preparava o terreno tratava do viveiro de café Bourbon. E' o cafeeiro que paga dividas, cresce rapidamente, carrega sempre, depois veste saia e morre.

Lindo cafezal que pagou a divida em oito annos!

Hoje (1910) parece fantasia, pagar algum fazendeiro 400 contos em 8 annos!

Um fóco de luxo e da elegancia da Provincia do Rio era a Conservatoria. Todos os lavradores dentro de um raio de duas leguas tinham na cidade predio elegante. Mas havia ainda luxuoso palacete onde se realizavam bailes, concertos, saraus.

Para ali concorriam familias de Santa Isabel, Valença até São José do Rio Preto, o antigo Presidio.

Installaram os fazendeiros na cidade grande collegio com os melhores professores, alimentação excellente, hydrotherapia.

O Dr. Carlos de Sá Leite, medico de grande intelligencia, era a alma de todos os melhoramentos. Presidia festas e bailes com suprema elegancia.

Longa fila de soberbas fazendas estendiam-se ao longo da antiga estrada Dom Pedro II, depois Central do Brasil. Tomando ao acaso viam-se as de Oliveira Roxo, Barão da Vargem Alegre, Barão do Rio Bonito (José Pereira de Faro), Santa Monica, posteriormente do Duque de Caxias, Casal, do Commendador Paula Santos, avô de Santos Dumont, Oriente, etc.

Em uma dellas abrigou-se muitos dias o paladino da Abolição, os escravos que ali dormiam estavam longe de imaginar que o seu libertador tambem dormia perto delles!

Dellas, a mais antiga era Santa Monica. Morou longos annos na grande fazenda sua proprietaria, a Marqueza de Baependy, viuva do Marquez, mestre de Pedro I, e filha do grande capitalista Braz Carneiro Leão.

Durante largos annos via-se o seu retrato a oleo, em ponto grande em uma das salas do palacete da fazenda de Santa Luiza. A physionomia lhe denunciava a energia e um ar caracteristico de desdem aristocratico.

A Marqueza seguia as tradições e usanças dos castellos feudaes da idade media.

Não gostava de relações. Tinha no palacio capellão e medico, seus, só seus.

O capellão dizia missa todos os dias, ás 8 horas da manhã. A ella assistia a Marqueza, sempre acompanhada dos filhos e das numerosas mucamas.

O capellão era ouvido como um oraculo.

O medico era de partido. O ultimo, Dr. Camillo Bernardino Fraga, ao contacto da fidalga intransigente, tornou-se exaltado conservador.

Casou-se com uma filha do Barão do Rio das Flores, senhora de peregrinas virtudes.

O medico da Marqueza de Baependy (bem como o das "Corôas" da Marqueza de Valença) tinha de ordenado seis-

centos mil réis annuaes, casa mobiliada, comida e conducção — carro ou animal para exercer a clinica na vizinhança.

Parece tal concessão em completa contradição com o que affirmamos; ser o medico só da Marqueza. Não ha, porém, contradição. Sem doentes na familia seria insensatez não consentir que o medico da fazenda deixasse de ver doentes ao derredor; mas no caso de enfermar a Marqueza ou algum dos filhos, não podia o clinico ausentar-se, um só instante, da cabeceira do doente.

Havia um premio ou presente no dia de Natal; um quinto de superior vinho moscatel e uma grande caixa de passas.

Este presente de Natal era commum em meiados do seculo passado a todos os servidores das fazendas, administradores, feitores, padres e medicos.

Parece que nesse tempo os grandes centros agricolas, isolados necessitavam desses recursos materiaes e espirituaes que curassem as enfermidades de seus moradores e dirigissem a consciencia dos mesmos no caminho da verdade. Dahi a existencia do padre e do medico em muitas fazendas. *Soledade,* do Barão de Ibertioga (José Antonio da Silva Pinto). *São Matheus,* do Coronel José Ignacio Nogueira da Gama, *Santa Monica* da Marqueza de Baependy, *Corcas* da Marqueza de Valença, e muitas outras.

Imitavam as praxes da Europa, como aliás fazia o proprio throno obedecendo a uma praxe multi-secular.

Pedro I e Pedro II tiveram sempre o chamado medico do Paço, logar ambicionado. Servia cada uma semana e recebia do mordomo duzentos mil réis. Era um cargo decorativo. Nas molestias sérias chamavam-se outros em conferencia. Valladão, Barão de Petropolis, José Bento da Rosa, Torres Homem, e por ultimo Motta Maia. Nomes illustres figuravam na lista dos medicos do Paço: Ferreira de Abreu (Barão da Villa da Barra) Teixeira da Rocha (Barão de Maceió) Souza Fontes (Visconde do mesmo nome) Feijó (Visconde de Santa Isabel). João Baptista dos Santos (Visconde de Ibituruna). Domingos Marinho de Azevedo Americano, João Ribeiro de Almeida, Barão do mesmo nome etc.

Vivia a Marqueza de Baependy com os filhos, Francisco Nicolau Carneiro Nogueira da Gama e Manoel Jacyntho Carneiro Nogueira da Gama. Tia da Duqueza de Caxias casou seu filho Francisco, futuro Barão de Santa Monica, com uma filha do duque (D. Luiza do Loreto Vianna de Lima e Silva).

Uma tarde de Junho de 1880, em carro do Conde de Baependy, viajei em companhia do Barão de Santa Monica, de Santa Rosa a Santa Luiza.

Era um homem robusto, rosado e louro, e com enorme nariz aquilino, chamavam-lhe por isto o *tucano do Parahyba*. Manoel Jacyntho, Barão do Rio do Ouro, era um solitario melancolico. Tratava seus escravos com muita humanidade.

Engana-se aqui o nosso autor victima de um lapso de memoria: Manoel Jacyntho (1830-1876) era Barão de Juparaná.

Uma das grandes fazendeiras das margens do Parahyba, contrahindo o bacillo de Hansen libertou todos os seus escravos com a condição de servirem cinco annos á Santa Casa de Misericordia da Parahyba do Sul.

Naquellas margens, ou pouco distante das mesmas floresceram os centros agricolas da Forquilha, dos irmãos Paiva, de Francisco Carlos Correa de Lemos: do Barão de Pitanguy (Honorio Ferreira Armond) do Commendador Bernardino da Cruz.

Todos marchavam sobre um tapete de flores. Não viam o abysmo aos pés, acabada a escravidão.

A fé cega nos chefes conservadores, na "junta do couce", fazia-os dormir tranquillamente. E a prosperidade da Provincia augmentava.

Até 1842 occupou o primeiro logar na antiga comarca de Valença, Estevam Ribeiro de Rezende, amigo e ministro de Pedro I, Barão, Conde e Marquez de Valença.

Provinha a fortuna da mulher, D. Illydia Mafalda de Souza Queiroz (1803-1879), senhora paulista, filha do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Macedo e Queiroz (1760-1819) um dos homens mais opulentos do Brasil joanino, e o mais rico vassalo da Capitania de São Paulo, onde fundara os tres morgados da Boa Esperança, da Tapera e do Monjolinho para os tres filhos, os futuros Senador Barão de Souza Queiroz (1806-1891), Barão da Limeira, Vicente de Souza Queiroz (1813-1872) e Dignitario Luiz Antonio de Souza Barros, todos tres dos maiores cafezistas da Provincia de S. Paulo.

Fundou o Marquez de Valença a fazenda das "Corôas", vasta propriedade tão grande que, em 1885, uma parte, constituindo uma fazenda, foi vendida por seu filho o Barão de Valença (Pedro Ribeiro de Rezende) ao fazendeiro José Pedro Martins por setecentos e cincoenta contos. Arrependido davalhe o Barão a baixella no valor de cincoenta contos para annullar a venda o que não conseguiu.

O marquez além de quinhentos captivos, tinha numerosos colonos portuguezes.

No momento em que decahia sua grande propriedade, florescia em outro ponto, na então freguezia de Santa Thereza de Valença, a importante fazenda dos "Campos Elyseos" propriedade do Visconde de Ipiabas (1811-1883). Peregrino José de

America Pinheiro, o mais importante chefe politico de Valença, em 1870 e até á sua morte.

Dotado de probidade invejavel ajudou aos filhos e genros quanto pôde fazel-o. Em todos os fins de anno dava um "lunch" á familia. Debaixo do prato de cada filho, ou genro, encontrava-se uma ordem ao portador, do valor correspondente á renda da fazenda naquelle anno equivalente á sua quota como futuro herdeiro. Conta-se que em alguns annos tal ordem foi de trinta contos de réis.

Distribuia o grande fazendeiro pois uma renda liquida de duzentos e quarenta contos, o que attesta a grandeza da lavoura naquelle tempo e os lucros fabulosos que o café proporcionava.

Alguns kilometros além da villa de Santa Thereza estava a fazenda do Barão do Rio das Flores (José Vieira Machado da Cunha) homem de esmerada educação e chefe de numerosa familia.

Floresciam no districto da mesma villa as fazendas da Saudade e do Bananal.

CAPITULO C

Braz Carneiro Leão e sua opulencia notavel — Seus filhos e genros grandes fazendeiros de café — O Marquez de Baependy — O Visconde de São Salvador de Campos — Paulo Fernandes Vianna

Dentre os portuguezes emigrados para o Brasil no seculo XVIII pensamos que nenhum conseguiu ter tão notavel prosperidade financeira e tão alta situação social, por si e as allianças de seus filhos, e situação por elles alcançada quanto Braz Carneiro Leão, portuguez nascido a 3 de setembro de 1732, descendente de honrada familia de lavradores e estabelecido no Rio de Janeiro desde 1748.

Traçando-lhe a biographia escreveu o Conde de Baependy, seu neto aliás, que dedicando-se ao commercio, dentro em poucos annos estabelecera por conta propria casa commercial á rua Direita, casa em breve notavel e muito acreditada. Recebia de Portugal, directamente, mercadorias, que vendia por atacado no Rio de Janeiro e para as capitanias de S. Paulo, Minas Geraes, Espirito Santo, Goyaz, Matto Grosso, Rio Grande do Sul e Santa Catharina. Assim tambem recebia em commissão generos de producção desses lugares, a mór parte dos quaes exportava para Portugal em navios de sua propriedade, pela difficuldade que então havia de obtel-os a frete. Dentro de alguns annos prosperara immenso alcançando grande credito e capitaes e sua casa commercial era considerada uma das primeiras entre as primeiras do Brasil, merecendo o maior conceito o seu chefe, cuja intelligencia e probidade geralmente reconhecia a opinião publica.

Dos avultados lucros de seu commercio applicava Braz Carneiro Leão a mór parte na acquisição de predios urbanos e propriedades ruraes nas vizinhanças do Rio de Janeiro, para servirem no futuro de patrimonio á sua familia, pois já então desposara D. Anna Francisca Rosa Maciel da Costa, nascida no Rio de Janeiro, a 26 de Fevereiro de 1757, oriunda de distincta familia fluminense e senhora de reconhecidas virtudes e esmera-

da educação. Delle teve descendencia, chegando á maioridade dois filhos e seis filhas.

Refere o Conde de Baependy:

"Braz Carneiro Leão prestou-se sempre ao serviço do Estado com sua pessoa e bens, concorrendo tambem para actos de humanidade e beneficencia, para os estabelecimentos de caridade e instrucção, que existiam no Rio de Janeiro e para o culto religioso não se esquecendo nunca de favorecer os parentes e os de sua mulher, quanto delle dependia, quer no Brasil quer em Portugal e mesmo a estranhos, que a elle recorriam.

Por aquelles serviços foi agraciado pelo governo da metrópole com o habito da ordem de Christo, o fôro de fidalgo cavalleiro e a patente de coronel do regimento de infantaria de milicias da freguezia da Candelaria da cidade do Rio de Janeiro."

Pouco depois da chegada da familia real portugueza ao Rio de Janeiro, a 7 de Março de 1808, enfermou Braz Carneiro Leão de uma affecção de coração, que lhe poz termo á existencia a 3 de junho deste mesmo anno.

Sua viuva foi a 19 de dezembro de 1812 agraciada com o titulo de baroneza de S. Salvador de Campos dos Goytacazes, e na fundação do Imperio teve as honras da grandeza e de dama da primeira Imperatriz do Brasil. Falleceu a 12 de junho de 1832, em sua casa á praça da Gloria do Outeiro depois occupada pela secretaria do Estado dos Negocios Estrangeiros e actualmente pelo palacio cardinalicio de S. Joaquim.

Grande parte da opulenta descendencia de Braz Carneiro Leão, affeiçoou-se desde os principios do Imperio, como era de esperar de tão rica familia, á cultura cafeeira em larga escada.

Parece-nos que a ella se deve a primazia da abertura das primeiras grandes fazendas da rubiacea que dentro em pouco se tornariam celebres em todo o paiz. Antecipar-se-ia aos Breves, aos Gonçalves de Moraes, aos Paes Leme e era natural que assim fosse pois possuia capital inicial consideravel, vindo do seculo XVIII muito maior do que o dos demais grandes plantadores de café.

E um destes, e dos maiores, foi certamente um dos genros de Braz Carneiro, Manoel Jacintho Nogueira da Gama; sendo que outro, o Intendente de Policia, Paulo Fernandes Vianna, morrendo antes de se expandir o grande surto cafeeiro ainda assim preparou a grandeza de sua casa mediante o aquinhoamento territorial de largas terras cafeeiras de primeira ordem.

A profusão de titulos nobiliarchicos concedidos á descendencia de Braz Carneiro Leão já por D. João VI e depois por D.

Pedro I dão-nos o indice da importancia social financeira da familia do grande capitalista e banqueiro.

A' viuva de Braz Carneiro creou D. João VI, ainda regente, em 1812, baroneza de São Salvador de Campos dos Goytacazes. Julgamos que foi a terceira pessoa, colona do Brasil, agraciada com um titulo de nobreza; a seculo e meio de distancia dos dois primeiros os irmãos Duarte e Mathias de Albuquerque, respectivamente conde de Pernambuco e Conde de Alegrete.

Em todo o caso foi esta senhora a primeira brasileira titulada nominalmente. Dos dois filhos e das seis filhas de Braz Carneiro Leão foi o mais velho, Fernando, (1782-1832) feito por D. Pedro I em 1825 barão e, em 1826, conde de Villa Nova de S. José. Sua mulher, e sua prima, a portuense filha do rico banqueiro Antonio Martins Pedra, foi a conhecida D. Gertudes Angelica Pedra Carneiro Leão cujo assassinio em 1820 se attribuiu a uma vingança da rainha D. Carlota Joaquina.

O segundo filho José Alexandre Carneiro Leão, financeiro e diplomata (1793-1863) teve de Dom Pedro II o titulo de Visconde de S. Salvador dos Campos.

Das filhas de Braz Carneiro Leão, uma D. Anna Vidal Carneiro da Costa (1779-1851) foi a primeira viscondessa da Cachoeira, e outra D. Francisca Monica (1795-1869) marqueza de Baependy.

As demais quatro filhas não tiveram titulos mas casaram-se todas com gente da mais elevada situação.

E entre os netos de Braz Carneiro Leão avultaram os titulos do Brasil e de Portugal. Taes foram: a duqueza de Caxias, as Marquesas de Maceió, Jacarépaguá e Cunha, os condes de S. Simão e Baependy os dois viscondes, segundo e terceiro, da Cachoeira, as viscondessas de S. Salvador de Campos e Mirandella, os barão de Juparaná e Santa Monica.

Falando do inicio do grande *rush* cafeeiro fluminense umas tantas paginas valiosas escreveu Eloy de Andrade em sua *Grandeza da Provincia e de decadencia do Estado do Rio de Jaeniro,* pequena monographia sobremodo tumultuaria, cheia de digressões desnecessarias, de reminiscencias litterarias francezas frequentemente de mau gosto e deslocadas, mas apinhada de informações preciosas provindas de quem deve ter tido immensa memoria e o maior conhecimento do assumpto versado.

Refere o autor fluminense dos primordios da cultura cafeeira:

"Dos homens notaveis no Rio de Janeiro destacava-se Braz Carneiro Leão. D. João VI ennobreceu-lhe filhos e genros; marquez da Cunha, conde de S. Simão, visconde da Cachoeira e de S. Salvador de Campos, marquez de Baependy e outros.

Todos estes novos fidalgos anhelavam a propriedade de grande tratos da terra fluminense afim de constituirem grandes propriedades ruraes que seriam cultivadas por escravos africanos comprados aos grandes armazens do Vallongo, escolhidos a 200, 250, 300 cruzados novos por cabeça, isto é a 80, 100 e 120 mil réis!"

Para documentar-se relata Eloy de Andrade:

"O Coronel José Ignacio Nogueira da Gama, irmão do marquez de Baependy casou em 1808 com dona F. Maria Cordula do Valle Amado, filha do coronel Manoel do Valle Amado, de Mathias Barbosa. Seu sogro deu-lhe as vastas terras que possuia á margem do rio do Peixe, em Minas Geraes, por tanto.

José Ignacio comprou por vinte e cinco mil cruzados (dez contos actualmente) cento e vinte escravos com os quaes veio fundar a fazenda de S. Matheus, já em territorio mineiro.

Mas, ambicioso, requereu e obteve, em 1812, as sesmarias de Santa Justa, e da Independencia, de Jequitibá, na capitania do Rio de Janeiro. Conseguiu comprar o terreno intermediario entre São Matheus e Independencia, isto é, as sesmarias de Santo Antonio, Conceição, Gloria, Alambary, S. Felipe, mediando apenas entre esta ultima sesmaria e Alambary o arraial de S. José.

A Eloy de Andrade contou o conde de Baependy, neto de Braz Carneiro Leão, que em 1817 D. João VI recebera, vindas de Moçambique, abundantes sementes do cafeeiro.

Chamando a palacio os grandes proprietarios de terras, e com aquelle aspecto bonacheirão que tanto o caracterizava tratando-se de cousas do Brasil, distribuiu as sementes em pacotes, recommendando-lhes que nos seus pomares fizessem viveiros com as mudas provindas de taes sementes para depois transplantal-as já arbustos para as lavouras.

Assim ao ver do Conde de Baependy fôra "esse rei tão malquisto em Portugal, a ponto de sua mulher tramar uma conspiração para depol-o como demente", o innovador do plantio do café em viveiros.

Seguindo o conselho régio o coronel José Ignacio Nogueira da Gama, sogro do conde de Baependy, plantou as sementes fornecidas no pomar de sua fazenda de S. Matheus, um pouco abaixo do açude.

Vinte e um annos mais tarde, quando morreu, em janeiro de 1839 colheria uma safra de 18 mil arrobas.

Todos os grandes fidalgos da côrte de D. João VI possuiam grandes extensões de terras na antiga capitania do Rio de Janeiro. Fundaram então grandes fazendas. A' familia Braz

Carneiro Leão, a mais importante da época, couberam grandes tratos da terra fluminense.

Commenta o nosso autor que para se julgar dos costumes do tempo, naquella época das concessões territoriaes e dos excessos do poder absoluto convinha lembrar que por traz da figura mansa de D. João VI occultava-se a temerosa mão da rainha Carlota Joaquina, indo até ao homicidio, quando contrariada.

A tal proposito affirma que o assassinio de D. Gertrudes Pedra se deve ao facto da dynasta enfurecer-se contra sua victima porque esta se recusara a trocar sua linda chacara do Cattete "por quanta terra quizesse na capitania do Rio de Janeiro". Commette ahi o nosso autor uns tantos e graves erros como o de affirmar que a assassinada era condessa da Cachoeira, titular que aliás nunca existiu.

Affirma ainda Eloy de Andrade que D. Gertrudes, fiada na sua alta situação financeira e social e além de tudo concunhada do Intendente Geral da Policia mandara dizer á Rainha que não trocaria sua chacara por todas as terras devolutas da capitania do Rio de Janeiro.

Esta versão do crime de 1820 é bem diversa da que geralmente corre a saber; haver sido a infeliz fidalga trucidada por motivo de uma questão de rivalidade amorosa.

Em sua passagem por Valença em 1822 notou Saint-Hilaire que entre os maiores senhores de terras alli estavam exactamente os dois concunhados genros de Braz Carneiro Leão, o Intendente Geral da Policia, Paulo Fernandes Vianna e o futuro Marquez de Baependy. Possuia este ultimo, disseram-lhe, doze léguas quadradas de terras concedidas pelo Rei, nada menos de 10.800 alqueires geometricos ou perto de 540 kilometros quadrados!


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO CI

Uma carreira de grande landlord do café — O Visconde do Rio Preto e sua notavel opulencia — A fazenda do Paraiso — Tragico final de grande festividade — Os dois grandes periodos da grandeza cafeeira fluminense, segundo Eloy de Andrade — O credito agricola — Permanencia dos fazendeiros nas fazendas — Costumes familiares dos grandes lavradores fluminenses

Pormenorisadamente descreve Eloy de Andrade em seus interessantes depoimentos da *Grandeza da Provincia e decadencia do Estado do Rio de Janeiro* o modo pelo qual se opulentou, como lavrador de café, um dos maiores fazendeiros do Brasil Imperial, Domingos Custodio Guimarães, primeiro barão (em 1854) e visconde do Rio Preto (em 1867).

Nascido em 1800, desde muito moço demonstrou notaveis aptidões commerciaes.

Associou-se, sob o Primeiro Imperio, a um dos mais ricos brasileiros de seu tempo, João Francisco de Mesquita (1790-1883), barão, visconde, conde e afinal marquez de Bomfim, o banqueiro que tantas vezes acudiu com avultadas quantias ao Thesouro Nacional, como mais tarde igualmente faria seu filho, o conde de Mesquita (1826-1886) a quem reiteradamente recorreu a Casa Imperial. Como todos sabem tinha ella a sua economia frequentemente assaz perturbada pela inexaurivel generosidade de Pedro II e o insopitavel interesse com que o Imperador Magnanimo acompanhava os grandes movimentos da sciencia e da philanthropia universaes.

Trataram os dois socios de abastecer o Rio de Janeiro de carne, fazendo descer de Minas Geraes grandes rebanhos. E como tivessem um commercio muito bem organizado ganharam largas sommas.

A malignidade e maledicencia publica accusaram D. Pedro I de comparticipe dos lucros da firma Mesquita-Guimarães. A este rumor malevolo davam aza as continuas transacções en-

tre o Estado, então em grandes apertos financeiros, e o rico banqueiro que já era o futuro marquez de Bomfim.

Dissolvida a sociedade, diz E. de Andrade, pensou Domingos Custodio Guimarães em fazer-se fazendeiro de café encarregando a um seu sobrinho, e um dos seus agentes, para a compra de pontas de gado, de lhe ver alguma propriedade, grande, e em boa zona.

"Em suas repetidas viagens para comprar gado no campo, Joaquim Candido Guimarães conhecera a palmo toda a zona da fronteira a decantada Matta: terras feracissimas, terreno pouco accidentado, boas vias (naquelle tempo) de communicação pela velha estrada do Commercio ou pela de Botaes que começava no Brejo ou Calhamaço e aquella na encantadora villa de Iguassú.

Procurou as margens do Rio Preto, caminho de Santa Barbara, e comprou a João Pedro Maynart duas fazendas — *Flores do Paraiso* e *Loanda* ou *Barras das Flores,* por cento e vinte contos, com duzentos captivos.

Maynart deu as razões da venda: estava velho, cansado, queria conforto, fugindo daquella solidão.

Antes de realizar a compra, quiz Joaquim Candido consultar seu parente, morador ali perto, o capitão Domingos Antonio Ribeiro, com cuja filha se casaria mais tarde.

Domingos Antonio animou-o, podia comprar; "terras boas, mas escravos insubordinados."

Realizada a compra, mudou-se Domingos Custodio Guimarães para *Loanda* e logo teve occasião de constatar a veracidade das asserções do Capitão Domingos Antonio, num incidente typico dos tempos, que E. de Andrade reproduz.

"Certa manhã, muito cedo, viu chegar amarrado, as mãos atraz das costas, o feitor da roça, portuguez e recem-chegado de Portugal.

Acompanhavam-no os pretos; justificavam aquelle acto de insolita rebeldia affirmando que elle não sabia mandar!

Foi julgado necessario um exemplo de rigor. E era então tal o prestigio do detentor da liberdade do misero escravo, tal a degradação em que este estava que, silenciosos, sem protesto, soffreram os captivos de Loanda o cruel castigo que a segurança individual impunha.

Grandes centros agricolas tornaram-se logo as recem-adquiridas propriedades. Dotado de prodigiosa actividade o futuro visconde achava-se em toda a parte, a tudo superintendendo com rara competencia.

Percorrera as grandes fazendas do tempo observando, com a maior attenção, o que nellas havia de melhor.

Fez viveiros de cafeeiros; não quiz imitar alguns visinhos que catavam nas capoeiras, e nos cafezaes, as necessarias mudas.

Depois ordenou derrubadas nas melhores pontas da matta virgem. Queimadas estas e após a grande rega das primeiras chuvas de Agosto vestiu encostas e plainos de cafeeiros.

"Cannaviaes a perder de vista simulavam nas planicies, nos dias de ventania, ondas de encrespado mar".

Mais de quinhentos escravos foram comprados nos annos seguintes, e adquiridos sitios que confinavam com o *Paraiso,* como os da *Criméa, S. Leandro* e *Santa Thereza,* que, trinta e cinco annos mais tarde seu filho venderia ao tio da sua mulher, o Barão do Pilar (José Pedro da Motta Sayão).

Novas fazendas e mattas virgens foram compradas; entre as primeiras contavam-se *S. Polycarpo, Santa Barbara* e *União,* entre as segundas *Santa Genoveva do Mundo Novo.*

Era sem contestação, em 1867, o primeiro fazendeiro não só da Provincia do Rio de Janeiro como do Imperio.

Parece-nos esta asserção do autor fluminense injustificada. Explica elle:

"Exportava para mais de quarenta mil arrobas de café, mandava todos os sabbados a tropa a Valença levar productos da pequena lavoura; araruta, polvilho, assucar, farinhas de mandioca e de milho, etc."

Para ser em 1867 o maior fazendeiro do Imperio precisaria o Visconde do Rio Preto ter safras maiores do que as allegadas, quarenta mil arrobas. Nesta época os dois irmãos Breves, Joaquim José e José, tinham colheitas muito maiores. Em 1860 colheram o primeiro 204.000 arrobas e seu irmão um pouco mais de cem mil.

E lembramo-nos bem de haver ouvido do saudoso amigo, Dr. Antonio Ribeiro Velho de Avellar, que seu avô, Barão de Capivary, e seu pae, o Visconde de Ubá haviam colhido no Pau Grande e fazendas adjacentes como Boa Esperança e Buraco da Onça, etc., cincoenta mil arrobas em media entre 1860 e 1870.

E pensamos que o Barão da Nova Friburgo haveria em 1867 de ter colhido de suas fazendas de Cantagallo, mais de quarenta mil arrobas.

Aliás dizer-se "o primeiro fazendeiro não só da Provincia do Rio de Janeiro, como do Imperio" é perfeita redundancia, pois não ha quem imagine que, em 1867, e em qualquer das duas outras grandes provincias cafeeiras, vivessem maiores fazendeiros de café do que os fluminenses.

Quando Marianno Procopio construiu a estrada *União e Industria,* continúa E. de Andrade, reclamou o Visconde de Rio

Preto um ramal para o Porto das Flores promettendo-lhe exportação superior a cem mil arrobas daquella redondeza.

Estudou Marianno o caso e o ramal foi construido; inaugurando-se em 1867, na festa do anniversario natalicio do Visconde,

"Chegara elle ao apogeu da gloria na sua classe. Era proprietario de onze fazendas: *Flores do Paraiso, Loanda, União, Santa Thereza, S. Polycarpo, Alliança, Monte Alverne, Santa Genoveva, Santa Barbara,* e mais duas em Carrancas, em Minas Geraes, além de diversos sitios como *Criméa, S. Leandro, Santa Victoria,* etc.

Era o homem de maior prestigio da zona valenciana.

Em Valença, onde acabara de construir soberbo palacio, quiz commemorar, com desusada pompa, a coincidencia de seu natalicio e o da inauguração de tão consideravel melhoramento publico, offerecendo ao mundo official, ao alto commercio do Rio de Janeiro, uma festa representativa da grandeza da lavoura fluminense.

Ouçamos porém a Eloy de Andrade:

"Assim, convidou o Rio em peso. Conselheiros de Estado, senadores, deputados geraes e provinciaes, tanto fluminenses como mineiros, seu velho amigo e socio o Conde do Bomfim, o Visconde de Bom Retiro, o maior amigo do Imperador, medicos, advogados, altas patentes militares de terra e mar.

Illuminara com lanternas de variegadas cores o caminho de Porto das Flores até a fazenda toda a noite anterior, emquanto duas bandas de musica, alternando-se, executavam todo o seu repertorio.

Affirmara-se ultimamente o prestigio do Visconde nas duas pontes que conseguiu construir ligando as duas Provincias.

Cioso, o governo mineiro relutara em lhe fazer tal concessão.

A barca do Porto das Flores funccionava havia meio seculo. Mas Rio Preto insistira e triumphara. Então, quizera mais, ligar as duas fazenda que haviam pertencido a Manoel Thomaz á sua *Loanda,* e ainda uma vez alcançara a victoria."

Interessante a descripção pormenorisada desta grande festividade cujo inesperado desfecho veio mais uma vez comprovar a inanidade das coisas humanas.

"Rompia a manhã, quando estrugiu o Hymno Nacional saudado por girandolas de morteiros. Ao mesmo tempo ouvia-se o rodar surdo de muitas carroças. Eram as da União e Industria conduzindo quinhentos saccos de café com duas mil arrobas.

Iam embandeiradas, cobertas com grandes toldos, juncadas de flores.

Grande turma de escravos acompanhava-as até o leito do macadam para remover qualquer obstaculo.

A tudo o Visconde prevenira.

A's dez horas da manhã serviu-se o almoço. Depois os convidados espalharam-se tomando differentes rumos, uns penetraram no grande pomar do lado de cima da fazenda; outros no pequeno, no caminho da *Loanda* onde sabiam existir as mais raras fructas; outros finalmente entretiveram-se com o bilhar e outros jogos.

Por toda a parte viam-se jarrões com flores odorificas.

A's duas da tarde parou em frente á entrada do palacete elegante carro a que estavam atrelados quatro cavallos do Cabo.

O Visconde desceu então a grande escada, a cujos lados dois negros de bronze de tamanho natural sustentavam nas possantes mãos ricos candelabros. Acompanhava-o Marianno Procopio, a quem ia mostrar a fazenda da Barra.

Por um requinte de gentileza para com tão illustre hospede quiz o Visconde bolear.

Tomaram o caminho da Loanda, margeando o rio Preto, em frente ao cemiterio. No momento em que penetravam na longa ponte, na foz do rio das Flores, os cavallos espantaram-se e o Visconde teve grande difficuldade em contel-os. Sentiu então terrivel angustia, seguida de indomavel desfallecimento. Mas já o cocheiro retirara-lhe as redeas e continuou a viagem dando volta aos esplendidos cafezaes que Marianno não cessava de elogiar.

Na velha casa da fazenda offereceu o Visconde ao amigo licor e doces. E pouco depois voltaram.

Cahia a tarde, eram quasi seis horas. A apotheose rapidamente organizada devia dar-se á sua chegada.

Quando avistaram o carro romperam as musicas em alegre dobrado e vivas ao Visconde do Rio Preto fizeram-se ouvir. Chegando em frente á entrada do solar, cahiu das janellas uma chuva de petalas de rosa. A banda executou o hymno sempre prompto a ser ouvido nas horas de triumpho.

"Se Rouget de Lisle, em uma noite de febre, commenta o nosso autor, arroubadamente, concebeu e executou a Marselheza, que serviu de toque de avançada a 10 de Agosto e depois deu a volta ao mundo combatendo a tyrannia: o nosso Hymno Nacional é um canto de victoria. Ninguem pode ouvil-o sentado ou de cabeça coberta. Sente-se estranha sensação de triumpho! A prova maior de seu valor é a sua conservação na Republica; tem-se procurado demolir todo nosso passado de grandeza, mas o hymno de Francisco Manuel ficou de pé.

"Naquelle momento todas as moças do Rio de Janeiro, os conselheiros de Estado, os parlamentares, lançavam flores sobre o Visconde; e cá em baixo, junto a seu carro, estrugiram os brados victoriando-o.

Era muito para um organismo combalido, gasto por um trabalho incessante de longos annos.

Novamente seu coração batia forte, quando havia pouco quizera parar, ao praticar violento esforço. Tanto é verdade que este centro da circulação tanto obedece, tanto palpita na violenta contração muscular como ao influxo de intensa alegria.

Muito pallido desceu do carro. O visconde de Bom Retiro correu a amparal-o, travou-lhe o braço e levou-o ao salão do lado esquerdo. Abriram-lhe alas até o sofá onde cahiu fulminado por syncope cardiaca!

— Domingos, então que é isto? interrogava o velho Mesquita, admirado daquelle desfallecimento. Um medico depressa!

Havia muitos. Cercaram o moribundo.

— Não é possivel! gritou a Viscondessa atirando-se sobre o corpo já inanimado do marido.

Gritos, soluços, de parentes a quem protegia, lamentos de escravos que o serviam com extraordinaria dedicação, todo esse rumor confuso, que se dá nessas occasiões, atroou os ares do *Paraiso*.

Depois... o silencio dos tumulos. A disciplina severa que elle instituira reinava agora soberana em derredor de seu corpo sem vida, como derradeira homenagem.

Ao longe, nos recantos dos quartos, viam-se, a cada passo, as pretas velhas, africanas, a chorar.

Ninguem pensou mais no banquete no salão de cima, profusamente illuminado.

Nas mesinhas espalhadas, aqui e ali, sentavam-se, a furto, alguns convidados, outros velaram o cadaver até o amanhecer.

Trinta annos haviam decorrido desde o dia em que Domingos Custodio Guimarães fôra dormir pela primeira vez na casinha de José Pedro Maynart, hoje substituida pelo palacete onde se encontrava reunida a fina flor da sociedade do Rio de Janeiro!

Pequeno cannavial, um mandiocal maior, eis o que então vestia aquellas collinas e plainos agora occupados por lindos cafezaes onde trabalhavam quatrocentos captivos!

Morria o Visconde do Rio Preto naquella serena tarde de Setembro, em meio da maior grandeza com que pudera sonhar, deixando fortuna superior a dois mil contos de réis.

Tão grandiosa a sua principal fazenda que dezoito annos mais tarde, um genro de Dom Pedro II, o Conde d'Eu, ali foi

especialmente ter, lá pernoitou, recebendo a mais brilhante acolhida. Recebia-o como administrador de sua irmã, um neto do regente do Imperio, Pedro de Araujo Lima, marquez de Olinda, Joaquim Henrique de Araujo, filho do Visconde de Pirassununga.

Veio de Valença o Principe Consorte em *coupé,* com mudas de dez em dez kilometros, de sorte que transpoz as cinco léguas do percurso em duas horas e meia!

Um banquete foi-lhe offerecido. Os principaes fazendeiros da região ali estavam. A rica baixella, as porcellanas de Sèvres, os vinhos raros, as flores em profusão, tudo o que a ardente imaginação e o apurado gosto de Joaquim Araujo podia conceber converteu-se em realidade."

Justificando a sua descripção do tragico desfecho da grande solennidade de 1867, na fazenda *Paraiso,* de que parece ter sido testemunha occular, traça o autor fluminense:

"Ninguem ousará censurar áquelle que, descrevendo a grandeza da Provincia do Rio de Janeiro, desceu a narrar a morte de um landlord na accepção do termo.

Taine, descrevendo *"As origens da França contemporanea"* pormenorisa pequeninos factos da vida catellã e documenta-os em notas transcriptas de diversos.

Relatando um facto decorrente do passamento do Visconde do Rio Preto declara Eloy de Andrade "que o credito agricola desapparecido na madrugada de 15 de Novembro, foi um dos maiores factores da grandeza da lavoura cafeeira no seculo passado, resultante da confiança inabalavel que commissarios e bancos depositavam no fazendeiro e a probidade invejavel deste, cimentando o pacto entre o productor e o vendedor, base da prosperidade de antanho dos grandes centros agricolas."

As provas de tal estado de coisas abundavam; mas a morte do Visconde lhes adduziria nova demonstração.

Um de seus herdeiros, Silvino José de Almeida, quizera vender a sua legitima.

A viscondessa viuva, D. Maria das Dores de Carvalho Guimarães, comprou-a por 200 contos, preço pedido pelo pae do herdeiro.

Descuidosa tomou a titular a penna e passou uma ordem ao portador na importancia daquelle valor.

Não houve hypotheca, nem letras, nem creditos; apenas lançou-se á conta corrente da viscondessa do Rio Preto um debito de duzentos contos de réis.

Que idéa fariam os banqueiros de 1910 dos commissarios do tempo imperial?

Nas hypothecas do seculo XX figuravam as outr'ora ignotas clausulas com determinada quantia para saldamento de custas judiciarais á falta de pagamento nos prazos fixados.

"O credito agricola não se inventa, commenta amargamente o nosso autor a louvar o *bom vieux temps*. Não nasce da boa vontade dos detentores do poder. Esmagados por impostos e os fretes ferroviarios, faltam os lavradores muitas vezes a certos compromissos. Não se leva em linha de conta um passado sem mancha, as condições prementes em que o devedor se encontra. Nada vale! Não pagou, basta!

Este é o criterio dos bancos, portanto impossivel a existencia do credito agricola!"

Esboçando um parallelo accrescenta Eloy de Andrade:

"Estamos ainda no periodo da grandeza cafeeira fluminense.

O progresso dos centros agricolas chegara ao ponto de os fazendeiros ostentarem os fructos em uma linda manhã de Maio e dois dias depois esses fructos despolpados, seccos, correrem nos wagons da Pedro II em demanda dos armazens do Rio!

Entre outras fazendas lembramos Santa Genoveva e Santa Luiza em Santa Thereza de Valença, a primeira propriedade do saudoso e adiantado agricultor Domingos Theodoro de Azevedo Junior, genro do Visconde do Rio Preto, e a segunda do engenheiro Dr. Braz Carneiro Nogueira da Gama, filho do Conde de Baependy, e neto de Braz Carneiro Leão, o potentado do tempo de D. João VI.

Nestas fazendas attingira-se este maravilhoso resultado; grandes regos cortavam os cafezaes em varios logares convergindo todos para o centro da fazenda para o lavrador, collocado em frente aos machinismos.

Colhido o precioso grão era levado pela agua corrente ao lavador e ahi, desembaraçado de todas as impurezas, conduzido ao despolpador.

Despolpado seguia para o seccador Taunay-Telles onde ficava completamente secco, prompto para o derradeiro preparo.

Muitos exportadores queriam-no neste estado, que denominavam *casquinha*, havendo a vantagem de conserval-o intacto por muito mais tempo.

Na Inglaterra, e em certas partes da França, preferiam o café despolpado ao café secco nos terreiros.

Indaguei de alguns inglezes a razão. E' que o café despolpado muito mais fraco, conserva delicioso aroma e sabor.

Corresponde, disse um delles ao *havana collorado* no paiz dos fumantes.

Aquellas duas fazendas exportavam, em media, quarenta mil arrobas, nos quatro mezes que durava a safra.

Pagava-se apenas da fazenda á casa do commissario 700 réis por 15 kilos. Hoje (em 1910) pagamos quasi o triplo!

Na opinião de Eloy de Andrade existem dois periodos bem nitidos da historia da formação da lavoura fluminense e da sua grandeza.

O primeiro começa com o seculo e vae até 1852 quando terminou definitivamente, o trafico africano.

Nelle foram lançadas as bases das grandes propriedades territoriaes, facilitadas pela acquisição barata do braço trabalhador. O africano convertera-se no maior, se não no unico artifice da futura grandeza.

Installados os fazendeiros procuraram cercar-se de todas as commodidades, de todos os confortos, grande pomar, horta, capoeira, retiros. Muitos contrataram medico e padre permanentes.

Reinou o grande proprietario como rei absoluto, praticando ás vezes as maiores violencias, sem o minimo correctivo. As autoridades eram por elle nomeadas e demittidas quando se não sujeitavam ao seu arbitrio. Converteu-se o landlord num semideus, no ambito de suas terras, para os escravos, os empregados, os aggregados, até para a propria familia.

Durante essa primeira metade do seculo, as estradas na época das chuvas tornavam-se intransitaveis, surgindo a cada passo um *caldeirão*. Mas os recursos dos potentados mostravam-se extraordinarios.

Certa vez adoeceu o filho do Conde de... Chamado o futuro Visconde de Ibituruna, exigiu conferencia. O grande Valladão (Barão de Petropolis) veio em liteira, como se fôra alguma fidalga, da Estrella até a fazenda na divisa de Minas. Era preciso nos atoleiros estender couros de bois, mas os oito escravos que haviam vindo buscal-o e as bestas de carga trazendo os couros facilitaram a perigosa viagem.

E note-se que se tratava da "estrada real", que conduzia da Estrella ao Parahybuna. Imagine-se o que não seriam os caminhos vicinaes!

Estes horrores das estradas reaes experimentara-os o proprio primeiro Imperador, quando após o assassinato de Badaró viera sondar o espirito publico mineiro, acompanhado da imperatriz D. Amelia de Beauharnais.

Na viagem a Minas, montava D. Amelia um cavallo fogoso que a fazia rir e tremer a cada passo.

De repente, o cavallo que ia batendo com uma ferradura mal presa nas pedras soltas, atirou-a longe!

— Deus meu! disse rindo-se — lá se vai o ultimo sapato do meu ardego cavallo e isto no momento em que subimos tão ingreme ladeira!

O segundo periodo é o da verdadeira grandeza. Vae de 1852 a 1888. Falta, ou antes começa a faltar o africano incomparavel a quem o trabalhador nacional nunca poderá igualar. Em compensação aperfeiçoa-se o producto, valorizando-o.

O transporte é mais facil e mais barato.

Povoados tornam-se villas; as villas são elevadas a cidades.

A ambição e a vaidade ou antes o delirio de grandeza percorreu, como um vento maldito, as lavouras cafeeiras. Eil-as em marcha extensiva. As mattas seculares são derribadas; criados viveiros de café Bourbon.

Ninguem pensa na Abolição que está proxima. Paulino de Souza e Cotegipe asseguram a persistencia da escravidão até o fim do seculo. Os jornaes abolicionistas são interdictos nas fazendas. Por ter apanhado um numero do "Mosquito" de Angelo Agostini em frente á fazenda da Independencia e trazido para casa, um pagem é rigorosamente castigado.

O credito agricola está em todo o seu fulgor.

Lucas Barbosa, proprietario de *Santa Anna* e *Santa Maria* (a primeira administrada no tempo do Marquez de Lages pelo pae de Benjamin Constant, o fundador da Republica). Lucas Barbosa devia ao morrer quantia superior a duzentos contos, mas deixou nas tulhas quarenta mil arrobas de café.

A honrada viuva saldou o debito e ainda lhe ficou um saldo de setenta contos.

Todos querem produzir muito e rapidamente exportar. A fama do café Bourbon causava vertigens. Pagava elle todas as despesas, saldava todas as dividas!

Lindos terreiros brancos e fechados com grades vermelhas ou douradas, circundavam os lindos palacetes cintados de jardins.

Subito appareceu o "Seccador" Taunay-Telles, affirmando que em 24 horas seccava o café.

Um fazendeiro assentou-o e tornou brilhante realidade o grande invento.

O credito agricola continuou firme até a Abolição. O commissario, figura indispensavel se limitava, como poucos annos mais tarde, a ser simples caixeiro vendedor. Conhecia os seus honrados freguezes e sua bolsa estava sempre aberta ás imperiosas necessidades dos mesmos.

Foi neste estado que acordaram os fazendeiros fluminenses com a subida do conselheiro João Alfredo á presidencia do Conselho.

Com o decorrer dos annos desapparecera a vida do lar no interior dos centros agricolas! tal qual fôra nas primeiras decadas cafeeiras, affirma E. de Andrade.

Quão diversa da de outr'ora, nos tempos da formação das propriedades! Sahia o fazendeiro com difficuldade de casa, voltando logo a buscar a tranquillidade que só encontrava junto da familia.

No inverno, depois das festas de S. João, já adiantada a colheita, costumava passar no Rio de Janeiro, na Côrte, os ultimos mezes do inverno, a aproveitar a temporada do theatro lyrico.

Outras vezes, a molestia de algum membro da familia obrigava-o a uma estação de aguas, em Caxambú ou Caldas, as preferidas do tempo.

Voltava a familia alegre, como passaros a seus ninhos, revendo tudo o que amava.

Orgulhosas as filhas do lavrador do acolhimento recebido de toda a parte, até da sociedade elegante do Rio, o que tanto lhes lisonjeara o amor proprio. Comprehendendo a situação e para provarem que a aura de que gozavam não era só devida á riqueza dos paes, copiavam usos e costumes da sociedade carioca tão culta e tão distincta.

Ao regressarem á fazenda comprehendiam que ali estava a grande fonte de toda a consideração, a grande riqueza que dava para tudo, para os irmãos cursarem qualquer das Faculdades do Rio, Bahia, São Paulo e Pernambuco — para ellas viverem no grande luxo do Rio, finalmente para escolherem noivos entre os rapazes formados, de valor, futuros politicos, parlamentares, ministros de estado, altos magistrados.

Tinham sequito de princezas quando embarcavam. Não dormiam, á noite da vespera da partida. Eram acompanhadas pelas familias dos correspondentes e das novas amizades contrahidas. Levava-lhes flores, cestas de uvas, de peras, de maçãs, doces para a viagem.

Muitas dellas tinham deixado, no Rio os corações; mas a obediencia em que haviam sido educadas, a profunda veneração consagrada aos paes faziam que subordinassem as aspirações, os sonhos de donzella ao consentimento paterno."

"Nunca filha alguma revoltava-se contra tal lei!"


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO CII

O que eram Vassouras e suas fazendas em 1850 — O enricamento cafeeiro uniforme de familias inteiras — Aspectos desconnexos das cidades e fezendas cafeeiras — A exploração da condescendencia dos fazendeiros pelos mascates e artistas estrangeiros

Quanta coisa interessantissima offerecem ao observador e ao sociologo as velhas cidades cafeeiras fluminenses, hoje centro de regiões que retrocederam da agricultura ao pastoreio, mercê do declive de suas terras abruptas. Assim se dá, por exemplo, com Vassouras, que aliás renasce da decadencia das ultimas decadas.

Edificada numa época, em que ninguem cogitava do que pudesse ser o urbanismo, e collocada numa topographia bem pouco adaptavel ao estabelecimento de um plano regular de cidade, nem por isto veio Vassouras a soffrer do atrazo dos tempos e das condições do terreno em que assenta, paizagem risonha, encantadora quanto possivel.

Apresenta um bello largo municipal, linda e enorme praça, meia duzia de extensas ruas muito largas, e geralmente bem lançadas em seus alinhamentos. Não lhe fôra possivel ter estabelecido o enxadrezado e felizmente!

O percurso de suas vias publicas é mais irregular do que regular e pittoresco.

Possue muitos edificios dignos de demorada attenção, como o bello paço municipal, a bella matriz, numerosas casas nobres de particulares, mas não vem ainda a ser uma cidade de arte; nem ninguem quererá apregoal-a como a Chester ou a Nuremberg brasileira. Hoje sobretudo em que o reinado do bangalô e a devastação de suas velhas e grandes chacaras arrebataram-lhe o delicioso facies typico de antanho.

As cidades mineiras como Ouro Preto, Diamantina, Marianna, S. João d'El Rey, occupam sob este ponto de vista indesthronavel situação, sobretudo a primeira, como é desnecessario lembrar.

Vassouras, traduz uma phase de summa importancia muito caracteristica da vida brasileira sob o segundo imperio e phase, que, como quasi tudo em nosso paiz, está em muitas de suas faces para ser estudada ainda e deve sel-o com grande attenção; porque, é rica de aspectos sociologicos interessantissimos.

Vassouras, ninguem o ignora, muito mais do que as suas vizinhas Valença, Parahyba do Sul, Pirahy, Barra Mansa, Rezende, etc., teve importancia immensa, representou saliente papel no tempo de grande lavoura cafeeira do valle do Parahyba, na éra em que "o Brasil era o Valle", como então se dizia. E a prova de tal está na superioridade de suas edificações antigas sobre as de qualquer de suas vizinhas e rivaes de antanho.

Foi a verdadeira capital do café, pelos annos de 1850, e o seu renome se estendia ao paiz todo. Representou o papel que mais tarde coube a Ribeirão Preto por exemplo.

Nas terras accidentadissimas do seu municipio, vieram abaixo as riquezas das florestas seculares, destruidas pelo fogo, afim de fazerem espaço ás filas regulares do cafezal.

Com o coração angustiado em 1840, viu Gardner, o illustre botanico inglez, e um dos nossos mais encantadores viajantes, pela leveza do estylo e a veracidade da palavra, a devastação immensa, febril, que se operava na floresta fluminense, devorada pela "coffeæ sacra fames".

Dava o café enormes lucros, e exigia a intensificação do trafico de negros; não havia braços que chegassem aos cafezaes nascentes. As noticias dos proventos immensos da lavoura nova da rubiacea em terra fresca, virgem, desvairavam as imaginações.

Enormes "rushes" de mineiros deixavam suas terras centraes, pastoris e mediocremente ricas, para os tratos ubertosos do territorio fluminense e da Matta mineira.

Dentro em poucos annos multiplicavam-se prodigiosamente as grandes fazendas e as grandes escravaturas.

Estancado o trafico africano, despejou o Norte, empobrecido pela quéda da canna, os seus servos sobre as lavouras do Valle. Criaram-se em dois decennios grandes familias de fazendeiros, prosperando notavelmente.

Os landlords fluminenses encheram em massa os registros nobiliarchicos recentes do Imperio, num afidalgamento rapido, conferido pelo numero de arrobas colhidas; começavam quasi innumeros os commendadores e logo depois surgiam em filas cerradas os barões e os viscondes.

Os habitos castellões se aprimoraram. Enormes predios solarengos se ergueram nas fazendas numa como emulação de grandiosidade dos proprietarios de cafezaes. E nelles havia a mais

prodiga das hospitalidades a amigos e a desconhecidos, continuos brodios de janeiro a dezembro.

Criou-se verdadeiro patriciado do café, familias inteiras, numerosas, uniformemente abastadas, appareceram dentro de quem se destacavam, como chefes de clan, millionarios legitimos.

Apontava-se a opulencia dos seus membros, o florescimento de suas lavouras, e o vulto de seus rebanhos de servos.

A' medida que os annos se passavam, nellas os titulares se fizeram numerosos. Algumas houve em que os novos nobres do Imperio surgiram em barda.

Mas não lhes faltava, absolutamente, o facies afidalgado. Seriam frequentemente incultos estes agraciados, muito incultos mesmo, mas tinham muitos a distincção innata e consideravel do "gentleman farmer". E a muitos ainda destes rebentos de um patriciado recente se impunham os caracteristicos que tornam os homens "racés", como exprime o feliz adjectivo francez, cujo correspondente não existe em nossa lingua.

Homens e mulheres havia, e muitos, incontestavelmente, "racés" em alto gráo, nestas familias fluminenses, nascidas dos rudes desbravadores, cheios de energia e tenacidade, duros para com os escravos, ricos no fim da vida, titulares, condecorados vendo em torno de si abrahamicas proles a quem, mas a poucos individuos, se transmittiam as fortes qualidades ancestraes, desfibradas que as tornaria o contacto com a fartura e a vileza da instituição servil.

Dahi as numerosas degenerescencias reveladas logo á segunda geração pela prodigalidade, a nevrose do jogo, a dypsomania, a indolencia, a inepcia, a erotomania, a debilidade mental, a hysteria, taras de gente rica e inutilizada pela "boa vida" de longos e longos annos.

Mas não é isto a cada passo o triste apanagio das estirpes mais altamente "racés"? das mais antigas e dynasticas linhagens?

Dahi a decadencia de muita dessa pobre gente, frouxa, ignorante, quasi sempre physicamente enfraquecida pela origem consanguinea reiterada, inintelligente, incapaz da reacção, salutar pelo trabalho, que com o decorrer dos annos passaria a viver embalada pelas reminiscencias da grandeza dos avós e titulares, do "Vovô marquez", do "Vovô commendador" ou do "Vovô capitão-mór". Gente esta que, entre honrosissimas excepções, avultaria na descendencia geralmente enorme destes acclamados avoengos, tão diversos da sua prole pela saúde, o vigor, a iniciativa, a ambição e a aspereza.

Como reflexo do engrandecimento rapido da região selvatica agora povoada de lavouras appareceram as cidades cafezis-

tas, nascidas da arte rudimentarissima dos mestres de obras portuguezes. Edificaram-se os vastos, achamboados e pesados sobradões, paços da recente nobreza territorial, cheios de enormes salões e minusculas alcovas, alicerçadas em mycenicas muralhas de pedra, travejados e cobertos por enormes madeiros da floresta primitiva.

Eram-lhe os moveis escassos e toscos, senão pobres, mas no meio desta singeleza, de repente, e em singular contraste, appareciam algum grande lustre de cristal finissimo, valendo contos e contos de réis, e candelabros riquissimos de bronze dourado.

Sobre as colossaes mesas de jantar, de reles pinho, ostentavam-se serviços de porcellana, européa e chineza, finissimos, dourados a fogo, monogrammados, brazonados, frequentemente, comprehendendo centenares de peças.

As pratas ainda se notavam abundantes não mais em baixela mas nas enormes salvas, nos grandes castiçaes, nos pesados apparelhos de chá e café, etc.

Como decoração dos salões viam-se custosissimas guarnições de cortinas dos mais finos pannos de vivas cores, dignos dos lustres e dos candelabros, mas em antagonismo absoluto com a simplicidade dos moveis. Retratos a oleo eram quasi sempre os unicos quadros de taes salas. E que retratos geralmente! que horrores! que obras de pinta-monos!

Em uma ou outra sala, em geral, de jantar, se notavam decorações muraes.

Havia, pois, o mais absoluto desequilibrio de correlações estheticas no mobiliario, na decoração, no apparelhamento destas casas commendadora e baronaes, expoentes da civilização cafezista fluminense, que marchava para o apogeu.

As reuniões que se davam em taes solares traduziam e aggravavam estas disparidades. Cobertas de riquissimas joias, em profusão por vezes pasmosa, viam-se as senhoras vestidas dos mais ricos estofos, mas mal amanhadas. E os homens, a usar brim, linho ou a casemira vulgar, envergando rodaques, jalecos, paletots de mil e um feitios e variadas côres. E real desordem reinava nestas festas sem programma.

Diriam, hoje, alguns, que taes casas eram caracteristicamente habitações de "nouveaux riches". Mas a commetter a maior injustiça. Não vinha a ser a ostentação nem a vaidade do "parvenu" o que trazia tal estado de coisas e, sim, simplesmente, a incultura e a timidez.

Viam-se os municipios, e as cidades cafeeiras, infestadas por nuvens de judeus, sobretudo alsacianos, caixeiros viajantes, representantes ou mesmo proprietarios de casas do Rio de Janeiro.

Recebidos com a maior singeleza, e a maior hospitalidade, pela gente simples, bondosa e rica dos landlords do café, empurravam-lhes estes "cometas" a mercadoria, os alcaides do peior gosto, feitos para a exportação americana e sul-americana, em materia de moveis, lustres, espelhos, joias, porcellanas, cortinas, sanefas, vasos, etc.

Curioso que os moveis não "pegassem" com tanta facilidade; provavelmente por causa do volume e do peso dos trans-algum gosto, mas excepcionalmente, quando pertenciam a gente portes. Notavam-se algumas casas ricas, bem mobiliadas, e com viajada pela Europa, ou frequentando, com mais assiduidade, o Rio de Janeiro.

Desta timidez da condescendencia, da fraqueza em não recusar, provinham tambem quasi sempre os horrendos retratos, duros, seccos, de personagens hirtos, sem fundo e sem transições de colorido, que se dependuravam ás paredes dos salões nobres.

Acudiam os pintores de *eniesima* ordem, hespanhoes, portuguezes, italianos, francezes e brasileiros, estes muito mais raramente, e com a volubilidade dos conceitos bajulatorios, e dos elogios proprios, estonteavam os figurões "esfaqueaveis".

Assim obtinham as encommendas de que nasceram aquellas galerias que os futuristas de hoje, provavelmente, exaltarão como documentos da arte hyper-primitiva... em 1860.

Um ou outro ricaço, mais fraco que o commum da sua gente, ou victima de "artista" mais palrador e charlatanesco, deixava-se sangrar em alguns contos de réis, permittindo que o "illustre" pintor lhe decorasse a sala de jantar, commodo, geralmente, fadado ao futuro sacrificio da technica das artes do deesnho.

Que conjunctos sahiam do cerebro desses troca-tintas da palheta e offerecidos aos inexpertos clientes! Que acervos de disparates e necedades, desconnexos, illogicos, absurdos! E que technica a destes "artistas"!, que primores apellianos os daquelles desenhos e coloridos!

Numa das mais amplas e imponentes salas de jantar de fazenda que é possivel conceber, com as suas immensas janellas e portas de folha inteira, pé direito de seis metros, soalhos de taboas diametricas de antigos gigantes da matta, forros em masseira, vimos uma destas decorações muraes, impingidas a certo visconde fluminense de antanho, por "artista" italiano ou hespanhol.

Balança-se enorme arara numa especie de trapezio e um macação, acorrentado pela cintura, do alto de sua gaiola a contempla, a fazer visagens.

Em face deste primoroso painel zoologico, enorme theoria de individuos, encapuzados, como antigos familiares do Santo Officio, sobe processionalmente, por uma rampa que termina num grande moinho de vento.

Noutro ponto da sala, em frente a uns chalets suissos, ou isbas russas, é difficil dizel-o, pastam bois e carneiros e passa um magote de soldados, bombeiros ou cousa que valha.

Noutro logar, numa grande caixa de entomologo, ostentam-se, espetados, bezouros, e borboletas, gafanhotos e libellulas. Mas, o mais interessante consiste numa nave deserta de cathedral gothica, altissima, em que se destaca um pulpito da elevação de uma torre, cujo accesso se faz através de um dos pilares.

Neste pulpito ha um frade olhando para o solo, e só...

Quanto o bom visconde terá pago por esta moxinifada?

Bom dinheiro, com certeza. E, provavelmente, no intimo, a achava muito feia. Era homem de suas leituras e parece que assaz viajado. Não fôra muito engazopado pelo pinta-monos europeu e sim victima da propria condescendencia.

— Ora! o sujeito precisava viver! Viera de tão longe! Pobre diabo!

Dahi, desta feição geral do tempo nascia a facilidade com que ganhava dinheiro, á custa da fartura do café, uma nuvem de charlatães, inculcando-se medicos inglezes e cirurgiões allemães, dentistas gregos e cabelleireiros francezes, professores de musica e polyglotas, artistas e modistas, etc., etc.

Era a fazendeirada gente bôa e simples, eminentemente tosquiavel, portanto... Tinha dinheiro facil e abundante... nenhuma presumpção nem sombra de vaidade... e sobretudo, inesgotavel paciencia.

E não pretendia, aliás, de fórma alguma, ser versada em coisas da arte e da cultura.

CAPITULO CIII

Inventario de um fazendeiro de certa importancia em Vassouras em 1851 — Avaliação de lavouras cafeeiras, safras, terras, bemfeitorias, machinas, escravos, gado, moveis, ferramentas etc. — Heterogeneidade do apparelhamento de uma casa abastada do tempo

Vindo muito moço, quasi adolescente ainda, para a Matta do Rio a seguir seu tio Custodio Ferreira Leite, futuro barão de Ayuruoca, surgiu Francisco José Teixeira Leite, futuro Barão de Vassouras, em terras vassourenses, quiçá em 1825, aos vinte annos de idade, pois nascera a 13 de novembro de 1804.

Trazia dinheiro emprestado por seu Pae, o futuro Barão de Itambé (1780-1866), abastado fazendeiro de canna e mantimentos, e creador, em Conceição da Barra, nas vizinhanças de São João d'El Rey e vinha em companhia de seu irmão primogenito José Eugenio Teixeira Leite (1802-1872).

Chegaram no momento em que o *fervet opus* cafeeiro já attingira proporções muito consideraveis. Plantava-se café, por todas as encostas daquella morraria, mais ou menos ingreme, que emmoldura o Parahyba, derrubada a magnifica vestimenta florestal que as recobria.

Agradou-se Francisco José Teixeira Leite do lugar, a que ficaria para sempre vinculado, alli fallecendo a 12 de maio de 1884, quasi octagenario portanto. Para Vassouras attrahiria muitos de seus nove irmãos e até, com o correr dos annos, seus velhos Paes, alli fallecidos em 1864 e 1866. Quanto a José Eugenio, este iria estabelecer-se na matta mineira, em terras de Mar d'Hespanha, perto do lugar onde seu tio Ayuruoca se afazendara. Alli abriria a grande fazenda da *Gironda*, uma das mais productivas propriedades cafeeiras, não só de Minas Geraes como do Imperio; e cuja excellencia de terras e abundancia de colheitas angariaria extensa reputação.

Derrubando matta e plantando lavouras nas vizinhanças do villarejo vassourense, que então progredia extraordinariamente, passou Francisco José Teixeira Leite a ser fazendeiro de café, depois de algum tempo haver acompanhado a seu tio Ayuruoca,

a negociar do Rio de Janeiro para S. João d'El Rey, conforme o costume do tempo.

Casando-se em 1830 sedentarisou-se, definitivamente, occupado com os trabalhos de sua fazenda da Cachoeira e de seus negocios de capitalista, proprios e como representante de seu Pae. Conforme a regra quasi geral do velho Brasil desposou sua prima irmã: Maria Esmeria Leite Ribeiro, nascida em 1814, filha de seu tio materno, commendador Anastacio Leite Ribeiro, tambem afazendado, com lavoura de café, em Conservatoria.

Em 1850 falleceu D. Maria Esmeria e seu desapparecimento provocou, como logica consequencia, o inventario dos bens de seu casal, de que ficavam duas filhas e cinco filhos.

Este inventario é documento interessante para o estudo dos valores, na época do inicio do maior cafeeiro fluminense. Muito minucioso discrimina uma infinidade de itens.

Nesta época o proprietario da Cachoeira já para o tempo possuia assaz avultada fortuna. Arrolou bens num total de rs. 1.126:260$247 o que então representava £ 136.326, ao cambio medio da época, de 29 11/16 em que o soberano valia ..... 8$366 rs.

Neste total a fazenda da Cachoeira entrou por 184:479$200. Não era das maiores do Municipio e da Provincia. Pelo contrario apresentava-se modestamente, cobrindo uma sesmaria de terras (225 alqueires geometricos de dez mil braças quadradas) ou fossem cerca de 1.125 hectares em lavouras, pastos, vallas, capoeiras. Nella havia duzentos e cincoenta mil cafeeiros "entre bons e maus". Este cafezal foi avaliado em cincoenta contos de réis, o que dá, para cada arvore, o preço medio e baixo de duzentos réis. E os duzentos e vinte e cinco alqueires em trinta contos de réis o que representa rs. 133.000 por unidade superficial.

A parte mais importante do inventario da fazenda reside, como é de se prever, no rol dos escravos, cento e seis homens, adultos e adolescentes, e quarenta e uma mulheres, apenas, nas mesmas condições. Além destes ainda quinze creanças, das quaes dez do sexo masculino, ao todo portanto 162 captivos.

Os escravos homens assim se discriminavam:

Entre cincoenta e sessenta annos	7
" quarenta e cincoenta annos	16
" trinta e quarenta annos	36
" vinte e trinta annos	27
" doze e vinte annos	20
	106

E as mulheres:

Entre quarenta e cincoenta annos	3
" trinta e quarenta annos	11
" vinte e trinta annos	13
" doze e vinte annos	14
	41

Documento impressionante de quanto os escravos pouco se reproduziam é a circumstancia de que, neste conjuncto de 147 individuos, dos quaes 113 em estado de procrear, apenas havia quinze creanças, com menos de dez annos. Outro *test* de quanto a média da vida servil é sempre baixa se deduz do facto de que entre esta escravatura, assaz avultada, não havia um só homem sexagenario, uma só mulher quinquagenaria. Como facto excepcional se annota que duas mulheres tinham respectivamente sete e seis filhos, entre grandes e pequenos.

Verdade é que o fazendeiro collocara em sua casa, e chacara da cidade, diversos escravos velhos, dois sexagenarios e um quinquagenario, uma sexagenaria e duas quinquagenarias. E' que provavelmente os retirara do casco da fazenda que desejava vender, como algum tempo depois o fez. Naquelle anno de 1851 o preço dos escravos ainda era relativamente baixo pois o trafico trouxera, até a vespera, levas e levas de africanos.

Aos escravos do commendador Teixeira Leite, nenhum foi cotado a conto de réis. O mais alto avaliado veio a ser o carpinteiro Lauriano, de trinta annos de idade, cujos prestimos e serviços se computaram em novecentos mil réis.

Foram estas as avaliações dos homens e moleques taludos:

de 900$000 —	1
" 800$000 —	2
" 700$000 —	21
" 650$000 —	2
" 600$000 —	38
" 550$000 —	6
" 500$000 —	15
" 450$000 —	2
" 400$000 —	11
" 350$000 —	1
" 300$000 —	6
" 290$000 —	9
" 160$000 —	2
" 100$000 —	4
sem valor —	2

As avaliações das mulheres deram as seguintes cifras:

de	700$000 —	6
”	650$000 —	1
”	600$000 —	12
”	550$000 —	2
”	500$000 —	10
”	400$000 —	2
”	350$000 —	1
”	300$000 —	1
”	200$000 —	2
”	100$000 —	3
	sem valor —	1

Entre as creanças apparecem cotadas uma de tres annos por 200$000, diversas de mezes por cem mil réis, cento e cincoenta e até duzentos mil réis.

Quanto á distribuição de funcções dispunha a fazenda da Cachoeira de dois carpinteiros, dois pedreiros, tres oleiros, quatro tropeiros, dois capatazes, quatro campeiros, um carreiro, dois pagens acompanhadores do Senhor, um enfermeiro, oito mucambas, tres cozinheiras, tres lavadeiras, quatro costureiras.

Os enxadeiros do eito eram setenta e um. Não se declara se iam mulheres ao cafezal. Provavelmente sim pelo menos para a colheita.

O escravo mais caro era como vimos o mestre carpinteiro Lauriano que valia 900$000. Os dois pedreiros se avaliaram em 800$000, os pagens em 700$000, os capatazes em 650$000. Um dos tropeiros é que se cotou barato (400$000), o outro subiu a 600$000; os oleiros computaram-se a 600$000, as mucambas a 700$ e 600$, as cozinheiras a 500$ e 600$, as lavadeiras a 600$, as costureiras a 700$. A média dos enxadeiros é que orçou por quinhentos mil réis. E' verdade que estes preços variavam com a idade dos captivos.

Com a maior lealdade descreve o arrolador o estado de saúde dos escravos. O enfermeiro Joaquim, por exemplo, por apresentar ferida chronica se avaliou em 200$000 mau grado seus 45 annos; Catão no vigor dos 20 annos não attingiu a mais de 200$000 por causa de "feridas abobaticas".

Antonio, apezar de carpinteiro por officio, e ter apenas 35 annos não subiu a mais de 200$000 pelo facto de andar sempre doente, Mathias herniado, aos 26 annos, valia apenas 300$000 ao passo que Gervasio, tambem rendido, chegou a 400$. Antonio Monjolo, por opilado mal attingiu 150$000, Luiz Benguela, ho-

mem de pernas tortas, 100$ assim como Leandro tambem outro cambaio.

Houve porém defeituosos que attingiram maiores preços quinhentos e até seiscentos mil réis como varios feridentos e o zarolho Augusto. Um demente, o pobre Felicio Maluco, e o invalido Benedicto "muito velho" se reputaram como nada valendo.

Tres guenzos cuja saúde não conseguia restabelecer-se entraram num lote por 450$000 com um rapazinho de 12 annos de quem se esperava a cura, certo Luciano.

Das mulheres não se diz que entre ellas houvessem enfermas salvo quanto a uma Francisca soffrendo de bobas, e com cria de poucos dias. Mas como contasse vinte e quatro annos foi avaliada em 550$000.

Dos animaes se arrolaram um cavallo de sella por 60$000 quatro bestas tambem de sella por 150$000 e 50$; 12 mulas de tropa a 45$; dezoito bois carreiros (45$); 10 vaccas (25$) oito novilhos (15$) e tres garrotes (15$).

A fazenda da Cachoeira descreve-se bem fabricada; além da casa grande, avaliada em quatro contos de réis, uma segunda menor no sitio do Rio Bonito (600$000), e uma terceira noutro sitio, avaliada em 120$. Isto sem contar dois telheiros. O pomar estava bem plantado e bem tratado. Calculou-se o seu valor em 200$000.

Em torno da casa grande estavam a enfermaria (600$) e as senzalas. A dos pretos valia um conto de réis e a das pretas (400$), o paiol grande foi avaliado em 800$, preço tambem attribuido á tulha de café.

O engenho de beneficio, o "engenho de soccar" como então se dizia tocado por força hydraulica contava além dos pilões, dois ventiladores, o machinario todo, rude, de café na época, dispondo ainda de caixas, balanças e peso. Foi avaliado em tres contos de réis ao passo que ao moinho de fubá se attribuiu o preço de 200$, assim como 120$ á engenhoca de assucar.

Para a seccagem das colheitas mandara o fazendeiro fazer terreiros de pedra agora avaliados em dois contos de réis.

Nas tulhas havia cinco mil arrobas de café, em côco, valendo treze contos de réis ou sejam dois mil e seiscentos réis, por arroba, cotação corrente na época. Já o fazendeiro exportara a metade da sua colheita, approximadamente pois a fazenda da Cachoeira produzia, em média, 10.000 arrobas annualmente. Como viaturas agricolas possuia um "carro de caixão" e outro "forrado com arreios" (?) valendo respectivamente cincoenta e oitenta mil réis além de um carro ordinario de 16$000 réis apenas. Dois bangues não trazem a inscripção do seu valor.

Quanto a ferramenta da fazenda constava ella naquella occasião de 64 enxadas (a 1$) 30 foices (1$) duas alavancas (2$) uma broca quete com a respectiva agulha (2$).

Nos autos, que estão truncados, não encontramos por exemplo a resenha dos arreios nem a descripção de officinas da fazenda, embora pequenas que deviam ser. Em compensação vem minuciosamente descripto o apparelhamento da casa grande quanto ao mobiliario, trem de mesa e de cozinha e vasilhame.

Possuia o fazendeiro boa prataria, quasi um conto e quinhentos mil réis a 260 e 300 réis a oitava. Representaria isto talvez hoje uns 25 contos de réis.

As peças de maior vulto eram duas salvas grandes e duas pequenas (130$000) um serviço composto de cafeteiro leiteiro e chaleiro (sic) assucareiro e tigela de lavar 366$000 além de oito grandes castiçaes, pois pesavam 1.008 oitavas (mais de tres e meio kilogrammos). Dispunha a copa da Cachoeira ainda em prata de dois colheiros (sic) grandes para sopa e mais dois para arroz de 96 e 90 oitavas num total de 48$000 rs. Quarenta as colheres de sopa, e quarenta e duas as facas; 37 os garfos, 34 as colherinhas de chá, duas as conchas para assucar, dois oscoadores. Um paliteiro de 32 oitavas e sobretudo um grande tinteiro pesando bem mais de um kilo (376 oitavas) e valendo 112$800 completavam a prata da fazenda.

Na cozinha havia muito cobre, nada menos de treze tachos, maiores e menores, alguns com mais de arroba avaliados a peso a razão de quinhentos réis por libra de metal.

Quatro bacias grandes, das quaes uma com quasi duas arrobas de cobre, deviam servir provavelmente para a refinação do assucar, acompanhadas de mais de duas outras, tambem grandes de arame (?) no valor de quinze mil réis cada uma.

Trazia o fazendeiro a sua casa bem provida de moveis. Assim na sala de visitas figuravam um sofá, seis cadeiras de braços, e dezoito singelas, uma mesa redonda e quatro consolos, todos de mogno sendo que aos cinco ultimos recobriam pedras de marmore.

Avaliaram-se os sofás por 50$, as potronas por 10$ e as cadeiras simples por 8$. A mesa redonda declarou-se que valia 60$ e os consolos 24$. Havia ainda tres cadeiras de balanço a 15$ cada uma.

Das paredes do salão pendiam quatro espelhos com quadros dourados a 40$ cada um, e do tecto um lustre de bronze dourado (250$) com nove mangas de vidro (45$) provavelmente de crystal francez.

Sobre os consolos havia diversos vasos de porcellana para flores a 8$.

Na alcova contigua ficava um oratorio que com os respectivos paramentos se avaliou em 500 mil réis e na sala, ao lado do salão, um bilhar (200$), dois sofás de jacarandá (25$), uma mesa de jogar (10$) além de dez cadeiras de jacarandá e couro a 4$ além de quatro consolos e uma mesa de jacarandá em meio couro (?) valendo esta dez mil réis e aquelles 15$.

No escriptorio do fazendeiro havia um secretario (sic) ou escrevaninha (80$), uma mesa de escrever, provavelmente do guarda-livros (40$) além de tres mesas pequenas (6$).

Na sala de jantar dominava o vinhatico, na grande mesa central das refeições (40$), os dois guarda-louças a (60$ cada) e quatro aparadores (8$). Não se mencionam as cadeiras do commodo que deviam ser numerosas pois o Commendador Francisco José Teixeira Leite hospedava sempre, muita gente, amigos e parentes, em transito de Minas Geraes para a Côrte e vice-versa.

E' o que se deduz do rol do mobiliario dos quartos de dormir da casa grande, onde existiam nada menos de duas camas francezas com cortinado (a 80$ cada uma) dezoito marquezas (a 5$), dois catres grandes com armação (a 15$) e mais seis catres simples (a 5$).

Dois lavatorios de estado (15$) e tres outros de vinhatico (3$) apparecem no rol deste mobiliario ao lado de dois armarios (16$ e 12) e de um guarda-roupa (50$) e quatro commodas de jacarandá (40$).

Ainda era costume no tempo, guardar-se roupa em malas e arcas. Além deste item ha outro que se reporta a mais 47 cadeiras de jacarandá (a cinco mil réis por peça) espalhadas pelas salas e quartos da familia.

Refere-se tambem ao inventario a uma mesa grande de engomar (60$) outra menor (2$). Ha omissões relativas á louça e trem de cozinha.

Não era uma grande propriedade, a Cachoeira. E sim uma propriedade de medianas proporções, convem notal-o. O total de sua avaliação recordemol-o, orçou por 184:479$200. Nada seria a fazenda em relação ás suas vizinhas mais e menos afastadas de *Santa Monica, Santa Rosa, Corôas, Secretario, Pau Grande, Boa Vista*, etc.

A descripção do seu principal apparelhamento serve-nos como de termo para a comparação com o que seria o das grandes propriedades onde os landlords viviam em outro pé de fausto que não o da Cachoeira, homem de costumes singelos e avesso a demonstrações da opulencia.

Aliás convem notar que de 1850 em deante é que começou realmente, a apparecer, entre os grandes lavradores de café, este pendor ao fausto que culminou sobretudo após 1870.

Da fazenda da Cachoeira angariara Francisco José Teixeira Leite os recursos graças aos quaes se opulentara. Vindo de Minas Geraes com os meios limitados que seu pae lhe fornecera, derrubara matta e plantara café. Nos primeiros anos as colheitas haviam sido muito abundantes. A média de producção por milheiro de arvores havia attingido oitenta arrobas e verdade que excepcionalmente até mais de que isto.

Tão activo quanto intelligente, organizado e poupado, fizera girar com prudencia, atilamento, as sobras que lhe deixava o café. Nunca estendera demais as lavouras conservando-se em justo termo pratico. Mais tarde alargando as suas operações fizera vezes de banqueiro, e, afinal, chegara a ter verdadeira casa bancaria, quando o municipio de Vassouras se opulentava dia a dia, girando com capitaes paternos e os de diversos parentes seus de Minas Geraes.

Em 1851 ao proceder ao inventario dos bens de seu casal tinha em giro um capital de mais de mil contos de réis ou como vimos mais de cento e trinta mil libras esterlinas. Neste balanço apenas figurava como passivo, uma divida contrahida para com seu pae, o barão de Itambé, na importancia de 106 contos de réis.

Mantinha negocios com 198 pessoas, seus devedores, de maiores e menores quantias, quasi todos fazendeiros, cujos debitos orçavam por 1.047.996$217 réis.

Entre estes prestamistas figuravam muitos nomes de membros de familias tradicionaes de lavradores da Provincia do Rio, de Minas Geraes e do Espirito Santo.

Suas maiores transacções eram com o dentro em breve Barão do Paty do Alferes, cujo debito subia a quasi 107 contos de réis e o Barão de Capivary devedor de dezenas de contos. Os creditos de primeira ordem integralmente reembolsaveis eram avaliados em 976 contos, os que admittiam um prejuizo de trinta por cento apenas 47 contos de réis os de cincoenta o que é expressivo como indice da solvabilidade geral da lavoura fluminense na época.

A prosperidade da casa bancaria do Commendador Francisco José Teixeira Leite cresceria de 1850 em deante. Apezar de ter distribuido entre seus filhos a meação de seu casal na importancia de rs. 573:830$124 os balanços de seus haveres demonstrariam progressivo avanço a ponto de nas vizinhanças de 1870 accusarem perto de 3.600 contos de réis ou cerca de trezentas e sessenta mil libras esterlinas. Os annos então decor-

ridos haviam sido aliás em geral muito prosperos á economia fluminense cafeeira, depois de passada a crise da praga da borboletinha, e estes resultados felizes tinham reflectido sobre a fortuna do banqueiro que aliás se gloriava de jámais ter mandado executar hypothecas nem realizar cobranças judiciarias.

A mobilia do fazendeiro da Cachoeira elle a transferiu para o seu casarão da cidade de Vassouras, terreo, feio, sem architectura alguma, mas com o facies externo muito embelezado por uma cortina de magnificas palmeiras imperiaes e o anteparo de tres gentis jardinetes, reguardo esthetico de seu feitio bastante de caserna pela vastidão das proporções e a singeleza da construcção abrutalhada.

Estes moveis o acompanharam até a morte. A mobilia de mogno empalhado nada tinha de rica e representava bem o estylo do mobiliario francez sob Luiz Philippe. Era, certamente, de procedencia parisiense. Os unicos enfeites ou *brincados,* como antigamente se dizia, que a adornavam, consistiam em encostos e espaldares entalhados onde surgiam uvas, peras, figos e outras fructas europeas, nada mal esculpidas aliás.

Ao sofá e ás cadeiras acompanhavam a mesa redonda e os quatro consolos do inventario. Apresentavam estes ultimos em projecção horizontal, curiosa combinação de linhas curvas, salientes e reentrantes, não de todo desagradavel. Sobre elles existiam dois grandes vasos destes hoje tão raros e tão caros quanto procurados da real fabrica hespanhola de Aranjuez, cujos trabalhos terminaram já ha muitas decadas. Em alto relevo se incrustavam ás paredes fructas abundantes, com as côres naturaes, pecegos e maçãs, peras, figos, etc., etc. Aos outros dois consolos tambem encimavam dois jarrões de Jacob Petit, mas muito menos valiosos do que os de Aranjuez.

Dos espelhos dois eram ovaes, os outros dois rectangulares muito grandes, com boas molduras, bem douradas a fogo, mas com os vidros, de mediocre qualidade, o que lhes attestava a ancianidade.

O lustre de bronze dourado substituiu-o o Barão de Vassouras por outro de crystal, esplendido este, dos melhores certamente que para o Brasil vieram de fabricação franceza, crystal polido a mão. Era uma peça muito deslocada de seu ambiente naquella sala singela do casarão de Vassouras de assoalho tosco de tabões largos. Seria digno de um grande salão de baile, ricamente decorado. Tinha talvez trinta e seis mangas delicadamente gravadas e uma infinidade de pingentes da mais pura agua.

Foi este lustre, por morte do seu proprietario doado por seus filhos á Camara Municipal de Vassouras, para a sua sala

de sessões e do jury. E nella permaneceu longos annos até que desastrado concerto feito no estuque do salão o fizesse cahir e partir-se em mil pedaços. Quanto ao outro lustre, o inventariado da fazenda da Cachoeira, foi elle dado pelo Barão a seu genro Dr. Caetano Furquim de Almeida e por este mais tarde offerecido á igreja matriz vassourense onde suppomos que até hoje exista. Era assaz artistico, mas nem de longe valia o de crystal.

O mobiliario da sala de jantar da fazenda comprehendia, sobretudo enorme mesa, muito comprida, e relativamente estreita, de vinhatico que devia pesar immenso. Era tosca como convinha a um movel da marcenaria indigena da grande época cafeeira feudaliforme.

Numerosos convivas diariamente em torno della se assentavam, ao almoço e ao jantar, pessoas da familia, amigos e hospedes do dono da casa, simples apresentados ou transeuntes occasionaes.

E as reminiscencias nos acodem, dos dias da infancia, evocando-nos a presença do amphytrião á extrema direita da cabeceira de sua mesa com o seu ar de extraordinaria dignidade a que de, todo, não excluia a mais urbana cordealidade. Servia elle proprio ou fazia servir os convivas daquelles repastos de numerosos pratos estendidos á brasileira, sobre a mesa, travessas enormes de arroz e de aipim, terrinas de feijão, pratarrazios de couve á mineira, tayoba e angú e fubá, de ovos estalados, ao lado das grandes farinheiras de milho e mandioca. As carnes se representavam pelos bifes de vacca, os lombos de porco e as gallinhas. O arroz de forno com capão representava um prato de triumpho dos dias de grande festa, que competia em apreço com o perú. Mas a mesa era muitissimo mais de vegetarianos do que de carnivoros! E sobretudo de abstemios. Raros os que molhavam os labios com o vinho do Porto das garrafeiras de altos gargalos e chapas de prata.

Nenhum constrangimento existia naquella grande mesa em que todos conversavam á vontade.

Mas a presença do ancião que regia aquellas agapes cordeaes, vestido do modo mais singelo, e ao mesmo tempo sempre apurado, cheio de distincção natural e de reserva, falando pouco, ouvindo attento e longamente e respondendo sempre do modo mais prudente, interpondo a autoridade para evitar quaesquer discussões entre convivas, por vezes extranhos, de maneiras e mentalidades por vezes muito diversas e opiniões politicas acirradamente adversas, aquella presidencia patriarchal do antigo fazendeiro da Cachoeira mantinha o tonus elevado da conversa geral. Escoimava aquella presidencia não austera mas serena e grave

das liberdades de linguagem e das leviandades naturaes numa sociedade que a franqueza e a extensão da velha hospitalidade brasileira tornava frequentemente heterogenea.

Homem de elevadissima estatura, e sobremodo corpulento, era-lhe o rosto grande e redondo. Os olhos pequenos, mas vivissimos, singularmente lhe illuminavam a physionomia. Tinha um ar de incontrastavel dignidade e de seus modos decorria um todo de paternidade e benevolencia que traduzia em alto grão, aquelle feitio de patriarchado e de chefe de clan que todos os seus tanto acatavam e admiravam. Encarnava em sua plenitude a dignidade do velho *pater familias*.

Falava pausada e meditadamente com o maior recato de palavras e prudencia de conceitos.

A vida trabalhosa que lhe coubera na mocidade nos rudes annos do Brasil central joanino não lhe concedera ensanchas a que estudasse mais do que os rudimentos das humanidades. Mas como além de altamente intelligente fosse apaixonado da leitura, e tivesse o mais elevado criterio do julgamento, era com o maior cuidado que intervinha na conversa, reservando-se para falar daquillo que entendia ou acerca do que aprendera solidamente como fructo de attenta leitura. Mas não era elle de todo o "pae soturno" da famosa formula capistraneana para o Brasil de antanho. Pelo contrario, cordeal, sociavel e acolhedor.

Na sua mesa reinava sempre a maior singeleza. Obedecia ao perfeito cardapio dos tempos afastados de Minas Geraes. Renovava diariamente o trivial dos antepassados.

Nos enormes armarios aparadores, verdadeiras cathedraes de vinhatico documentava-se novamente a arte balbuciante dos inexpertos marceneiros locaes, do periodo do desbravamento cafeeiro.

No recinto de suas taboas, extrahidas dos largos troncos das mais ricas essencias florestaes fluminenses empilhava-se a enorme louça da casa, da mais fina porcellana franceza, apparelho immenso, capaz de servir em banquetes a dezenas de convivas. Outra disparidade curiosa bem da época.

O resto do mobiliario da casa mostrava-se tosco com o das peças mais nobres dacasa: nos quartos, as camas immensas, com cabeceiras colossaes, compactas, massiças, pesadas como penedos, os lavatorios e as commodas não menos pesados, fabricados com verdadeira orgia de dimensões e de madeiras.

E no meio desta mobilia, symbolica da phase do desbravamento da terra virgem, surgia de repente, algum bello toucador desgarrado, alguma linda escrivaninha erradia, a cuja confecção presidira o gosto e a delicadeza dos artistas de França. Eram os documentos da passagem dos mascates, agentes da civi-

lização e tosquiadores ferozes da fazendeirada singela, boa, generosa, incapaz de regatear ante os *boniments,* e o *bagout* dos vorazes judeus geralmente alsacianos e luxemburguezes, joalheiros, costureiros, cabelleireiros, vendedores de linho e de seda, de porcellana e de moveis, etc., cujas manobras descreveu d'Assier com tamanha fidelidade.

Nos livros de assentamento da fazenda da Cachoeira encontramos alguns elementos interessantes para fazermos idéa do preço dos objectos e artigos no districto vassourense em 1830.

Assim quanto aos animaes as allusões mais frequentes referem-se aos equinos.

Comprou e vendeu o fazendeiro cavallos de sella e de silhão e sobretudo mulas para a sua tropa, os primeiros a 50, 60, 75 e até 100$ por algum animal de dotes excepcionaes. As bestas variaram entre 35 e 60$. Mas as vezes uma besta de sella se mercou por 80$; os porcos oscillaram entre 3 e 12$ e os bois de carro entre 20 e 45$.

Um sellim inglez se mercou por 36$, outro, nacional, por 30$ acompanhado pela manta respectiva, um silhão por 28$, um sellim de pagem por 16$.

Comprou o fazendeiro certo dia uma recadeira arreaz? arreata? de prata por 15$ um par de esporas por 12$, um suadouro por 4$, um baixeiro por 8$, coldras por 5$760, loros por 1$960, cinco cangalhas por 4$. Uma besta de cangalha arreada custava de aluguel de Vassouras para Iguassú 7$200 não se diz por que prazo. Frequentemente occorrem lançamentos relativos a compra de animaes em Sorocaba e a despesas com a tropa para a conducção de café da fazenda.

Um par de botinas inglezas custou ao fazendeiro, em 1831, oito mil réis, outro de sapatos apenas 3$200, outro par de sapatos, mas de setim bordado, quatro mil réis, um chapéu de senhora 10$ e outro doze, um vestido de gala, tambem para senhora, 16$ um espartilho "francez" 8$, um vestido de "chita superior" 2$800, um chale 12$, um pente grande (provavelmente dos chamados trepa-moleques) dez mil réis, um corte de casaca para festas 24$000 e um jaquetão de roda 3$820 havendo-se pago 6$ por um par de calças e 3$200 por uma duzia de meias de algodão; por nove varas de fita (quasi dez metros) pagou o lavrador 3$600. Outras fitas dez covados ou 6m,60 custavam seis mil réis; a peça de algodão americano valia então 5$960.

Quanto aos generos vemos figurar na lista do fazendeiro um sacco de feijão por 1$440, alqueires de milho a 800 réis, barricas de farinha de trigo de 1$440 a 1$800; ancoretes de azeitonas por 1$440, um alqueire de sal por 1$000. Infelizmente a

maior parte dos lançamentos não traz a determinação dos volumes e dos pesos. A arroba de café vendida á porta aos tropeiros regulava vender-se em 1826 entre 2$200 a 2$300 réis. Preço exorbitante pagavam os vassourenses em 1831 pela cerveja que lhes era vendida a 480 réis por garrafa, o que hoje representaria uns 4$000. Uma frasqueira de vinho do Porto velho custava 17$840 e um garrafa de vinagre 3$200.

O quintal de ferro valia dez mil réis, o de aço o dobro, a arroba de polvora 12$800, a duzia de taboas (não sabemos de que dimensões) 16$000.

Em 1833 adquiriu o fazendeiro dezoito cadeiras por 180$ e um sofá para uma sala por 60$ com certeza os mesmos que levou para a sua sala da cidade, vinte annos mais tarde.

Em 1827 comprou alguma prata: 12 talheres de cinco marcos por 43$160; 12 facas por 32$600, duas salvas por 34$580 pagando pela marcação de 38 peças 3$320, tres annos mais tarde reforçou a sua copa com mais 12 talheres, 12 facas, 1 colher de sopa por 201$640.

Entre os lançamentos esparsos encontramos alguns por vezes vultosos indeterminados como o seguinte de 1831, generos para a festa 136$000 em que se não diz qual fôra o genero e o motivo da festa; livros para os estudantes da Academia de São Paulo 15$200 (os dois irmãos do fazendeiro Joaquim José e Custodio).

Um indice de simplicidade da vida na época era certo lançamento de 1827: "paguei das contas do enxoval de minha irmã (Marianna, casada com Baptista Caetano de Almeida) por ordem de meu Pae, no Rio de Janeiro" 903$100.

Ora era a noiva filha de um capitalista de S. João d'El-Rey que conforme o mesmo livro de assentos tinha nessa época em mãos de fazendeiros de Vassouras e Valença 312 contos de réis, emprestados por intermedio de seus dois filhos mais velhos, o que representava valores na importancia de mais de 45.000 libras esterlinas e uma fortuna certamente de mais do dobro desta somma.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO CIV

O periodo inicial do esplendor cafeeiro fluminense — A vinda de elementos mineiros para as novas terras cafeeiras — Constituição de grandes familias, prosperas, de fazendeiros, nas provincias cafeeiras principaes — Fazendas notaveis pelo vulto de suas lavouras e sédes

Explicando o escoamento do café de serra acima, da região central da provincia do Rio de Janeiro, traça Alberto Carlos de Araujo Guimarães alguns conceitos de perfeita exação nas excellentes paginas de uma das partes de sua tão interessante obra, *A Côrte no Brasil,* intitulada "O esplendor fluminense".

Depois de lembrar que, em 1820, Paty do Alferes passara, de freguezia a villa e que villa tambem fôra Valença em 1823, assim como em 1833, Parahyba do Sul, frisa a circumstancia de que as escassas familias fluminenses dos velhos occupantes da região haviam visto vir estabelecer-se a seu lado vultosos elementos de além Parahyba.

Escreve A. Guimarães:

"Os sesmeiros que se radicaram nesta região, no começo do seculo XVIII, constituiram os troncos das grandes familias, que no aureo periodo da opulencia fluminense, tiveram os seus nomes, ou ligados á politica imperial, ou respeitados pelos emprehendimentos progressistas que levassem a effeito, e os seus brasões dourados pela cooperação que prestaram á então provincia brasileira."

Recorda o nosso autor os Gomes Ribeiro de Avellar, familia de grandes fazendeiros, já quasi secularmente fluminenses, entrelaçados com os Werneck, descendentes de Ignacio de Souza Werneck, patriarcha de familias que se tornaram numerosissimas como os Santos Werneck, Furquim Werneck, Souza Werneck, Chagas Werneck, Lacerda Werneck, etc.

Relembra Alberto A. Guimarães que de Garcia Rodrigues Paes, o contructor do *Caminho Novo,* o filho do grande "caça-

dor de esmeraldas" haviam vindo os Dias Paes Leme, todos de origem paulista, e seus collateraes os Betim Paes Leme, os Dias Velho e os Camaras Leme.

"No começo de seculo XIX immigraram para a florescente região os Teixeira Leite, os Leite Ribeiro, e os Corrêa e Castro, que vieram imprimir ainda maior lustro ás villas recem-formadas. Os Rezende e os Carvalho, na redondeza da villa de Valença, empregaram em suas lavouras, todo o esforço de suas mentalidades progressistas".

"Nas fazendas, que se formavam, o café, o "ouro verde", promovia o rapido progresso laborado pelo negro, que na lavoura, sob os açoutes dos feitores, soffrendo todo o horrivel rosario de martyrios do captiveiro, formava mansamente a opulencia de seus senhores."

O *caminho de terra,* no começo do seculo XIX, viera favorecer outra região agricola, ligando Parahyba do Sul ao porto da Estrella.

Na baixada fluminense, o porto fluvial de Iguassú, sobre o rio do mesmo nome, com os seus estabelecimentos commerciaes e enormes trapiches, constituira-se o entreposto da producção que descia do valle do Parahyba, pelo *Caminho do Commercio*, e da importação que civilizava as terras altas. De Estrella e Iguassú, sahia a producção fluminente para o Rio de Janeiro em falúas ou barcaças.

Longo o percurso entre estes portos guanabarinos. Observa o autor a quem resumimos. "Os barcos da carreira entre a Capital e o escoadouro fluminense sahiam geralmente ao Rio ao meio dia, chegando a Estrella ao crepusculo. A viagem inversa era mais longa, sahia-se de Estrella ao cahir da noite, chegando-se ao Rio de Janeiro ao amanhecer."

Excellentes paginas traça o jovem autor fluminense depois de lembrar que o surto cafeeiro deixou a perder de vista o assucareiro, que o precedera, quanto ao enricamento daquelles que delle se aproveitaram.

Aos engenhos de canna, datados da era colonial e formadores da abastança fluminense, dentro em pouco sobrepujavam as fazendas cafeeiras. Em algumas regiões mesmo, abandonaram-se os bellos cannaviaes, na febre intensa pelo grão arabico. Ao "cyclo do assucar", que tanto contribuira para enriquecer a capitania do Rio de Janeiro, succedeu o "cyclo do café".

A hegemonia da planicie, representada sobretudo por Campos e sua região, Macahé, Angra dos Reis, Cabo Frio, Paraty, passou, com o advento da phase cafeeira, para as montanhas, onde surgiram florescentes cidades.

"Embora a cultura cafeeira se tenha infiltrado tambem na Baixada, nessa predominou ainda, por algum tempo, a industria assucareira, empallidecida entretanto pelos esplendores do formidavel progresso que o cafeeiro trouxe ás regiões montanhosas."

"A' aristocracia dos cannaviaes e dos engenhos succedeu a nobreza do cafezal. O "Senhor de Engenho" tão prestigioso na Capitania do Rio de Janeiro como em todo o Brasil "cercado pela respeitabilidade que despertava esse titulo de grandeza, ficou mais ou menos esquecido, quando começaram a surgir, com as grandes fortunas brotadas em cerejas rubras das terras fertilissimas da vale do Parahyba, os titulos nobiliarchicos, que viriam dourar, ainda mais, a grandeza e a opulencia dos senhores dos grandes latifundios fluminenses."

Em Vassouras, Valença, Pirahy, S. João Marcos, Barra Mansa, Rezende, Cantagallo, Parahyba do Sul, foi o progresso vertiginoso. Os descendentes dos primeiros povoadores da região, requerentes de sesmarias, em pouco tempo tornaram-se os grandes proprietarios ruraes, prestigiados pela grandeza das fortunas, o vulto das escravaturas e celebrizados pelo fausto que os cercava. Delles proviria o patriciado fluminense, nascido da proliferação dos cafezaes.

"Com a fortuna rapida, começou a dominar o espirito dos proprietarios dos grandes latifundios, a febre pela grandeza social, bastante justificavel, nesse periodo do fastigio fluminense", rememora A. de Araujo Guimarães.

Muitos desses fazendeiros, descendentes dos paulistas dos troncos quinhentistas, que, fascinados pelo ouro, haviam penetrado em terras mineiras, colonizando-as, tendo acima de si algumas gerações de denodados bandeirantes fortes, e tenazes desbravadores das terras do hinterland brasileiro, quando radicados ao solo fluminense, pela adopção de cultura largamente remuneradora, sentiram o natural desejo de reelevação social, como a quererem attingir e reaffirmar o brilho e o prestigio da situação que seus antepassados haviam gozado nas côrtes de seus monarchas.

"Desta maneira brotou o esplendor fluminense de que nasceu a hegemonia da Provincia do Rio de Janeiro sobre as demais do Imperio, e infelizmente ephemera".

Frisantemente nota o observador fiel a cujas paginas analysamos:

"Hoje, o espectaculo dessa grandeza passada, que se nota ainda nas ruinas dos grandes palacios soltos nos campos fluminenses, sédes dos vastos latifundios de outr'ora, ora seccio-

nados em pequenas propriedades, é de facto bastante commovedor.

Na região antigamente florescente de Vassouras, Valença e Parahyba do Sul, onde havia a opulencia, onde milhares de escravos formigavam, pelas lavouras, no trabalho dos cafezaes, onde immensas extensões de terras, representavam, pode-se dizer, o campo dourado dos brazões dos aristocratas ruraes, hoje trabalha uma população de pequenos proprietarios, que rememoram ainda a grandeza perdida."

A repercussão que teve o esplendor rural fluminense na vida brasileira imperial foi immensa. O prestigio do "valle", e de sua opulencia, incontestavel. A fazenda converteu-se na efficiente modeladora das personalidades que contribuiram para o progresso nacional.

Annota A. Guimarães:

"No trabalho arduo do cultivo do solo, na lucta que os primeiros desbravadores mantiveram com a floresta virgem, no trabalho incessante com a administração das fazendas, os homens adquiriram uma tenacidade e uma altaneria invulgar. Oliveira Vianna diz que o "meio rural é, em toda a parte, um admiravel conformador de almas. Dá-lhe a tempera das grandes virtudes e as modela nas formas mais puras da moralidade. O caracter dos que nelle se educam e vivem, contrasta de maneira inequivoca com o dos typos formados nas grandes cidades".

A elevação do Brasil a Reino, e depois a criação do Imperio, promoveram a vinda, para a Côrte da nova monarchia americana, de homens burilados pela vida sã e simples do campo. Contribuiram elles para imprimir novo rythmo tanto á vida politica do paiz, como á social.

Notavel espirito de independencia distinguia estas personalidades formadas no ambiente patriarchal da fazenda e do engenho de assucar.

Traz Alberto Guimarães á baila o facto de que Martius observou a particularidade de, no Brasil, não existir propriamente nobresa de sangue. O clero, os funccionarios regios e as familias ricas do interior, mineiras ou proprietarias ruraes, possuiam em certo grau, antes da chegada do Principe Regente, depois Dom João VI, todas as distincções e privilegios da nobresa. A concessão de titulos e de cargos pelo rei, encaminhou parte delles para a capital, onde acostumados ao luxo europeu e ás maneiras cortezãs, começavam a exercer sobre as outras classes influencia muito differente da que anteriormente haviam tido."

Muito exacto o que o joven autor fluminense exara:

"Pelo contacto com a Côrte foi-se civilizando o interior flugio igual, senão maior, do que exerciam os senhores de engenho. Os titulos e condecorações distribuidos pelo Imperador deram serenidade respeitavel aos opulentos fazendeiros. Diz Oliveira Vianna: "Na tranquilidade agreste dos seus solares, esses barões, viscondes e marquezes, sentem-se na obrigação de assumir modos e maneiras aristocraticas, condignas da alta posição, e tornam-se graves, porque a gravidade é para elles a attitude heraldica por excellencia."

Nada mais exacto. Reproduz Alberto Guimarães novos conceitos de Oliveira Vianna sobre os aristocratas fluminenses. Não tinham a reserva altiva e fechada dos paulistas, nem a simplicidade rustica e ainda vulgar dos mineiros. Eram mais finos, mais limados, mais politicos, mais socialmente cultos pela proximidade, convivio e hegemonia da Côrte, cuja acção como que os absorvia e despersonalisava". "Pela elegancia espiritual, pela figura, pelo senso da proporção e do meio termo, pela limpidez e pela calma de intelligencia representavam, os nossos athenienses da politica e das letras."

Citando uma asserção de Saint Hilaire, frisa Araujo Guimarães que a hospitalidade do fazendeiro de café era, no dizer do botanico illustre, muito superior á da do senhor de engenho. E assim explica esta differença de mentalidade:

"Na lucta com as florestas virgens e com o gentio, desenvolveu-se grandemente entre os proprietarios rluraes, o espirito de cooperação. E por isso as fazendas cafeeiras do vale do Parahyba estavam sempre abertas aos viandantes.

Outro facto concorria para este espirito aberto: a muito maior facilidade de enriquecimento, trazida pelo café numa época em que a lavoura da rubiacea levava enormes vantagens sobre a da graminea".

A's paginas do nobiliario imperial enchem as centenas de titulos provindo do café e geralmente attribuidos aos grandes nomes do patriciado creado pela lavoura da rubiacea, sobretudo nas tres grandes provincias productoras.

Tornaram-se celebres em todo o paiz muitas destas fazendas onde as bemfeitorias, sobretudo as casas grandes, haviam ás vezes consumido centenas de contos de réis.

Assim entre muitas, citemos *Gavião,* do Conde de Nova Friburgo; *S. Joaquim da Grama,* do Commendador Joaquim J. de Souza Breves; *Pau Grande,* de Visconde de Ubá; *Paraiso,* do Visconde de Rio Preto; *Corôas,* do Marquez de Valença; *Santa Monica,* do Duque de Caxias; *Santa Rosa,* do Marquez de Baependy; *Pinheiro,* do Commendador José Breves; *Lordelo,* do

Marquez de Paraná; *São Lourenço*, do Visconde de Entre Rios; *Tres Poços*, do Commendador Monteiro de Barros; *Secretario*, do Barão de Campo Bello; *Serraria*, do Barão de Piabanha; *São Fidelis*, do Barão de Santa Justa; *Sant'Anna*, do Marquez de Lages; *Vargem Alegre*, do Barão deste nome; *Crissiúma*, do Barão do Amparo e depois de seu filho o Visconde de Barra Mansa; *Campos Elyseos*, do Visconde de Ipiabas; *Bôa Vista*, do Visconde da Parahyba; *Santa Clara*, do Barão do mesmo nome, *Ubá* do Barão de Ubá; *Casal*, do Comm. Paula Santos, *Santa Fé*, de Mons. Bacellar; e muitas e muitas mais, como as dos Barões do Paty do Alferes, de Duas Barras, Guanabara, Juparanã, Guararema, Pirahy, Viscondes do Imbê, Cananéa, Rio Bonito, Conde de S. Clemente, etc., pertencentes a familias cujos diversos ramos haviam simultaneamente enriquecido cuidando da lavoura do café.

Constituiam agora o patriciado fluminense como os Nogueira da Gama, Paes Leme, Teixeira Leite, Monteiro de Barros, Souza Breves, Ribeiro de Avelar, Gomes Carvalho, Faro, Corrêa e Castro, Clemente Pinto, Moraes, Alves Barbosa, Carneiro Leão, Oliveira Roxo, Gonçalves de Moraes, etc., etc.

No Norte e Oéste de S. Paulo, notava-se o mesmo phenomeno do enriquecimento simultaneo dos diversos ramos das grandes familias, antigas algumas dellas, já opulentadas ou pelo menos abastadas antes da grande cultura cafeeira e depois largamente beneficiadas pelo surto da rubiacea.

Assim se dava com os Paes de Barros, Souza Queiroz, Silva Prado, Queiroz Telles, Almeida Prado, Souza Aranha, Souza Rezende, Pompéu de Camargo, Leite de Barros, Cunha Bueno, Vergueiro, Arruda Botelho, Penteado, Pacheco e Silva, Ferreira de Camargo, Ferraz, Conceição, Teixeira Nogueira, Pompeu do Amaral, Rodrigues Jordão, Araujo Cintra, Lara, Assumpção, Piza, Sousa Camargo, Alves Lima, Ulhôa Cintra, Mello Oliveira, Franco de Lacerda, Junqueira, Oliveira, Azevedo, etc., etc., do Oéste de S. Paulo, Marcondes Homem de Mello, Oliveira Borges, Lopes Chaves, Godoy, Salgado, Romeiro, Aguiar Vallim, Moreira Lima, Castro Lima; Monteiro, Freitas Novaes, etc., do norte paulista.

Na Matta mineira alguns nomes nos occorrem á memoria como os de Monteiro de Barros, Monteiro da Silva, Cerqueira Leite, Martins Ferreira, Silva Pinto, Vilela de Andrade, Ferreira Leite, Leite Ribeiro, Teixeira Leite, Dias Tostes, Halfeld, Rezende, Ferreira Armond, Barbosa Lage, Ferreira Lage, e quantos mais.

Entre as grandes fazendas paulistas de antanho, algumas dellas dignas de confronto com as fluminenses, citemos as de *Ibicaba*, do Senador Vergueiro; *São Jeronymo*, do Barão de Souza Queiroz; *Sete Quedas*, do Visconde de Indaiatuba; *Anhumas*, do Barão de Limeira; *Laranja Azeda*, do Marquez de Trez Rios; *Santa Gertrudes*, do Barão de S. João do Rio Claro; *Santa Veridiana*, do Dr. Martinho Prado, *Rio das Pedras*, do Cons. Albino Barbosa de Oliveira; *Pau Grande*, do Barão de Anhumas; *Chapadão*, do Barão de Itapura, *Santo Antonio*, do Barão de Jundiahy; *Paraiso*, do Barão de Itú;*Monjolinho, S. Lourenço*, do Conm. Souza Barros; *Santa Genebra*, do Barão Geraldo de Rezende; *Barra*, do Barão de Pirapetinguy; *Resgate*, do Commendador Aguiar Vallim; *Bella Vista*, do Visconde de Aguiar Toledo; *Paraiso*, do Barão de Serra Negra, etc. E no norte da Provincia, onde as lavouras eram mais antigas citavam-se as fazendas do Conde de Moreira Lima, Barão de Castro Lins, em Lorena; do Visconde de Aguiar Toledo e Ariró, Barão de Joatinga, Comm. Aguiar Vallim, em Bananal, do Visconde de Guaratinguetá em Lorena e Guaratinguetá; dos Viscondes de Pindamonhangaba e de Palmeiras, Barões de Itapeva, Taubaté, Parahybuna e Romeiro em Pindamonhangaba; dos Barões de Jacarehy e Santa Branca, e do Commendador Leitão em Jacarehy; dos Viscondes de Mossoró, de Tremembé, em Taubaté e Caçapava; dos Barões de Itatiba, Ibitinga, Cintra, Campinas, Piracicaba, Visconde do Rio Claro, Conde do Pinhal, Barões de Araraquara, Japy, Monte Mór, Porto Feliz, Atibaia, Tietê, etc.

Em Minas Geraes algumas fazendas se tornaram igualmente muito citadas, como sejam: *Santa Mafalda*, do Barão do mesmo nome; *Santa Sophia*, do Conde de Prados; *Gironda*, do Comm. José Eugenio Teixeira Leite; *Pantáno*, do Comm. Antonio Carlos Teixeira Leite; *Louriçal*, do Barão de Ayuruoca; *Tres Barras*, do Visconde de Jaguary; *S. Matheus*, da Baroneza do mesmo nome; *Soledade*, do Barão da Bertioga; *Sant'Anna*, de Marianno Procopio Ferreira Lage e outras muitas como as dos Barões de Piabanha, Santa Helena, S. José do Rio Preto, Leopoldina, São Geraldo, Itamarandiba, Tres Ilhas, Retiro, Santa Alda, Visconde de Itatiaya (*Paciencia*), Monte Mario (*Piedade*), etc.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

SETIMA PARTE

Depoimentos brasileiros e estrangeiros de viajantes que visitaram fazendas e cidades cafeeiras do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Geraes



CAPITULO CV

As lavouras cafeeiras das vizinhanças da cidade do Rio de Janeiro — O Café na Serra da Tijuca — Declinio da producção no Municipio Neutro — Sua extincção — Visita de viajantes estrangeiros a fazendas de café na decada de 1840 — O cultivo da rubiacea em 1850 no Municipio Neutro

O surto cafeicola do Sul do Brasil partiu como ninguem ignora, da cidade do Rio de Janeiro desde que João Alberto de Castello Branco fez vir do Extremo Norte os cafeeiros famosos da cerca dos Padres Barbonos. As culturas de Hopmann e do bispo Dom José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castello Branco, seriam as sementeiras de onde se originaria o immenso cafezal do Sul.

Era pois natural que os terrenos contiguos á cidade do Rio fossem os primeiros aproveitados para a cultura da rubiacea. E assim se deu.

Já expuzemos o que foi a plantação no valle das Larangeiras assignalada por um fazendeiro illustre, antigo General de Napoleão, o conde de Hogendorp e as duas encostas da Tijuca. Muitas abas de morros do centro urbano carioca foram invadidos pelos cafezaes. Assim se deu por exemplo com os de Santa Thereza e de Botafogo, Ouseley, Chamberlain, falam-nos de pequenas chacaras com cafezal nas vizinhanças do Aqueducto dos Arcos.

Ao descrever o que era, em 1835, a chacara das Mangueiras, situada em Botafogo, e séde, por longos annos, da legação britannica, fala-nos Ouseley que a esta magnifica residencia se annexava enorme terreno, com jardim, pomar e horta, cobertos por esplendida vegetação, e ainda por pequeno cafezal.

Chamberlain consagra uma de suas esplendidas pranchas a um aspecto da Serra de Tijuca vista da planicie de Andarahy. Conta-nos que os cafezaes que a vestiam eram muito productivos e pertenciam geralmente a francezes.

Como exemplo de annuncio de transacções destes sitios cafeeiros temos um que em 1835 appareceu nas columnas do *Jornal do Commercio* relativo ao offerecimento de uma propriedade cafeeira na Estrada da Tijuca.

"Vende-se um sitio na Tijuca, em terras do Exm. Visconde d'Asseca, lugar chamado Ytaviara, fazendo frente com Antonio de Mello Loureiro, e com Chifaroza Maria da Conceição; tem para mais de trinta mil pés de café, muita laranja selecta e da china, bananeiras de todas as qualidades, pecegueiros, parreiras, grumichameiras e humas boas casas. Quem o pretender dirija-se á venda da Cacheira, que de lá se lhe mostrará o sitio, e com quem se ha de ajustar."

Descrevendo o que viu de cafezaes na Tijuca assim se exprimia Gardner em 1836:

"Antes de subir ao morro da Tijuca, visitámos a Cascatinha, que fica a pequena distancia da estrada. A agua crystalina, de um riacho, cae successivamente sobre duas rochas, graciosamente inclinadas, e altas de cem pés de altura. Corre num largo leito quebrado, e é recebida num grande poço em baixo. Esta casca recordou-me as que estamos acostumados a encontrar nas mattas dos valles da Escocia. Por atalhos, gradualmente subindo a montanha, chegámos á casa, rodeada por velha plantação de café, pertencente a um nobre brasileiro mas agora alugada a um grupo de commerciantes inglezes no Rio, que a reservam para os feriados, e a cuja bondade devemos ter ahi ficado alguns dias.

Na manhã seguinte, cedo, fizemos uma excursão no morro chamado Pedra Bonita, em frente á Gavea.

Neste intuito visitámos as plantações de café dos srs. Moke e Lescene. Estes dois socios são considerados os fazendeiros de melhores installações, das vizinhanças do Rio. A grande região cafeeira, fica muito mais para o interior, ás margens do Rio Parahyba. As arvores são plantadas em distancia de seis a oito pés umas das outras. As mudas tiradas dos viveiros com uma armação que lhes cerca a raiz, podem produzir fructos em dois annos, ao passo que as arrancadas da terra não produzem antes do terceiro anno e grande parte morre. São plantadas, quando attingem um pé de alto, nas encostas dos morros, no solo alluvial depois de derrubada a floresta virgem.

Só as deixam crescer até á altura de dez a doze pés para que a copa possa ser alcançada. Até que a arvore attinja plena producção pode um negro tratar e limpar duzentas arvores; mas depois somente a metade lhe é attribuida".

Como vemos o illustre botanico se enganava redondamente. Mil arvores era o minimo attribuido então a cada escravo.

"Ha arvores grandes e fortes que produzem de oito a doze libras de café; mas a media productiva no emtanto varia de uma e meia a tres libras."

Esta media parece-nos muito elevada, daria de 45 a 90 arrobas por mil pés.

"Quando o fructo está maduro, é mais ou menos do tamanho e cor de uma cereja; e destes fructos pode um negro colher mais ou menos trinta e duas libras diarias (uma arroba). Durante o anno ha tres colheitas, mas a maior parte dos frutos amadurece durante a estação das seccas. Os fructos são espalhados, para a secca ao solo em grandes terrenos convexos. As cascas seccas são depois removidas ás vezes por moinhos ou por pilões de madeira. Em poucos lugares do Brasil se vêm os despolpadores tão espalhados nas Indias Occidentaes e Ceylão, para despolparem o grão fresco. Nada é mais bonito do que um cafesal em flor. As arvores cobrem-se de flores, ao mesmo tempo, mas estas não duram mais de vinte e quatro horas. Vista de alguma distancia parece a lavoura coberta de neve; e as flores tem um aroma delicioso".

Como acabamos de ver mais uma vez se enganava Gardner attribuindo tão pequena colheita por escravo. Era commum verem-se homens e mulheres colherem oito a dez alqueires por dia.

"A disseminação da cultura é tão rapida nas vinte milhas em redor do Rio, que muitas das especies floraes agora existentes, em poucos annos estarão anniquiladas, e os futuros botanicos, que visitarem o paiz, procurarão em vão as plantas colecionadas pelos seus antecessores.

Mais ou menos pela mesma época ou quiçá um pouco mais tarde, em 1840, Mauricio Rugendas indo visitar seu amigo Felix Emilio Taunay, no sitio deste, da Cascatinha Taunay, aproveitou o ensejo para fazer uma gentileza ao seu hospedeiro.

E assim incorporou ao seu *Album da Viagem de um pintor ao Brasil,* tão justamente apreciado pela soberba documentação que condensa, uma prancha representando aquella magnifica paizagem, hoje tão diminuida em seu valor esthetico pelo *engarrafamento* do lindo Maracanan logo abaixo da sua bellissima cachoeira.

No primeiro plano bem em face da Cascata collocou-se o artista a desenhar ou antes a pintar, tendo ao lado alguem que o vê trabalhar. Viram ambos as costas para um casal de escravos que num pequeno terreiro fronteiro á casa do Barão de Taunay espalham café sobre um panno.

Os mais interessantes relatos que conhecemos, da vida das fazendas cariocas datam das vizinhanças de 1840 e provem-nos de viajantes francezes.

Assim o de Castelnau em 1843. Este famoso viajante conta que conversando com o Conego Januario da Cunha Barbosa delle ouvira que ainda conhecera os dois cafeeiros mandados vir por João Alberto de Castello Branco. Relatou-lhe mais que nos primeiros annos da lavoura, no Rio de Janeiro, haviam-se plantado os cafeeiros com um espaçamento de dez a doze palmos (2m,20 a 2m,64). Só mais tarde é que se resolvera espaçal-os de quinze palmos (3m,30). Os preços por arroba referidos por Castelnau são contradictorios. O Dr. Hugo Weddel, botanico da expedição de Castelnau, visitou os cafezaes da Serra da Tijuca onde percorreu a plantação de uma rica ingleza, a Snra. Moke, pessoa muito amavel. Passava por produzir o melhor café dos arredores do Rio de Janeiro, beneficiado do modo mais cuidadoso e intelligente.

Perto da Cascata Grande da Tijuca das Furnas avistou o Dr. Weddel uma lavoura de vulto, a que pertencera a uma fidalga franceza, fallecida não havia muito: a Condessa de Roquefeuil.

A passagem, em 1844, pelo Rio de Janeiro, de uma embaixada de Luiz Philippe, I, rei dos Francezes, ao Imperador da China, valeu á nossa bibliotheca xeno-brasileira, quatro volumes, pelo menos, de impressões de viagem. Conhecemos o do embaixador de Lagreneé e de mais tres dos seus auxiliares diplomaticos Lavollée, Itier e De Ferrière le Vayer.

O secretario de legação Carlos Humberto Lavollée em seu *Voyage en Chine,* ao descrever a estada no Rio de Janeiro conta-nos o que viu na fazenda de um brasileiro rico em Jacarépaguá.

"Valeu-lhe a gentileza de um compatriota o ensejo de visitar a fazenda de um brasileiro rico, certo Sr. C. de S.

Partindo do centro num omnibus, foi Lavollée ter ao Engenho Velho, onde desceu, seguindo, atravéz da matta, até a Cascata Grande da Tijuca, que attingiu após duas horas de marcha, provavelmente a cavallo.

Achou linda a cachoeira, logar de recreio e de "pic-nics". Ao local dominava alta montanha: a *Gabia* (sic). Relataram-lhe que tal morro, tinha, para os maritimos, o nome exquisito de "Nariz de Luiz XVI"! Isto por causa do seu aspecto que lembrava o classico perfil bourbonico do appendice.

Esta informação, nascida certamente de um embroglio linguistico, faz-nos lembrar a nossa phrase feita que reune alhos e bugalhos. Depois de descançar, bastante, junto á Cascata

Grande, desceu Lavollée para Jacarépaguá, districto cheio de ricas fazendas e onde, ao seu dizer, se produzia o melhor typo de café do Brasil.

A casa do Snr. C. de S., homem de alta situação na Côrte Imperial, erguia-se sobre pequena eminencia. Do seu terraço se avistava o mar.

Pessoa de fina educação, recebeu o fazendeiro o seu hospede do modo mais gentil e franco.

Ao passeiar em frente á varanda da casa teve o recemvindo grata surpreza patriotica: um côro de creanças entoou a ode de Béranger: *Reine du monde, ô France!*

Sensibilisado ficou o jovem diplomata; no emtanto percebeu, que os pequenos cantores não deviam saber o francez, pois o pronunciavam muito defeituosamente.

Foi então que o Sr. C. de S., lhe relatou a origem do caso: numa visita recente de D. Pedro II ao seu veador, divertira-se o monarcha em ensinar aos filhos pequenos de seu hospedeiro, a poesia do famoso autor das *Canções*.

A gentilissima idéa do fazendeiro causou a mais grata das emoções ao seu hospede.

"E' preciso que alguem se afaste da terra natal, annota, para que consiga avaliar os sentimentos de verdadeira commoção que episodios de tal jaez, revestidos, ás vezes, de caracteristicos os mais pueris, podem despertar".

Dois dias agradabilissimos passou Lavollée na fazenda do Sr. C. de S., cujo verdadeiro nome, não sabemos porque, insiste em não o revelar quando do hospedeiro faz, sempre, as mais elevadas referencias. Ter-lhe-ia o veador de Pedro II pedido que lhe conservasse o incognito? Se não o fez, agiu o escriptor com verdadeira ingratidão.

Possuia o fazendeiro palaciano cafezal e cannavial. Mostrou toda a sua propriedade, com o maior empenho, os engenhos de café e de assucar e até as officinas dos escravos e as senzalas.

Além disto fel-o passear pelos arredores para que pudesse apreciar bem a bella natureza da zona.

A lavoura, em seus processos rudimentares, pareceu atrazada ao visitante francez.

Nas usinas eram os methodos antiquados e as machinas de madeira. Ao emprego do braço ainda não se substituira o das operatrizes modernas já introduzidas nas Antilhas.

O motor a vapor ainda não conquistara o Brasil onde faltava o espirito de iniciativa e escasseiavam notavelmente os capitaes.

O que alli valia ao lavrador era a fertilidade da terra soberbamente irrigada.

Os proprietarios de espiritos abertos recuavam ainda no Brasil ante as despesas de processos novos a que se oppunha a rotina da indole negra de modo que os lucros delles esperados se viam compromettidos.

Possuia o Sr. C. de S. nada menos de 150 escravos negros, mulatos e até brancos!

Viu Lavollée, entristecido, entre os captivos, uma rapariga cujos cabellos louros, os olhos azues e os traços delicados indicavam a origem européa paterna.

A condição materna, filha como era de mulata já quarteirona, condemnava-a, inexoravelmente ao captiveiro!

Era o Sr. C. de S. bom senhor, aliás. Tratava bem os seus negros. Dava-lhes casinhas, roças e mostrava-se sobremodo solicito em lhes promover o bem estar.

Praticada como timbrava em o fazer, passava a escravidão a ser quasi que uma domesticidade patriarchal.

Infelizmente taes exemplos de humanidade, tão honrosos para o senhor, e suaves para os miseros captivos, e a todos proficuos, não constituiam a regra geral brasileira.

Parece que os obices oppostos ao trafico e os protestos da Inglaterra e da França exacerbavam os resentimentos de alguns senhores de escravos que não queriam, de todo, admittir, qualquer restricção ao direito pleno irrogado sobre os africanos, importados, e sua descendencia.

Vingavam-se, sobre os miseros captivos, da opposição humanitaria da Europa.

Commentando o relato de Lavollée escreveu Ramiz Galvão:

"Em minha mocidade visitei muito, e minuciosamente, os sitios de Jacarépaguá, por onde andou o viajante Lavollée, e por isto posso accrescentar ou esclarecer alguns pontos da sua narrativa imprecisa.

As fazendas, que alli havia em 1844, eram sobretudo de assucar e não de café; este se cultivava apenas na encosta da serra da Tijuca do lado de sudoeste na vertente para a planura de Jacarépaguá.

A grande fazenda, em que Lavollée, foi fidalgamente acolhido era certamente a que então se chamava — *Engenho d'agua* — depois vendida a um Sr. Fonseca Telles, pae do rico fazendeiro posteriormente Barão da Taquara.

O *Engenho d'Agua,* que se estendia até á beira da lagoa de Jacarépaguá, era em 1844, administrado pelo "gentil" C. de S., diz Lavollée.

Quem seria esse C. de S.? O viajante não o disse, mas posso asseverar que era José Maria Corrêa de Sá, antes veador da Rainha D. Carlota até 1821, e depois gentil-homem da Casa Imperial, e irmão do Visconde de Asseca que teve grandes propriedades ruraes em Campos e aqui no Rio de Janeiro.

José Maria Corrêa de Sá (o C. de S.) de Lavollée, era casado com D. Leonor de Saldanha da Gama, filha dos Condes da Ponte, tambem Dama honoraria de nossa segunda imperatriz, D. Thereza Christina, veneranda senhora a quem conheci pessoalmente em 1862, já viuva, desde muito, e possuidora da fazenda intitulada *Cantagallo,* unica propriedade que o marido lhe deixou. Nesta fazendola, situada na encosta da Tijuca, é que se plantava e colhia café.

De seu consorcio com D. Leonor de Saldanha da Gama, teve C. de S. (José Maria Corrêa de Sá) varios filhos entre os quaes são dignos de menção: Dr. Salvador Corrêa de Sá (presidente de Sergipe em 1855), o dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides (lente na Faculdade Juridica de S. Paulo), o Revmo. Padre Antonio Maria Corrêa de Sá e Benevides (Bispo de Marianna, sagrado em 1877, e o dr. Francisco M. Corrêa de Sá e Benevides (presidente da provincia do Pará em 1875)".

Um outro secretario da embaixada do Snr. de Lagrenée, Julio Itier, encarregado da parte commercial da missão, acompanhou o seu collega a esta visita á fazenda do Veador Corrêa de Sá, cujo nome estropiou em seu livro de impressões de viagem. Não reinava porém a cordialidade entre os dois diplomatas.

Não quiz o nosso Itier deixar o Brasil sem conhecer um grande estabelecimento agricola e assim acceitou o offerecimento de hospedagem de um veador da Casa Imperial, o sr. Correja de Zá (sic) em sua fazenda de Jacaré Paguá (sic). Pelo menos não agiu o agente commercial como seu companheiro guardando em inexplicavel incognito o nome de seu hospedeiro.

Para lá partiu, pois, com o seu collega de embaixada á China, cujo nome silencia, tal qual aliás o fez Lavollée, entre parentheses, cabaes provas da estima cordial que mutuamente se dedicavam.

Com prazer verificou Itier que o Rio de Janeiro se integrara, mais uma vez, na civilização occidental adoptando a "invenção dos omnibus" que estava em vias de dar a volta ao mundo.

O omnibus do Engenho Velho (a que chama *Angelho Velho*) levou-o á base da Serra da Tijuca.

Alli cessava aquella ultima expressão da civilização européa e o nosso itinerante deplorou amargamente o facto. Nem sequer a mais magra cavalgadura o esperava! Estavamos a pé, ardua

perspectiva, ante ingremes rampas quando o sol tropical vos desfere os raios verticaes sobre o craneo".

Que se consolasse vendo a theoria dos negros que á cabeça lhe carregavam a bagagem!

Parece-nos comtudo incrivel o que o diplomata nos conta: Nem uma só besta teria o sr. Correia de Sá, o cavalheiroso fazendeiro a offerecer ao seu distincto hospede? Fazendeiro abastado que era? Deixando de lado a economia politica e o financismo distrahiu-se o nosso Itier das agruras daquella Estrada Velha da Tijuca, vencida sob sol a pino, a estudar a geologia do percurso. Ali descobriu o dique de mimosito que atravessa o gneiss porphyroide.

Do Alto da Boa Vista em deante, percebeu a existencia do granito de fina grã, que parece servir de base ao terreno de crystallização intermedio do Brasil".

Tres horas de marcha puxada e avistou a bella Cascata Grande da Tijuca, cujos rochedos offereceram precioso abrigo contra os fogos do dia.

Um banho restaurador das forças e a caminhada proseguiu. Duas horas mais tarde, o viandante attingia a fazenda do Sr. Corrêa de Sá, cuja urbanidade de bom tom e elegancia de maneiras develavam "aquelle apanagio da fidalguia universal porque procede dos mesmos codigos e regras".

Tinha numerosa familia; as moças, rodeando a Sra. Corrêa de Sá, formavam um grupo encantador, emquanto o bando petulante dos rapazes, depois de vir espreitar os recem-chegados reunira-se em conciliabulo, numa das extremidades da varanda.

"Houve um certo murmurio a que se seguiu profundo silencio. Logo depois levantou-se um concerto de vozes frescas saudando a nossa vinda com um hymno magnifico do nosso poeta nacional.

Reine du monde! O France, Ô ma patrie!
Soulève enfin ton front cicatrisé!"

Causaram os versos de Beranger a maior impressão ao diplomata.

"E' necessario que alguem se haja visto separado da patria pela immensidão dos mares e sentido o isolamento da terra estrangeira, para comprehender a commoção que este cantico me occasionou.

Tanta benevolencia graciosa havia naquelle acolhimento que não pude cohibir-me de correr ao encontro daquellas crianças para as apertar nos braços.

Dilatava-se-me o coração ao pensar naquelle que lhes inspirara tal cantico. Tanto mais se me distendeu o peito quando vim a saber que o proprio Imperador do Brasil fôra que ás crianças o ensinara, em suas frequentes visitas áquelle local."

Tres dias passou Itier em casa do Veador de Dom Pedro II. Situada se achava a fazenda numa meia lanraja que dominava a lagôa de Camorim, vasta e piscosa.

Continuando com a sua geologia, logo descobriu o viajante que a collina se constituia de camadas de quartzo alternando-se com argilas lenhitosas. Datava provavelmente da era terciaria e attestava a antiguidade enorme do affloramento a que o Brasil devia o principal relevo.

Excellente o pomar da fazenda cheio de mangueiras, jaqueiras e arvores de fructa-pão. Muito bem tratado era mantido rigorosamente limpo porque na região abundavam os ophidios venenosos. O proprio Itier avistara-se em caminho com diversos destes reptis e os apanhara para as collecções do Museu de Paris.

Sabem todos aliás, quanto as mattas da serra do Andarahy, e seus contrafortes, são ricas em serpentes, isto até os dias de hoje.

Causaram aos francezes magnifica impressão as roças do sr. Corrêa de Sá, quarteis de canna, mandioca, milho, inhame, arroz, tudo a attestar a prodigiosa feracidade do solo daquella planicie a que fertilisava um ribeirão onde os jacarés abundavam.

Criticou Itier os processos agricolas empregados na fazenda. Muito atrazados faziam com que os cannaviaes crescessem do modo mais desordenado. E lastimava que o arado, já corrente nas grandes fazendas de Campos, por alli ainda não houvesse feito a apparição.

O hectare de solo, em Jacarépaguá, produzia cerca de 3.000 kilos de assucar. Nos terrenos arenosos baixava esta media a 1.800 kilos. Vicejava o arroz admiravelmente; dava duas colheitas por anno, chegando a render cento e vinte por um! Ora, na China, na Oceania, e na Asia, em geral, o rendimento de trinta por um passava por optimo. Cahia frequentemente a dezoito e mesmo a quinze.

O engenho de assucar do Sr. Corrêa de Sá, é que pertencia a um typo muitissimo atrazado ainda. As moendas só conseguiam extrahir 45 litros de caldo por 100 libras de canna. Isto quando nas Antilhas, em engenhocas mediocres, um rendimento de 53 por cento era tido por minimo, havendo casos em que attingia 70!

A cocção do assucar tambem se fazia de modo primitivo e inintelligente, numa bateria de cinco caldeiras de ferro fundido engastadas na alvenaria!

Desta circumstancia decorriam, numerosas rupturas dos vasos ou a sua deformação. Tambem a defecação pela cal se praticava com enorme defeituosidade. Dahi a circunstancia fatal de se produzir pouco assucar de primeira e muito mascavo a que o nosso viajante chama de moscova.

Do melaço se fazia aguardente; rendia muito pouco, porém e de muito mediocre qualidade. Mal marcava 20 Beaumé. O engenho de Jacarépaguá, deficientissimo como era, ainda assim apresentava o typo vulgar dos estabelecimentos assucareiros fluminenses; passava por um dos melhores da região, verdadeiro paradigma das usinas do Brasil. Optima impressão teve J. Itier do trato dado aos escravos pelo fazendeiro. A humanidade e a brandura imperava em suas terras. Havia o seu que de patriarchal no uso consagrado de virem os captivos ao encontro do senhor, a lhe beijarem as mãos apenas o avistavam.

Não fôra a instituição servil a base da associação que ali se realizava a aquella fazenda, sob certos pontos de vista, poderia abranger as condições do phalansterio fourrierista. Mas a usurpação dos direitos do homem não estava em condições de alicerçar nenhuma organização social prospera, por mais que a mitigasse a mansuetude do senhor de escravos...

Como admittir que o negro se aperfeiçoasse quando via inexoravelmente fechado o seu futuro? Que interesse o levaria a pensar em constituir familia e adquirir propriedade? Todo o edificio de sua felicidade repousava na base fragilima do genio do proprietario. Ora, este, de um dia para outro, podia ser substituido. Esta incerteza, fatalmente, levava o escravo á imprevidencia e á má vida meramente vegetativa. O veador de Dom Pedro II acoroçoava os casamentos de seus escravos. A cada familia concedia uma choupana asseada e espaçosa. Dava á escravatura o domingo todo e consentia ainda que no sabbado trabalhasse em suas roças, localisadas nas melhores terras da fazenda.

Por semana recebia cada homem meia libra de *carna secca* (sic). Havia, porém, entre os escravos varios pouco diligentes, cujas lavouras se apresentavam mal tratadas. A estes era obrigatoria a tamina dos sabbados; dos 150 captivos de Jacarépaguá sessenta trabalhavam na lavoura, servia o resto no engenho, nas officinas da fazenda. Notou Itier a presença de muitos velhos invallidos, que viviam aposentados.

Depois do passeio á capella e no dia seguinte convidou o Sr. Corrêa de Sá os seus hospedes que já queriam voltar ao Rio de Janeiro, a visitar a fazenda de café que possuia, no valle chamado Cantagallo.

Apressaram-se em acceitar o novo convite do amabillissimo hospedeiro, cuja propriedade apresentava grande e bem tratada lavoura.

Alli, em Jacarépaguá, o cafeeiro começava a produzir, aos tres annos, e tornava-se decrepito aos vinte e cinco. Praticava-se então, a replanta do cafezal. Aconselhavam muitos lavradores que podassem as arvores no penacho, afim de que, cortados os galhos superiores, pudessem ellas alargar-se, o que facilitava a colheita.

Mas o fazendeiro de Cantagallo achava inconveniente o processo, sobretudo, porque as arvores ficavam muito galhudas, e transformavam-se em verdadeiros ninhos de cobras perigosas, senão mesmo perigosissimas.

Era o café do Brasil, mau, escreve o nosso J. Itier. Mal beneficiado, tinha gosto de terra, o que lhe provinha dos terreiros não pavimentados, em geral. Mal fermentado, accusavam-no de ter, tambem, certo gosto de mofo, muito desagradavel.

Mas já se praticava, no Imperio, melhor conjuncto de processos beneficiadores. E os cafés brasileiros no Havre já iam competindo com os melhores typos de Porto Rico e da Ilha Bourbon.

Descreve-nos Itier, o despolpador summario da fazenda de Cantagallo, a seccagem da colheita em terreiros atijolados e afinal o seu descascamento. A separação é que se realizava manualmente. Ao machinario do engenho, movia, força hydraulica e o mesmo edificio ainda abrigava grande ralador de mandioca.

Contou o Sr. Corrêa de Sá que o seu café, quando despolpado, alcançava 4$000 por arroba, ao passo que o typo commum dos demais lavradores se vendia entre 3$000 e 3$500.

Setenta eram os escravos da fazenda.

Entre elles admirou-se Itier de ver muitos mulatos sobremodo alvos. Alguns eram tão brancos quanto os seus senhores.

Disseram-lhe que os productos desta cruza afro-européa provinham dos numerosos estrangeiros sobretudo allemães, que visitavam aquellas paragens.

"Pobres pequenos tão brancos, quanto seus amos! E no emtanto, condemnados a viver captivos! Alli se tinha mais uma demonstração de amenidade daquelle horrivel regime".

Aliás os escravos de Cantagallo tinham tão bom trato quanto os de Jacarépaguá.

Menos sympathico é um pormenor, que, da vida da fazenda, nos relata o viajante francez.

Como por falta de espaço, não tinham os esrcravos terras para as suas roças, era o senhor quem os alimentava.

Mas em compensação não lhes concedia o sueto do sabbado, como aos de Jacarépaguá.

Fosse como fosse para o tempo, para a mentalidade de sua época, era certamente o veador da Casa Imperial Brasileira um dos mais humanos senhores de escravos do paiz.

Bem sabemos que em taes eras havia "cada um"! E vem a pello recordar o que se narra de certo fazendeiro espirito-santense a cuja propriedade cortava largo rio piscoso.

Gabava-se muito do descanso, concedido, aos domingos, á sua escravatura. Mas tambem, como *qui non trabucat,* naquelle dia em vez de comida, fornecia aos seus captivos, excellentes... anzóes. E com isto tranquillisava a consciencia, exclamando a cada passo, ao distribuir as varas e ganchos entre os miseros servos: "Mas que peixadas formidaveis vão vocês hoje comer! Que peixadas! Felizardos!.

Deixando a fazenda de Cantagallo voltaram os dois pouco harmonisaveis diplomatas compatriotas ao Rio de Janeiro, pelo valle chamado do Pedregulho, se é que assim se póde interpretar o toponymo esdruxulo por Itier arrolado: — *Pedra-Gouilla!*

Isto lhes proporcionou o ensejo de atravessar a bella fazenda de dois francezes, os Srs. Cesar e Valais.

Beneficiavam estes fazendeiros o seu producto muito melhor do que o Sr. Corrêa de Sá. Tinham descascador mecanico, terreiros ladrilhados, despolpavam com grande cuidado e assim conseguiam vender a arroba a cinco mil réis.

Dois outros francezes tambem socios, uns snrs. Troubat e David, estes fazendeiros na Provincia do Rio de Janeiro, em Cantagallo, eram tambem conhecidissimos no mercado fluminense pelo magnifico preparo de seus cafés.

Destes dois francezes, occupou-se assaz detidamente o Principe Adalberto da Prussia que os visitou em sua fazenda das vizinhanças da Aldeia da Pedra (hoje Itaocara). Troubat era medico e ambos homens duros para os seus escravos, relata-nos o principe.

Rapidamente decahiria a producção do Municipio Neutro que em geral se collocava quasi toda no grande mercado consumidor da capital do Imperio. O que della a exportação levava era pouco.

São estes os dados que encontramos no relatorio do Visconde do Rio Bonito, Vice-Presidente da Provincia do Rio de

Janeiro em exercicio da Presidencia, apresentado a 3 de maio de 1852, á Assembléa provincial fluminense:

Exercicios	*Exportação em arrobas*
1839-1840	1.922
1840-1841	2.847
1841-1842	4.216
1842-1843	3.303
1843-1844	1.963
1844-1845	3.229
1845-1846	3.260
1846-1847	2.773
1847-1848	1.148
1848-1849	3.300
1849-1850	2.168
1850-1851	6.270

Em 1850 havia no Municipio Neutro um certo numero de fazendeiros de café, assim na Freguezia de Campo Grande os principaes cafeicultores eram vinte e cinco. Parte cuidava de assucar, aguardente e café ao mesmo tempo e parte, de café e mantimentos.

Entre elles destacava-se a familia dos Suzano (D. Clara e D. Helena, Januario, João Antunes de Campos Suzano, Albino Pereira Suzano e seus irmãos e socios João Baptista e Joaquim José Suzano) o commendador de Christo e da Rosa, official da do Cruzeiro, Gregorio de Castro Moraes e Souza, antigo tenente coronel de Cavallaria do Exercito, commandante superior da Guarda Nacional, veador de Sua Magestade, a Imperatriz. Pelos nomes devia descender do quasi homonymo defensor heroico do Rio de Janeiro contra os francezes em 1710.

Era homem opulento e a 14 de março de 1855, D. Pedro II agraciou-o com um titulo e a grandeza do Imperio sob o nome de Barão de Piraquara.

Mas o mais illustre dos fazendeiros de Campo Grande era o Senador do Imperio e ministro de Estado, Conselheiro Manuel Felizardo e Souza Mello, socio aliás de seus irmãos.

Em Guaratiba se arrolavam doze fazendeiros de café e cinco fabricantes de assucar. Entre os ultimos estava o Convento do Carmo do Rio de Janeiro.

Em Santa Cruz havia nove lavradores mas em pequena escala ao que parece. O grande fazendeiro de curato, o commen-

dador Alexandre Alves Gomes Barroso, cuidava do fabrico de assucar e aguardente em sua vasta propriedade do Pirahy onde tinha magnifica creação de bovinos "das raças tourina e da India, com perto de mil cabeças, além de cavallar da raça delicada de Alter do chão arabe e do Cabo".

Era uma propriedade famosa em seu tempo.

Em Irajá havia doze fazendeiros de certa importancia entre os quaes o opulento negociante de grosso trato commendador Antonio Tavares Guerra da fazenda da Conceição.

Entre outros destacavam-se Anacleto da Silva Ramos das fazendas Sapopemba e Boa Esperança, Wenceslau Cordovil de Siqueira e Mello (do Provedor), Brigadeiro Francisco de Paula Manso Sayão (Freguezia), Francisco de Veras Nascentes (Nazareth), D. Francisca Norberta de Araujo e Filhos (Engenho Novo), D. Maria Benedicta de Souza Quintal e filhos (Botafogo).

Tomemos uns informes de Geremario Dantas em seu excellente artigo *O Café na cidade do Rio de Janeiro* (cf. *O Café*, I, 105).

No formal de partilhas da finada Deolinda Maria de Santa Rita, datado de 6 de julho de 1841, sendo inventariante João Caldeira de Alvarenga, maior do intendente Caldeira de Alvarenga, á cuja obsequiosidade, devo o exame de documentos antigos e preciosos sobre a Freguezia de Guaratiba, ha informes varios sobre a Fazenda do "Crumarim".

Foram avaliados no dito espolio um quarto de café, no logar Cantagallo, com 5.000 pés pouco mais ou menos, a $160 o pé; outro quarto no "orçado de novo" com 4.000 pés a $140; outro quartel que faz rumo com o Coelho, com 8.000 pés a $120; outro quartel que faz rumo com Maria Theresa, com 3.500 pés a $160; um quartel, nas Almas, com 1.000 pés a $120; mais um quartel no logar Cavallo Preto, com 4.000 pés a $160; e mais um quartel, com 5.400 pés no logar "Chova Macaco", estimados a $160; outro quartel "para baixo do Camala" com 2.500 pés a $160; e, finalmente, um ultimo no "rumo do Velho" com 5.000 pés avaliados estes a $050, o valor de cada arbusto.

Por aquelles tempos, as communicações entre Guaratiba e a Côrte se faziam por mar. As estradas eram intransitaveis e perigosas havendo de permeio verdadeiros sertões. Os portos de embarque eram o da Praia da Pedra, o de Sepetiba, o de Barra de Guaratiba, o da Barra do Rio Itaqui e o Sernambitiba. Um negociante por nome Figueira formou uma especie de entreposto e trapiche, um embarcadouro no logar que conserva até hoje a lembrança do seu fundador — Porto do Figueira. Ahi, lanchas

á vela (lanchas escrevem os chronistas da época) alvarengas, canoas, sumacas, barcos, barcas, saveiros, etc., carregavam café, milho, feijão, arroz, aguardente, trazendo da cidade outros mantimentos e demais artigos para as necessidades locaes.

O Porto do Figueira tornou-se o primeiro emporio commercial.

Em Santa Cruz, as plantações foram sempre em escala mais reduzida. Os jesuitas mui sabiamente, aproveitando as condições excepcionaes das vastas pastagens que elles preservaram e sanearam, através admiraveis e grandiosas obras de engenharia, ainda hoje, dignas de visita e encaminharam as actividades para a industria pastoril.

Em 1857 a resenha dos fazendeiros do Municipio Neutro era muito maior e mais pormenorisada do que em 1850.

Assim para Campo Grande nos assignala que o Barão de Piraquara, o possuidor da fazenda do Bangú o Conselheiro Manuel Felizardo do Retiro, os herdeiros da Viscondessa de Mirandella, (da fazenda de Paciencia) etc., os fazendeiros de café, assucar, e aguardente eram doze, os de aguardente e café sete e os de café, apenas, setenta e oito. Entre estes ultimos vemos figurar o illustre Francisco Freire Allemão.

Em São Salvador da Guaratiba os lavradores de café eram 44, na freguezia de São Thiago de Inhaúma onze; no Curato de Santa Cruz doze, em Nossa Senhora de Loreto de Jacarepaguá, certamente a mais importante das freguezias suburbanas do Municipio, sob o ponto de vista agricola, contavam-se sete grandes fazendeiros e 89 lavradores principaes.

Dos fazendeiros o mais importantes era o Guarda-Roupa de Sua Magestade Imperial cavalleiro de Christo e Commendador da Rosa, Francisco Pinto da Fonseca, senhor dos engenhos d'Agua de Fóra, das fazendas da Taquara, União e Pau de Fome, o tão conhecido "Pinto da Taquara".

Os herdeiros do gentil homem João de Siqueira Tedim (Serra) Nicolau Antonio Cosme dos Reis (Engenho Novo da Pavuna) Marcos Antonio Delesderrier (Quitity) o Veador Correa de Sá, de quem já falamos abundantemente (Cantagallo) Bernardo Boaventura (Cafundá) os Monges de S. Bento (que em suas vastas propriedades de Camorim, Vargem Grande e Vargem Pequena fabricavam bastante assucar) plantavam café escassamente.

Entre os principaes lavradores podemos tambem citar a Marqueza de Lages (D. Isabel Eleonora da Motta Leite de Araujo) viuva do primeiro barão, primeiro conde e marquez de Lages João Vieira de Carvalho (1781-1847) o ministro de estado e

official general de tão prestigioso nome nos annaes do nosso primeiro quarto de seculo de vida nacional.

A marqueza (que falleceu em 1859) era a proprietaria da fazenda do Palmital.

Em 1864 as resenhas de lavradores do Municipio Neutro ainda as vemos maiores. Eram elles em Campo Grande oitenta, em Guaratiba 58, em Santa Cruz 15, em Jacarepaguá 181, em Irajá 33.

Em Jacarepaguá o grande banqueiro Visconde de Souto tambem plantava café na Cascatinha e Tres Rios, na Serra do Matheus. E em Irajá o grande Mauá (no sitio de Sapopemba) tambem colhia café.

Em 1870 os fazendeiros de Campo Grande de assucar, aguardente e café eram 7; os de aguardente e café 10 e os de café, simplesmente, 40; os de Guaratiba 60.

Em Jacarepaguá, e no mesmo anno, os fazendeiros grandes de canna e café eram 6, os de café, exclusivamente 7, os lavradores principaes 153.

CAPITULO CVI

Os pormenores escassos existentes sobre a chronologia da disseminação do café — O relato de Eschwege sobre a sua viagem ao districto de Angra dos Reis — A cultura cafeeira na região meridional fluminense e o actual Districto Federal, observada pelo illustre geologo

Poucos pormenores se conhecem acerca das vias primevas de disseminação do café no centro do Brasil.

Repetem os autores sempre as mesmas cousas, referindo os informes laconicos de Freire Allemão acerca dos centros iniciaes de Mendanha e S. Gonçalo, de onde partiram sementes, de um lado para S. João Marcos, Rezende e Areias, de outro para a baixada ao norte da Guanabara, Magé e afinal a região cantagellense. Assim é valioso depoimento o que decorre do relato da viagem do illustre Eschwege, do Rio de Janeiro ao districto da Ilha Grande, em 1810.

Nesta época tão escassos os dados relativos á producção do café que os mais abalisados autores affirmam não ter passado a exportação da Guanabara de algumas centenas de arrobas annuaes.

No emtanto como veremos do que se segue, já pela costa sul fluminense havia cafezaes avultados sendo que um unico fazendeiro entre Mangaratiba e Angra dos Reis auferia dez e ás vezes doze mil cruzados annuaes de suas safras!

Ora, como em 1810 a arroba de café valesse tres mil réis em média, ou sete e meio cruzados, segue-se que só este homem produzia mil e seiscentas arrobas!

Graças porém á bôa traducção do relato do grande geologo realizada pelo Snr. Prof. Frederico Lange de Morretes podemos hoje agora avolumar os nossos informes sobre os progressos da disseminação cafeeira naquella época afastada. Conta-nos o Coronel do Real Corpo de Engenheiros que se achava no Rio de Janeiro havia alguns mezes quando uma ordem regia mandou-o examinar o que havia de realmente proveitoso numas

occurrencias de minerio de ferro assignaladas no districto da Ilha Grande. Para o local partiu a 13 de janeiro de 1810 em companhia de dois mineiros allemães, e mais um amigo cujo nome não revela.

Entre o Rio e Santa Cruz não encontrou cafezaes ao longo da bella estrada real que ia ter á séde da immensa ex-fazenda jesuitica, confiscada por acto pombalino. Não havia um só nucleo de população de certa importancia nas dez leguas atravessadas.

Apezar da permanencia em Portugal ainda não estava o geologo com o ouvido afeito ás assonancias do portuguez do Brasil. A's vezes estropia os nossos toponymos ouvindo *Cascador* por *Cascadura, Tacuahi* por *Itaguahy,* etc.

Na região do actual Districto Federal por elle atravessada ainda imperava a cultura assucareira embora decadente, muito decadente mesmo, ao seu dizer.

"Villa ou aldeias não se encontram em toda a extensão da estrada; veem-se porém aqui e acolá, sobre uma collina ou bello valle, propriedades ruraes, chamadas fazendas e tambem roças, e as que, possuindo uma fabrica de assucar, são denominadas Engenhos.

Pequenas e miseraveis casinhas, onde se póde obter aguardente, bananas e cousas semelhantes, chamadas *Vendas,* encontram-se bastante á margem da estrada. Em caso de necessidade nellas se alcança tambem mau pouso".

Diversos destes sitios e fazendas tinham nomes muito vulgares pertencendo a parochias distantes de duas e até quatro leguas.

Os principaes nomes dos lugares do Rio de Janeiro a Santa Cruz, eram Mata-Porcos, São Christovão, Engenho Novo, Praia Pequena, Iahyma (sic), Cascador (sic), Campinho, Piracuára, Bangú, Lameirão e Santo Antonio.

Todas estas zonas se apresentavam tão incultivadas quanto possuiam ferteies terras.

Os mais bellos valles e planicies, por exemplo, as de Campinho e Cascador, jaziam sem cultura, em parte cobertos de capoeiras, em parte entregues ao gado, do qual não tiravam os creadores outro proveito senão conduzil-o ao matadouro. As encostas das montanhas eram os unicos solos trabalhados, isto mesmo de vez em quando, plantado de canna ou mandioca, os productos que davam aos agricultores maior vantagem. No emtanto alli prosperariam tambem outros cereaes se quizessem aquelles moradores dar-se ao simples incommodo de os cultivar. Os engenhos de assucares, desde alguns annos haviam diminuido bastante nas vizinhanças do Rio, talvez devido ao aperfeiçoamento

das usinas de outros paizes e ao barateamento do preço do producto.

Não se podia, realmente, imaginar cousa mais inadequada do que um engenho de assucar da zona atravessada.

Tudo, desde o preparo da terra para o cultivo da canna até a venda do producto estava organizado sob as mais defeituosas bases, e o peor era que alli se deixava perecer por completo uma industria ao em vez de se cuidar de seu aperfeiçoamento.

Tão perto do Rio de Janeiro encontraram os viajantes no emtanto o maior desconforto por toda a parte, forçados a recorrer a horriveis albergues, immundos, pertencentes a estalajadeiros exploradores dos infelizes que a elles iam ter.

Assim por exemplo a um delles descreve o geologo:

"Lameirão, onde pousamos é uma albergue isolada, junto á estrada. Desconhecendo os habitos da terra, soffremos mil incommodos. Estrebarias, não as encontramos, querendo amarrar os animaes, foi necessario fazel-o em postes ou varas enfiadas no chão, diante das casas, como é uso, quasi generalisado. Ahi, ficam até acabarem de comer a forragem contida em um sacco que se lhes pendura á cabeça. Depois os animaes correm livremente em um campo cercado, para poderem pastar. Os pobres animaes padecem extraordinariamente aqui, graças aos grandes morcegos, que lhes sugam o sangue. Um dos nossos cavallos soffreu dest'arte tão forte sangria, que, no dia immediato, mal se podia locomover.

Os quartos, que nos deram eram mais sujos do que quaesquer por mim jámais vistos em Portugal.

Uma mesa, uma cama e dois bancos aos quaes faltavam pernas, formavam o mobiliario de tres quartos. O tecto era o telhado esburacado, abrigo de innumeros morcegos e ratazanas.

O jantar consistiu em duas gallinhas cozidas com arroz e mais uma garrafa de vinho. Os leitos eram esteiras de palha, pura e simplesmente. Por este alojamento tivemos de pagar no dia immediato, e ainda por uma "Quarta" de milho para os animaes, 2$600 rs., preço monstruoso pela pouca comida fornecida e o mau leito. No emtanto, semelhante exploração é o que se encontra nas vizinhanças da Capital do Brasil.

Não havia cafeeiros á vista mas pela estrada passava bastante café destinado ao Rio de Janeiro e transportado por tropas. Explicava Eschwege aos seus leitores allemães:

"Nesta parte da estrada encontram-se muitas bestas de carga (um agrupamento das mesmas é chamado *tropa*) carregando café, toucinho, queijo, algodão e couros. Vem de Minas ou de São Paulo; tambem surgem grandes boiadas provenientes da

Capitania de Minas ou do Rio Grande do Sul. Gastam desta ultima região até cá, muitas vezes, um anno de viagem".

Os proprietarios confrontantes da estrada tinham terras margeadas por vallos ou cercadas de sebes das espinhentas mimosas, e os seus caminhos particulares vedados por porteiras. Um tropeiro, pernoitando com os seus animaes em um destes *pastos fechados* pagava em geral, 10 réis por cabeça, conseguindo, porém preço mais vantajoso, quando a tropa era grande.

Acontecia, muitas vezes, que as boiadas, apezar de varios de seus componentes morrerem na longa viagem, e outros serem carneados ou vendidos, chegavam intactas ou ainda até mais numerosas, por se juntarem a ellas os animaes desgarrados que os boiadeiros encontravam pastando pelas estradas.

De Sepetiba, onde devia embarcar para Angra dos Reis, informa-nos Eschwege que era lugarejo sem relevo algum.

Formado por diversas casas, separadas e espalhadas pela costa, cujos habitantes, na maioria, viviam da pesca e da queima do cal de mariscos, era alli que os viajantes dos districtos da Ilha Grande e Paraty costumavam tomar canoas. O preço commum para uma grande canoa até a Ilha Grande, a dez leguas de distancia vinha a ser de 6$400 a 8$000 réis. Os itinerantes eram em geral promptamente attendidos mas quem como o geologo chegasse munido de uma portaria ou Ordem Real, em geral não pagava, motivo aliás para ser peor servido.

Os requisitados para o serviço regio escondiam-se ou fugiam e as autoridades do districto faziam muitas vezes a mesma cousa porque eram raramente respeitadas pelos subordinados. Por este motivo teve o illustre viajante de alli permanecer um dia inteiro a acceitar as desculpas do commandante, um sargento, pelo facto de não lhe poder obter as canoas desejadas.

Afinal conseguiu uma embarcação graças á boa vontade de uns pescadores.

Assim embarcou em grande canôa capaz de carregar cinco pipas de aguardente.

Queriam estes homens ir as ilhas de Itacuruçá e Madeira carregar cascas de ostras para a sua caieira e contavam que no minimo o illustre itinerante lhes fizesse um presente.

Eram as canôas daquella região fluminense embarcações feitas, geralmente, de um unico tronco de arvore. Avaliavam-se a altura e o diametro de muitas arvores da zona por aquellas embarcações, capazes de carregar 12 a 15 pipas de aguardente, ou outras mais curtas, mais largas e mais fundas, com porão e convez mastreado. Com tempo bom, e calmo, viajava-se com muita segurança, até em canôas menores. Com o mar agitado porém ou quando iam de encontro a alguma pedra viravam taes

barcos facilmente, por serem, agamelados por baixo, e não terem quilha.

Com o vento e a ajuda de pequena vela, chegou Eschwege depois de uma hora á assaz grande ilha de Itacuruçá em frente á praia do mesmo nome. Era o logar a residencia de um commandante official subalterno, de milicias. Chamavam paragem o logar, onde morava um commandante, porque quem viajasse a serviço regio precisava alli parar afim de requisitar do commandante tudo de quanto precisasse.

Os officios, nos lugares onde não existia correio regular, eram encaminhados pelos commandantes districtaes de um a outro.

Sendo o geologo graças á sua portaria, tratado como um mensageiro regio, seus guias entregaram-no ao commandante da ilha.

Já pela zona se plantava bastante café embora irracionalmente.

Escondidas entre cafeeiros contiguos, encontravam-se, espalhadas, as casinhas dos habitantes da zona. Construidas de madeiras leves tinham as paredes rebocadas de terra ou barro. A madeira applicada não era trabalhada, a não ser nas hombreiras das portas. E o ligamento das mesmas constava exclusivamente de vimes ou cipós.

Sobre caibros e sarrafos do telhado das casas, amarravam-se as hastes e folhas de certa especie de canna, alli chamada Oricanga, o que formava leve e impermeavel cobertura.

Vida a mais primitiva levavam aquellas populações praianas.

Apezar do sargento muito se ter esforçado para obter outra conducção não foi possivel a Eschwege continuar a viagem no mesmo dia.

Precisou pousar em miseravel venda de aguardente, no continente.

A familia do hospedeiro, que por conta do fazendeiro de Itacuruçá mantinha este botequim, compunha-se de marido, mulher e filha. Contava ainda com os serviços de uma escrava muito suja. Mostraram todos pouca vontade em lhe preparar um pouco de comida. Os marinheiros tiveram elles proprios que cosinhar para poderem comer. Só encontraram peixes seccos e velhos. Foram cozidos, e regados com um molho fetido, para humedecer a farinha da mandioca, que, no Brasil, como se sabia substituia o pão. Para dar a este prato um sabor especial, ferveram-se bananas em agua, aspersas depois com sumo de limão.

"Pela primeira vez ingeri comida tão diversa da européa e que só a fome podia tornar saborosa, annota o barão sobremodo desconsolado.

Nas vizinhanças do ponto onde se achava existia uma fazenda de vulto a de Itacurussá onde, havia pouco, occorrera verdadeira catastrophe. Correra enorme barreira soterrando a séde e matando muitos escravos do fazendeiro.

Felizmente já o jantar do geologo graças a sua diplomacia não lhe correu tão mau quanto o almoço, embora tivesse que lhe desembolsar o preço, cousa que lhe era bem desagradavel, segundo deixa a cada momento transparecer. A pousada é que foi pessima.

O jantar teria sido tão pobre e escasso quanto o almoço, se o geologo não tivesse cahido, como consequencia de innumeras pequenas attenções, nas boas graças da dona de casa, conseguindo desta forma, naturalmente mediante bom pagamento, que lhe preparassem uma gallinha.

Como pouso teve pequeno quarto de terra socada. Estava tão sulcada e arrebentada, que se prestava perfeitamente a demonstrar a theoria da origem dos valles! annota Eschwege, entre ironico e galhofeiro.

Uma esteira e os alforjes valeram-lhe de leito e aos companheiros.

Pequenos mosquitos que deixavam uma bolha de sangue onde quer que picassem, alli existiam em grande quantidade. Para obterem alguma tranquillidade, tiveram os viajantes de queimar capim secco afim de os espantar por meio de fumaça.

Cantoria religiosa da familia hospitaleira, que provavelmente se prolongou além da meia noite, embalou-lhes o somno.

Desembarcando em Praia Mansa chegou Eschwege a Mangaratiba, aldeia de indios com cerca de 300 almas e cujo capitão tambem era indio.

Estavam os autochtonos sendo progressivamente desalojados pelos brancos, conta-nos o viajante.

Não é preciso grande perspicacia para deduzir que esta evicção dos pobres aborigenes provinha do avanço dos cafezaes.

Observa Eschwege:

"Havia poucos annos ainda, não se permittia que um portuguez construisse casa de pedra e cal em Mangaratiba. Demoliam-n'a se alguem tentasse fazel-a. Depois da chegada da Familia Real haviam-se os indios tornado mais timidos.

Suas contribuições para o fisco consistiam no dizimo apenas. Do serviço militar estavam isentos. Falavam portuguez, poucos os que ainda entendiam a lingua materna. Gente de baixa estatura, olhos pequenos, face um pouco achatada e descomposta, cabellos negros, compridos, a côr da pelle lhes era amarello-tostada. Tendo aversão ao trabalho confinados em seus maus casebres, sentados em torno do fogo, assim lhes decorriam

os dias. Cultivavam mal os mantimentos mais necessarios. Em troca de aguardente tudo davam. Quanto ao mais mostravam-se optimos remadores sendo empregados como taes nas galeras reaes, onde serviam como homens livres.

Havia tres annos, portanto desde 1807, que, com as plantações de café vizinhas, este lugar tomara impulso. Varias casas boas se tinham construido. Com o tempo poderia tornar-se uma cidade commercial rica. Alli morava um capitão-mór e um tenente de milicias. Quem viajasse a serviço real precisava entender-se com um dos dois. O capitão-mór era homem muito malhumorado. Muito mais prestimoso o outro, que logo arranjou bom alojamento dando bom geito a tudo de quanto necessitassem. Naturalmente a troco de dinheiro.

Offerece-nos Eschwege interessante quadro de costumes, inspirado no que viu em Mangaratiba.

Como fosse domingo, dia em que todos os roceiros se reuniam para ir á igreja, teve boa opportunidade para observar os trajes nacionaes. No conjuncto pouco differiam dos de Portugal.

As mulheres usavam mantilhas de diversas côres e mangas fofas. As que procuravam destacar-se das mais utilizavam-se de uma mantilha de panno amarello sulfurino com debruns de prata. Ou então traziam as mantilhas orladas de felpa. Cobriam a cabeça com um panno branco de musselina que, atado sob o queixo, quasi encobria a face inteira. As da classe menos abastada punham a mantilha sobre a cabeça, ou enleiavam-se num panno preto de lã. Algumas donas pertencentes ás altas camadas estavam até trajadas segundo os padrões da ultima moda.

Partindo de Mangaratiba ficou Eschwege costeando de canôa, sendo porém, pela tempestade, forçado a desembarcar na Praia da Cruz, de onde preferiu proseguir a jornada por terra.

As encostas dos morros, na maior parte, estavam plantadas de mandiocaes. Abundavam comtudo os cafezaes, e as laranjeiras pareciam silvestres, constituindo verdadeira delicia para um viandante cansado.

Depois de uma hora desceu o geologo a outra encosta do valle da Praia Grande, em direcção a pequena aldeia em que se destacavam, com vantagem, algumas casas bem construidas.

Junto ao valle da Praia Grande já havia notavel producção cafeeira.

Eram até as safras intelligentemente seccas em eiras naturaes de pedra, vantagem notavel para a boa apresentação do producto.

O café parecia ser o principal artigo de producção dos habitantes da zona. Sabiam perfeitamente aproveitar as grandes

rochas de granito, expostas ao sol para o seccarem, margeando-as com uma corôa de pedras e esparramando o grão no plano interior.

Como os raios solares aquecessem fortemente as rochas, desnudas, isto trazia a vantagem de não só não attrahir o café a humidade do solo, como tambem, seccar muito mais rapidamente, do que se estivesse esparramado sobre a terra ainda que bem enxuta.

O café, sabem-n'o todos, tem duas cascas, a exterior polposa, e a capa abaixo desta, envolvente do grão.

Alguns lavradores descascavam logo a parte polposa, seccando o café com a capa. Este saltava fóra, logo que a cereja estivesse bem secca e fosse soccada. Outros seccavam-n'o com as partes polposas, e a maior parte dos entendidos affirmava que este methodo devia ser o preferido.

Encontrou-se Eschwege com um fazendeiro enriquecido pela lavoura cafeeira.

A um homem grande e corpulento, com um chapeusinho de palha, camisa de chita, tamancos e grandes esporas de prata, nos pés nús, montado num matungo, encontrou o geologo e seus companheiros no cimo do morro. Admirado por ver, em hora tão tardia, pedestres neste caminho, dirigiu-lhes a palavra, offerecendo-lhes immediatamente pousada em sua casa situada ao pé do morro, para o pernoite.

Annota Eschwege:

A malicia de troçarmos esta figura extravagante converteu-se-nos em serenidade, quando ouvimos o homem falar, convidando-nos de modo tão amavel. Sem mais cerimonias acceitamos a offerta e marchamos morro abaixo para Curvitiva, a propriedade do nosso hospedeiro. Este, depois de ir ver os trabalhos dos seus escravos logo nos appareceu.

Até aqui conseguiramos sempre hospedagem a troco de dinheiro. Foi esta a primeira desinteressada. Tivemos acolhimento, sem que os nossos hospedeiros mostrassem qualquer inquietação receiosa ou o constrangimento que geralmente reina quando chegam inesperados hospedes. A sala de visitas estava cheia de café. Por cima deste arrumaram-se as nossas camas. Para uma cousa destas porém ninguem olha quando é recebido de coração aberto. Jantamos bem e o vinho (o que por cá é raro) correu-nos abundante.

Depois da refeição saboreamos um copo de "queimada" (aguardente com assucar, da qual se queima o alcool).

Contou-nos nosso hospedeiro a sua carreira, que sem duvida, não merece aqui ser reproduzida. Direi sómente, que veio de Portugal sem fortuna e pela actividade e industria tornou-se rico,

a vender annualmente dez a doze mil crusados de café. (De 4:000$000 a 4:800$000) o que actualmente equivaleria a 80 e 100 contos de réis.

O governador do districto da Ilha Grande, residia na villa salientando-se de muitos dos seus jurisdiccionados por louvavel actividade. Fôra avisado da vinda do geologo e mandara arrumar-lhe casa. Della logo tomou Eschwege posse. Depois apresentou-se ao capitão-mór a quem entregou as cartas do ministro.

Recebeu-o a autoridade angrense com muita attenção e depois da troca dos primeiros cumprimentos, extranhou o geologo ouvir de homem que lhe pareceu tão instruido a pergunta se elle era christão.

Em Angra demorou-se o geologo a examinar as jazidas de ferro de Sapinhatuba. Percebeu logo que nada valiam, sob o ponto de vista pratico, contrariando-se uma opinião arraigada do capitão-mór. Afim de evitar que o accusassem de desidioso mandou comtudo arrebentar minas em diversos pontos. O exame dos detrictos da exploração robusteceu-lhe as convicções.

Em Angra dos Reis encontrou-se Eschwege com João Manso Pereira (1750-1820) o mineiro humanista, agronomo, economista, inventor, naturalista, cuja reputação em fins do seculo XVIII era notavel em todo o Brasil e de quem disse Joaquim Manuel de Macedo: foi uma aguia a quem faltou o espaço, o genio (sic) a quem faltaram recursos!

A seu respeito traçou Eschwege muito elogiosos conceitos.

As horas da tarde passou-as em geral na companhia deste "mulato instruido e culto, que pelos proprios esforços alcançara bons conhecimentos chimicos e mineralogicos". Representava verdadeira excepção entre muitos scientistas portuguezes. Em quanto estes viviam inertes não progredindo na Sciencia, mas sempre enfatuadissimos, aquelle brasileiro, apezar da idade avançada, procurava, com o tempo, augmentar o seu cabedal de conhecimentos aproveitando toda e qualquer occasião de aprender coisa nova. Pena não houvesse sido aproveitado mais convenientemente pelo governo, por exemplo, como professor de mineralogia. Fôra, era verdade, empregado em diversas averiguações como a do valor dos minerios de ferro de Sorocaba, da explorabilidade do enxofre e salitre na capitania de Minas Geraes. Taes commissões scientificas, exigiam porém não só conhecimentos scientificos como praticos, e por isto naturalmente os resultados dos esforços de Manso não haviam correspondido á espectativa.

Muita geologia encontramos na memoria do illustre autor do *Pluto brasiliensis* que vimos acompanhando. Mas não se limitou elle ao lado meramente scientifico da expedição. Dellas

se aproveitou para tambem observar os costumes das populações visitadas e delles dar idéa aos seus leitores.

Falando dos habitos caracteristicos de Angra descreve o enterro de um personagem da classe média, a que casualmente assistiu. Fôra achado morto no caminho da sua fazenda á villa. Affirmavam alguns que morrera de colapso cardiaco, outros que fôra assassinado. Nada investigaram as autoridades a tal respeito e assim se enterrou o homem. Estava vestido com o burel franciscano e posto num caixão guarnecido de velludo preto e galões doirados, exposto no meio da igreja do convento, onde os sacerdotes procederam ás cerimonias usuaes. Quatro cantores executaram os canticos funebres. Um delles, pequeno e gordo, cantava em estridente falsete. O baixo, para dar mais expressão melodica, acompanhava-o ao violoncello, "devido a esta musica exquisita perdi toda a serenidade que a scena me despertava", commenta o nosso sabio.

Terminadas as cerimonias levaram o morto ás catacumbas. Era um lugar onde, nas paredes lateraes de grande abobada, existiam, em grande numero, jazigos uns por cima dos outros, dando a idéa de armarios de parede. Num delles foi depositado o cadaver, inteiramente envolto em cal para lhe accelerar a decomposição, uso generalisado em Portugal, emparedando-se depois a cava com tijolos.

Como vemos nada de interessante para brasileiros ha nesta descripção do geologo. Passando a tratar das procissões, a que assistiu em Angra, noticia o escandalo que lhe causou a falta de respeito da plebe em relação ás cousas da religião.

A festa de Corpus Christi, geralmente chamada no Brasil de Coropo de Deus, á qual ajudou a commemorar, só lhe merecia menção, porque nella pudera avistar toda a população da região. Verificou existir em Angra dos Reis, em geral, menos respeito aos actos religiosos do que presenciara em Portugal. O povoleu não só se conservava a certa distancia, de chapeu á cabeça, como tambem na maioria não se ajoelhou, nem siquer perante o Santissimo, o que deu motivo á gente mais grada intervir para que mudasse de attitude chegando mesmo a fazer-lhe ameaças para conseguir tal desideratum.

Fez Eschwege diversas excursões maritimas pelas immediações de Angra dos Reis, contrariado porém pelo mau tempo.

No dia 29 de junho partiu de volta de Angra dos Reis. Apezar de todas as opiniões em contrario, fez a viagem por terra, por compartilhar inteiramente da opinião de Fielding, quando aconselha que nunca ninguem viaje por mar, quando póde fazel-o por terra. Varios fazendeiros lhe arranjaram mulas, das quaes fez uso. Um delles, perfeito conhecedor de todos os caminhos,

offereceu-se a acompanhal-o. Os caminhos eram extraordinariamente maus. Em qualquer outro paiz só seriam percorridos por pedestres. No Brasil porém estavam as mulas geralmente acostumadas a estes maus trajectos, onde ora encontravam pantanos, ora estreitos atalhos, pedregosos, mal offerecendo, em forma de degraus, espaço para os pés dos animaes poderem firmar-se. Fez-se, no emtanto, a viagem quasi no mesmo tempo em que se caminharia em estrada plana e bem tratada. A tal proposito expende o illustre geologo a sua admiração pelo vigor e a resistencia dos muares do Brasil.

Deixando Angra dos Reis passou o Coronel de Engenheiros pelas duas importantes fazendas costeiras de Japuhyba e Campinho separadas pelo rio Japuhyba, onde se fazia muita cal de mariscos, destinada ao Rio de Janeiro. Sahindo a Serra em direcção á fazenda de Antonio José Lopes passou por horriveis caminhos, encontrou casas semi-arruinadas, atravessou uma floresta sobremodo sombria e afinal attingiu um porto militar chamado Guarda da Serra d'Agua destinado a vedar o passo a contrabandistas e desertores.

Alli se mantinham um official e cinco praças. Teve de exhibir os passaportes.

Logo que a estrada deixava a costa, margeava o Rio da Serra d'Agua, atravessado 4 a 6 vezes, antes de se esgalhar em dois braços, acima da Fazenda da Serra d'Agua. Corria por dentro da floresta virgem densissima, onde mal penetrava um raio de sol. Especialmente sombrio e melancolico era o logar onde o rio formava grande e profundo poço chamado o Poço da Anta, porque os tapires nelle costumavam banhar-se. Este caldeirão era formado de granito branco e duro e visivel até o fundo, atravez da agua limpida como crystal.

Um quarto de hora mais tarde chegou Eschwege a uma casa isolada no meio da matta meio arruinada e sem que pela vizinhança houvesse o minimo vestigio de cultura, testemunhando a actividade do morador. Era o tal posto, chamado Guarda da Serra d'Agua, onde estacionava um official commandando cinco praças com o fito de deter desertores e contrabandistas. Todos os que por alli passavam tinham de exhibir passaportes.

Taes guardas, observa Eschwege, causavam mais prejuizos do que vantagens. Embaraçavam o commercio livre, emquanto os desertores e contrabandistas sabiam evitar-lhes o contacto. As abundantes deserções de uma Capitania para outra e o extraordinario contrabando praticado, assim como as rarissimas prisões effectuadas eram provas cabaes desta asserção.

Rica era a fauna da Serra de Matto Grosso, contraforte da de Paraty.

Começava a anoitecer quando o geologo alcançou o alto da Serra de Matto Grosso. Encontrara pelo caminho muitos *jacús* e *jacutingas*.

Varias destas aves mataram-n'as os viajantes. Acharam-n'as saborosas, sómente um pouco rijas. Viram muitos rastos de porcos sylvestres. Disseram-lhes que alli viviam em varas de muitas centenas, ás vezes. Era perigoso encontral-os numa picada tão extensa, onde não podiam desviar-se promptamente, devido ao cerrado da matta.

O caminho cortava o rio varias vezes, depois acompanhava-lhe a margem direita morro abaixo, até a Fazenda do Lopes.

Gastou Eschwege, do cume do morro, até ahi, hora e meia, chegando a alta hora da noite. Uma boa familia de sertanejos recebeu-o e á comitiva com grande hospitalidade, restaurou-os, pois, desconhecendo ainda a maneira de viajar da terra nada haviam levado e nada comido desde o almoço.

Tinha o geologo vontade de proseguir a viagem sem interrupção, mas varios motivos induziram-no a acceitar o convite, feito pelo amavel hospedeiro, de descansar um dia. Aproveitou o tempo para se familiarisar um pouco com a lavoura brasileira, para o que se offerecia a melhor opportunidade.

Possuia Lopes quarenta escravos. Moravam todos, isolados da sua casa, em pequenas palhoças, formando uma aldeiasinha. A cosinha era a mesma para todos.

Não vigorava alli o habito, corrente em muitas outras fazendas, de dispensar o lavrador os escravos do trabalho aos Sabbados e Domingos, deixando-os o cuidado de prover á sua alimentação; costume reprovavel, pois o escravo preferia roubar o senhor a alimentar-se com o fructo de seu trabalho. Além disto vivia peor prejudicando, naturalmente, a saúde.

Estava Lopes, occupado na derrubada de um pedaço de matta para o plantio do milho e mandioca.

O rio Pirahy corria no meio da fazenda formando abaixo da morada bella cachoeira, chamada "as Caldeiras". Media setenta passos de largura e a altura perpendicular da rocha que motivava a queda, era de cerca de 40 palmos (8m,80). As pedras davam a perfeita impressão de um dique artificial.

Informaram ao geologo que nas cristas da montanha nevava frequentemente, asseveração de que duvidou. Com certeza a nevada era a forte geada que então annualmente cahia na matta fluminense. Attingiu as cabeceiras do Pirahy de onde desceu para a fazenda do Lopes, acerca da qual dá interessante descripção.

Com as aguas baixas todo o rio corria por um canal estreito á direita desapparecendo o salto. A rocha era mais um schisto

micaceo efflorescente em parte tambem firme, do que gneiss, com muitas granadas. Suas camadas mostravam-se perpendiculares, da 4.ª á 5.ª hora, com varias interrupções em fórma de escadas, nas quaes a agua, atravez dos seculos, cavara caldeirões e buracos maiores e menores, redondos e fundos. O maior teria seus dez palmos de diametro e provavelmente o dobro de profundida. Os menores pareciam abertos por meio de brocas alcançando tres palmos de fundo. Estavam cheios de agua crystallina e tinham o fundo coberto de cascalho, mas nada encontrou o explorador a não ser areia de magnetita e certa quantidade de granadas sem valor.

No dia 1.º de junho de 1811, deixou Eschwege a fazenda situada nos confins do districto da Ilha Grande, e onde, segundo parece, ainda não chegara a cultura cafeeira.

Presenteou-o Lopes com um guizo de cascavel e um dente inoculador da mesma cobra. Affirmou-lhe ser grande o numero de ophidios na região. Confirmaram-lhe tambem, o que era geralmente conhecido a saber a picada embora das cobras mais venenosas, nem sempre offerecia o mesmo perigo, dependendo este principalmente do logar e da lesão do vaso attingido. A morte então occorria a despeito de todos os contravenenos, a miude, após poucas horas e da maneira a mais sinistra.

Alguns sobreviviam varios dias após a picada, outros restabeleciam-se completamente, outros ainda ficavam com fraqueza da vista ou dôres periodicas nas juntas para o resto da vida. Mostrou-lhe Lopes certa herva de sapo ou boejo, assim denominada porque os sapos apenas picados por cobra procuravam comel-a. Seccava-se a tal herva, applicando-se a parte moida sobre a mordedura e tomando-se-lhe o summo.

Frisa o geologo germanico que os lavradores brasileiros eram os proprios curtidores do couro de que precisavam. Lopes tambem tinha o seu pequeno cortume. Utilisava-se da casca da Canna Fistula, alta arvore da matta, e da casca do Mangue, arbusto do alagadiço. Dava-se preferencia á primeira porque imprimia ao couro côr mais clara. Tal casca era tão adstringente que curtia dentro de quatorze dias o couro mais grosso de boi.

Devia-se certamente a este processo a inferioridade do producto obtido. Não só tinha pouca resistencia como tambem, se mostrava poroso até para sola, deixando passar a menor humidade. Ficavam os que o usavam com pés molhados ao cahir de qualquer chuva.

Os escoltadores vindos de Angra depois de terem acompanhado o geologo um bom trecho do caminho voltaram. Um sargento da milicia montada serviu-lhe de guia até São João Marcos.

Diziam-lhe haver cinco leguas de caminho, mas nelle só empregou cinco horas. Ainda que a estrada apenas fosse transitavel por mulas não se mostrou tão ruim como parecia dever sel-o. Os rios Capivary, Passa Quatro (sic), da Vargem, Passa Vinte,.. e outros mais, de pouca importancia em tempo bom, deram bom vau.

Apezar de ter enviado com antecedencia uma carta ao commandante do districto de São João Marcos, para ter promptas as mulas de que iria precisar, tal não aconteceu por causa da ausencia daquella autoridade e da desintelligencia reinante no Governo Interino. Por este motivo teve o barão germanico de alli demorar dois dias.

Da sua estada na localidade fluminense não ficaram alegres recordações ao geologo. Pelo contrario! Alli soffreu muito de um tumor suppurado, obrigado além de tudo a permanecer numa casinhola miseravel, a supportar muito frio humido chegando o thermometro a tres graus Réaumur (menos de 5 graus centigrados) e a fumarada asphyxiante de uma lareira rustica, tudo isto em dias de terriveis e incessantes chuvaradas. Ainda por mal dos peccados atacou-lhe os nervos a cantoria ininterrupta e insupportavel de uma infinidade de gallos musicos.

Assim declara que passados muitos annos as más reminiscencias daquelles sombrios dias ainda não lhe haviam deixado dissipar a prevenção contra S. João Marcos.

Assim, mal humorado, as referencias do geologo em lugar onde tanto padecera só podiam ser desagradaveis.

Eis o que informa:

"A localidade de São João Marcos é pequena, mal terá cem casas, e mesmo assim nutre a pretenção de ser villa!"

Como nelle não existisse albergue foi Eschwege hospedado na casa da guarda alternadamente pelo Ajudante do Regimento, que nella morava e por um capitão.

Por alli passava o caminho de São Paulo ao Rio. Por ella voltou ao Rio. Apezar de ser estrada principal não passava de vereda miseravel e esburacada quasi intransitavel após qualquer grande chuva.

O Districto de São João Marcos limitado de um lado pelo Pirahy constituia o limite entre as Capitanias do Rio de Janeiro e São Paulo e fenecia no rio Parahyba. Guarnecia-o um regimento de Milicia Montada, com 14 companhias, cada qual com cem cavallos, conforme informação do respectivo Ajudante. O regimento desde a sua fundação, nunca estivera reunido e muito menos fizera exercicios. Seu actual Chefe, já com tres annos de commando, ainda não apparecera!

Sahindo de São João Marcos teve o nosso geologo de affrontar a terrivel descida da grande Serra de Itaguahy. Por toda a parte encontrou animaes mortos ou ainda vivos, bois ou mullas, atolados na lama ou com as pernas fracturadas por entre as pedras.

Ainda que de São João Marcos á Fazenda do Teixeira, situada no pé da montanha só houvesse seis leguas gastou neste percurso mais de nove horas. Antes de lá chegar encontrou um posto onde os viajantes deixavam os nomes recebendo um bilhete que devia ser entregue no posto de Itaguahy juntamente com as senhas, comprobatorias de que os portadores não haviam passado por atalhos.

Em Teixeira, só pôde obter laranjas, queijo e aguardente; teve Eschwege que dormir sobre um couro duro de boi. Na manhã seguinte só conseguiu arranjar novas laranjas.

Foi convidado por um tropeiro para um assado de macaco, porém tinha pressa de partir. Não se demorou na bella planicie verde de Santa Cruz e depois de pequeno repouso nocturno na Fazenda do Lameirão chegou ao Rio de Janeiro pela manhã de 5 de julho.

Traçando uma synthese do que apprehendera em sua jornada informa von Eschwege aos seus leitores: "o districto de Ilha Grande pertence á Capitania do Rio de Janeiro, e comprehende as terras, que se estendem entre os rios Itaguahy e Mambucaba em doze leguas de costa, com uma largura de seiscentas leguas, perfazendo portanto uma area de setenta e duas leguas quadradas, não se contando ahi as ilhas em numero approximado de 250, cuja maior a Ilha Grande, que dava o nome ao Districto inteiro, media quatro leguas quadradas.

Poucas ilhas, e, no continente, só a faixa littoranea eram cultivadas. Existiam tres freguezias; a de Nossa Senhora e Sant'Anna em Mangaratiba, a de Nossa Senhora da Guia e na Villa de Angra a de Nossa Senhora da Conceição.

Nesta ultima contavam-se dez mil almas e em cada uma das outras tres mil. A população portanto attingia um total de dezeseis mil almas que dezeseis annos antes eram onze mil apenas.

Trinta e oito engenhos de assucar e quarenta e dois de aguardente encontravam-se espalhados por todo o districto. Era elle productor de muito café. No dia em que a sua população augmentasse poderia a Villa, em sua felicissima situação, na grande bahia, na qual os maiores vapores encontrariam seguro abrigo contra a tempestade, tornar-se grande centro commercial.

A' pequena memoria annexa o geologo interesante quadro estatistico muito precioso por corresponder a uma época em que taes dados tão raros eram ainda.

Artigos	*Producção*	*Exportação*	*Consummo*	*Preço*
Café	22.000 arr.	15.675 arr.	325 arr.	2$000 rs.
Assucar	10.720 ”	4.680 ”	2.040 ”	1$000 ”
Algodão	120 ”	——	120 ”	1$280 ”
Annil	100 ”	100	——	10$240 ”
Polvilho	60 ”	——	60	$640 ”
Arroz	10.000 alq.	6.000 alq.	1.000 alq.	$520 ”
Feijão	1.300 ”	——	1.300 ”	$640 ”
Milho	520 ”	——	520	$480 ”
Farinha	80.000 ”	1.000	74.000	$400 ”
Aguardente	840 pipas	551 pipas	75 pipas	28$000 ”
Peixe	30.000 milheiros	1.200 milheiros	28.800 milheiros	$320 ”
Cal	80 moios	35 moios	20 moios	4$000 ”
Taboas	250 duzias	100 duzias	50 duz.	3$800 ”
Lenha	III feixes	III feixes	——	3$000 ”
Couros	25.000	——	25.000	$600 ”

Para a historia do café tem real valia. Informa-nos que em 1809 as lavouras do districto angrense já produziam 22.000 arrobas.

Ora não ha dado algum conhecido para a exportação fluminense deste anno! Os officiaes divulgados pela Associação Commercial do Rio de Janeiro dão para 1813 seiscentas arrobas! Para 1812 acceita Paulo Porto Alegre 60 arrobas!

Por este exemplo vemos como são deficitarios os informes de nossas estatisticas commerciaes senão a cada passo absurdos e sobremodo afastados da verdade.

Termina o relato de Eschwege por um Quadro Synoptico da Producção, Consummo e Exportação do Districto da Ilha Grande no anno de 1809.

O feixe de lenha se contava por milheiro de achas. Assim uma acha valeria 3 réis. Da lenha de consummo local não se cogitava porque não era comprada e sim cortada em casa dos proprios consumidores. O alqueire brasileiro era o dobro do de Lisbôa.

Os dados economicos relativos a esta producção assim se podiam computar em seus totaes:

Producção total	129:218$600 rs.
Consummo local	45:819$600 "
Exportação	57:367$000 "

Havia no districto os seguintes stocks:

Café	6.000 arr.
Assucar	4.000 "
Arroz	3.000 alqueires
Farinha	5.000 "
Aguardente	214 pipas
Taboas	100 duzias
Cal	25 navios

Em 1827 procedeu o Desembargador Joaquim Ignacio Silveira da Motta, Juiz da Corôa, a uma demarcação da Fazenda Nacional de Santa Cruz, confiscada aos jesuitas por Pombal, que provocou os mais energicos protestos por parte de mais de seiscentos proprietarios de terras attribuidos pelo magistrado ao patrimonio publico.

Publicou-se, em 1829, o curioso livro d'*O Tombo* ou "cópia fiel da medição e demarcação da Fazenda Nacional de Santa Cruz, segundo foi havida e possuida pelos Padres da Companhia de Jesus por cuja extincção passou á Nação".

Não vem assignado este volume cujo autor se intitula o "Zelador do Direito de Propriedade e mais queixosos da illegal, nova medição feita em 1827".

Traz em appenso uma relação dos "fazendeiros e lavradores que nunca reconheceram a Fazenda Nacional de Santa Cruz e foram presentemente incluidos na ultima e nova medição e numero de escravos com que trabalhavam mansa e pacificamente as suas terras".

A reivindicação do Juiz da Corôa abrangia enorme trato de terras já cafeeiras em Pirahy, S. João Marcos, Vassouras, Valença, e pretendia levar o dominio da Fazenda Nacional ao Pirahy. A relação é precioso documento para o estudo da propagação cafeeira na Provincia do Rio de Janeiro embora esteja incompleta, como declara seu autor.

Traz uma lista de 172 fazendeiros de S. João Marcos e Pirahy e parte de Barra Mansa com as respectivas escravaturas e safras médias de café. Dispunham ao todo de 6.309 escravos e colhiam 173.820 arrobas o que mostra quanto em média as suas fazendas eram pequenas dando pouco mais de 36 escravos e mil arrobas por fazendeiro.

Apenas dois lavradores colhiam dez mil arrobas; os demais assim se distribuiam:

8.000 arrobas	1
7.000 arrobas	1
6.000 arrobas	3
5.000 arrobas	1
4.000 arrobas	3
3.000 arrobas	6
2.000 arrobas	13

Entre 1.000 e 2.000 havia 29. Assim 117 colhiam menos de mil. Os dois grandes fazendeiros, os coroneis José Gonçalves de Moraes e Joaquim Pereira de Faro, futuros barões do Pirahy e do Rio Bonito, tinham enormes escravaturas. Faro 540 cabeças e Moraes 400 o que não estava em relação com as suas safras, pois Antonio da Silva Monteiro, que remettia 8.000 só tinha 200 e Caetano Alves de Oliveira com 7.000, 260; os Gomes, o Sargento-Mór José Luiz, futuro Barão de Mambucaba, e seus irmãos, Francisco e Luiz que colhiam 6 e 4.000 arrobas possuiam 160 e 170 escravos.

Os tres barões, seus irmãos e alguns parentes proximos e mais alguns fazendeiros constituiram advogado Basilio Ferreira Goulart que na Suprema Côrte do Imperio protestou contra o tropel de injustiça e violação e nullidades "do Juiz da Corôa em

seu nefando negocio e desrespeito das Instituições Divinas e Humanas requerendo justiça para que se testemunhasse ao Mundo de que no afortunado solo do Brasil não imperava o *sic volo sic jubeo*".

E obteve ganho de causa.

Na lista d'*O Tombo* vemos muitos nomes de fazendeiros que mais tarde se tornaram senhores de enormes lavouras. Assim o então alferes Joaquim José de Souza Breves que então declarou colher 3.000 arrobas de café e ter 50 escravos.

Pelos annos de 1860 colheria 20.500 arrobas e teria talvez 3.000 escravos.

E' possivel porém que no rol d'*O Tombo* só se mencione a parte das propriedades deste grande fazendeiro que houvesse ficado litigiosa.

Refere-se o rol ao anno de 1827, anno em que, segundo as estatisticas, o café exportado pela região fluminense attingiu a cerca de 1.800.000 arrobas. Assim as safras dos fazendeiros que se declaravam lesados correspondiam a cerca de um decimo da producção fluminense.



CAPITULO CVII

A viagem de Walsh em 1828 pela zona cafeeira fluminense — A subida da Serra — A fazenda do marquez de S. João Marcos — Episodio pittoresco e quadro de costumes — Passagem por Valença — Uma serie de incidentes curiosos — Aspectos valencianos — De Valença a Rio Preto — O relato curioso de viagem de James Holland na zona cafeeira fluminense de Valença

A 16 de outubro de 1828 ancorava, nas aguas da Guanabara, o paquete *Galatea* da esquadra de sua Graciosa Magestade, o rei da Grã-Bretanha, e Irlanda, Jorge III e trazia a seu bordo o novo embaixador junto ao jovem D. Pedro I, Lord Strangford. Como capellão do embaixador, vinha o Rev. R. Walsh informa-nos Rodolpho Garcia, em sua preciosa monographia sobre as *Explorações Scientificas no Brasil.* A 29 de junho de 1829 regressava definitivamente ao paiz natal, depois de haver realizado assaz dilatada excursão pelas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes além de pequenas excursões pelas vizinhanças da capital brasileira.

A seu respeito commenta Garcia:

"O livro em que descreveu sua jornada em nosso paiz *Notices of Brasil em* 1828 *and* 1829 é mais do que simples relação de viagem pelas observações de ordem scientifica. Um bom mappa, com o itinerario de viagem, acompanha a obra. Walsh inicia nova serie illustre de viajantes que exploraram o Brasil no seculo XIX com singular brilho para a sciencia".

O nosso Reverendo, apezar de assaz longa permanencia no Brasil não parece ter adquirido grande cabedal da lingua da terra. Pelo contrario revela aquella difficultosa apprehensão linguistica que geralmente se incrimina á gente do seu povo. Assim estropia, frequente e brilhantemente, os nossos toponymos a inscrever no mappa do itinerario da sua jornada *Bassura* por Vassouras, *Piabunda* por Piabanha, *Canto Gallo,* etc. Nem nos admiremos que escreva *Pavona Juiz da Foro* graphados segundo a prosodia ingleza lhe ensinava.

O seu mappa é valioso como documento do avanço do desbravamento em 1828. Por elle vemos que nesta época a matta mineira estava ainda deserta, desde o Parahybuna até o Muriahé. Um unico nome de arraial nelle se inscreve o de S. José de Além Parahyba.

No oriente fluminense do planalto apenas vemos Cantagallo; na região entre o Parahyba, o Preto e Parahybuna apenas Valença e Rio Bonito.

Depois de ter permanecido assaz longamente, no Rio de Janeiro, resolveu Walsh conhecer um pouco do interior do Brasil. Assim aproveitou a offerta que lhe fez o seu patricio Milward, superintendente das minerações de S. José em Minas Geraes. Justamente da provincia voltara seu outro compatriota o viajante cego James Holland que apezar da cegueira porfiava em viver em *perpetuum mobile!* e ainda por cima a escrever livros sobre as suas viagens!

A primeira cousa que um viajante precisava fazer para ir a Minas era prover-se de dinheiro, affirma Walsh. E isto não era nada facil por mais que o viandante dispuzesse de recursos! o facto provinha do seguinte: graças ao desconcerto financeiro dos governos de D. Pedro I, o papel moeda por elles emittido só circulava na provincia do Rio de Janeiro e os mineiros não lhes queriam reconhecer curso forçado! Exigiam a moeda metallica, *sonnante et trébuchante* da pittoresca expressão franceza. E como tanto o ouro como a prata houvessem totalmente desapparecido da circulação não havia senão o recurso do cobre. Ora o valor maximo desta moedagem era a peça de quatro vintens. Calculadas as despesas da excursão precisou Walsh arranjar nada menos de tres arrobas de cobre quasi a carga de uma besta! E ainda lhe foi muito difficil conseguir tamanha cópia de vintens.

Afinal, a 8 de dezembro de 1828, sahiu Walsh do Rio acompanhado de dois pagens a cavallo e um tocador mulato da besta bagageira, sujeito dominado pela mania ambulatoria e de uma resistencia incrivel á fadiga. Já em certa occasião e a serviço de Mr. Milward vencera 192 milhas (355 kilometros) em 36 horas o que não é possivel crermos.

Atravessando as vizinhanças do Rio de Janeiro em direcção á Serra nada de notavel viu Walsh a não ser, uns brejos, enorme quantidade de carangueijos colossaes, hediondos insectos (sic) de que o povo fazia grande consummo.

Em Praia Pequena (?) encontrou grande tropa de cargueiros transportando café. Havia muitas chacaras, fazendolas, etc. Uma dellas em Irajá pertencia a um inglez, certo Willis, marido de distincta senhora brasileira. Sua casa era, aos do-

mingos, muito frequentada pelos rapazes da colonia britannica carioca.

Viu Walsh estes moços fazerem violento sport sob um sol calcinador e refrescando-se com porter! E' extraordinario! annota, como os meus patricios se obstinam em conservar os velhos habitos do modo mais incongruente com o seu novo modo de vida!

Eram tremendo carrapatal os arredores do Rio. E Walsh fala-nos horrorisado dos maleficios do pavoroso insecto (sic).

O jantar foi á brasileira "bacalhau, feijão, cebolas farinha de mandioca e *caxás* (sic) que o nosso reverendo achou, no gosto, semelhante ao seu patrio scotch whisky.

A' tarde appareceu um fazendeiro da vizinhança, brasileiro, cujo chapéu de palha era enorme e enfeitado de fitas. Trazia uma jaqueta de algodão cheia de ramagens, enormes botas e esporas.

Este homem vivia da venda de leite para o Rio obrigando os seus negros a carregar o liquido á cabeça, a uma distancia de quinze milhas, cerca de 24 kilometros! Alguns dos miseros escravos haviam morrido estafados pela estrada!

Além de Irajá alarmou-se Walsh vendo o seu mulato desapparecer de repente, com a mula das bagagens. Ficou inteiramente desarmado sem saber como seguir numa estrada cheia de erradas. Procurou comtudo orientar-se e foi cahir nas terras de uma grande fazenda onde havia extensos cafezaes. Estavam os cafeeiros carregados; iriam ser colhidos em fevereiro, devendo porém dar segunda colheita em agosto. Além das lavouras principaes havia nesta fazenda roças de feijão e largos renques de bananeiras.

Encontrou Walsh um eito de oitenta a cem escravos, de ambos os sexos, a que dirigia um feitor armado do indefectivel relho.

A scena que tinha sob os olhos era uma pintura tão completa de uma propriedade tropical, tão inesperada, aos olhos de um europeu que se manteve surpreso, largamente, a contemplar o trabalho synchronisado dos enxadeiros trabalhando com uma regularidade militar.

Continuando a viagem notou Walsh quanto a baixada fluminense ainda era deserta. Havia fazendas afastadas uma das outras; nem uma só aldeia avistara ainda. Apenas vendolas miseraveis, de distancia em distancia. Assim, em Venda Nova, lugarejo de aliás fundação recente, não encontrou nem café nem assucar quando em torno havia milhares de acres (4.046 m2) em cafezaes e cannaviaes.

De Venda Nova foi o viajante a S. Pedro, na base da Serra, onde esperava encontrar o desgarrado mulato, victima tal-

vez de salteadores, antigos soldados e marinheiros, cujas quadrilhas infestavam as vizinhanças. Pousou Walsh em casa de um *Senhor Francisco* (sic) primo de um marquez brasileiro, lindo homem mas miseravelmente vestido, vendeiro de beira de estrada, de apparencia afidalgada, e ao mesmo tempo indolentissimo.

O pouso que offereceu ao Reverendo era horrivelmente sujo, na sua vendola de pau a pique, de taquara barreada, onde havia uns escravos pavorosamente desasseiados.

Ao lado da tasca notava-se um rancho de tropeiros, cheio de almocreves, em torno do qual se viam muitas mulas presas a postes.

Sob o rancho empilhavam-se as cangalhas e suas cargas de sal e café arrumadas separadamente, segundo os donos respectivos.

Desesperado com a falta do mulato, detentor de seu dinheiro, ia Walsh voltar, merencoriamente, para o Rio, quando subitamente appareceu o tal Patricio.

Atrazara-se porque a sua mula ameaçava aguar. Deitara-se e elle precisara esperar que o bicho se dispuzesse a recomeçar a marcha.

Partiu Walsh com a tropa que ia para Minas. Assim descreve a sua caravana pittoresca:

"A' frente ia a mula de guia, grande, corpulenta, largamente enfeitada de anneis, e testeiras, cheia de botões dourados, com guisos musicaes, suspensos de cada lado da cabeça além de um alto pennacho entre as orelhas. Seguia-se-lhe a longa fila das bestas de cangalha agora carregadas de sal em vez do café que tinham trazido á costa. A cada grupo de tres ou quatro animaes tangia um almocreve, negro ou mulato, de chapeu de palha e calça de algodão, trazendo á mão uma cuia de feijão preto misturado com farinha que ia comendo.

Ia o tropeiro, brasileiro bronzeado, montado num cavallinho coberto por um chapeu de feltro de grandes abas, cobria o vasto ponche que abarcava o animal. Usava immensas esporas de prata presas aos calcanhares nús e trazia, horizontalmente, sobre a sella, compridissima espingarda que surgia atravez do poncho.

Nada mais pittoresco do que o encontro das tropas que se cruzavam pela montanha e cujos harmoniosos guizos enchiam os ares de alegria.

Encontrou Walsh uma dama que parecia de posição, muito bem trajada e acompanhada por uma especie de mordomo e escoltada por um negro de libré.

Era uma fazendeira, rica, que montava como homem, trazia pistolas nos coldres da sella. Embora não parecesse extraordi-

nariamente robusta apresentava boa compleição. Parecia muito energica e assim, ao montar de novo, na venda onde tomara um gole de aguardente, para affrontar a frialidade da serra, examinou se as suas garruchas estavam em ordem promptas a serem aperradas. Refere Walsh que havia muitas fazendeiras viuvas que, embora moças, governavam muito bem fazendas e escravos; tão bem quanto os maridos.

Proseguindo a marcha pela Serra da Estrella acima teve o nosso capellão o ensejo de se deleitar com os aspectos, a elle ineditos, da maravilhosa floresta tropical.

Magnifica região virgem aquella! destinada a enorme futuro para a melhoria das condições de vida dos humanos.

Já aliás se verificava notavel movimento no sentido do progresso da lavoura entre os brasileiros e tanto o rei D. João VI como seu filho o Imperador haviam procedido do modo mais judicioso a ennobrecer estes lavradores pioneiros da civilização.

Assim fizera com o dono daquellas vastas terras o barão joanino de S. João Marcos que D. Pedro I acabava de elevar ao marquezado.

Os europeus, no emtanto, procuravam tolamente ridicularizar a nobreza agraria do Brasil. A tal proposito escreve Walsh os seguintes e judiciosissimos conceitos.

"No estado presente deste paiz é o lavrador o promotor de seus mais uteis interesses. Aquelle que faz nascer do solo uma utilidade, que alli jamais existira, merece que o seu governo lhe confira grandes honras e distincções. Não só o merece como tem direito de exigir tal preito pelo que fez, como pelo que obra, como exemplo, para os seus compatriotas.

A mais alta nobreza européa não datava os brazões dos trabalhos de seus antepassados nos campos? Chegara o momento em que a do Brasil assim procederia. Quem merecia mais? O constructor ou o destruidor? Os agricultores não estavam nesta segunda categoria, como utilisadores de lugares desperdiçados?

Da séde da fazenda do Marquez de São João Marcos teve Walsh impressão menos agradavel. Era uma casa comprida, caiada de branco, com ares de tulha, de janellas irregulares, sem jardim nem pomar que a cercassem.

Occupava o centro de uma aldeiola irregular de suas oitenta ou noventa casinhas onde moravam os escravos da fazenda. Aliás estavam estes ausentes nas lavouras. Havia, porém, muita creançada a brincar num grammado ou a banhar-se num rio proximo. Achou Walsh que as bemfeitorias do marquez contrastavam fortemente não só com a belleza do ambiente como com o aspecto das lavouras que por toda a parte appareciam nas en-

costas das montanhas proximas onde havia notavel arroteamento de terras recem-derrubadas.

Esta fazenda do marquez, seria talvez, a do *Sertão*, mais tarde pertencente a seu filho Pedro Dias Paes Leme.

Explica Walsh que a conferencia do titulo redundara para o marquez numa causa de serios prejuizos financeiros.

Creado barão portuguez por decreto de D. João VI, de 5 de fevereiro de 1818, fôra, talvez, o primeiro brasileiro agraciado com um titulo pelo rei portuguez; o segundo, quer nos parecer, era o barão de S. Simião, Paulo Fernandes Carneiro Vianna, agraciado no dia immediato e o terceiro o barão depois marquez de Itanhaen em 1819.

Para corresponder á munificencia regia tivera o futuro marquez de alargar, e muito, o seu estadão; dahi a necessidade das restricções de despesas, em detrimento do conforto de sua casa grande.

"A frequencia á corte, diz Walsh, a proposito dos fazendeiros de café enobrecidos, diminue muito os recursos dos agraciados e a vida no Rio afasta-os da permanencia nas fazendas.

Assim quasi toda a nobreza sente-se embaraçada grandemente. Desta arte o patriotico marquez, vê-se, segundo me disseram, privado de ter residencia decente na fazenda apezar de tão altamente haver contribuido para a melhoria das condições da sua vizinhança."

Encontrou o viajante dois de seus filhos, de partida para o Rio. Eram lindos moços, elegantemente trajados e montados, o que tambem se dava com o seu sequito de pagens. Assim se havia deficiencias na fazenda do Marquez de São João Marcos nunca occorriam no apetrechamento do pessoal que se achava á altura da condição social do illustre fazendeiro, herdeiro por varonia do grande Fernão Dias Paes, seu quarto avô.

Acompanhando o valle do rio Sant'Anna chegou Walsh ao grande rancho do Botaes no alto da serra. Lá se hospedaram elle e o companheiro, em casa de velho fazendeiro que aliás lhes deu excellente jantar e pouso. Infelizmente não lhe menciona o nome.

Era um homem já grisalho e corpulento, cavalheiroso e cordeal. Morava em lindo lugar, dominando o valle e possuia bons cafezaes.

Durante o jantar uma mucama negra poz-se subitamente a fazer gestos e a tomar attitudes que aos dois inglezes muito surprehenderam, delles maliciando.

E no emtanto correspondiam a projectos os mais honestos. Tudo quanto haveria de mais honesto, *pour le bon motif*.

Demos, porém, a palavra ao proprio Walsh:

"Descobrimos depois que esta singular mimica se prendia a um feitio curioso dos costumes brasileiros."

O velho e a mulher não tinham filhos, assim haviam adoptado uma sobrinha. Esta senhorinha, pessoa de muita bella presença, como fosse candidata á boa herança do tio, já pensava em encontrar companheiro, agradavel e condigno, de compartilhar de suas terras e haveres. Avistando o meu companheiro achou-o a bella Victorina em condições de corresponder ao seu ideial. E como os costumes locaes não lhe facilitassem o ensejo de lhe falar valera-se da creada para lhe significar a sua inclinação e tornal-o sciente de que se sobre elle actuassem sentimentos identicos estaria prompta a lhe dar a mão de esposa e a herança esperada do bom tio."

Declara Walsh que esta historia lhe causou não só muito espanto como divertimento. Mas o moço, aliciado pelo inflammavel Victorina, o Snr. Milward, muito mais sabido do que elle, nas cousas do Brasil, paiz onde as senhoras eram muito sensiveis, não se deu de todo por achado.

"Bem conhecia quanto a reclusão em que viviam as brasileiras de posição lhes permittia poucas opportunidades de escolha de maridos que as tornassem felizes.

Assim se alguma occorria procuravam não a perder. Este desvio dos protocollos europeus em nada depunha contra a delicadeza feminil.

Vivia a jovem e bella Victorina, no fundo da casa, ao lado da tia, fiscalisando o serviço domestico da fazenda e parecia retrahida e desconfiada e absolutamente alheia á pretensão de attrahir a admiração de quem quer que fosse a não ser a da pessoa que lhe fizesse pulsar o coração ingenuo. Assim tivesse o meu amigo querido fixar-se nesta rica propriedade! Ella lhe seria uma esposa boa e amavel."

Mas outros eram os designios do Mr. Milward que não quiz, mais uma vez, alli justificar o velho proloquio portuguez do casamento e mortalha.

Assim não ligou importancia á exquisita declaração amorosa da jovem e inflammavel fazendeira, herdeira de bellas lavouras de café.

Quem seria esta Victorina que pelas vizinhanças de 1828 era rica herdeira de fazendas das encostas da serra de Botaes? E' o que o nosso autor não esclareceu.

Na mesma fazenda de D. Victorina encontrou Walsh um mineiro pertencente ao esquadrão da Guarda de Honra de D. Pedro I. Voltava á sua provincia furioso com o Imperador. Pertencendo a um corpo de fidalgos vira-se tratado (e o mesmo

se dera com seus camaradas) como a mais vulgar das praças de pret! forçado a serviços de tarimbeiro!

Conducta impolitica do monarcha, commenta o Reverendo a que o levava a agir desta maneira em relação a numerosos gentis-homens ricos e influentes.

Na fazenda do tio da sensivel Victorina viu Walsh um monjolo a trabalhar, machina que lhe pareceu a mais inefficiente e mal-ajambrada. Não sabia, porém, que era o typo do mecanismo eternamente prompto, jamais azangado. A tal proposito commenta o nosso autor que os lavradores brasileiros vinham a ser os mais rotineiros, e adversos ao emprego de machinismos.

Proseguindo em sua marcha para Minas, e tendo vencido segunda serra, ainda mais bella que a primeira, atravessou Walsh uma região onde maiores demonstrações occorriam ainda, daquelle espirito de progresso que parecia, onde quer que houvesse até agora passado, ter-se radicado no Brasil fluminense.

Enormes derrubadas se faziam na matta. E por toda a parte surgiam as roças cerealiferas que com certeza ensombravam os cafezaes novos.

Ao longo da estrada multiplicavam-se os ranchos e vendas recentes. Passou por Gramma e Matacães lugarejos da estrada ligando o Rodeio a Vassouras. De milha em milha via-se uma venda, com o indefectivel rancho, apinhado de almocreves e com os arredores cheios de mulas e juntas de gado.

"Quando consideramos que ha muito poucos annos atraz estas montanhas eram a grande barreira para a rica provincia de Minas Geraes, attingivel por outra estrada, com desenvolvimento muito maior, ficamos espantados do espirito de energia e progresso que o presente estado de cousas revela.

Estas montanhas selvaticas e desertas acham-se actualmente tão transitadas por viajantes e trafegadas por mercadorias como qualquer estrada da Inglaterra que esteja afastada de capital ou das grandes cidades."

Passou Walsh por Vassouras, cujo nome estropia para *Bassura*. Nada diz do que viu na, dentro em breve, capital do café brasileiro. Aliás começava a freguezia a desenvolver-se apenas.

Descendo pelo valle do riacho, pomposamente appellidado Rio das Mortes, foi o capellão inglez dormir á margem do Parahyba, espantando-se da enorme quantidade de sapos untanhas ou ferreiros cujo martellar fel-o acreditar na vizinhança de alguma grande officina metallurgica. Atravessando o Parahyba attingiu o viajante o rico valle onde estavam as fazendas do Marquez de Baependy.

Acerca deste titular expende o nosso viajante uns conceitos que bem revelam a sua ignorancia das cousas do Brasil:

"Penso que se trata de um destes recem-ennobrecidos, que, como já notei, obtiveram titulos decorrentes de seu enriquecimento como landlords e agricultores".

Nem sabia o nosso inglez quem era Manuel Jacintho Nogueira da Gama, doutor em mathematicas pela Universidade de Coimbra, lente da Real Academia da Marinha de Lisboa, Marechal de Campo, deputado á Constituinte, ministro da Fazenda em 1823, senhor do Imperio e presidente do Senado em 1826! Viera-lhe a fortuna do casamento com a filha do riquissimo Braz Carneiro Leão.

Possuia o Marquez enormes terras que, pretende Walsh, confinavam com o enorme districto outróra dos jesuitas e sobre elles confiscado pela Corôa. Depois de algum tempo de marcha para o Norte verificou o viajante que alli se detivera a onda do progresso avassalador da margem meridional do Parahyba. Reappareceram as enormes mattas virgens povoadas de simios e psittacideos.

Em todo o caso, por toda a parte, na estrada se via o rastro das tropas e das boiadas.

Passadas tres horas de marcha attingiu o viajante Valença "primeira collecção de casas que me apparecia desde o Rio."

Este depoimento mostra que a villa era mais consideravel então do que a sua futura rival de além Parahyba: Vassouras.

"Eis ahi a prova notavel da lenta progressão do povoamento neste paiz! Passado um decurso de tres seculos não havia dentro de um raio de cem milhas de capital uma unica cidade!"

Em Valença residiam os remanescentes de quatro tribus: os Tupys, Ararys, Pitas e Xumetos (?) Consistia a villa de cincoenta e sessenta casas com uma igreja, tudo edificado sem a menor regularidade, numa encosta de collina.

A' base desta notava-se uma estalagem de aspecto confortavel. Nelle havia uma sala de jantar, asseiada, com cadeiras patrioticamente verde amarellas, uma mesa recoberta por oleado, adornada de espelhos com cortinas ás janellas! Pasmoso n'aquellas alturas!

Pediu o viajante agua para refrescar o rosto pois fazia muito calor, e trouxeram-lhe grande travessa cheia e raza. Solicitou depois sabão e veio-lhe um pedacinho minusculo de certa massa que lhe pareceu barro pardacento e do tamanho de uma ervilha! Como o nosso inglez se mostrasse espantado trouxeram-lhe então uma espiga de milho esbrugada cheia daquella terra pardacenta que lhe disseram ser sabão feito com cinzas das vassouras, plantas ricas em potassa.

Tal sabão era pessimo, porém. "Bensuntou-me o rosto e as mãos do modo mais immundo" que repetidas lavagens difficilmente conseguiram limpar.

O almoço apresentou-se solido, solidissimo. Enorme pratarrazio de carne de porco, infelizmente nadando em banha, fumarenta e larga travessa de legumes cozidos, uma terrina immensa de feijão preto, cozinhado em verdadeiro desperdicio de toucinho e uma terrina de ovos fritos!

Este cardapio gorduroso estava em tal desaccordo com o calor acabrunhador do dia que os viajantes torceram o nariz ao repasto.

Com summo desprazer pelo banhento *menu pediram* pois um pouco de chá com leite. Mas era o que não havia na Valença de 1828. Nem chá nem leite!

"E' simplesmente pasmoso tal facto, commenta o desconsolado inglez, quando acabavamos de ver milhares de bois pelas estradas e vaccas pastando em quanto morro haviam divisado! E no emtanto nem uma unica gotta de leite encontravamos! e isto depois de batermos em muitas casas! Os habitantes deste lugar parecem que de todo não bebem tal liquido assim como totalmente desconhecem a manteiga! Vendo-nos desconsolados o estalajadeiro trouxe-nos um garrafão de vinho portuguez, aliás de optima qualidade, que reservava *ad usum amicorum*. Tirou-lhe a poeira e as teias de aranha, desarrolhou-o deu-nos um vinho tinto admiravel a que gabou infindavelmente".

Após estas libações opportunissimas teve Walsh o ensejo de assistir a uma scena cruel, "altamente repugnante aos seus sentimentos de europeu". A' porta da estalagem appareceu um comboieiro de escravos querendo dispor de cerca de trinta captivos, entre homens e mulheres, adultos e creanças. Era um sujeito alto, bronzeado, de facies cadaverico, com um tufo de cabellos a cahir sobre um rosto avelhacado e energico. Provavelmente algum daquelles muitos ciganos cariocas que quasi monopolisavam o commercio de escravos no interior do Brasil.

Vestia jaqueta e calças azues, usava longas botas folgadas com esporas de prata. Cobria-o grandissimo chapéo ornamentado de fitas largas, e trazia á mão um chicote de duas pernas. Brandiu-o sobre as cabeças dos captivos que se puzeram em fila para o exame; varios delles, sobretudo as creanças, tremiam como varas verdes. Ahi o tal comboieiro percorreu a villa convocando os compradores e quando estes affluiram abriu os negocios.

Teve Walsh a impressão de verdadeira feira de gado, ao ver os pretos andar e correr, em passadas diversas, pular, afim de mostrarem a agilidade de que dispunham. Tudo isto faziam-

no estimulados uma vez ou outra por meio de relhadas reguladoras dos movimentos.

Tiveram depois os escravos de gritar, e até berrar, para darem um attestado de vigor dos pulmões.

Entre os compradores viu Walsh uma senhora, typo de brasileira abastada. Apezar do calor torrido, trajava um corpinho de lã vermelha, trazia chapéu de feltro redondo, de fabricação ingleza, por sobre uma especie de turbante, com ares de carapuça nocturna. Estava luxuosamente calçada e usava meias de seda. Acompanhava-a um escravo a carregar um guarda sol aberto.

A Walsh irritou a attitude da fazendeira, "andou longamente por entre os escravos como se quizesse tornar bem frisante o contraste entre a arrogante importancia propria e a miseria daquelles desventurados."

Afastando-se do repugnante espectaculo não tardou Walsh em ser abordado por um individuo exquisito que vestia uma especie de collete de ramagens de cores espalhafatosas. Falava um inglez assaz macarronico e contou-lhe que era um medico allemão morador da aldeia.

Falou horrores do modo pelo qual os fazendeiros da redondeza tratavam os escravos: "com a maxima deshumanidade."

Só lhes davam escassas rações de farinha e jamais carne, obrigando-os a serviço de quatorze horas, expondo-os ás alternativas de calor, do frio, e da chuva, sem o menor cuidado pelo seu conforto, quiçá, mesmo, pela vida dos miseros.

Tambem a mortalidade alli superava immenso a natalidade e assim, não fôra a continua compra de novos escravos não haveria, dentro em breve, um só negro nos arredores de Valença.

Elle, medico, possuia dois escravos a quem tratava bem. Gabou-se de esbofar-se por demonstrar aos seus vizinhos que era uma estupidez o que faziam, deteriorando o proprio capital.

Se não fosse por obediencia a sentimentos humanos, ao menos, que attendessem ás instigações do interesse financeiro. De Valença seguiu Walsh para Rio Bonito, por lindo caminho. O que não era nada bonito vinha a ser exactamente o Rio Bonito onde chegou á tarde. Situava-se numa planicie suja, desleixada, desnudada e pantanosa.

A fazenda onde pousou pertencia a um sujeito opulento que possuia uma legua quadrada de terras.

Não quiz hospedar os inglezes; mandou que ficassem no rancho aberto aos quatro ventos. Afinal, como fizesse muito frio permittiu que se recolhessem á sua venda, onde, no chão de

terra batida, dormiram atropellados por legiões de ratos e morcegos.

Pretende Walsh que os ratos valencianos tinham a ferocidade dos animaes das selvas. Contaram-lhe que haviam quasi devorado os pollegares dos pés de vinte escravos de um fazendeiro, quando profundamente adormecidos pelo excesso de trabalho.

Espavoridos com esta vizinhança de ratazanas e vampiros domiram os dois inglezes sobresaltadissimos enrolados nos capotes, enluvados e botados. Felizmente acordaram integros mas a primeira cousa que viram foi, á porta da venda, uma pobre vacca mutilada pelos ratos, e sangradissima pelos morcegos. "Alli estava viva e eloquentissima demonstração da ferocidade dos nossos companheiros nocturnos".

Pela vizinhança pastavam vaccas sem tetas, amputadas pelos pavorosos roedores.

Sahiu Walsh do Rio Bonito sem saudades, comprehende-se bem "the most odious and dismal (lugubre) place we had seen". Em todo o caso foi generoso, não publicou o nome do tal fazendeiro adverso á pratica da hospitalidade.

De Rio Bonito em deante continuava o terreno muito accidentado e densamente florestado ainda. Nelle occorriam bambús de singular belleza e dimensões.

Numerosas cruzes se viam á beira do caminho.

Pensavam muitos que assignalavam lugares onde haviam commettidos assassinios; mas nem sempre era isto. Tambem correspondiam a mortes naturaes por accidente, ou raio, e ainda no desempenho de votos piedosos.

Raros os casos de assalto para o roubo. Provinham os crimes da irritabilidade dos pretos e sobretudo da dos mulatos que acompanhavam os tropeiros, todos sempre armados de facatazes immensos, instrumentos de morte, frequentemente sacados nas brigas entre arreeiros e almocreves. Procediam de Birmigham e Sheffield estas armas.

Tambem se viam á beira da estrada mulas mortas ou moribundas, devoradas, ou prestes a sel-o pelos urubús. Quando um destes pobres bichos cahia e o tropeiro via que se não levantaria mais não se dava a maior trabalho a seu respeito. Contentava-se em lhe tirar a cangalha e entregava-a aos abutres.

Linda a descida para o Rio Preto que occorria no mais bello valle. Rio Preto ou Presidio era uma "cidadesinha muito bonita" com sessenta ou setenta casas caiadas de branco, emmoldurando duas ou tres ruas espaçosas, muito limpas. Alli se deparavam aspectos de conforto que os viajantes ainda não tinham percebido, desde a sahida do Rio de Janeiro.

Havia um registro onde pontificava um empregado guarda barreira de farda azul e ricas dragonas douradas! Examinou a bagagem do Reverendo onde notou objectos que provocaram intensa curiosidade geral não só do funccionario como de muitos riopretenses. Notou Walsh numerosos papudos no lugar; alguns delles affligidos por enormes bocios.

Hospedou-se na fazenda do Funil que pertencia a uma senhora brasileira, moça e rica, corpulenta e muito bem humorada. Achou-a a fazer toucinho com os escravos.

Como por alli houvesse uma vacca leiteira os inglezes deram-se ao luxo de preparar chá com leite offerecendo-o a provar á sua hospedeira que aliás lhes pediu tal obsequio. Já ouvira falar da mistura mas não a conhecia. Não quiz por-lhe comtudo nem nata nem assucar e pediu uma chavena para a sobrinha, que estava doente.

Observa Walsh que a gente do interior do Brasil entendia que leite era cousa para se tomar sómente como remedio.

A' noite appareceu-lhe um vizinho que cortejava a fazendeira. Armado de guitarra dedicou-lhe interminavel serenata com incrivel perseverança, tocou-lhe uma melopéa, selvatica mas suave, que serviu de embalo aos viajantes. Acordou Walsh diversas vezes, a horas avançadas, e ouviu o infatigavel trovador a serenatear a sua querida.

Do Rio Preto em deante cessavam quasi completamente as mostras de cultura até ás vizinhanças de S. José e de S. João d'El-Rey.

Destas cidades foi Walsh a Ouro Preto voltando a S. José de onde rumou para Barbacena com intenções de percorrer, na viagem de volta, itinerario diverso do de ida, pela estrada da Estrella.

Descendo para o Rio chegou á fronteira fluminense e de sua jornada deixou o relato de alguns incidentes interessantes e bem typicos dos costumes do tempo. Não tem, porém, uma unica palavra que se refira ao encontro de uma plantação de café, unica que seja.

Depois de atravessar o Parahyba seguiu o reverendo o valle do Piabanha que se obstina em chamar *Piabunda*. Da região atravessada declara que era a mais cultivada de quantos conhecera até então no Brasil mas nada pormenorisa dos generos de cultura alli existentes.

Chegando ao porto da Estrella foi que o café lhe chamou a attenção. Declara que o espectaculo da actividade deste lugar causava impressão. De manhã á noite era um movimento immenso com a chegada e a partida de tropas carregando café, milho, farinha, algodão, aves, fructas e outros artigos. Jamais

presenciara o viajante tamanha actividade commercial. Tres grandes barcaças, de 70 a 80 toneladas, estavam no porto a carregarem. E o nosso inglez partiu numa dellas para o Caes dos Mineiros.

Numa viagem que passado pouco tempo fez a Theresopolis em companhia do seu embaixador Lord Strangford, ainda verificou Walsh que, entre Magé e Freixal, havia, na baixada numerosas plantações de café.

Livro assaz escasso hoje é *L'empire du Brèsil souvenirs de voyage par N. X. recueillis et publiés par J. J. E. Roy*, impresso por Alfredo Mame, o celebre editor catholico de Tours, em 1861.

Começa por um escorço da historia brasileira, baseado, sobretudo, nas obras de Ferdinand Denis. Deve o tal Snr. N. X. (ou por elle o tal Snr. Roÿ) ter sido um impostor absolutamente destituido de qualquer moral. E' mais provavel, a nosso ver, que nem haja existido N. X. algum e Roy se haja aproveitado do subterfugio para publicar a sua obrazinha e com ella ganhar alguns francos surripiados á boa fé do honrado editor e do publico francez.

E com effeito tudo o que o supposto ou verdadeiro N. X. declara lhe haver succedido, numa viagem do Rio de Janeiro a S. João d'El-Rey e a Ouro Preto, em 1860, não é senão a sordida apropriação dos trechos das *Notices of Brasil* em que Walsh relata a sua excursão em 1828 ao realizar neste mesmo itinerario. Diz o nosso autor que sahiu do Rio em companhia do rico relojoeiro francez Snr. Valtier em direção á Serra da Estrella. E desde o principio começa a mentir *comme un arracheur de dents*. Assim relata como se tendo dado com a sua pessoa os diversos episodios de estrada occorridos com Walsh, trinta annos antes! Nada mais sordido nem mais servil do que esta adaptação ineptissima.

Assim no capitulo sexto consagrado a Valença lemos exactamente tudo o que succedeu ao viajante inglez em 1828 como havendo acontecido ao falsificador francez de 1860.

E' simplesmente incrivel tamanha desfaçatez e tamanha inepcia. Nem sequer procurou o mentiroso alterar, por pouco que fosse, a narrativa de sua esbulhada victima.

Assistiu N. X., em Valença, ás mesmas scenas de venda de escravos, viu a mesma fazendeira rica, vestida da mesma maneira, a comprar africanos. Almoçou no mesmo restaurante, mobiliado, da mesma maneira, etc., etc.

O que vai por ahi adeante regula-se pelo mesmo teor. E' simplesmente inaudito tamanho desbrio litterario como este de que foi victima o honrado editor Alfredo Mane de Tours.

Que confiança poderemos pois depositar nas paginas em que o tal Roy descreve as impressões do seu indigitado viajante colhidas no Rio de Janeiro antes da falsa viagem a Minas?

Não sabemos de onde se apropriou de taes noticias. Com certeza saqueou diversos autores, á direita e á esquerda, apezar de se referir a diversos individuos da colonia franceza carioca, em 1860, cujo testemunho invoca.

Assim não perderemos tempo analysando o que em tão réles falsificação occorre em materia de pormenores sobre lavouras de café, o trafico de escravos e o commercio do Rio de Janeiro.

O mais interessante, cousa que frisa a inconsciencia até, vem a ser o facto do tal Roy ousar citar as tão plagiadas *Notices of Brasil*.

Antigamente taes *supercheries* litterarias eram as mais communs, não ha litteratura em que não tenham abundantemente occorrido.

Estava-se em plena vigencia daquella mentalidade que tão felizmente se synthetisa no famoso proloquio do molieresco *je prends mon bien partout où je le trouve* repetição milliar do virgiliano *de stercore Ennii*.

E' porém, realmente extraordinario que em plena metade do seculo XIX se reproduzissem taes factos num paiz supercivilizado como a França e com a desfaçatez impudente e provocadora de quem realizou a apropriação das paginas de Walsh.

A interpretação dos povos e das linguas já era assaz intensa para que o falsificador devesse receiar comprometter-se seriamente apresentando, como de sua autoria, trabalho de outrem.

Mas tal não se deu e assim pensamos que até hoje não se tenha desvendado a pequena patifaria litteraria do amonymo a que a boa ou a má fé de J. J. Roy deu curso, na serie de publicações sempre tão honestas de Alfred Mame, de Tours.

James Holland, *the blind traveller*, tão conhecido dos inglezes, nasceu em 1787 e falleceu em 1857. Apaixonadissimo de viagens entrou para a marinha de guerra britannica e aos vinte e cinco annos ficou completamente cego.

Pois apezar disto, como que lhe recresceu o desespero itinerante. De 1819 a 1821 percorreu larga região da Europa Central. Em 1822 viajou o anno todo pela Russia e passou á Siberia chegando a Irkutsk. Estava com a tenção de percorrer a Mongolia e a China, quando, uma ordem expressa do Czar Alexandre I, fel-o desistir de tal projecto.

Voltando á Inglaterra emprehendeu longa viagem de cinco annos completos á volta do Mundo passando pelo Brasil, o Cabo

da Boa Esperança, Madagascar, a India, que percorreu muito longamente, e a Australia.

Ainda em 1843 fez enorme percurso pelos paizes balkanicos. Seus escriptos tiveram grande repercussão pelo pittoresco de se tratar de obra de um cego. Mas como é natural pouco valia apresentam pois apenas pôde James Holland referir impressões de outrem.

Vindo da Africa onde aportara na Madeira, Canarias, Cabo Verde, Fernando Pó, Serra Leôa, e Cabo da Boa Esperança, surgiu Holland no Rio de Janeiro em julho de 1828.

Como não pudesse "aquecer logar" acceitou um convite para visitar as minas do Congo Socco o que representava realmente um prazer extraordinario. Uma jornada de cem léguas a cavallo e por que caminhos! Pois lá se foi o nosso *blind traveller,* guiado pelo Capitão Lyon, director chefe da Imperial British Brasilian Mining Company e tres patricios.

Do seu itinerario refere uma serie de toponymos ora certos, ora horrivelmente estropiados.

A tarde de 2 de agosto de 1828 declara haver passado numa pequena propriedade de certo inglez Mr. John Mac Dill, antigo minerador do Congo Socco. Estava derrubando matta para plantar café a doze milhas de Botaes, na estrada da Parahyba do Sul.

Neste lugar pousou nada inscrevendo em seu canhenho sobre o antigo arraial de Garcia Rodrigues Paes onde atravessou o grande rio do café.

No dia seguinte almoçou em Valença onde a sua chegada causou enorme arvoroto.

Boquiabertos contemplaram-n'o os valencianos, em peso, pretende, attonitos ante as suas barbaças e a sua qualidade de itinerante cego. E fizeram-lhe mil perguntas — Como pode o Sr. viajar? porque viaja? porque usa tão longa barba? O Snr. é Padre? ou é Missionario?

Tão impertinentes se mostraram taes indiscretos que o nosso Holland declara ter-se sentido feliz, abrigando-se a uma casa de portas cerradas. A tal proposito commenta ironico que comprehendia o pasmo dos bons valencianos ante as suas barbaças pois nunca tinham tido o ensejo de ver gente de raça diversa da sua. "Mas o seu espanto não foi menor que o meu ao descobrir que viviam destituidos de um appendice que na zona torrida era afinal um attributo luxuoso e uma utilidade. Os orientaes usavam barba não só por habito nacional como por conveniencia". Elle Holland entendia que tal cabellaça lhe protegia as faces, o queixo e eventualmente o pescoço.

Assim sentia verdadeira volupia ao cabo de um dia de viagem e ao lavar o rosto, em deixar a barba humida produzir evaporação refrigerante.

Tendo mandado buscar oleo de ricino a uma botica este facto causou nova admiração aos valencianos. Como é que um doutor comprava este artigo tão vulgar na zona que até servia como azeite de illuminação?

Em fins de 1837 surgiu no Rio de Janeiro o Rev. Daniel P. Kidder, missionario americano vindo ao Brasil afim de examinar as condições do paiz no sentido de verificar se o terreno seria ou não propicio a uma campanha activa e energica de propaganda protestante.

Em 1845 publicaria o Rev. Kidder, em dois volumes, os seus *Sketches of residence and travels in Brazil* obra interessante e agradavel de se ler. Viajara pelo Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará. A parte mais consideravel deste livro consagra-se á permanencia do autor em terras de S. Paulo. Tinha Capistrano este relato em grande apreço pela singeleza e sinceridade de suas paginas.

Descrevendo as scenas do centro commercial do Rio de Janeiro, diz Kidder que o espectaculo observado na rua Direita das 9 da manhã ás 2 da tarde era de extremo pittoresco e animação. Limitava-se a este periodo o prazo diario para a carga e descarga dos navios e estas cinco horas coincidiam com as do expediente aduaneiro.

A vizinhança da Alfandega era o que á rua Direita dava tamanha animação. O facto é que havendo no Rio senão escassissimos carros e carretas todos os transportes se faziam manualmente, salvo quanto a volumes de extremo peso. Dahi a circumstancia de se verem fileiras de negros levando pesos á cabeça, em todas as direcções.

Os carregadores de café, estes iam em filas de dez a vinte individuos guiados por um capataz, o qual marchava á frente dos outros. Eram em geral latagões dignos de figurar entre os maiores e mais robustos specimens humanos.

Quando trabalhavam, raramente usavam mais roupa do que um par de curtas calças. A camisa, elles a supprimiam por lhes difficultar os movimentos. Geralmente marchavam tendo á cabeça um sacco de 160 libras (5 arrobas) ou 73 e meio kilos approximadamente.

Quando todos estavam promptos partiam numa especie de trotada que logo tomava aspectos de corrida.

Com uma unica mão lhes era sufficiente para assegurar a estabilidade da carga, frequentemente levavam na outra instru-

mentos musicos lembrando os chocalhos das creancinhas. Agitavam-n'as violentamente num rythmo selvatico ethiopico a que acompanhava uma cantoria.

"Tem a musica poderoso effeito hilariante sobre o espirito dos negros, affirma Kidder, e ninguem certamente pensará em negar o privilegio de abrandar a rude tarefa que lhes cabe produzindo esta harmonia de sons, a elles suaves embora grosseiros para outros ouvidos.

Contaram-me comtudo que se fizera a tentativa de se prohibir a cantoria dos negros, afim de se obter maior silencio pelas ruas. O resultado fôra a diminuição, accentuada, do rendimento de seu trabalho e mesmo até a quasi extincção deste. Dahi o restabelecimento da permissão.

Certamente não avaliavam o exacto valor dos privilegios vocaes de que dispunham como cousa prazeirosa, cantando ou urrando uns para os outros quando corriam ou apregoando aos passeantes os artigos commerciaes que vendiam.

A impressão causada aos estrangeiros pela audição daquellas centenas de vozes naquelle diapasão era das que não se desvaneciam tão cedo.

Sahindo do Rio a 15 de janeiro de 1839 em direcção a Santos, num navio superlotado de passageiros, apanhou Daniel Kidder tremendo furacão que quasi lhe poz a pique o calhambeque.

Aportando a Mangaratiba declara que alli se embarcavam annualmente cerca de 400.000 saccos de café.

Seguindo para Angra dos Reis notou que na fertil planicie de Mambucaba se plantava muito café ao lado de arroz e mandioca. A Ilha Grande e S. Sebastião eram portos de grande procura dos negreiros perseguidos pelos cruzeiros inglezes. A vizinhança do Rio e de Santos trazia-lhes optimos requisitos. E ironicamente commenta o missionario americano: "é talvez o que explique a presença de um vice-consul de Portugal em São Sebastião".

CAPITULO CVIII

O Conde de Suzannet e as suas jornadas no Brasil em 1843 — Um reparador sobremodo acre e aspero — Informações sobre as lavouras cafeeiras fluminenses — Um casandra falho

O conde de Suzannet que em 1846, publicou os seus *Souvenirs de voyages,* relativos ao Caucaso e ao Brasil, era filho do titular do mesmo nome, dedicadissimo aos Bourbons, e a Luiz XVIII, e chefe das tropas realistas, anti-napoleonicas, morto em combate na segunda guerra da Vendéa, em vesperas de Waterloo.

A revolução de 1830 incompatibilisou-o com o novo governo francez. Poz-se a viajar longamente, e em fins de 1842, appareceu no Brasil, paiz que viu com os olhos da malevolencia e da acrimonia, embora confessasse que, em geral, nelle foi sempre muito bem tratado, e louve a hospitalidade brasileira.

No Imperio americano realizou Suzannet assaz longa viagem, em 1843. Foi do Rio de Janeiro a Diamantina e dahi a Belmonte onde embarcou para a Bahia. Percorreu depois toda a nossa costa até o Pará de onde partiu para a Europa.

Antes de chegar ao Rio de Janeiro esteve em Buenos Aires, apreciando muito o convivio dos portenhos, apezar de notar que a infeliz Argentina, submettida ao jugo ferreo de Rosas levaria muito tempo ainda para se organizar. Ia-se-lhe apagando a civilização dentre em breve em via do desapparecimento, graças ao ascendente de um chefe "cuja autoridade repousava sobre os instinctos selvaticos dos homens do campo."

Ao entrar na tão gabada Guanabara teve o conde *chouan* real decepção. Era enorme e por este motivo a sua visão perturbava os contempladores sem lhes permittir uma apreciação de conjuncto. Não offerecia o espectaculo imponente das bahias de Napoles e Constantinopla. Das montanhas que a assignalavam nenhuma merecia menção a não serem o Pão de Assucar (cone escalvado, mas estrambotico do que magestoso, e o *Carco-*

val (sic). Nem a Gavea mereceu uma mençãosinha nesse desdenhoso *le reste ne vaut pas l'honneur d'être nommé*...

Havia no Rio alguns bairros encantadores, comtudo como Botafogo e Cacete (sic). Mas a cidade em seu conjuncto era simplesmente horrivel. E a mais enfadonha do mundo, com a sua Côrte onde reinava um imperador de vinte annos, cujos gostos e habitos em nada differiam dos de um velho.

Os ministros deste jovem ancião achou-os Suzannet cheios de incapacidade e pretenção. Não viu um só homem de valor na alta politica brasileira. Além de tudo ignorantissimos, nada sabiam os conselheiros de Pedro II das cousas de seu paiz cujas necessidades desconheciam por completo na crassa insciencia daquillo que no emtanto tanto deviam saber.

As damas da Côrte, e da alta sociedade carioca, pareceram-lhe pretenciosissimas, apezar da vida de semi-escravisadas que levavam. As mulheres no Brasil viviam além de tudo humilhadas constantemente pela dissolução domestica e os gostos ancillares de seus maridos que lhes impunham o convivio de odaliscas escravas e seus bastardos.

Do jovem imperador teve o viajante má impressão. Homem doentio, prodigiosamente timido, cheio de constrangimento e de frigidez, tão teimoso quanto indolente e fraco, nunca falava! Apenas fazia gestos! Encarava os interlocutores com olhares inexpressivos e fixos. Como parecia tristonho e infeliz aquelle monarcha de vinte annos cuja gravidade em vez de inspirar respeito infundia compaixão!

Reencarnara-se Dom João VI em seu neto que nunca se mostraria á altura de encargos exigindo intelligencia poderosa e vontade firme.

Tão malevolo este retrato que a Dom Pedro II achou Suzannet, baixote! Pequeno, um homem de um metro e oitenta e dois centimetros de alto? Mais não precisamos dizer...

Horrores relatou o Conde francez dos costumes do Brasil, da immoralidade dos homens, do abjecto modo de viver do clero, da corrupção administrativa, da falta de garantias policiaes e da justiça, e por ahi afóra.

Até da lingua portugueza maldiz. Achou-a dura e gutural. Como se alguem possa achar bella uma lingua que não comprehende! Cousa curiosa, porém! Não se queixa, como tantos viajantes de seu tempo dos maus pousos das estradas, embora frequentemente affirme que a cozinha brasileira era abominavel e os nossos pratos nacionaes incomiveis.

Tem-se a impressão de que o Snr. de Suzannet deve ter sido tremendo mexeriqueiro. Recolheu grande numero de relatos os mais malevolos, ouvidos aqui e acolá sobre personalidades

do maior destaque, como por exemplo, o Marquez de Barbacena. E até sobre as pessoas relativamente obscuras em casa de quem se hospedou. Assim o documenta a malevolencia com que se refere a uma fazendeira, velha rica, e viuva, do Norte de Minas, que lhe deu ares de nymphomana.

Criticando a torto e a direito occupou-se Suzannet do café. E a tal respeito expendeu algumas cousas apreciaveis. Assim, por exemplo, ridiculisa os ensaios recommendados pelo governo brasileiro sobre a theicultura e a sericicultura, custosos, carissimos e de resultados os mais duvidosos.

Muito melhor seria que os brasileiros tratassem de melhorar as suas condições de preparo do seu café, do seu assucar, e do algodão! exclama com carradas de razão.

E referindo-se especialmente ao café, commenta; a desidia e a ignorancia dos fazendeiros já gravemente compremetteu a boa reputação de um producto importantissimo para a economia nacional.

Repelido outrora dos mercados europeus, dada a sua inferioridade positiva, provinda sobretudo do gosto de terra, contrahida pela sécca em solo humido e não pavimentado, o café do Brasil só fôra requisitado pelo commercio por causa da destruição das bellas plantações de S. Domingos e da diminuição das colheitas das colonias francezas da Martinica e da Guadalupe. A qualidade do café brasileiro era comtudo boa. Se houvesse mais cuidado com o seu beneficiamento conservaria o aroma. Os proprietarios obteriam, certamente, mais altos preços pelo producto. Em 1842 exportara o Brasil setenta milhões de kilos.

Provinha quasi tudo da provincia do Rio de Janeiro, das terras que se altevam entre mil e mil duzentos metros (sic) acima do mar. Até os tres annos a arvore nada produzia, attingia, porém, maximo rendimento nos cinco annos immediatos. Com o cafezal bem capinado, e plantado espaçadamente, podia se contar com tres kilos de fructos por arvore.

Os fazendeiros podavam as arvores com mais de dois metros porque tal altura prejudicava a colheita, geralmente feita por escravos. O aspecto das arvores affeiçoava-se ao das pyramides de base igual á altura, attingindo cerca de sete a oito pés (2,31 a 2,64). Visitou o Conde fazendas bem e mal tratadas. Nas primeiras houvera cuidado no espaçamento das arvores, cujos galhos eram podados de modo a impedir que se entralaçassem. Fazendas conheceu em que o cafezal formava verdadeiras moitas de difficil penetração. Os fazendeiros intelligentes supprimiam certos ramos que não permittiam o bom arejamento,

impedindo as plantas de produzir abundantemente um grão que apezar de taes cuidados sahia de qualidade inferior.

Critica o nosso viajante o descaso do beneficiamento brasileiro. Deixavam os lavradores o café exposto ás intemperies, á chuva e ao sol até que a casca se separasse do grão. Poucas fazendas havia então que possuissem terreiros de pedra. Viu, porém, engenhos de pilões em actividade assim como ventiladores.

Não nos diz se os tres kilos de producção por arvore se referem ao café verde ou ao beneficiado. No segundo caso a producção seria de duzentas arrobas por mil pés, o que é evidentemente informação falsa, pois os cafezaes fluminenses nunca produziram tanto, sendo plantados em montanhas. Provavelmente tratava-se de café verde, o que ainda nos dá uma média muito elevada, umas 130 arrobas por mil pés, producção assim mesmo muito elevada, e superior a tudo quanto se relata das antigas médias fluminenses de colheitas. A cultura da canna é que estava na maior decadencia, dados os progressos da industria assucareira moderna. Os refinadores da Europa achavam que o assucar do Brasil perdia um terço do peso. Dahi a queda dos seus preços e o retrocesso da cultura da graminea ante o progresso da lavoura cafeeira.

Os senhores de engenho, misoneistas, repellindo a introducção dos mechanismos novos e a ajuda dos technicos, limitavam-se a culpar o governo de sua ruina progressiva e da repulsa que os mercados mundiaes oppunham aos seus productos cada vez peores, em confronto com os de outras potencias.

"Certamente era o governo brasileiro culpado de não comprehender os interesses materiaes verdadeiros do paiz e não proteger mais activamente a exploração das legitimas riquezas nacionaes, mas, os erros dos poderes publicos de forma alguma justificariam a ignorancia e a cegueira dos productores."

Deixou Suzannet o Brasil sob muito má impressão. Não se concertaria um paiz que visivelmente ia de mal a peor. Com a sua mentalidade de conservador ferrenho chegou o nosso *chouan* a achar que perdera em tornar-se independente! Vivia no deficit a pensar em formulas governamentaes que de modo algum lhe melhorariam a sorte. A republica federativa seria ainda peor que a monarchia. O mal do Brasil não estava nas instituições e sim nos costumes publicos, na xenophobia vesga e idiota, na falta de uma classe dirigente, activa e culta. Era indispensavel recorrer á immigração européa para melhorar as condições do paiz. Emfim tudo prenunciava a ruina completa da monarchia e a integração do Brasil na anarchia geral latino-americana.

O regimen tributario e fiscal do Imperio era simplesmente deploravel. Para arrecadar a sua receita recorria o Brasil ás rendas alfandegarias, quasi exclusivamente. Taes direitos attingiam os consumidores sómente e não os negociantes. Elevavam-se as tarifas e as rendas aduaneiras diminuiam automaticamente. Contava o governo brasileiro, aliás, com a melhoria da situação, desde que expirasse o tratado commercial com a Inglaterra, muito oneroso para a nação americana.

Na viagem realizada do Rio de Janeiro á Bahia, passou, Suzannet pela estrada de Estrella a Parahyba do Sul, atravessou Juiz de Fóra, Barbacena, Ouro Preto, Diamantina, Grão Mogol e Belmonte. Conta que foi tratado com cordealidade por toda a parte, mas, logo, diminue a sympathia desta expansão com os seguintes conceitos: "Mais de uma vez tive de amaldiçoar a hospitalidade que os brasileiros offerecem tão generosamente! Se colloca o viajante a coberto das intemperies submette-o a uma formalistica ceremoniosa sempre desagradavel. Força-o a conversar ou a ouvir quando deseja dormir ou descansar. Atormenta-o com innumeras perguntas sobre o fim de sua viagem, sobre as impressões recebidas do Brasil, obriga-o a exprimir-se naquella lingua portugueza, tão guttural quanto dura. Dest'arte, passa tal hospitalidade a ser um constrangimento e as mais das vezes o viajante troca a liberdade por duvidoso conforto, pois o mais pobre albergue de nossas aldeias offerece maiores recursos do que as casas dos brasileiros ricos, vivendo no meio de seus rebanhos e escravos."

Mas ahi será o caso do leitor indagar do nobre conde "mais que diable alliez vous faire dans cette galère?"

Das lavouras encontradas não nos dá Suzannet quasi noticia. Apenas refere que viu grandes extensões de matta derrubadas, plantadas de milhares e milhares de cafeeiros novos. Iam desapparecendo as bellas florestas virgens brasileiras!

Do alto da Serra da Estrella viu o viajante, na baixada muitos cannaviaes, cafezaes e milharaes, e, sobre as encostas das montanhas, cafezaes e milharaes.

Descendo para as margens do Parahyba chegou á Parahyba do Sul onde a balsa só admittia a passagem de seis a oito mulas de cada vez. Assim frequentemente ficavam os viajantes detidos seis e mais horas á margem do grande rio.

Na Parahyba do Sul não pousou Suzannet. Foi ter a uma fazenda rodeada de mattas virgens, em cuja miseravel séde dormiu. Em torno de tal pardieiro avistou cafezaes, aliás muito mal tratados. Partindo dalli para Parahybuna viu, comtudo, por toda a parte, novas e largas derrubadas para o plantio do café e notou que a difficuldade e a desordem dos transportes no Brasil

fazia com que numa zona houvesse grande abundancia de generos e na contigua verdadeira carencia.

Com a revolução liberal de Minas quintuplicara o preço do alqueire de arroz passando de seis a trinta francos!

Percorrendo o territorio mineiro não mais fala Suzannet de cafezaes. Passou por Juiz de Fóra "mauvais village" onde havia então mais de cincoenta casas em construcção, signal evidente de progresso.

A proposito da *Princeza do Parahybuna* commenta: as terras, os predios pouco valor tem no Brasil, onde as populações se deslocam com a maior facilidade. O brasileiro não sabe aproveitar os terrenos que cultiva. Dentro em breve os esgota e então afasta-se a busca de terras virgens que após alguns annos abandonará. Esta vida independente e nomade é até a dos mais ricos cultivadores.

Sobre os fazendeiros do Brasil emittiu o *chouan* itinerante conceitos generalisados, portanto, exageradamente injustos:

"Destituidos de qualquer educação, fogem da convivencia muito mais do que a desejam. E' cousa de espantar o facto de se verem ricos proprietarios passar a vida no isolamento das suas fazendas rodeados de escravos, submettidos a seus caprichos. Sentem-se felizes exercendo um poderio do maior arbitrio sem peas. Apparecem calçados de tamancos tendo como unica roupa uma camisa e uma calça. Abominam qualquer constrangimento e só entretem relações com os escravos. Pouco se lhes dá a estes homens que vivam aqui ou acolá. Tudo lhes é indifferente, comtanto que possam satisfazer os grosseiros instinctos."

De Juiz de Fóra em deante jamais se refere a narrativa de Suzannet a fazendas de café. Visitou Barbacena, Ouro Preto, Itabira, Sabará, Caeté, Congo Socco, Morro Velho e outras minerações menores o Serro, Diamantina, Grão Mogol.

Verbera o sequestro das mulheres, ciosamente escondidas pelos paes e maridos, salvo em Ouro Preto. Havia na capital mineira menos atrazo e nella jantou em casa de uma familia em presença de senhoras, jantar, aliás, pantagruelico, mas, muito mal preparado, cujos convivas ignoravam por completo as regras do bom tom.

Achou espantosa a ignorancia dos funccionarios de Minas, acerca das mais corriqueiras cousas da propria provincia. A revolução liberal deixara as finanças, a administração mineiras em pavorosa anarchia.

Do Grão Mogol "lugar horrivel" habitado por um "étrange population", moradora de lobregos casebres foi, Suzannet ter á casa do tenente coronel Dom (sic) José Muerta (?) homem

cordealissimo, grande fazendeiro á margem do Jequitinhonha. Deste homem gostou muito, "não tinha nenhuma das pretenções nem dos vicios de seus compatriotas" (sic).

Da fazenda de Dom José Muerta desceu o Jequitinhonha até Belmonte "triste aldeiola". Pelo percurso avistou Botocudos, gente apathica, avessa á civilização. "O exemplo que lhes davam os brasileiros justificava aliás esta aversão" commenta o impiedoso censor a quem nada escapava no prurido depreciativo.

Bem pouco favoravel a pintura que Suzannet tambem nos deixou da Bahia e Pernambuco. As bahianas, lhe pareceram, comtudo, muito mais sympathicas que as cariocas, parvamente empoadas. Em Pernambuco, reinava horrivel falta de garantias policiaes.

Na Fortaleza viu mulheres "menos selvagens do que em qualquer das outras capitaes brasileiras" tomar parte activa nas conversas.

Retirando-se do Brasil, previu, Suzannet, uma serie de dias sombrios para o Imperio. As guerras civis regenciaes haviam depauperado immenso o paiz e trazido a vigencia do deficit. Se a cultura do café diariamente augmentava em extensão e volume, a da canna e do algodão tambem diariamente retrocedia perdendo importancia cada vez maior.

Os braços roubados á agricultura pelas revoluções diminuiam a valia da producção e as rendas do erario publico baixavam cada vez mais.

Quereria o autor pessimista compartilhar do optimismo que embalava a immensa maioria dos brasileiros que aliás o haviam recebido com benevolencia e hospitalidade? Mas como homem leal não podia fazel-o! Por toda a parte só se enxergavam na monarchia de D. Pedro II a miseria e a anarchia. Nella viviam uma agricultura e uma industria ainda na infancia. Multiplicavam-se os attentados individuaes os mais odiosos, a cada passo commettidos por personagens de responsabilidade. As formas externas de um governo adiantado debatiam-se entre os abusos e as desordens de uma autoridade ignorante e venal.

E no emtanto dispunha o paiz de admiraveis recursos, como uberdade do solo e brandura do clima. A questão servil perturbava sem duvida a segurança dos senhores mas não se notava propriamente uma resistencia formal á emancipação.

Fôra preciso a inepcia completa dos governantes do Brasil, toda a ignorancia orgulhosa dos brasileiros para que o Imperio se visse ás voltas com as successivas revoluções que o haviam acabrunhado. Paiz de devaneadores pensava que abstrusas theorias haveriam de crear boa administração e dahi o desconten-

tamento e a guerra civil. Muito tempo ainda decorreria antes que o Brasil pudesse utilisar-se de seus immensos recursos naturaes.

Faltava, á testa de seu governo, uma personalidade directora poderosa. Um imperador jovem, sem energia nem capacidade, ministros e homens de estado, que enxergavam perigos mas não os sabiam evitar eram bem pouco propicios para que se acreditasse na felicidade dos destinos de tão mal regida nação.

O que lhe faltava era governo, governo só! Taes os seus recursos que um regimen de ordem, pura e simples, traria a reforma dos costumes, do estado moral do povo, proporcionando áquella população divorciada do que era serio e digno das normas da civilização, percorrer uma via de que cada vez mais se apartava!

Os annos se encarregariam de afastar os negros presentimentos do cassandra baratinho do nobre conde de Suzannet que aliás publicou suas reminiscencias de viagem em primeira edição na *Revue des Deux Mondes,* e sob pseudonymo, provocando seus conceitos vehementes protestos no Brasil.

O monarcha timido, destituido de energia e capacidade desmentiria, do modo mais completo e esmagador, os prognosticos de quem tão pouco fazia em sua actuação futura. E a posteridade ao terminar os *Souvenirs de voayge* teria como ultima impressão de leitura de tão acres paginas um unico commentario; assim retribuira seu autor a hospitalidade e a benevolencia, por elle proprio proclamada, por parte do povo de quem traçara tão carregado retrato. Assim falava o viajante apressado de um paiz cuja lingua mal conhecia. E após uma permanencia de alguns mezes apenas.

Quão diversa a attitude de seu illustre compatriota Augusto de Saint-Hilaire!

Nos milheiros de suas paginas, veridicas e conscienciosas, não encontra o leitor amante das cousas do Brasil a decima parte dos conceitos depreciativos do reparador de 1843.

Pelo contrario! quanta benevolencia nas apreciações inscriptas sobre a gente rustica e boa do hinterland brasileiro! quanta desculpa encontrada para a attenuação das falhas daquellas populações escassas e semi-abandonadas, vivendo em enormes areas, quasi deserticas, ainda, tão afastadas dos centros da civilização!

Aos seis mezes da estada de Suzannet no Brasil contraponhamos os seis annos de permanencia de Saint-Hilaire, comparemos as apreciações do conde e as do grande botanico e vejamos se as do acrimonioso *chouan,* extremado legitimista, podem subsistir em confronto com as do indulgente homem de sciencia.

E' que com certeza a estas illuminavam uma intelligencia, um senso da realidade das cousas, uma comprehensão dos ambientes, uma penetração sociologica que áquellas não soccorriam.

Interessante é um relato de Gardner ao referir a visita que, em 1840, fez ás terras de Mar d'Hespanha, ás fazendas do Coronel Custodio Ferreira Leite futuro Barão de Ayuruoca, (*Barra do Louriçal*) e de seu irmão Francisco Leite Ribeiro.

Isto lhe permittiu atravessar larga zona cantagalense onde as derrubadas eram enormes e os cafezaes recentes.

"Para contentar o meu desejo de examinar as extensas florestas virgens existentes ás margens do Parahyba, determinei fazer rapida visita a estas mattas antes de minha viagem de volta ao Rio de Janeiro.

"O Parahyba constitue a divisa entre as provincias do Rio e Minas Geraes depois que recebe o Parahybuna. Nesta jornada acompanhava-me, outra vez, o snr. Hockin e sentia-me alegre por ter tão boa companhia. No dia 24 de Março e depois de uma viagem de sete leguas, chegamos a uma fazenda chamada Serra do Capim.

Percorremos uma estrada nova, que ia em construcção adiantada, sob a superintendencia do Coronel Leite, abastado fazendeiro. Parte de Piedade, corta a Serra dos Orgãos e entra em Minas Geraes. Mas achava-se então apenas soffrivel. A maioria dos lugares por onde viajámos estavam no estado primitivo, cobertos por florestas virgens abundantes em palmeiras e filicineas.

A fazenda onde pousámos, pertencia a um senhor residente no Rio mas a carta que levavamos para o administrador da fazenda proporcionou-nos cordeal recepção; foram as nossas mulas immediatamente amilhadas, e logo depois nos vimos obsequiados por excellente ceia.

Nosso hospedeiro, velho amavel e intelligente, informou-me ter seguido, durante muitos annos, a profissão de pharmaceutico, em Minas; como a maioria dos fazendeiros do Brasil opera como medico na enfermaria de sua fazenda. Ficou contente com a opportunidade de me consultar em relação a certos casos entregues aos seus cuidados. Na manhã seguinte não nos permittiu que seguissemos viagem sem almoço.

Deixando este lugar, logo atravessámos algumas das mais bellas florestas da Provincias do Rio de Janeiro e de tarde chegamos á grande fazenda chamada Monte Café, distante umas sete leguas do nosso ponto de partida.

Pertencia a um brasileiro chamado Brigadeiro Ignacio Gabriel para quem igualmente traziamos cartas de recommendação. Tambem não o encontrámos em casa mas fomos recebidos, do

modo mais gentil, por sua senhora e o snr. Hadley, seu administrador, que é inglez, a quem já eu encontrara em casa do snr. March, em 1837. A fazenda, nessa occasião estava apenas no inicio, mas era considerada como uma das melhores do districto, e apesar das arvores serem novas já se avaliava sua safra em 12.000 arrobas este anno.

Ao tempo de nossa visita os fructos começavam a avermelhar e os galhos vergavam ao seu peso. A região apresenta morros baixos sobre os quaes estão as plantações; antigamente achavam-se cobertos pela floresta. Na fazenda havia mais ou menos 200 escravos, 70 dos quaes apenas empregados na lavoura e os demais occupados em diversos officios como os de carpinteiro, pedreiro, ferreiro, marcineiro, etc. Poucos dias antes de nossa chegada, vinte africanos recentemente importados, tinham sido trazidos do Rio; aparentavam achar-se entre dez e quinze anos de idade e ainda nenhum delles podia fallar o portuguez. Eram todos rapazinhos saudaveis, activos, correndo, rindo, brincando, parecendo felizes, e inconscientes das circumstancias em que se encontravam".

Repetindo conceitos largamente exarados alhures observa o grande botanico:

"Em justiça no emtanto preciso dizer, depois de uma experiencia de cinco annos, que os brasileiros estão longe de serem senhores duros. Salvo poucas excepções, achei-os bondosos e cheios de consideração pelos escravos. O Brigadeiro installara uma serraria movida por força hydraulica, onde se construia grande estufa para a secca artificial do café. A superintendencia deste trabalho era de um allemão outr'ora residente, por muitos annos, na ilha de Java.

Na manhã de 28 de março de 1840 deixámos Monte Café e proseguimos viagem em direcção ao Rio Parahyba que de nós distava legua e meia sómente.

Mr. Hadley acompanhou-nos durante uma legua e passando por um sitio chamado Santa Eliza, adjacente a Monte Café e tambem pertencente ao Brigadeiro, informou-nos que havia uns 20 annos pertencera elle a uma pessoa que se valia da casa como chamariz de viajantes, que iam e vinham de Minas Geraes. Assim que os apanhava em suas armadilhas eram roubados e assassinados. Sua casa ainda existe mas já então inhabitavel; os alçapões empregados para o diabolico proposito podiam ser vistos no chão.

Logo depois avistámos o rio e alcançámos sua margem em lugar onde as aguas correm, com grande força, atravez de garganta estreita e rochosa. Esperavamos poder passar ahi mas disseram-nos que não poderiamos fazel-o, por falta de canôa e acon-

selharam-nos ir a uma legua e meia adeante, num lugar chamado parallelo ao rio, atravez da mais magnifica das florestas, cujas arvores de grande porte, tem geralmente troncos muito rectos, muitas vezes sem galhos até uma altura superior a cem pés.

Não pude deixar de sentir grande tristeza, pois nesta região muitas leguas quadradas de uma floresta desta são annualmente derrubadas e queimadas para darem lugar aos cafezaes. Não ha meios de se conduzir á costa tão bellas essencias; o rio apesar do enorme leito não é navegavel por jangadas devido á quantidade das corredeiras. Neste lugar observei que o leito do Parahyba é formado por fina camada de gneiss cortando-o verticalmente e, como o curso do rio, correndo do oeste para leste.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO CIX

O Principe Adalberto da Prussia, personalidade de alto relevo cultural — Suas viagens no Brasil — Grande jornada pela região fluminense oriental — De Nictheroy a Nova Friburgo e á região cafeeira — Bomjardim e o desbravamento dessa zona — Passagem por Cantagallo

Era uma personalidade de alto relevo intellectual o principe Henrique Guilherme Adalberto de Hohenzollern, da casa real prussiana, mais conhecido sob o nome de Principe Adalberto da Prussia que viajou pelo nosso paiz em 1842-1843, na provincia do Rio de Janeiro e depois na Amazonia onde explorou o Xingú.

Nascido em 1811 era primo irmão do Imperador Guilherme I da Allemanha, foi designado para servir na artilharia prussiana, mas toda a sua vocação era a marinha além de ter a paixão das longas viagens. Esta o levou a percorrer diversos paizes do sul da Europa onde esteve a estudar a organização maritima para o Brasil com escalas por Tanger, Gibraltar, Madeira e Tenerife numa jornada que descreveu em volume editado em 1847 sob o titulo *Aus meinem Reisetagebuch* 1842 *bis* 1843, traduzido para varias linguas e para o inglez pelo celebrado ethnologo Sir Robert Schomburgk.

E' obra summamente agradavel de se ler o relato do Principe Adalberto, leve de estylo, interessante, cheia de observações curiosas. Em sua companhia sahiram para o Brasil o Conde de Orviolla, capitão do exercito sardo piemontez e o Conde de Bismark, este ultimo tenente da Guarda Real Prussiana. Partiram a bordo da fragata piemonteza *San Michele* que devia trazel-o de novo á Europa, prova de quanto deve ter o jovem principe prussiano angariado por parte do rei do Piemonte larga dose de sympathia.

Ao Rio de Janeiro chegou Adalberto de Hohenzollern a 5 de setembro de 1842, deslumbrado com a belleza da Guanabara. Foi hospedar-se na chacara das Mangueiras preparada pelo Governo Imperial para o receber. Afoitamente percorreu os arredo-

res do Rio extasiado com o que via pois era fanatico admirador da Natureza, sobretudo dos aspectos floraes.

No dia sete de setembro avistou-se com o imperador adolescente, soberano da monarchia americana, no meio da pompa e de grande gala daquelle dia fausto. Mandaram buscal-o do Paço e em carro de estado. Em S. Christovam viu o menino imperante a quem entregou as insignias da Ordem da Aguia Negra da Prussia recebendo as do Cruzeiro.

Foi-lhe optima a impressão do dynasta brasileiro. Achou-o notavelmente amadurecido quanto ao vigor mental e os conhecimentos acima de sua idade, com a dignidade e a gravidade de um homem feito. Acompanhavam-no as duas princezas suas irmãs.

Apreciou muito o Principe tudo quanto viu neste dia de gala embora faça notar o contraste entre o ceremonial europeu cortezão e os matizes de côr da assistencia popular quer á passagem do sequito imperial, quer durante a grande revista militar em que a tropa brasileira lhe pareceu apresentar-se muito bem e manobrar com garbo.

Percorreu o Principe Adalberto os arredores do Rio com a maior curiosidade apreciando immenso os novos espectaculos que se lhe deparavam, tão diversos daquillo que até agora vira na Europa.

Notou a existencia de pequenas propriedades agricolas no caminho de S. Christovam, Inhaúma e Irajá pequenos sitios de café, canna e mandioca que soube não serem ainda as fazendas de largas dimensões. A estas muito desejava conhecer.

Na mais larga excursão feita a Campinho, Campo Grande e Santa Cruz passou por duas fazendas já consideraveis, de café e canna, uma sobretudo era de regular tamanho a da Casa Viega (?), Santa Cruz causou-lhe funda impressão. Ao olhar para a serra de Itaguahy pareceu-lhe estar na fronteira civilizada daquelle immenso imperio sul-americano.

Descreve o Principe as excursões feitas ao Corcovado e a Penha com muita verve, sempre attento a lembrar aos seus leitores as bellezas da flora brasileira.

Pretendia porém effectuar larga excursão pela Provincia do Rio de Janeiro, ter intimo contacto com a floresta virgem verdadeira, pois até agora só conhecera capoeiras e capoeirões. E, se possivel, avistar-se com indios, além de visitar fazendas de café e canna. Foi o que o levou a escolher como, itinerario a longa volta realizada na parte oriental da região fluminense com uma ligeira excursão em territorio mineiro além Parahyba.

A 27 de setembro de 1842 deixou Adalberto de Hohenzollern o Rio de Janeiro para effectuar essa dilatada jornada

pela Provincia do Rio de Janeiro cujos pontos principaes de assignalamento deviam ser Nictheroy, Nova Friburgo, Cantagallo, Aldeia da Pedra (Itaocara), São Fidelis, Campos, S. João da Barra onde devia embarcar de volta á capital brasileira. Preferiu depois, porém, regressar por terra o que lhe permittiu o ensejo de ir a Macahé, Barra de S. João, S. Pedro d'Aldeia, Saquarema, Maricá e afinal Nictheroy novamente.

Chegando á Praia Grande extasiou-o a vista sobre a margem fronteira da Guanabara, o panorama da bahia immensa a que servia de magestosa moldura a cadeia enfumarada de azul do Corcovado e da Tijuca com as suas tão nobres linhas.

Acompanhavam-no, nesta jornada, tres personagens de destaque, dois creados particulares de seu sequito principesco, dois arreeiros com duas mulas de cangalhas, levando as bagagens da fidalga comitiva, mais uma mula de reserva e ainda dois cavallos a serem vendidos em Campos. Cavalgava o principe prussiano "vivaz corcel cinzento" que baptisara Botocudo. Era o unico animal soffrivel da tropa. Estavam todos os seus companheiros abominavelmente montados. Os pobres quadrupedes eram magruços e já decrepitos e pouco delle se augurava. Em todo o caso supportaram as fadigas da jornada muito melhor do que se podia contar. O Conde de Bismark cavalgava uma mula "superannosa". Era o que tambem acontecia ao consul prussiano Snr. Theremin e a um dos arreeiros. Quanto ao Conde de Orviolla os dois *valets de chambre* e o outro arreeiro estes haviam preferido specimens "da mais nobre conquista que o homem jámais fizera", do estafadissimo tropo buffoniano.

Toda a tropa comprehendia pois treze solipedes. Sahindo da Villa Real da Praia Grande, já chrismada cidade de Nictheroy para o Norte atravessou o Principe terras cultivadas com bananaes, roças de milho e mandiocaes avistando ainda consideraveis tratos planos. As aldeias se espalhavam, de longe em longe, assim como as vendas e vendolas. Aos Orgãos escondia a bruma persistente.

Mostravam-se as cavalgaduras da caravana supportavelmente indisciplinadas, manhosas e sestrosas, como mais seria impossivel imaginar-se. Cousa de fazer perder a paciencia a um santo, observa o Principe. Furavam cercas, corriam para os capinzaes, entravam nagua a galopar, viravam em torno das vendas. Admirou-se o nobre viajante do numero enorme de encruzilhadas e atalhos que cortavam a larga vereda pela qual viajava. Assim explica a sua existencia no Brasil quando alguem abria fazenda, tratava logo, e naturalmente, de rasgar a picada entre a propria casa e a do vizinho mais proximo, ou mais a mão. Ia-se alargando a picada com o transito, passando a picadão;

dahi a pouco lhe davam o pomposo nome de estrada e até de estrada real quando não passava de estreita vereda. Os atalhos corriam quasi sempre por conta dos tropeiros.

Sahindo de Nictheroy ás 8 da manhã e tendo descansado duas horas para o almoço, em Alcantara, chegou o Hohenzollern a Itaborahy ás 6 da tarde. Não passava a terra de João Caetano de um largo com algumas ruas curtas que nelle geralmente desembocavam. A matriz dominava a paisagem que era agradavel.

Da venda-hotel itaborahyense nada diz o Principe, nem bem nem mal. Apenas conta que nella estava um jovem acrobata equilibrista e cuja toilette assistiu causando-lhe justa surpreza alisar a gadelha com manteiga!

Partindo as sete da manhã o programma era o vencimento de doze leguas naquelle dia quando na vespera só oito haviam sido feitas.

Caçoa o Principe delicadamente do aspecto dos companheiros: os dois Condes estavam sobremodo pittorescos com os seus ponches debruados de escarlate, rostos morenos, barbaças e cabelleira negra. Protegidos por chapeirões marselhezes tomavam ares de picadores hespanhoes. Ainda mais attrahiam a attenção talvez pelas immensas barbas a Wallenstein de couro de veado e a que se prendiam enormes chilenas.

O Snr. Theremim, este vestido de jaquetão azul e igualmente embotado como os tropeiros de Minas, abrigava-se sob colossal chapeu de Chile.

Propoz o arreeiro que a comitiva passasse pelo Porto das Caixas e o Principe a isto accedeu desejoso de comprar um oleado para resguardar da chuva a sua bella jaqueta azul — "um de seus melhores thesouros" — que não coubera na mala das roupas.

A chegada a Porto das Caixas foi acentuada por uma chuva diluvial, tornando o terreno terrivel para o avanço dos animaes.

Viu o Principe fundeadas algumas grandes barcaças cobertas. No lugar havia consideraveis armazens onde debalde pediu que lhe vendessem o desejado oleado. Afinal o obteve de um dos companheiros. A estrada até então passaria por carrossavel. Dahi em deante peoraria muito. Atravessou o Hohenzollern diversos acampamentos de tropeiros transportadores de café de Cantagallo e da Matta notando que formavam um quadrado com as cangalhas e balaios amontoados, conforme a disposição desenhada por Debret. Aos cestos cobriam com couros de que dispunham, pregados em estacas serviam para formar um recinto como que uma cabana para esta gente semi-núa. Notou

ainda que nas tropas se viam negros e mulatos, escravos na maioria e occasionalmente individuos de aspecto indio.

Do Porto das Caixas passaram os viajantes pelo Campo do Collegio onde avistaram antiga propriedade jesuitica assignalada por magnificas arvores e agora transformada em grande fazenda.

A estrada continuava interminavel, pontuada pelos magnificos aspectos floraes onde se destacavam as sapucaias floridas, estupendas de belleza. Afinal attingiu a caravana o suspirado pouso de Sant'Anna onde foi alojar-se em casa de um Snr. Boulanger, fazendeiro que ao mesmo tempo era vendeiro e exportador em barcos proprios que iam até o Rio de Janeiro. Foi com verdadeiro allivio que os viajantes se viram installados em excellente quarto de sobrado e dentro em pouco á roda de uma mesa, a sorver excellente sopa.

"Momentos de alegria pouco frequentes numa venda brasileira! annota o Hohenzollern. O arreeiro veio dizer-lhe que era forçado a confessar que seus companheiros, os tocadores, que haviam ficado para traz, não conheciam um só passo da estrada! Era preciso pois enviar ao encontro destes retardatarios um negro que servisse de guia á tropa nos maus passos dos atoleiros, levaria ordens para que marchassem até Nova Friburgo, onde haveria *rendez-vous* geral no dia immediato.

Tornaram os viajantes a cavalgar e o seu hospedeiro, provavelmente offuscado, em sua qualidade de europeu, pela circumstancia de albergar um principe de sangue real, offereceu-se para o guia até Aguas Compridas, a cinco leguas dalli onde o hospedaria um Snr. Darieux.

Gostosamente acceitaram os nobres viandantes tão amavel offerta e assim seguiram em direcção á hospedaria desse Darieux.

Parara a chuva e a viagem pela matta a dentro, com o crepusculo, causou impressão immensa ao Principe Adalberto.

E não se tratava ainda da floresta virgem e sim apenas de capoeirão, observa, exclamando depois de procurar descrever as maravilhas que avistara, "que jardim europeu, apezar de todos os recursos da cultura, seria capaz de proporcionar semelhante espectaculo?"

Passando os itinerantes a seguir a margem do Macacú em direcção á Serra atravessaram a grande fazenda do Coronel Ferreira cuja moradia era enorme mas acaçapada. Cessava alli o trecho navegavel do Macacú e principiava a ponta da estrada macadamisada que devia vencer a Serra dos Orgãos em direcção ás margens do Parahyba. Havia então apenas algumas poucas centenas de jardas feitas. Passadas estas a estrada mos-

trou-se pessima embora de solo mais consistente, mais pedregoso.

Cahira a noite rapidamente e era preciso avançar muito prudentemente pela ribanceira de Macacú, cada vez mais encachoeirado.

O Snr. Boulanger marchava á frente e sua mula caminhava com a maior cautela. Ao vadear a Macacú recommendou: "sigam-me exactamente os passos, senhores! este lugar é muito perigoso e já aqui pereceram diversos cavalleiros e suas montarias!"

Tudo correu bem comtudo e dentro em pouco chegava a comitiva á porta do Snr. Darieux a quem Boulanger chamou. Appareceu o estalajadeiro. Era um homensinho que ao avistar tanta gente nova, levantou os hombros e foi logo prevenindo: *La maison est pleine comme un oeuf!*

Mas como fazer se alli só havia a sua estalagem. Descavalgaram todos os recem-chegados certificando que realmente estava a casa repleta de uma assistencia internacional.

Havia um francez que falava como um moinho; a mulher do dono da casa era uma jovem suissa de Friburgo e falava francez. Tinha como ajudante uma bella allemazinha e ainda se notava a presença de um lourissimo filho de Stralsund que offerecia seus prestimos de carpinteiro. Fôra marinheiro e recrutado para servir na marinha imperial brasileira fizera sob Dom Pedro I a campanha do Prata.

Foi o jantar algo serodio mas muito bem servido. Divertiram-se os viajantes com o falatorio do francez, sujeitinho muito pequenitato que convidou os nobres commensaes a adivinhar em que parte da França nascera. Afinal confessou que, embora bearnez, educara-se em Paris; dahi a pureza do sotaque pelo qual recebeu de Sua Alteza felicitações.

"Fazia o homensinho mil esforços para preservar da corrupção, nas florestas do Brasil, o seu sotaque parisiense, empregando todas as faculdades oratorias sempre que para tanto tinha opportunidade. Afinal pode Mr. Darieux alojar a nobre comitiva, dando a todos cama isolada em um só quarto. No commodo ao lado continuava o francezinho a deblaterar mas o cansaço era tanto que Sua Alteza da Prussia adormeceu logo embalado pelo barulho do homensinho, casado ao marulho das aguas correntosas do Macacú.

Da casa do Snr. Darieux em deante percorria-se um trecho de floresta virgem que extasiou o Principe. Maravilhosa serie de perspectivas e panoramas estupendas se lhe deparou então! Que admiraveis aspectos floraes! A floresta como a perder de vista, grandiosissima. Attingiu porém larga clareira onde notou

certo numero de cabanas. Pelas alturas dos arredores despontavam os primeiros cafezaes avistados. Áquelle lugar davam o nome de Registro e nelle encontrou Adalberto de Hohenzollern diversas tropas que vinham tangidas por Indios.

Proseguindo a viagem mergulhou de novo na matta virgem o que o deixou absolutamente deslumbrado.

Assim adverte aos leitores: "pode a imaginação recobrir o aspecto destas florestas com todas as pompas de phantasia mas apezar de tudo a impressão causada ao espectador ficará muito além de quanto haja concebido! Tudo é aqui colossal, parecendo pertencer ao mundo primitivo. Sentimo-nos em desproporção comtudo quanto nos rodeia; com espectaculos como que attinentes a uma idade desvanecida. E que prodigiosa variedade dos innumeros matizes do verde! Que riqueza de tons inacreditavel!"

A escala gigantesca de todas aquellas formas da mattaria fluminense tornou o Principe germanico absolutamente attonito. "Para quando em nossa flora, exclama, avistamos uma arvore florida ou fructada, aqui encontramos typos, duas ou tres vezes mais corpulentos, em pleno esplendor da florescença vestindo a grimpa das arvores com toda a belleza de seu colorido. Tal o caso das especies de cujas franças desapparecia o verde, em seus minimos vestigios.

Devia ser immensa a fertilidade daquelle solo onde as arvores se adensavam tanto que o seu esgalhamento entremeiado formava inextricaveis moitas.

Diversas paginas gasta o Hohenzollern, apaixonado da Natureza, em exaltar aquella flora estupenda que se lhe ia desvendando cahindo de surpreza em surpreza, extasiando-se sobretudo ante a riqueza das palmaceas.

Mil ruidos animavam a floresta, cantos de passaro, berros de simios, chiados de cigarra. As arapongas numerosas enchiam os ares com as marteladas do aspero larynge.

Chegando ao Alto da Serra (a que o Principe geralmente tão exacto na transcripção dos toponymos brasileiros chama Serra Alta) encontraram os viajantes um allemão, certo Wilhelm Eller, de Darmstadt que emigrara havia quinze annos já, mas não perdera de todo o sotaque natal. Um outro allemão, este de Brunswick fazia-lhe, e á mulher, companhia naquella solidão. Era dos antigos mercenarios de D. Pedro I e arrependia-se de haver emigrado.

Depois de almoçar seguiram, os viajantes em direcção a Friburgo pelas encostas contra vertentes da Serra onde se divisavam grandes e lindos taquaraes. Já se notavam signaes de grandes derrubadas e as capoeiras occorriam umas atraz das outras.

Soube o Principe que percorria terras pertencentes a um suisso, um tal Claire que preparava lavouras. Aliás cada vez mais frequentes iam apparecendo as plantações.

Afinal attingiu Adalberto da Prussia a antiga colonia do Morro Queimado que teria de suas sessenta a oitenta casas todas rodeadas de jardins. Alojou-se em casa de um tal Gould.

Em Friburgo vivia um norte-americano, de origem teuta, certo Besecke, terrivel devastador da fauna regional. Basta dizer que tinha sob as suas ordens trinta caçadores. Elle, a mulher e o filho trabalhavam geralmente como taxidermistas.

Contou que naquelle momento possuia um stock de nada menos de trinta e cinco mil couros de aves! Seu principal empenho era a matança dos beija-flores, de cujos papos colhia as pennas encommendadas pelo commercio das flores e plumas! Muito desejavam, o Principe e os dois condes, caçarem antas e onças que segundo lhes haviam contado eram abundantissimas naquella região.

Mas Besecke lhes declarou peremptoriamente que seria inutil procurar abater os tapires, com aquelle tempo sobremodo chuvoso, de modo que os fidalgos itinerantes tiveram de abrir mão de caçada rebatendo-se sobre os beija-flores! Bello divertimento! Nobre divertimento!

Achou o Principe a Friburgo pouco adeantado para a idade que já tinha. Este pequeno progresso era essencialmente devido á difficuldade das communicações com o Rio de Janeiro. Além dos suissos, predominantes em numero, alli viviam allemães, francezes e alguns inglezes. Ouvia-se na colonia tanto falar o allemão quanto o francez. Mas notava-se que a gente moça só queria exprimir-se em portuguez. O que mais se produzia em Friburgo era a manteiga, genero sobremodo escasso no Brasil ainda.

Assim mesmo a maioria dos emigrados parecia muito pouco satisfeita com os resultados de sua transplantação ao Novo Mundo e desejosa de voltar á Europa. De vez em quando animava-se a colonia, sobretudo no verão, quando vinham pessoas do Rio de Janeiro, fugidas aos ardores estivaes e em sua maioria inglezes. Occorriam então grandes bailes na casa do Snr. Gould, festas cuja fama corria até as margens do Parahyba.

Deixando Friburgo poz-se o Principe Adalberto a seguir o curso do Rio Grande, affluente do Parahyba.

Estrada pessima, cheia de atoleiros, estreitissima verdadeira vereda a cada passo cortada de resvaladouros perigosos, mesmo para as mulas mais firmes. Tambem muitas pereciam por alli, vendo-se em differentes pontos, carcassas de pobres muares mortos por estafa, ou abandonados por terem quebrado as pernas e

alli acabados de inanição e a cujas carnes haviam devorado os urubús.

Incontavel passarada animava aquellas mattas. O numero de psittacideos era simplesmente prodigioso. Como de costume os nossos nemrods atiravam por divertimento quando viam passaros vistosos ou alguma grande revoada de papagaios, apreciando o espectaculo da queda daquellas bellas aves de plumagem tão finamente colorida!

Após quatro horas de caminhada chegaram a Bonjardim á venda do Snr. Maulaz. Alli começava a região cafeeira e o aspecto do valle tornava-se menos selvatico. Encontrou o Principe numa tropa a descançar dois jovens um suisso e outra saboiano que lhe contaram mil e uma historias de antas e jaguares, algumas dellas assaz munchausianas. Offereceram-lhe os serviços cynegeticos que foram declinados por não proporcionarem condições de garantia. Mas o sardo incorporou-se a comitiva a quem aliás serviu de util guia.

O Snr. Maulaz, suisso de boa estirpe a cuja familia arruinara a revolução de 1830 e casado com uma franceza da Borgonha, senhora de excellente aspecto, resolvera emigrar. Vivia o casal e quatro filhos pobremente mas a sua casa estava mantida com o mais apurado asseio e perfeita decencia. Teve o Principe na vendola do emigrado um jantar excellente embora muito demorado a sahir.

De Bonjardim em deante avolumavam-se os cafezaes entremeiados de milharaes onde enormes revoadas de aves surgiram. Dahi a pouco cahia a noite absolutamente trevosa mas de uma escuridão tão profunda que os cavalleiros não se avistavam mais uns aos outros deixando-se guiar pelo instincto da velha besta que cavalgava o Conde de Bismark, a que rompia a marcha. Marchava o fidalgo inteiramente ao leo em rumo tanto mais incerto quanto havia occorrido uma encruzilhada de presença a mais perturbadora. Estaria a caravana mesmo no caminho de Cantagallo?

Respondendo aos gritos da floresta, sobretudo ás marteladas das untanhas, entoaram os viajantes nocturnos para reanimar as forças uma serie de velhas canções germanicas. Afinal attingiram um lugar onde pousara a tropa. Disseram os tropeiros que estavam no bom caminho mas precisavam andar duas leguas ainda para attingir Cantagallo. Continuou a marcha agora encabeçada pelo Snr. Theremin. Relampejava muito forte e afinal desappareceu por completo qualquer vestigio de caminho, sequer de picada. Tornou-se a estrada cada vez mais perigosa e a chuva começou a cahir desabaladamente. Depois de muitas peripecias, em que houve accidentes, que poderiam ter sido gra-

vissimos, chegou a caravana a Cantagallo sem mais novidade, a meia noite, indo acolher-se á casa do Snr. Friaux. Sete vezes cahira o Conde Oriolla da sua besta e uma queda do Consul Theremin facilmente poderia ter lhe custado a vida.

Como compensação deu o Snr. Friaux aos seus hospedes da meia noite muito boa ceia.

CAPITULO CX

Proseguimento da jornada para as margens do Parahyba — Visita a uma grande e modelar fazenda de café pertencente a francezes — O Dr. Troubat e seus socios — Ideias pouco philantropicas — Lucros notaveis da cultura cafeeira — Disciplina severa — No valle de Santa Rita — Novas fazendas de café — A propriedade do Snr· Luze — A Aldeia da Pedra — Excursão em territorio mineiro no valle do Pomba — Visita a uma aldeia pury — Jornada a S. Fidelis, Campos e São João da Barra — Regresso por Machahé, Maricá, e Nictheroy

No dia seguinte chovia a cântaros e o Principe nada pôde ver de Cantagallo que estava na contraencosta da casa de seu hospedeiro. Apenas divisou cafezaes. A's dez da manhã proseguiu a viagem em direcção á fazenda não muito distante de um medico francez, o Dr. Troubat dono de grandes cafezaes e fazendeiro que passava por ser dos mais adeantados da Provincia do Rio de Janeiro. Esta propriedade chamava-se Fazenda da Aldeia e constava de grandes lavouras.

Encontravam os itinerantes o medico que voltara de seu serviço clinico cirurgico. Acabava de amputar um dos braços de um escravo picado de cobra. Sua fazenda estava situada á margem do Rio Negro, curso d'agua assaz volumoso. Suas terras tomavam uma varzea dilatada a que ladeavam montanhas.

Aos cafezaes plantados numa das margens do Rio Negro se defrontava a larga e espessa mattaria da outra margem.

Contou o Dr. Troubat aos seus nobres visitantes que quando derrubara a floresta para plantar os cafezaes, grande numero de simios fugira refugiando-se na matta fronteira em cujos recessos ainda abundavam antas e onças.

Era a casa do fazendeiro estrangeiro espaçosa e nella encontrou o Principe legitima sociedade franceza: o Dr. Troubat, seu socio, o Snr. Henry e sua mulher, além da Snra. David, gente cujas maneiras civilizadas tanto contrastavam com a selvatiqueza dos páramos que habitavam. Os creados negros e o facto de se

verem moleques brincando com os meninos brancos lembravam porém aos viandantes que não estavam nalguma quinta ou castello europeu.

Travou-se grande e animada conversa acerca das fadigas e difficuldades das viagens no Brasil e depois sobre as condições de vida dos negros que o Principe vira em geral considerados como meros individuos intermedios ao homem e os animaes. Causou-lhe impressão a aspereza com que os fazendeiros francezes emittiram os seus modos de ver. Assim declararam-lhe categoricamente as duas senhoras *Ils ne sont pas à la hauteur du mariage!* (sic!) motivo pelo qual não se permittiam na fazenda da Aldeia que os pobres captivos legitimassem suas uniões.

Depois da merenda foram o Principe e seus companheiros percorrer as bemfeitorias e lavouras.

Explicaram-lhes o Dr. Troubat e seu socio que os cafezaes exigiam terras muito ferteis e optima exposição ao sol. Prosperavam geralmente em trechos de matta derrubada e queimada. A' falta da matta virgem ainda servia o capoeirão. As lavouras davam safras remuneradoras durante um periodo de dez a quinze annos. Deviam depois ser podadas; os cafeeiros recomeçavam então produzir, passados mais dois annos.

Entendiam os dois francezes que um escravo dava conta do trato de mil a mil e quinhentas arvores. Na fazenda da Aldeia havia cento e setenta captivos, além das creanças, que tratavam de 250.000 arvores.

Taes os lucros da lavoura cafeeira que os dois socios haviam comprado a fazenda, com cento e trinta escravos, cinco annos antes, por cento e dez contos de réis e já quasi haviam reembolsado o capital inicial.

Assim descreve o Principe Adalberto os processos de beneficiamento a que presenciou: colhido pelos pretos vinha o café para a eira de terra bem soccada, e, depois de secco, era transportado, em grandes caixas, para o descascador, movido por força hydraulica. Dahi o levavam ao ventilador onde era passado e repassado. Estava então em condições de ser transportado pelas tropas para o littoral.

Realizava o Dr. Troubat experiencias com um seccador que se utilisava do vapor. Por emquanto, porém, pouco exito havia logrado. Os fazendeiros francezes tambem faziam aguardente, muito bem fabricada aliás. Com curiosidade assistiu o Principe á moagem da canna.

Outra installação que examinou com interesse foi a das grandes pocilgas onde havia o maior asseio, seu piso se constituia de troncos de arvores postos um ao lado dos outros com soluções de continuidade que permittiam a limpeza dos chiqueiros.

Grande creação alli existia pois fornecia carne fresca aos escravos e as condições hygienicas reinantes contradiziam as opiniões daquelles que avançavam só prosperarem os suinos no esterquilinio.

Emquanto conversava o Principe com as duas senhoras francezas seus companheiros inspeccionavam os alojamentos dos escravos delles trazendo bem má impressão. Occupavam um edificio terreo comprido e sujo, que externamente lembrava uma estrebaria.

Na enfermaria havia commodos separados para ambos os sexos. A uma preta viram deitada numa esteira dando o seio ao filho recem-nascido da vespera. "Em poucos dias estará em estado de voltar ao trabalho" disse o Dr. Troubat ao Conde de Bismark.

Na sala dos homens havia uns quatro ou cinco enfermos, victimas de acidentes varios. A' enfermaria seguia-se a lavanderia onde cada escravo tinha a sua taboa de bater roupa numerada.

Cada homem recebia aos domingos um par de calças e uma camisa lavados. A's mulheres fornecia o fazendeiro uma saia e uma camisa. Um longo corredor dava accesso aos dormitorios dos escravos, pequenos e de paredes fuliginosas. Explicou o fazendeiro que quando os captivos eram recolhidos ao quadrado acendiam fogueiras no centro das senzalas, em torno das quaes se assentavam, horas e horas, mesmo depois dos dias da mais penosa labuta, a fumarem e conversar tanto os homens como as mulheres. Todos aliás recebiam um certo fornecimento semanal de fumo que apreciavam immenso.

A's quatro da manhã deviam os pretos estar levantados, tomando então café. A's dez almoçavam arroz e pirão, de farinha de mandioca, ou angú de fubá. As duas da tarde jantavam carne secca, geralmente de procedencia platina, arroz e pirão de farinha.

Na região de Cantagallo, porém, com a difficuldade dos transportes, o xarque ficava muito caro e os fazendeiros distribuiam largamente a carne de porco e o toucinho.

Continuava o serviço de eito até as sete da noite. Ahi se distribuia a ceia, arroz, aipim, e angú de fubá. A's nove cessava inteiramente o serviço mas os pretos não se resignavam ao silencio, ficavam conversando até meia noite e até mesmo uma da madrugada. Em cada compartimento contavam-se sete e oito esteiras, havia porém escravos que a ellas preferiam simples taboas ou acamados de folhagem — "preconceito oriundo talvez de sua antiga vida selvatica africana".

Não traçou o Principe Adalberto commentario algum sobre o que viu nas fazendas dos dois francezes socios, mas a redacção de seu apanhado traduz a pouca sympathia que lhe trouxe a observação dos processos de administração de seus hospedeiros de algumas horas.

Deixando a fazenda da Aldeia seguiu o Hohenzollern em direção ás margens do Parahyba. Recomeçava a floresta sempre luxuriante, cheia de aspectos maravilhosos, embevecedores, animado pela passarada colossal. Pelo caminho avistou, naquella tarde, tres cobras que lhe causaram viva attenção, como europeu que era, não familiarisado com as cousas brasileiras, a quem os ophidios tanto surprehendiam sempre.

Marchava a caravana sem guia, orientando-se pelos signaes de vida civilizada que ia encontrando.

O conde Oriolla recorrendo á bussola, e ao mappa, descobriu que percorria o valle de Santa Rita, aliás cheio de grandes cafezaes.

Um indicio certo da presença humana e de fazendas era sempre a vista dos bananaes. Onde quer que as musaceas fossem vistas havia motivos para se affirmar que por perto existiam fazendas ou pelo menos sitios. Ora por toda a parte alli se notava a presença dos bananaes e grandes.

A' tarde teve o Principe o bello espectaculo de dilatadas perspectivas de montanhas azuladas pela distancia. Proseguindo na estrada ingreme e escorregadia da barranca do Rio Negro novamente avistado, atravessou a fazenda de um dos brasileiros adoptivos mais illustres daquelle tempo o homem do *Fico,* a quem chama Clemente Pereira "senador e ex-ministro da Guerra e da Justiça".

O plano era pousar a caravana na propriedade de um subdito fidalgo helveto-prussiano, certo Mr. de Luze, natural de Neufchatel, parente dos Condes de Pourtalès, membros da celebre familia fidalga do sul da França, famosa pelo protestantismo ardente. Esta tendencia religiosa-politica levaria o ramo estabelecido em Neufchatel, após a revogação do edito de Nentes, a se tornar dedicadissima á causa dos reis da Prussia, soberanos estramboticamente extra territoriaes do principado suisso, ribeirinho do lago de seu nome, em virtude da cessão dos direitos da casa de Orange a Frederico I, da Prussia sobre a região, confirmados pelo tratado de Utrecht em 1713.

Em 1814, com a queda do imperio napoleonico, voltava o principado de Neufchatel, recentemente doado pelo Corso a Berthier, a ser ao mesmo tempo um cantão da Suissa sob a suzerania da Prussia, equivoca situação que não tardaria a provocar conflictos graves, como por exemplo, em 1848, quando uma sub-

levação republicana aboliu o dominio prussiano e, em 1856, quando a reacção tradicionalista tendente a repor o cantão sob o governo dos Hohenzollern exactamente irrompeu chefiada pelos irmãos Pourtalès, os Condes Luiz Augusto, Carlos Frederico, movimento este que quasi provocou uma conflagração européa.

Este Snr. de Luze muito affeiçoado aos primos era partidario convicto das vantagens do dominio prussiano. O Snr. Theremin já o conhecia quando outr'ora possuia uma fazenda na Serra dos Orgãos e partiu a galope para lhe annunciar a chegada de um principe da dynastia a que tanto era affeiçoado.

Passando por Santa Rita, aldeiola composta de umas poucas casinholas miseraveis viu Adalberto da Prussia um moço que tinha o aspecto de perfeito teutão, lourissimo como era. Interpellou-o em allemão e o rapaz sem lhe responder uma palavra indicou-lhe um rumo. Extraviou-se o Principe, comtudo, mas não se deu por arrependido, pois este extravio lhe proporcionou o ensejo de percorrer mais um trato de floresta maravilhosamente bella cheia de estupendas heliconias e epiphytas até então a elle desconhecidas.

Tambem não foi das maiores a errada. Dentro em breve avistava cafezaes novamente e chegava á casa do fidalgo neufchatelense á Fazendas dos Tanques que, provavelmente, devia ser a Fazenda do Tanque, quer nos parecer.

A casa do Snr. de Luze fôra construida numa varzea coberta de bananaes. Rodeavam-na eminencias onde os cafezaes subiam até quasi as comiadas ainda tomadas pela matta.

Era modesta a habitação do fiel amigo dos Hohenzollern emigrado ao Brasil não diz o principe, porque motivo. Talvez com a idéa de multiplicar os capitaes trazidos de seu cantão suisso.

Sua casa estava dividida por biombos rebocados que não chegavam á altura do forro.

Recebeu o Snr. de Luze ao seu regio visitante com a maxima cortezia e hospitalidade. Mudou o Principe de roupa e enfiou os pés, á brasileira, diz elle, em tamancos, indo installar-se nos bancos que cercavam a grande mesa da sala, principal commodo de morada de seu hospedeiro.

Logo depois chegava o vizinho do gentilhomem, o Dr. Dennewitz de Wernigerode, genro do Pastor Sauerbronn de Nova Friburgo e afamado medico daquella região. Era antigo militar e a conversa versou sobre as reminiscencias da patria, e das guerras napoleonicas. Ficou satisfeitissimo com aquella noitada de confabulação elevada e inteiramente imprevista promettendo em troca ao principesco interlocutor leval-o a uma bella caçada.

Ao Snr. de Luze, serviam tres mucamas pretas, muito elegantemente arrumadas. Traziam os pratos do jantar de uma mesa posta a um canto da sala, attentas ao serviço, em seu feitio especial lento e impassivel. Ao Principe impressionara o encontro de cobras. O Snr. de Luze contou-lhe que tinha exactamente então um escravo gravemente enfermo devido a uma picada ophidica.

Occorrera-lhe certa vez encontrar uma cobra venenosa na propria cama! Conversou-se até muito tarde encantando-se o fazendeiro europeu com a palestra de quem lhe lembrava o apego de sua gente a um dynasta real.

No dia seguinte, 4 de outubro de 1842, levou o Principe a ver a sua propriedade cuja organização era a da fazenda da Aldeia.

Durante o dia sahiu a caçada de veados com o Dr. Dennewitz apreciando a corrida de que resultou a captura de um gamo femea. Os negros cachorreiros apanharam um quaty mundeu e a turma do Snr. de Luze e do consul Theremin matou uma paca.

Muito já caçara o Principe Adalberto mas não naquellas condições atravez das mais rudes veredas e a saltar por cima dos troncos gigantescos de arvores derribadas. O jantar, delicioso, comportava em seu cardapio diversos pratos brasileiros e os viajantes o honraram valentemente.

A presença de varios instrumentos seviciadores dependurados ás paredes de sala levaram o Principe e seus companheiros a discorrer longamente sobre as condições do captiveiro no Brasil.

Pareceu a Adalberto da Prussia que os negros eram geralmente menos mal tratados no imperio americano do que geralmente se pensava. Sobretudo quando se levava em linha de conta que em suas terras passavam vida peor e lá haviam conhecido a escravidão desde os primeiros dias da razão.

O Snr. de Luze possuia a fazenda havia muitos annos, largamente vivera entre os seus setenta escravos. Os unicos brancos de sua fazenda eram elle e seu administrador, um allemão de Königsberg. A seu ver os pretos requeriam bom tratamento e justiça. O interesse do senhor exigia que fossem bem alimentados e bem enroupados. Não pareceram ao Principe estafados de serviço nem forçados a trabalho acima das forças.

Era verdade que o fazendeiro de Neufchatel e o seu administrador tinham sempre á cabeceira da cama pistolas e espingardas carregadas. Mostravam, assim agindo, que não depositavam confiança cega na benevolencia do seu pessoal captivo.

E havia motivo para tanto. Por diversas vezes já haviam tido o ensejo de o enfrentar de armas á mão.

Curiosa esta mentalidade de fidalgo, filho de uma terra civilizada como a Suissa, que se comprazia a viver como senhor de escravos! sempre receioso de attentados. Teria compensações financeiras de tal existencia!? E' o que o Principe não nos disse. Como pormenor da vida do Tanque apenas refere que o seu hospedeiro fazia tocar o sino de recolhida de seus captivos ás oito da noite.

Possuia o Snr. de Luze um album de vistas muito interessante. E devia sel-o. Que bello documento para a iconographia brasileira dos primeiros annos do café! Que fim terá levado a preciosa collectanea? Reapparecerá algum dia?

Da casa do fidalgo neufchatelense partiu o Principe a visitar o Dr. Dennewitz, cuja propriedade se situava á margem lo Rio Negro. Alli o receberam com sumptuoso almoço.

A Snra. Dennewitz era tambem allemã. Com o filho fez as honras da casa á alteza prussiana.

Depois do repasto partiram os illustres itinerantes, acompanhados pelo Dr. Dennewitz e o Snr. de Luze em direcção á Aldeia de Pedra, a sete leguas dalli.

Tempo esplendido e bellas paizagens reconfortaram a alma artistica do Principe. Linda sobretudo a perspectiva de determinado ponto, onde se divisava extensissimo panorama montanhoso, dominando-se de bem alto a importante fazenda de Agua Quente.

Continuava por toda a parte maravilhosa a vegetação; arvores immensas appareciam pittorescamente decoradas por descommunaes *barbas de velho* emquanto suas elevadissimas franças pareciam torres a arranhar o firmamento.

Deteve-se o Principe a desenhar aquelle trecho lindissimo. Depois de diversas peripecias chegou á casa de outro fazendeiro suisso, Pierre Davoine, tambem de Neufchatel. Era modesto proprietario. Elle e sua gente receberam o principe de sua casa soberana com as maiores demonstrações de apreço. Não houve meio de acceitarem a retribuição pecuniaria que se lhes offereceu.

Afinal avistou o Principe ao Parahyba, o magnifico caudal, que tinha o volume do Rheno em Coblenz. Lindas perspectivas offereciam suas margens e as ilhas de que estava semeado ricamente se vestiam de vegetação. Como fundo do quadro o imponente Morro da Pedra.

Triste espectaculo veio cortar-lhe a contemplação daquella esplendida natureza: passou um comboieiro com um bando de escravos acorrentados.

Appareceram logo depois os primeiros casebres da Aldeia da Pedra, mais tarde São José de Leonissa e depois Itaocara, nome que até hoje conserva.

Parou o comboio na venda de um tal Luiz Depanier que se deu logo a conhecer como antigo soldado prussiano dos caçadores da Guarda.

Não tardou que apparecesse Frei Florido da Cidade de Castello, o celebrado missionario dos Purys e outros indios, destes vizinhos, cuja vida se escoaria naquelles locaes. Nascido em 1798, entrara na ordem dos Capuchinhos em 1817 e em 1827 passara a residir na aldeia da Pedra onde, em 1871, falleceria. Immensos serviços prestou este ardente evangelisador ao catholicismo e á civilização. Catechizou e aldeiou mais de dois mil purys, coroados e coropós, conta-nos o seu biographo Fr. Fidelis Motta em sua prestante obra d'*Os missionarios capuchinhos no Brasil.*

Da Pedra passou o Principe ao territorio mineiro do valle do Tombo, completamente coberto de mattaria, immensa, colossal. Pareceu-lhe muito mais corpulenta ainda do que a dos Orgãos com madeiros absolutamente gigantescos medindo geralmente de 35 a 45 metros de altura e diametro correspondentes a estas dimensões.

Agora sim, sentia o regio itinerante a impressão de que percorria um trato de terras absolutamente primitivo, uma região absolutamente selvatica, não havia vestigios de civilizados naquellas veredas quasi invias.

Contou Fr. Florido ao seu visitante que na sua opinião os indios da zona tinham tendencia aos mais notaveis á longevidade. Suppunha que entre elle vivessem macrobios, e não poucos, de cento e vinte e cento e quarenta annos!

Esteve o Hohenzollern entre os purys, de uma tribu recem-baptisada pelo capuchinho, assistindo ás suas dansas. Não os achou tão feios quanto a famosa estampa de viagem de Spix e Martius fazia crer pois ella os apresentava absolutamente horrendos.

Da Pedra foi o Principe a S. Fidelis, a oito leguas dalli, por uma estrada que não passava de mera vereda ao longo do Parahyba, caminho que lhe offereceu a contemplação de lindos panoramas.

Vegetação muito caracteristica a das margens do magestoso caudal, sempre agitada pelas revoadas de uma ornis variada, sobretudo abundantissima, em que predominavam os psittacideos.

Lindas as ilhas do Parahyba pontuadas pelas estupendas sapucaias floridas e as soberbas palmeiras.

Encontrou Adalberto de Hohenzollern pelo caminho diversas tropas que a S. Fidelis levavam café destinado a embarcar alli em demanda do porto do Rio de Janeiro. Cada vez mais a região apresentava aspectos de civilização maior. Appareceram depois os cannaviaes extensos, rodeando os primeiros engenhos avistados. Após haver passado pela fazendinha de um suisso chegou o Principe a S. Fidelis. Seria a futura cidade consagrada ao Santo de Sigmaringa, quando muito tão grande quanto a Pedra. Nella nada chamou a attenção do principesco itinerante nem mesmo a bella e artistica igreja matriz de autoria do frade artista Frei Angelo de Lucca.

Ensaiava-se naquella zona a cultura cafeeira em certa escala, que mais tarde tão consideravel viria a ser. Apenas avistou o Principe pequeno cafezal numa fazendinha onde ainda notou a existencia de lindissimo palmar.

Cada vez mais, á medida que a caravana progredia para leste, appareciam avultados os cannaviaes. As fazendas a que pertenciam tinham outro aspecto já. Causou agradavel surpreza aos viandantes a verificação de que as janellas das casas grandes ostentavam vidraças, cousa de que desde muito estavam deshabituados.

A' medida que o Parahyba cortava a planicie campista ia a paizagem enfeiando e muito, anota o Principe. Até as ilhas do grande rio perdiam o encanto das que lhes ficavam a montante.

Afinal chegou a comitiva a Campos que causou excellente impressão, quasi de imponencia, aos seus nobres visitantes recentes. Alli os acolheram as autoridades locaes com mil e uma attenções.

Desejosos de voltar quanto antes ao Rio de Janeiro partiram a noitinha para S. João da Barra numa enorme canoa, lá chegando as 2 da madrugada.

No caes do Parahyba havia enorme quantidade de mercadorias para embarque "sobretudo assucar, café, madeiras, principalmente jacarandá". Deve ahi haver engano do nobre itinerante que provavelmente trocou a peroba pela leguminosa.

Mas perderam os itinerantes o vapor e assim resolveram fechar o seu circuito fluminense a cavallo. Visitaram um grande engenho assucareiro sanjoannense e voltaram a Campos de onde se encaminharam a Macahé passando por Macabú e Quissaman.

Acharam admiravel o espectaculo de Lagoa Feia emmoldurado por magnificas palmeiras. Viram o grande lago ao luar; era "uma scena do paiz das fadas". Os cannaviaes da planicie campista haviam gradualmente diminuido até serem substituidas

além de Quissaman, a meio caminho de Macahé, por cafezaes. A estrada, arenosa em extremo, estafava os pobres solipedes da comitiva. O creado francez do Principe, a cada passo gritava: "il y a de quoi maudire le Brésil à perpetuité".

De Macahé nada nos conta Adalberto da Prussia, que costeando a lagoa de Araruama attingiu o lugarejo do Paraty. Dalli em deante reappareceram os cafezaes plantados em terrenos accidentados vizinhos do lago.

Afinal chegou a Maricá cuja hospedaria gaba pois lhe proporcionou boa ceia e excellente quarto. De Maricá em deante havia bastante café, entre mattas e capoeiras. Na planicie notavam-se casas das fazendas.

Chegando a Nictheroy declarou ter ficado absolutamente maravilhado com "o glorioso panorama guanabarino".

Apresentando cumprimentos a D. Pedro II, dias depois, recebeu de presente, um retrato do Grande Frederico de propria lavra imperial, tela que durante toda a vida conservou preciosamente no grande salão de seu castello de Monbijou". "Sempre que para ella olhava vinha-lhe á mente a lembrança da generosa recepção do seu autor e doador e a bella terra brasileira".

Tanto apreciava Dom Pedro II a presença de seu principesco hospede que no dia de seu anniversario dera um baile de gala em São Christovam, para o honrar especialmente.

Incansavelmente percorreu ainda Adalberto da Prussia os arredores do Rio de Janeiro sempre enthusiasmado pelo que via. Tambem foi a Paquetá e ao porto de Piedade, no fundo da Guanabara. A 30 de outubro de 1842 abandonava definitivamente as paragens fluminenses para encetar a sua grande viagem amazonica no Xingú.

Deixando o Brasil onde jamais volveria foi aproveitado pelo rei da Prussia na incipiente marinha prussiana. E nesta investidura prestou excellentes serviços na chamada commissão technica. Angariou larga reputação de proficiencia sobretudo depois de sua notavel *Memoria sobre a fundação de uma marinha allemã* (1848). Nomeado almirante chefe da esquadra prussiana e inspector geral do littoral prussiano. Em 1856 publicou outro trabalho valioso prevendo a rapida desapparição da marinha veleira de guerra. Dirigiu mais tarde uma expedição de castigo aos piratas riffenhos tendo com estes piratas serio encontro no Cabo Torres onde recebeu serio ferimento em combate.

Passa o principe Adalberto por ser o verdadeiro fundador da marinha allemã, como recorda a estatua que lhe levantaram em Wilhelmshaven, porto cuja fundação e grandeza a elle se devem.

De seu matrimonio morganatico com Thereza Esler a quem ennobreceu o rei da Prussia com o titulo de Baroneza de Bar-

nin teve um filho, o Barão Adalberto de Barnin (1841-1860) fallecido aos dezenove annos de idade quando acompanhava R. Hartmann em sua viagem ás nascentes do Nilo Azul. Morreu Adalberto da Prussia em 1873 na cidade de Carlsbad e sua biographia foi escripta por Bathsch em 1890.

Quanto ao Conde de Bismarck, a este companheiro do regio itinerante fluminense e amazonico, tambem caberia brilhante carreira.

Seu nome completo era Frederico Alexandre, conde de Bismark Bohlen.

Primo do famoso *Chanceller de Ferro* viveu de 1818 a 1889. Era portanto um pouco mais moço do que o Principe Adalberto.

Ajudante de campo de Frederico Guilherme IV e de Guilherme I, era em 1864 general de cavallaria e neste posto serviu na campanha austro-prussiana.

Mais tarde tenente general e governador militar de Berlim, nomearam-no, durante a guerra franco-prussiana governador da Alsacia Lorena, recem-conquistadas.

Diz o seu biographo que pela clemencia e a rectidão envidou todos os esforços no sentido de conquistar á causa allemã as sympathias da população franceza.

Ficou mal visto e dispensado da commissão ainda em 1871, retirou-se para suas propriedades da Pomerania onde falleceu.

CAPITULO CXI

As primeiras referencias estrangeiras a cafesaes do oeste paulista — Saint Hilaire em Campinas — Hercules Florence — Kidder — Ida Pfeiffer — James Fletcher

A' medida que em 1829 se approximava de S. Paulo percebia Saint Hilaire que não estava mais no deserto; encontrava viajantes, passava por terrenos cercados de sebes e enormes lavouras de canna de assucar, por leguas e leguas. Do rio Atibaia a Campinas viu nada menos de meia duzia de engenhos de assucar, alguns dos quaes lhe pareceram importantes.

Chegado a Campinas estabeleceu-se á entrada da povoação, num rancho de taipa. Desta villa até S. Paulo, occorria numerosos desses ranchos chamados reiunos. O governo fazia-lhes todos os gastos de manutenção e sob tal ponto de vista merecia os maiores elogios. Era prestar assignalada protecção á agricultura, subtrahindo as tropas da cupida incuria dos proprietarios e preservando os ricos fructos da terra de deterioração infelizmente muito rapida.

Oxalá sempre se favorecessem assim o commercio e os esforços dos cultivadores.

Apenas installado no rancho de Campinas viu o botanico chegar tres tropas de mulas carregadas de assucar que ahi ficaram.

Devia Campinas a origem ao assucar. Durante muito tempo pensava-se que o massapé preto das vizinhanças de Itú fosse, em toda a capitania a unica terra adequada á cultura da canna; no emtanto, apesar de tal preconceito, algumas pessoas haviam, pelos annos de 1770, ensaiado plantar a graminea nas terras vermelho escuras, mais tarde, incluidas no termo de Campinas.

O exito lhes coroara os esforços e logo grande numero de cultivadores haviam-lhes seguido o exemplo. Construiram estes colonos uma igreja tendo como padroeira Nossa Senhora da Conceição onde, em 1776 se celebrou a primeira missa nesse local. Logo surgiu o arraial a que chamaram Campinas e não tardou que a igreja da Conceição se tornasse parochia. Em-

fim, em 1797, o capitão general Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça elevou a villa, e cabeça de termo e sob o nome de S. Carlos, o villarejo até então pertencente ao termo de Jundiahy.

De 1818 a 1823 tivera a villa de S. Carlos ou Campinas desenvolvimento sensivel; seus progressos tornaram-se ainda mais notaveis após a independencia do Brasil e em 1840 o governo provincial de S. Paulo elevou-a a categoria de cidade.

Por occasião da passagem de Saint Hilaire o nome official de S. Carlos não prevalecera. Tornou-se desde então inteiramente deserto.

A tal respeito fez o Kidder em seus *Sketches* a observação seguinte: "Embora admire o nome de S. Carlos, tanto quanto os dos outros santos do calendario, não posso conformar-me com o systema de nomenclatura que a politica sacerdotal impoz aos brasileiros contrariando-lhes o criterio e o bom gosto. Se a harmonia, o sentido, a variedade são qualidades desejaveis para os toponymos é difficil encontrar-se nomes mais perfeitos do que o dos rios e montes dos diversos lugares da America, quer do Norte quer do Sul".

Discordando do autor americano no tocante a euphonia de varios dos nossos toponymos de origem indigena, lembra Saint-Hilaire que em nada seria censuravel a substituição de alguns destes nomes como Itapetininga, Araraquara, Itaquaquecetuba, Pindamonhangaba, Guaratinguetá por outros de santos do calendario grego ou romano. Jamais dissimulara os erros do clero brasileiro; mas por isto mesmo queria defendel-o de injustiças. Os portuguezes como catholicos consideravam os santos como intercessores e punham sob sua egide os lugares que fundavam. Assim agindo obedeciam á fé, não a combinações politicas nem a violencias. Jamais lhe occorreria haverem sacrificado o gosto e a escolha. Existia velho e piedoso habito a cada passo repetindo-lhe alheio á influencia de qualquer padre. Se os primeiros paulistas haviam mudado alguns dos nomes da lingua geral tambem tinham tomado muitos outros a essa mesma lingua. No caso vertente a mudança de Campinas para S. Carlos pouco provava contra a suppressão dos toponymos indigenas pois Campinas tambem era nome portuguez.

Outro erro de Kidder e de sua malevolencia aos catholicos: de todo não fôra a ideia de se homenagear a São Carlos, bispo de Milão, que provocara a substituição do nome de Campinas e sim o deesjo de se homenagear a rainha D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI, exactamente como os francezes haviam imposto Santa Amelia a uma cidade da Argelia em honra á sua rainha Maria Amelia.

Numa extensão de approximadamente 8 leguas o termo de Campinas, em 1818, comprehendia mais ou menos 6.000 almas, segundo Monsenhor Pizarro e em 1838 contava 6.689 habitantes, inclusive 3.917 escravos, tanto negros como mulatos, affirma a *Ensaio* do Marechal Muller. O incremento fôra pois aqui menor do que em muitas outras regiões do Brasil, mas isto não era cousa para produzir espanto; esse termo apertado dentro de estreitos limites já em 1819 era bem populoso; não admittia mais levas de immigrantes importantes e no estado actual das cousas, as terras dos grandes engenhos não eram susceptiveis de grandes sub-divisões.

A cidade de Campinas achava-se ainda rodeada de mattas por todos os lados. Suas ruas não tinham muita largura; eram-lhes, as casas, em 1819, novas, juntas umas ás outras, cobertas de telhas e construidas em sua maioria de taipa algumas podiam até passar por muito bonitas. A igreja matriz, pequena e mesquinha, fechava uma praça, em parallelogramma alongado. Por occasião da viagem do botanico construia-se febrilmente por todos os lados e era facil prever que Campinas teria logo notavel importancia.

A maioria dos habitantes dos arredores se constituia de agricultores. De toda a provincia de S. Paulo era o termo o maior productor de assucar. Já em 1819 nelle havia uma centena de engenhos, ahi se comprehendendo as engenhocas de aguardente. Em 1838 contavam-se noventa e tres engenhos de assucar, propriamente ditos e numero igual de alambiques de cachaça. Entre os senhores de engenhos alguns havia muito ricos; Luiz d'Alincourt nomeiava entre outros o Brigadeiro Luiz Antonio de Souza cujo rendimento se elevara em 1817 a mais de 80.000 cruzados (200.000 fr.). As fazendas consideradas de alguma importancia, por occasião da viagem de Saint-Hilaire empregavam approximadamente vinte escravos. Asseguraram-lhe que este numero de captivos facilmente produzia 2.000 arrobas de assucar (29.480 k.).

Quanto mais rubra a terra mais favoravel á cultura da canna. Produzia durante tres annos consecutivos, planta, soca e resoca. Depois se arrancava o cannavial substituindo-se-o por outro.

Boas terras, depois da matta virgem derrubada, produziam durante vinte annos; ahi se dessem signal de esgotamento deixavam-n'as em alqueire durante tres annos. Por occasião da passagem do botanico ainda não sabiam os lavradores se nesta segunda vez produziriam sem interrupção durante um lapso tão consideravel quanto o primeiro. Tudo provava que se o solo do termo de Campinas não dispunha da fertilidade do dos Cam-

pos dos Goitacazes era porém mais fecundo do que geralmente o dos districtos de Minas Geraes onde se plantava canna. Affirma o botanico poder garantir o que escrevia, informado pelo capitão mór da villa e um ecclesiastico que lhe parecera não de todo destituido de instrucção.

Alguns proprietarios campineiros possuem tropas de mulas de que se serviam para mandar o assucar ao porto de Santos; outros recorriam a tropeiros que se encarregavam do transporte á razão de 340 a 400 réis por arroba. As tropas levavam doze dias para fazer a viagem. Cada mula transportava 8 arrobas divididas em 2 saccos, cada qual fechado num jacá. Estes ultimos eram achatados, quasi quadrados, quasi iguaes aos que serviam para os queijos de Minas.

Na noite em que chegou a Campinas foi Saint-Hilaire visitar o capitão mór da villa que o recebeu muito bem e convidou-o a almoçar no dia seguinte. Apenas entrara offereceu-lhe mate em lugar de chá. Bebeu o botanico então, pela primeira vez, a infusão da ilicinea, achando-a pouco agradavel, aliás!

A casa do capitão mór nova e muito bonita, demonstrava a abastança do proprietario. O salão e a sala de jantar, os unicos aposentos visitados, tinham as paredes pintadas em simili marmore até certa altura, e eram depois caiadas até o forro, por baixo do qual corria um friso de flores. Nesta época tal genero de decoração não destituida de elegancia, era muito usada pelos brasileiros ricos.

O dia seguinte ao da chegada era domingo; viu o botanico passar pelo seu rancho grande numero de fazendeiros homens, e mulheres. Vinham á missa á cavallo e a villa se encheu de gente.

Que pena não dispuzesse de desenhista ou não soubesse fazer um croquis como Hercules Florence!

Em Campinas, como nos demais lugares do Brasil, as mulheres cavalgavam como os homens. Quando montadas traziam á cabeça um feltro e vestiam uma especie de amazona quasi sempre azul. Desde Mogy não avistara um homem só, sobretudo se cavalleiros, que não vestisse poncho. Durante a missa as campineiras como as mulheres do littoral punham á cabeça uma manta preta.

Além de Campinas o caminho continuava a cortar a matta virgem. Quasi por toda parte haviam derribado aqui e acolá as arvores até certa distancia afim que o ar circulasse mais livremente e seccasse facilmente a terra.

Passou Saint-Hilaire deante de diversos casebres e do rancho de Jurabatuva, construido pelo mesmo systema que o de Cam-

pinas a expensas do thesouro real; depois de caminhar quasi leguas pousou num lugar chamado Capivary.

Fôra o rancho local construido á custa do fisco; era enorme e podia receber immensa quantidade de mercadorias, mas estava cheio de pó e esterco, no meio do qual pululavam pulgas e percevejos.

"Ao cabo de poucos momentos minha gente estava com os pés e pernas cobertos desses insectos e minhas botas mal me garantiram!, exclama dolentemente o naturalista.

A poucos passos havia uma fazendinha onde vendiam milho aos viajantes. Fez o nosso viajante ao proprietario algumas queixas. Por que não varria o rancho do qual tirava lucros e deixava os viajantes serem devorados pelos insectos nocivos?

— Quem é este que varre rancho? respondeu-lhe o fazendeiro em tom grosseiro.

Estomagado commenta o naturalista:

"Encontrei certamente nesta estrada pessoas cordatas e polidas; mas em geral as que moram á beira do caminho são pouco educadas; tem modos vulgares, ar frio, abobado, tristonho, apathico e grande quantidade de tal gente, aliás de nossa raça, só se distingue do camponio francez por não ter nem alegria nem a vivacidade deste. E' bem diversa dos brancos das comarcas de Ouro Preto, Sabará, Serro Frio em Minas, pessoas que quasi todas estão acima dos ultimos.

Dando largas á moderação e imparcialidade costumeiras apressara-se o illustre viajante a commentar:

"Devo apressar-me em accrescentar que seria soberanamente injusto julgar os mineiros por aquelles dos seus patricios que moram á borda da estrada grande, tão frequentada, do Rio de Janeiro a Diamantina. Assim, tambem, não seria menor a injustiça pretender assimilar todos os paulistas á categoria desses homens forçados, por assim dizer, a viver no meio dos almocreves negros e camaradas, boçaes, grosseiros e viciosos que pelos ranchos passam e repassam continuamente."

A mesma floresta magnifica estendia-se entre Campinas e Capivary. O terreno começara a ficar um tanto dobrado, sobretudo, pelas vizinhanças de Jundiahy, onde o botanico, avistando a serra do Japy, notou montanhas bem altas que a seu ver certamente se ligavam á Serra da Mantiqueira. Parou a meia legua dessa cidade, num lugar chamado Ponte onde havia pasto fechado e casinhas onde se alugavam quartos aos viajantes. Taes os habitos locaes. Desde que se puzera a atravessar a zona florestal as mulas do naturalista sentiam-se menos felizes; os campos durante muito tempo haviam-lhes offerecido herva abundante e salutar; no meio da matta eram os pastos fechados, obti-

dos artificialmente pela derrubada. Estavam aliás, tão raspados que os solipedes dellas quasi nada podiam aproveitar.

Dentre os estrangeiros illustres credores do Brasil, muito poucos terão a fé de officio de Hercules Florence e a sua folha de serviços á nossa patria.

E se se trata então de S. Paulo, avultam, immenso, estes prestimos. Vivendo como viveu, meio seculo, em terra paulista, exerceu Hercules Florence, interruptamente, fecundo papel de civilizador, ao mesmo tempo que, pelo alto padrão da moralidade que era a sua, augmentava o prestigio dos ensinamentos de todo o genero.

Devem-lhe nossa iconographia das sciencias naturaes, e a dos costumes, serviços inapreciavelmente preciosos e valiosos.

Quem percorrer as salas do Museu Paulista, de golpe estará em condições de comprovar esta asserção.

Quando lhe propuzemos o titulo de "patriarcha da iconographia paulista" sabiamos quanto não commettiamos o menor exaggero.

Nascido em Nice, a 29 de Fevereiro de 1804, viveu, quasi ininterruptamente perto de cincoenta annos, na provincia de S. Paulo, fallecendo em Campinas a 27 de Março de 1879.

Tinha notaveis qualidades de observador e a faculdade inventiva sobremodo desenvolvida. Muito se occupou com os processos photographicos, por exemplo, mas a escassez do meio, do ambiente em que vivia, não lhe permittiu a recompensa ao esforço tão intelligente quanto pertinaz. Desenhista eminente, homem da mais elevada vocação artistica, foi dos mais notaveis observadores da natureza brasileira no seculo XIX.

Em sua *A expedição do Consul Geral Langsford ao interior do Brasil* (1825), traduzida pelo Visconde de Taunay, muitos depoimentos ha de subida importancia.

Chegando a Santos a 5 de Setembro de 1825 eis o que o naturalista diz da villa:

"Em Santos ha uma unica rua ao longo do rio e travessas que da praia vão ter ao alto de collinas a cavalleiro da cidade. Embora se note muito pouca actividade na resumida população, é este porto o mais importante de toda a provincia e o entreposto exclusivo do commercio de importação e exportação que busca a parte septentrional de S. Paulo."

Partindo de S. Paulo passou forçadamente pelo Cubatão onde notou grande movimento de transito de generos, sem comtudo perceber a presença do café.

"As tropas, ao descerem de S. Paulo, vêm carregadas de assucar bruto, toucinho e aguardente de canna e voltam levando sal, vinhos portuguezes, fardos de mercadorias, vidros, ferra-

gens, etc. Os productos francezes, como sedas, musselinas, chitas e toalhas de linho, que em S. Paulo, como em todo o Brasil, são mais apreciados que os de origem ingleza, têm importação, comtudo, inferior, porque o commercio francez é incomparavelmente menos activo. Outra razão ainda impede maior consumo: sua carestia em razão do grande onus dos impostos de importação.

A quantidade de assucar que annualmente transita pelo Cubatão é avaliada de 500 a 550.000 arrobas."

De S. Paulo foi a Jundiahy e Campinas; "cidade nascente bastante vasta, bem povoada, rica pela cultura em grande escala da canna de assucar e pela fabricação desse producto e da aguardente. Seus arrabaldes são agradaveis em razão dos sitios cultivados, multiplicidade de casas e engenhos de assucar. O commercio sobrepuja ao das outras cidades proximas, com excepção de Itú. A concorrencia traz a barateza das mercadorias."

De Campinas foi Florence a Itú e Sorocaba, Porto Feliz de onde passou para Cuyabá em uma monção, em que iam, além do Barão de Langsdorf, os naturalistas e scientistas Luiz Riedel, Rubzoff e Amado Adriano Taunay (afogado no Guaporé a 5 de janeiro de 1828).

Em parte alguma refere-se a cafezaes e a plantações de café, signal de que ainda estas não avultavam no oeste paulista.

Só em Cuyabá é que o illustre itinerante foi encontrar cultura da rubiacea sem contar no emtanto se esta era ou não avultada.

Em 1839 visitou o Rev. Daniel Kidder uma fazenda cafeeira dos arredores de S. Paulo, a de D. Gertrudes Galvão de Moura Lacerda, no Jaraguá.

"Dentre as excursões realisadas nos arredores de S. Paulo, uma das mais interessantes foi a que fizemos ás velhas lavras auriferas do Jaraguá. Ficam situadas a cerca de tres laguas de distancia da cidade, á base de uma montanha, da qual deriva o nome da localidade, e claramente avistavel da cidade em direcção de nordeste."

Sobre os resultados da velha mineração jaraguense escreveu o viajante uma serie das mais elevadas exagerações.

"Essas minas ou lavagens de ouro, foram as primeiras descobertas no Brasil. Produziram muito, em principios do XVII seculo, e a enorme quantidade do precioso metal, dahi enviada á Europa, valeu á região o nome de segundo Perú, incitando tambem a exploração no interior, de que ultimamente resultou a descoberta de varias localidades auriferas em Minas Geraes.

Desde muito deixaram de ser regularmente exploradas, e fazem hoje parte da propriedade particular de uma viuva, si-

tuadas como estão, dentro de uma fazenda que abrange cerca de uma legua quadrada.

A Snra. D. Gertrudes (viuva do Brigadeiro José Pedro Galvão de Moura Lacerda) não era sómente proprietaria dessa fazenda immensa, e sim de mais outras seis, de quasi egual valor, duas dellas situadas mais perto da cidade e muito bem apparelhadas com escravos, animaes, etc.

Morava num dos melhores predios da cidade, e tendo recebido um pedido official a que concorresse tambem para tornar mais interessante a permanencia dos visitantes da Provincia, favoreceu o nosso grupo, com amavel convite para passarmos alguns dias na sua fazenda do Jaraguá, para onde temporariamente transferira sua residencia.

Forneceu animaes aos hospedes esperados, mas como eu tivesse tido o offerecimento de um cavallo de outro amigo, e me visse impossibilitado de seguir com os companheiros, fiz minha apparição na manhã seguinte depois de caminhada matutina e com largo tempo de espaço para o almoço.

Tomaram parte nesta refeição cerca de 20 pessoas, todas sentadas em bancos, numa meza comprida e permanentenmente fixa na sala de jantar.

Era motivo de especial orgulho para a dona da casa, que tudo o que figurava em sua meza, fosse producto de suas plantações; o chá, o café, o leite, o assucar, o arroz, e as fructas, e os legumes assim como as carnes, emfim, tudo, exceptuando-se, do que ella superentendia, a farinha de trigo, os vinhos e o sal, que, estes, haviam feito a travessia do Atlantico.

Na fazenda de D. Gertrudes cultivavam-se a canna de assucar, mandioca, algodão, arroz e café.

Em torno da casa grande occorriam numerosos alpendres, taes como as senzalas dos negros, tulhas para os mantimentos e as instalações para os beneficiar.

Destacava-se o engenho de cachaça, corrente na maioria das propriedades assucareiras, onde se distillava o melaço extrahido do assucar.

Tal engenhoca, conta-nos Kidder, era primitiva e tosca e semelhante aos moinhos de cidra dos Estados Unidos. Moviam-na quatro bois.

A 9 de Dezembro de 1846 partiu Ida Pfeiffer do Rio de Janeiro para o Chile a bordo de um bello navio inglez o *John Renwick* cujo passadio era optimo. A 13 ancorou em Santos onde o capitão devia embarcar assucar e desembarcar carvão e ao mesmo tempo attestar os paioes de comestiveis pois no porto paulista os viveres eram bem mais baratos do que no Rio de Janeiro.

Achou a famosa *globetrotter* linda a situação da cidadesinha de Santos. Della partiu para visitar Santo Paulo (sic) armando-se bem, ella e os companheiros, pois a estrada era insegura devido ao grande numero de quilombolas da vizinhança.

Estrada pessima, panorama magnifico do Alto da Serra, boa impressão da capital paulista apezar da ausencia completa de hoteis, embora, pelo caminho do Mar, houvesse boas estalagens. Ruas assaz largas mas semi-desertas apenas animadas pelo chiar dos carros de boi "musica infernal".

Casas de mais gosto, do que no Rio, guardando-se as proporções entre as duas cidades, mas geralmente sem esthetica nem estylo architectonico.

Achou a viennense S. Paulo muito quente causando-lhe extranheza o facto de uso geral por parte dos homens de dois grandes mantos superpostos, "moda exquisita"! Nada de curioso a se ver na cidade a não ser a plantação de chá do Jardim Botanico. Tres semanas ficou Ida Pfeiffer em Santos até que o *John Renwick* desembarcasse 200 toneladas de carvão de pedra e embarcasse 6.000 saccas de assucar.

Isto lhe occasionou o espectaculo de desembarque de 670 africanos, em pleno porto de um negreiro que não encontrou a menor difficuldade em sua descarga de escravos, por parte das autoridades militares e civis da praça! Isto em fins de 1847!

Nem uma só palavra consagra a *globe trotter* ao café.

Fallando de Campinas em 1853, assim se exprimia James Fletcher:

"Ao nos approximarmos da cidade fiquei impressionado com a belleza e a fertilidade da região circumvizinha.

As grandiosas montanhas haviam ficado bem distantes para traz e em torno de nós, até onde podia a vista alcançar, estendiam-se vastas planicies ou antes prados ondulantes, onde quasi cada alqueire de terra se achava cultivado.

Existiam ali cafesaes primorosamente tratados e por entre o verde escuro de sua ramagem, surgiam os casarões brancos dos fazendeiros.

Foi á tarde do 28 de junho que attingimos as vizinhanças de Campinas. A belleza transparente das noites tropicaes tornava-se ainda mais magestosa devido á illuminação da cidade, ás fogueiras esparsas pelos campos, e aos mais rutilantes fogos de artificio arremessados ao ar de cada uma das ruas da cidade e fazendas dos arredores.

Este espectaculo e os estampidos eram de tal ordem, que uma pessoa, sem grande esforço de imaginação, poder-se-ia acreditar junto de alguma cidade sitiada e durante cerrado bombardeio.

Estavamos na vespera de S. Pedro e todos aquelles que tinham um *Pedro* ligado á familia julgavam-se na obrigação de queimar deante de sua porta enormes montes de combustivel, soltar grande quantidade de foguetes e disparar innumeraveis pistolas, mosquetes e roqueiras.

Foi sob tal sarabanda que entramos em Campinas.

Meus dois guias conduziram-me atravez de ruas estreitas e finalmente attingimos um grupo de casinholas caiadas de branvo. Eram as residencias de amigos meus paulistas: mas eu não poderia cogitar em lá hospedar-me e manifestei o desejo de que alguem me acompanhasse até uma estalagem.

Foram todos muito gentis, mas tão atarefados estavam em cuidar dos exhaustos cavallos que ninguem pôde ser dispensado para tal fim.

O hotel, se assim o pudessemos chamar, ficava muito distante e suggeriu-se-me então que me seria preferivel pousar em casa destes amigos, embora ficasse mal accommodado. Reflecti que não poderia ser mais inconfortavel do que minhas installações da noite anterior.

Foi então que entrei na casa do Snr. Theobaldo o "Carpinteiro". Desta residencia fala o missionario americano como se fosse um templo do desasseio, do desconforto, da desordem e da penuria. Aliás bom homem o estalajadeiro, cafuso attencioso e prestativo.

Tendo attingido Limeira que muito desejava conhecer por causa da tentativa de colonização do Senador Vergueiro apressou-se Fletcher em visitar a fazenda do illustre ex-regente do Imperio.

"Na manhã que se seguiu á minha chegada a Limeira, e acompanhado do Dr — fui á fazenda do Ybicaba, pertencente aos Vergueiros. Amanhecera um dia claro e delicioso e cavalgavamos sob uma abobada de arvores da matta.

De tempos a tempos o Dr. — me assignalava algum especimen notavel deste dominio do reino vegetal e delineava suas peculiaridades e qualidades, como só o poderia fazer pessoa cujo coração estivesse preso ás bellezas da natureza.

Sahindo da floresta que ladeia a estrada vimos a celebre fazenda de café do senador Vergueiro. Ainda que mais houvesse ouvido falar deste estabelecimento de que de outro qualquer não tive decepção. Passámos pela porteira da entrada e fomos bem recebidos por um bando de papagaios de cores alegres que ora pousavam, ora gritavam em redor das franças de um grupo de arvores muito altas. Um casal assentou em certo galho, parecendo confabular, amavelmente, sobre os recem-chegados. Entre Campinas e Limeira, e tambem no Ibicada, obser-

vei que as arvores eram muito mais altas, sem comparação ás que eu encontrara em qualquer parte do paiz. Tres nobres cidadãos da floresta primitiva haviam sido poupados perto da residencia do senador Vergueiro, offerecendo imponente vista no meio do descampado.

A' distancia podiamos ver a casa grande e capella e do outro lado, varias construcções que eram a venda, a tulha e a casa de machinas. A' nossa esquerda ficavam as casinhas aceiadas dos colonos. A especialidade do Ybicaba é o emprego de colonos livres; em seu costeio. Os que o Senador Vergueiro e seu filho trouxeram para substituir os africanos pertencem ás classes operarias da Allemanha e Suissa. Suas vistas largas da verdadeira economia mostrariam dentre em breve que taes planos não só dariam optimos resultados como tambem ajudariam, e muito, a elevar as condições dos que estavam em más condições em sua patria. Os Vergueiros resolveram a questão tantas vezes ventilada: "Qual o melhor modo de colonisação para o Brasil?"

Ao nos approximarmos da casa vimos, de todos os lados, signaes evidentes de prosperidade. Pela primeira vez, desde que chegara ao Rio de Janeiro vi carroças cujas rodas não eram do feitio primitivo das dos Romanos mas com verdadeiros eixos, como rodas de vehiculos civilizados. Convem mencionar que não só elles como toda a ferramenta da agricultura, e machinismo é fabricado na fazenda. E quando percebi a competencia daquelles carpinteiros, marceneiros, ferreiros e carroceiros dos Cantões de Vaud e do Valais e do interior dos villarejos da Prussia, percebi que não só não havia perdido a dextresa antiga como até melhorado sob a largueza de vistas de seus esclarecidos patrões.

O senhor Luiz Vergueiro, filho do Senador, recebeu-nos com attenções especiaes."

Depois de fallar enthusiasticamente do illustre ex-regente do Imperio e gastar diversas paginas a expor como elle soubera primorosamente educar os filhos accrescenta Fletcher:

"Em 1841 o senador Vergueiro affrontando a opinião publica, mandou buscar na Allemanha quarenta familias de colonos; mas o governo geral tanto fôra adverso ao velho senador, durante as perturbações da ordem em 1842, que tal ensaio falhou. Em 1846 recomeçou a realisar seu projecto, e, ao fazel-o, foi optimamente succedido. O proprio governo, atravez dos orgãos, officiaes, recommenda hoje o methodo Vergueiro, como digno de imitação.

Pode este systema ser exposto em poucas palavras. O Snr. Vergueiro mantem na Europa um agente que se communica com

as autoridades communaes e os particulares, offerecendo facilidades aos pobres robustos que queiram emigrar, com suas familias, para o Novo Mundo.

O emigrante, na sua opinião pode ou custear as despesas da viagem para o Brasil ou, se convier que o Snr. Vergeiro o transporte, concorda ipso facto em reembolsar, em qualquer tempo, e sob determinado contracto, o preço da passagem, com pequenos juros. O agente em Hamburgo freta um vapor e assim um grande numero de colonos pode obter nova morada por preço moderado.

O Senador Vergueiro, de seu lado, garante todas as despesas dos colonos desde a costa até suas fazendas, e no ponto de seu destino fornece, a cada cabeça de casal, habitação e uns tantos milhares de pés de café, em proporção com o tamanho de cada familia, a todos sustentando com provisões, artigos para vestimentas, tudo por preço modico. O colono por sua parte, concorda em tratar escrupulosamente o talhão de café que lhe é attribuido, compartilhando dos lucros e perdas da colheita. Não o deixará antes de um anno, reembolsando sua divida (se ainda existir) relativa da passagem pago adeantado.

O contracto é muito simples e como emprego de capital seguro para ambas as partes.

Durante o anno de 1854 o resultado da colheita da fazenda de Ybicaba foi de um milhão e seiscentas mil libras (cincoenta mil arrobas). Metade dos lucros e despesas apuradas se attribuiram aos colonos.

Visitei as casinhas dos colonos distantes cerca de uma milha da casa grande, quando por ellas passei fui constantemente cumprimentado por elegres operarios suissos e allemães, alguns dos quaes rodeados por creanças, louras, alegres e barulhentas, que pulavam com tanta alegria e vida como se estivessem no sopé do Hartz ou nos valles do Oberland.

Na colonia encontrei um escrivão que tomava conta dos livros dos colonos, e dava ordens a estes ultimos para o recebimento de toucinho, panno, etc. Sem sua assignatura nada podiam obter na venda da fazenda.

Alguns colonos progrediram notavelmente, tendo, em cinco annos, ganho quinhentos e setecentos mil réis. Seu nivel moral se alteia comparando-se-o ao dos dois paizes dos quaes vinham. De 1847 a 55 (periodo de minha visita) entre diversas centenas de operarios das classes mais modestas da Suissa e Allemanha nenhum filho natural nascera.

Os Vergueiros incitavam os colonos ao casamento não sómente por interesse pela moralidade como pelo de maior proveito de ambos; do fazendeiro e do colono. Ha agora em suas

terras perto de um milheiro de trabalhadores europeus ahi se incluindo as creanças.

Ybicaba é uma fazenda pequena, de cinco ou seis milhas quadradas; mas perto della os Vergueiros possuem outra propriedade não tão cultivada mas tres vezes maior. Em Angelica tem uma fazenda nova, bem adaptada á cultura do café, com doze leguas de circumferencia. Até agora haviam empregado negros nessa grande propriedade mas a intenção do lavrador era introduzir, logo que possivel lhe fôsse, trabalhadores livres.

Perguntei ao snr. Luiz Vergueiro se era mera philantropia que provocava taes esforços ao incentivamento do trabalho livre; retrucou-me prompto e categorico: "Achamos que o trabalho de um homem que tem vontade propria e interesse no que faz é enormemente mais aproveitavel do que o trabalho do escravo."

Que differença entre estes colonos felizes e alegres e os desanimados residentes da colonia de Dona Francisca! (Joinville em Santa Catharina) que o nosso pastor protestante acabava de visitar!

"O Snr. Vergueiro e seu filho, estão constantemente melhorando os methodos de cultivo e estudando a melhor maneira de applicar o trabalho nordico e a pericia na agricultura tropical.

Em seu engenho as machinas de madeira e ferro são como quaesquer outras fabricadas na Europa e na America do Norte. Entre as varias destinadas a facilitar o beneficio do café havia uma — de invenção do proprio Senador Vergueiro — que limpava nada menos de trinta e duas mil libras de café por dia (mil arrobas).

Fomos, amavelmente convidados para jantar na casa grande e é desnecessario que eu descreva o cardapio deste sumptuoso repasto. Basta dizer que o "summo da terra" alli se apresentava em profusão e o "banquete da razão", etc., foi fornecido pelo snr. Luiz Vergeiro o Dr. X. e o intelligente padre que conversava fluentemente em francez e allemão.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO CXII

Impressões de Bananal em 1860 — Os magnificos predios de fazendeiros ricos — Desenvolvimento enorme do municipio devido á lavoura cafeeira — Dissenções politicas perturbadoras de tal progresso

Deixando a fazenda fluminense da Bella Vista, propriedade do Barão do mesmo nome, e futuro Visconde de Aguiar Toledo, encaminhou-se Augusto Emilio Zaluar, escriptor portuguez, ao Bananal, em 1860, por estradas geralmente muito pouco conservadas.

"As duas leguas que separam a Bella Vista da primeira cidade de S. Paulo, annota, são regulares para quem está habituado a ellas, mas em alguns pontos abominaveis para quem as percorre pela primeira vez. O termo da primeira legua é demarcado pela ponte chamada das Tres Barras, perto da qual fazem confluencia os rios Turvo, Pirapitinga e Bananal; dahi por deante a estrada é melhor e costea, em quasi toda a sua extensão, a margem direita deste ultimo rio."

Dá-nos Zaluar as primeiras impressões do que foi vendo na primeira cidade do extremo nordeste de S. Paulo, onde o hospedou antigo amigo e collega de imprensa, o Dr. Francisco Xavier Vahia Durão, conceituado causidico de quem faz os maiores elogios. Assim escapou aos hoteis da Ponte e da União, de que com certeza falaria mal na sua ogerisa costumeira ás hospedarias, quiçá muito justa.

"A cidade do Bananal não offerecia, a quem vinha pela estrada de Barra Mansa, quadro algum apreciavel. Situada em terreno baixo, mostrava-se como meio escondida nas dobras desiguaes das proprias construcções, sem que se lhe descobrissem os edificios. Nem se lhe descortinava ao menos o horizonte.

A nomenclatura de suas ruas, felizmente planas e alinhadas, nada offerecia tambem de curioso, pois não se libertava das eternas variantes das ruas do Rosario, Direita, Lavapé, communs a todas as povoações brasileiras, concorrendo isto para a monotonia e uniformidade em que se moldavam quasi todos

os nucleos do interior. No emtanto era o aspecto geral da cidade risonho, e alguns edificios importantes, sobresahiam á vista do viandante observador, merecendo examinados com mais detida attenção".

"Terra de cafesistas tão ricos, tinha no emtanto mesquinhos e feios edificios publicos".

Critica o nosso itinerante o facto de serem em geral muito inferiores ás casas particulares:

"A matriz, a camara municipal, forçosamente associada á cadeia, e o cemiterio, collina coberta de matto, eram pobres, feios, mal construidos, e, fosse-lhe revelada a franqueza, indignos de um municipio onde havia tantos elementos de riqueza, fazendeiros tão abastados e de bom gosto, e finalmente de uma povoação onde se ostentavam muitos predios particulares, que pela magnificencia e riqueza mais amesquinhavam ainda essas obras pertencentes á collectividade que se deviam construir com a solidez conveniente, e de accordo com os preceitos da arte, de que pareciam inteiramente desherdadas".

Prova de quanto affirmava era o que se dava com a Santa Casa de Misericordia e a Igreja Matriz:

"A primeira, a melhor e a mais grandiosa de todas as construcções publicas locaes, estava ainda por concluir, deteriorando-se, e com pouca esperança de prestar rapidamente os soccorros para que fôra instituida. Obra de um particular que fallecera, não encontrara ainda o seu continuador. Debalde esperava os auxilios dos cofres da Nação, visto ser notorio que por toda a parte os erarios provinciaes soffriam de um mal contagioso e quasi incuravel.

Constava que alguns reparos, isto é, uma igreja internamente nova, se pretendia fazer na matriz. Delles fôra encarregado o Sr. José Maria Villarongo".

Deste artista-engenheiro, pintor e decorador hespanhol, aliás chamado Villaronga e não Villarongo ha grande copia de trabalhos em numerosos logares da antiga provincia do Rio de Janeiro e em São Paulo.

Delle conhecemos decorações em Vassouras, na Parahyba do Sul, além de diversos retratos.

De sua capacidade dizia Zaluar:

"O bom gosto, actividade e intelligencia do artista são já lisongeiros penhores de que o Bananal terá breve um templo bem acabado e digno das solennidades do culto catholico".

Impressionou-se Zaluar com o aspecto de alguns sobradões vultosos que enriqueciam a cidade:

"No emtanto, a povoação tem predios dignos de uma capital; entre elles avulta o do Commendador Manoel de Aguiar

Vallim, no largo do Rosario, com dezaseis janellas, de gradil na frente, e primorosamente acabado, segundo me dizem, interiormente; a casa do Sr. Manoel Venancio Campos da Paz, no mesmo largo, espaçosa e de elegante architectura; a da senhora D. Maria Joaquina d'Almeida, e a do Sr. Luiz Ribeiro de Souza, no largo do matriz; e mais algumas dignas de notar-se pela sua construcção, commodidade e bella apparencia."

Communicando as primeiras impressões sobre a visita á cidade paulista do extremo nordeste da Provincia, expende o nosso itinerante ingenua observação, reflexo de seu feitio de europeu.

Declara haver esperado notar grande differença dos habitos e costumes ao atravessar a linha fronteiriça paulisto-fluminense e no emtanto ter-se por completo equivocado! Singular espectativa, força é convir!

O grande municipio cafeeiro aspirava, diz o viajante, incorporar-se á Provincia do Rio de Janeiro a exemplo aliás do que se conta de varios outros da Matta de Minas. Provinha tudo isto de factos de ordem economica do desejo dos fazendeiros de café esquivarem-se ao pagamento de impostos de transito interprovinciaes e obsoletos que o Governo Imperial permittia, inspirado em atrazada politica economica.

Ouçamos porém o nosso autor:

"Quem pisa pela primeira vez o territorio da provincia de S. Paulo, e entra na cidade do Bananal, pensa naturalmente encontrar logo nos habitos e costumes desta povoação um caracter differente do da provincia do Rio de Janeiro; mas é um engano.

O Bananal, pela posição topographica, as relações do commercio, a natureza de sua cultura, a indole e usos da população, suas conveniencias administrativas e economicas, e finalmente o desejo constante de seus habitantes, seja qual fôr a sua côr politica, de fazerem parte da provincia do Rio, está por assim dizer como isolado e deslocado nos limites de uma divisão territorial que não lhe offerece commodidade de natureza alguma, difficultando-lhe antes e tolhendo-lhe a marcha regular e a ordem do seu expediente official e de seu movimento industrial e agricola.

Esta justa aspiração de um municipio inteiro, que tão poderosas razões parecem justificar, tem sido mais de uma vez manifestada pelas discussões da imprensa e da tribuna parlamentar, e corroborada com as representações da camara municipal, expressão franca da vontade collectiva do povo, sem que até agora os altos poderes do estado tenham dado solução satisfatoria a uma reclamação que ninguem deixará de reconhecer de grande utilidade para a bôa administração do paiz, e de muita conveniencia para o desenvolvimento e regularidade dos interesses e negocios locaes".

Critica Zaluar a actuação do Governo Imperial que se mantinha inerte sabiamente aliás, ante este movimento, altamente prejudicial aos cofres provinciaes de S. Paulo ameaçado de perder o seu talvez mais rico municipio.

Reflectindo a opinião de interessados entendia Zaluar que o Bananal tinha muito que lucrar com a suspirada desannexação.

Cousa que surprehendeu o viajante veio a ser a differença notada entre certo facies da cidade paulista e o dos demais grandes centros cafeeiros por elle até então percorridos.

Explicava a causa desta inferioridade positiva:

"Qual o motivo porque o Bananal não tem edificios publicos correspondentes á riqueza e á população de seu municipio, em quanto Barra Mansa, Rezende e Pirahy lhe levam neste ponto a palma? E' que o Bananal foi até certo tempo um campo constantemente aberto á exploração dos ambiciosos politicos.

Daqui as lutas eleitoraes, as desintelligencias de familia, a quebra das amizades, e as discussões do povo, que acompanha sempre as parcialidades que mais o lisongeiam. Onde os homens se reunem para o bem geral, é que ahi são separados infelizmente pelos odios dos partidos".

Felizmente já se notava certo apaziguamento de espiritos.

"Graças ao tempo mais calmo em que vivemos, estas dissenções acham-se hoje quasi extinctas, e é de suppor que d'ora em deante o Bananal entre em uma quadra mais pacifica, e seus habitantes concorram de commum accordo para o conseguimento de certos melhoramentos indispensaveis a uma cidade onde ha já tantos elementos de progresso".

CAPITULO CXIII

Aspectos do Bananal — O marasmo das cidades cercadas de grandes fazendas — Indices de civilisação progressiva — Palavras de Spix e Martius e de Saint Hilaire

Descrevendo os costumes bananalenses em 1860, dizia Augusto Emilio Zaluar que certo viajante moderno affirmava ser necessario, para se conhecer o estado de civilização de um paiz, procurar logo aquilatar de sua instrucção publica, e observar-lhe o movimento dos theatros e botequins.

No Bananal, errado andaria quem pretendesse estribar sobre estes dados uma apreciação exacta e segura do municipio. A instrucção alli era representada, apenas, por duas escolas particulares do sexo masculino e uma publica de meninas, frequentadas as primeiras por uns vinte alumnos, e a segunda por uma ou duas educandas! Theatros e botequins constituiam contrabando na terra. Até a falta de um barbeiro se tornava sensivel. Affirmaram-lhe que não havia quem se aventurasse a esta industria, por não ser possivel lutar com a concorrencia dos boticarios, na applicação das bichas e ventosas. Esta razão não podia deixar de forçosamente convencer o reparador.

Proseguindo na série de impressões escrevia o viajante luso-brasileiro:

"Creio ter dito bastante para se fazer uma idéa exacta do que é o Bananal, primeira povoação da provincia de S. Paulo, onde me levavam as minhas diggressões de viagem; devo porém accrescentar que o trato de seus habitantes é ameno e affavel, contando-se no gremio delles grande numero de cavalheiros illustrados, que muito honram não só o municipio como tambem o paiz".

Infelizmente o que ali se notava era a diminuta sociabilidade, o que á povoação infundia aspecto monotono. Contaram-lhe que nas fazendas corria a vida mais animada se bem que em algumas, mas poucas, se conservassem ainda as senhoras em triste reclusão, costume que recordava aos viandantes a tenda hospitaleira, mas ciumenta, do Arabe (sic).

Philosophando sobre o que vira na provincia do Rio de Janeiro, e á ourela da de S. Paulo expende Zaluar alguns apanhados exactos:

"A maior parte das cidades e villas do interior que tenho visitado, é forçoso confessal-o, longe de se encaminharem para um porvir mais prospero, acham-se pelo contrario em periodo de estacionarismo ou atrazo que realmente contrista".

Um phenomeno, curioso, de aspecto feudaliforme, levava os grandes lavradores a se isolarem em suas magnificas fazendas, o que era muito prejudicial ao commercio das agglomerações urbanas e á civilização em geral.

"Os grandes proprietarios de terrenos, deixando de frequentar os povoados, e reconcentrando-se em suas fazendas, verdadeiros castellos feudaes do nosso tempo, fazem convergir para ahi toda a vida, que reflue das povoações para essas moradas ostentosas onde muitas vezes o luxo e a riqueza disputam primazia á magnificencia dos palacios da capital.

Daqui nasce o desanimo e o desconforto das classes pobres; daqui o definhamento do commercio; daqui a paralysação das industrias; daqui finalmente a depreciação dos predios e a falta do gyro dos capitaes que é o sangue que circula nas veias e alimenta as forças de todos os centros populosos.

Dantes o fazendeiro vivia, quasi simultaneamente, tanto em sua lavoura como em seu domicilio no povoado; edificava, animava com sua presença, e seu dinheiro, os melhoramentos locaes; concorria para os edificios publicos, concorria para as obras pias, os festejos nacionaes, as festividades religiosas, concorria emfim para tudo que desperta o movimento que põe em acção os interesses relativos dos homens, vivendo em esphera collectiva mais ou menos desenvolvida.

Agora o lavrador retrahe-se em sua fazenda, não apparece senão por necessidade no povoado, não manda comprar ahi os generos de que carece, faz transportar tudo da Côrte. E' lá que tem as suas transacções, vende o producto de suas safras; é lá que vae emfim passar dias e mezes quando quer distrahir-se ou procura descansar das fadigas agricolas".

Assim nada mais merencorio do que o aspecto das cidades cafeeiras; cercadas de enormes fazendas:

"Nada mais triste do que ver hoje uma povoação do interior! As ruas estão despovoadas; as familias apenas por milagre sahem á rua ou, apparecem nas janellas; por toda a parte reina o desalento e a solidão. Se por ventura um momento se reanimam tudo isto é rapido e transitorio, para logo tornarem a cahir na atonia e no marasmo.

Os edificios permanecem desertos, e no meio das praças publicas os animaes continuam tranquillos a pastar, como quem não se importa das posturas municipaes, e muito menos do fiscal que as deve pôr em pratica".

Estas linhas consagradas á indifferença dos equinos e bovinos ante os funccionarios encarregados da fiscalisação municipal e o respeito ás suas attribuições é que, forçoso se torna convir, representa legitima perola de *sottisier.*

Outr'ora pretende o nosso itinerante bem diverso era o aspecto destes centros cafeeiros:

"No emtanto eram constantes aqui. Jantares, reuniões, bailes e festas traziam todo este povo em movimento, em acção; comprava-se e vendia-se muito; todos os interesses tinham portanto largo respiradouro".

Qual ao ver do nosso autor a causa primordial de tão perniciosa transformação de costumes? A politica, ou antes as suas modalidades mais sordidas, e mesquinhas, a politicagem, a politiquice, a politicalha como quer que fosse designada esta feição das competições da ambição, da inveja e da vaidade.

Era o que explicava o viajante, attribuindo ainda a outra causa concomitante tão graves males.

"Qual porém o flagello que reduziu quasi ao anniquilamento todos estes centros de commercio e da riqueza do paiz. Como se explica esta subita transformação, esta passagem rapida de um estado de florescimento para este de fatal decadencia que lhe sobreveio agora?

Explica-se, quanto a mim, ainda pelas dissenções politicas, e talvez pela absorpção das pequenas propriedades, que quasi por toda a parte, vão progressivamente sendo feudatarias ou incorporando-se ás grandes fazendas. Estas causas, a facilidade das communicações para a Côrte, e ultimamente a crise financeira por que tem pasado o paiz, crise mais ficticia que real, pois nasce, quanto a nós, mais da centralisação dos capitaes do que de notavel decrescimento nos elementos de exportação, como se prova da estatistica dos consulados e das alfandegas; todas estas circumstancias tem produzido como effeitos naturaes a decadencia das povoações, isto é, o enfraquecimento das classes menesterosas, ao passo que os grandes proprietarios se elevam, crescem, chegando já em muitos pontos a concentrar em suas mãos immensas e fabulosas fortunas".

Era a crise profunda e não tinha concerto proximo, no pensar severo do observador:

"Tarde, se por ventura ainda é possivel, sem promptas e energicas providencias de um governo que se interesse com mais dedicação pela sorte daquelles que não tem por unico meio de

vida fazer eleições; tarde, dizemos, tornará a reapparecer o equilibrio desconcertado por tão violentos abalos. Onde ha só ricos e pobres, e não existe mais ou menos igualdade nas fortunas ahi desapparecem os interesses collectivos, e com elles a independencia dos cidadãos".

Achava Zaluar, que em 1860 já decahira o Bananal do seu periodo apogeico e para comprovar commentava:

"O Bananal já teve tambem o seu periodo de engrandecimento e prosperidade. Quando não tivessemos outras provas deste facto, ahi estão para o attestar tantos predios elegantes e dispendiosamente construidos, que bem provam o trafego e o movimento que já aqui houve. Hoje, porém, é mais uma cidade sem animação e sem vida. Onde pois se escondem as dezoito mil almas que compõem este municipio, cujo centro é por assim dizer uma povoação deserta? Toda essa gente está na roça, e só aqui vem no tempo das eleições, quando funcciona o jury ou ás paradas da guarda nacional.

Estas são as tres festas solemnes do anno a que ninguem falta, de boa ou de má cara.

Mas na primeira madrugada depois do ultimo dia de trabalho, tudo desapparece de repente e como por encanto. A povoação porém vinga-se? vão-se os hospedes, mas fica a intriga".

A seguir emitte uma comparação positivamente desastrada, senão toleirona, querendo estabelecer impossivel confronto entre condições de vida as mais dispares:

"Seria mais feliz o Bananal quando, em vez destas casas arrogantes as choupanas pittorescas do indigena bordavam as margens deste rio fertil nas flechas de ubá com que elles montavam os seus arcos, instrumentos toscos, mas seguros de sua independencia primitiva? Não sei. Mas o que hoje existe dessa raça poderosa dos Tapuyas, que noutro tempo povoou estes sertões, são apenas algumas talhas de barro que serviam de urnas funerarias, e onde se encontram ainda as ossadas dos mortos.

O largo do Rosario parece ter sido o cemiterio desta tribu, pois é ahi que se acharam a maior parte destes sarcophagos".

Traçando o historico da opulenta cidade, escreve o itinerante legitima inexactidão: haveria uns setenta annos (portanto em 1790), "o terreno em que estava edificada a cidade era uma fazenda pertencente a André Lopes, primeiro patriarcha do logar; por meio da povoação actual passava então a linha divisoria dos limites entre a provincia de S. Paulo e a do Rio de Janeiro. Agora, a divisão territorial era outra, como outro o destino daquella propriedade".

Ora, na data apontada, a fronteira entre as capitanias de S. Paulo e Rio de Janeiro vinha a ser o Pirahy, como se pode

ver no mappa tão conhecido de Montesinho, datado de 1791. E nem ha necessidade de appellar para esta carta, tão abundantes os documentos comprovadores deste facto.

Affirma Saint Hilaire, aliás, que a fronteira entre as duas circumscripções, fora recuada para oeste por ordem do Intendente de Policia, Paulo Vianna, nas vizinhanças de 1820. E relata ainda o boato ouvido na zona de S. João Marcos, de que assim agira aquelle homem poderoso, movido por interesses pessoaes avultados, de uma peita de fazendeiros e outros moradores importantes da região sanjoannense, o que provavelmente não passava de calumnia.

Chega Saint Hilaire a precisar o *quantum* do suborno, tres mil cruzados, segundo a mexeriqueira informação.

Segundo parece os primeiros moradores do Bananal ali surgiram, no meio da densa mattaria, entre 1783 e 1785. Eram elles João Barbosa de Camargo e sua mulher, Maria Ribeiro de Jesus Camargo.

Já em 1811 via-se o arraial elevado a freguezia, sob o orago do Senhor Bom Jesus do Livramento, do nome da capella erecta pelo casal Camargo. Districto de Lorena, a principio, fôra incorporado a Areias. Em 1810 apparecera outro povoador de pról, o mais tarde Commendador Antonio Barbosa da Silva, chefe de numerosa familia, verdadeiro clan. Comprara enormes terras e as loteara.

Em 1817 passaram por Bananal Spix e Martius, vindos do Rio de Janeiro, notando que a freguezia tinha um facies mais civilizado do que a zona até então atravessada. Grandes roças de milho rodeavam as casas dos sitiantes que pareciam bem menos desconfortaveis do que as da região sanjoannense.

Derrubava-se grande area florestal, onde começavam a apparecer enormes milharaes e havia muitos colonos novos nas vizinhanças do Morro Formoso.

Alguns europeus ensaiavam por ali a cultura do linho e do algodão.

Curioso que os dois grandes naturalistas não alludam a existencia de cafezaes na zona.

Saint Hilaire, cinco annos mais tarde, refere haver passado pela aldeia do Bananal, séde de uma parochia. "Esta villa, narra o illustre botanico, fica situada num valle bem largo entre morros cobertos de matta, e compõe-se de uma unica rua".

"Pareceu-me de fundação inteiramente nova mas é provavel que logo adquira importancia, pois situada no meio de uma região onde se cultiva muito café e cujos habitantes por conseguinte possuem rendas consideraveis".

Realizou-se a espectativa de Saint Hilaire.

Já em 1832 via-se o Bananal elevado a villa. Em 1837 era o segundo districto cafeeiro de São Paulo, colhia 64.822 arrobas logo abaixo de Areias com 102.797. Contava 6.708 habitantes, 82 fazendas de café e 8 engenhos de assucar, informa o *Quadro estatistico* do Marechal Müller.

Tal o desenvolvimento do municipio e da villa que em 1849, seria elevada a cidade.

Em 1854 era Bananal o primeiro municipio cafeeiro de São Paulo produzindo 554.600 arrobas — quasi o decuplo de 1837! — muito acima de Taubaté (363.000) Pindamonhangaba ..... (350.000) e Campinas (335.000).

E o seu caracteristico era o de possuir grandes fazendas.

Contava em setenta destas propriedades nada menos de 7.622 escravos, ao passo que Campinas arrolava 6.000 em 117 fazendas.

Não era crivel pois que, em 1860, houvesse declinado, sensivelmente, a posição do Bananal, como pretendia Zaluar quando justamente affirma haver neste anno o municipio exportado mais de um milhão de arrobas de café!

Assim nada mais, falso do que esta affirmação:

"A corôa mural da nova cidade em bem pouco tempo tem perdido os mais bellos e ricos de seus florões!

Outra observação sem base é a que se segue:

"Os cereaes tem escasseado a ponto que já não supprem as necessidades locaes. O commercio hoje está aqui muito reduzido, apezar do povo que habita e povôa tão ferteis e vastos terrenos".

Extranhou o viajante luso-brasileiro que tão importante nucleo apenas contasse duas dezenas de eleitores:

"O Bananal entra apenas com vinte eleitores para o seu circulo eleitoral. E' curiosa a estatistica que presidiu ás divisões, quasi por toda a parte em antagonismo com o numero de habitantes da povoação! Já quando tratei de Rezende fiz a mesma observação.

Eram os eleitores parochiaes do primeiro gráo 1.420 diz o Almanack Laemmert, e 20 os do segundo. Realmente num municipio onde havia tantos fazendeiros opulentos, onde residiam quatro advogados formados, sete sacerdotes, seis medicos, etc., era extraordinaria tal anomalia.

Basta lembrar que o Presidente da Camara Municipal, o Coronel Commandante da Guarda Nacional dos municipios do Bananal, Barreiros, Areias, Queluz e Silveira, riquissimo fazendeiro e grande chefe do partido conservador, o Barão de Bella Vista, não figurava entre os eleitores. Sel-o-ia em Barra Mansa?

Tão singular este criterio que outros grandes fazendeiros como o Commendador Antonio Barbosa da Silva não eram eleitor de segundo gráo. E dos advogados formados um apenas se citava neste ról, o Dr. Antonio Leme da Silva.

Não se alargava o quadro destes eleitores por motivos de ordem politiqueira quando de toda justiça seria que se o fizesse.

Em Rezende, aliás, a cidade dava muito menor numero de eleitores do que a roça. Dezeseis apenas, quando Arrozal de Pirahy contava 24, Manigancias do que se intitulava pomposamente *politica*.

Falando das grandes propriedades bananalenses escreve Zaluar:

"Muitas fazendas de primeira ordem concorrem para a riqueza agricola deste municipio. Tive occasião de visitar, além da do Sr. Barão da Bella Vista (Bella Vista), a do sr. Commendador Manoel de Aguiar Vallim (Resgate), que se torna notavel não só por ser, uma das melhores propriedades do lugar, como pelo gosto com que são pintadas as salas e a capella da sua casa de moradia campestre. As pinturas são devidas ao habil pincel do Sr. Villaronga.

A sala de visitas, toda de branco com frizos e ornatos dourados, tem o tecto de muito bom gosto, e nos paineis das portas delicadas pinturas representando os passaros mais bonitos e conhecidos do Brasil pousados nos ramos das arvores ou arbustos de sua predilecção de cujos troncos se vêm pender deliciosos e matizados fructos. A sala de jantar e a capella, que é um trabalho de muito preço, não merecem menos elogio".

Fazendeiro opulento construira o commendador Manoel de Aguiar Vallim, na cidade, um dos mais sumptuosos sobradões, typicos do fastigio do café imperial. Occupa-o hoje o Grupo Escolar Nogueira Cobra.

Delle disse Paulo José Pires Brandão em interessantissimo artigo publicado no *Jornal do Commercio* em Outubro de 1936:

"Este palacio além de grande hall de entrada, com sumptuosas escadarias, possue salão de baile — que talvez sem errar seja um dos maiores do Brasil, com lugar reservado para grande orchestra, paredes e tectos pintados por artistas — como possuia lustres de crystal e bronze de tal valor que se acham hoje recolhidos ao Museu Paulista".

Da fazenda do commendador Vallim passou-se Zaluar ao de sua sogra D. Maria Joaquina de Almeida, a quem chama erradamente Maria Luciana, viuva do opulento fazendeiro Commendador Luciano José de Almeida. Foi depois á da Loanda, pertencente a outro genro desta senhora, Pedro Ramos Nogueira, futuro Barão de Joatinga (em 1877) "cavalheiro tão distincto

pela amabilidade de seu trato como pelas justificadas sympathias que goza no municipio". Dahi se dirigiu á fazenda da Cascata, pertencente ao Commendador Antonio Barbosa da Silva.

Linda a sua localização, affirma-nos:

"Esta residencia pittoresca, que faz lembrar os castellos da Escocia e os cantos de Ossian, edificada em uma altura, e ao lado de uma abundante cachoeira que se despenha com murmurio eterno batendo pelas penhas escarpadas do rochedo é uma das vivendas mais poeticas que tenho encontrado em minhas viagens".

Momentos agradabilissimos passou o nosso itinerante na *Cascata.* Tambem se expande cheio de enthusiasmo:

"Junte-se a isto a illustração e amabilidade do proprietario, e os sons harmoniosos de um piano de Erard tocado por um habil e distincto pianista, o Sr. Julié, e ter-se-ha feito, quando muito uma longinqua idéa do conforto e agrado desta habitação.

Como é differente a vida da roça da existencia monotona da povoação! Ali as distracções abundam. Vive-se na conversação da intimidade. Tudo é agradavel, porque se não está subordinado a etiquetas ridiculas nem ás formalidades impertinentes da sociabilidade burgueza, que são a cousa mais detestavel que eu conheço no mundo! Todas as cidades e villas querem ser côrtes, ainda que seus habitantes só tenham por ponto de reunião a casa onde se joga o dominó, e todas as portas se fecham antes do toque de recolher! Tem razão os roceiros, não vale a pena para isto frequentar o povoado!".

Em 1860, diz-nos o Almanack Laemmert, havia no municipio de Bananal 222 fazendeiros e lavradores, 82 commerciantes na cidade.

Deveria o fôro ser muito movimentado com os seus dez advogados formados e rabulas.

Viviam no municipio sete sacerdotes e existiam na cidade tres igrejas (Bom Jesus do Livramento (matriz), Nossa Senhora do Rosario e Nossa Senhora da Bôa Morte) e cinco Irmandades.

Uma derrama de patentes da Guarda Nacional se fizera no municipio, séde de um commando superior, abrangendo cinco circumscripções: Barreiro, Areias, Queluz e Silveiras, e do batalhão de infantaria n. 21, com estado maior e menor e seis companhias só, além do corpo de reserva, numero quinze, com officiaes aggregados e officiaes reformados.

Quadros de officialidade avultada como vemos. Quanto á soldadesca, avisava o Almanack, como o fazia para todas as demais comarcas do Imperio, "os corpos contavam o numero maximo de praças cada um".

O que revela um indice da prosperidade do Bananal, na época da passagem de Zaluar, vem a ser o exame das especialisações profissionaes e commerciaes denunciadas pelas paginas do Almanack.

Assim tambem a existencia de estrangeiros exercendo profissões denunciadoras do avanço civilizado proveniente do accrescimo da riqueza cafeeira.

Havia professoras de piano e de canto, mestres de capella e de banda, e, até, um director de corpo musical, professores particulares de francez e grammatica nacional, professoras de meninas, ourives, etc.

Creara o café esta civilização em terras hontem ainda em matta virgem percorrida pelos Purys. Poderia Bananal inscrever em sua pedra d'armas como divisa *heri solitudo, hodie civitas,* ou, mais concisa e justamente, a simples interjeição: *Ave, coffea!*


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO CXIV

São José do Barreiro, sua producção e progresso, filhos da lavoura cafeeira — Melhoria de estradas — Fazendas importantes — Zelo dos barreirenses pelo bem publico — Inercia da administração provincial — Areias, centro da propagação cafeeira no Norte de S. Poulo — Seu desenvolvimento rapido provocado pelo surto cafeeiro

Proseguindo em sua jornada deixou Zaluar o Bananal para visitar os principaes nucleos paulistas do valle do Parahyba.

Encaminhou-se da cidade do extremo nordeste paulista para a villa de S. José do Barreiro, muito pittorescamente situada, e ao seu dizer, "reclinada no regaço de um valle ameno e verdejante, á sombra de uma das abas da serra da Bocaina, cuja cordilheira se encadêa formando elos das montanhas até perder-se no horizonte".

Encontrou accentuada differença de costumes e tendencias civilizadoras existentes entre as antigas povoações do interior e as modernas, naquelle pequeno nucleo de população, que, "protegido pela sua trincheira natural de morros, vivia contente e feliz, aspirando o ar da liberdade e realçando exclusivamente graças aos fracos recursos locaes os melhoramentos que a civilização aconselhava aos seus interesses e bem estar.

Equidistante, de uma legua, de Rezende e Bananal, serviam á antiga parochia de 1842, recem promovida a villa, por lei provincial de 1859, estradas satisfactorias, partidas de uma e outra daquellas cidades.

Achou Zaluar a conserva dos caminhos, em S. Paulo, em geral superior á da provincia fluminense.

Força era confessal-o, a estrada geral de São Paulo mostrava-se muito superior aos trilhos rudimentares e agrestes que constituiam as grandes arterias de communicação no interior da provincia do Rio de Janeiro. Isto constituia um facto inconteste em favor de quem quer que assim zelasse os interesses e as commodidades do publico.

Depois de permanecer algumas horas na fazenda de prestigioso rezendense, o Commendador Fabiano Pereira Barreto, na fronteira das duas provincias, partiu o itinerante para a do Sr. José Celidonio Gomes dos Reis, cujas bemfeitorias eram muito celebradas pelas redondezas.

Tratava-se de varão respeitavel, de caracter tão apreciavel pelas virtudes como pela amabilidade do trato polido, o que justificava a geral estima de que gozava em seu municipio.

Escrevendo o que viu nesta fazenda, em materia de installações mecanicas, observa Zaluar "ahi passei um dia, e tive occasião de visitar o magnifico engenho de café, a primeira construcção subterranea que examinei deste genero notavel, não só pela arte com que está concluido, como pela excellencia das madeiras, e mais ainda por se achar reunido em um mesmo machinismo o moinho de café, o engenho, o ventilador e bem acabado moinho de fubá".

Esplendido pomar o do Sr. Gomes dos Reis! Nelle se destacava enorme e formoso andá-assú, arvore especialmente admirada por D. João VI, a ponto de a mandar profusamente plantar como cercadura de estradas em Santa Cruz. Dahi o facto della haver perdido o nome indigena passando a ser mais conhecida como *Joanesia.*

No terreiro da fazenda haviam sido encontradas diversas panellas de barro, de procedencia indigena.

Descendo a pormenores ethnographicos e archeologicos dizia o nosso viajante desse vasilhame:

"O processo era simples: depois de lhe introduzir a comida que queriam preparar, cobriam os indios a bocca do utensilio com varas e folhas seccas, e, pondo-lhe por cima uma camada de terra, largavam-lhe o fogo. Conseguiam assim os mesmos resultados que os discipulos de Brillat-Savarin obtem hoje, auxiliados pelos elegantes e artisticos fogões modernos. Espero que esta descoberta archeologica não será infructuosa de todo para os amantes da arte culinaria" (sic).

Mas não estaria elle equivocado tomando, como panellas, urnas funerarias? E' bem possivel.

Da casa do Sr. Gomes dos Reis foi á casa do Sr. Roque Alvares de Magalhães, na fazenda chamada da Catadupa por causa duma dupla cachoeira ahi formada pelo rio Formoso. Encostada á fralda da serra da Bocaina, por onde se alastravam os seus verdejantes cafezaes, em parte estendia-se por um valle risonho, circumdado de morros, e cortado pelas sinuosidades do rio. Neste o viajante viu grande porção de fraguedos destacados sobre o terreno como se fossem ahi arremessados pela mão de um gigante. Era residencia agradavel, e muito devia prosperar aos esforços de seu joven e intelligente proprietario".

A cinco leguas dali nascia o Parahytinga, em pequena lacrymal, a grande altura nos Campos da Bocaina.

E lembrando-se desta circumstancia expendia-se o nosso viajante em lôas e dithyrambos, ao famoso rio do grande valle do café:

"Estão pois não longe daqui as cabeceiras do rio de nossa predilecção! Aqui começa essa vigorosa arteria cujas aguas fecundam as margens das tres mais bellas provincias do Imperio. Aonde dantes se abrigavam as tribus do indigena, levantam-se agora cidades e villas industriosas, os mattos primitivos, ostentam hoje os productos da cultura, os cafezaes, espessos e dourados, como as mais bellas searas. Por toda a parte brota a vida ao contacto da civilisação e do progresso!".

Excellente impressão teve o nosso autor do Barreiro, "villa de aspecto agradavel e methodico" (sic).

A's ruas perfeitamente alinhadas e quasi todas planas, emolduravam predios, ainda que em geral pouco importantes mas construidos com regularidade.

Estava a povoação dividida em dois bairros. O nobre, aquelle em que avultavam as construcções mais importantes e habitado pelas pessoas mais abastadas do logar, levantava-se na parte mais elevada do terreno. Coroava-o ao alto a igreja matriz, edificio singelo, mas que não deixava de ostentar modesta elegancia.

Outro bairro abaixo do primeiro, era habitado pelas classes pobres, e quasi todas as casas ainda se mostravam cobertas de sapé. Provocava o facto um contraste que não deixava de ter seu tanto ou quanto de pittoresco, visto de certa distancia.

Acudia-lhe logo em seguida uma reminiscencia do peor gosto literario pela disparidade da comparação.

"Faz lembrar Constantinopla com seu quarteirão de Péra, ou europeu, e a população turca, afastada deste pelo ciume intolerante dos costumes orientaes".

Aqui a separação é apenas topographica, e os moradores de um bairro tem accesso franco e a toda hora nos dominios do outro" (sic!).

Continuando a descripção da villa fundada em 1820 pelo Coronel João Ferreira de Souza, e o Alferes José Gomes dos Santos, Capella curada em 1836 e consagrada a S. José, notava o viajor que além da matriz, dispunha Barreiro de pequeno theatro quasi concluido. Se não era inteiramente bom e perfeito, mostrava-se pelo menos o melhor existente nos municipios circumvizinhos.

Esta construcção constituia mais uma prova da tendencia civilizadora de seus habitantes. Pouco faltava tambem para a conclusão do cemiterio, cercado de boas muralhas de pedra, e uma ponte sobre o rio Barreiro; notando-se que todas estas obras haviam sido feitas, quasi exclusivamente, á custa do limitado, mas espontaneo donativo dos povos.

A Provincia mostrava-se muito injusta para com os barreirenses, affirmava Zaluar, pois os municipios do norte de São Paulo, segundo o informavam, tinham, todos, estradas que se dirigiam ao littoral paulista e fluminense, feitas á custa dos cofres provinciaes; o do Barreiro porém não gozava do mesmo beneficio. Para transportar suas volumosas safras de café a Mambucaba, o porto delle mais proximo, mantinha tres vias confluentes de diversos pontos do municipio á estrada Cesaréa (de Areias a Mambucaba), tendo qualquer dellas extensão maior de duas leguas e uma mais de tres.

Nunca obtivera a villa quantia alguma da thesouraria provincial não só para a factura como para a manutenção destas estradas, de modo que só os municipes lhes custeavam toda a despeza. Utilizando-se apenas de pouco mais de duas leguas da estrada Cesaréa, pagavam no emtanto os impostos de barreira, sem que se lhes levasse em conta tão justa consideração.

Sendo o municipio novo, productivo, florescente e de futuro, nada mais justo parecia do que dever ser attendido pelo governo paulista neste ponto capital de seus interesses. O facto era que se o municipio não fôra feliz nas reclamações feitas em tal sentido, o mesmo lhe succedera em outras questões de não menor importancia, apesar dos bons e louvaveis desejos do seu povo em melhorar suas condições de progresso. Era porém de crer e esperar que este estado cessasse quando a administração provincial visse com maior benignidade aquelle ponto do territorio paulista.

A instrucção publica estaria tambem em completa decadencia no Barreiro, não fôra o povo manter, á sua custa, havia disto mais de vinte annos, uma escola de ensino primario, e, desde cerca de oito annos, um collegio de meninas. Entretanto achava-se decretada, pela assembléa provincial, a exigua, e até ridicula, quantia de trezentos mil réis para a cadeira publica de instrucção primaria do sexo masculino, facto irrisorio!

Constava tambem, aliás, que se decretara a quantia de quatro contos de réis para os melhoramentos da estrada Cesaréa. No emtanto a thesouraria da Provincia só pudera, ou quizera, fornecer a quarta parte desta quantia para tal fim. Injustiças sobre injustiças, pois! Entretanto a arrecadação provincial augmentava sempre no municipio!

Crescia e notavelmente a lavoura cafeeira barreirense:

"Quando affirmei, dizia Zaluar, que este municipio é florescente e productivo, fundei-me nos recursos de sua agricultura. Segundo os calculos de alguns fazendeiros bons conhecedores desta materia, deverá produzir este anno (1860) cerca de .... 250.000 arrobas de café, regulando o termo medio de suas colheitas, nos annos de maior falha, entre 100.000 e 200.000 arrobas.

Das fazendas de S. José nada nos diz Zaluar a não ser das já aqui mencionadas. Havia-as comtudo consideraveis pela producção e o numero dos escravos, como por exemplo, as do "Pau d'Alho", do Commendador Zebedeu Antonio Ayrosa, "São Miguel", (Luiz Ferreira de Souza Leal), "Saudade" (José de Marins Freire), "Campinho" (Virgilio da Silva Pereira, pae do illustre medico Dr. Miguel Pereira, aliás barreirense), "Concordia" (Domiciano de Paula Ramos), "Guanabara" (Dr. Joaquim Celidonio Gomes dos Reis), "Bom Successo" (Luiz Pereira Leite), etc., entre diversas outras, cujos nomes nos foram obsequiosamente offerecidos pelo Dr. Carlos da Silveira conhecedor como ninguem das antiguidades do extremo nordeste paulista e da historia de seu povoamento.

"Além do café, produzia o Barreiro generos alimenticios em quantidade superior ás suas necessidades, e creava suinos para duas terças partes do consumo, e gado, tanto para o custeio como para a alimentação publica".

Elogiando o proceder daquella população, mal aquinhoada pelos poderes publicos provinciaes, declarava o viajante que por informador tivera seu generoso hospedeiro, Sr. José Alvares de Magalhães por quem fôra tratado com a maior largueza:

"Bastava o que referira para demonstrar quanto o povo barreirense era religioso, amigo da illustração, procurando, na orbita do trabalho, proporcionar ás suas familias, o bem estar presente e futuro. Cada vez mais o influenciavam as idéas de civilização e de progresso.

Projectava a construcção de um edificio de pedra destinado á Casa da Camara, edificado de modo que ao mesmo tempo servisse de cadeia. Intentava abrir uma estrada que directamente se entroncasse com a Cesaréa. Como fossem todas estas obras de indispensavel necessidade, montando porém a muitos contos de réis, nada mais justo que a assembléa provincial de S. Paulo, estendendo a mão protectora a uma população tão digna de solicitude e interesse, a auxiliasse e amparasse no "justo e santo anhelo que a impellia ao futuro e ao progresso".

Varias vezes affirma Zaluar que a sua viagem não tinha caracteres meramente turisticos. Visava angariar a maior cópia

possivel de dados estatisticos sobre as populações visitadas, a producção cafeeira dos municipios e a frequencia escolar nas diversas cidades do seu longo itinerario.

Mas por toda a parte encontrara a maior inopia de elementos collegiveis:

"Tal a escassez dos documentos, mesmo nos archivos publicos, que difficilmente conseguia o pesquizador formular um calculo approximado para se orientar para um trabalho de tamanha importancia como a factura de uma estatistica mais geral e completa.

Não sei porque tem merecido até agora tão pouca attenção os estudos deste generos, commentava, mas felizmente me alegram os esforços da curiosidade particular, que já vae olhando para estas cousas com mais interesse e dedicação patriotica do que o tem feito até aqui a administração publica".

"Escrevendo acerca da villa do Barreiro, disse qual era o termo medio da sua producção annual de café, o numero de escolas que se conta na povoação, frequentadas por uns quarenta ou cincoenta alumnos de ambos os sexos! Omitti o numero total da população do municipio á espera de dados mais exactos; porém, calculando pelas informações que tenho, creio que posso affirmar, sem receio de enganar-me, que existem aqui de cinco a seis mil almas".

Pouco se demorou Zaluar em S. José do Barreiro; dahi rumou para Areias, ponto de notavel interesse historico, como porta de irrupção do rush cafeeiro fluminense no norte paulista, via Rezende.

Tomando a estrada geral de S. Paulo teve de vencer tres leguas de jornada commoda, apesar do caminho muito accidentado.

Embora mais regular e transitavel do que a maior parte das estradas da provincia do Rio de Janeiro, reclamava urgentes reparos, assim como alguns pontilhões sobre corregos, cujas aguas não só difficultavam a passagem, em tempos de cheia, como davam origem a atoleiros, padrões habituaes que por toda a parte assignalavam ao viajante a arte com que se traçavam e conservavam as estradas do interior brasileiro.

O seu bom hospedeiro, José Alvares de Magalhães, teve a bondade de o acompanhar do Barreiro até perto da cidade de Areias.

"Apreciando a sua amavel conversação, annota Zaluar, confesso que me foi mais suave essa continua ascenção e descida de morros que se encadeam, com pequenas excepções, de um limite a outro desta viagem, o que sem esta agradavel companhia se me tornaria insupportavel".

O unico ponto interessante do percurso era certo logar assignalado por enorme jazida de calcareo, até então virgem e certamente de rendosa exploração futura.

Afinal teve sob os olhos a cidade de Areias, Sant'Anna e São Miguel das Areias, cabeça de circulo eleitoral.

Era já povoação relativamente antiga, bastante extensa e populosa. Antiga para o Brasil, entende-se.

Freguezia de Lorena em 1811 fôra elevada a villa em 1817 e a cidade muito recentemente, a 24 de Março de 1857.

Ainda em 1817, e em sua viagem terrestre do Rio de Janeiro as terras de S. Paulo haviam Spix e Martius, deixado o Bananal, atravessado o riacho e o minusculo arraial de S. José do Barreiro, chegado a Sant'Anna das Areias, logarejo já bastante consideravel, e pouco depois elevado á categoria de villa por D. João VI. Seus primeiros habitantes ali haviam apparecido, fazia uns 35 annos, e seu povoado, de colonos pobres, perdidos no meio de enormes morros cobertos de mattas, não podia apresentar grande conforto aos viajantes.

As casas baixas, mal edificadas, de pau a pique, e barreadas summariamente, o igrejó construido do mesmo modo, tinham muito rustica feição.

Seria aliás absurdo imaginar ali, notaram os dois illustres naturalistas, a presença de edificações, com a solidez européa, numa terra em que a população era tão nomade e escassa ainda. A raridade da apparição de uma casa de melhor aspecto, como conforto e asseio, inspirava aos viandantes europeus saudades da patria distante.

Havia nas vizinhanças de Areias insignificante aldeia de indios purys, de raça pura, restos daquellas grandes hordas de outr'ora, senhoras do valle do Parahyba.

Eram maus vizinhos para os colonos civilizados, cujo gado furtavam.

Viajando dois annos mais tarde e em sentido inverso, annotava Augusto de Saint Hilaire em seu diario de jornada, a 23 de Abril de 1822:

"Hoje comecei a notar, tanto á beira da estrada como a alguma distancia, casas um pouco melhor tratadas que as vendas, e habitadas por cultivadores abastados. Desde hontem, começara a ver plantações de café, hoje mais numerosas. Devem sel-o mais ainda á medida que me fôr approximando do Rio de Janeiro. Esta alternativa de cafezaes e mattas virgens, de roças de milhos, capoeiras, valles e montanhas, esses ranchos, essas vendas, essas pequenas habitações rodeadas das choças dos negros e as caravanas que vão e vem, dão aos aspectos da região grande variedade. Tornam-na agradavel de se percorrer.

Depois de ter feito cerca de duas leguas cheguei á casa do Capitão-Mór da Villa das Areias situada a pequena distancia da estrada. Não estava, mas fui recebido por seu filho, que me testemunhou muito pezar por me não poder deter na casa paterna. A morada do capitão tem um pateo pequeno, fechado por porteira, ao fundo da qual ficam algumas pequenas construcções. Como em todas as fazendas hoje avistadas, a casa do proprietario é baixa, pequena, coberta de telhas, construida de pau a pique e rebocada de barro. O mobiliario do commodo em que fui recebido, corresponde muito ao exterior, e consiste unicamente numa mesa, um banco, um par de tamboretes e uma commodasinha.

A pouco menos de legua da casa do Capitão-Mór, fica a cidadesinha de Areias, situada num valle entre dois morros cobertos de matto. Pareceu-me inteiramente nova e compõe-se unicamente de duas ruas parallelas, cuja principal é atravessada pela estrada em todo o comprimento. A igreja é bem grande e construida de taipa e não caiada. O Capitão-Mór tambem tem casa na cidade onde fui visital-o, sendo muito bem recebido. Segundo o que me informaram elle, o filho e outras pessoas, a cultura do café é inteiramente nova nesta região e já enriqueceu muita gente.

Tiram-se as mudas dos velhos cafezaes. Começam ellas a produzir aos tres annos e estão em pleno vigor aos quatro. Quando o pé ainda é novo capina-se a terra, duas ou tres vezes, mas não se dá mais de uma carpa quando as arvores já estão vigorosas. Quando em pleno viço cada cafeeiro dá tres a quatro libras de fructos (de 1.377 a 1.836 grs.). Não se podam as arvores contentando-se os lavradores em descoroal-as para impedir que cresçam muito.

Para descascar o café socam-se os grãos em pilões de madeira ou então por meio do monjolo. Quando o arbusto principia a envelhecer cortam-no e elle dá brotos que fructificam novamente.

Contou-me o Capitão-Mór que encontraria um de meus compatriotas estabelecido a cerca de meia legua da cidade. Parei no logar indicado e com effeito numa venda avistei-me com um joven francez que parece activo e bem educado e cujo rosto é agradavel e vivaz.

Relatou-me que nascera em São Domingos (Haiti), passara a infancia nos Estados Unidos e viera para este paiz esperando ganhar alguma cousa e tirar os paes da situação embaraçosa em que estavam. Aquire café aqui para o revender no Rio de Janeiro e a venda offerece-lhe meios de compral-o barato. Particulares de poucos recursos, negros, mulatos nella se

abastecem dando-lhe na época da colheita café por muito bom preço.

Nos ultimos seis annos, tem immigrado, para este paiz, grande quantidade de francezes, attrahidos, em sua maioria, pela fama de riqueza de que o Brasil goza na Europa e a esperança de rapida fortuna.

Consta a maioria de militares de ambições contrariadas, operarios sem clientela e aventureiros desprovidos de principios e moral. Varios delles, cheios de decepção voltaram á Europa ou foram levar á America hespanhola sua ignorancia e fatuidade. Entre elles entretanto, existem homens de caracter firme, que vindos ao Brasil com a intenção de enriquecer mostram constancia, e cujo trabalho não deixou de ser recompensado.

Num paiz cujos habitantes têm idéas pouco desenvolvidas e estão acostumados á preguiça, o europeu senhor da vantagem de ter muito maior descortino deve necessariamente ganhar alguma cousa, se trabalhar com perseverança e comportar-se bem".

Teve Zaluar bôa impressão de Areias.

"Assente sobre vasta planicie, apresentava ruas alinhadas e regulares, orladas de muitos predios, se bem que de pouca elegancia, simples, mas pela maior parte convenientemente conservados. Visitou o viajante a povoação, e os seus edificios principaes, em companhia do Dr. Joaquim Francisco Ribeiro Coutinho, presidente da Camara Municipal, e um dos cidadãos mais prestantes do logar. Teve a bondade de lhe fornecer todas as informações requisitadas, "com esse interesse e dedicação com que se associa de bom grado a toda a idéa generosa em favor do progresso de sua localidade e do engrandecimento do seu paiz".

A matriz era edificio velho e de architectura irregular. Já estaria cahida, completamente, em ruinas, se o povo, animado pelas solicitações constantes do Dr. Coutinho e outros cavalheiros prestimosos, não tivesse concorrido com a somma de perto de dezoito contos, de esmolas, para o reparo. Tal quantia ainda não chegava, não só para se lhe levantar novo frontespicio, visto haver o primitivo desabado, como para alguns reparos e aformoseamentos de absoluta necessidade, tanto externos quanto internos.

Graças ao espirito religioso de tão prestimosos cidadãos, possuiria Areias, em breve a sua igreja reparada, cumprindo assim duplamente o compromisso estipulado quando em 1813 fôra a freguezia elevada a villa.

A casa da Camara e a cadeia occupavam, como quasi por toda a parte no Brasil, o mesmo edificio.

As salas municipaes eram grandes, e espaçosas. Com pouca despeza se conseguiria os melhoramentos de que precisavam, tornando-se assim a Camara mais apropriada e digna das altas funcções a que se destinava. A cadeia forte e segura, pareceu ao viajante uma das mais asseadas e talvez onde se guardassem mais condições hygienicas, das que examinara por toda a parte por onde passara. Via-se pois que a população areiense cumprira fielmente as condições sob as quaes lhe fôra outorgado o foral de villa.

"A igreja, a camara e a cadeia estavam construidas, philosophava o observador em tirada de bem mediocre elevação. A religião, a municipalidade e a policia, Deus, o homem e a justiça, triplice fórma do progresso e da garantia publica, funccionavam em recintos separados, prestando respeito a Deus, incremento ao local e segurança á sociedade (sic).

Além destes edificios, estava se terminando elegante theatrinho que, a julgar pelo que já havia prompto, devia ser dos mais bonitos existentes na região. Na platéa poderiam accomodar-se trezentas pessoas, e ornavam-no duas ordens de camarotes. Proximo á cidade, sobre um ribeirão, denominado José Gomes, existia bella ponte de madeira, com oitenta palmos pouco mais ou menos de extensão e vinte de largura (17,6 × 4,4).

Fôra construido pelos cofres provinciaes, o que por ali era facto raro. Devia-se-o ainda aos esforços do digno inspector de estradas o Dr. Coutinho.

O depoimento de Saint Hilaire sobre a producção dos cafezaes areienses que nos primeiros tempos daquellas lavouras attingia uma média de 90 a 125 arrobas por mil pés é precioso por mostrar a homogeneidade das safras em todos aquelles terrenos de montanha do Norte Paulista, da Provincia do Rio de Janeiro e da Matta Mineira, cuja constituição topographica é a mesma.

Nos primeiros annos mostravam-se as colheitas abundantissimas mas não tardara que a erosão, provocada pela violencia das enxurradas tropicaes diminuisse notavelmente aquella fertilidade ephemera.

Os livros de assentamentos dos velhos fazendeiros fluminenses consignam invariavelmente os altos dados apontados por Saint Hilaire para as primeiras safras de Areias, sejam elles documentos referentes a Vassouras, Valença, Cantagallo ou Mar d'Hespanha.

Assim toda aquella abundancia de fructos seria muito e muito transitoria abrangendo um periodo quando muito correspondente a uma metade de seculo apezar da devastação progressiva das mattas, derrubadas pelos fazendeiros á medida que as médias de suas colheitas baixavam.

CAPITULO CXV

Ainda Areias — Milagres do café — As estradas para o Mar e o interior — Fructos da iniciativa particular — Queluz, suas pessimas estradas e magnifica natureza — Silveiras — Lavouras importantes de café

De Sant'Anna e S. Miguel das Areias teve Augusto Emilio Zaluar, em 1860, excellente impressão. Cidadesinha bem arrumada e bem cuidada. Muito diversa do que fôra quarenta annos antes quando Saint Hilaire, Spix e Martius a haviam atravessado. Milagres do café...

Todos os melhoramentos locaes, era voz unanime, tinham sido realizados á custa dos povos.

Por toda a parte a administração provincial olhava para as necessidades das populações com tal indifferentismo que as fazia considerar desherdadas dos seus beneficios. Perdida toda a esperança de melhor sorte, haviam resolvido concentrar em seus proprios esforços toda iniciativa e acção para traduzirem em factos as reformas de que careciam.

Areias era cidade talvez mais commercial do que Rezende, a mais importante de todas as povoações que sob este aspecto havia encontrado o viajante. Grande numero de lojas, e bem fornecidas, adornavam-lhe as principaes ruas. A população do municipio devia regular por 6.000 a 7.000 habitantes. A sua exportação, consistia em café, visto como os generos alimenticios já não chegavam para o consumo local.

Avaliava-se-a em 120.000 arrobas, pouco mais ou menos. Era portanto inferior á do Barreiro, mas a fertilidade dos terrenos promettia, apenas houvesse mais abundancia de braços, elevar esta cultura a muito maior desenvolvimento. Entre os seus predios mais notaveis destacava-se o do Major Manoel da Silva Leme, na rua Cesaréa, elegantemente construido e pintado, tanto externa como internamente e com muito bom gosto. Na cidade existia botica abundantemente fornecida, e padaria onde se fabricava pão tão perfeito quanto nas melhores do Rio de Janeiro.

Contava a cidade duas escolas publicas de instrucção primaria para os dois sexos: a primeira frequentada por sessenta e um, a segunda por vinte e seis alumnos. O cemiterio da povoação, coroado por pittoresca capellinha branca, era bastante espaçoso e todo murado.

Já não se enterravam os mortos em campo aberto, como succedia em muitos logares, e não muito havia ali occorrera "deixando-se os animaes folgar e pastar como se não fosse por ventura este um recinto sagrado digno da maior veneração e respeito de todos!" A' camara de 1860 devia o municipio os melhoramentos do cemiterio.

No meio da cidade calçava-se uma das mais importantes e frequentadas ruas. Este melhoramento era urgentemente reclamado, e devido ainda, como muitos outros, á solicitude da Camara actual e seu digno presidente.

Tinha o Dr. Coutinho concorrido constantemente para todas estas obras, e despendido, por vezes, avultadas quantias em favor dos beneficios locaes. Timbrava o nosso viajante pois em recommendal-o á estima de seus concidadãos, como um desses homens "pertencentes á gloriosa filiação do Barão de Ayuruoca e outros illustres benemeritos".

Além da cidade, pouco mais visitou Zaluar do municipio. Esteve na fazenda da Bôa Vista, pertencente ao Dr. Coutinho e extremamente pittoresca. Situada sobre alegre planicie a meio quarto de legua da cidade, ostentava excellente casa de morada, adornada por vistosa varanda "em cuja frente se enlaçavam verdes sanefas de enramadas trepadeiras, das quaes pendiam os calices azues de mil perfumadas flores. Habitação da paz, convidava ao socego e á meditação".

As estradas mais importantes do municipio vinham a ser a geral de S. Paulo e a chamada Cesaréa, que ligava a localidade ao ponto de Mambucaba, por onde se fazia a exportação e importação dos productos commerciaes e agricolas.

Tinha onze leguas de extensão e estava mal conservada, exceptuada a parte correspondente ao territorio fluminense, quasi toda empedrada. Além destas, convinha citar a da cidade ao Picú, de penetração no territorio mineiro, a de Queluz, das quaes se dizia estarem em pessimo estado.

Os moradores de Areias mostravam-se animados de espirito progressista, e muitas obras estavam actualmente em construcção na cidade e municipio. Não se tratava de povoação estacionaria, mas sim de nucleo a que o destino reservava, talvez ainda lisongeiro futuro.

A tal proposito enganava-se o viajante. Areias, municipio de terrenos notavelmente accidentados veria a erosão aniquilar os

seus cafezaes como succederia aos seus vizinhos de Bananal, Silveiras e Barreiro, como por toda a parte aconteceria nos municipios fluminenses, nos da Matta Mineira, nos do Norte Paulista. A configuração das terras consentiria apenas que o brilho de sua prosperidade fosse passageiro.

Por Areias penetrara o cafezal no planalto do norte paulista.

Em 1837 produzira 102.797 arrobas de café além de muitos cereaes e gado, algum fumo e assucar, informa o "Quadro Estatistico" do Marechal Daniel Pedro Müller. Em 1854, segundo o Brigadeiro Machado de Oliveira, colhera 186.094 arrobas de café. Neste tempo contava 1.069 escravos.

Assim pois devia orçar a sua producção por umas 200.000 arrobas quando Zaluar por ella passou. O municipio em 1837 contava 1.071 fogos e 9.469 habitantes; comprehendia Queluz e Barreiros aliás.

Toda aquella civilização nascera exclusivamente do café, pode-se affirmal-o. No ultimo quartel do seculo XVII cobriam as terras do municipio as enormes mattas serranas onde viviam os purys e um ou outro retireiro animoso! Milagres do café!...

Entre as fazendas notaveis da zona areiense figuravam as da "Fortaleza" de Francisco Ferreira Baptista; "Santa Thereza" de Roque Alvares de Magalhães; "Bicame" (Antonio Ferreira Leite Souza); "Fazenda Velha" e "Vargem Grande" do rico lavrador Manoel da Silva Leme (1794-1876); "Quilombo" (Antonio Pereira) além de outras menos importantes da extensa lista fornecida por eminente sabedor da genealogia do norte paulista, Dr. Carlos da Silveira.

Antes de proseguir na jornada á capital paulista resolveu Zaluar valer-se da occasião para conhecer outros pontos do nordeste de S. Paulo então reputados como grandes centros cafeicultores.

Se bem que Queluz se achasse um pouco fóra da estrada geral de S. Paulo, pertencia a municipio tão importante da provincia que o viajante entendeu não dever excluil-a da sua digressão, embora alterando um pouco o itinerario prefixado.

As duas leguas que separavam Areias da villa eram um encadeamento de morros, tendo por unicas variantes a lama e os caldeirões formados pelas aguas, nas sinuosidades agrestes e duras do caminho. Disseram-lhe que havia outra estrada mais regular; mas teve a infelicidade de escolher a peor, e forçoso lhe foi resignar-se a essa ascensão, "mais ingloria e perigosa que uma viagem aerostatica" annota em exaggerada comparação.

Ao fim do longo jornadear pelo centro de inhospitas devezas, alcançou o morro da Fortaleza, "bem capaz de enfraquecer

não só as pernas do mais robusto animal como a paciencia do mais resoluto caminhante".

A vista descortinada do alto da montanha compensava, porém, a monotonia da caminhada.

Constituia um desses quadros sublimes naturaes "que se não pódem reproduzir na tela do pintor nem se descrevem com as palavras descoradas da linguagem convencional. Exigiam lingua nova, phrase que rebentasse espontanea, em face de panorama tão arrebatador, para traduzir a impressão de tal painel, onde se combinava tudo quanto a Natureza podia criar de ameno e doce, moldado em um fundo imponente e grave, sem que a aspereza das transições quebrasse a harmonia dos contornos ou o esbatimento das tintas, fazendo resaltar as variedades da vegteação luxuriante.

Do alto do morro da Fortaleza divisava-se a villa queluzense.

"No fundo do valle delicioso a toalha limpida e clara das aguas do Parahyba, que de uma á outra margem beijam preguiçosas as casinhas pittorescas da povoação, em numero de noventa e cinco, grupadas sem symetria, mas apresentando aspecto dos mais deleitosos ao complexo desta paizagem verdadeiramente americana".

E o nosso viandante em linguagem apinhada de gongorismo exclama:

"Os ultimos raios do sol no poente innundavam a atmosphera de uma poeira luminosa, produzindo os mais singulares effeitos de luz, e franjando de ouro as formas fantasticas de algumas nuvens que surgiam no horizonte. No ultimo extremo desta perspectiva gigantesca avultava o dorso escuro e colossal da serra da Mantiqueira, cujas anfractuosidades caprichosas pareciam recortar o azul purissimo do céo meridional".

No centro do quadro, e no alto de uma collina, levantava-se majestoso templo coroado pela cruz de ferro que se diria encravada na abobada do firmamento.

Poucas vistas se lhe haviam jámais defrontado como esta, em impressão tão agradavel! Não se podia ser máo vivendo-se no seio de tão terna e benefica natureza. A raça indigena povoadora destes sertões, e noutro tempo habitante de suas mattas, era a do "Purys", nome que, em portuguez, queria dizer gente mansa e timida.

Os moradores de Queluz era como uma familia, vivendo nas mais invejaveis relações de fraternidade. Seus costumes amenos, e caracter insinuante, estavam de accordo com o pequeno mundo que os rodeiava.

Além da Matriz, que, depois de terminada, deveria vir a ser edificio sumptuoso, poucas as construcções publicas dignas de menção. A propria igreja parochial, como em quasi todas as povoações, não se construira á custa dos cofres nacionaes e sim a expensas de um particular, José Antonio Dias Novaes, benemerito cidadão já fallecido, pertencente á tradicional familia local, homem de vontade activa e potente, para a realização dos beneficios locaes.

Ali gastara, sem duvida, mais de trinta contos de réis, a querer avaliar-se muito barato o trabalho feito quando, em 1842, fallecera, deixando quasi em orphandade uma povoação a que prestara tantos serviços, e lhos retribuia conservando, com respeito, o sentimento de sua gratidão.

Queluz não estava toda em uma só margem do Parahyba; grupava-se de um e outro lado, ligados por elegante ponte de madeira que, justamente, se acabava de terminar, construida á custa do governo de S. Paulo, por solicitação do Deputado provincial Dr. Luiz Dias Novaes. Custara vinte contos de réis, sendo o seu madeiramento offerta dos particulares. Esta ponte substituia a rude piroga, ou canôa, em que até então se costumava atravessar o rio.

A Casa da Camara e Cadeia, um e mesmo edificio, só tinha de notavel a modesta e acanhada apparencia.

Era a população da villa diminuta; a do municipio inclusive a freguezia dos Pinheiros, contava, segundo informações de inteiro credito, de 6.500 a 7.000 almas.

A cultura principal vinha a ser o café, de que se exportavam por anno cerca de 100.000 arrobas.

Nestas condições estavam Queluz e Silveiras onde havia grandes fazendas.

Queluz apenas contava sessenta annos de existencia.

Habitava em suas paragens a tribu dos "Purys", quando, em 1800 pelo virtuoso Francisco das Chagas Lima, exemplarissimo sacerdote, haviam sido catechizados alguns indios. Fundara-se então um aldeiamento, como constava da carta de sesmaria e posse passada a 12 de Fevereiro de 1801.

Em 1860 de todo este aldeiamento existia apenas uma mulher sexagenaria, talvez a unica reliquia da grande tribu dispersa!

Foi Zaluar visital-a em companhia do seu amigo Dr. Luiz Novaes.

Chamava-se Ignez e deveria ter sessenta e tantos annos de idade.

Quando a trouxeram das mattas, era ainda creança de peito, e não conservava idéa alguma dos costumes e habitos de seus irmãos de tribu.

Uma das curiosidades que o viajante de Queluz observou foi o afamado salto do rio Parahyba, a pouco mais de legua da villa, na direcção de Campo Bello, "tenebrosa cachoeira com bramido horrivel".

No redemoinho ali formado mergulhava, no emtanto, com a maior bravura, e mesmo temeridade, um surdo mudo que apanhava peixes á mão.

Era o municipio de Queluz abundantissimo em aguas salutares e magnificas. Nelle se contavam tambem muitas propriedades agricolas dignas de menção, com grandes lavouras cafeeiras. Entre outras a da "Boa Vista" pertencente á viuva de José Antonio Dias Novaes, o illustre benemerito da villa; a do Padre Manoel Euphrasio de Oliveira e seu irmão Manoel Carlos de Oliveira Garcez, chamada do "Regato", a de "Monte Alegre" do Commendador Francisco de Paula Ramos, rico lavrador; a do Commendador José Wenceslau de Souza Arantes, denominada da "Vargem", não só notavel pela uberdade do terreno como pelo bom gosto com que estava construida e adornada a casa de morada, e ainda por ser propriedade historica. Tanto ella como a fazenda do "Crissiumal", nome de planta herbacea abundante neste campo, haviam sido terras de Januario Nunes da Silva, o primeiro director dos indios, fallecido, havia pouco, mais que centenario.

Nem todas as estradas de S. Paulo, forçoso era dizel-o, eram melhores que as da maior parte da provincia do Rio de Janeiro. O mal vinha de longe e parecia incuravel! As quatro leguas intermedias de Queluz a Silveiras constituiam uma prova do que dizia Zaluar. Gastou em bons animaes, para transpol-as, nada menos de seis e meia horas!

Morros descommunaes e sem numero, caminhos apertados por picadas cobertas de matto, atoleiros onde os animaes se enterravam até as orelhas, tal a via de communicação que ligava os dois municipios, e, se não era a melhor, tambem não seria a peor das que convergiam neste sentido.

Mais de uma vez, parou desanimado "no meio de uma montanha escabrosa e quasi inaccessivel, em frente de um brejo cujas aguas limosas exhalavam miasmas deleterios, ou á borda de um precipicio que faria recuar de espanto um Inglez ou um veado, as duas creaturas que mais gostavam de galgar despenhadeiros".

Mas dos proprios revezes tirando novas forças, continuou a caminhar, quasi sem ter esperança de descobrir a encantada villa de Silveiras.

Para mal de peccados, como o caminho era todo cheio de voltas e erradas, elle e o camarada, que entrara em todos estes estudos topographicos como Pilatos no Credo, viram-se obrigados a parar todas as vezes que enxergavam alguem que os pudesse orientar se estavam ou não perdidos.

A unica cousa verdadeiramente poetica encontrada nesta longa e espinhosa romaria, foram as cruzes que, de espaço a espaço, bordavam as beiras do caminho, e levantavam-se, tristes e solitarias, pelas encostas das collinas ou nas quebradas das montanhas.

Nem sempre estes symbolos de religião e piedade, commentava poetica e piegasmente o nosso itinerante, attestavam um homicidio ou commemoravam um crime "muitas eram filhas da desventura, que fôra ali plantal-as no ermo, como uma esperança consoladora ao viajante perdido, como a offerenda de uma promessa milagrosamente cumprida, ou como um estimulo de alento a quem na senda da vida sentira o coração desfallecer-lhe e a crença vacillar".

Piedosamente reflectia o viajante "quantas vezes uma cruz, surgindo, de repente, ante o homem a quem uma ruim tenção dominava, teria, no meio do deserto, feito nascer, de subito, o arrependimento antecipado do crime a cometter e, a tremenda perspectiva do remorso que o devia acompanhar, obrigando-o a depor a arma sacrilega e a mudar do atroz designio!"

Era sobretudo, em meio que se costumavam enfeitar com flores, estes singelos monumentos de religião; sendo uso no interior fazerem-se romarias nocturnas a estes lugares do descampado, onde o povo vinha commemorar a festa da invenção da Santa Cruz.

Chegou Zaluar a Silveiras já á noite, e tão cansado, que lhe teria sido impossivel, mesmo se fizesse ainda claro, descrever a primeira impressão recebida da villa.

Recommendado por alguns amigos ao capitão Francisco Felix de Castro, bem conhecido pelos importantes serviços prestados ao municipio, deveu-lhe não só bondosa hospitalidade como a complacencia de acompanhamento na visita á povoação, além das informações de que carecia para o projectado livro de impressões de viagem.

A villa de Silveiras, a quatro leguas de Areias, estava edificada em uma e outra margem da estrada geral de S. Paulo. Situada em planicie um pouco baixa, fazia esta circumstancia com que se não pudesse gozar a sua perspectiva senão de qualquer das alturas dos morros que a rodeiam, especialmente da col-

lina da pittoresca capellinha do Patrocinio, e de onde realmente se offerecia vista deleitosa.

A villa contava cento e tantas casas regularmente construidas, e muitas outras cobertas de sapé. Tinha algumas ruas e tres praças. A primeira era a da Matriz, edificio de architectura pesada e agora em reparos, pois chegara a um estado de lamentavel ruina.

O governo provincial apenas contribuira para os reparos do templo com a exigua quantia de 900$000, excedendo a despeza já a mais de 14:000$000. Os habitantes do lugar acabavam de solicitar do Governo Geral o adjutorio de uma loteria para a conclusão da obra, e era de esperar que lhe fosse concedida, porque nada parecia mais justo e razoavel.

Era Silveiras tambem uma daquellas povoações com ares desherdadas da protecção que se lhes devia, pois existia até então, e medrara sem quasi receber auxilios dos cofres nacionais!

A casa da camara, edificio de máu gosto, e architectura singular, com collocação inconveniente no centro da praça, dava o nome a esta a que afeiava e quasi inutilisava.

Interiormente era melhor; tinha um salão vasto e preparado com decencia. A cadeia estabelecida na parte terrea do edificio, vinha a ser soffrivel quanto ao arranjo, mas pouco segura.

A' terceira praça adornava pequeno, mas singelo e bonito chafariz. Se tivesse agua, prestaria bom serviço aos habitantes; mas o povo que a sua custa executara tal obra, pedira ao Governo que lhe fornecesse o encanamento, e não se sabia ainda como seria decidida tal pretenção.

O municipio de Silveiras não era rico, mas a maior parte de seus moradores vivia remediada.

A sua lavoura principal consistia no café. Exportava por anno, segundo calculo muito approximado, 150.000 arrobas. Colhia alguma canna, e os mantimentos, que nos annos anteriores davam para exportar, em 1850 não chegavam para o consumo local!

Existiam na villa duas escolas publicas de instrucção primaria: uma do sexo feminino, frequentada por poucas educandas.

Além destas, havia uma escola de instrucção secundaria, onde estudavam dez alumnos alguns dos quaes com muito aproveitamento, subsidiada pelos cofres provinciaes, que lhe forneceram 800$000, além da municipalidade, que entrava com .... 400$000!

"Raro e louvavel exemplo de philantropia dado por uma população em favor de sua mocidade".

Ao viajante pareceu o caracter do povo silveirense "ameno, progressista, e o seu espirito de fraternidade digno de louvor e da estima dos que o visitavam. Os homens de opiniões contrarias viviam nas mais intimas relações, e só na urna eleitoral para elles existia o campo da dissenção".

Entre as pessoas com quem se relacionou estavam o Dr. João Henriques de Azeredo e Almeida, juiz municipal, tão apreciavel pela imparcialidade como autoridade e zelo no serviço publico, como pelo trato franco e polido e José Teixeira Leite de Abreu, filho do capitão Ventura José de Abreu, intelligente e rico fazendeiro.

Fôra seu pae um dos primeiros desbravadores do districto, fazendeiro opulento, dono da fazenda da *Bocaina* e desposara D. Felicidade Perpetua do Sacramento Leite, filha do capitão Manuel Ferreira Leite, natural de S. João d'El Rey e afazendado em Barra Mansa, com seu irmão o Barão de Ayuruoca. Era D. Felicidade, pois, neta paterna do Sargento-Mór José Leite Ribeiro, o opulento minerador sanjoannense (1723-1801) cujos filhos representaram notavel papel na phase de propagação da cultura cafeeira na Provincia do Rio de Janeiro.

Em Silveiras travou Zaluar amizade com Vicente Felix de Castro, "moço de modesto e aproveitavel talento, de nome já vantajosamente conhecido do publico pelos seus romances publicados no *Correio da Tarde*.

Possuia a villa um theatrinho regular, centro das distracções do lugar. Ali representavam mensalmente alguns amadores dispondo de excellente guarda-roupa. Todos os pertences scenographicos ali se achavam em muito boa ordem.

Entre as obras publicas de Silveiras sobresahia o espaçoso cemiterio todo murado em roda e fechado por grande portão. Oxalá, outras povoações maiores, e mais prosperas, assim zelassem pelos seus mortos!

O commercio então muito activo na localidade, estava estacionario, por falta de recursos pecuniarios, para o que muito concorrera a escassez das ultimas colheitas de café e a difficuldade de obter-se o meio circulante, animador das transacções.

Partiu Zaluar de Silveiras para a propriedade agricola do Sr. Agostinho da Fonseca Rodrigues, sita á borda da estrada de S. Paulo, duas leguas adiante da povoação. Era fazenda notavel, uma das que produziam mais abundantes colheitas de café no municipio. Linda rua ao lado da casa, formada por uma alea de magestosos pinheiros, e alameda, cuja perspectiva realmente encantava dava-lhe o maior realce.

O dono desta propriedade teve a bondade de o acompanhar até a freguezia do Sapê (hoje Jatahy) onde lhe mostrou a capella e alguns edificios mais.

Devia o lugar a este cidadão benemerito grande parte do progresso e o desenvolvimento ultimamente notado. A nova freguezia já contava bastantes moradores, e era de crer que em poucos annos fosse mais um nucleo de população rica e de lavouras cafeeiras extensas.

CAPITULO CXVI

Cafesaes do extremo nordeste de S. Paulo — Os cannaviaes de Lorena — Confusão do viajante entre ciganos e caboclos — Lorena e seus progressos, em quarenta annos, desde Spix e Martius e Saint Hilaire — As lavouras do municipio — Costumes lorenenses — O problema das estradas para o Mar — Guaratinguetá — Má impressão da cidade — Grande lavoura cafeeira — Indicios de progresso

Quem partisse de Silveiras em direcção a S. Paulo, veria cessar a morraria cortada pela estrada, pouco adiante da freguezia do Sapé, no caminho de Lorena, escrevia Zaluar.

Começava a estrada geral por atravessar vastas planicies, prenunciando menos penosa jornada, até a antiga Guapacaré, chrismada em fins do seculo XVIII com o nome do Capitão General de S. Paulo, Bernardo José de Lorena, Conde de Sarzedas.

Alguem que, em 1860, visitasse as povoações de S. Paulo, desde o Bananal até Silveiras, commenta o nosso autor, não encontraria, em seus usos e costumes, differença alguma dos da provincia do Rio de Janeiro, na qual estavam encravadas estas treze leguas de territorio paulista.

Os habitos de vida, as relações e natureza do commercio, o genero de cultura eram por toda a parte os mesmos. Só de Silveiras em diante começavam a apparecer algumas ligeiras modificações, tanto nos usos do povo, como na variedade do amanho da terra. Ao lado do café, até ali quasi exclusiva preoccupação dos lavradores, iam surgindo, abundantes plantações de canna a alastrarem vastas campinas. Da conjugação destas duas culturas nasciam resultados proficuos para o desenvolvimento da producção local.

Nos arredores de Lorena, o terreno, como observara o sabio Saint Hilaire, pantanoso e misturado de areia, offerecia vegetação menos opulenta, pertencendo, todavia, ainda, em seus minimos pormenores, á flóra do Rio de Janeiro.

O sólo, montuoso até tal ponto, principiava a desdobrar-se, dahi em diante, em ligeiras ondulações, descobrindo ao viajante larga zona de planicies limitadas no horizonte pela majestosa serra da Mantiqueira.

Esta alteração topographica explicava tambem a modificação das culturas.

Outra surpreza era o encontro com uma população de singular aspecto, diversa da que vivia á beira das estradas fluminenses.

Se bem que de Rezende para cima já se encontrasse uma ou outra choupana dessa especie de "Bohemios americanos", a quem na provincia de S. Paulo chamavam *Caipiras* (sic?!) só de Silveiras em diante se via crescer tal gente quasi nomade, encontrando-se-lhes de espaço em espaço os toscos e mesquinhos albergues.

A casa do caipira assemelhava-se á tenda do arabe. No compartimento da frente, algumas vezes formado, apenas, por uma especie de alpendre sustentado por duas vigas, á maneira de columnas, viam-se pendurados o lombilho e as redeas, as esporas, a garrucha, e ao lado a viola, instrumento inseparavel dos povos indolentes.

Taes casebres compunham-se habitualmente de cozinha e quarto, separados por uma cortina de chita servindo de porta, e onde viviam a companheira destes novos Samaritas, e os filhos, se o casal os tinha. O caipira, quando não andasse em aventurosas excursões, seria encontrado sentado á porta do lar, fumando o cigarro de fumo mineiro, e contemplando o seu cavallo qûe ruminava (sic), tão preguiçoso quanto elle, a grama da estrada.

"Esta gente, mais guerreira do que agricultora, não trabalhava, lidava, e a sua actividade não produzia, consumia-se. Filhos das raças ardentes do meridião, grande parte delles mestiços, traziam estampados no rosto varonil, na côr requeimada pelo sol americano, e nos olhos negros e chammejantes, a impetuosidade das paixões, o odio á sujeição e a intrepidez na luta. Mal dirigidos, seriam talvez criminosos e aproveitados heroes!"

Era quasi como que uma tribu de Beduinos, vivendo de caça e pesca, e amando sobretudo a independencia e o sol! Pertenciam a uma destas raças que são como certas plantas: recebendo do sólo os elementos de sua nutrição, definhavam e morriam quando transplantadas do torrão natal para a atmosphera de outro clima. Assim se dava com os caipiras, typo que se não reproduzia em nenhuma outra parte do Imperio (sic).

Nas sete leguas dentre Silveiras e Lorena, além da freguezia do Sapé, nada mais encontrou Zaluar de notavel senão as

choupanas destes nomades que confundia com os ciganos e a differença dos terrenos por onde corria a estrada, quasi todos planos ou ligeiramente ondulados até Lorena.

Fôra naturalmente induzido em erro pelo pendor á generalisação, confundindo os caboclos de beira de estrada, sedentarisados á margem do caminho, com algum rancho de ciganos acaso encontrados.

As antigas roças de Bento Rodrigues, a velha Guaypacaré, da éra das bandeiras, crescera notavelmente nas ultimas decadas.

Ainda em 1817 della haviam dito Spix e Martius, "logar pobre e sem importancia, apesar da fertilidade das terras. Teria quando muito quarenta casas".

Cinco annos mais tarde muito mais favoravel impressão tivera Saint Hilaire, do villarejo tratado com tamanho pouco caso pelos dois grandes naturalistas.

Era pouco vultoso, mas tinha risonho aspecto. Suas ruas eram muito menos largas do que as das cidades e villas de Minas Geraes. Nellas se viam casas, pequenas, não caiadas, apertadas umas ás outras.

Apenas tinham um pavimento, mas mostravam-se bem tratadas e o seu exterior apresentava agradavel asseio.

Na rua principal notavam-se varias lojas bem sortidas; entre ellas viu o botanico algumas de latoeiros, coisa muito rara em Minas, de onde vinha.

A unica igreja lorenense, que Saint Hilaire visitou, foi a do Rosario, que não tinha os dourados dos templos mineiros, e a que pretendiam adornar algumas pinturas bastante grosseiras.

Em frente ficava o paço municipal, sobrado pequeno, mas, muito limpo, em cujo piso terreo havia a cadeia local, segundo o habito geral no Brasil.

Conta Zaluar que a cidade lorenense, edificada em planicie mais baixa que a estrada não resaltava á vista de quem a procurasse na direcção que elle viajante, seguira. Appareciam apenas, de longe, os telhados acamados e as flechas de um outro edificio no meio de uma campina a perder de vista.

Entretanto, na povoação, descobriam-se extensas e bem alinhadas ruas, soberbos e elegantes predios, abundantes lojas, e o movimento que já denunciava uma actividade de importante centro. A posição topographica de Lorena não podia ser melhor escolhida.

Tinha todos os elementos para vir a ser uma das maiores cidades do interior paulista. Era pena porém que os edificios publicos não condissessem com o bom gosto das construcções particulares.

A matriz, com proporções de grandioso templo, estava ainda por terminar, e accusava talvez a negligencia do governo. Não auxiliava elle efficazmente obra que já custara tantos contos de réis ao povo! Deteriorar-se-ia se o Estado lhe não acudisse com o producto de algumas loterias, cuja sancção se esperava do Senado.

A uma architectura imponente e majestosa juntava tal igreja um ambito immenso, pois estava localisada em vasta praça, em frente ao Parahyba. A camara municipal e a cadeia antiga, destruidas por incendio, não haviam ainda sido substituidas. Servia de paço municipal uma das salas do predio do Padre Manoel Theodonio de Castro.

Uma especie de arribana, onde se guardavam os presos, era de tal ordem, que já naquelle anno incipiente de 1860, por duas vezes della se tinham os criminosos evadido. Tornava-se urgente que se tomassem medidas para remediar esta falta. Era absurdo e tyrannico responsabilizar autoridades, que não podiam evitar, por mais zelo que tivessem, a repetição de factos tão revoltantes e prejudiciaes á segurança publica.

A ponte em frente á cidade, sobre o Parahyba, revelava o mesmo descuido por parte da administração. Achava-se em tal estado de ruina que oscillava ao mais leve peso. Ter-se-ia dentro em breve a lamentar grande e inevitavel desastre, se não lhe fizessem desde logo os necessarios concertos.

Ao cuidado de uma municipalidade zelosa devia Lorena a maior parte dos beneficios locaes. O alinhamento das ruas, a regularidade das praças, as proporções artisticas dos predios, a construcção das pontes sobre os corregos, a propriedade do cemiterio, em collina fóra do povoado, segundo as regras do bom senso e da hygiene, abonavam a illustrada corporação. Tudo o que estava na alçada de suas attribuições e alcance de seus recursos havia sido realizado com intelligencia, economia e verdadeiro patriotismo.

Notavam-se em Lorena tres grandes praças: a da Matriz, a do Rosario, onde se erguia a igreja sob esta invocação, e finalmente, a Imperial, muito grande, quadrada e plana.

Elegante theatrinho, mandado construir á custa do Capitão José Vicente de Azevedo (1835-1869), "cavalheiro distincto pela illustração e amor ás artes", completava o quadro dos edificios de utilidade collectiva.

Era este prestante lorenense e influente chefe do partido conservador, homem muito intelligente, abastado lavrador, e um dos membros mais salientes do patriciado regional. Barbaramente trucidaram-no numa emboscada, quando ia (ou vinha) da cidade para sua fazenda do *Campo,* em 1869. Este crime,

causador da maior impressão em toda a Provincia de São Paulo, foi attribuido á inveja e a odios politicos acirrados, provocando, como desfecho judiciario, o que desgraçadamente ainda tanto occorre em nosso paiz: o castigo dos boçaes mandatarios e a irresponsabilisação dos mandantes, altamente collocados na sociedade e vehementemente accusados pelo clamor publico.

Interessante o preconicio que o proprietario deste "templo de Thalia" fazia do seu immovel.

Acabado com todas as commodidades, tanto para o publico como para quaesquer companhias que o tivessem de occupar nelle se encontravam algumas vistas e muitos objectos dos mais necessarios e, unida ao scenario, boa sala com cama e mais guarda-roupas, etc.

Além das igrejas e do theatro, ainda podia Lorena gabar-se do aspecto vistoso das diversas moradias de sua burguezia abastada, relata Zaluar.

Entre os predios que mais mereciam menção pela grandeza e elegancia da construcção, devia mencionar-se o do grande capitalista Joaquim José Moreira Lima (pae do Conde de Moreira Lima (1842-1926) e ultimo Conde brasileiro) e do Barão de Castro Lima (1828-1900), sogro do Barão de Santa Eulalia (1838-1889), avô do Barão da Bocaina, um dos ultimos titulares brasileiros, do Conde Dr. José Vicente de Azevedo, do Dr. Arnolpho Rodrigues de Azevedo, antigo Senador da Republica, etc.

Era portuguez e ajuntara enorme fortuna. Em certa época passara por ser o maior capitalista da Provincia de S. Paulo, possuindo, como proprietario e como credor, mais de sessenta fazendas de café, e canna, entre outras a do *Campinho,* em Lorena. Falleceu em 1879 e sua esposa, Dona Carlota Leopoldina de Castro Lima, foi, depois de viuva, agraciada por Dom Pedro II, com o titulo de Viscondessa de Castro Lima.

Entre os principaes palacetes de Lorena, cita Zaluar os de João Baptista de Azevedo, Commendador Antonio Clemente dos Santos, deputado provincial, dos ricos fazendeiros e capitalistas, João José Antunes Guimarães, Joaquim Honorato Pereira de Castro, Major Antonio Bruno de Godoy Bueno, João José Rodrigues Ferreira, (pae do Barão de Santa Eulalia) D. Maria Pereira da Guia e Azevedo, (mãe do Coronel José Vicente de Azevedo), Manoel de Oliveira Pinto Junior, Antonio de Castro Lima, mais tarde (em 1884) Barão de Castro Lima, o do Padre Manoel Theotonio de Castro. Todos dignos de figurar em qualquer das ruas da capital brasileira. A população do municipio regulava então approximadamente por 13.000 almas.

A producção de café era limitada, pois ali não se colhiam talvez annualmente cem mil arrobas. Em compensação, porém, faziam-se grandes plantações de canna e cultivavam-se os generos alimenticios em abundancia, de modo que só se importavam de Minas algum feijão e toucinho. Segundo o Almanack Laemmert para 1860, havia no municipio 137 fazendeiros de café e lavradores de canna.

Entre os mais conhecidos, dos primeiros, era o Barão, depois Visconde de Guaratinguetá, Francisco de Assis de Oliveira Borges (1808-1879).

Cabia mencionar um ensaio colonial que produzira os mais felizes resultados. O lavrador José Novaes da Cunha organizara uma colonia de allemães em sua fazenda, denominada de Santa Cruz, perto de Lorena, no bairro de Matto Dentro, nucleo de setenta e dois individuos, entre adultos e crianças, trabalhando pelo systema de parceria, adoptado pelo Senador Vergueiro, com algumas alterações, comtudo, feitas pelo proprietario.

Esta gente vivia satisfeita, entregava-se com dedicação á cultura do café, e estava animadissima com a presente colheita. O governo devia olhar para este estabelecimento, e galardoar o activo fazendeiro que, á custa de tantos sacrificios, conseguira fornecer tão satisfactoria demonstração em favor do problema da colonização.

Era o commercio de Lorena florescente. Existiam na cidade mais de setenta lojas diversas, todas bem fornecidas, grande parte dellas girando com avultados cabedaes.

Além destas casas commerciaes, encontravam-se as de habil relojoeiro, excellente fabrica de chapeus, e alguns individuos, entrançando com toda a perfeição, redeas e chicotes de couro, industria conhecida com o nome de arreios de Sorocaba. Na rua dos Ourives, onde moravam os individuos desta profissão, trabalhava-se em prata com muita arte e gosto, sobretudo em facas, freios, arreios de luxo, e finalmente todas as obras deste metal.

A instrucção publica estava representada na cidade por quatro escolas, divididas do modo seguinte: uma regia primaria do sexo masculino, frequentada por cincoenta e um alumnos, e outra do sexo feminino, contando umas trinta educandas; uma aula de latim e francez, tambem publica, concorrida por seis alumnos, e outra do sexo feminino, contando umas trinta educandas; uma aula de latim e francez, tambem publica, concorrida por seis alumnos, e outra particular, de instrucção primaria, por trinta e tantos. Os professores eram, como aliás em toda a provincia mesquinhamente remunerados.

Hospede do Padre Manoel Theotonio de Castro, declara Zaluar que este ecclesiastico o tratou admiravelmente bem. Delle se separou cheio de saudade e gratidão.

O caracter dos lorenenses pareceu-lhe "franco, intelligente e caprichoso na realização dos melhoramentos locaes". As habitações da cidade viu-as commodas, bem mobiliadas; mas faltava ainda á sociedade local esse espirito de sociabilidade criado pelas relações das familias, defeito sensivel na maior parte das povoações do interior do Brasil. Era o que tanto concorria para o seu viver monotono e concentrado.

As senhoras raramente appareciam nas salas onde sómente os homens recebiam as visitas e conversavam para entreter o tempo. Esses costumes ir-se-iam perdendo, pouco a pouco, como já desappareciam as mantilhas, apenas agora figurando para occultar as rugas de matronas sexagenarias, ou usadas por gente das classes menos abastadas. As lorenenses, notaveis pela formosura e bom gosto do vestuario, revelavam educação apurada e natural talento. Pena que não animassem os salões e dessem mais vida ás reuniões, em que o seu espirito devia ser justamente apreciado.

A' entrada da cidade era digna de admirar-se majestosa figueira brava, virente e enramada, cuja sombra podia servir de abrigo a umas poucas familias. Vinha a ser este o ponto habitual dos passeios da tarde. Lastimavel que ainda se não tivesse dado a tal largo aspecto mais aprazivel, pois seria excellente logar de recreio.

Quatro estradas importantes cruzavam-se em Lorena. A geral, de S. Paulo, a de Mambucaba e Paraty, por onde se fazia o transporte dos productos, tanto do municipio como do de Silveiras, ambas em pessimo e lastimoso estado, por medonhas serras escarpadas e caminhos quasi intransitaveis, e a de Minas, de tal importancia que, segundo constava dos registros, ahi passavam por anno para cima de vinte mil animaes, transportando, desta provincia, os productos para o grande mercado da Côrte.

A questão que no momento mais preoccupava o espirito dos lorenenses era a nova direcção que se pretendia dar, quanto ao seu limite terminal, na provincia do Rio de Janeiro, á estrada de ferro de Pedro II.

Sahindo de Lorena para Guaratinguetá, seguiu o nosso itinerante a estrada geral da capital paulista.

O caminho desdobrava-se por terrenos ligeiramente ondulados, descortinando o viandante as mais agradaveis disposições do sólo. Fechava-se o leito dos valles aos pés das duas grandes serras da Mantiqueira e da Bocaina, "que estampavam o dorso recostado nos ultimos limites do horizonte".

A vegetação pareceu-lhe menos opulenta do que a da provincia do Rio de Janeiro, pelo menos nos pontos visitados.

Depois de duas horas de marcha regular e suave, entrou em uma especie de viella estreita e tortuosa, orlada de "velhos e mesquinhos casebres, que desembocava em calçada ladeirenta e pedregosa". Ia esta dar a uma "praça de aspecto desolador e quasi repugnante". Acabava de entrar em Guaratinguetá!

Da velha cidade seiscentista teve o viajante muito má impressão.

As ruas eram quasi todas do mesmo gosto, feias, estreitas, mal construidas. Da mesma desagradavel apparencia as praças e largos, que com razão deviam ser chamados *pateos*.

No emtanto, existia no municipio, fazendo-se um calculo baseado talvez na estatistica de 1855, que computara a população em 32.000 habitantes, talvez muito acima de 34.000 almas!

Parecia comtudo que a localidade acordava do lethargo de alguns seculos, e envergonhava-se, em presença de suas irmãs elegantes e garridas, do papel que representava o anachronismo das suas taipas!

Até a municipalidade, ao inverso da de Lorena, dormia o somno da inercia, emquanto os bois, vaccas, carneiros e porcos ruminavam (sic) tranquillamente nas praças publicas, os despojos do ultimo mercado, e pareciam escarnecer as posturas da Camara!

Os edificios publicos correspondiam perfeitamente ás construcções particulares.

A matriz, templo de vastas proporções, edificada em um alto, no meio de predios particulares, nem sequer tinha uma praça onde sobresahisse a sombria, mas severa architectura da sua fachada!

Fôra edificada á custa dos fieis, pois limitadissimo auxilio recebera dos cofres provinciaes. Tinha por padroeiro a Santo Antonio. Uma das coisas mais dignas de admiração ali observadas era a capella do SS. Sacramento, toda dourada, obra de bastante gosto e arte, mandada construir a expensas do alferes Antonio de Paula e Silva, cidadão distincto por suas virtudes, ainda chorado pela pobreza, de quem fôra sempre infatigavel protector.

Além da matriz existiam em Guaratinguetá tres igrejas e uma capella.

No municipio contavam-se mais seis capellas, que, á excepção da consagrada á Senhora da Apparecida, estavam em abandono.

A cadeia e a Casa da Camara, juntas em um mesmo edificio, eram soffriveis, se bem que a primeira reclamasse urgentes reparos.

A cultura principal do municipio consistia no café, de que annualmente exportava entre quinhentas e seiscentas mil arrobas.

Cultivava-se tambem a canna, de que se fabricava rapadura, bastante para o consumo local; e tambem algum assucar. E fazia-se em grande escala a cultura de generos alimenticios.

A instrucção publica municipal ministrava-se a 225 alumnos dos dois sexos, sendo que as escolas de ensino primario contavam 115 alumnos.

A frequencia mostrava-se muito inferior á matricula.

Havia em Guaratinguetá dois cemiterios, ambos situados fóra da cidade: um pertencente á irmandade de S. Miguel, pequeno, porém decente, e com uma capella; o outro, á irmandade dos Passos. Ahi se sepultavam todas as pessoas fallecidas dentro da cidade: era espaçoso, murado e nelle se viam algumas carneiras destinadas aos irmãos.

Possuia a cidade tambem um theatro construido ás pressas, ainda não forrado nem assoalhado. Era de pequenas dimensões e quasi sem nenhuma das condições artisticas exigidas para este genero de edificios.

As necessidades mais urgentes, do logar, vinham a ser: primeiro que tudo a construcção de um chafariz, pois todos bebiam unicamente a agua do Parahyba, e depois a criação de um hospital de Misericordia, além das providencias efficazes para a remoção de grande numero de morpheticos, tanto de Minas, como de outras provincias, que habitavam em toda a extensão da estrada até S. Paulo.

No alto de uma das calçadas de Guaratinguetá via-se grande cruz de pau, pintada de preto, ali collocada, segundo se contava, para nella se encostarem as outras cruzes nas procissões de penitencia.

Ao vigario de Guaratinguetá, Padre Antonio Martiniano de Oliveira, faz Zaluar os maiores e aliás mais justos elogios. Varão de grande piedade e virtudes, "symbolisava neste seculo — raro exemplo! — o verdadeiro sacerdote segundo os preceitos da moral evangelica".

Impressionou-o muito este clerigo, aliás, de tão bella reputação nos fastos do clero paulista e nacional.

"Homem de 40 annos, magro, erecto, seu aspecto fazia lembrar a austeridade de S. Jeronymo. Tinha a palavra grave e perplexa, como quem não encontrasse na linguagem humana phrases com que traduzir a sublimidade dos sentimentos que o

dominavam e as santas idéas que o preoccupavam. Peregrino do Céo, cumpria, resignado porém beneficamente, sua peregrinação na Terra".

Entre as obras pias a que ligara o nome na parochia merecia principal menção o *Asylo Religioso das Irmãs do Bom Pastor.*

Guaratinguetá, como Lorena, tambem contava a sua figueira monumental. Nascera de uma estaca de tropeiros e era duplamente digna de veneração. A ramagem que lhe sombreava o tronco colossal podia abrigar uma porção de cavalleiros. A base do tronco tinha umas poucas de braças de circumferencia (sic). Era um templo de verdura levantado ás portas da cidade, apontando em sua imponente majestade um facto importante nas tradições nacionaes.

Via-se ahi entalhada a firma de D. Pedro I e pelo proprio punho imperial.

Quando o fundador do Imperio fôra ao Ypiranga proclamar a Independencia do Brasil, ali passara, á tarde de 11 de julho de 1822. Pousara em Guaratinguetá, hospedado em casa do Capitão-Mór Manoel José de Mello.

Ahi pernoitara esse dia, e por essa occasião entalhara as suas iniciaes no tronco da figueira. A arvore crescera a ponto de que as letras P. I., então a altura do braço de um cavalleiro, tinham agora a elevação de mais de tres homens.

Esta chronologia do nosso Zaluar é que não está de todo certa. Pedro I, então regente, sahiu do Rio de Janeiro para S. Paulo a 14 de Agosto de 1822, apparecendo em Guaratinguetá a 19 e em S. Paulo a 25. No dia 9 de Setembro deixou S. Paulo, de volta ao Rio de Janeiro, onde chegou á noite de 15. Assim, foi a 11 de Setembro que se pode ter dado o facto do entalhe na figueira. Nem é crivel que o primeiro Imperador já antes de 7 de Setembro se atrevesse a inscrever publicamente o seu digramma dynastico P. I. onde quer que fosse.

O povo de Guaratinguetá, continua Zaluar, se não tinha as largas aspirações de progresso, animadoras da maior parte das populações modernas, era pacifico, morigerado e extremamente religioso, se bem que ali, como em toda a parte, se encontrassem ainda homens de instinctos odientos e grosseira ignorancia, recordando á intolerancia feroz das tribus barbaras! (sic).

Os costumes populares pouco differiam dos outros da provincia de S. Paulo. Ao lado da "mantilha zelosa, sob cujo véo se viam brilhar muitas vezes olhos inquietos e provocadores", notava-se o detestavel capote lançado á cabeça. Dava ás mulheres o aspecto aterrador de machinas ambulantes, fazendo, no

emtanto, e este vinha a ser sua unica vantagem, realçar o bom gosto com que já se trajavam algumas senhoras do logar.

Existiam em Guaratinguetá uma ou duas bandas de excellente musica, merecendo a attenção dos viajantes.

O commercio e a industria iam tendo desenvolvimento regular. Todos os domingos realizava-se na cidade grande feira ou mercado, no largo do Rosario, onde os habitantes se suppriam dos generos precisos para o consumo da semana. Além de uma padaria e barbearias (sic), existiam outros estabelecimento de maior e menor importancia. E ainda uma typographia, que publicava duas vezes por semana um jornal com o titulo poetico de: *Mosaico.*


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO CXVII

Os grandes fazendeiros de café de Guaratinguetá em 1860 — A Apparecida e seu sanctuario — Belleza da região — Pindamonhangaba e seu excellente aspecto — Primordios da lavoura cafeeira local — Remessa de sementes pelo Capitão General Conde de Palma, em 1817 — Grande desenvolvimento da cafeicultura — Grandes fazendas — Reflexo da riqueza cafeeira sobre o progresso da cidade

Mau grado jactar-se de haver emprehendido a sua peregrinação pela Provincia de S. Paulo muito com fins estatisticos sobretudo em relação á lavoura cafeeira bem deficiente é o que Zaluar, apresenta aos seus leitores em materia estatistica. Salvo quanto a uma ou outra referencia contenta-se ás vezes, em dar numeros globaes para a exportação dos municipios percorridos. Assim tambem nem sequer menciona, salvo quanto a um ou outro, os nomes dos grandes cafeicultores dos diversos districtos atravessados.

Quando por Guaratinguetá passou em 1860 havia no municipio intensa cultura cafeeira que, com o correr dos annos, ainda se avantajaria notavelmente.

Entre os grandes lavradores citavam-se o opulento Barão, mais tarde (em 1867) Visconde de Guaratinguetá (Francisco de Assis de Oliveira Borges, (1808-1879) dono das fazendas do *Carmo* e *Fortaleza*, e tambem afazendado no municipio de Lorena, seu filho Dr. José Martiniano de Oliveira Borges (Tres Barras); D. Francisca da Cunha Bueno (Taipas); Francisco José da Costa (Rio das Pedras) seu filho e homonymo (Boa Vista); João Gonçalves Gama (Quilombo); Augusto Vieira de Novaes (Patrimonio); Manoel Marcondes dos Santos (Santa Justa); Manoel Martins dos Santos (Itaguassú); José Leme Barbosa (Matto Dentro); Bento Antonio de Campos (Sant'Anna do Morro Grande); Francisco Nabo Freire Guimarães (Morro Vermelho); Manoel Vieira de Novaes (Buraco do Ouro); Joaquim Ignacio Bueno Garcia Leme (Capella dos Correias); João José Galvão de França, Manoel e José Bittencourt, além de

alguns outros mencionados numa resenha que nos forneceu a extrema gentileza do Sr. Dr. Gastão Meirelles França, sabedor eximio das coisas do passado de sua cidade natal, em que já foi o digno chefe do executivo municipal.

Deixando Guaratinguetá passou Zaluar pela Apparecida que o encantou pela belleza do scenario que a envolve:

"Entre todos estes templos que temos visto no interior do paiz, nenhum achamos tão bem collocado, tão poetico, e mesmo, permitta-se a expressão, tão artisticamente pittoresco, como a solitaria capellinha da milagrosa Senhora da Apparecida, situada a pouco mais de meia legua adiante da cidade de Guaratinguetá, na direcção de S. Paulo.

A sua singela e graciosa architectura está de accordo com a majestosa natureza que a rodeia e a montanha que lhe serve de pedestal, e domina moldurado em um horizonte infinito um dos panoramas mais arrebatadores que temos contemplado em nossas digressões".

Narra o itinerante os acontecimentos que presidiram a fundação da gloriosa basilica de hoje, refere-nos uma serie de factos apontados em sua Casa dos Milagres e dá amplas demonstrações de sua piedade catholica.

Relata os projectos de substituição da capellinha de 1719 por um templo maior e a tal proposito observa quanto seria necessario alliviar a horrivel situação dos numerosissimos leprosos localisados ao longo da estrada Rio-S. Paulo.

A contaminação ainda se tornava maior desde que em desespero de causa e, para ver se escapavam ao captiveiro, acoutavam-se, entre os morpheticos, escravos fugidos. Assim mesmo alli iam captural-os os senhores, dahi provindo a disseminação do horrivel mal entre os parceiros dos fujões e até entre seus proprietarios!

Sahindo da Apparecida rumou Zaluar para Pindamonhangaba onde o esperava um amigo muito querido, o mesmo a quem dedicou a sua relação de viagem.

Era elle o Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, futuro Barão Homem de Mello, o notavel paulista cujo nome tanto relevo alcançou nos fastos de sua provincia natal e nos da segunda metade do Brasil Imperial. É a quem o paiz deve tão larga folha de serviços como é desnecessario lembrar, sobretudo no que diz respeito á sua cultura e especialmente aos problemas de sua geographia e o aperfeiçoamento de sua cartographia.

Anciava o nosso Zaluar por se ver na cidade natal do amigo. Afinal divisou "em vasta eminencia formada por larga ondula-

ção e como assentada no regaço de verdejantes campinas, a formosa Pindamonhangaba".

Descrevendo a paisagem envolvente da cidade a que o Parahyba "osculava amoroso" traçou o nosso viandante uma serie de phrases piegas e, ás vezes, até, assaz desfructaveis.

As pompas da paisagem havia beneficamente influido sobre o genio dos habitantes da cidade do norte paulista.

Explica Zaluar:

"O poder das idéas que o sopro da civilisação espalha nas azas do progresso tem germinado fructos abençoados nesta terra de predilecção. Ao lado da pompa de uma natureza luxuriante accelera-se o desenvolvimento material e brota como espontaneo o talento o genio de seus filhos.

Seria curioso o estudo da influencia que os logares exercem, não digo já sobre a imaginação do homem, o que ninguem desconhece, mas ainda sobre a sua indole e caracter, sobre, as suas tendencias, e sobre o seu empenho nas conquistas da materia pela intelligencia e espirito.

Pindamonhangaba é uma das cidades do norte da provincia de São Paulo em que estes factos se tornam por assim dizer visiveis e palpaveis".

Gabando a bella matriz local, realmente digna de muita nota, e a linha architectonica da cidade, cheia de moradas ricas, commenta o viajante:

"E' preciso admirar a poetica architectura de sua matriz, concepção grandiosa de um artista quasi ignorado, cujas flechas se levantam ao céo em linhas puras e suaves, como singelos pensamentos de piedade e de fé; é preciso ver as construcções artisticas dos bem acabados predios que adornam as largas e formosas ruas da cidade; é preciso gozar da confraternidade amavel de seus habitantes, apreciar a sua sociabilidade, conviver com os distinctos talentos que a ennobrecem, para justificar uma theoria que ao menos aqui é amplamente realizada".

Depois de rapido esforço historico sobre a "cidade dos Barões" lembrava Zaluar que apesar das necessidades geraes que haviam pesado sobre o paiz, soffrendo com a mingua de braços, e a carencia de communicações assim mesmo aquelle centro energico e productor progredira, desempenhando-se, passando a ser pequeno emporio de riqueza e civilização.

Com effeito fizera a velha villa de Nossa Senhora do Bom Successo immensos progressos nos ultimos quarenta annos.

Milagres do café pura e simplesmente, novos milagres do café!

Em 1817, pelo Natal, haviam-na visto Spix e Martius constante de algumas casinhas apenas, baixas, disseminadas sobre uma collina. Muito pouca abastança revelava o aspecto do villarejo.

Recebidos "com bastante gentileza", pelo capitão-mór local haviam em sua companhia visitado a matriz "igreja cheia de entalhes de madeira, sem gosto algum".

E mais não tinham dito os dois famosos naturalistas.

Exactamente neste mesmo anno de 1817 haviam chegado ao modestissimo arraial as primeiras sementes da planta cujos fructos lhe trariam tão rapido crescimento e tamanha opulencia.

Eram remettidas aos lavradores locaes pelo Capitão General Conde de Palma, relata Athayde Marcondes em seu valioso trabalho.

Em 1822 era Saint Hilaire quem encontrava Pindamonhangaba muito pouco digna de nota.

Apenas constava ainda de uma rua unica. Era seu casario baixo, de predios muito pequenos, mas cobertos de telhas. Aliás bastante limpos e geralmente bem conservados. Tres as igrejas da villa, muito pequenas todas. A principal, a unica que visitara, achou-a o illustre botanico escura e bastante feia.

Em 1836 consoante Daniel Pedro Müller já produzia 52.628 arrobas de café. Não se cogitava mais de assucar, cuja safra apenas attingira cem arrobas.

Contava o municipio 7.915 habitantes dos quaes 2.619 escravos, a terça parte! o que mostrava os progressos da agricultura.

Em 1854, a producção cafeeira mais que quintuplicara. No quadro estatistico deste anno, fornecido pelo Brigadeiro Machado de Oliveira ao governo provincial, lê-se que Pindamonhangaba produzira nada menos de 350.000 arrobas de café. Era o terceiro municipio cafeeiro da Provincia vindo logo abaixo de Bananal (554.550) e Taubaté (354.730). Estava acima de Campinas (335.550).

Contava 113 fazendas com 2.800 escravos e nenhum colono livre.

Os seus grandes fazendeiros começavam a demonstrar o pendor ás distincções, nobiliarchicas. Fariam com que mais tarde lhe chamassem: a cidade dos barões.

Já nesta época fôra agraciado com o baronato e a grandeza do Imperio Manoel Marcondes de Oliveira e Mello, primeiro barão de Pindamonhangaba, em 1846, Veador de Sua Magestade a Imperatriz, commendador das Imperiaes Ordens de Christo e da Rosa, official da Ordem Imperial do Cruzeiro, co-

ronel do primeiro esquadrão da Guarda de Honra, figurante do sequito de D. Pedro I na tarde inesquecivel de 7 de setembro de 1822, no Ypiranga. Seu sogro, o portuguez Custodio Gomes Varella Lessa, Barão de Parahybuna, fallecido em 1855, fôra, queremos crer, o segundo fazendeiro de Pindamonhangaba titulado (em 1850). Sua viuva seria em 1857 elevada a Viscondessa do mesmo titulo.

Um nucleo numeroso das mais velhas familias de S. Paulo residia em Pindamonhangaba e cultivava café, entre ellas os Marcondes e Homem de Mello, Godoy Moreira e Costa, Romeiro, Bicudos, Siqueiras, etc., de cujo entrelaçamento decorria enorme modalidade de patronymicos.

Orgulhava-se o municipio de suas grandes fazendas onde os cafezaes eram notadamente grandes e bem tratadas as lavouras como *Mombaça* e *Trabijú* dos dois irmãos e socios, o Barão de Pindamonhangaba e Monsenhor Ignacio Marcondes de Oliveira Cabral, do *Ribeirão Grande* da Baroneza do Parahybuna; *Borba*, de seu filho o futuro Barão de Lessa; *Pirapitinguy*, do futuro Visconde de Pindamonhangaba, Francisco Marcondes Homem de Mello (1805-1881); *Tetequera*, do futuro Barão de Itapeva; *Fortaleza* (José Octaviano Marcondes Machado); *Goyabal* e *Santa Maria*, do futuro Visconde da Palmeira; *Corrego Branco*, do futuro Barão de Romeiro; *Tanque*, (Francisco Marcondes Monteiro) *Curuputuba* (José Moreira Cezar); *Piracuama* (Francisco Ignacio de Moura Marcondes), *Bom Successo* (Manoel Thomaz Marcondes de Souza); *Jatahy* (Capitão Matheus Cesar); *Bomfim*, do futuro Barão de Taubaté; *Nhambuy* (João Monteiro Brazis); *Vaticano* (Francisco Santos); *Belém* (Manoel Monteiro Cesar Miné); *Saca Trapo* (Manoel Bicudo de Siqueira Salgado), etc.

Estas informações tivemol-as de dois conhecedores emeritos dos fastos do seu municipio natal, os excellentes amigos Dr. Elias Marcondes Homem de Mello, — o distincto engenheiro militar e antigo official do exercito, cuja memoria rivaliza com a de seu illustre irmão o Barão Homem de Mello — e seu sobrinho affim Sr. Alexandre Moreira Cesar, antigo lavrador de café e fino cavalheiro.

Perto de Roseira ficavam as grandes lavouras do Barão de Taubaté (Antonio Vieira de Oliveira Neves, 1815-1906) na fazenda de Santa Leopoldina, informa-nos o neto desse titular, o tão reputado obstetra Dr. A. Vieira Marcondes.

O reflexo dos lucros dessa lavoura poderosa se fazia sentir na séde do municipio.

Assim haviam os pindamonhangabenses resolvido, desde 1840, reformar por completo a sua vasta igreja velha, feia e destituida de qualquer feitio architectonico.

Descrevendo o que na cidade existia em materia de templos, escrevia Zaluar:

"Em 1841 deitaram-se abaixo as paredes da frente para levantar-se novo frontespicio e reconstruir-se o templo. Em 1842 lançaram-se os primeiros alicerces da monumental fachada que hoje desafia a attenção do viajante. E' uma peça de architectura dorica, cujo risco se deve ao habil e intelligente artista Antonio Pereira de Carvalho, e a execução ao pedreiro José Pinto dos Santos, fallecido a 7 de fevereiro de 1856.

Esta obra foi exclusivamente feita á custa dos fieis, e sobe hoje a 50 contos de réis, faltando para acabar o resto do templo, no que se trabalha com afinco sob a illustrada administração do Sr. Dr. Miguel Monteiro de Godoy.

Além da matriz, ainda havia em Pindamonhangaba mais outra igreja, a do Rosario, capella aldeã, edificada pelo ajudante José Homem de Mello, e a de S. José, pequena, mas bem acabada, com fachada singela e elegante. Fôra este ultimo templo construido pela familia Godoy.

A quatro leguas da cidade, seguindo a estrada de Taubaté, existia outra capella com a invocação de Nossa Senhora do Soccorro, notavel pelos seus milagres".

Tratando de edificios publicos da cidade, noticiava o nosso itinerante:

"A Casa da Camara e a Cadeia não correspondem á belleza dos outros edificios publicos; mas é de crer que em breve serão substituidas por obras mais perfeitas, quanto mais que muito é licito esperar da intelligencia e zelo dos actuaes vereadores, se bem que sejam muito mingoados os recursos de que dispõem em presença das necessidades que reclamam a sua applicação".

Havia na cidade lindo theatro, o melhor, sem duvida, de todo o norte da Provincia. Não estava porém ainda acabado. Era vasto, espaçoso, alegre, e adornado com tres ordens de camarotes. Fôra construido á custa de particulares, que já nelle haviam gasto para cima de 21 contos de réis. Devia-se tambem ao risco do mencionado Francisco Antonio Pereira de Carvalho, "artista de talento transcendente", que "tanto mais se tornava digno da publica attenção, quanto nunca fizera estudos profissionaes e devia quanto sabia á intelligencia, gosto e louvavel dedicação ao trabalho".

Os particulares opulentados pelos resultados das safras cafeeiras porfiavam em levantar sobradões enormes para as suas residencias cidadãs.

Dizia Zaluar:

"Grande numero de predios adorna as ruas de Pindamonhangaba, e entre elles merecem especial menção o do Sr. Capitão Antonio Salgado Silva, (futuro barão (em 1867) e Visconde de Palmeiras) palacete de gosto, ainda não acabado, mas já denunciando brilhante edificio, devido ainda ao risco e direcção do Sr. Carvalho; os predios dos Exmos. Srs. Barão de Pindamonhangaba e Monsenhor Marcondes, o do Sr. Tenente-Coronel Antonio de Godoy Moreira e Costa, Major Ferreira, ajudante Almeida, Padre Antonio da Cunha Salgado, Domingos Marcondes Homem de Mello, Baroneza de Parahybuna, e a casa do vigario o Rev. Conego João Nepomuceno d'Assis Salgado".

Em terra nova como aquella havia immenso, certamente, a fazer.

Expunha o viajante o seu modo de ver sobre o que lhe parecia de maior precisão.

"As necessidades mais urgentes do municipio eram a fundação de um hospital de caridade, para o que já existiam alguns dons e legados pios. Esta idéa não era nova, e cumpria realizal-a com perseverança.

Tornava-se tambem de absoluta urgencia a construcção de um chafariz, pois todos os moradores bebiam a agua do Parahyba.

Mas o que se mostrava absolutamente indispensavel vinha a ser a minoração de verdadeira calamidade publica o sequestro dos desgraçados parias victimas innocentes de uma das mais crueis contingencias humanas:

Observa Zaluar:

"A mais imperiosa, porém de todas as exigencias publicas, segundo penso, é, como em Guaratinguetá, remover os morpheticos, que em chusmas invadem a cidade aos domingos a solicitar a caridade publica e dando o doloroso espectaculo da mais horrivel miseria".

Logar de lavoura, essencialmente, não tinha Pindamonhangaba industria e apenas commercio. Notava o viajante:

"O commercio de Pindamonhangaba não é dos menos florescentes. A industria está porém, em decadencia. Apenas aqui se nota uma fabrica de velas de cêra de terra e duas padarias. Houve antigamente uma fabrica de chapeus de palha nacional, mas já não existe".

Era extranhavel que em tão prospero centro a instrucção publica fosse medianamente desenvolvida. E a população escolar se apresentasse pequena ainda. Explicava Zaluar que aos seus

leitores "pareceria que o numero de alumnos que frequentavam as escolas não estava em proporção dos habitantes nem em parallelo com a illustração e progresso de tão importante centro. Era preciso observar porém que a maior parte dos filhos das familias mais distinctas e abastadas não cursavam as aulas do logar, mas iam educar-se em São Paulo, onde o ensino publico tinha mais recursos, e onde ao mesmo tempo se habilitavam para os estudos superiores e para entrarem na Faculdade de Direito.

Apreciou Zaluar immenso o convivio com os pindamonhangabenses, lhanos, cordeaes, communicativos:

"Quanto á convivencia social dos habitantes de Pindamonhangaba, é este um facto que surprehende agradavelmente o viajante. Distante sessenta leguas da capital do Imperio, e mais de trinta da capital da Provincia, encontram-se os costumes, a illustração, a amabilidade e o bom gosto das brilhantes reuniões do Rio de Janeiro, no seio dessa população escolhida e fina, e crer-vos-eis transportado por encanto aos ruidosos salões do Cattete ou ás vivendas deliciosas de Botafogo e Andarahy.

E' este sem duvida o ponto mais animado de todo o norte da Provincia".

Referencias pessoaes e as mais elogiosas traça o itinerante portuguez a diversas personalidades de que teve grata impressão.

Entre ellas o Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, juiz de direito da comarca, (futuro Conselheiro e presidente do Rio de Janeiro) cuja illustração, probidade e independencia tornavam uma das mais justificadas glorias da magistratura brasileira; o Dr. Manoel Marcondes de Moura e Costa, o Dr. Americo de Moreira Marcondes de Andrade, e finalmente "o joven e talentoso amigo Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (futuro Barão Homem de Mello) intelligencia superior, que a patria, já contava como um de seus filhos mais illustres e a imprensa como um dos mais nobres pelejadores nas lutas do pensamento. Outros ainda, formavam uma pleiade brilhante que trazia á memoria esses circulos animados da mocidade do Rio de Janeiro, onde o merito, a nobreza de caracter e as elevadas aspirações do futuro eram os titulos que os recommendavam ao apreço dos concidadãos e ao logar que lhes competia nos destinos gloriosos do Brasil".

Além das reuniões particulares e do theatro, assistiu Zaluar em Pindamonhangaba ás festas religiosas e populares do Espirito Santo e do Rosario. Não descreveu porém, estas festividades, "em que duas realezas ephemeras eram acclamadas em um dia, para descerem no outro, resignadas e tranquillas, do pe-

destal do poder em que por um momento as collocara o sopro... da sorte!"

No emtanto era curioso observar o cerimonial destes dias de festejo: as *folias,* ou uma especie de bando que annunciava a festa, composto de uma orchestra de flautas de taquara, e tambor, e pontuado por uma por uma cantilena monotona cuja letra era impossivel perceber no meio de uma algazarra semi-barbara. As procissões, os jantares aos pobres, o banquete e o baile do festeiro, e finalmente uma quantidade de outras particularidades, que não eram sem interesse para a historia dos costumes populares no norte paulista caracterizavam tal solemnidade.

Terminando o capitulo referente a cidade que tanto o encantara declarava Zaluar que o seu interesse cifrava-se em que o leitor, percorrendo-lhe as paginas, se convencesse, como se achava, de que Pindamonhangaba, era tambem um dos centros mais brilhantes da civilização na provincia paulista.

Com a maior propriedade e exacção poderia ainda ter frisado que todo este brilhante surto de progresso e cultura provinha da criação de valores oriundos das safras de café.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO CXVIII

O caminho de Pindamonhangaba a Taubaté — Progressos desta cidade — As lavouras locaes — Os grandes fazendeiros taubateanos — Caçapava e os seus progressos devidos á lavoura cafeeira — São José dos Campos e seu atrazo

As tres leguas que separam Pindamonhangaba de Taubaté percorreu-as Augusto Emilio Zaluar sob o imperio das mais gratas sensações. Viajava com duas pessoas de alto relevo intellectual, e sentia-se perfeitamente disposto de corpo e espirito. Assim se deixou levar ao derrame da *vis* literaria, abundante mas infelizmente, nem sempre de muito gosto.

"Fiz, declara, esta deliciosa jornada em companhia dos meus distinctos amigos os Snrs. Juiz de direito da comarca, Marcellino Gonzaga e do Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, tendo occasião de apreciar em tão estimavel companhia as immensas campinas que se abriam diante de nossos passos, douradas pela vermelhidão do occaso, offerecendo-nos a esta hora um dos quadros mais soberbos que se podem desenhar á imaginação de um artista.

Os ultimos raios do sol tropical, innundando a atmosphera de vagos lampejos de luz melancolica, casavam-se ao doce e meigo clarão da lua, que em sua plenitude se erguia esplendida no azul immaculado do firmamento".

Duas paginas gasta a falar da pureza da abobada celeste, da "poetica tristeza crepuscular do vulto immenso, anfractuoso e sombrio, da Mantiqueira, do infinito que se lhe desdobrava á cabeça" da variedade de aspectos da estrada onde os "comoros desiguaes eram como as vagas do Oceano quando arquejavam fatigadas depois dos arrancos da procella e começavam a espreguiçar-se no primeiro somno da bonança!

Cortava a estrada verdadeiro ermo como era tanto do Brasil de antanho, despovoadissimo, onde os nucleos de populações bruscamente acabavam no descampado e na solidão.

Má impressão trouxeram os aproches de Taubaté ao nosso itinerante.

"Já era bastante noite quando começamos a ver as primeiras casas de pobrissimo aspecto que se estendem pela beira da estrada ao entrar em Taubaté, e que, é forçoso confessar, bem mostram a miseria de seus tristes habitantes.

Algumas velhas casinhas de caipiras e choupanas de mendigos formam esse prolongamento da cidade, que lá mais adiante contem talvez uma das povoações mais numerosas e compactas de quantas vimos bordar o comprido trajecto do norte da provincia".

Da velha cidade de Jacques Felix, já então mais que bicentenaria, declara que era grande, populosa, activa, porém triste e pesada, como todas as povoações fundadas sob a influencia do espirito monastico.

Esta influencia monastica da primeira fundação é que não sabemos onde o nosso itinerante a terá deduzido. Da simples presença do velho mosteiro franciscano de S. Clara?

Foi esta a impressão da visita á cidade:

"Ruas muito compridas, adornadas de um e outro lado por casas de aspecto sombrio e de uma regularidade monotona, cortadas por outras tantas viellas onde as construcções architectonicas não se afastam, por via de regra, da forma estabelecida, e vão dar em praças em que domina o mesmo estylo, tendo apenas estas a differença de se observar nellas alguns templos dignos de attenção pela sua vetusta e religiosa grandeza". Já havia comtudo algumas notas recentes naquelle conjuncto antiquado:

"Algumas construcções modernas, e mesmo luxuosas casas de residencia, se tinham edificado, todavia, nestes ultimos annos, denotando o desenvolvimento local e o espirito laborioso de seus habitantes, pois ali residiam proprietarios e ricos fazendeiros dispondo de avultadas fortunas a quem não faltava o gosto e mesmo a instrucção".

Assim progredira Taubaté, bastante, nas ultimas decadas e todo este progresso provinha-lhe igual e certamente do café, como succedia em Pindamonhangaba, Guaratinguetá, em todo o norte paulista.

Em 1817 haviam-na visto Spix e Martius incomparavelmente menor. Em suas terras ainda não surgira o café, aliás. Diziam os dois grandes naturalistas teutões:

"Taubaté, onde chegamos á noite acha-se situada sobre uma collina chata, tres milhas a sudoeste de Pindamonhangaba, do alto ve-se grande parte dos campos, em que apparecem disseminados pequenos capões e caminhos e circumdado por algumas renques de majestosas palmeiras produz impressão agradavel e offerece aspecto dum logar de importancia. Na verdade é Tau-

baté (que possue uma rua principal de grande extensão, margeada de ambos os lados, de casas e algumas ruas secundarias), uma das mais importantes villas de toda a provincia. Tem quasi a idade da capital paulista".

Explicavam depois a funda rivalidade que se estabelecera por causa das descobertas de ouro, nos seculos XVII e XVIII, entre paulistanos e taubateanos.

Dahi proviera esta malquerença grande entre os "paulistas do Tietê e os paulistas do Parahyba" que ainda no seculo XIX se traduzia pelos commentarios depreciativos de uns acerca dos outros, synthetisados numa phrase famosa attribuida a Martinho Prado Junior, a collocar uma fronteira em Mogy das Cruzes. Reminiscencia de rancores atavicos...

Ainda em 1817 perdurava a malquerença entre os descendentes dos membros das duas fracções, diziam-no os dois illustres naturalistas, a repetir informações locaes.

Não foi má aliás a impressão que lhes deixou Taubaté.

"Descansámos um dia em Taubaté, afim de enxugar a bagagem. A casa que comnosco compartilhou um cidadão do logar, não offerecia, aliás, commodidade alguma.

Tem ellas em geral, raramente mais de um pavimento. As paredes todas são de vigas fracas, ou sarrafos, ligadas a pau a pique, revestidas de barro, e caiadas com uma argila branca (tabatinga) que se encontra em certos logares das margens dos ribeiros. O telhado consiste de telhas de barro, raramente de palha, achando-se na parede da rua uma ou duas janellas com rotulas. Corresponde o interior á construcção ephemera e ao material pobre. A porta da entrada, commumente com cancella dá immediatamente para o maior compartimento, sem soalho e muitas vezes sem paredes caiadas, á semelhança dos simples ranchos.

Serve este compartimento de sala. Dispensas, ás vezes tambem servindo de quarto de hospedes occupam o resto da frente da casa. Contem a parte trazeira os quartos para a mulher e o resto da familia. Retiram-se todos conforme o costume portuguez, para esses commodos, logo que chegam pessoas extranhas. Communicam estes quartos com a varanda coberta que geralmente occupa a largura inteira da casa dando para o quintal. As vezes encontra-se egual varanda á frente da casa. A cosinha e os ranchos para os criados, acham-se no lado opposto, no fundo do quintal.

Tambem a mobilia e os utensilios de taes casas estão limitados ao estricto necessario: muitas vezes encontram-se sómente alguns bancos e cadeiras de madeira, uma mesa, uma grande

arca, um leito formado por quatro paus com taboas sobrepostas, e uma esteira ou pelle de vacca (giráo).

Em logar de camas usam os brasileiros, quasi geralmente de redes de fio de algodão branco ou de côr. Em parte alguma o viajante encontra poços, devendo servir-se das aguas pluviaes ou de rio. Os habitantes de Taubaté comtudo mostram maior abastança e educação do que os das pequenas villas pelas quaes passamos sendo esta circumstancia decerto devida as relações commerciaes existentes com o Rio de Janeiro e São Paulo. Ha tambem alguma viticultura, estando justamente agora as uvas maduras e de gosto agradavel".

Assim se a cafeicultura surgira na zona ainda não estava em condições de impressionar, pela existencia, viajantes meticulosos como homens do valor excepcional de Spix e Martius.

Cinco annos mais tarde era outro informante igualmente do maior prestigio quem da cidade de Jacques Felix dava impressão: Augusto de Saint Hilaire.

Chegado a Taubaté hospedou-se numa estalagem mantida por uma mulata. Compunha-se, segundo a praxe, de pequenos quartos que não se communicavam uns com os outros e davam para a rua, absolutamente como as cellas de um mosteiro abrindo todas para um corredor commum.

Já nesta época começava a lavoura do café a incrementar-se enormemente. Devia no emtanto ser muito nova ainda, á vista do que atraz lemos.

Descreve o grande botanico a cidade de Jacques Felix de modo interessante:

"A villa de Taubaté é a mais importante de quantas atravessei, desde que entrei na capitania de S. Paulo.

Fica situada em terreno plano e tem a forma de um parallelogrammo alongado. Consta de cinco ruas longitudinaes, todas pouco largas mas muito limpas e cortadas por varias outras.

As casas proximas umas das outras são pequenas, baixas, cobertas de telhas e só tem o rez do chão.

Apresenta a maioria a fachada caiada e tem um quintalsinho plantado de bananeiras e cafeeiros.

A igreja parochial ostenta duas torres, é bem grande e conta cinco altares fóra o altar-mór mas como as de Guaratinguetá e Pindamonhangaba, não recebe luz pelo lado de nave, sendo por conseguinte muito escura. Além desta igreja, existem em Taubaté tres outras que quando muito merecem o nome de capellas.

Ao se chegar do Rio de Janeiro, passa-se deante de um convento, muito grande, pertencente á ordem dos Franciscanos. Muito contribue para o embellezamento da cidade. Fica em

frente desta e della separado por grande praça quadrada ou *Campo* coberta de hervas e vassouras.

Como todas as cidades do interior do Brasil, a maioria das casas fica fechada durante a semana só sendo habitadas nos domingos e dias de festa.

Encontram-se em Taubaté operarios de differentes profissões, varias estalagens, muitas vendas. Entre estas ultimas existem algumas tão mal sortidas que é impossivel possa o proprietario pagar impostos e viver do lucro do que vende. Corre na região que se estes homens se mantem é pelo ganho auferido dos furtos comprados a escravos.

As terras dos arredores de Taubaté são muito proprias á cultura da canna e do café.

Antigamente era a canna o que n'ellas mais se plantava, mas depois que o café teve alta consideravel, os cultivadores só querem tratar de cafezaes".

Em 1836 contava Taubaté em seu municipio 11.133 habitantes, entre os quaes 1.528 escravos e 1.129 escravas, conta-nos Daniel Pedro Müller no seu jámais assaz gabado *Ensaio de quadro estatistico.* Em suas terras existiam 2.148 fogos, 86 fazendas de café produzindo 23.067 arrobas. De assucar se faziam mil arrobas apenas e de arroz se colhiam 139 alqueires.

Pouco mais de quinze annos mais tarde era a producção cafeeira de Taubaté quasi dezeseis vezes maior: 354.730 arrobas, informava em 1854 o Brigadeiro Machado de Oliveira.

Em 1860 escrevia Zaluar:

"Taubaté é a cidade de maiores proporções e de mais movimento que até agora temos visitado na provincia de S. Paulo. Commercio animado, alguns ramos de industria cultivados com decidida vantagem local, excellentes ourives de prata, e aos domingos um mercado abundante fornecido por todos os generos indispensaveis aos usos da vida, e concorrido por numerosos compradores e concorrentes, são mais que sufficientes dados para se fazer idéa que nesta povoação ha vida, elementos de progresso e aspiração louvaveis.

A população do municipio pode cumputar-se talvez sem receio de errar em 26 a 30.000 almas. Não possuo no emtanto dado algum positivo a este respeito".

"Quanto á producção do café neste municipio, não temos dados que nos possam com exactidão designar o numero de arrobas que se colhem por anno affirmando todavia que não é insignificante; (sic) e pela abundancia do mercado devemos concluir que se cultivam aqui em grande escala os generos alimenticios".

Acerca dos costumes dos habitantes da cidade expunha o itinerante de 1860.

"Os taubateanos são hospitaleiros e amigos de illustrar-se, se bem que a instrucção publica, já teve uma época de mais florescente desenvolvimento, que esperamos em bem deste povo ver novamente activar-se.

Residimos alguns dias nesta cidade, e seremos sempre reconhecidos ao generoso agasalho que recebemos do digno cavalheiro o Sr. Commendador Antonio Moreira da Costa Guimarães, em cuja casa nos hospedamos".

A referencia á depressão cultural taubateana dizia respeito á progressiva decadencia do grande cenobio franciscano a que se prende o nome illustre de D. Frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho.

"Houvera nelle aulas de philosophia e outras materias ecclesiasticas, frequentadas não só pelos coristas e leigos da ordem como por pessoas seculares. Afinal, toda esta vida e esplendor extinguiu-se e até um lyceu nelle estabelecido por lei provincial de 16 de Março de 1847, fechou-se, em 1856, por falta de alumnos.

"Havia no lyceu uma cadeira de mecanica applicada ás artes, geometria e arithmetica, outra de historia, outra de philosophia, e outra de latim e francez".

Ainda sobre os costumes taubateanos traçou Zaluar interessante reparo:

"Em Taubaté ainda se usa muito de mantilhas, não só na classe baixa como entre algumas senhoras mais distinctas.

Este genero de trajo e o aspecto sombrio da cidade concorre, para dar á povoação um certo cunho de vetustez, que faz lembrar algumas cidades hespanholas e os costumes severos dos seculos anteriores".

Pouco parece Zaluar ter visitado os arredores de Taubaté. Referindo-se a Tremembé declara que achou o logar lindo e nem siquer allude ao tão conhecido e frequentado santuario do Senhor Bom Jesus, a antiga capella seiscentista de José Gomes Granito e Manoel da Costa Cabral, cuja festa annual, a 6 de Agosto, tantas e tão consideraveis romagens provoca.

Na obra do viajante portuguez não ha menção alguma aos grandes fazendeiros de café taubateano.

A vontade de completar os seus informes curiosos com alguns elementos novos levou-nos a consultar a Felix Guisard Filho acerca de tal assumpto. Não ha no Estado de S. Paulo quem ignore o que Felix Guisard tem feito em pról não só da historia de Taubaté como de todo o norte paulista.

O seu acervo documental é simplesmente prodigioso e as partes já impressas de sua monographia em andamento adiantado: *Historia de Taubaté* mostram sobejamente o que é a valia da exegese de tão rico material.

Com impaciencia esperamos vel-a concluida, importantissima como é a actuação dos taubateanos nos primordios do grande cyclo bandeirante do ouro.

Gentil e pressurosamente respondendo á nossa consulta informa-nos Felix Guisard Filho que em 1860 a mais importante fazenda do municipio seria talvez a do *Quilombo*, colhendo vinte mil arrobas de média annual e de propriedade de Geraldo Gomes Nogueira.

Entre outras fazendas consideraveis do tempo destacavam-se *Pedra Branca* (Manoel Moreira de Mattos), *Retiro* (Manoel José de Siqueira Mattos) *Santa Maria* (do futuro Barão da Pedra Negra, Manoel Gomes Vieira), *Fazenda Velha* (João Vieira da Costa) *Santo Antonio* (Ignacio Marianno da Costa Vieira) *Barracea* (Isidoro Moreira de Toledo) *Independencia, Paraiso* e *Una* (Francisco Alves Monteiro) *São João* (Bento Monteiro da Silva) *Pasto Grande* (Padre Joaquim Pereira de Barros) *Santo Antonio* (Antonio Bonifacio de Moura) *Barreiro* (Comm. Antonio M. Costa Guimarães) *Conceição* (D. Marianna Justina de Moura) *Caieira* (João Francisco Malta) *Itapecirica* (José Alves da Silva Coelho) *Fortaleza* (Antonio Feliciano Pereira de Barros) *Gloria* (Francisco Ignacio Xavier de Assis) *Santa Maria* (D. Francisca Correa de Lima), etc., etc.

Sahindo de Taubaté dirigiu-se Zaluar para Caçapava atravez de maus caminhos servidos por pessimas pontes.

Ao passar por Piracangava, lembrou-se que ali milagrosamente deixara de morrer o grande orador e parlamentar paulista Gabriel Rodrigues dos Santos "salvo depois de haver rolado com o animal por entre os barrocaes e atoleiros que adornam (sic) esta paragem".

Passando por Caçapava teve Zaluar má impressão do nucleo urbano de fundação de Thomé Portes d'El Rei.

"Caçapava é uma villa de aspecto triste, cujas casas ficam de uma a outra margem da estrada, tendo pouco desenvolvimento transversal. Adorna-a uma praça onde fica a matriz, consagrada a Nossa Senhora da Ajuda. Aqui existem duas aulas publicas de instrucção primaria e uma outra particular. A população é orçada em perto de 7.000 almas. Colhe duzentas mil arrobas de café. Os seus terrenos são uberrimos. Cultiva-se nelles a canna, o fumo e generos alimenticios, que sobram para o consumo local. Ali se criam muitos porcos que são vendidos para Taubaté e outros municipios visinhos".

Realmente gozam as terras de Caçapava da fama de constituirem o mais fertil torrão do norte paulista. A sua média cafeeira manteve-se firme quando em quasi todos os outros municipios da região parahybana já afrouxava singularmente. Ao tempo que Zaluar atravessou o municipio nelle havia diversos fazendeiros importantes como os dois irmãos José Felix Monteiro e José Francisco Monteiro, futuros Viscondes de Mossoró e de Tremembé donos das fazendas *Gasparinho* e *São Diogo*. Raphael Pinto de Araujo e Antonio Bento de Alvarenga, proprietarios da *Borda da Matta* e do *Bomfim* e Commendador João Lopes Moreira, homem opulento que hospedou D. Pedro II em seu sobradão.

Era este fazendeiro popularissimo em toda a zona, pelo seu genio em extremo folgazão e communicativo. Assim fazia grandes festas na villa quando os primeiros cafés de suas colheitas chegavam promptos para a exportação nas tropas que despachava para o mar.

São estas informações devidas ao prezado e culto amigo Dr. José Pereira de Mattos, grande lavrador caçapavano, antigo deputado estadoal e politico de larga e merecida influencia.

Queixavam-se os caçapavanos em 1860 de não terem casa da camara e cadeia. Eram obrigados a reunir o seu conselho municipal na residencia de um particular.

Em Caçapava demorou-se o viajante uma noite, hospedado pelo Sr. Francisco Alves Moreira e em companhia do Dr. Marcellino Gonzaga, que na qualidade de Juiz de direito da comarca, viera em correição á villa. No dia seguinte partiu para S. José dos Campos.

Tivera Caçapava tal progresso ainda em virtude do café.

Em 1817 a ella nem se haviam referido Spix e Martius. Saint Hilaire tambem não inscrevera a palavra Caçapava na sua toponymia da segunda viagem a S. Paulo, onde aliás occorre uma infinidade de nomes estropiados como *Apparanda* (sic) por *Apparecida; São João de Mangue* por *S. João Marcos*, etc., etc.

Convem lembrar que esta viagem é de publicação posthuma e deve ter sido revista por pessoa totalmente ignorante do portuguez o que não era o caso do sabio botanico em cujas obras, impressas em sua vida, tão correctamente se grapham os nossos toponymos.

Entre Taubaté e Jacarehy menciona Saint Hilaire diversos logarejos como Piracangava, Japebassú, Taboão, Ramos, Capão Grosso e Caragunta (sic?).

Piracangava e Taboão são bairros de Taubaté, Capão Grosso, de S. José dos Campos, e Caragunta será Caraguatá? acaso em Caçapava? a uma legua de Taboão e a outra de Ramos?

Da região teve o naturalista a peor impressão.

"Encontra-se uma casa em Japebassú que apenas fica a uma legua de Piracangava, e a meia legua desta, topa-se com outra chamada Taboão; Caragunta (sic) situada a uma legua de Taboão forma uma especie de aldeiasinha; encontram-se outras casas em Capão Grosso; vê-se uma em Ramos que fica a uma legua de Caragunta, e existem muitas ainda das quaes não faço menção para não ser muito minucioso.

Com excepção de uma ou duas, taes casas só denotam miseria, e o vestuario de seus habitantes não é feito para desmentir tal idéa. As mulheres trazem a cabeça descoberta, e os cabellos na maior desordem; trajam como unica vestimenta uma camisa de algodão grosso quasi sempre rasgada e muito suja. Vestem os homens camisa e calça de algodão, com callete de lã; as crianças não usam senão camisas habitualmente em farrapos.

Os moradores da beira desta estrada são de apparencia branca mas distinguem-se em varios delles, os traços typicos da raça indigena.

Cabellos louros e olhos azues não são ahi raros. Em quasi todas as casas vêem se crianças de grande belleza, mas as que attingiram doze a quinze annos já a perderam; são magras, de ar enfermiço, côr cadaverica e terrosa e que provem sem duvida, do mau regime e da alimentação insalubre ou insufficiente.

Grande parte das casas de beira do caminho são vendas mas nellas só se encontram bananas, algumas garrafas de aguardente e um pouco de fumo. Quasi todas as vezes que a sua porta parei para indagar o nome do logar onde estava, ou angariar qualquer outra informação perguntaram-me se não queria comprar alguma cousa.

Um homem offereceu-me mesmo seu rancho, assegurando-me que nenhum de seus vizinhos me venderia milho tão vantajosamente quanto elle. Em Minas dizia-me José (que é Mineiro) quem tem fome pode estar certo de encontrar por toda a parte, um prato de feijão e farinha, sem ser obrigado a pagar. Aqui arvoram nas casas um pedaço de galho espinhoso da *figueira do inferno* para avisar aos que não tem dinheiro que serão mal recebidos".

Caçapava, parochia em 1813, villa em 1850, fôra, até esta ultima data, mero districto de paz de Taubaté e em 1836 comprehendia seis quarteirões conta-nos Daniel Pedro Müller. A sua producção cafeeira englobava-se na taubateana.

De Caçapava seguiu Zaluar para São José dos Campos, por uma estrada que demandara enormes obras, sobretudo de atterro, realizadas a custo de muitos trabalhos e sacrificios sobre pantanos infindaveis.

Sobre a velha aldeia indiatica escreve:

"Apezar da uberdade do solo e das muitas condições vantajosas que o logar offerece a seus moradores, a villa de S. José do Parahyba está ainda em notavel atrazo e é um centro de pouco movimento, em relação, aos recursos de que dispõe".

Os campos que comprehendem uma area de pouco mais ou menos quatro leguas quadradas são excellentes para a criação de gado muar, cavallar e vaccum.

O aspecto destes campos é realmente das vistas mais agradaveis que se pode imaginar! E' um mar calmo de verdura luxuriante, entremeiado de mil arbustos e bosques pittorescos, onde os caçadores encontram abundantes perdizes, a sciencia muitas hervas medicinaes, o naturalista peçonhentos cascaveis e outros reptis, bem como o viajante observador o thema eloquente para revestir com a imaginação as mais poeticas e curiosas descripções da opulenta e original natureza americana".

Bello futuro se antolhava ás terras josephenses:

"O terreno agricola é aqui o mais proprio para a plantação do café, canna, fumo e toda a especie de mantimentos, com especialidade o arroz e o milho, que tão bem produzem nos terrenos baixos.

Os sertões, ainda na maior parte incultos neste municipio, fornecem magnificas madeiras, que são cortadas em grande quantidade e conduzidas para as povoações do norte até á cidade de Lorena, a qual fica umas vinte e cinco leguas distante da villa".

Da propria villa cuja divisa é o expressivo *aura terra que generosa* escrevia.

"A villa, apesar de achar-se edificada sobre uma bellissima eminencia, não sobresahe muito nem mostra grande desenvolvimento pois as casas são aqui todas baixas, as ruas desiguaes e mal alinhadas, e os dois largos que nella se encontram não tem as necessarias sahidas, e falta-lhes o adorno de alguns edificios que actualmente se acham em construcção, como a cadeia, casa da camara e igreja matriz".

Perto da povoação para o lado do Parahyba, existia uma capellinha chamada Santa Cruz o logar para onde costumava affluir o povo da villa. Muito augmentara nos ultimos tempos as construcções de casinhas, de modo que breve se unirá este ponto ao primeiro povoado".

De S. José nada dizem Spix e Martius em seu trajecto de Taubaté a Jacarehy. Apenas referem que "atravessaram a pequena villa de S. José".

Por toda a parte, nesta região, haviam encontrado grande numero de papudos.

"Deste mal soffrem principalmente os negros mulatos e mamalucos (filhos e bastardos de brancos e indios) que formam a maior parte da população. Entre os brancos são as mulheres mais sujeitas do que os homens. As causas de tal deformação parecem aqui exactamente as mesmas que em outros paizes; pois não são as altas e frias regiões montanhosas e sim o valle baixo do Parahyba, coberto frequentemente de denso nevoeiro, onde ocorre o mal".

Em todo o caso os portadores paulistas do bocio não tinham em tão alto gráo o triste aspecto dos cretinos europeus embora revelassem indolencia e ausencia de energia.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO CXIX

S. José do Parahyba e seu atrazo. Jacarehy, municipio prospero e rico — Palavras de Spix e Martius e Saint Hilaire — Progressos de Jacarehy sob a influencia da lavoura cafeeira. — Safras cada vez maiores. — As grandes fazendas do municipio. — A Aldeia da Escada. — Mogy das Cruzes de 1817 a 1860. — Sua cultura cafeeira mediocre

De São José contava Saint Hilaire em 1822:

"A legua e meia de Piracangava, passamos ao lado da villa de S. José. Entre Lorena e Jacarehy, se não me engano, não se atravessa logar tão proximo da Serra da Mantiqueira. Esta villa deve ás montanhas uma vista bastante pittoresca; aliás não passa de misera aldeia composta de casinhas baixas e mal mantidas. A igreja, pequena, só tem uma torre pouco elevada. Encontramos muito menos casas, á beira da estrada e quiçá ainda mais miseraveis do que dantes".

Em 1836 colhera São José 9.015 arrobas de café, conta-nos Daniel Pedro Müller. Sua producção era minguada; 398 alqueires de arroz, 2.539 de milho, 555 de feijão, 313 arrobas de fumo. Fabricava bastante cachaça; 2.379 canadas. Montara tudo a pouco mais de trinta contos de réis apenas. Viviam em seus districtos 3.909 pessoas. Na villa havia nove commerciantes apenas e sómente quarenta individuos que soubessem ler e escrever!

Do municipio disse Zaluar em 1860:

"E' fecundo manancial de riquezas naturaes que a mão da industria pode explorar com facilidade, e conseguiria beneficos resultados, não só em favor do desenvolvimento local como da fortuna particular; mas a reconhecida indolencia da maior parte de seus habitantes, e os vicios e costumes eivados de antigos prejuizos, conservam na esterilidade um torrão que parece regorgitar de seiva e pedir aos homens que o façam produzir e lhe inoculem pelo trabalho os germens da riqueza industrial".

Ora como vimos das cifras citadas pelo Marechal Müller a producção do café decuplicara em vinte e quatro annos quando a

população apenas dobrara. Assim havia bastante injustiça nas palavras do viajante portuguez.

Má impressão teve o viajante dos josephenses:

"A' excepção das pessoas mais illustradas, dos fazendeiros e commerciantes, o resto da população é naturalmente indolente, preguiçosa e alheia a todos os regalos da civilização, contentando-se apenas com qualquer meio de subsistencia, sem se importar qual será a sua sorte no dia seguinte nem de onde lhe virão recursos".

A largueza do espaço era o maior incentivo para este estado de coisas naquelle municipio do norte paulista.

Como a terra fosse abundante e tocava a todos, os individuos, a quem chamavam caipiras, cultivavam a ferro e fogo o torrão que possuiam, a plantarem milhão, feijão e arroz. Colhido o producto, que sem muito trabalho podiam haver, levavam ao mercado, onde o vendiam para comprar a roupa necessaria durante o anno, e regressavam á casa, entregando-se novamente aos habitos de ociosidade, confiados na fertilidade do solo, que lhes fornecia aboboras, aipim, batatas e outros generos, bem como nos recursos das mattas, que lhes offereciam palmitos, aves e outras caças, assim como os rios, cheios de variados e saborosos peixes.

Nesta vida, quasi completamente improductiva, consumiam os annos e o tempo sem que tirassem partido das grandes vantagens do municipio, nem se desenvolvesse nenhum dos elementos de progresso que a natureza tão generosamente lhe confiava, condemnados, como observava certo morador da villa, "a ver esvaecerem-se as mais fundadas esperanças, deixando esteril solo tão fertil, e sem util aproveitamento campos tão amenos, climas tão saudaveis, rios tão serenos, sertões tão opulentos e majestosos, tudo por falta de acção, trabalho e energia.

No municipio de São José notavam-se extensos pantanaes em via aliás de se enxugarem.

A Zaluar pareceu a villa anchietana, um dos pontos da provincia de São Paulo que, com todas as probabilidades de bom exito, melhor se poderia aproveitar para a fundação de uma escola normal de agricultura. Nada faltava ao logar para cabalmente satisfazer as exigencias dum estabelecimento de tal natureza.

Ficava lançada a idéa. Bom seria que um dia alguem a puzessem em pratica.

Era o caso dos que de tal projecto tomassem conhecimento perguntar que autoridade assistia ao aconselhador que se arvorava especializado em agronomia.

Conta-nos o itinerante que a ancia de attingir a capital paulista levou-o a abreviar a estada nas localidades mais proximas de São Paulo. Dahi a circumstancia de pouco se documentar, cada vez menos, acerca dos pontos visitados.

Assim se desculpa:

"O vivo desejo e a necessidade que tinhamos de chegar a São Paulo depois de tão demorada excursão não nos permittiu obter informações minuciosas, como até aqui haviamos feito acerca das diversas povoações que visitamos, e por isso estes nossos apontamentos naturalmente se tornam de ora em diante mais deficientes neste sentido. Além disto, a falta completa de obras ou documentos a consultar, porque os não pudemos encontrar em parte alguma, e ainda mais poderosa difficuldade para quem intenta dar noticia conscienciosa e verdadeira da importancia dos municipios desta provincia".

Se quizesse fazer do seu relato um tecido de singulares aventuras e episodios romanescos, talvez não lhe faltasse assumpto; mas preferira traçar algumas notas que apenas servissem de guia ao viajante curioso que, como elle, apreciasse instruir-se ao passo que se deleitava realizando uma jornada.

Todos os dias chegavam da Europa ao Brasil livros recheados das mais ridiculas e mentirosas fabulas acerca dos costumes exoticos do interior do Imperio, e da grandiosa natureza com que a Providencia mimoseara os povoadores da terra americana. Bem poucos os escriptores serios que se dessem ao trabalho de pintar, com as verdadeiras cores, a magnificencia e a belleza destas regiões!

Alguns escreviam até de improviso a respeito de um mundo cujos prodigios mais pareciam sonhos áquelles que os admiravam que pasmosas realidades! Barbaras pinturas, caricatos desenhos, descripções infieis e grotescas, apreciações falsas e descoradas davam do Brasil os que nunca lhe haviam contemplado o brilho dos céos, a imponente arrogancia das cordilheiras inaccessiveis, o arrojo das penedias, e soberana magestade das mattas infinitas debruçadas ás margens dos maiores rios do mundo, ou ostentavam-se contornando lagos immensos como o Oceano e profundos como o firmamento!

Proseguia o nosso enthusiasta em seu dithyrambo arroubadissimo:

"O viajor que se embrenhava por essas paragens caminhava de maravilha em maravilha!"

A rememoração de tanta belleza divisada levava o nosso viajante a novos e grandes raptos de enthusiasmo traduzidos em altiloquentes phrases acclamadoras da gloria da Criação e da co-

ragem pela qual os aborigenes haviam, defendido o patrimonio territorial avoengo.

"Oh! natureza! tu és o degrau por onde a humanidade se approxima do Criador! Não era debalde que os filhos das primitivas raças disputaram, palmo a palmo, aos conquistadores, as reconditas solidões de suas mattas e os infinitos e prodigiosos thesouros de seus vastos dominios!"

Foi assim sob a influencia de verdadeiro turbilhão de idéas que percorreu as tres leguas separadoras das villas de São José dos Campos e Jacarehy.

A primeira impressão do velho arraial, já bi-centenario, dos Affonsos e do terrivel Bartholomeu Fernandes de Faria, foi-lhe optima.

"O que mais notavel salta á vista a quem passando algumas poucas ruas, entra no largo principal, é a magnifica matriz, acabada de reparar e augmentada de novo, e que em grandeza e gosto architectonico tem, depois da de Pindamonhangaba, o primeiro logar entre as do norte da provincia, bem como o magnifico palacete do Sr. Barão de Santa Branca que occupa uma das faces inteiras desta não pequena e bem edificada praça.

Esta povoação conservou-se por muito tempo em atrazo, até que nestes ultimos annos, pelo desenvolvimento de sua lavoura, e por consequencia de seu commercio, tornando-se mais numerosos os seus habitantes, foi elevada á cidade, e muito tem prosperado e desenvolvido-se tanto no progresso moral como no seu aformoseamento material".

Realmente tão insignificante parecera Jacarehy a Spix e Martius em 1817 que nem sequer haviam em sua *Reise* consagrado uma unica linha que fosse á villa. A unica coisa que ali os impressionara fôra a enorme abundancia de papudos. A elles dedicaram longa pagina.

Saint Hilaire em Março de 1822 acostumado a ver muita gente com o bocio, desde Baependy, de onde descera, não se mostrou tão impressionado, embora declare que jámais vira em tão grande numero, quanto em Jacarehy os hypertrophiados da thyroide.

Alojou-se o illustre botanico numa casinha á entrada da villa onde chegou á noite. Della dá a seguinte noticia:

"Jacarehy fica situada á margem do Parahyba entre este rio e uns pantanos. E' mais importante do que Pindamonhangaba e S. José mas parece pouco habitada. Veem-se algumas casas terreas, mas tambem conta grande numero de predios muito pequenos e que só demonstram miseria. A igreja parochial, construida de taipa, é bem grande, mas pouco ornamentada, não está caiada, nem por dentro nem por fóra. Duas outras igrejas,

uma na cidade e outra fóra, são tão pequenas que apenas merecem que dellas se faça menção".

Consagra meia pagina aos papudos e outra aos jacarehyenses em geral, população que lhe pareceu extraordinariamente indiatica.

Em meiados de Abril immediato passou Saint Hilaire novamente por Jacarehy onde de um alferes de milicias ouviu a seguinte informação:

"Antigamente ninguem se occupava, aqui, senão da cultura do algodão e da criação de porcos, mas de algum tempo para cá começou-se a plantar muito café. As exportações fazem-se ou directamente pela estrada do Rio de Janeiro ou, muito mais frequentemente via Santos; e então não passam as tropas neste caso por S. Paulo, porque em Inhasinha parte uma estrada que encontra a do Cubatão".

Aliás já ao botanico impressionara a extensão dos cafezaes dos arredores de Jacarehy onde o cafe era de muito boa qualidade.

Os fazendeiros locaes não possuiam tropas de burros e alugavam as dos tropeiros profissionaes.

Em 1836, relata-nos Daniel Pedro Müller, contava o municipio e seus dois districtos, o da villa e o da Santa Branca 8.245 habitantes. No da villa residiam cinco sacerdotes, um cirurgião e apenas 175 individuos alphabetizados! pouco mais de dois por cento! Já colhia Jacarehy 54.000 arrobas além de enorme quantidade de cereaes como fossem 65.970 alqueires de arroz, 28.036 de feijão e 107.140 de milho, além de bastante algodão e alguma canna.

Era o municipio mais rico do Norte da Provincia pela valia da producção como se deprehendia do seguinte confronto:

Jacarehy	301:185$600
Bananal	259:426$000
Pindamonhangaba	220:090$000
Lorena	196:638$240
Taubaté	138:007$000
Guaratinguetá	100:017$000
Areias	85:772$000
Mogy das Cruzes	79:787$000
Parahybuna	60:610$000
São Luiz	52:970$000
Cunha	35:557$000
São José	30:069$000

Em 1854 escrevia o Brigadeiro Machado de Oliveira que Jacarehy produzira 204.000 arrobas de café. Era o quinto municipio da provincia apenas batido por Bananal (554.000). Taubaté (354.000) Pindamonhangaba (350.000) e Campinas .... (335.000).

Contava 2.435 escravos em suas 96 fazendas.

Algumas destas propriedades eram das mais notaveis da Provincia de São Paulo.

Graças á extrema gentileza da Exma. Sra. D. Alzira Salles de Siqueira pertencente ás familias de maior relevo tradicional do velho municipio e notavel sabedora dos fastos jacarehyenses, estamos em condições de lembrar aos nossos leitores algumas dessas importantes fazendas cafeeiras locaes de meiados do seculo XIX.

Nestas condições estavam *Jaguary* do Barão de Santa Branca (Francisco Lopes Chaves, primeiro titular deste nome e pae do segundo Barão de Santa Branca e do segundo Barão de Jacarehy); *Parahyba,* de José Alves Guimarães; *Rio do Peixe* de João da Costa Gomes Leitão, homem dos mais opulentos da Provincia; *Paraty* de Delphino Martins de Siqueira; *São João* de Henrique Martins de Siqueira; *Indaguassú* de Fabiano Alves Porto; *Varadouro,* de José Candido Alves Porto; *Jardim* de Francisco Alves Porto; *Santa Cruz* de Lucio Manoel dos Santos; *Capivary* de Francisco Nogueira Cardoso; *Parnaviá* de Antonio Ferreira Braga; *Bella Vista* de José da Silveira Peixoto.

Pouco antes da passagem de Zaluar pela cidade fallecera um dos mais opulentos jacarehyenses o primeiro Barão de Jacarehy, Bento Lucio Machado (1790-1857), homem tão afortunado quanto esmoler, lembra o Barão de Vasconcellos no seu *Archivo.*

Descrevendo o que vira em Jacarehy e muito bem impressionado conta Zaluar:

"A Casa da Misericordia, que ainda não está concluida, e cuja descripção minuciosa sentimos não poder dar aqui, é um edificio digno da philanthropica missão a que está destinada, e que muito honra o Sr. Dr. Moutinho, que não só iniciou tão louvavel idéa, mas que tem empenhado com uma inabalavel constancia todos os seus esforços para que este pio estabelecimento se finalise e satisfaça cabalmente os fins de sua instituição.

Além de outros predios que mereciam attenção pela regularidade e bom gosto, notava-se a elegante casa do opulento Antonio Gomes Leitão acabada com todo o esmero, e cujos pintados e dourados salões poderiam receber com orgulho a sociedade mais selecta da capital do Imperio.

Os edificios publicos, entrando neste numero a Casa da Camara e a Cadeia, não desdiziam dos demais do Norte da Pro-

vincia de São Paulo mostrando claramente o impulso que em poucos tempos recebera a povoação.

A producção do café prosperara no municipio em virtude da excellencia das terras. Não póde comtudo o viajante dizer ao certo o numero de arrobas de suas safras médias, por lhe faltarem inteiramente as informações necessarias. Sabia apenas que se cultivava ainda o fumo, assim como os cereaes, em proporção sufficiente para o consumo local.

A população do municipio podia orçar-se entre 16 a 18.000 almas.

O commercio estava prospero, se bem que pouca ou nenhuma industria se houvesse ainda desenvolvido no logar. O caracter dos jacarehyenses era franco e sociavel. Teve o viajante o ensejo de apreciar algumas de suas amaveis reuniões que lhe valeram agradaveis momentos.

Os arrabaldes da cidade apresentavam aspectos pittorescos e apraziveis.

Percorreu-os a cavallo em companhia de amavel hospedeiro, o acreditado negociante da cidade, Julio Guimarães.

Terminadas as paginas consagradas a Jacarehy dizia o viajante: que apreciando a fertilidade de seu solo, fazia votos para que a mão da industria envidasse seus esforços afim de em breve ali produzir os resultados que promettia, votos tanto mais sinceros quanto lhe evocavam a lembrança do excellente companheiro a quem devia além da hospitalidade, as informações recebidas sobre a cidade e municipio.

Indo de Jacarehy a Mogy das Cruzes, passou Zaluar pela aldeia de Nossa Senhora da Escada, a antiga missão, desde muito abandonada pelos seus evangelizadores, aliás franciscanos e não carmelitas como nos inculca erro aliás compartilhado por Spix e Martius.

A proposito de seu nome dá inveridica interpretação.

"Contaram-lhe que ali existira um aldeiamento de Indios e de singular superstição destes gentios ficara o nome ao logar; pois costumavam collocar uma escada ao pé das sepulturas, para assim facilitarem a subida ao céo ás almas dos finados.

Não ousava comtudo garantir a veracidade da tradição, por lhe parecer absurda: repetia o que ouvira apenas. E, como não encontrara coisa alguma escripta acerca do lugarejo, entendera dever conservar religiosamente as memorias do povo, que sempre apresentam um cunho de poetica originalidade.

Muito mais simplista o raciocinio que o levaria a filiar o nome da velha aldeia indiatica a uma devoção catholica a de Nossa Senhora da Escada que se prende, segundo pensamos a reminiscencias da descida da Cruz.

Já no tempo de Spix e Martius era miseravel aldeiola, onde residiam sessenta catechumenos sob a direcção de um sacerdote que os dois celebres naturalistas acharam bastante intelligente.

Pareceram-lhes os indios da Escada assaz degenerados.

Havia ali, como por toda aquella região, aliás, bastantes cafusos bastardos de negros e indios, gente de immensas grenhas, de cabellos com tendencias á verticalidade, e em cujos traços predominava muito mais o facies do africano do que do americano.

Saint Hilaire em 1822, não viu mais um só indio puro na Escada de que teve a impressão de verdadeira miseria.

Podia-se avaliar de sua penuria pelo simples facto de que inutilmente ali procurara obter aguardente, genero da mais baixa vendagem em todo o Brasil.

Chegando a Mogy das Cruzes teve Zaluar a impressão de que se assemelhava muito a Taubaté.

Assim se exprime a inculcar comtudo, aos seus leitores alguns pequenos enganos historicos quanto á origem da villa, já então duas vezes e meia centenaria, de Braz Cardoso.

"Mogy das Cruzes é como a velha cidade de Taubaté sombria, triste e pesada".

"Não tão activa e populosa como esta, e mais vetusta, faz no emtanto lembral-a por essa especie de atmosphera monastica que se respira em nossas antigas povoações, e imprime a quasi todas ellas um cunho de singular tristeza. Mogy das Cruzes é todavia muito anterior em fundação a Taubaté, pois foi um dos primeiros nucleos formados de serra acima pelos missionarios que acompanharam os primeiros descobridores".

Attribue o viajante o atrazo de Mogy á proximidade de São Paulo e a este respeito expende:

"A proximidade em que se acha da capital é sem duvida uma das causas de sua decadencia, pois lhe absorve esta toda a sua autonomia.

E' um singular phenomeno o que se dá com certos nucleos do interior, na proximidade dos grandes centros! O seu proximo contacto, longe de ser um bem, enfraquece e esteriliza os elementos de progresso local nestas povoações de suburbios, que não só definham pela falta dos capitaes que se deslocam no emprego de transacções de interesse mais immediato, como pela escassez de braços, que encontram melhores salarios nos pontos de maior actividade".

Em 1817 insignificante impressão causara Mogy das Cruzes a Spix e Martius, recebidos comtudo com a maior cordialidade pelo capitão-mór local.

A tal proposito escrevem os dois naturalistas teutões:

"Em Mogy a familia do Capitão preparou-nos uma recepção cordialissima. Esta boa gente fazia dos allemães mais ou menos as mesmas idéas que antigamente os gregos dos hyperboreos. Assim, os interessavam não só a distancia da nossa patria septentrional como tambem o nosso habito externo. A parte feminina da familia examinou, com a graciosa ingenuidade peculiar ás Paulistas, os detalhes do nosso traje, exaltando a côr branca da nossa pelle aqui muito apreciada".

Nada disseram os dois amigos e famosos itinerantes do que viram na villa de Braz Cardoso. Limitaram-se a observar:

"As cercanias de Mogy já mostram certo desenvolvimento da agricultura. Parece comtudo na actualidade bem sensivel a falta de braços causada em parte pela partida das milicias para o Sul".

Saint Hilaire, cinco annos mais tarde, foi ter á casa do capitão-mór Francisco de Mello Freire, talvez o mesmo de 1817, a elle apresentado por carta de Raphael Tobias de Aguiar.

Acerca da villa escreve:

"Mogy das Cruzes fica situada num valle largo e pantanoso, limitado de um lado por collinas e do outro pela serra do Tapeti, que não é provavelmente senão um contraforte da Mantiqueira. Esta villasinha apresenta mais ou menos a forma de um parallelogramma. As ruas são bem largas mas de casario pequeno e bem feio. No largo principal que é quadrado, contam-se diversos sobrados mas não mais bonitos do que os outros predios. A igreja parochial occupa um dos lados da praça. E' bastante grande, mas mal ornamentada. Tres outras igrejinhas que não vi, ainda são peores, disseram-me.

A' entrada da cidade, do lado do Rio de Janeiro, fica pequeno convento pertencente á Ordem do Carmo. Entrei na igreja e achei-lhe a capella-mór decorada com muito gosto. Arrajaram na igreja uma serie de grandes imagens representando Christo e varios santos, destinados a serem carregados nas procissões de Semana Santa. Taes estatuas de madeira tem tamanho natural e estão pintadas e vestidas.

Os habitantes de Mogy e redondezas são, em geral, pobres e suas terras pouco ferteis. O algodão é quasi o unico producto que exportam.

Segundo o que me informaram fazia-se outr'ora muito assucar nas vizinhanças de Taubaté, mas desde que subiu o preço do café desinteressaram-se os lavradores da canna para cuidar dos cafezaes.

Esta villa é afamada pelas esteiras e cestos que se fazem em seus arredores. As côres com que são pintadas, extrahidas de plantas indigenas, tem muita vivacidade mas descoram muito

facilmente. Nos arredores de Jacarehy planta-se muito café de bem boa qualidade.

Os fazendeiros enviam o producto de suas colheitas ao Rio de Janeiro e Santos. Não tem tropas de burros e alugam as dos tropeiros profissionaes. Nas cercanias de Taubaté e Jacarehy criam-se muitos porcos tangidos para o Rio de Janeiro, ou então matam-se estes animaes cujo toucinho vae expedido para Santos. O commercio de cavallos e burros é ainda um dos recursos da zona".

Crescera porém, e assaz largamente, a producção do café mogyano em cujo districto, em 1836 segundo relata Daniel Pedro Müller, se colheram 11.237 arrobas.

Nesta occasião havia na villa e em seus quatro districtos 10.472 habitantes dos quaes menos de dois por cento alphabetizados! 157 pessoas apenas!

Quinze sacerdotes, um cirurgião, 35 commerciantes moravam então na cabeça do termo de Mogy das Cruzes cujos districtos eram Nossa Senhora da Escada, Itaquaquecetuba e São José do Parahytinga.

Em 1854 dizia o Brigadeiro Machado de Oliveira, colhia o municipio de Mogy suas cem mil arrobas de café. Em dezoito annos quasi se lhe decuplicara a producção cafeeira!

Assim são injustas as informações de Zaluar, depois de referir que a população mogyana orçava por suas 23 a 24 mil almas.

"A sua maior cultura é a do café que nos dizem ter tido ultimamente algum desenvolvimento, e os generos alimenticios que produz chegam para seu consumo, e não sabemos mesmo se exporta para a capital alguns, visto que tanto a canna, como o algodão, e a aguardente procuram sahida naquelle mercado ou no grande centro da Côrte, para onde descem os generos de exportação em bestas muares até á cidade de Santos ou á villa de S. Sebastião".

As industrias locaes eram muito diminutas, apesar da antiguidade da povoação, aliás muito conhecida em toda a Provincia pelo seu trafego e labor, e afamada pela importante fabricação de manufacturas de lã.

Talvez que se os fazendeiros do municipio se dedicassem com maior actividade ao cultivo do algodão, para o qual, segundo parecia, eram os terrenos de excellente natureza, alcançassem resultados mais satisfactorios que na cultura do café, pois a malvacea encontrava abertos quasi todos os mercados do mundo, e estava destinada a salvar, porventura, um dia a lavoura tão decadente do paiz.

A plantação do algodão era, a seu ver, a tentativa mais efficaz de que teriam de lançar mão os lavradores do norte da provincia de São Paulo quando comprehendessem seus verdadeiros interesses e quizessem restaurar os seus municipios da decadencia que os ameaçava.

Assim previa Zaluar a depressão em que, dentro de alguns annos, cahiriam as zonas cafeeiras do norte paulista; cujas lavouras como que se arrazariam, passado mais meio seculo, salvo em uma ou outra mancha de terras.

Deixando de acompanhar o curso do Parahyba, para logo depois entrar no valle do Tietê declara o viajante.

"O Parahyba já nos não acompanhará agora, pois nos abandonou em caminho, e, descrevendo a sua grande curva, voltou de novo a passar junto de sua origem, até estender-se depois, formando caprichosas ondulações por esses rios e opulentos campos que fertilisa com suas aguas, não só por todo o norte desta provincia, como pela maior parte da do Rio de Janeiro até a sua foz em São João da Barra.

Confesso que não foi sem intimo sentimento de tristeza que vi afastar-se de minha vista como um companheiro amigo que se ausenta no meio da jornada, a rapida correnteza e as pittorescas e variadas margens do poetico rio!

Se porém deixara o Parahyba defrontava-se-lhe agora o grandioso Tietê de cujo curso dá larga descripção notando que entre Mogy e São Paulo as paragens ribeirinhas do caudal das monções tinham rica avifauna. Ainda ali occorria a bella, imponente e selvatica *palamedea* tão avessa ao contacto com os homens civilizados, a cujo nome indigena devera o caudal das Entradas e Monções o nome do rio das Anhumas.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

CAPITULO CXX

Viagem de Gardner á Matta mineira em 1840. — Visita a fazendas de Mar d' Hespanha — Em casa do Barão de Ayuruoca e seu irmão Francisco Leite Ribeiro. — Florestas estupendas derrubadas para dar lugar a cafesaes.

Vindo do Rio de Janeiro a Sapucaia em 1836, atravessou Gardner, o grande botanico inglez, o Parahyba em direcção á fazenda do futuro Barão de Ayuruoca, em Mar de Hespanha. Assim descreve esta jornada:

"Sapucaia é um villarejo, constituido por poucas casas, de muito recente construcção. Deve a origem á proximidade da nova ponte, então em construcção atravez do rio em proseguimento á nova estrada do coronel Leite (Custodio Ferreira Leite) na provincia de Minas Geraes. Aqui encontramos uma canôa capaz de transportar dois passageiros sómente. Disseram-nos que raramente apparecem aqui cavalleiros, nesta estação, devido á enchente do rio e á rapidez da corrente que torna perigoso fazer-se com que os cavallos nadem de uma margem a outra.

Assim pois aconselharam-nos a andar mais outra legua e meia, rio acima, até um lugar chamado Porto d'Anta. Em Sapucaia demos milho aos cavallos mas para nós mesmos nada encontrámos a não ser algumas bananas e um pouco de farinha de mandioca, no que constituiu o nosso jantar. No tronco das arvores da floresta encontrei muitas orchideas lindas, uma das mais bellas e das mais abundantes era a *Cattleya labiata*.

O terreno entre Sapucaia e Porto d'Anta, que alcançamos antes do escurecer apresenta alguma semelhança com o que eu observava rio abaixo mas não é tão florestado. Neste lugar afinal poudemos atravessar o rio, havendo ahi um serviço regular de balsas para cavallos, consistindo em tres grandes canôas ajoujadas e com uma plataforma assoalhada.

O rio aqui tem, approximadamente, a largura do Clyde, em Erskine Ferry mas a correnteza é muito mais rapida do que lá. A Barca, como chamam á balsa, era movida a remos mas por

causa da correnteza o balseiro teve que primeiro subir um trecho consideravel do rio para depois cortar-lhe a corrente. Na margem oposta encontramos uma venda muito boa onde passámos a noite e onde em pouco tempo obtivemos excellente ceia e camas toleraveis.

Na manhã seguinte e, depois do almoço, fomos á fazenda chamada Barra do Louriçal, pertencente ao Coronel Custodio Leite (Barão de Ayuruoca) a quem já alludimos como superintendente da nova estrada, e a quem frequentemente encontrara outr'ora em casa de Mr. March, na minha ultima estadia lá. Fica esta fazenda distante legua e meia de Porto d'Anta e tivemos outra vez que descer a margem do rio, por uma legua, em estrada muito romantica, atravez de linda floresta abundante em assumptos interessantes tanto para o botanico como para o zoologo; observámos numerosos macacos passando por entre os galhos das arvores, sobre nossas cabeças, particularmente *Mycetes* cujas femeas carregam ás costas os filhotes. Ahi virámos para o norte e alcançamos a Fazenda pela madrugada.

Não encontramos o Coronel em casa, mas um de seus filhos recebeu-nos muito amavelmente. E' optima a fazenda produzindo annualmente umas 10.000 arrobas de café.

No dia seguinte partimos a visitar o Capitão Francisco Leite (Francisco Leite Ribeiro) irmão do Coronel, cuja propriedade fica a legua e meia ao norte. Tivemos a fortuna de encontral-o em casa, mostrando-nos tudo o que valia a pena ser visto em sua fazenda. E' um homem alto e magro, e apesar de consideravelmente adiantado em annos, vivo e activo. Informou-me que nascera em lugar de mineração (São João d'El Rey) e começara a vida como lavador de ouro. Conseguindo ajuntar algum dinheiro deixara a profissão e comprara a fazenda havia uns vinte annos antes de nossa visita em tempo em que a região se achava inteiramente coberta de matta.

E' agora um dos mais, se não o mais, abastado dos proprietarios do districto; o cultivo do café enriqueceu aliás muitos habitantes deste lugar fertil.

Sua fazenda produz perto de 11.000 arrobas de café e tambem consideravel quantidade de queijos, assucar e rhum, remettidos sobretudo para o mercado do Rio de Janeiro. Mostrou-se desejoso de que em sua casa passassemos a noite, mas fomos obrigados a recusar sua hospitalidade, tendo promettido voltar á casa do Coronel com a intenção de proseguir nossa jornada na madrugada seguinte.

Na manhã de 31 deixamos a fazenda do Coronel Leite e á tarde alcançamos Porto do Cunha, distante de seis leguas rio abaixo. Tivemos que viajar seis leguas a mais por termos

errado o caminho. Alguns lugares por onde passámos eram muito romanticos, particularmente á margem do rio quando os trechos são rochosos e sobretudo de matta. A floresta ali é a mais estupenda que imaginar se pode. Passámos por diversas casas, pertencentes em geral a gente de côr, e sómente no fim do dia vimos uma ou duas grandes lavouras de café.

Pelas tres da tarde, quando passavamos atravez de uma região de matta muito densa chegámos a um lugar de tres ou quatro eiras que parecia recentemente derrubado. Ahi avistámos uma casinha de pau a pique coberto de folhas de palmeira, construida no centro do terreno. Chegando a tal casa, vimos que pertencia a uma familia de indios constituida pelo pae, mãe e quatro filhos. Estavam justamente colhendo milho do qual logo obtivemos ração para nossos cavallos mas não conseguimos arranjar nada comivel para nós mesmos.

Já estava escuro quando alcançámos o Porto do Cunha, onde não encontrámos accomodações. Procurámos primeiro uma venda um pouco adiante, rio abaixo, mas ahi chegando encontrámos uma casa nova inacabada ainda não habitavel, que não offerecia pousada para homens e animaes. Deste lugar fomos a um villarejo, distante de meia legua, ainda, rio abaixo, chamado São José; mas informaram-nos que no meio do caminho passariamos por um sitio, de uma viuva já idosa que, ás vezes, hospedava viajantes.

Ahi pedimos pousada e fomos recebidos por uma noite. A casa tinha em verdade apparencia muito miseravel mas nos sentiamos contentes por encontrar um quarto qualquer.

A velha senhora estava deveras desconfiada comnosco por termos chegado tão tarde, por olhar para o terreiro e perguntou-nos porque não foramos ás differentes casas que mencionava; mas ao replicarmos que eramos estrangeiros e não conheciamos esses lugares disse-nos que nos apeassemos.

Immediatamente mandou dar milho aos animaes, e, logo após, veio-nos uma ceia consistindo em um pouco de carne secca frita e diversos pratos preparados com farinha de milho. Apesar de constituir parca refeição offereceu-nos e como estivessemos esfomeados, ao mesmo tempo, alegre jantar e ceia. Logo depois mostrou-nos os nossos dormitorios, um quartinho, com duas camas de campanha. Numa dellas sentava-se um negro miseravel que tambem parecia viajante. A outra, disse-nos estava ao nosso dispor e não tivemos outro remedio se não occupal-a. Estendemos um couro no chão para o creado e nesse quartinho que apenas chegaria para duas pessoas, quatro passaram a noite.

Por cumulo de desconforto o tecto estava em tão mau estado que poderiamos estudar a astronomia atravez delle; a ja-

nella não era envidraçada não tinha trinco e dava para uma pocilga cujos inquilinos acordaram-nos de madrugada.

No emtanto se as accomodações eram más o preço da hospedagem foi uma bagatella, montando sómente a um shilling e oito pences, ao todo, incluindo-se, ahi, ainda, uma chicara de café de manhã e outra ração de milho para as mulas. Dei-lhe o dobro da somma agradecendo sua bondade, com o que não ficou pouco contente. Contou-nos que outr'ora estivera em melhores circumstancias, no districto da mineração, mas perdera os bens em uma especulação infeliz de minas e tivera que emigrar com o filho, para tentar ganhar um peculio fabricando assucar e rhum, que vendia sobretudo na villa visinha.

Da casa de Dona Custodia fomos ao Arraial de São José na esperança de conseguir bom almoço mas ficamos desapontados pois nada encontramos. Voltamos então para o Porto do Cunha, onde fomos egualmente mal succedidos mas onde nos informaram que obteriamos almoço numa venda do outro lado do rio; ha uma balsa neste lugar. Pertence ao governo provincial de Minas Geraes, e o sargento aqui estacionado, cobra a taxa da passagem assim como os direitos de exportação provincial. Como era nossa intenção reatravessar o rio neste lugar não perdemos tempo em fazel-o a condução sendo exactamente a mesma que em Porto d'Anta. Qual não foi nossa surpresa quando, chegando á Venda, disseram-nos que nada nos poderiam dar, mas o rapaz que tomava conta do negocio e que era o mais abominavel incivil disse-nos por fim que tinha alguns peixes salgados e biscoutos que poderiamos comprar, mas que não cosinharia o peixe para nós, o que nos obrigou a fazel-o nós mesmos num fogo que nosso empregado accendeu do lado de fóra.

Deixando Porto do Cunha dirigimo-nos para este, sendo nossa intenção visitar uma cidadesinha chamada Cantagallo, que era ao mesmo tempo famosa pela lavagem do ouro.

Logo depois de partirmos passámos por grande fazenda de café, pertencente ao celebre deputado brasileiro Carneiro Leão. Cerca de uma legua mais adiante chegamos ao Rio Paquequer Grande, em cuja margem meridional perlustrámos extenso caminho atravez de bellas florestas. Ao anoitecer, emquanto continuavamos, sem saber onde encontrariamos pouso para a noite, avistámos um moço que estivera caçando, e que nos informou haver pouco mais adeante uma fazenda, cujo proprietario sem duvida alguma nos receberia bem, para ali passarmos a noite.

Soubemos, tambem por elle, que não estavamos no caminho certo para Cantagallo, ainda que tivessemos de tomal-o por um peior, e mais tortuoso. Chegando á fazenda mostraram-nos logo

um apartamento bem mobiliado e, immediatamente após, veio o dono apresentar-nos as boas vindas.

Sabendo que vinhamos da fazenda de Mr. March, chegou-se apertou-me a mão e então nelle reconheci o dr. Saporiti que perto de um mez atraz passara uma noite em casa de Mr. March, em seu caminho para a cidade; disse-nos estar muito alegre por ver-nos. Mandou buscar café e annunciou-nos que logo teriamos a ceia.

No intervallo apresentou-nos sua senhora, cujas maneiras nos pareceram mais apuradas do que as da maioria das mulheres dos fazendeiros . Isso se devia certamente ao facto de ter morado, por muitos annos, no Rio de Janeiro. O moço que nos conduzira á sua casa, descobrimos que era seu filho de um primeiro casamento. O dr. Saporiti é italiano de nascimento mas ha mais de vinte annos reside no Brasil.

Pelas dez horas estavamos sentados em face de excellente ceia, e a noite passou-se do modo mais agradavel com a encantadora palestra de nosso hospedeiro e hospedeira, principalmente a ultima que nos divertiu contando episodios da vida rustica da longinqua provincia de Matto Grosso de onde é natural.

Na manhã seguinte, foi o almoço servido cedo por nossa causa pois queriamos partir logo. Devido ao mau estado do caminho só attingimos Cantagallo ás seis da tarde, se bem que a distancia a vencer fosse apenas de quatro leguas! a região ainda está profundamente florestada e é em geral plana. Na descida de um morro alto, passamos por uma lavoura de café abandonada em consequencia do frio rigoroso que não deixava as cerejas amadurecerem. Entre este logar e Cantagallo vimos extensos cafezaes em terreno e clima excellentemente adaptados ao crescimento dos cafeeiros.

A' cidade de Cantagallo cercam, de todos os lados, morros mais altos que baixos; consiste principalmente n'uma rua comprida num grande largo onde quasi já ha duas faces construidas; as casas na maioria são de boa construcção e todas asseiadas e limpas. Antigamente havia muitos mineradores nas vizinhanças mas agora poucos apenas occupam-se em bateiar. O maior artigo de producção local é o café cujas lavouras occupam enormes areas. As safras transportam-nas as tropas de mulas ao mar. Ahi são embarcadas para o Rio. Tomámos quarto na hospedaria mantida por um francez, de enorme estatura, e avançado em annos que nos contou ter pertencido, na mocidade, á guarda pessoal de Napoleão. Na segunda manhã depois de nossa chegada, proseguimos a viagem e ás nove horas alcançámos a colonia suissa de Nova Friburgo, distante suas nove leguas.

Na primeira parte da jornada atravessamos uma região plana e bem cultivada, mas depois o caminho tornou-se muito accidentado, principalmente nas duas ultimas leguas, atravez de uma natureza romantica e selvatica. Era tarde quando alcançámos o fim de nossa caminhada, e brilhante luar permettiu-nos admirar algumas das bellezas da paisagem.

A cidade de Nova Friburgo, tambem chamada Morro Queimado, constitue uma especie de quadrado; quasi todas suas casas tem um andar apenas. E' principalmente habitada por suissos emigrados para o Brasil ha muitos annos; diversas familias brasileiras tambem ahi residem.

Perto de uma milha a oeste ha uma villinha em que parte dos colonos protestantes vivem. A maioria dos colonos no emtanto está espalhada na região num raio de diversas milhas. São em geral muito pobres, tendo sido localisados pelo governo brasileiro em uma das peiores zonas agricolas, em altitude superior a tres mil pés, terra ruim e clima improprio ao café e á canna.

Suas principaes producções vem a ser o milho e algumas hortaliças europeias.

Fabricam tambem um pouco de manteiga. O clima muito agradavel durante o verão faz com que muitas familias estrangeiras e brasileiras alli venham ter, fugindo aos grandes calores do Rio de Janeiro".

Referindo outras impressões de visita a lavouras de café locaes, ainda refere Gardner:

"Occasionalmente, visitei uma fazenda de café chamada Constancia (sic) a uma quinze milhas de distancia da do snr. March (em Theresopolis) pertencentes ao snr. De Luce, suisso ha muitos annos estabelecido no paiz. Fica situada num valle plano cercado de morros inclinados e é um dos logares mais bonitos que até hoje vi. Nas vizinhanças ha duas outras fazendas, tambem de café, pertencentes a allemães, mas todos me asseguraram que o solo alli tem altitude excessiva para o bom exito do cultivo do café.

O snr. De Luce, ao cabo de algum tempo, vendeu sua propriedade ao snr. March e comprou uma maior em boa região cafeeira nas margens do Rio Parahyba. Na latitude do Rio de Janeiro, o café não compensa quando plantado em altitude superior a dous mil pés.

Na fazenda do snr. March a arvore cresce bem mas o fructo nunca amadurece direito.

Vindo do Rio de Janeiro e passando pela Parahyba do Sul, entrou o conde de Castelmar em territorio de Minas Geraes pondo-se a acompanhar as margens do Parahyba .

Estava o rio em grande vazante e é singular que os magnificos aspectos daquellas cachoeiras, tão admiradas pelos viajantes da Central do Brasil no trecho de Affonso Arinos a Mathias Barbosa, não hajam merecido do nosso naturalista a mais leve menção.

Em todo o caso consagrou o geologo algumas linhas á imponente pedreira de gneiss granitico do Parahybuna com os seus 150 metros de altura e um panno de muralha vertical de seus cento e tantos metros.

Não se deveria aquelia curiosa formação a uma corrente geologica que tivesse tido o mesmo leito, que o actual Parahybuna mas com muito maior força e largura?

Queimada pelos revolucionarios de 1842, estava a ponte de Parahybuna. Della restavam apenas os pilares. Mas já os poderes publicos a reedificaram.

Irritou-se Castelnau com a cobrança do imposto de barreira, 6 francos apenas, aliás para a sua comitiva de cinco animaes. "E' por meio de obstaculos desta ordem, comenta acremente, que se obsta a circulação num paiz novo, onde todos os esforços do governo deviam tender em incremental-a".

Fôra com certa commoção que, chegando ás margens do Parahybuna, relata Castelnau, ter avistado terras de Minas Geraes.

"Esta circumstancia, declara, faz-nos contemplar com infinito prazer este rio, largo como o Sena, em Paris".

Assim pisava o solo daquella provincia "celebre em todo o Universo pela riqueza das jazidas mineraes". Infelizmente, annotava logo depois, empolgados inteiramente pela pesquiza das minas, deixaram os seus habitantes em deploravel esquecimento a cultura das terras".

Trazia o nosso naturalista cartas de recommendação para rico fazendeiro da zona, cuja casa, a meia legua da estrada real, distava uma tres leguas do Parahybuna.

Deixando as ribanceiras do torrentoso rio "preto e pouco piscoso", do Abanheen, fazia a estrada muitas voltas e ás vezes dominava o caudal. Bellas cores tinham aquellas terras, graças ao granito de que se originava a principio, vermelha, e depois com laivos esverdeados.

Subia o caminho, serpenteando até o rancho de *Rossinha do Negro* (sic). Parecia uma estrada real enropéia. Quão diversa das quasi veredas por onde até então passara a caravana scientifica franceza!

A fazenda que procurava attingir era a da Soledade, estabelecimento de bemfeitorias muito consideraveis e lindas lavouras de café, canna e milho.

Bella paizagem dominava a sua casa grande, em face do Parahybuna e um amphitheatro de collinas *meias laranjas*. Ouviram os viajantes o canto cadenciado de longas filas de escravos, então occupados em amanhar o solo para futuros algodoaes.

Mostrou-se Castelnau muito aborrecido ao saber que o fazendeiro sahira de manhã a caçar com diversos amigos.

Era elle o Commendador de Christo, Antonio da Silva Pinto, a quem por decreto de 16 de Maio de 1861 conferiria D. Pedro II o titulo de Barão de Bertioga, titulo aliás mal posto, porque deveria mais naturalmente ser Ibertioga, o do cerro mineiro vizinho de Barbacena, e não o da barra paulista da Ilha de Santo Amaro.

A exploração daquella fazenda enriqueceria naturalmente ao Commendador Silva Pinto, que nos seus ultimos annos de vida residiu em Juiz de Fóra, como grande capitalista que era ao lado de uma meia duzia de financeiros abastados como o Commendador Joaquim Vidal Leite Ribeiro, futuro Barão de Itamarandiba, do Commendador Antonio Dias Tostes e mais alguns.

Varias horas passou o nosso geologo monotonamente á espera da volta do fazendeiro, o que o reconfortava e aos seus era a perspectiva do opiparo jantar que os esperava e cujos preparativos percebiam perfeitamente.

Chegada a hora deste repasto, ouviu-se grande barulho grande estrepido de muitos cavallos. Appareceu logo depois o fazendeiro escoltado de numerosos cavalleiros e seguido de negros que traziam, dependurados de varas, varios cattetos alentados, abatidos naquella manhã.

Bello velho o Sr. Silva Pinto! De nobres traços e physionomia franca. Aos hospedes estrangeiros tratou com a mais cordial hospitalidade.

Optimo, esplendido, foi o banquete que lhes proporcionou. E a dormida em excellentes leitos completou a mostra fidalga da acolhida do mineiro.

Enfarruscara-se o tempo no dia seguinte. Ao tomar o café, que lhe levaram á cama, soube Castelnau que chovia torrencialmente.

Lá pelo meio dia melhoraram bastante as condições atmosphericas e Castelnau fez ensilhar os cavallos. Mas Silva Pinto convenceu-o de que não valia a pena continuar a jornada naquellas condições. E tão amavel foi que o naturalista, de bom grado, adiou a partida.

Assim passou um dia muito agradavel em companhia do fazendeiro. Possuia este duzentos escravos dos quaes sessenta casados. Cada casal tinha domicilio á parte, morava o resto em grande senzala dividida em quartos, cada qual para seis individuos. As mulheres solteiras permaneciam em casa do Senhor.

Não permittia o fazendeiro a mancebia, obrigando os servos ao casamento, assim como ao baptismo dos filhos.

As culturas de Soledade eram: café, canna, milho, arroz, algodão, anil (aliás selvagem), além de pequeno ensaio com chá "mais por curiosidade do que como objecto de commercio".

Com o algodão fabricava saccos para a exportação de seu café e o vestuario dos escravos. A roupa dos pretos era tinta com anil sangue de *drago, balanca* e *curibe* (sic). Pagava-se a arroba de café a quatro mil reis na fazenda, preço elevado, se levarmos em conta a capacidade acquisitiva da moeda na época. Com o maior interesse assistiu Castelnau ás diversas phases de beneficio do café. O machinario de Silva Pinto consistia em "immensos pilões" movidos por força hydraulica e descascadores movimentados por tracção animal. Provavelmente do typo daquellas enormes rodas de madeira chamadas outrora *carretão* no oeste paulista, *ribas* e *ripes* no norte de S. Paulo e na Provincia do Rio.

Todos os escravos trabalhavam na fazenda, mulheres e crianças empregavam-se na colheita ou serviam nos ferreiros. Os moleques occupavam-se da operação final da catação e ventilação. Esplendidas as terras da Soledade cujos arrozaes e milharaes rendiam immenso. Cento e cincoenta por um era o computo para o milho.

A dez de Novembro partiam Castelnau e seus companheiros saudosos dos momentos agradabilissimos passados em casa do bom Silva Pinto.

Cinco leguas e meia venceram atravez de uma região encantadora embellezada pela presença do Parahybuna. Foram dormir no arraial de Juiz de Fóra.

A bella e grande cidade mineira de hoje quão distante se acha do pobre villarejo que então viu Castelnau.

Que miseravel hospedaria ali encontrou. Nem colchões tinha! Viram-se os viajantes forçados a dormir sobre taboas!

No dia seguinte novo e grande dissabor: um almoço detestavel. Que saudades dos brodios da Soledade, daquellas bodas de Camacho offerecidas pelo excellente Antonio José da Silva Pinto, futuro Barão de Bertioga.

Que triste contraste o daquelles piteus da estalagem de Juiz de Fóra "com a mesa sumptuosa dos hospitaleiros fazendeiros".

De Juiz de Fóra seguiu Castelnau para Chapéu d'Uvas, onde chegou muito irritado porque um informante occasional em certa altura lhe dissera ter de vencer meia legua quando na realidade precisara percorrer duas leguas e meia!

Pilheria de pessimo gosto esta, que elle apontava nas paginas do relato de viagem, para "lembrar a sua similitude com

as brincadeiras do mesmo jaez, muito frequentes na Europa e sobretudo em Paris.

Descrevendo impressões recebidas em sua viagem a Minas Geraes, em 1855, assim se refere James Fletcher ao que viu nas vizinhanças de Juiz de Fóra, em materia de lavoura de café, visintando a grande fazenda da Sociedade, ainda do mesmo Commendador Antonio José da Silva Pinto, dentro em breve (em 1861) barão de Bertioga.

"Doze milhas além do Parahybuna (afluente do Parahyba) deixámos a estrada geral e depois de atravessar uma faixa de floresta cerrada, vimos deante de nós a grande casa da fazenda da Soledade (sic), pertencente ao senhor Commendador Silva Pinto. O caminho que levava á casa corria entre dois renques de palmeiras, que tinham em redor dos largos fustes bonitas bignonias (da *venusta*) entrelaçadas e esgalhando-se depois como trepadeiras sobre a copa das palmeiras a formarem maravilhoso conjuncto de flores e folhagem. A casa em forma de quadrilatero com pateo interno occupava uma área correspondente a um acre (cerca de 4.200 metros quadrados).

Dois lados do quadrado constituiam a residencia do Commendador e sua familia, emquanto ao resto tomavam o engenho de assucar e as senzalas. Entrámos no pateo por um portão alto e vimos, então, pela primeira vez, o veneravel fazendeiro sentado a ler, na varanda do segundo andar. Apenas nos viu, deixou o livro, desceu para o pateo e, com grande affabilidade, fez-nos calorosa acolhida.

Deviamos nós, americanos, sem duvida, esta recepção hospitaleira a um de nossos companheiros, o dr. Antonio Ildefonso Gomes, de quem qualquer homem instruido que visita o Imperio ficará encantado ao lhe verificar a intelligencia, as eminentes aptidões e conhecimentos de naturalista, além de integridade de caracter.

Correram os creados, quasi sem fazer barulho, obedientes ás ordens do commendador deram-nos quartos, café quente, banhos quentes, etc., etc. Depois disto, tanto elles como seu senhor, praticaram aquillo que mais grato é ao viajante cançado: deixaram-nos sós.

Quando acabei minhas abluções e recobrei-me da fadiga, fui para a varanda onde o commendador ficara lendo. Tomei-lhe o livro e com grande espanto vi que era a *Historia Universal do Senhor Pedro Parley* (*Peter Parley's Universal History!*)"

Jamais pensaria Fletcher encontrar semelhante volume em traducção portugueza no Brasil, naquelle distante ponto do interior; livro celebre pelo muito que encantava a juventude dos *English speaking people*. Notou, porém, que o traductor do famoso livro anglo-saxonico, algum padre provavelmente, agira

como os *tradittori* do proverbio italiano, affirmando que Pedro Parley, o puritano era "bom catholico romano".

"As capacidades agricolas da provincia de Minas Geraes são grandes, continua o pastor propagandista da Biblia. Produz café, assucar, fumo e algodão. E já dispõe de uma manufactura grosseira de pannos de algodão. O solo produz cereaes em profusão e pode dar trigo.

"Nas suas campinas, ou planicies, grande quantidade de gado bovino e alguns rebanhos de ovelhas pastam. O leite das vaccas é convertido numa especie de queijo macio, conhecido pelo nome de queijo de Minas. Immensa quantidade deste producto é enviada ao Rio de Janeiro e ahi espalhada pela costa, sendo, como genero alimenticio, muito apreciado".

"A grande producção, entretanto, de Minas Geraes e de todo o Imperio do Brasil é o café. Que bella historia a escrever-se a da disseminação, adaptação e consumo desse membro da familia das Rubiaceas!", augurava James Fletcher, a annunciar a mais indiscutivel das proposições.

O cafeeiro não é, como geralmente se suppõe, originario da Arabia; seu berço natal vem a ser a Abyssinia e particularmente o districto chamado Kaffa, de onde procede o nome da bebida feita com a sua cereja.

Já é tão grande a riqueza da producção agricola do Imperio que a renda annual, sómente do café, ultrapassa os resultados de oitenta annos de producção das minas de diamantes.

De 1740 a 1822 (anno da Independencia), no periodo mais prospero da mineração diamantina, o numero de pedras obtidas foi de duzentas e trinta e duas mil, cujo valor não attinguiu a tres milhões e meio de libras esterlinas.

A exportação de café do Rio de Janeiro, só durante o anno de 1851, subiu a £ 4.756, 794!

Do terraço divisei um scenario de cultura. Ao alcance da mão estavam cento e cincoenta colmeias de abelhas; morros lindamente arredondados cobertos de tufos de gramineas, campos de algodão e canna nos valles, emquanto o milho e a mandioca, em larga escala, ficavam ao longe á nossa direita. O laranjal era o maior que eu até então vira. Computavam-no em dez mil pés de differentes qualidades. O limão doce alli era tão apreciado que delle havia cinco mil pés. O limão doce parece encerrar tão grande contradição quanto dizer-se honesto ladrão; mas é uma realidade.

O dr. Idelfonso Gomes, informou-me que este fructo, exactamente tão acido originariamente, quanto o seu congenere vulgar, era amargo, mas pela degenerescença e por intermedio da enxertia produzira esta nova especie. O gosto não é tão rico quanto o de uma laranja, mas como dessedenta muito, os brasi-

leiros do Rio delle fazem enorme consumo. Perto de S. Romão, nas vizinhanças de S. Francisco, o limoeiro tornou-se natural e o gado pastando no matto, tanto aprecia o fructo derrubado, que a carne dos animaes abatidos exhala fortemente seu cheiro.

De todos os generos acima mencionados, nenhum se destina á exportação; serve o algodão para o vestuario dos escravos, de que, outrora, chegou o Commendador a possuir setecentos. Empregam-se no cultivo do café (pois este districto pertence á grande região cafeeira), genero unico de cujas colheitas o proprietario visa lucros. Este senhor possue outras fazendas, mas a de Soledade tem uma area de sessenta e quatro milhas quadradas.

O jantar foi-nos servido numa grande sala. O commendador sentou-se á cabeceira da mesa, tendo os diversos membros da familia em seu redor; os feitores e mais aggregados tomaram lugar na ponta de baixo. Vive o fazendeiro segundo o verdadeiro modo feudal e aquelle ambiente recordou-me a descripção de Kohl sobre a vida dos castellos entre os nobres da Curlandia e da Livonia.

Uma conversa agradavel reinou durante todo o jantar. Ao acabar, tres creados appareceram, um carregando uma bacia de prata massiça, de um pé e meio de diametro, o outro um alguidar com agua quente, emquanto o terceiro trazia toalhas. Os hospedes recem-chegados foram assim servidos, em vez de usarem dos nossos "finger-bassins", raramente vistos fóra da capital brasileira.

O commendador tinha capella dentro de casa, onde todas as manhãs amavel padre portuguez (que entendia mais de musica do que do Evangelho) celebrava a missa. O padre fez-me muitas perguntas sobre a doutrina peculiar aos Protestantes e surprehendeu-me ver quanto desconhecia a Biblia. Presenteei-o com um Novo Testamento e antes de partir tivemos muitas conversas serias sobre a piedade vital, e a solemne responsabilidade que pesava sobre elle, instructor da verdade de Jesus Christo.

Com a approvação do commendador (dada de coração), decidiu-se que praticas sobre os Evangelhos seriam dahi por deante feitas durante as missas dos domingos.

No interior das fazendas ha o lindo costume de, á tarde, fazer-se rapida oração, desejando-se boa noite; não que se retirem os circumstantes. "Boa noite" é uma forma de bençam.

Estavamos todos sentados no terraço, emquanto os ultimos raios de sol douravam os morros e a floresta distante. O sino da capella tocou a bençam. A palestra parou. Ficámos todos de pé. O ruido do engenho de assucar cessou; os gritos das creanças desappareceram; os escravos que atravessavam o pateo estacaram e descobriram-se. Todos, devotamente, juntaram as mãos e resaram a prece vesperal em honra á Virgem. A elles me juntei

na devoção ao bemdito Salvador, nosso unico Mediador. E quando os outros deram-me a bençam em nome de Nossa Senhora, respondi-lhes com a bençam em nome de Nosso Senhor Jesus Christo.

Ouviu-se outra vez o barulho de alegres vozes no pateo; o dia de trabalho acabara; logo depois cahia a noite com sua escuridão e o silencio e o repouso reinaram na Soledade.

Outra praxe que observei em varias partes do Brasil, embora sem maior significação, constitue um habito ao mesmo tempo christão e elevado. Duvido, no emtanto, que um individuo entre mil dos que o praticam, lhe attribua significação mais profunda do que um mero "bom dia". No fim do dia os escravos entram na sala onde se encontra o fazendeiro e com as mãos postas dirigem-se ao senhor em piedosa saudação, cuja forma é: "Nosso Senhor Jesus Christo sempre o abençoe". Mas ás vezes esta prece e bençam ficam reduzidas ás ultimas palavras de cada phrase pronunciadas numa rapidez, como que commercial: "Jesus Christo" — "sempre".

Durante a conversa o commendador contou-nos que agora dispunha de banda de musica propria. De tal falou modestamente. Mostrámos desejo de conhecer sua orchestra, certos de que ouviriamos alguma rabeca mal afinada, algum pifano e tambor. O commendador disse-nos que á tarde seriamos satisfeitos. Uma hora após a bençam, ouvi o vibrar do violino, o som das flautas, toques de diversas cornetas, a vibração dos tambores e todos os symptomas preparatorios do começo de alguma marcha, valsa ou polka.

Dirigi-me ao quarto de onde vinha o som; ahi encontrei quinze escravos musicos: uma banda regular, sentou-se um delles a um harmonium e um coro de pretos mais moços tomou posição por traz de estantes decentes, onde se viam folhas de musica manuscriptas e impressas.

Vi tambem um respeitavel senhor de cor (que já se sentara ao meu lado) dando diversas ordens. Era o maestro. Tres pancadas do arco de seu violino determinaram o silencio e então surdiu uma onda sonora — *à la Julien* — e a orchestra começou a execução de uma protophonia de opera com admiravel pericia e precisão. De todo não me achava preparado para isto. Mas a outra peça encheu-me de surpreza: o coro, acompanhado pelos instrumentos, executou uma missa latina. Cantavam por musica aquelles pretinhos de doze a sezessis annos, liam as palavras tão correntemente quanto os estudantes calouros. Mal podia eu acreditar no que via e ouvia. Para experimentar a virtuosidade da banda, pedi ao maestro que tocasse o *Stabat Mater*. Instantanea mente respondeu-me Sim Senhor e mostrou a pagina aos musicos

meneou a batuta e logo a plangente e tocante melodia do *Stabat Mater* resoou pelos corredores da Soledade.

Durante o jantar tivemos o regalo da audição de valsas e marchas barulhentas — entre as ultimas a "Grande Marcha de Lafayette", composta nos Estados Unidos. O maestro declarou-me sentir não poder tocar os nossos tres hymnos nacionaes; mas prometti-lhe que pela primeira opportunidade offerecida, teria o prazer de augmentar sua bibliotheca musical, enviando-lhe "Yankee-Doodle", o "Hail Columbia" e a "Star-spangled Bauner".

Certa madrugada um creado acordou-me ás tres horas, informando-me de que a orchestra ia tocar o "Brasileiro" em honra dos hospedes do snr. Commendador; dentro em poucos minutos a banda, com o reforço de tambores, grandes e pequenos, e cymbalos, começou os primeiros compassos de hymno nacional do Brasil a que logo se seguiu a "Grande Marcha de Lafayette".

Antes de deixarmos a Soledade, o hospitaleiro proprietario forneceu-nos cavallos e partimos a percorrer a enorme fazenda. Alguns de nós levavam espingardas, esperando encontrar caça durante o passeio. Percorremos os morros que serviam de pastagem litteralmente sapicados pelos cones desmoronados dos termitas ou formigas brancas".

Dando a mais erronea versão aos primordios da cultura cafeeira no Brasil e estropiando o nome de Frei Velloso, escreve Fletcher:

"A honra de ter sido o primeiro a plantar cafeeiros no Brasil cabe ao franciscano Frei Villaso (sic), que, em 1754 (sic) o fez no jardim do convento de Santo Antonio no Rio de Janeiro. Mas, no emtanto, só depois da insurreição haitiense é que o café se tornou objecto de grande cultivo e commercio no Brasil. Em 1809 fez-se a primeira remessa para os Estados Unidos e e todo café produzido no Imperio (sic!) durante o anno apenas se elevou a 30.000 saccas, emquanto no anno financeiro de 1855 se exportaram 3.256.089 de saccas que ao paiz valeram quasi vinte e cinco milhões de dollares.

Os Estados Unidos, no anno financeiro encerrado a 30 de junho de 1856 importou de todos os paizes productores de café 235.241.362 libras de café e 180.243.070 (quasi tres quartos da producção mundial) do Brasil. O paiz seguinte na lista é a Venezuela que lhe mandou 16.546.166 de libras e o terceiro, o Haiti, de onde se importaram perto de 13.500.000 de libras. A somma total paga pelos Estados Unidos relativa ao café corresponde a $ 21.514.196, da qual o Brasil recebe nada menos de $ 16.091.714.

A maior região cafeeira do Brasil localisa-se no valle do Rio Parahyba e na provincia de S. Paulo.

Mas de anno para anno mais intensamente se torna cultivado e ha grande quantidade que agora cresce em provincias

mais afastadas ao nordeste. Pode ser plantado, enterrando-se as cerejas ou sementes (que são germinadas) ou por meio de mudas. As arvores são collocadas a distancia de seis ou oito pés de distancia uma das outras e as tiradas dos viveiros com os jacás e terra em redor da raiz podem fructificar dentro de dois annos. As arrancadas da terra só produzem passados tres annos e a maioria dos arbustos morre.

Na provincia de S. Paulo e nas regiões mais ricas de Minas Geraes, cada mil pés produzem de 2560 a 3200 libras (de 80 a 100 arrobas), em quanto no Rio de Janeiro dão de 1600 a 2560 (de 50 a 80 arrobas). Em alguns lugares de S. Paulo mil pés já produziram 6400 libras (200 arrobas), mas este facto é considerado extraordinario.

Na provincia do Rio de Janeiro as arvores são derrubadas aos quinze annos. Ha alguns cafeeiros na fazenda do Senador Vergueiro que já contam vinte e quatro annos e ainda produzem bastante. Em geral não se permitte que os cafeeiros excedam uma altura superior a doze pés. Quando a cereja está madura corresponde em tamanho e cor á cereja e parece um arando (*cran-berry*). Um escravo della pode diariamente colher trinta e duas libras (uma arroba). Ha tres colheitas durante o anno, e as cerejas, depois de espalhadas em terreiros, são levadas, quando seccas, e despolpadas por machinas para serem enviadas aos mercados. Nada mais bello do que um cafesal em flor.

As flores cor de neve todas abrem-se simultaneamente e as lavouras enormes parecem que á noite deixam as vestes de verdura para as substituir pelo manto branco mais delicado, que exhala um perfume digno do Eden. Mas tal belleza é realmente ephemera, pois tudo isto se desvanece em vinte e quatro horas.

E' em jornadas trabalhosas, ao lombo de mulas, que as saccas de café de Minas Geraes geralmente alcançam o mercado, e nada entrava mais a prosperidade geral da provincia do que a falta de boas estradas e correspondente transito facil para os mercados. Nestes ultimos annos gastou a provincia sommas consideraveis na construcção de estradas, mas até agora não pode expedir, em vehiculo de rodas, um só producto ao littoral.

A viagem de Ouro Preto ao Rio de Janeiro, vencendo-se distancia de perto de duas centenas de milhas, é feita em dorso de bestas e cavallos e requer geralmente quinze dias.


DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO

Indice



QUINTA PARTE

CAPITULO LXXIX

O Conde de Gestas, fazendeiro de café na Tijuca em 1820 — Memoria que escreveu sobre a agricultura da canna e do café no Rio de Janeiro em 1835 7

CAPITULO LXXX

A memoria do Padre Ferreira de Aguiar — Quem era este agronomo — Depoimentos sobre os processos da lavoura cafeeira fluminense em 1836 13

CAPITULO LXXXI

José Silvestre Rebello e seus meritos — A sua memoria sobre a cultura do cafeeiro (1839) 23

CAPITULO LXXXII

A "Arte da cultura e preparação do café" do Dr. Agostinho Rodrigues da Cunha — Conselhos ministrados por este agronomo aos lavradores de café 29

CAPITULO LXXXIII

Conselhos ministrados pelo Dr. Rodrigues da Cunha em 1844 aos fazendeiros de café 39

CAPITULO LXXXIV

O Barão do Paty do Alferes e a sua "Memoria sobre a fundação e costeio de uma fazenda na Provincia do Rio de Janeiro" — Quem era este grande landlord e notavel

fazendeiro de café — Conselhos aos lavradores — A escolha das terras cafeeiras — A destruição das florestas pelo incendio — Elevados conselhos — O emprego das diversas essencias da floresta primitiva fluminense 47

CAPITULO LXXXV

As obrigações do administrador de uma fazenda de café segundo o Barão do Paty do Alferes — Precioso quadro de costumes — As normas do trabalho — Os furtos de café — Castigo dos receptadores — Permanencia no eito — Os serões — A ferramenta dos escravos — As officinas da fazenda — A tirada de madeira 57

CAPITULO LXXXVI

Escolha da terra para os cafesaes — As carpas annuaes — A colheita — Os terreiros — As machinas de beneficiamento — O despolpamento — Methodos de beneficio — A questão da poda dos cafesaes 63

CAPITULO LXXXVII

O cultivo dos "mantimentos" nas fazendas de café — As roças de milho, feijão, arroz e mandioca — O cannavial — As tuberosas brasileiras — O emprego do arado — O estrago das terras pelas queimadas — A creação de animaes domesticos — Zootechnia antiga 73

CAPITULO LXXXVIII

Os processos do cultivo do café referidos por Ch. de Ribeyrolles, os methodos de beneficiamento do grão — Atrazo dos processos brasileiros — A destruição selvagem das mattas 81

CAPITULO LXXXIX

O Padre Antonio Caetano da Fonseca e o seu tratado de agronomia — Verberação contra os derrubadores de mattas — A irregularidade das estações — Conselhos aos cafeicultores — O plano de algodão nos cafesaes 87

CAPITULO XC

A obra de Burlamaque sobre a cultura do café em 1860 — Apresentação dos methodos modernos aos lavradores brasileiros — Sementeiras e viveiros — Capinas — Decote e seus inconvenientes — O beneficiamento do café — — Causas apparentes da inferioridade dos cafés do Brasil — Dados estatisticos optimistas 93

CAPITULO XCI

Os processos do beneficiamento do café em 1860, segundo Frederico Burlamaque — O problema da secca — Estufas primitivas 103

CAPITULO XCII

Condições de longa salubridade das lavouras brasileiras de café — Inimigos de quasi nullo poder destruidor — O caruncho do Padre Aguiar — Palavras de Burlamaque em 1860 — Os inimigos dos cafesaes conhecidos nesta data 111

CAPITULO XCIII

Apparecimento de grave praga dos cafesaes — Devastação consideravel por ella realisada — Providencias do Governo Imperial — Nomeação de uma commissão de scientistas para o estudo do flagello — Seu relatorio — Identificação provavel do lepidoptero brasileiro com a Elachista coffeela, Nob. das Antilhas 115

CAPITULO XCIV

Esperanças desvanecidas de uma minoração do mal — Os relatorios de Freire Allemão 125

CAPITULO XCV

Ainda os estragos causados pela "Elachistes coffeela" nas lavouras brasileiras — O relatorio do Vice-Presidente fluminense Commendador José Nogueira dos Santos 133

SEXTA PARTE

Regime das Fazendas
Caracteristicas Sociologicas

CAPITULO XCVI

A cartographia e o avanço da cultura cafeeira — Os primeiros mappas do seculo XIX 143

CAPITULO XCVII

Costumes asperos dos abridores das primeiras fazendas cafeeiras fluminenses — Violencia contra os posseiros — Derrama de sesmarias — Os dias penosos da fundação e dos principios das grandes fazendas — O papel das mulheres — Opulentamento rapido dos lavradores — Cessação do trafico africano — O commercio de escravos do Norte do Brasil — Processos feudaes — Grandes fazendeiros e grandes fazendas da epoca aurea do cafesismo fluminense 157

CAPITULO XCVIII

Escravos do Norte transportados para as lavouras cafeeiras do Sul — Rivalidades entre captivos — Grandes fazendas e grandes fazendeiros — Indices de opulencia e civilisação — Familias de grandes landlords 167

CAPITULO C

Braz Carneiro Leão e sua opulencia notavel — Seus filhos e genros grandes fazendeiro de café — O Marquez de Baependy — O Visconde de São Salvador de Campos — Paulo Fernandes Vianna 177

CAPITULO CI

Uma carreira de grande landlord do café — O Visconde do Rio Preto e sua notavel opulencia — A fazenda do Paraiso — Tragico final de grande festividade — Os dois grandes periodos da grandeza cafeeira fluminense, segundo Eloy de Andrade — O credito agricola — Permanencia dos fazendeiros nas fazendas — Costumes familiares dos grandes lavradores fluminenses 183

CAPITULO CII

O que eram Vassouras e suas fazendas em 1850 — O enricamento cafeeiro uniforme de familias inteiras — Aspectos desconnexos das cidades e fazendas cafeeiras — A exploração da condescendencia dos fazendeiros pelos mascates e artistas estrangeiros 195

CAPITULO CIII

Inventario de um fazendeiro de certa importancia em Vassouras em 1851 — Avaliação de lavouras cafeeiras, safras, terras, bemfeitorias, machinas, escravos, gado, moveis, ferramentas, etc. — Heterogeneidade do apparelhamento de uma casa abastada do tempo 201

CAPITULO CIV

O periodo inicial do esplendor cafeeiro fluminense — A vinda de elementos mineiros para as novas terras cafeeiras — Constituição de grandes familias, prosperas, de fazendeiros, nas provincias cafeeiras principaes — Fazendas notaveis pelo vulto de suas lavouras e sédes 215

SETIMA PARTE

Depoimentos brasileiros e estrangeiros de viajantes que visitaram fazendas e cidades cafeeiras do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes

CAPITULO CV

As lavouras cafeeiras das vizinhanças da cidade do Rio de Janeiro — O Café na Serra da Tijuca — Declinio da producção no Municipio Neutro — Sua extincção — Visita de viajantes estrangeiros a fazendas de café na decada de 1840 — O cultivo da rubiacea em 1850 no Municipio Neutro 225

CAPITULO CVI

Os pormenores escassos existentes sobre a chronologia da disseminação do café — O relato de Eschwege sobre a sua viagem ao districto de Angra dos Reis — A cultura cafeeira na região meridional fluminense e o actual Districto Federal, observada pelo illustre geologo 241

CAPITULO CVII

A viagem de Walsh em 1828 pela zona cafeeira fluminense — A subida da Serra — A fazenda do marquez de S. João Marcos — Episodio pittoresco e quadro de costumes — Passagem por Valença — Uma serie de incidentes curiosos — Aspectos valencianos — De Valença a Rio Preto — O relato curioso de viagem de James Holland na zona cafeeira fluminense de Valença 261

CAPITULO CVIII

O Conde de Suzannet e as suas jornadas no Brasil em 1843 — Um reparador sobremodo acre e aspero — Informações sobre as lavouras cafeeiras fluminenses — Um casandra falho 279

CAPITULO CIX

O Principe Adalberto da Prussia, personalidade de alto relevo cultural — Suas viagem no Brasil — Grande jornada pela região fluminense oriental — De Nictheroy a Nova Friburgo e á região cafeeira — Bomjardim e o desbravamento dessa zona — Passagem por Cantagallo 291

CAPITULO CX

Proseguimento da jornada para as margens do Parahyba — Visita a uma grande e modelar fazenda de café pertencente a francezes — O Dr. Troubat e seus socios — Ideias pouco philantropicas — Lucros notaveis da cultura cafeeira — Disciplina severa — No valle de Santa Rita — Novas fazendas de café — A propriedade do Snr. Luze — A Aldeia da Pedra — Excursão em territorio mineiro no valle do Pomba — Visita a uma aldeia pury — Jornada a S. Fidelis, Campos e São João da Barra — Regresso por Macahé, Maricá, e Nictheroy .. 301

CAPITULO CXI

As primeiras referencias estrangeiras a cafesaes do oeste paulista — Saint Hilaire em Campinas — Hercules Florence — Kidder — Ida Pfeiffer — Jomes Fletcher .. 313

CAPITULO CXII

Impressões de Bananal em 1860 — Os magnificos predios de fazendeiros ricos — Desenvolvimento enorme do municipio devido á lavoura cafeeira — Dissenções politicas perturbadoras de tal progresso 327

CAPITULO CXIII

Aspectos do Bananal — O marasmo das cidades cercadas de grandes fazendas — Indices de civilisação progressiva — Palavras de Spix e Martius e de Saint Hilaire 331

CAPITULO CXIV

São José do Barreiro, sua producção e progresso, filhos da lavoura cafeeira — Melhoria de estradas — Fazendas importantes — Zelo dos barreirenses pelo bem publico — Inercia da administração provincial — Areias, centro da propagação cafeeira no Norte de S. Paulo — Seu desenvolvimento rapido provocado pelo surto cafeeiro .. 341

CAPITULO CXV

Ainda Areias — Milagres do café — As estradas para o Mar e o interior — Fructos da iniciativa particular — Queluz, suas pessimas estradas e magnifica natureza — Silveiras — Lavouras importantes de café 351

CAPITULO CXVI

Cafesaes do extremo nordeste de S. Paulo — Os cannaviaes de Lorena — Confusão do viajante entre ciganos e caboclos — Lorena e seus progressos, em quarenta annos, desde Spix e Martius e Saint Hilaire — As lavouras do municipio — Costumes lorenenses — O problema das estradas para o Mar — Guaratniguetá — Má impressão da cidade — Grande lavoura cafeeira — Indicios de progresso 361

CAPITULO CXVII

Os grandes fazendeiros de café de Guaratinguetá em 1860 — A Apparecida e seu sanctuario — Belleza da região

— Pindamonhagaba e seu excellente aspecto — Primordios da lavoura cafeeira local — Remessa de sementes pelo Capitão General Conde de Palma, em 1817 — Grande desenvolvimento da cafeicultura — Grandes fazendas — Reflexo da riqueza cafeeira sobre o progresso da cidade 373

CAPITULO CXVIII

O caminho de Pindamonhangaba a Taubaté — Progressos desta cidade — As lavouras locaes — Os grandes fazendeiros taubateanos — Caçapava e os seus progressos devidos á lavoura cafeeira — São José dos Campos e seu atrazo 383

CAPITULO CXIX

S. José do Parahyba e seu atrazo — Jacarehy, municipio prospero e rico — Palavras de Spix e Martius e Saint Hilaire — Progressos de Jacarehy sob a influencia da lavoura cafeeira — Safras cada vez maiores — As grandes fazendas do municipio — A Aldeia da Escada — Mogy das Cruzes de 1817 a 1860 — Sua cultura cafeeira mediocre 395

CAPITULO CXX

Viagem de Gardner á Matta mineira em 1840 — Visita a fazendas de Mar d'Hespanha — Em casa do Barão de Ayuruoca e seu irmão Francisco Leite Ribeiro — Florestas estupendas derrubadas para dar lugar a cafesaes 407




DOCUMENTO
SEADE
CERTIFICADO